

OS TRÊS MOSQUETEIROS

Alejandro Dumas

InfoLivros.org



SINOPSE DE OS TRÊS MOSQUETEIROS

Os Três Mosqueteiros é um dos maiores romances do escritor francês Alexandre Dumas e se tornou um clássico universal favorito de milhões de leitores em todo o mundo. Foi publicado originalmente como um folio em 1844.

A trama começa na França (1625) quando o jovem Gascon, chamado D'Artagnan, viaja para Paris para cumprir seu objetivo de se tornar um mosqueteiro. Enquanto ele chega, é confrontado pelo Conde de Rochefort, cuja identidade ele desconhece no momento.

Uma vez na capital francesa, ele é interceptado por três mosqueteiros (Athos, Porthos e Aramis) que o desafiam para um duelo. Entretanto, a façanha se vê frustrada porque os duelos são proibidos. A partir daquele momento, todos eles se tornam amigos inseparáveis e se colocam a serviço do rei Luís XIII, mudando assim a história da França.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link

[Os Três Mosqueteiros por Alejandro Dumas em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [The Three Musketeers author Alejandro Dumas](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [Los Tres Mosqueteros autor Alejandro Dumas](#)
 - Francês InfoLivres.org: [Les Trois Mosquetaires auteur Alejandro Dumas](#)
-

Se quiser ler e descarregar mais livros de Alejandro Dumas em formato PDF, convidamo-lo a visitar esta página:

- [Alejandro Dumas books em formato PDF em InfoLivros.org](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

OS TRÊS PRESENTES DO SR. D'ARTAGNAN PAI

Na primeira segunda-feira do mês de Abril de 1625 o burgo de Meung, onde nasceu o autor do Romance da Rosa, parecia encontrar-se em estado de revolução tão completa como se os huguenotes nela tivessem vindo fazer uma segunda Rochelle. Vários burgueses, ao verem correr as mulheres para os lados da rua principal e ouvirem as crianças gritar no limiar das portas, tinham-se apressado a vestir a couraça e, apoiando a sua coragem um pouco duvidosa num mosquete ou numa partazana, dirigiram-se para a estalagem do Franc Meunier, diante da qual se comprimia, engrossando de minuto a minuto, um grupo compacto, ruidoso e cheio de curiosidade.

Naqueles tempos o pânico era frequente e passavam-se poucos dias sem que uma ou outra cidade registrasse nos seus arquivos algum acontecimento do gênero. Havia os fidalgos que guerreavam uns com os outros; havia o rei que fazia guerra ao cardeal, e havia o Espanhol que fazia guerra ao rei. Depois, além dessas guerras surdas ou públicas, secretas ou patentes, havia ainda os ladrões, os mendigos, os huguenotes, os lobos e os lacaios, que faziam guerra a toda a gente. Os burgueses armavam-se sempre contra os ladrões, contra os lobos e contra os lacaios, muitas vezes contra os fidalgos e os huguenotes e algumas vezes contra o rei, mas nunca contra o cardeal e o Espanhol. Resultou portanto desse hábito adquirido que na supracitada primeira segunda-feira do mês de Abril de 1625 os

burgueses, ouvindo barulho e não vendo nem o pendão amarelo e vermelho, nem a libré do duque de Richelieu, se precipitaram para as bandas da estalagem do Franc Meunier.

Chegando lá, todos puderam ver e identificar a causa daquele rumor.

Um jovem... - tracemos o seu retrato numa penada, imaginem D. Quixote aos dezoito anos, D. Quixote sem corselete, sem cota de malha e sem escarcelas,

D. Quixote de gibão de lã cuja cor azul se transformara num tom indefinível de borra de vinho e azul-celeste. Rosto comprido e moreno, maçãs-do-rosto salientes, sinal de astúcia, músculos maxilares enormemente desenvolvidos, indício infalível pelo qual se reconhece o Gascão, mesmo sem boina, e o nosso jovem trazia uma boina ornada com uma espécie de pluma; olhos francos e inteligentes; nariz adunco, mas finamente desenhado, muito alto para um adolescente, muito pequeno para um homem feito, e que um olhar pouco experiente tomaria por um filho de rendeiro em viagem, sem a sua longa espada que, pendente do boldrié de cabedal, batia nas barrigas das pernas do seu proprietário quando ele estava a pé e no pêlo eriçado da sua montaria quando estava a cavalo.

Porque o nosso jovem tinha uma montaria, e essa montaria era até tão notável que dava nas vistas: era um garrano do Béarn, de doze ou catorze anos, de pelagem amarela, sem crinas na cauda, mas não sem gavarros nas pernas, e que, embora

caminhasse com a cabeça mais baixa do que os joelhos, e que tornava inútil a aplicação da gamarra, percorria mesmo assim as suas oito léguas por dia. Infelizmente, as qualidades do cavalo estavam tão bem escondidas debaixo da sua pelagem estranha e do seu aspecto incongruente, que numa época em que todos entendiam de cavalos o aparecimento do sobredito garrano em Meung, onde entrara havia pouco mais ou menos um quarto de hora pela

Porta de Beaugency, produziu uma sensação cujo descrédito se refletiu no seu cavaleiro.

E essa sensação fora tanto mais penosa ao jovem D'Artagnan (assim se chamava o D. Quixote desse outro Rossinante) quanto é certo ter consciência do aspecto ridículo que lhe dava, por melhor cavaleiro que fosse, semelhante montaria, por isso suspirara profundamente ao aceitar a dádiva que lhe fizera o Sr. D'Artagnan pai. Não ignorava que semelhante animal valia pelo menos vinte libras, e também era verdade que as palavras com que o presente fora acompanhado não tinham preço.

- Meu filho - dissera o fidalgo gascão no puro dialeto do Béarn de que Henrique IV nunca conseguira libertar-se -, meu filho, este cavalo nasceu na casa do seu pai há cerca de treze anos e nela tem permanecido desde então, o que lhe deve levar a amá-lo. Nunca o venda, deixe-o morrer tranquila e respeitavelmente de velhice e se entrar em campanha com ele

trate-o como trataria um velho servidor. Na corte - continuou o Sr. D'Artagnan pai -, se tiver a honra de lá entrar, honra a que, de resto, a sua velha nobreza lhe dá direito, sustente dignamente o seu nome de gentil-homem, que foi usado nobremente pelos nossos antepassados durante mais de quinhentos anos. Por você e pelos nossos (pelos nossos entendo os nossos pais e os nossos amigos) nunca tolere nada a não ser do Sr. Cardeal e do rei. É pela sua coragem, ouça bem, apenas pela sua coragem, que um gentil-homem abre atualmente caminho na vida. Todo aquele que trema um segundo deixa talvez fugir a oportunidade que precisamente durante esse segundo a sorte lhe oferecia. Você é jovem e deve ser bravo por dois motivos: o primeiro porque é gascão e o segundo porque é meu filho. Não receei lutar e procure as aventuras. Ensinei-lhe a manejar a espada, tem jarretes de ferro e punhos de aço; bata-se por tudo e por nada; bata-se, tanto mais que os duelos estão proibidos e por consequência há duas vezes mais coragem em se bater.

Só tenho para lhe dar, meu filho, quinze escudos, o meu cavalo e os conselhos que acaba de ouvir. A sua mãe lhes dará a receita de certo bálsamo que obtive de uma cigana e que possui uma virtude miraculosa para curar qualquer ferimento que não atinja o coração. Tire proveito de tudo e viva feliz e durante muito tempo. Só tenho uma palavra a acrescentar, e é um exemplo que lhe ofereço, não o meu, porque o não tenho, nunca frequentei a corte e só participei nas guerras de religião

como voluntário, refiro-me ao Sr. de Tréville, que foi meu vizinho em outros tempos e que teve a honra de brincar em criança com o nosso rei Luís XIII, que Deus guarde! Às vezes, as suas brincadeiras degeneravam em batalha, e nessas batalhas o rei nem sempre era o mais forte. Os golpes que nelas recebeu deram-lhe muita estima e amizade pelo Sr. de Tréville. Mais tarde, o Sr. de Tréville bateu-se com outros na sua primeira viagem a Paris, cinco vezes, depois da morte do defunto rei até à maioridade do novo, sem contar as guerras e os cercos, sete vezes e desde essa maioridade até hoje, talvez cem vezes! Por isso, apesar dos editos, das ordenanças e das prisões, ei-lo capitão dos mosqueteiros, isto é, chefe de uma legião de Césares que o rei tem em alta conta e que o Sr. Cardeal teme, ele que não teme muitas coisas, como todos sabemos. Além disso, o Sr. de Tréville ganha dez mil escudos por ano, é portanto um grandíssimo senhor. E começou como você. Vá visitá-lo com esta carta, tome-o como modelo e proceda como ele.

Depois disto, o Sr. D'Artagnan pai cingiu ao filho a sua própria espada, beijou-o ternamente em ambas as faces e deu-lhe a sua bênção.

Quando saiu do quarto paterno, o jovem encontrou a mãe, que o esperava com a famosa receita de que os conselhos que acabamos de referir deviam impor uso bastante frequente. As despedidas foram deste lado mais longas e mais ternas do que

havia sido do outro, não porque o Sr. D'Artagnan não amasse o filho, que era a sua única prole, mas sim porque o Sr. D'Artagnan era um homem e consideraria indigno de um homem ceder à emoção, ao passo que a Sra D'Artagnan era mulher e além disso mãe. Chorou portanto abundantemente e, digamo-lo em louvor do Sr. D'Artagnan filho, apesar dos esforços que este fez para se manter firme como competia a um futuro mosqueteiro, a natureza levou a melhor e ele verteu muitas lágrimas, de que com grande custo conseguiu ocultar metade.

O jovem pôs-se a caminho no mesmo dia, munido dos três presentes paternos e que se compunham, como dissemos, de quinze escudos, do cavalo e da carta para o Sr. de Tréville. Como é fácil de calcular, os conselhos tinham sido dados à margem dos presentes.

Com semelhante vade-mécum, D'Artagnan ficou, tanto moral como fisicamente, uma cópia exata do herói de Cervantes, com o qual tão felizmente o comparamos quando os nossos deveres de historiador nos colocaram na necessidade de traçar o seu retrato. D. Quixote tomava os moinhos de vento por gigantes e os carneiros por exércitos, D'Artagnan tomou cada sorriso por um insulto e cada olhar por uma provocação. Graças a isso teve sempre o punho fechado de Tarbes até Meung, e que em média levou a mão à espada dez vezes por dia, todavia nem punho desceu contra nenhum queixo, nem a espada saiu da bainha, só não impediu que a vista do malfadado garrano

amarelo provocasse alguns sorrisos no rosto dos transeuntes, mas como por cima do garrano soava uma espada de tamanho respeitável e por cima dessa espada brilhava um olhar mais feroz do que orgulhoso, os transeuntes reprimiam a sua hilaridade, ou se a hilaridade levava a melhor à prudência, procuravam ao menos rir só de um lado, como as máscaras antigas! D'Artagnan manteve-se por tanto majestoso e intato na sua susceptibilidade até à malfadada cidade de Meung.

Mas aí, quando desceu do cavalo à porta do Franc Meunier sem que ninguém, estalajadeiro, criado ou moço de estrebaria, viesse segurar-lhe o estribo, D'Artagnan notou a uma janela entreaberta do térreo um gentil-homem elegante e de ar distinto, apesar de ligeiramente carrancudo, que conversava com duas pessoas que pareciam escutá-lo com deferência.

D'Artagnan julgou muito naturalmente, conforme era seu hábito, ser o tema da conversa e escutou. Desta vez, D'Artagnan só se enganou metade: não era dele que se falava, mas sim do seu cavalo, O gentil-homem parecia enumerar aos seus ouvintes todas as qualidades do animal, e como, tal como já disse, os ouvintes pareciam ter grande deferência pelo narrador, desatavam a rir a todo o momento. Ora, como um meio sorriso bastava para despertar a irascibilidade do jovem, adivinha-se que efeito lhe produziu tão ruidosa hilaridade.

No entanto, D'Artagnan quis primeiro ver bem a fisionomia do impertinente que troçava dele. Cravou pois o olhar orgulhoso

no desconhecido e verificou tratar-se de um homem de quarenta a quarenta e cinco anos, de olhos negros e

penetrantes, tez pálida, nariz fortemente acentuado e bigode negro e perfeitamente aparado, envergava gibão e calções cor de violeta com agulhetas da mesma cor, sem nenhum ornamento além dos golpes habituais por onde se via a camisa. Tanto os calções como o gibão, apesar de novos, pareciam amarrotados, como roupas de viagem durante muito tempo fechadas numa mala. D'Artagnan deu-se conta de tudo isto com a rapidez do observador mais minucioso, e sem dúvida por um sentimento instintivo lhe dizer que o desconhecido teria grande influência na sua vida futura.

Ora, no momento em que D'Artagnan fixava o olhar no gentil-homem do gibão cor de violeta o mesmo gentil-homem fazia acerca do garrano bearnês uma das suas mais sábias e profundas demonstrações; os seus dois ouvintes desataram a rir e ele próprio deixou visivelmente contra o seu hábito errar, se assim se pode dizer, um pálido sorriso nos lábios. Desta vez já não havia dúvida: D'Artagnan era realmente insultado. Assim, cheio de tal convicção, enterrou a boina na cabeça até aos olhos e, procurando imitar alguns dos gestos de corte que vira na Gasconha entre fidalgos em viagem, adiantou uma das mãos na guarda da espada e apoiou a outra na anca. Infelizmente, à medida que avançava a cólera cegava-o cada vez mais e em lugar do discurso digno e altivo que preparara para formular o

desafio só encontrou na ponta da língua uma expressão ofensiva que acompanhou com um gesto furioso.

- Eh, cavalheiro! - gritou. - Cavalheiro que se esconde atrás dessa janela!

Sim, o senhor... Diga-me de que estão rindo e riremos juntos.

O gentil-homem afastou lentamente os olhos da montaria do cavaleiro, como se precisasse de certo tempo para compreender que era a si que se dirigiam tão estranhas palavras; depois, quando não pôde conservar mais nenhuma dúvida, franziu ligeiramente o sobrolho e após uma pausa bastante longa responde a D'Artagnan com um acento de ironia e insolência impossível de descrever:

- Não falo com o senhor.

- Mas falo eu com o senhor! - gritou o jovem, exasperado com aquele misto de insolência e boas maneiras, de civilidade e desdém.

O desconhecido olhou-o ainda um instante com o seu ténue sorriso e, retirando-se da janela, saiu lentamente da estalagem para vir plantar-se, a dois passos de D'Artagnan, diante do cavalo. A sua atitude tranquila e a sua fisionomia escarninha tinham redobrado a hilaridade das pessoas com quem conversava e que tinham ficado à janela.

Ao vê-lo chegar, D'Artagnan tirou a espada um pé fora da bainha.

- Este cavalo é decididamente, ou antes foi na sua juventude um botão-de-ouro - prosseguiu o desconhecido continuando as investigações começadas e dirigindo-se aos seus ouvintes da janela, sem parecer notar de modo algum a exasperação de D'Artagnan, que no entanto se erguia entre ele e os outros. - É de uma cor muito conhecida em botânica, mas até agora raríssima em cavalos.

- Ri do cavalo quem não ousaria rir do dono! - exclamou o émulo de Tréville, furioso.

- Não rio muitas vezes, senhor - respondeu o desconhecido -, como pode ver pela minha cara, no entanto pretendo conservar o privilégio de rir quando me

agradar...

- E eu não quero que riam quando me desagradar! - gritou D'Artagnan.

- É mesmo, senhor? - continuou o desconhecido, mais calmo do que nunca.

- Bom, é perfeitamente justo.

E dando meia volta preparou-se para entrar na estalagem pela porta principal, debaixo da qual à sua chegada D'Artagnan notara um cavalo selado. Mas D'Artagnan não era de índole a deixar assim um homem que tivera a insolência de zombar dele.

Desembainhou completamente a espada e foi atrás dele gritando:

- Vire-se, vire-se, Sr. Brincalhão, que não quero feri-lo pelas costas!

- Ferir-me?... - disse o outro, girando nos calcanhares e fitando o jovem com tanto espanto como desprezo. - Então, então, meu caro, está louco! - Depois, a meia voz e como se falasse consigo mesmo: - É pena... Que achado para Sua Majestade, que procura bravos por todos os lados para os seus mosqueteiros!

Ainda mal acabara de proferir estas palavras quando D'Artagnan lhe vibrou tão furiosa estocada que se não tivesse dado rapidamente um salto para trás é provável que gracejasse pela última vez. O desconhecido convenceu-se então de que a coisa ia além da brincadeira, desembainhou a espada, cumprimentou o seu adversário e pôs-se gravemente em guarda, mas no mesmo instante os seus dois ouvintes, acompanhados do estalajadeiro, caíram sobre D'Artagnan e desancaram-no com paus, pás e tenazes. Isto constituiu uma diversão tão rápida e completa ao ataque que o adversário de D'Artagnan, enquanto este se virava para enfrentar aquela saraivada de pancadas, reembainhava com a mesma precisão e, de ator que acabara por não ser, se transformava em espectador do combate, papel de que se desempenhou com a sua impassibilidade habitual, embora resmungando:

- Malditos Gascões! Montem-no no seu cavalo cor de laranja e que desapareça!
- Mas não antes de matá-lo, covarde! - gritava D'Artagnan, defendendo-se o melhor que podia e sem recuar um passo dos seus três inimigos, que continuavam a desancá-lo.
- Mais uma fanfarronada - murmurou o gentil-homem. - Palavra de honra, estes Gascões são incorrigíveis! Continuem portanto a dança, já que ele assim quer absolutamente. Quando estiver farto que diga "basta!"

Mas o desconhecido ainda não sabia com que espécie de casmurro estava metido, D'Artagnan não era homem para alguma desistir. O combate continuou pois durante mais alguns segundos. Por fim, D'Artagnan, exausto, deixou cair a espada, que uma paulada quebrou em duas. Outra paulada na testa derrubou-o quase ao mesmo tempo, sangrando e quase sem sentidos.

Neste momento correu gente de todos os lados ao local da cena. O estalajadeiro, com receio do escândalo, transportou com a ajuda dos criados o ferido para a cozinha, onde lhe prestaram alguns cuidados.

Quanto ao gentil-homem, reocupara o seu lugar à janela e olhava com certa impaciência toda aquela gente, que parecia com a sua presença causar-lhe viva contrariedade.

- Então, como está esse louco furioso? - perguntou virando-se ao ouvir abrir-se a porta, dirigindo-se ao estalajadeiro que vinha informar-se da sua saúde.

- Vossa Excelência está são e salvo? - perguntou o estalajadeiro.

- Estou, perfeitamente são e salvo, meu caro estalajadeiro, e sou eu quem pergunta que aconteceu ao nosso jovem.

- Está melhor - respondeu o estalajadeiro. - Perdeu por completo os sentidos.

- É mesmo? - disse o gentil-homem.

- Mas antes de perder os sentidos reuniu todas as suas forças para lhe chamar e desafiar.

- Mas é o Diabo em pessoa, esse garoto! - exclamou o desconhecido.

- Oh, não, Excelência, não é o Diabo! - respondeu o estalajadeiro com uma careta de desprezo. - Durante o seu desmaio nós o revistamos e só trazia na trouxa uma camisa e na bolsa doze escudos, o que não o impediu de dizer ao perder os sentidos que se semelhante coisa tivesse acontecido em Paris o senhor se arrependeria imediatamente, ao passo que aqui só se arrependerá mais tarde.

- Nesse caso, é algum príncipe de sangue disfarçado - observou friamente o desconhecido.

- Digo-lhe isto, meu fidalgo, para que tome cuidado - acrescentou o estalajadeiro.
- E não citou ninguém na sua cólera?
- Efetivamente, batia na algibeira e dizia: “Veremos o que o Sr. de Tréville pensará deste insulto feito ao seu protegido.”
- O Sr. de Tréville? - repetiu o desconhecido, mais atento. - Batia na algibeira e pronunciava o nome do Sr. de Tréville?... Vejamos, meu caro estalajadeiro, enquanto o seu jovem estava desmaiado não deixou, estou certo, de revistar também essa algibeira. Que encontrou?

- Uma carta dirigida ao Sr. de Tréville, capitão dos mosqueteiros.

-Sim?...

- É como tenho a honra de dizer, Excelência.

O estalajadeiro, que não era dotado de grande perspicácia, não notou a expressão que as suas palavras tinham dado à fisionomia do desconhecido. Este deixou o rebordo da janela em que até ali apoiara o cotovelo e franziu o sobrolho como um homem inquieto.

- Diabo! - murmurou entre dentes. - Terá Tréville mandado o gascão? É tão novo! Mas uma estocada é uma estocada, seja qual for a idade daquele que a dê, e desconfia-se menos de um garoto do que de qualquer outro. Às vezes basta um pequeno obstáculo para contrariar um grande desígnio.

E o desconhecido ficou pensativo durante alguns minutos.

- Vejamos, estalajadeiro, não é capaz de me desembaraçar desse exaltado? Em consciência não posso matá-lo, e no entanto - acrescentou com expressão friamente ameaçadora -, e no entanto incomoda-me. Onde está ele?

- No quarto da minha mulher, onde o tratam, no primeiro andar.

- Os seus andrajos e a sua trouxa estão com ele? Não despiu o gibão?

- Pelo contrário, tudo isso está aqui embaixo, na cozinha. Mas se esse jovem louco lhe incomoda...

- Sem dúvida. E causa na sua estalagem um escândalo que as pessoas honestas não suportariam. Suba aos seus aposentos, fechem minha conta e avise o meu lacaio.

- O quê, já nos deixa, senhor?!

- Você já sabia, pois ordenei que mandasse selar o meu cavalo. Não me obedeceram?

- Claro que sim, e como Vossa Excelência pode ver o seu cavalo está debaixo da porta principal todo aparelhado para partir.

- Muito bem. Faça então o que lhe disse.

“Olá, terá medo do rapazinho?...”, disse o estalajadeiro para consigo. Mas um olhar imperioso do desconhecido interrompeu-lhe o pensamento. Cumprimentou humildemente e saiu.

“Não convém que Milady seja vista por este idiota, e ela não deve demorar, já está atrasada. Decididamente, é melhor montar a cavalo e ir ao seu encontro... Se ao menos pudesse saber o que diz a carta endereçada a Tréville!”, pensou o forasteiro.

E sempre resmungando dirigiu-se para a cozinha.

Entretanto o estalajadeiro, que não duvidava ser a presença do jovem a causa da precipitada saída do desconhecido da estalagem, subiu ao quarto da mulher e encontrara D’Artagnan já refeito do seu desmaio. Então, fazendo-lhe compreender que a Polícia poderia prendê-lo por ter se metido com um grande senhor - porque, na opinião do estalajadeiro, o desconhecido só podia ser um grande senhor -, ordenou-lhe, apesar da sua fraqueza, que se levantasse e continuasse o seu caminho! Meio atordado, sem gibão, e com a cabeça toda ligada, D’Artagnan levantou-se e, ajudado pelo estalajadeiro, começou a descer. Mas ao chegar à cozinha a primeira coisa que viu foi o seu provocador, que conversava tranquilamente junto ao estribo de um pesado coche atrelado a dois enormes cavalos normandos.

A sua interlocutora, cuja cabeça aparecia enquadrada pela portinhola, era uma mulher de vinte a vinte e dois anos. Já dissemos com que rapidez D’Artagnan examinava totalmente

uma fisionomia, viu portanto ao primeiro relance de olhos que a mulher era jovem e bela. Ora tal beleza impressionou-o tanto mais quanto é certo ser completamente desconhecida nas regiões meridionais em que D'Artagnan vivera até ali. Tratava-se de uma mulher branca e loura, de comprido cabelo encaracolado caído sobre os ombros, grandes olhos azuis, lânguidos, lábios rosados e mãos de alabastro. Conversava muito vivamente com o desconhecido.

- Assim, Sua Excelência ordena-me... - dizia a dama.
- Que regresse imediatamente a Inglaterra e que o previna diretamente se o duque sair de Londres.
- E quanto às minhas outras instruções? - perguntou a bela viajante.
- Estão encerradas nesta caixa que só abrirá do outro lado da Mancha.
- Muito bem. E o senhor o que fará?
- Eu regresso a Paris.
- Sem castigar esse rapazinho insolente? - perguntou a dama. O desconhecido ia responder; mas no momento em que abria a boca, D'Artagnan, que tudo ouvira, correu para a porta.
- Este rapazinho insolente é que castiga os outros e espero que desta vez aquele que deve castigar não fuja como da primeira! - gritou.
- Não fuja?... - repetiu o desconhecido franzindo o sobrolho.

- Não, presumo que diante de uma mulher não ousará fugir.
- Lembre-se - gritou Milady vendo o gentil-homem levar a mão à espada -, lembre-se de que o mais pequeno atraso pode colocar tudo a perder!
- Tem razão - reconheceu o gentil-homem. - Segui portanto a sua viagem que eu seguirei a minha.

E saudando a dama com uma inclinação de cabeça saltou para o cavalo, enquanto o cocheiro do coche fustigava vigorosamente a sua parelha. Os dois interlocutores partiram a galope e afastaram-se cada um por seu lado da rua.

- Eh, a sua conta! - berrou o estalajadeiro, cuja deferência para com o cliente se transformava em profundo desprezo ao vê-lo afastar-se sem pagar o que devia.
- Pague, velhaco! - gritou o viajante, sempre galopando, ao seu lacaios, o qual lançou aos pés do estalajadeiro duas ou três moedas de prata e desatou a galopar atrás do amo.
- Ah, covarde! Ah, miserável! Ah, falso gentil-homem! - gritou D'Artagnan, correndo por sua vez atrás do lacaios.

Mas o ferido estava ainda muito fraco para poder suportar semelhante esforço. Mal deu dez passos, os ouvidos zumbiram-lhe, a vista faltou-lhe, uma nuvem de sangue passou-lhe pelos olhos e ele caiu no meio da rua, ainda gritando:

- Covarde! Covarde! Covarde!

- É de fato muito covarde - murmurou o estalajadeiro aproximando-se de D'Artagnan e procurando com tal lisonja reconciliar-se com o pobre rapaz, como o herói da fábula com o seu caracol da noite.

- Sim, muito covarde - murmurou D'Artagnan. - Mas ela é muito bonita!

- Ela, quem? - perguntou o estalajadeiro.

- Milady - balbuciou D'Artagnan. E desmaiou pela segunda vez.

- Paciência - disse o estalajadeiro -, perdi dois hóspedes, mas resta-me este, que estou certo de conservar pelo menos uns dias. E sempre ganharei onze escudos.

Como sabemos, onze escudos eram exatamente a importância que restava na bolsa de D'Artagnan. O estalajadeiro contara com onze dias de doença a um escudo por dia, mas não contara com o seu hóspede.

No dia seguinte, às 5 horas da manhã, D'Artagnan levantou-se, desceu pessoalmente à cozinha, pediu além de outros ingredientes cuja lista não chegou até nós, vinho, azeite, alecrim e, com a receita da mãe na mão, compôs um bálsamo com que untou os seus numerosos ferimentos, substituiu ele próprio as suas compressas e recusou os socorros de qualquer médico. Graças sem dúvida à eficácia do bálsamo da cigana, e talvez também à ausência de qualquer médico, D'Artagnan

encontrou-se livre de perigo nessa mesma noite e quase curado no dia seguinte.

Mas no momento de pagar o alecrim, o azeite e o vinho, sua única despesa pessoal, visto ter mantido uma dieta absoluta, ao passo que pelo contrário o cavalo amarelo, pelo menos no dizer do estalajadeiro, comera três vezes mais do que seria razoável supor-se pelo seu tamanho, D'Artagnan encontrou na algibeira apenas a sua bolsinha de veludo puído e os onze escudos que ela continha.

Quanto à carta dirigida ao Sr. de Tréville, desaparecera.

O jovem começou por procurar a carta com grande paciência, virando e revirando vinte vezes as algibeiras, revistando e tornando a revistar o saco, abrindo e fechando a bolsa, mas quando se convenceu de que a carta desaparecera mesmo, teve terceiro acesso de raiva que quase lhe ocasionou novo consumo de vinho e azeite aromatizados. Porque, ao ver aquela jovem cabeça encolerizar-se e ameaçar partir tudo no estabelecimento se a sua carta não aparecesse, o estalajadeiro pegara um chuço, a mulher um cabo de vassoura e os criados nos mesmos paus que tinham servido na antevéspera.

- A minha carta de recomendação! - gritava D'Artagnan. - A minha carta de recomendação, com mil demônios, ou espetos a todos como se fossem pardais! Infelizmente, uma circunstância opunha-se a que o jovem cumprisse a sua

ameaça, é que, como dissemos, a sua espada fora, na primeira luta, quebrada em dois pedaços, o que ele esquecera por completo. E daí quando D'Artagnan a quis efetivamente desembainhar se encontrou pura e simplesmente armado com um pedaço de espada de cerca de oito ou dez polegadas, que o estalajadeiro lhe metera cuidadosamente na bainha. Quanto ao resto da lâmina, o cozinheiro surripiara-o habilmente para fazer dele uma faca de cozinha.

Semelhante decepção não teria no entanto detido provavelmente o nosso fogaoso jovem se o estalajadeiro não tivesse refletido que a reclamação que lhe dirigia o seu hóspede era perfeitamente justa.

- De fato, onde está a carta? - disse, baixando o chuço.
- Sim, onde está a carta? - gritou D'Artagnan. - Antes de mais nada, previno-os que a carta se destina ao Sr. de Tréville, e tem de aparecer; porque se não aparecer ele saberá mandá-la procurar!

Esta ameaça acabou de intimidar o estalajadeiro. Depois do rei e do Sr. Cardeal, o Sr. de Tréville era o homem cujo nome talvez fosse mais vezes repetido pelos militares e até pelos burgueses. Havia também o padre Joseph, é verdade, mas o seu nome era sempre pronunciado baixinho, tal era o terror que inspirava a eminência parda, como chamavam ao familiar do cardeal.

Por isso, atirando o chuço para longe e ordenando à mulher que fizesse o mesmo ao cabo de vassoura e aos criados que

procedessem de igual modo com os paus, foi o primeiro a dar o exemplo pondo-se a procurar pessoalmente a carta perdida.

- A carta continha alguma coisa valiosa? - perguntou o estalajadeiro ao cabo de um instante de investigações inúteis.

- É claro que continha! - gritou o gascão, que contava com a carta para abrir caminho na corte. - Continha a minha fortuna.

- Em títulos do Tesouro? - perguntou o estalajadeiro, inquieto.

- Em títulos sobre a tesouraria particular de Sua Majestade - respondeu D'Artagnan, o qual, contando entrar ao serviço do rei graças àquela recomendação, julgava poder dar sem mentir esta resposta um tanto arriscada.

- Demônio! - exclamou o estalajadeiro, completamente desesperado.

- Mas isso não interessa - continuou D'Artagnan, com o descaramento nacional. - Isto não interessa, porque o dinheiro não é nada, essa carta é que era tudo. Preferiria ficar sem mil pistolas a perdê-la.

Não se arriscaria mais se dissesse vinte mil, mas certo pudor juvenil conteve-o. Um raio de luz feriu de súbito o espírito do estalajadeiro, que se

amaldiçoava por não encontrar nada.

- A carta não foi perdida! - exclamou.
- Como?... - saltou D'Artagnan.
- Não, foi roubada.
- Roubada! E por quem?
- Pelo fidalgo de ontem. Desceu à cozinha, onde estava o seu gibão, e ficou lá sozinho. Aposto que foi ele quem a roubou.
- Acha que sim? - respondeu D'Artagnan, pouco convencido, pois conhecia melhor do que ninguém a importância absolutamente pessoal da carta e não via nela nada que pudesse tentar ao roubo. De fato, nenhum dos criados, nenhum dos viajantes presentes ganharia nada em possuir aquele papel.
- Diz então que desconfia desse impertinente gentil-homem... - prosseguiu D'Artagnan.
- Digo que tenho certeza de que foi ele - respondeu o estalajadeiro. - Quando lhe disse que Vossa Senhoria era protegido do Sr. de Tréville e que até tinha uma carta para esse ilustre fidalgo, pareceu muito inquieto, perguntou-me onde estava essa carta e desceu imediatamente à cozinha, onde sabia estar o gibão.
- Então é ele o ladrão - concluiu D'Artagnan. - Me queixarei ao Sr. de Tréville e o Sr. de Tréville se queixará ao rei.

Depois, tirou majestosamente dois escudos da algibeira, deu-os ao estalajadeiro, que o acompanhou de chapéu na mão até à

porta, e voltou a montar o cavalo amarelo que o conduziu sem outro acidente à Porta Santo Antonio, em Paris, onde o seu proprietário o vendeu por três escudos, o que foi muito bem pago, atendendo a que D'Artagnan lhe pregara uma grande estafa durante a última etapa. Por isso o alquilador a quem D'Artagnan o cedeu mediante as sobreditas nove libras não ocultou ao jovem que só lhe dava aquela soma exorbitante por ele devido à originalidade da sua cor.

D'Artagnan entrou portanto em Paris a pé, com a sua pequena trouxa debaixo do braço, e caminhou até encontrar para alugar um quarto de acordo com a exiguidade dos seus recursos. Esse quarto foi uma espécie de mansarda na Rua dos Fossoyeurs, perto do Luxemburgo.

Logo que pagou ao porteiro, D'Artagnan tomou posse do seu alojamento e passou o resto do dia a coser no gibão e nos calções que a mãe tirara de um gibão quase novo do Sr.

D'Artagnan pai e lhe dera às escondidas. Depois foi ao Cais da Ferraille mandar pôr uma lâmina na espada, e em seguida ao Louvre informar-se junto do primeiro mosqueteiro que encontrou onde ficava o palácio do Sr. de Tréville, o qual morava na Rua Vieux-Colombier, ou seja, precisamente nas imediações do quarto alugado por D'Artagnan, circunstância que lhe pareceu de bom augúrio para o êxito da sua viagem.

Em seguida, satisfeito com a forma como se comportara em Meung, sem remorsos no passado, confiante no presente e

cheio de esperança no futuro, deitou-se e adormeceu de consciência tranquila.

O sono, ainda provinciano, durou até às 9 horas da manhã, hora a que se levantou para se dirigir ao palácio do famoso Sr. de Tréville, a terceira personagem do reino na opinião paterna.

A ANTECÂMARA DO SR. DE TRÉVILLE

O Sr. de Troisvilles, como se chamava ainda a sua família na Gasconha, ou Sr. de Tréville, como acabara por se chamar em Paris, tinha realmente começado como D'Artagnan, isto é, sem um soldo na algibeira, mas com esse capital de audácia, de engenho e de inteligência que permite que o mais pobre fidalgo gascão receba muitas vezes mais em esperanças da herança paterna do que o mais rico gentil-homem recebe na realidade. A sua bravura insolente e a sua sorte ainda mais insolente numa época em que os lances choviam como granizo, tinham-no alçado ao alto dessa escada difícil que se chama o favor da corte e cujos degraus escalara quatro a quatro.

Era amigo do rei, o qual honrava muito, como todos sabem, a memória de seu pai Henrique IV. O pai do Sr. de Tréville servira-o tão fielmente nas guerras contra a Liga que à falta de metal sonante - coisa que toda a vida faltou ao bearnês, o qual pagou constantemente as suas dívidas com a única coisa que nunca necessitou pedir emprestada, ou seja, com espírito -, que

à falta de metal sonante, dizíamos, o autorizara, depois da rendição de Paris, a tomar como armas um leão de ouro segurando na boca esta divisa: Fidelis et fortis. Era muito como honra, mas pouco adiantava ao bem-estar. Por isso, quando o ilustre companheiro do grande Henrique morreu deixou como única herança ao senhor seu filho a sua espada e a sua divisa. Graças a esta dupla doação e ao nome sem mácula que a acompanhava o Sr. de Tréville foi admitido na casa do jovem príncipe, onde serviu tão bem com a espada e foi tão fiel à sua divisa que Luís XIII, uma das boas lâminas do reino, costumava dizer que se tivesse um amigo que se batesse o aconselharia a tomar como segundo primeiro ele e depois Tréville, e até talvez este antes dele.

Por isso, Luís XIII dedicava sincera afeição a Tréville, embora afeição real seja afeição egoísta, é certo, mas nem por tal motivo menos afeição. É que naqueles tempos calamitosos não faltava quem procurasse rodear-se de homens da têmpera de Tréville. Muitos poderiam tomar por divisa o epíteto de forte, que constituía a segunda parte do seu exergo, mas poucos gentis-homens poderiam reclamar o epíteto de fiel, que constituía a primeira. Tréville era um destes últimos, uma dessas raras pessoas dotadas de inteligência obediente como a do cão, de coragem cega, de golpe de vista rápido e de mão pronta, a quem os olhos tinham sido dados apenas para ver se o rei estava descontente com alguém e a mão para castigar esse alguém, fosse um Besme, um Maure-vers, um Poltrot de

Méré, um Vitry. Enfim, a Tréville só faltara até ali a oportunidade, mas espreitava-a e prometia a si mesmo agarrá-la pelos cabelos se alguma vez passasse ao alcance da sua mão. Por isso, Luís XIII fez de Tréville o capitão dos seus mosqueteiros, os quais eram para Luís XIII, pela sua dedicação ou antes pelo seu fanatismo, o que eram para Henrique III os seus ordinários e a guarda escocesa para Luís XI.

Pela sua parte, e a tal respeito, o cardeal não estava menos bem servido do que o rei. Quando vira o formidável escol de que Luís XIII se rodeava, esse segundo, ou antes esse primeiro rei de França também quisera ter a sua guarda. Teve portanto os seus mosqueteiros, tal como Luís XIII tinha os seus, e viam-se essas duas potências rivais selecionar para o seu serviço, em todas as províncias de França e até em todos os Estados estrangeiros, os homens célebres pelas

grandes estocadas. Por isso, Richelieu e Luís XIII discutiam muitas vezes, enquanto à noite jogavam a sua partida de xadrez, acerca do mérito dos seus servidores. Ambos gabavam o porte e a coragem dos seus, e embora se pronunciassem em voz alta contra os duelos e as rixas incitavam-nos em voz baixa a baterem-se e experimentavam autêntico desgosto ou alegria imoderada com a derrota ou a vitória dos seus. Assim, pelo menos, o dizem as Memórias de um homem que esteve em algumas dessas derrotas e em muitas dessas vitórias.

Tréville descobrira o ponto fraco do seu senhor e era a essa sagacidade que devia o longo e constante favor de um rei que não deixou fama de ter sido muito fiel aos amigos. Fazia desfilar os seus mosqueteiros diante do cardeal Armand Duplessis, com um ar velhaco que eriçava de cólera o bigode grisalho de Sua Eminência. Tréville entendia admiravelmente bem a guerra da época, em que, quando se não vivia à custa do inimigo, se vivia à custa dos compatriotas. Os seus soldados formavam uma legião de diabos, indisciplinada para qualquer outro menos para ele.

Desleixados, bêbados e barulhentos, os mosqueteiros do rei, ou antes do Sr. de Tréville, frequentavam os botequins, os passeios e os divertimentos públicos, gritando a plenos pulmões e retorcendo os bigodes, fazendo tinir as espadas e deleitando-se ao provocar os guardas do Sr. Cardeal quando os encontravam. Depois, desembainhavam as espadas em plena rua, sempre gracejando, às vezes morriam, mas nesse caso tinham certeza de ser chorados e vingados; quase sempre matavam, e quando isso acontecia também estavam certos de não apodrecer na prisão, pois lá estava o Sr. de Tréville para os reclamar. Por isso, o Sr. de Tréville era louvado em todos os tons, cantado em todas as gamas por aqueles homens que o adoravam e que, apesar de capazes de tudo, tremiam diante dele como escolares diante do professor, lhe obedeciam à mais pequena palavra e estavam prontos a deixar-se matar para se reabilitarem da mais pequena censura.

O Sr. de Tréville utilizara tão poderosa alavanca primeiro em proveito do rei e dos seus amigos e depois em seu próprio proveito e dos seus amigos. Mesmo assim, em nenhuma das Memórias desse tempo, que deixou tantas Memórias, se vê que o digno gentil-homem tenha sido acusado, mesmo pelos seus inimigos - e tinha-os tanto entre os escritores como os nobres -, em parte alguma se vê, dizíamos, que o digno gentil-homem tenha sido acusado de tirar proveito dos préstimos dos seus comandados. Apesar de dotado de raro pendor para a intriga, o que o colocava em pé de igualdade com os mais fortes intriguistas, conservara-se um homem honesto. Mais ainda, a despeito das grandes estocadas que derrancam e dos exercícios penosos que fatigam, tornara-se um dos mais galantes frequentadores de velas, um dos mais finos vadios e um dos mais alambicados declamadores de Febo da sua época. Falava-se das aventuras galantes de Tréville como se falara vinte anos antes das de Bassompierre, e não era pouco.

O capitão dos mosqueteiros era pois admirado, temido e amado, o que constitui o apogeu das aventuras humanas.

Luís XIV absorveu todos os pequenos astros da sua corte na sua vasta irradiação, mas seu pai, sol pluribus impar, deixou o seu esplendor pessoal a cada um dos seus cortesãos. Além do palácio do rei e do cardeal, havia então em Paris

mais de duzentos pequenos palácios um pouco pretensiosos. Entre esses duzentos pequenos palácios o de Tréville era um dos mais concorridos.

O pátio do seu palácio, situado na Rua de Vieux-Colombier, parecia um acampamento a partir das 6 horas da manhã no Verão e das 8 horas no Inverno. Cinquenta a sessenta mosqueteiros, que pareciam revezar-se para apresentarem um número sempre impressionante, andavam constantemente de um lado para o outro, armados como se fossem para a guerra e prontos para tudo. Ao longo de uma das suas grandes escadarias, que ocupava um espaço em que a nossa civilização ergueria um edifício completo, subiam e desciam os solicitantes de Paris candidatos a qualquer coisa, os fidalgos da província ansiosos por se alistarem e os lacaios agaloados de todas as cores que vinham trazer ao Sr. de Tréville os recados dos amos. Na antecâmara, sentados em grandes bancos circulares, descansavam os eleitos, isto é, os que eram convocados. Ouvia-se ali, de manhã à noite, um zumbido de vozes, enquanto o Sr. de Tréville, no gabinete contíguo à antecâmara, recebia os visitantes, ouvia queixas, dava ordens, e como o rei à varanda do Louvre bastava-lhe chegar-se à janela para passar em revista homens e armas.

No dia em que D'Artagnan se apresentou a assembléia era imponente, sobretudo para um provinciano acabado de chegar da sua província. É certo que esse provinciano era gascão e que sobretudo naquela época os compatriotas de D'Artagnan

tinham fama de não se intimidarem facilmente. Com efeito, logo que se transpunha a porta maciça, cravejada de grandes pregos de cabeça quadrangular, caía-se no meio de uma turba de militares que se cruzavam no pátio, se interpelavam, discutiam e gracejavam uns com os outros. Para se conseguir abrir caminho por entre todas aquelas vagas turbilhonantes era necessário ser oficial, grande senhor ou mulher bonita.

Foi pois no meio de tal confusão que o nosso jovem avançou com o coração palpitante, segurando o comprido espadalhão ao longo das pernas magras e com uma das mãos na aba do chapéu, como meio sorriso do provinciano embaraçado que quer fazer boa figura. Ultrapassara um grupo e respirava mais livremente, mas adivinhou que se viravam para o observar e pela primeira vez na vida D'Artagnan, que até àquele dia tivera menos má opinião a seu respeito, se achou ridículo.

Chegado à escadaria foi pior ainda: havia nos primeiros degraus quatro mosqueteiros que se divertiam com o seguinte exercício, enquanto dez ou doze dos seus camaradas esperavam no patamar que chegasse a sua vez de participarem na paródia, um deles, colocado no degrau superior, de espada nua na mão, impedia, ou pelo menos esforçava-se por impedir, os outros três de subir. Esses três esgrimiam contra ele com as suas espadas muito ágeis.

De início, D'Artagnan tomou as armas por floretes de esgrima e julgou-as de ponta em forma de botão, mas não tardou a verificar por certos arranhões que todas as armas estavam,

pelo contrário, bem afiadas e aguçadas e que a cada arranhão não só os espectadores, mas também os atores, riam como loucos.

O que ocupava o degrau naquele momento mantinha maravilhosamente os seus adversários a distância. Rodeava-os um círculo de curiosos. A condição estabelecida era a cada toque o tocado deixar a partida e perder a sua vez na audiência em proveito do tocador. Em cinco minutos foram aflorados três, um no

pulso, outro no queixo e outro na orelha, pelo defensor do degrau, sem ele próprio ser atingido, resultado que lhe valeu, de acordo com o estabelecido, avançar três lugares.

Não tanto pela sua dificuldade como pela sua espectacularidade, este passatempo surpreendeu o nosso jovem viajante. Vira na sua província, numa terra onde no entanto se esquentavam tão rapidamente as cabeças, um pouco mais de preliminares nos duelos, e a fanfarronada dos quatro espadachins pareceu-lhe mais forte do que todas as que tinham chegado ao seu conhecimento até ali, mesmo na Gasconha. Julgou-se transportado ao famoso país dos gigantes aonde Gulliver foi mais tarde e teve tanto medo e no entanto ainda não vira tudo: faltavam o patamar e a antecâmara.

No patamar não se lutava, contavam-se histórias de mulheres, e na antecâmara histórias da corte. No patamar, D'Artagnan corou, na antecâmara tremeu. A sua imaginação viva e vagabunda, que na Gasconha o tornava temido das jovens criadas de quarto e até por vezes das suas jovens amas, nunca sonhara, mesmo nos momentos de delírio, com metade daquelas maravilhas amorosas, nem com um quarto daquelas façanhas galantes, realçadas com os nomes mais conhecidos e os pormenores menos velados. Mas se o seu amor aos bons costumes ficou ofendido no patamar, o seu respeito pelo cardeal ficou escandalizado na antecâmara. Aí, com grande espanto seu, D'Artagnan ouviu criticar alto e bom som a política que fazia tremer a Europa e a vida privada do cardeal, o que valera a tantos altos e poderosos senhores serem castigados por terem tentado aprofundá-la: o grande homem, reverenciado pelo Sr. D'Artagnan pai, servia de escárnio aos mosqueteiros do Sr. de Tréville, que ridicularizavam as suas pernas tortas e o seu dorso curvado, alguns cantavam loas acerca da Sra d'Aiguillon, sua amante, e da Sra de Cambalet, sua sobrinha, enquanto outros liam partes contra os pajens e os guardas do cardeal-duque, tudo coisas que pareciam a D'Artagnan monstruosas impossibilidades.

Contudo, quando o nome do rei era citado de súbito, de imprevisto, no meio de todos aqueles dichotes cardinalescos, uma espécie de mordaza vedava por momentos todas aquelas bocas trocistas, olhavam com hesitação em torno de si e

pareciam temer a indiscrição da parede do gabinete do Sr. de Tréville.

Mas em breve uma alusão reconduzia a conversa para Sua Eminência, e então os ditos aumentavam e fazia-se luz sobre algumas das suas ações. “Esta gente ainda acaba por ser toda metida na Bastilha e enforcada”, pensou D’Artagnan com terror, “e eu sem dúvida alguma com eles, pois desde o momento em que os escutei serei considerado seu cúmplice. Que diria o senhor meu pai, que tanto me recomendou que respeitasse o cardeal, se me soubesse na companhia de semelhantes pagãos?”

Por isso, como se pode imaginar, D’Artagnan não ousava tomar parte na conversação, limitava-se a olhar de olhos bem abertos, a escutar com todos os ouvidos e a apurar avidamente os seus cinco sentidos para não perder nada, e mal-grado a sua confiança nas recomendações paternas sentia-se levado pelos seus gostos e arrastado pelos seus instintos a louvar, mais do que a censurar, as coisas inauditas que se passavam ali.

No entanto, como era absolutamente estranho à multidão de cortesãos do Sr. de Tréville e o viam pela primeira vez ali, vieram perguntar-lhe o que desejava.

Perante tal pergunta, D’Artagnan apresentou-se muito humildemente, salientou o seu título de compatriota e pediu ao

criado de quarto que lhe viera fazer a pergunta que solicitasse por ele ao Sr. de Tréville um momento de audiência, pedido que o criado prometeu em tom protector transmitir oportunamente.

Um pouco refeito da sua surpresa inicial, D'Artagnan teve portanto tempo para estudar os trajos e as fisionomias.

No centro do grupo mais animado encontrava-se um mosqueteiro corpulento, de ar altivo e com um traje extravagante que lhe atraía as atenções gerais. Não trazia naquele momento a sobreveste do uniforme, que aliás não era absolutamente obrigatória naquela época de menos liberdade, mas de maior independência, e sim um gibão azul-celeste, embora um pouco desbotado e coçado, e sobre o gibão um boldrié magnífico, bordado a ouro e que reluzia como as escamas de que a água se cobre sob sol intenso. Uma comprida capa de veludo carmesim caía-lhe com graça dos ombros, descobrindo pela frente apenas o esplêndido boldrié, do qual pendia uma espada gigantesca.

O mosqueteiro acabava de sair de guarda naquele instante, queixava-se de estar resfriado e tossia de vez em quando com afetação. Por isso pusera a capa, conforme dizia à sua volta, e enquanto falava do alto da sua empáfia, torcendo desdenhosamente o bigode, os presentes admiravam com entusiasmo o boldrié bordado e D'Artagnan mais do que qualquer outro.

- Que quer - dizia o mosqueteiro -, é moda... É uma loucura, bem sei, mas é moda. Aliás, em alguma coisa temos de empregar o dinheiro da legítima.
- Então, Porthos, não queira nos convencer que deve esse boldrié à generosidade paterna! - gritou um dos assistentes.
- Inclino-me mais para que te tenha sido dado pela dama velada com quem o encontrei no outro domingo para os lados da Porta Saint-Honoré.
- Não, pela minha honra e fé de gentil-homem, juro que fui eu mesmo que o comprei com o meu próprio dinheiro - respondeu aquele que acabava de designar pelo nome de Porthos.
- Sim, como eu comprei esta bolsa nova com o que a minha amante metera na velha - disse outro mosqueteiro.
- É verdade - insistiu Porthos -, e a prova é que dei por ele doze pistolas. A admiração redobrou, embora a dúvida continuasse a existir.
- Não foi Aramis? - perguntou Porthos, virando-se para outro mosqueteiro.

Esse outro mosqueteiro formava perfeito contraste com aquele que o interrogava e que acabara de designá-lo pelo nome de Aramis: era um rapaz de vinte e dois a vinte e três anos apenas, de rosto ingênuo e afetado, olhos negros e meigos e faces rosadas e aveludadas como um pêsego no Outono. O bigode,

fino, desenhava-lhe sobre o lábio superior uma linha reta perfeita; as mãos pareciam ter medo de se baixar, não fossem as veias intumescer, e de vez em quando beliscava a ponta das orelhas para as manter de uma cor de carne delicada e transparente. Habitualmente falava pouco e devagar, cumprimentava muito e ria sem ruído, mostrando os dentes, que tinha bonitos e com os quais, tal como com o resto da sua pessoa, parecia ter o maior cuidado. Respondeu com um sinal de cabeça afirmativo à interpelação do amigo.

Esta afirmação pareceu dissipar todas as dúvidas a respeito do boldrié, continuaram a admirá-lo, mas ninguém falou mais dele e por uma dessas

reviravoltas rápidas do pensamento a conversa mudou de súbito para outro assunto.

- Que pensa do que conta o escudeiro de Chalais? - perguntou outro mosqueteiro sem interpelar diretamente ninguém, mas dirigindo-se pelo contrário a todos.
- E que conta ele? - perguntou Porthos em tom presunçoso.
- Conta que encontrou Rochefort, o alma danada do cardeal, em Bruxelas, disfarçado de capuchinho, graças ao disfarce, o maldito Rochefort enganou o Sr. de Laigues como um tolo que é.

- Como um verdadeiro tolo - sublinhou Porthos. - Mas isso é verdade?

- Soube-o por Aramis - respondeu o mosqueteiro.

- É mesmo?

- Sabe muito bem que é verdade - interveio Aramis. -
Contei-lhe ontem.

Mas não falemos mais disso.

- Não falemos mais disso! Essa é a sua opinião - respondeu Porthos. - Não falemos mais disso!... Irra, como conclui depressa! Como, o cardeal manda espiar um gentil-homem, roubar a sua correspondência por um traidor, um bandido, um facínora consegue com o auxílio desse espião e graças a essa correspondência cortar o pescoço a Chalais, sob o estúpido pretexto de que quis assassinar o rei e casar Monsieur com a rainha, ninguém sabia nada a respeito de tal enigma, você só nos disse ontem, com grande satisfação de todos, e quando estamos ainda de boca aberta com a notícia vem dizer-nos hoje: “Não falemos mais disso!”

- Pois então falemos, já que assim vocês querem -
respondeu Aramis com paciência.

- Se eu fosse o escudeiro do pobre Chalais, esse Rochefort passaria um mau pedaço comigo! - gritou Porthos.

- E você passaria um triste quarto de hora com o duque vermelho - respondeu-lhe Aramis.

- Ah, o duque vermelho! Bravo, bravo, o duque vermelho! - respondeu Porthos, batendo as mãos e aprovando com a cabeça. - O duque vermelho, está bem achado! Espalharei a alcunha, meu caro, pode ficar descansado. Tem espírito, este Aramis! Que pena não ter podido seguir a sua vocação, meu caro! Daria um padre delicioso!
- Oh, não passa de um adiamento momentâneo! - replicou Aramis. - Eu o serei um dia. Bem sabe, Porthos, que continuo a estudar Teologia para isso.
- Será como ele diz - confirmou Porthos. - Será como ele diz, mais cedo ou mais tarde.
- Mais cedo - corrigiu Aramis.
- Só espere uma coisa para se decidir imediatamente a vestir a sotaina, que está pendurada debaixo do uniforme - observou um mosqueteiro.
- E que coisa é essa? - perguntou outro.
- Só espere que a rainha dê um herdeiro à coroa de França.
- Não brinquemos com essas coisas, meus senhores - interveio Porthos. - Graças a Deus, a rainha ainda está em idade de o dar.
- Diz-se que o Sr. de Buckingham está na França - adiantou Aramis com um riso velhaco que dava à frase, tão simples na aparência, um significado sofrivelmente escandaloso.

- Aramis, meu amigo, desta vez não tem razão - interrompeu-o Porthos -, e a sua mania de ser espirituoso levá-lo sempre além dos limites. Se o Sr. de Tréville o ouvisse dava-lhe uma bronca por falar assim.
- Quer me ensinar como me devo comportar, Porthos? - perguntou Aramis, em cujo olhar meigo passou como que um relâmpago.
- Meu caro, seja mosqueteiro ou padre. Seja um ou outro, mas não um e outro - insistiu Porthos. - Athos ainda há dias te disse que gosta de comer a dois carrilhos. Ah, mas não nos zanguemos, peço-lhe! Seria inútil e bem sabe o que se combinou entre você, Athos e eu mesmo. Visite a Sra d'Aiguillon e faça-lhe a corte, vá a casa da Sra de Bois-Tracy, a prima da Sra de Chevreuse, e passa por estar muito adiantado nas boas graças da dama. Oh, meu Deus, não revele a sua sorte, ninguém lhe pede que conte o seu segredo, todos conhecem a sua discrição! Mas já que possui essa virtude, que diabo, utilize-a a respeito de Sua Majestade. Ocupe-se quem quiser e como quiser do rei e do cardeal, mas a rainha é sagrada, e se se falar dela que seja bem.
- Porthos. Você é pretensioso como Narciso, previno-o - replicou Aramis. - Sabe que detesto a moral, exceto quando pregada por Athos. Quanto a você, meu caro, tem um boldrié muito magnífico para ser forte a tal respeito. Serei padre, se me convier; entretanto, sou mosqueteiro, e nesta qualidade digo o

que tenho vontade, e neste momento quero dizer-lhe que você me chateia!

- Aramis! - Porthos!

- Então, meus senhores, meus senhores! - gritaram à volta deles.

- O Sr. de Tréville espera o Sr. D'Artagnan - interrompeu o lacaios, abrindo a porta do gabinete.

Perante este anúncio, durante o qual a porta permanecia aberta, todos se calaram, e no meio do silêncio geral o jovem gascão atravessou a antecâmara em parte do seu comprimento e entrou no gabinete do capitão dos mosqueteiros, congratulando-se de todo o coração por escapar tão a propósito ao fim daquela extravagante discussão.

A AUDIÊNCIA

O Sr. de Tréville estava naquele momento de muito mau humor. Apesar disso, cumprimentou delicadamente o jovem, que se inclinou, até ao chão, e sorriu ao receber a sua saudação numa pronúncia bearnesa que lhe recordou ao mesmo tempo a sua juventude e o seu país, dupla recordação que faz sorrir o homem em qualquer idade. Mas aproximando-se quase imediatamente da antecâmara e fazendo a D'Artagnan um

sinal com a mão, como que pedindo-lhe licença para acabar com os outros antes de começar com ele, chamou três vezes, engrossando a voz a cada vez, de forma que percorreu todos os tons intercalares entre o acento imperioso e o acento irritado:

- Athos! Porthos! Aramis!

Os dois mosqueteiros com os quais já travamos conhecimento e que tinham os dois últimos destes três nomes deixaram imediatamente os grupos de que faziam parte e dirigiram-se para o gabinete, cuja porta se voltou a fechar atrás deles assim que transpuseram o limiar. O seu porte, embora não fosse o de quem

está absolutamente tranquilo, excitou no entanto pela sua naturalidade, ao mesmo tempo cheia de dignidade e de submissão, a admiração de D'Artagnan, que via naqueles homens semideuses e no seu chefe um Júpiter olímpico armado de todos os seus raios.

Quando os dois mosqueteiros entraram, quando a porta se fechou atrás deles, quando o murmúrio de colmeia da antecâmara, à qual o chamamento que acabava de ser feito dera sem dúvida novo alimento, recomeçou, quando por fim o Sr. de Tréville passou três ou quatro vezes, silencioso e de sobrolho franzido, a todo o comprimento do seu gabinete, passando todas as vezes diante do Porthos e Aramis, hirtos e

mudos como numa parada, e parou de súbito diante deles, nem um nem outro imaginava o que os esperava quando lhes perguntou depois de os medir dos pés à cabeça com um olhar irritado:

- Sabe o que me disse o rei ainda ontem à noite? - gritou. - Sabem senhores?

- Não - responderam após um instante de silêncio os dois mosqueteiros. - Não, senhor, nós não sabemos.

- Mas espero que nos conceda a honra de nos dizer - acrescentou Aramis, no seu tom mais delicado e com a mais graciosa reverência.

- Disse-me que no futuro recrutaria os seus mosqueteiros entre os guardas do Sr. Cardeal!

- Entre os guardas do Sr. Cardeal?... E porquê? - perguntou vivamente Porthos.

- Porque bem via que a sua água-pé necessitava de ser espevitada com uma mistura de bom vinho.

Os dois mosqueteiros coraram até à raiz dos cabelos.

D'Artagnan não sabia onde estava e desejava encontrar-se a cem pés de profundidade.

- Sim, sim - continuou o Sr. de Tréville, animando-se. - Sim, e Sua Majestade tinha razão, porque, pela minha honra, é verdade que os mosqueteiros fazem triste figura na corte. O Sr. Cardeal contava ontem no jogo com o rei, com um ar

compungido que muito me desagradou, que anteontem os malditos mosqueteiros, esses diabos, e carregou nestas palavras com uma ironia que ainda me desagradou mais, esses convencidos, acrescentou olhando-me com os seus olhos de gato-tigre, tinham se atrasado na Rua Féron, num botequim, e que uma ronda dos seus guardas (julguei que ia me rir na cara) se vira obrigada a prender os perturbadores. Com mil demônios, devem saber qualquer coisa a respeito! Prender mosqueteiros! Eram vocês, não se desculpem, reconheceram-nos, e o cardeal citou-os. Mas a culpa é minha, sim, a culpa é minha, pois sou eu que escolho os meus homens. Vejamos, você, Aramis, por que diabo me pediu a sobreveste quando ficaria tão bem dentro da sotaina? E você, Porthos, para que quer um boldrié de ouro? Para pendurar uma espada de palha? E Athos! Não vejo Athos. Onde está ele?

- Senhor - respondeu tristemente Aramis -, está doente, muito doente.
- Doente, muito doente, vocês dizem? E com que doença?
- Receia-se que sejam bexigas, senhor - respondeu Porthos, para meter a sua colherada na conversa -, o que seria aborrecido, pois com todcerteza lhe deixaria marcas na face.
- Bexigas! Era só o que me faltava ouvir, Porthos!... Doente com bexigas na

sua idade?... Não! Mas ferido, sem dúvida, talvez morto... Ah, se eu soubesse!... Diabos me levem, Srs. Mosqueteiros, não compreendo que se frequentem assim lugares de má fama, que se armem brigas na rua e que se maneje a espada nas encruzilhadas. Enfim, não quero que os homens sejam o escárnio dos guardas do Sr. Cardeal, que são pessoas de bem, sossegadas, sagazes, que nunca se colocam em situação de ser presos e que além disso não se deixariam prender... tenho certeza! Prefeririam morrer ali mesmo a dar um passo atrás... Porem-se ao fresco, safarem-se, fugirem, é bom para os mosqueteiros do rei!

Porthos e Aramis tremiam de raiva. De boa vontade estrangulariam o Sr. de Tréville se no fundo de tudo aquilo não sentissem que era o grande amor que lhes tinha que o levava a falar assim. Batiam no tapete com o pé, mordiam os lábios até sangrarem e apertavam com toda a força a guarda da espada. Lá fora ouvira-se chamar, como dissemos, por Athos, Porthos e Aramis, e adivinhara-se pelo tom da voz do Sr. de Tréville que este estava completamente fora de si. Dez cabeças curiosas estavam encostadas à parede e empalideciam de furor porque os seus ouvidos colados à porta não perdiam uma sílaba do que se dizia, enquanto as suas bocas repetiam, à medida que eram proferidas, as palavras insultuosas do capitão, que atingiam todos que se encontravam na antecâmara. Num instante, da porta do gabinete à porta da rua, todo o palácio ficou em ebulição.

- Ah, os mosqueteiros do rei se deixam prender pelos guardas do Sr. Cardeal! - continuava o Sr. de Tréville, intimamente tão furioso como os seus soldados, mas brandindo as suas palavras e cravando-as uma a uma por assim dizer como outros tantos golpes de estilete no peito dos seus ouvintes. - Ah, seis guardas de Sua Eminência prendem seis mosqueteiros de Sua Majestade! Com a breca, tomei o meu partido! Vou imediatamente ao Louvre, apresento a minha demissão de capitão dos mosqueteiros do rei e peço uma tenência nas guardas do cardeal, e se a recusarem, irra!, me transformo em padre!

Quando soaram estas palavras o murmúrio do exterior transformou-se em explosão. Por toda a parte só se ouviam pragas e blasfêmias. Os irra!, os com a breca!, os diabos me levem!, cruzavam-se no ar. D'Artagnan procurava um canto onde se esconder e sentia uma vontade incontível de se meter debaixo da mesa.

- Bom, meu capitão - disse Porthos fora de si -, a verdade é que éramos seis contra seis, mas fomos apanhados à traição e antes de termos tempo de desembainhar as espadas dois de nós foram mortos e Athos, ferido gravemente, não estava em muito melhores condições. Conhece Athos... Pois, capitão, tentou levantar-se duas vezes e outras tantas voltou a cair. Contudo, não nos rendemos, não! Levaram-nos à força. Mas no caminho fugimos. Quanto a Athos, julgaram-no morto e deixaram-no muito tranquilo no campo de batalha, pensando

que não valia a pena levá-lo. Foi assim que as coisas se passaram. Que diabo, capitão, não se podem ganhar todas as batalhas! O grande Pompeu perdeu a de Farsála, e o rei Francisco I, que segundo tenho ouvido dizer valia bem qualquer outro, também perdeu a de Pavia.

- E tenho a honra de lhes afirmar que matei um com a sua própria espada, porque a minha se partiu à primeira parada... - disse Aramis. - Matei ou apunhalei, senhor, como lhe agradar.

- Não sabia isso - declarou o Sr. de Tréville em tom um pouco mais ameno.

- O Sr. Cardeal exagerou, pelo que vejo.

- Mas por favor, senhor - continuou Aramis, que vendo o seu capitão acalmar ousava arriscar um pedido -, por favor, senhor, não diga que Athos foi ferido. Ficaria desesperado se isso chegasse aos ouvidos do rei, e como o ferimento é dos mais graves, atendendo a que depois de atravessar o ombro a espada penetrou no peito, e é de temer...

Ao mesmo tempo, o reposteiro ergueu-se e uma cabeça nobre e bela, mas horrivelmente pálida, apareceu debaixo da franja.

- Athos! - gritaram os dois mosqueteiros.

- Athos! - repetiu o próprio Sr. de Tréville.

- Perguntou por mim, senhor - disse Athos ao Sr. de Tréville, em voz fraca mas perfeitamente calma -, perguntou por mim,

segundo me disseram os nossos camaradas, e apresso-me a pôr-me às suas ordens. Aqui estou, senhor.

E ditas estas palavras o mosqueteiro, impecavelmente fardado como de costume, entrou com passo firme no gabinete do Sr. de Tréville, que comovido com semelhante prova de coragem se precipitou para ele.

- Estava dizendo a estes senhores - acrescentou - que proíbo os meus mosqueteiros de exporem a vida sem necessidade, porque os valentes são muito preciosos para o rei, e o rei sabe que os seus mosqueteiros são os homens mais valentes do mundo. A sua mão, Athos.

E sem esperar que o recém-chegado correspondesse a esta prova de afeição o Sr. de Tréville pegou-lhe na mão direita e apertou-a com toda a força, sem notar que Athos, apesar do domínio que tinha sobre si mesmo, deixava escapar um gemido de dor e empalidecia ainda mais, o que se julgaria impossível. A porta ficara entreaberta desde a chegada de Athos, de modo que, apesar do segredo guardado, o ferimento já era conhecido de todos e causara sensação. Um murmúrio de satisfação acolheu as últimas palavras do capitão e duas ou três cabeças, levadas pelo entusiasmo, apareceram na abertura do reposteiro. O Sr. de Tréville ia sem dúvida reprimir com palavras vivas semelhante infração às leis da etiqueta quando sentiu de súbito a mão de Athos crisar-se na sua e, olhando para ele, adivinhou que ia desmaiar. De fato, Athos reunira todas as suas

forças para lutar contra a dor, mas vencido finalmente por ela caiu no parque como morto.

- Um cirurgião! - gritou o Sr. de Tréville. - O meu, o do rei, o melhor! Um cirurgião! Ou, com a breca, o meu bravo Athos vai morrer!

Aos gritos do Sr. de Tréville todos se precipitaram no seu gabinete, sem que ele pensasse em fechar a porta a ninguém, e todos se comprimiram à volta do ferido. Mas toda essa solicitude teria sido inútil se o médico pedido não se encontrasse no próprio palácio. Assim, logo que chegou furou através da multidão e aproximou-se de Athos, que continuava sem sentidos, e como todo aquele barulho e toda aquela agitação o incomodavam sobremaneira exigiu antes de mais nada, como a coisa mais urgente, que o mosqueteiro fosse levado para um quarto próximo. O Sr. de Tréville abriu imediatamente uma porta e indicou o caminho a Porthos e Aramis, que transportaram o seu camarada nos braços. Atrás deles seguia o cirurgião, e atrás do cirurgião a porta se fechou.

Então o gabinete do Sr. de Tréville, esse local habitualmente tão respeitado, transformou-se por momentos em sucursal da antecâmara. Todos

discursavam, peroravam, falavam alto, praguejavam, blasfemavam, davam o cardeal e os seus guardas a todos os diabos.

Pouco depois, Porthos e Aramis regressaram, o cirurgião e o Sr. de Tréville eram os únicos que tinham ficado junto do ferido.

Por fim, o Sr. de Tréville também regressou. O ferido recuperara os sentidos, o cirurgião declarava que o estado do mosqueteiro não tinha nada que pudesse preocupar os seus amigos e que a sua fraqueza se devia pura e simplesmente à perda de sangue.

Depois o Sr. de Tréville fez um sinal com a mão e todos se retiraram, excepto D'Artagnan, que se não esquecera que tinha audiência e que, com a sua tenacidade de gascão, permanecera no mesmo lugar.

Quando todos saíram e a porta se fechou o Sr. de Tréville virou-se e encontrou-se sozinho com o jovem. O que acabara de acontecer fizera-lhe perder um pouco o fio às idéias. Perguntou o que queria o obstinado solicitante. D'Artagnan apresentou-se e o Sr. de Tréville, acudindo-lhe de súbito à memória todas as suas recordações do presente e do passado, depressa se encontrou ao corrente da situação.

- Perdão - disse sorrindo -, perdão, meu caro compatriota, mas tinha me esquecido completamente de você. Que quer, um capitão não é mais do que um pai de família carregado de maior responsabilidade do que um pai de família vulgar. Os soldados são crianças grandes, mas como tenho de velar para que as ordens do rei, e sobretudo as do Sr. Cardeal, sejam cumpridas...

D'Artagnan não pôde dissimular um sorriso.

Perante esse sorriso o Sr. de Tréville julgou não estar na presença de um estúpido, mudou de conversa e foi direito ao assunto:

- Sou muito amigo do senhor seu pai - disse. - Que posso fazer pelo filho?

Seja rápido que o meu tempo não me pertence.

- Senhor - disse D'Artagnan -, ao deixar Tarbes e vir aqui tencionava pedir-lhe, como prova dessa amizade de que não havia perdido a memória, uma farda de mosqueteiro, mas depois de tudo o que vi nas últimas duas horas compreendo que semelhante mercê seria enorme e receio não merecê-la.

- Trata-se efetivamente de uma mercê, meu rapaz - respondeu o Sr. de Tréville -, mas que não pode estar tão acima de você como crê ou parece crer. No entanto, uma decisão de Sua Majestade previu esse caso e anuncio-lhe com pesar que ninguém é recebido como mosqueteiro antes de passar previamente pela prova de algumas campanhas, de certas ações brilhantes ou de dois anos de serviço em qualquer outro regimento menos favorecido do que o nosso.

D'Artagnan inclinou-se sem responder. Sentia-se ainda mais ansioso por envergar o uniforme de mosqueteiro desde que era tão difícil obtê-lo.

- Mas - continuou Tréville, cravando no seu compatriota um olhar tão penetrante que parecia querer ler-lhe até ao fundo do coração -, mas, atendendo ao seu pai, meu antigo

companheiro, como já disse, quero fazer qualquer coisa por vocês, meu rapaz. No Béarn os filhos mais novos não são habitualmente ricos, e duvido que as coisas tenham mudado muito desde a minha partida da província. Não deve portanto ter para viver mais do que o dinheiro que trouxe consigo.

D'Artagnan endireitou-se com um ar orgulhoso que queria dizer que não pedia esmola a ninguém.

- Pronto, rapaz, pronto! - continuou Tréville. - Conheço bem esses ares...

Cheguei a Paris com quatro escudos na algibeira e me bateria com quem quer que me dissesse que me não encontrava em condições de comprar o Louvre.

D'Artagnan empertigou-se ainda mais, graças à venda do cavalo, começava a sua carreira com mais quatro escudos do que o Sr. de Tréville começara a dele.

- Deve portanto, dizia eu, conservar o que tem, por maior que seja essa quantia, mas também deve se aperfeiçoar nos exercícios que convêm a um gentil-homem. Escreverei hoje uma carta ao diretor da Academia Real, que a partir de amanhã o receberá sem qualquer retribuição. Não recuse este pequeno obséquio. Os nossos gentis-homens, os melhor nascidos e os mais ricos, solicitam-no às vezes e não o conseguem obter... Aprenderá o manejo do cavalo, a esgrima e a dança, travará lá

bons conhecimentos e de vez em quando virá visitar-me para me dizer como está e se posso fazer alguma coisa por você.

Por muito que lhe fossem ainda alheias as maneiras da corte, d'Ar tagnan não deixou de notar a frieza com que era recebido.

- Infelizmente, senhor - disse -, só agora vejo quanta falta me faz hoje a carta de recomendação que meu pai me deu para o senhor.

- Com efeito - respondeu o Sr. de Tréville -, admira-me que tenha empreendido tão longa viagem sem esse viático obrigatório, único recurso de que nós, bearneses, podemos deitar mão.

- Tinha-o, senhor, e graças a Deus em boa forma, mas roubaram-no perfidamente! - exclamou D'Artagnan.

E contou toda a cena de Meung, sem deixar de descrever o gentil-homem desconhecido nos seus mais pequenos pormenores, tudo com um calor e uma sinceridade que encantaram o Sr. de Tréville.

- É estranho... - disse este último, pensativo. - Tinha portanto falado de mim em voz alta?

- Sim, senhor, não há dúvida que cometi essa imprudência. Mas que quer, um nome como o seu devia servir-me de escudo na viagem, desculpe se me coloquei muitas vezes sobre a cobertura dele...

A lisonja estava muito em moda então e o Sr. de Tréville gostava tanto de incenso como um rei ou um cardeal. Não pôde portanto impedir-se de sorrir com visível satisfação, mas o sorriso depressa se apagou e ele próprio voltou à aventura de Meung.

- Diga-me, esse gentil-homem não tinha uma leve cicatriz na têmpora? - perguntou.

- Tinha, assim como se tivesse sido feita por uma bala de raspão.

- Não era um homem de boa presença?

- Era.

- Alto?

- Sim.

- Branco de pele e de cabelo escuro?

- Sim, sim, exatamente. Como é possível, senhor, que conheça esse homem? Ah, se volto a encontrá-lo, e hei-de encontrá-lo, juro que nem que seja no Inferno...

- Esperava uma mulher? - continuou Tréville.

- E partiu depois de conversar um instante com ela.

- Não sabe qual foi o tema da conversa?

- Ele entregou-lhe uma caixa, disse-lhe que essa caixa continha as suas instruções e recomendou-lhe que só a abrisse em Londres.
- Essa mulher era inglesa?
- Ele tratava-a por Milady.
- É ele! - murmurou Tréville. - É ele! E eu que o julgava ainda em Bruxelas!
- Senhor, se sabe quem é esse homem!... - exclamou D'Artagnan. - Indique-me quem é e onde está, e o desobrigarei de tudo, mesmo da sua promessa de me fazer entrar para os mosqueteiros; porque mais do que qualquer outra coisa quero vingar-me!
- Guarde-se bem disso, rapaz! - atalhou Tréville. - Pelo contrário, se o vir aproximar-se por um lado da rua passe para o outro! Não esbarre com semelhante rochedo, ele o quebraria como se fosse de vidro.
- Isso não impede que se alguma vez o encontrar!... - respondeu D'Artagnan.
- Entretanto, não o procure, é o conselho que dou - insistiu o Sr. de Tréville. De súbito, Tréville deteve-se, assaltado por uma desconfiança súbita. Aquele grande ódio que manifestava tão desassombradamente o jovem viajante pelo homem que - coisa muito pouco verosímil - lhe roubara a carta do pai, esse ódio não esconderia alguma perfidia? Aquele rapaz não seria

enviado por Sua Eminência? Não viria armar-lhe uma cilada? Aquele pretense D'Artagnan não seria um emissário do cardeal que procurasse introduzir-se em sua casa, para, uma vez colocado junto dele, surpreender a sua confiança e perdê-lo mais tarde, como já acontecera milhares de vezes? Olhou D'Artagnan ainda mais fixamente desta segunda vez do que da primeira e ficou mediocrementemente tranquilizado com o aspecto daquela fisionomia cintilante de espírito astucioso e de humildade afetada. “Tenho certeza de que é gascão”, pensou, “mas tanto pode sê-lo para o cardeal como para mim. Vou experimentá-lo...”

- Meu amigo - disse lentamente -, desejo, tendo em conta ser filho do meu velho amigo, pois considero verdadeira a história dessa carta perdida, desejo, repito, para compensá-lo da frieza que de início notou no meu acolhimento, revelar-lhe os segredos da nossa política. O rei e o cardeal são os melhores amigos, os seus aparentes desencontros destinam-se apenas a enganar os tolos. Não quero que um compatriota, um belo cavaleiro, um bravo rapaz, nascido para triunfar, caia nesse logro e se deixe ir no bote como um lorpa, a exemplo de tantos outros que têm caído nessa besteira. Tenha sempre presente que sou dedicado a esses dois amos todo-poderosos e que nunca os meus atos terão outro objetivo que não seja o serviço do rei e do Sr. Cardeal, um dos mais ilustres gênios que a França produziu. Agora, rapaz, tome a sua decisão, e se tem, seja por motivos de família, seja por motivos de amizade, seja

até por instinto, alguma dessas inimizades contra o cardeal que vemos surgirem entre os gentis-homens, despeça-se de mim e nos separemos. Eu o ajudarei em todas as circunstâncias, mas sem o ligar à minha pessoa. De qualquer modo, espero que a minha franqueza o faça meu amigo, pois é até agora o único jovem a quem falei como acabo de falar.

Entretanto, Tréville dizia para consigo: “Se o cardeal me mandou esta jovem raposa, decerto não se esqueceu - pois sabe até que ponto o detesto - de

dizer ao seu espião que a melhor maneira de me fazer a corte era dizer-me o pior possível dele, por isso, apesar dos meus protestos, o astuto compadre vai me responder certamente que abomina Sua Eminência.”

Aconteceu precisamente o contrário do que Tréville esperava; D’Artagnan respondeu com a maior simplicidade:

- Senhor, chego a Paris com intenções muito semelhantes. Meu pai recomendou-me que não sofresse nada a não ser do rei, do Sr. Cardeal e do senhor, que considera as três primeiras personalidades de França.

D’Artagnan juntava o Sr. de Tréville aos outros dois, como se verifica, mas pensava que essa junção não teria qualquer inconveniente.

- Tenho a maior veneração pelo Sr. Cardeal - continuou - e o mais profundo respeito pelos seus atos. Tanto melhor para mim, senhor, se me fala, como diz, com franqueza; porque então me darei a honra de considerar tal semelhança agradável, mas se tivesse tido alguma desconfiança (aliás muito natural), creio que me perderia dizendo a verdade. Tanto pior, se assim acontecesse. No entanto, espero que apesar de tudo não deixe de me estimar, visto ser o que mais desejo no mundo.

O Sr. de Tréville ficou surpreendidíssimo. Tanta perspicácia, tanta franqueza enfim, causa-lhe admiração, mas não afastava inteiramente as suas dúvidas: quanto mais o jovem se revelava superior aos outros jovens, tanto mais temia enganar-se. Contudo, apertou a mão a D'Artagnan e disse-lhe:

- Você é um rapaz honesto, mas neste momento só posso fazer o que o ofereci há pouco. O meu palácio estará sempre aberto. Mais tarde, quando puder procurar-me a qualquer hora e por consequência aproveitar todas as oportunidades, obterei provavelmente o que desejar obter.

- Quer dizer, senhor, que espera que me torne digno disso - respondeu D'Artagnan. - Pois bem, fique tranquilo que não esperará muito tempo - acrescentou com a familiaridade do gascão.

E cumprimentou para se retirar, como se no futuro o resto fosse consigo.

- Espere - atalhou o Sr. de Tréville, detendo-o. - Prometi-lhe uma carta para o diretor da Academia. Você é muito orgulhoso para aceitá-la, meu jovem gentil-homem?

- Não, senhor - respondeu D'Artagnan. - E garanto-lhe que com essa não acontecerá o mesmo que aconteceu com a outra. Eu a guardarei tão bem que chegará, juro, ao seu destino, e aí daquele que tentasse roubá-la!

O Sr. de Tréville sorriu da fanfarronice e, deixando o seu jovem compatriota no vão da janela, onde se encontravam e tinham conversado, foi sentar-se a uma mesa e começou a escrever a carta de recomendação prometida. Entretanto, D'Artagnan, que não tinha nada melhor que fazer, pôs-se a tamborilar uma marcha nas vidraças, olhando os mosqueteiros, que se retiravam um após outro, e seguindo-os com a vista até desaparecerem à esquina da rua.

Depois de escrever a carta, o Sr. de Tréville lacrou-a, levantou-se e aproximou-se do jovem para lhe entregar a carta, mas no preciso momento em que D'Artagnan estendia a mão para a receber, o Sr. de Tréville ficou muito surpreendido ao ver o seu protegido sobressaltar-se, corar de cólera e correr para fora do gabinete gritando:

- Ah, maldito, desta vez não me escapará!

- Quem? - perguntou o Sr. de Tréville.

- O meu ladrão! - respondeu D'Artagnan. - Ah, traidor! E desapareceu.

- Diabo de louco! - murmurou o Sr. de Tréville. - A não ser - acrescentou - que seja uma maneira hábil de se esgueirar ao ver que falhou o golpe...

O OMBRO DE ATHOS, O BOLDRIÉ DE PORTHOS E O LENÇO DE ARAMIS

D'Artagnan, furioso, atravessara a antecâmara em três saltos e corria para a escada, cujos degraus contava descer quatro a quatro, quando, impelido pela corrida, foi chocar de cabeça baixa com um mosqueteiro que saía do gabinete do Sr. de Tréville por uma porta de serviço, mosqueteiro a quem fez soltar um grito, ou antes um berro, ao bater-lhe com a testa no ombro.

- Desculpe-me - disse D'Artagnan, tentando retomar a corrida -, desculpe-me que estou com pressa.

Mal descera, porém, o primeiro degrau quando um punho de ferro o agarrou pelo cinto e o deteve.

- Está com pressa! - gritou o mosqueteiro, pálido como uma mortalha. - E sob esse pretexto me da um encontrão e diz: "Desculpe-me", e julga que isso basta? De modo nenhum, meu

rapaz. Imagina, só porque ouviu o Sr. de Tréville nos falar um pouco bruscamente hoje, que qualquer nos pode tratar como ele nos fala? Está enganados, camarada, não é o Sr. de Tréville.

- Palavra - replicou D'Artagnan, que conheceu Athos, o qual, depois do penso feito pelo médico, voltava para sua casa -, palavra que não fiz de propósito e pedi desculpa. Parece-me portanto que basta. Repito, porém, e desta vez talvez seja muito, palavra de honra, que estou com pressa, com muita pressa. Largue-me, eu lhe suplico, e deixe-me ir aonde tenho de ir.

- Senhor - disse Athos, largando-o -, não é nada delicado. Vê-se bem que vem de longe.

D'Artagnan descera três ou quatro degraus, mas a observação de Athos deteve-o bruscamente.

- Com a breca, senhor, por muito de longe que venha não será o senhor que me dará uma lição de belas maneiras, previno-o! - respondeu.

- Talvez - contrapôs Athos.

- Ah, se não estivesse com pressa!... - gritou D'Artagnan. - Se não corresse atrás de alguém...

- Senhor homem apressado, me encontrará sem correr, ouviu?

- E onde, por favor?

- Perto dos Carmelitas Descalços.

- A que horas?
- Por volta do meio-dia.
- Por volta do meio-dia lá estarei.
- Procure não me fazer esperar, porque, desde já o previno, ao meio-dia e um quarto serei eu que correrei atrás de você e lhe cortarei as orelhas na corrida.
- Estarei lá ao meio-dia menos dez minutos! - gritou D'Artagnan. E desatou a correr como se o levasse o Diabo, esperando encontrar ainda o seu

desconhecido, que no seu passo tranquilo não devia ir longe.

Mas à porta da rua, Porthos conversava com um soldado da guarda. Entre os dois interlocutores havia justamente o espaço de um homem. D'Artagnan julgou que esse espaço lhe bastaria e correu para passar como uma flecha entre os dois. Mas D'Artagnan não contara com o vento. Quando ia a passar, o vento enfunou a comprida capa de Porthos e D'Artagnan foi esbarrar direitinho com a capa. Porthos tinha sem dúvida razões para não largar aquela parte essencial do seu traje, pois em vez de deixar o pano adejar, puxou-o para si, de modo que D'Artagnan enrolou-se no veludo devido a um movimento de rotação provocado pela resistência do obstinado Porthos.

Ao ouvir praguejar o mosqueteiro, D'Artagnan quis sair debaixo da capa, que o cegava, e procurou abrir caminho através das

pregas. Receava sobretudo estragar a magnificência do boldrié que já conhecemos, mas ao abrir timidamente os olhos encontrou-se com o nariz colado entre os ombros de Porthos, isto é, precisamente em cima do boldrié.

Infelizmente, como a maior parte das coisas deste mundo que não passam de aparência, o boldrié era de ouro pela frente e de simples pele de búfalo por trás. Porthos, como bom presunçoso que era, não podendo ter um boldrié todo de ouro, tinha ao menos um com metade, daí a necessidade do resfriado e a urgência da capa.

- Irra! - gritou Porthos, fazendo todos os esforços para se desembaraçar de D'Artagnan, que se lhe agitava nas costas. - Perdeu o juízo para se lançar assim sobre as pessoas?

- Desculpe-me - pediu D'Artagnan, reaparecendo debaixo do ombro do gigante -, mas estou com muita pressa, corro atrás de alguém e...

- Acaso se esquece dos olhos quando corre? - perguntou Porthos.

- Não - respondeu D'Artagnan, irritado -, não, e graças aos meus olhos vejo até o que não vêem os outros.

Tivesse ou não tivesse compreendido, o caso é que Porthos se deixou arrebatado pela cólera.

- Senhor - disse -, previno-o de que ainda o farei esfolar se desafia assim os mosqueteiros.

- Esfolar, senhor? - respondeu D'Artagnan. - A palavra é dura.
- É a que convém a um homem habituado a olhar de frente os seus inimigos.
- Oh, claro, sei perfeitamente que não vira as costas aos seus!... E o jovem, encantado com a sua saída, afastou-se rindo a bandeiras despregadas.

Porthos espumou de raiva e esboçou o gesto de se precipitar, sobre D'Artagnan.

- Mais tarde, mais tarde - gritou-lhe este -, quando não tiver a sua capa!
- À uma hora, atrás do Luxemburgo.
- Muito bem, à uma hora - respondeu D'Artagnan antes de dobrar a esquina.

Mas nem na rua que acabava de percorrer, nem naquela que abarcava agora com a vista descobriu ninguém. Por mais devagar que tivesse caminhado o desconhecido, distanciara-se, ou talvez tivesse entrado em alguma casa. D'Artagnan perguntou por ele a todas as pessoas que encontrou, desceu até à

barca e voltou a subir pela Rua de Seine e da Croix-Rouge, mas nada, absolutamente nada. No entanto, a corrida foi lhe

proveitosa, pois à medida que o suor lhe inundava a testa o coração esfriava-lhe.

Pôs-se então a refletir sobre os acontecimentos que acabavam de se verificar, eram numerosos e nefastos: ainda não passava das 11 horas e já a manhã lhe trouxera o desagrado do Sr. de Tréville, que não podia deixar de encontrar um pouco incorrecta a forma como D'Artagnan o deixara.

Além disso, arranajara dois bons duelos com dois homens capazes de matar cada um três D'Artagnans, com dois mosqueteiros enfim, isto é, com dois desses seres que estimava tanto que os colocava, no seu pensamento e no seu coração, acima de todos os outros homens.

A conjectura era triste. Certo de ser morto por Athos, compreende-se que o jovem não se preocupasse muito com Porthos. No entanto, como a esperança é a última coisa que se extingue no coração do homem, chegou à conclusão de que poderia escapar, com ferimentos terríveis evidentemente, dos dois duelos e, para o caso de sobreviver, dirigiu a si próprio, com vista ao futuro, as seguintes reprimendas:

“Sempre saí um bom desmiolado e um grande idiota! Aquele bravo e infeliz Athos estava ferido precisamente no ombro contra o qual fui chocar de cabeça, como um carneiro. A única coisa que me espanta é que não me tenha matado logo. Tinha esse direito, pois a dor que lhe causei deve ter sido atroz.

Quanto a Porthos... oh, quanto a Porthos a coisa é mais divertida!”

E mal-grado seu o jovem desatou a rir, embora observando se aquele riso isolado e sem motivo aos olhos dos que o viam rir, não iria ofender algum transeunte.

“Quanto a Porthos a coisa é mais divertida, mas nem por isso sou menos um miserável atrapalhado. Lanço-me assim sobre as pessoas sem dizer água vai! Não está certo... E ainda por cima meto o nariz debaixo da capa para ver o que lá não está! Teria me perdoado, decerto. Teria me perdoado se não falasse do maldito boldrié por meias palavras... Sim, e muito bem escolhidas! Ah, maldito gascão, quem se pôs a fritar numa frigideira cada vez que fica nervoso! D’Artagnan, meu amigo”, continuou, dirigindo-se a si mesmo com toda a amenidade que julgava dever-se, “se escapar desta, o que não é provável, no futuro terá de ser de uma delicadeza perfeita. No futuro, é preciso que te admirem, que te cite como modelo. Ser amável e cortês não é ser covarde. Põe os olhos em Aramis: Aramis é a brandura, a graça em pessoa. Contudo, nunca ninguém se lembrou de dizer que Aramis era um covarde. Não, evidentemente, e de futuro quero tomá-lo por modelo. Olhe, aí está ele!”

Enquanto caminhava e monologava, D’Artagnan chegara a poucos passos do Palácio de Aiguillon, diante do qual vira Aramis conversando alegremente com três gentis-homens das guardas reais. Pelo seu lado, Aramis também viu D’Artagnan,

mas como não esquecera que fora diante do jovem que o Sr. de Tréville se excedera tanto naquela manhã, e uma testemunha das censuras que os mosqueteiros tinham recebido não lhe era de modo algum agradável, fingiu não o ver. D'Artagnan é que pelo contrário, todo entregue aos seus planos de conciliação e cortesia, se aproximou dos quatro jovens, a quem fez um grande cumprimento acompanhado do mais gracioso sorriso. Aramis inclinou levemente a

cabeça, mas não sorriu. De resto, todos quatro interromperam imediatamente a conversa.

D'Artagnan não era tão tolo que não notasse que estava incomodando, mas ainda se não encontrava suficientemente familiarizado com as maneiras da alta sociedade para sair galantemente de uma situação falsa como é, em geral, a de um homem que se junta a pessoas que mal conhece e se intromete em uma conversa que não lhe diz respeito. Procurava portanto maneira de bater em retirada o menos canhestramente possível quando notou que Aramis deixara cair o lenço e, inadvertidamente sem dúvida, lhe pusera o pé em cima. Pareceu-lhe chegado o momento de reparar a sua inconveniência, baixou-se e, com o ar mais gracioso que conseguiu arranjar, tirou o lenço debaixo do pé do mosqueteiro, apesar dos esforços que este fez para retê-lo, e disse-lhe entregando-o:

- Creio, senhor, que não gostaria de perder este lenço.

O lenço era, com efeito, ricamente bordado e tinha uma coroa e armas numa das pontas. Aramis corou muito e mais arrancou do que pegou no lenço das mãos do gascão.

- Ah, ah!... - exclamou um dos guardas. - Ainda será capaz de dizer, discreto Aramis, que está zangado com a Sra de Bois-Tracy, quando essa graciosa dama tem a amabilidade de emprestar os seus lenços?

Aramis lançou a D'Artagnan um desses olhares que fazem compreender a um homem que acaba de arranjar um inimigo mortal, depois, retomando o seu ar melífluo:

- Enganam-se, senhores, este lenço não é meu e não sei por que motivo este senhor teve a extravagância de entregá-lo a mim em vez de a um de vocês, e a prova do que digo é que está aqui o meu, na minha algibeira.

Ditas estas palavras, tirou o seu próprio lenço, lenço muito elegante também, e de fina cambraia de linho, embora a cambraia fosse cara naquela época, mas lenço sem bordados, sem armas e adornado com uma única inicial, a do seu proprietário.

Desta vez, D'Artagnan ficou mudo, reconheceu a sua falta. Mas os amigos de Aramis é que não se deixaram convencer com as suas negativas e um deles dirigiu-se ao jovem mosqueteiro com afetada seriedade e disse-lhe:

- Se fosse como pretende, seria obrigado, meu caro Aramis, a pedi-lo, porque, como sabe, Bois-Tracy é um dos meus amigos íntimos e não quero que façam troféu dos pertences de sua mulher.

- Pede isso mal - respondeu Aramis. - Embora reconhecendo a justeza da sua reclamação quanto ao fundo, recusaria por causa da forma.

- A verdade - arriscou timidamente D'Artagnan - é que não vi sair o lenço da algibeira do Sr. Aramis. Tinha apenas o pé em cima, mais nada, e pensei que, visto ter o pé em cima dele, o lenço era seu.

- Mas enganou-se, meu caro senhor - respondeu friamente Aramis, pouco sensível à reparação.

Depois, virando-se para o guarda que se declarara amigo de Bois-Tracy, continuou:

- Aliás, refleti, meu caro íntimo de Bois-Tracy, que sou seu amigo não menos dedicado do que você próprio, de modo que, bem vistas as coisas, o lenço tanto pode ter caído da sua algibeira como da minha.

- Não, pela minha honra! - gritou o guarda de Sua Majestade.

- Jura pela sua honra e eu pela minha palavra, o que significa, evidentemente, que um de nós dois falta à verdade.

Olha, façamos melhor, Montaran, fiquemos cada um com metade.

- Do lenço?

- Sim.

- Perfeitamente! - exclamaram os outros dois guardas. - O julgamento do rei Salomão. Decididamente, Aramis, você é um homem cheio de sabedoria.

Os jovens desataram a rir e, como se calcula, o caso não teve outras consequências. Pouco depois a conversa terminou e os três guardas e o mosqueteiro, depois de apertarem cordialmente as mãos, separaram-se, os guardas para um lado e Aramis para outro.

“Chegou o momento de fazer as pazes com aquele galante homem”, disse para consigo D’Artagnan, que se mantivera um pouco afastado durante toda a última parte da conversa. E, pondo em prática a sua resolução, aproximou-se de Aramis, que se afastava sem lhe prestar atenção.

- Senhor - disse-lhe -, espero que me desculpe.

- Ah, senhor - interrompeu-o Aramis -, permiti-me que lhe observe que não agiu de modo algum neste caso como um homem galante deveria agir!

- Que diz, senhor? - exclamou D’Artagnan. - Está supondo...

- Suponho, senhor, que não é tolo, e que sabe perfeitamente, apesar de recém-chegado da Gasconha, que

não se põem os pés sem motivo em cima dos lenços de algibeira. Que diabo, Paris não é calcetado de cambraia!

- Senhor, faz mal em procurar humilhar-me - disse D'Artagnan, em quem o espírito natural começava a falar mais alto do que as resoluções pacíficas. - Sou da Gasconha, é verdade, e uma vez que o sabe não necessito dizer que os Gascões são pouco pacientes, de modo que quando se desculpam uma vez, mesmo de uma tolice, estão convencidos de que fizeram mais de metade do que deviam fazer.

- Senhor, o que lhe digo - respondeu Aramis - não é de maneira nenhuma para discutir. Valha-me Deus, não sou um espadachim, e sendo mosqueteiro apenas provisoriamente só me bato quando sou obrigado, e sempre com grande repugnância, mas desta vez o caso é grave, pois comprometeu uma dama.

- Comprometemos, deve dizer! - gritou D'Artagnan.

- Por que teve a infeliz idéia de me dar o lenço?

- Por que teve de deixá-lo cair?

- Já disse e repito, senhor, que o lenço não caiu da minha algibeira.

- Nesse caso, mentiu duas vezes, senhor, porque eu o vi cair da sua algibeira!

- Ah, quer levar as coisas para esse lado, Sr. Gascão?... Pois eu lhe ensinarei a viver!

- E eu mando-o rezar a missa, Sr. Abade! Desembainhe, por favor, e imediatamente.

- Não, por favor, meu bom amigo, não aqui, pelo menos. Não vê que estamos em frente do Palácio de Aiguillon, que se encontra cheio de criaturas do cardeal? Quem me diz que não foi Sua Eminência quem o encarregou de lhe fornecer a minha cabeça? Ora, prezo ridiculamente a minha cabeça, atendendo a

que me parece ficar bastante bem em cima dos meus ombros. Quero portanto matá-lo, fique tranquilo, mas matá-lo suavemente, num lugar fechado e protegido, onde não possa gabarem-se da sua morte a ninguém.

- De acordo. Mas não acredite nisso e leve o seu lenço, quer lhe pertença, quer não, talvez tenha oportunidade de se servir dele.

- O senhor é gascão? - perguntou Aramis.

- Sou. O senhor não estará adiando o encontro por prudência?

- A prudência, senhor, é virtude inútil aos mosqueteiros, bem sei, mas indispensável aos membros da Igreja, e como sou mosqueteiro apenas provisoriamente, procuro manter-me prudente. Às duas horas terei a honra de lhe esperar no palácio do Sr. de Tréville. Lá indicarei os bons lugares.

Os dois jovens saudaram-se e depois Aramis afastou-se pela rua que levava ao Luxemburgo, enquanto D'Artagnan, vendo que a hora ia adiantada, tomava o caminho dos Carmelitas Descalços dizendo para consigo: “Decididamente, não posso voltar atrás, mas ao menos, se for morto, serei morto por um mosqueteiro.”

OS MOSQUETEIROS DO REI E OS GUARDAS DO SR. CARDEAL

D'Artagnan não conhecia ninguém em Paris. Foi portanto ao encontro com Athos sem levar testemunhas, resolvido a contentar-se com as que o seu adversário tivesse escolhido. Aliás, era sua intenção formal apresentar ao bravo mosqueteiro todas as desculpas convenientes, mas sem fraqueza, pois temia que resultasse do duelo o que sempre resulta de aborrecido em um caso do gênero, quando um homem jovem e vigoroso se bate com um adversário ferido e enfraquecido: vencido, duplica o triunfo do seu antagonista, vencedor, é acusado de deslealdade e de audácia fácil.

Aliás, ou expusemos mal o carácter do nosso amigo de aventuras ou o nosso leitor já notou que D'Artagnan não era de modo algum um homem vulgar. Por isso, embora repetindo para consigo que a sua morte era inevitável, não se resignava a morrer serenamente, como outro menos corajoso e moderado

do que ele faria no seu lugar. Refletiu nos diferentes caracteres daqueles com quem ia se bater e começou a ver mais claro na sua situação. Esperava, graças às desculpas leais que lhe reservava, fazer um amigo de Athos, cujo ar de grande senhor e expressão austera muito lhe agradavam. Deleitava-o meter medo a Porthos com a aventura do boldrié, que podia, se não fosse imediatamente morto, contar a todos, e se soubesse tirar habilmente partido da história cobriria Porthos de ridículo, finalmente, quanto ao melífluu Aramis, não lhe metia muito medo, e supondo que chegasse até ele se encarregaria de despachá-lo realmente, ou pelo menos de feri-lo na face, como César recomendara que se fizesse aos soldados de Pompeu, de modo a ficar para sempre arruinada a beleza de que tanto se orgulhava.

Depois, D'Artagnan possuía esse fundo inabalável de resolução que tinham depositado no seu coração os conselhos do pai, conselhos cuja substância era: “Não tolerar nada a ninguém, exceto ao rei, ao cardeal e ao Sr. de Tréville.” Voou portanto, mais do que caminhou para o Convento dos Carmelitas Descalçados, ou antes Descalços, como se dizia na época, espécie de edifício sem janelas,

rodeado de prados áridos, sucursal do Pré-aux-Clercs, e que servia habitualmente para os recontros das pessoas que não podiam perder tempo.

Quando D'Artagnan chegou à vista do pequeno campo baldio que se estendia ao pé do mosteiro, Athos esperava-o havia apenas cinco minutos e estava dando meio-dia. Era portanto pontual como a samaritana e o mais rigoroso casuísta acerca de duelos nada teria a dizer.

Athos, que continuava a sofrer cruelmente do seu ferimento, embora tivesse sido pensado de novo pelo cirurgião do Sr. de Tréville, estava sentado em um marco e esperava o seu adversário com a atitude calma e o ar digno que nunca o abandonavam. Ao ver D'Artagnan, levantou-se e deu delicadamente alguns passos ao seu encontro. Este, pelo seu lado, aproximou-se do adversário de chapéu na mão e com a pluma arrastando pelo chão.

- Senhor - disse Athos -, mandei avisar dois amigos para me servirem de testemunhas, mas esses dois amigos ainda não chegaram. Admira-me que demorem, não é seu hábito.

- Eu não tenho testemunhas, senhor - respondeu D'Artagnan -, porque só ontem cheguei a Paris e não conheço ainda ninguém, excepto o Sr. de Tréville, a quem fui recomendado por meu pai, que tem a honra de ser um dos seus amigos.

Athos refletiu um instante.

- Só conhece o Sr. de Tréville? - perguntou.

- Só, senhor, só o conheço a ele.

- Nesse caso... - continuou Athos, falando metade para si e metade para D'Artagnan -, nesse caso... se o matar terei o ar de um fanfarrão!

- Nem por isso, senhor - respondeu D'Artagnan com uma saudação a que não faltava dignidade. - Nem por isso, uma vez que me dá a honra de desembainhar a espada contra mim com um ferimento que deve incomodá-lo muito.

- Muito mesmo, dou-lhe a minha palavra de honra; e o senhor fez-me um mal do diabo, devo dizer. Mas usarei a mão esquerda, como é meu hábito em tais circunstâncias. E não julgue que lhe faço um favor, pois esgrimo perfeitamente com ambas as mãos. Haverá até desvantagem para o senhor: um canhoto é muito incômodo para as pessoas que não estão preparadas. Lamento não ter lhe informado mais cedo a tal respeito.

- O senhor é realmente, - disse D'Artagnan, inclinando-se de novo -, de uma cortesia pela qual não posso estar mais reconhecido.

- Confunde-me - respondeu Athos, com o seu ar de gentil-homem. - Falemos portanto de outra coisa, peço-lhe, a menos que isso seja desagradável. Ah, como me machucou! Tenho o ombro em brasa.

- Se me permitisse... - começou D'Artagnan timidamente.

- O quê, senhor?

- Tenho um bálsamo miraculoso para os ferimentos, um bálsamo que me deu minha mãe e que já experimentei em mim mesmo.

- E então?

- E então estou certo de que em menos de três dias o bálsamo o curaria, e passados três dias, quando estivesse curado... Bom, senhor, seria sempre uma grande honra para mim defrontar-lhe.

D'Artagnan disse estas palavras com uma simplicidade que honrava a sua

cortesia, sem causar nenhuma beliscadura à sua coragem.

- Por Deus, senhor - disse Athos -, aí está uma proposta que me agrada, não porque a aceite, mas porque cheira à distância a gentil-homem. Era assim que falavam e procediam os bravos do tempo de Carlos Magno, cujo exemplo todo o cavaleiro deve procurar seguir. Infelizmente, não estamos no tempo do grande imperador. Estamos no tempo do Sr. Cardeal, e daqui a três dias todos saberiam que nos devemos bater, por mais bem guardado que estivesse o segredo, e impediriam o nosso combate. Mas, com a breca, quando chegarão esses vadios?! - exclamou, referindo-se às suas testemunhas.

- Se tem pressa, senhor - disse D'Artagnan a Athos com a mesma simplicidade com que um instante antes lhe propusera

adiarem o duelo por três dias -, se tem pressa e quer despachar-me imediatamente, não hesite, peço-lhe.

- Aí está mais uma palavra que me agrada - declarou Athos, fazendo um gracioso sinal de cabeça a D'Artagnan. - Não é de um homem sem miolos, mas é com certeza de um homem de coração. Senhor, aprecio os homens da sua têmpera e estou certo de que se não nos matarmos um ao outro terei mais tarde verdadeiro prazer em conversar com o senhor. Esperemos esses cavalheiros, peço-lhe, tenho muito tempo e será mais correto. Oh, aí vem um, creio!

Com efeito, o gigantesco Porthos começava a aparecer na extremidade da Rua de Vaugirard.

- O quê, a sua primeira testemunha é o Sr. Porthos?! - exclamou D'Artagnan.

- Pois é. E isso o contraria?

- Não, de modo nenhum.

- E aí vem a segunda.

D'Artagnan virou-se para o lado indicado por Athos e reconheceu Aramis.

- O quê, a sua segunda testemunha é o Sr. Aramis?! - exclamou em tom ainda mais estupefato do que da primeira vez.

- Sem dúvida. Não sabe que nunca nos vêm um sem os outros, e que nos chamam, entre os mosqueteiros e os guardas,

na corte e na cidade, Athos, Porthos e Aramis ou os três inseparáveis? Mas como veio de Dax ou de Pau...

- De Tarbes - corrigiu D'Artagnan.
- ... Ihe é permitido ignorar este pormenor - concluiu Athos.
- Palavra que os nomes lhes foram bem dados, senhores - declarou D'Artagnan -, e a minha aventura, se der alguma coisa que falar, provará pelo menos que a sua união não se baseia de modo algum nos contrastes.

Entretanto, Porthos aproximara-se e saudara Athos com a mão, depois, virando-se para D'Artagnan, ficara como que atônito. Digamos de passagem que mudara de boldrié e tirara a capa.

- Olá! Então que é isto?
- É com este senhor que me bato - respondeu Athos, indicando D'Artagnan com a mão e cumprimentando-o com o mesmo gesto.
- Também é com ele que me bato - declarou Porthos.
- Mas só daqui a uma hora - observou D'Artagnan.
- E eu também, é com este senhor que me bato - disse Aramis, chegando por seu turno ao campo.
- Mas só daqui a duas horas - esclareceu D'Artagnan, com a mesma calma.
- Mas por que se bate, Athos? - perguntou Aramis.

- Palavra que não sei muito bem, ele machucou-me o ombro... E você, Porthos?

- Bom... bato-me porque me bato - respondeu Porthos, corando. Athos, que não perdia nada, viu passar um sorriso malicioso pelos lábios do gascão.

- Tivemos uma discussão sobre indumentária - disse o jovem.

- E você, Aramis? - perguntou Athos.

- Bato-me por causa da teologia - respondeu Aramis, fazendo sinal a D'Artagnan rogando-lhe que mantivesse secreta a causa do seu duelo.

Athos viu passar segundo sorriso pelos lábios de D'Artagnan.

- Realmente? - insistiu Athos.

- Sim, um ponto acerca de Santo Agostinho sobre o qual não estamos de acordo - acrescentou o gascão.

- Decididamente, é um homem inteligente - murmurou Athos.

- E agora que estão reunidos, senhores - disse D'Artagnan -, permitam-me quee lhes apresente as minhas desculpas.

À palavra desculpas, passou uma nuvem pela frente de Athos, um sorriso altivo deslizou pelos lábios de Porthos e um sinal significativo foi a resposta de Aramis.

- Não me compreenderam, senhores - prosseguiu D'Artagnan, levantando a cabeça, na qual brincava naquele momento um raio de sol que lhe dourava as linhas finas e ousadas. - Peço-lhes desculpas no caso de não poder pagar a minha dívida a todos os três, porque o Sr. Athos tem o direito de ser o primeiro a matar-me, o que tira muito do seu valor ao seu crédito, Sr. Porthos, e torna o seu quase nulo, Sr. Aramis. E agora, senhores, repito-lhes, desculpem-me, mas apenas disto, e em guarda!

Após estas palavras, com o gesto mais cavalheiresco que se possa imaginar, D'Artagnan desembainhou a espada.

O sangue subira-lhe à cabeça e naquele momento desembainharia a espada contra todos os mosqueteiros do reino com a mesma facilidade com que acabava de desembainhá-la contra Athos, Porthos e Aramis.

Era meio-dia e um quarto. O Sol estava no zênite e o local escolhido para teatro do duelo encontrava-se exposto a todo o seu ardor.

- Está muito calor - disse Athos, desembainhando por sua vez a espada - e não posso despir o gibão, pois ainda há pouco senti a minha ferida sangrar e recearia incomodar este senhor mostrando-lhe sangue que ele próprio me não tirou.

- Tem razão, senhor - disse D'Artagnan -, e tirado por outro ou por mim garanto-lhe que verei sempre com muito pesar o

sangue de tão bravo gentil-homem. Me baterei portanto de gibão, como o senhor.

- Então, então - interveio Porthos -, chega de cumprimentos e lembrem-se de que esperamos a nossa vez.

- Fale só por você, Porthos, quando tiver de dizer semelhantes incongruências - interrompeu-o Aramis. - Quanto a mim, acho as coisas que estes senhores dizem um ao outro muito bem ditas e absolutamente dignas de dois gentis-homens.

- Quando quiser, senhor - disse Athos, pondo-se em guarda.

- Esperava as suas ordens - respondeu D'Artagnan, cruzando o ferro.

Mas as duas lâminas mal tinham acabado de ressoar ao tocarem-se quando um grupo de guardas de Sua Eminência, comandados pelo Sr. de Jussac, apareceu à esquina do convento.

- Os guardas do cardeal! - gritaram ao mesmo tempo Porthos e Aramis. - Espadas na bainha, senhores! Espadas na bainha!

Mas era muito tarde. Os dois combatentes tinham sido vistos numa posição que não permitia duvidar das suas intenções.

- Olá! - gritou Jussac, avançando para eles e fazendo sinal aos seus homens para o imitarem. - Olá, mosqueteiros! Com

que então estão batendo-se aqui?... E os editos, para que servem?

- São muito generosos, Srs. Guardas - disse Athos cheio de rancor, pois Jussac fora um dos agressores da antevéspera. - Se os víssemos baterem-se, garanto-lhe que por nada deste mundo os interromperíamos. Deixem-nos portanto continuar e terão prazer sem nenhum esforço...

- Senhores - respondeu Jussac -, é com grande pesar que declaro que é impossível. O nosso dever acima de tudo. Embainhem, pois, por favor, e acompanhem-nos.

- Senhor - respondeu Aramis, parodiando Jussac -, seria com grande prazer que obedeceríamos ao seu gracioso convite, se isso dependesse de nós, mas infelizmente a coisa é impossível. O Sr. de Tréville nos proibiu. Segui portanto o seu caminho, que é o melhor que tem a fazer.

Esta chacota exasperou Jussac.

- Nós os obrigaremos a nos acompanhar-nos se nos desobedecerem - replicou.

- Eles são cinco - disse Athos a meia voz -, e nós somos apenas três; seremos mais uma vez batidos e teremos de morrer aqui, pois desde declaro que não voltarei a aparecer vencido diante do capitão.

Então, Porthos e Aramis aproximaram-se imediatamente uns dos outros, enquanto Jussac alinhava os seus soldados.

Esse instante bastou a D'Artagnan para tomar partido: estava ali um desses acontecimentos que decidem a vida de um homem, havia ali uma escolha a fazer entre o rei e o cardeal, uma vez feita essa escolha, era preciso defendê-la. Lutar, isto é, desobedecer à lei, ou seja, arriscar a cabeça, quer dizer, arranjar de um momento para o outro, como inimigo, um ministro mais poderoso do que o próprio rei.

Foi isto que entreviu o jovem e, digamo-lo em seu louvor, não hesitou um segundo. Virando-se para Athos e para os seus amigos disse:

- Senhores, acrescentarei, se me permitirem, alguma coisa às suas palavras. Disseram que eram apenas três, mas parece-me que somos quatro.
- Mas você não é um dos nossos - respondeu Porthos.
- É verdade - respondeu D'Artagnan -, não tenho o uniforme, mas tenho a alma. O meu coração é mosqueteiro, bem o sinto, senhor, e isso me empolga.
- Afaste-se, rapaz! - gritou Jussac, que sem dúvida, pelos seus gestos e pela sua expressão, adivinhara as intenções de D'Artagnan. -Pode retirar-se que nós consentimos. Salve a pele. Vá, depressa.

D'Artagnan nem sequer se mexeu.

jovem.

- Decididamente, é um excelente rapaz - disse Athos, apertando a mão ao
- Vamos, vamos, decidam-se! - insistiu Jussac.
- Então, façamos qualquer coisa - disseram Porthos e Aramis.
- O cavalheiro está cheio de generosidade - troçou Athos.

Mas todos os três pensavam na juventude de D'Artagnan e temiam a sua

inexperiência.

- Somos apenas três, um dos quais ferido, mais uma criança - tornou Athos
- , mas nem por isso se deixará de dizer que éramos quatro homens.
- Pois sim, mas recuar... - observou Porthos.
- É difícil - admitiu Athos. D'Artagnan compreendeu a sua irresolução.
- Senhores, experimentem-me - disse - e juro por minha honra que não sairei daqui se formos vencidos.

- Como se chama, meu bravo? - perguntou Athos.
- D'Artagnan, senhor.
- Pois bem, Athos, Porthos, Aramis e D'Artagnan, em frente!
-gritou Athos.
- Então, senhores, decidiram-se ou não? - gritou pela terceira vez Jussac.
- Está decidido, senhores - respondeu Athos.
- E que partido tomam? - perguntou Jussac.
- Vamos ter a honra de atacá-los - respondeu Aramis, segurando no chapéu com uma das mãos e desembainhando a espada com a outra.
- Ah, vão resistir?! - gritou Jussac.
- Com a breca, e isso o admira?

E os nove combatentes precipitaram-se uns contra os outros com uma fúria que não excluía certo método.

Athos encarregou-se de um tal Cahusac, favorito do cardeal, Porthos de Biscarat, e Aramis viu-se diante de dois adversários.

Quanto a D'Artagnan, encontrou-se a terçar armas com o próprio Jussac.

O coração do jovem gascão pulsava como se lhe quisesse saltar do peito, não de medo, graças a Deus, de que não tinham nem sombra, mas sim de excitação. Batia-se como um tigre enfurecido, girando dez vezes à volta do adversário e

mudando vinte vezes de guarda e de terreno. Jussac era, como se dizia então, uma boa lâmina e praticara muito, no entanto, via-se em palpos de aranha para se defender de um adversário que, ágil e saltitante, se desviava constantemente das regras estabelecidas, atacando por todos os lados ao mesmo tempo, mas sempre comportando-se como um homem que tem o maior respeito pela sua pele.

Finalmente tal luta acabou por fazer perder a paciência a Jussac. Furioso por ser mantido em xeque por aquele que considerara uma criança, enervou-se e começou a cometer erros. D'Artagnan, que à falta de prática possuía profunda teoria, redobrou de agilidade. Ansioso por terminar, Jussac quis vibrar um golpe terrível no adversário e carregou a fundo, mas este parou de prima e, enquanto Jussac se endireitava, deslizou como uma serpente por debaixo do seu ferro e atravessou-lhe o corpo com a espada. Jussac tombou como uma massa.

D'Artagnan deitou então uma olhadela inquieta e rápida ao campo de batalha.

Aramis já matara um dos seus adversários, mas o outro perseguia-o

vivamente. Contudo, Aramis estava em boa situação e ainda podia se defender.

Biscarat e Porthos acabavam de dar uma estocada simultânea: Porthos recebera uma espadeirada num braço e Biscarat numa

coxa. Mas como nem uma nem outra das feridas era grave, ainda esgrimiam com mais encarniçamento.

Athos, ferido de novo por Cahusac, empalidecia a olhos vistos, mas não arredava pé. Apenas mudara a espada de mão e agora batia-se com a esquerda.

Segundo as leis do duelo da época, D'Artagnan podia acudir a qualquer um, mas enquanto procurava com a vista qual dos seus companheiros necessitava do seu auxílio, surpreendeu um olhar de Athos. Esse olhar era de uma eloquência sublime:

Athos mais depressa se deixaria matar do que pediria socorro, mas, sem ele querer, esse olhar também podia solicitar ajuda.

D'Artagnan adivinhou-o, deu um salto terrível e caiu sobre o flanco de Cahusac gritando:

- A mim, Sr. Guarda, ou o mato!

Cahusac virou-se, era tempo. Athos, a quem só sustinha a sua extrema coragem, caiu sobre um joelho.

- Por Deus - gritou a D'Artagnan -, não o mate, rapaz, lhe suplico! Tenho umas velhas contas a ajustar com ele, quando estiver curado e em boa saúde. Desarme-o apenas, prenda-lhe a espada. Isso... Bem, muito bem!

Esta exclamação era arrancada de Athos pela espada de Cahusac, que saltava a vinte passos dele. D'Artagnan e Cahusac correram ambos, um para a apanhar, o outro para se apoderar dela, mas D'Artagnan, mais rápido, chegou primeiro e colocou o pé em cima.

Cahusac correu para o guarda que Aramis matara, tirou-lhe a espada e quis ir ao encontro de D'Artagnan, mas encontrou no caminho Athos, que durante a pausa de um instante que lhe proporcionara D'Artagnan recuperara fôlego e que, com receio de que D'Artagnan matasse o inimigo, queria recomeçar o combate.

D'Artagnan compreendeu que seria ofender Athos não o deixar acabar. Com efeito, poucos segundos depois Cahusac caiu com a garganta atravessada pela espada.

Ao mesmo tempo, Aramis apoiava a espada no peito do seu adversário derrubado e obrigava-o a pedir mercê.

Restavam Porthos e Biscarat. Porthos entregava-se a mil e uma fanfarronices, perguntando a Biscarat que horas seriam e dando-lhe os parabéns pela companhia que o irmão acabava de obter no Regimento da Navarra, mas por mais que gracejasse, não ganhava nada. Biscarat era um desses homens de ferro que só desistem mortos.

Contudo, era preciso acabar. A ronda podia aparecer e prender todos os combatentes, feridos ou não, realistas ou cardinalistas. Athos, Aramis e D'Artagnan rodearam Biscarat e intimaram-no a render-se. Apesar de estar só contra todos e de uma estocada lhe ter atravessado a coxa, Biscarat teimava em prosseguir, mas Jussac, que se erguera em um cotovelo, gritou-lhe que se rendesse. Biscarat era um gascão como D'Artagnan, fez orelhas moucas e limitou-se a rir, e entre duas paradas

encontrou tempo para desenhar com a ponta da espada um espaço no chão.

- Aqui - disse parodiando um versículo da Bíblia -, aqui morrerá Biscarat, o único dos que estão com ele.

- Mas eles são quatro contra você acabe com isso, é uma ordem.

- Ah, se você ordena é outra coisa! - respondeu Biscarat. - Como é meu cabo, devo obedecer.

E dando um salto para trás quebrou a espada no joelho, para não entregá-la, atirou os pedaços por cima do muro do convento e cruzou os braços assobiando uma cantiga cardinalista.

A bravura é sempre respeitada, mesmo num inimigo. Os mosqueteiros saudaram Biscarat com as espadas e embainharam-nas. D'Artagnan fez o mesmo e depois, ajudado por Biscarat, o único que restava de pé, transportou para o pórtico do convento Jussac, Cahusac e o adversário de Aramis que só estava ferido. O quarto, como dissemos, estava morto. Depois tocaram a sineta e, levando quatro das cinco espadas dos adversários, dirigiram-se ébrios de alegria para o palácio do Sr. de Tréville.

Viram-nos passar de braço dado, ocupando toda a largura da rua e levando consigo todos os mosqueteiros que encontravam,

de modo que no fim encabeçavam uma marcha triunfal. O coração de D'Artagnan pulava de entusiasmo. O jovem caminhava entre Athos e Porthos, que enlaçava carinhosamente.

- Se ainda não sou mosqueteiro - disse aos seus novos amigos ao transpor a porta do palácio do Sr. de Tréville -, ao menos já fui recebido como aprendiz, não é verdade?

SUA MAJESTADE O REI LUÍS XIII

O caso deu muito que falar. O Sr. de Tréville ralhou muito e gritou com os mosqueteiros e felicitou-os em voz baixa, mas como não havia tempo a perder para prevenir o rei, o Sr. de Tréville apressou-se a ir ao Louvre. Mas já era tarde, o rei estava fechado com o cardeal e disseram ao Sr. de Tréville que trabalhava e não podia receber naquele momento. À noite, o Sr. de Tréville compareceu no jogo do rei. O rei ganhava, e como Sua Majestade era muito avaro estava de excelente humor, por isso, assim que o rei viu Tréville de longe, chamou-o:

- Venha aqui, Sr. Capitão, venha que quero chamar sua atenção. Sabe que Sua Eminência veio se queixar dos seus mosqueteiros, e com tal emoção que esta noite Sua Eminência

está doente? Sim, senhor, são endiabrados, gente digna da forca, os seus mosqueteiros!

- Não, Sire - respondeu Tréville, que viu num relance de olhos como a coisa ia acabar. - Não, muito pelo contrário, são boas criaturas, mansos como cordeiros e que só desejam uma coisa, garanto-lhe, que a sua espada só saia da bainha em serviço de Vossa Majestade. Mas, que querem, os guardas do Sr. Cardeal estão constantemente a desafiá-los e, por honra da própria corporação, os pobres rapazes são obrigados a defender-se.

- Escute o Sr. de Tréville, escute-o! - atalhou o rei. - Diria-se que fala de uma comunidade religiosa! Na verdade, meu caro capitão, sinto vontade de lhe tirar a sua patente e de dá-la a Mlle de Chemerault, a quem prometi uma abadia. Mas não pense que acreditarei assim sob palavra. Chamam-me Luís, o Justo, Sr. de Tréville, e daqui a pouco, daqui a pouco veremos.

- É por confiar nessa justiça, Sire, que esperarei paciente e tranquilamente

a decisão de Vossa Majestade.

- Espere, senhor, espere - disse o rei -, que não o farei esperar muito.

Com efeito, a sorte desandava, e como o rei começava a perder o que ganhara não lhe desagradava arranjar um

pretexto para fazer - que nos perdoem esta expressão de jogador, cuja origem confessamos ignorar - para “fazer Carlos Magno(1)”. O rei levantou-se pois passado um instante e meteu na algibeira o dinheiro que tinha diante de si e cuja maior parte provinha dos seus ganhos.

- Las Vieuville - disse -, tome o meu lugar que preciso falar com o Sr. de Tréville, sobre um assunto importante. Ah, tinha oitenta luíses diante de mim! Entre com a mesma importância para que aqueles que perderam não tenham de se queixar. A justiça acima de tudo.

Depois, virando-se para o Sr. de Tréville e caminhando com ele para o vão de uma janela, continuou:

- Diz então, senhor, que foram os guardas de Sua Eminência que se meteram com os seus mosqueteiros?

- Sim, Sire, como sempre.

- E como foi que isso aconteceu? Porque, como sabe, meu caro capitão, um juiz tem de ouvir as duas partes.

- Meu Deus, da forma mais simples e natural! Três dos meus melhores soldados, que Vossa Majestade conhece de nome e de que por mais de uma vez apreciou a dedicação, e que tomam, posso afirmá-lo ao rei, o seu serviço muito a sério, três dos meus melhores soldados, dizia, os Srs. Athos, Porthos e Aramis, tinham combinado um treino amigável com um jovem gascão que lhes recomendara nesta mesma manhã. O treino era para se realizar em Saint-Germain, segundo creio, e tinham

combinado encontrar-se nos Carmelitas Descalços quando apareceram o Sr. de Jussac e os Srs. Cahusac, Biscarat e mais dois guardas, que não andavam decerto por ali em tão numerosa companhia sem má intenção contra os mosqueteiros...

- Oh, oh! - exclamou o rei. - Com isso faz-me pensar que, sem dúvida, iam eles próprios para se bater.
- Não os acuso, Sire, mas deixo a Vossa Majestade apreciar que poderiam ir fazer cinco homens armados a um lugar tão deserto como são os arredores do convento dos Carmelitas.
- Sim, tem razão, Tréville tem razão.
- Então, quando viram os meus mosqueteiros mudaram de idéia e esqueceram o seu rancor particular pelo rancor da corporação, porque Vossa Majestade não ignora que os mosqueteiros, que são do rei e apenas do rei, são os inimigos naturais dos guardas, que estão ao serviço do Sr. Cardeal.
- Pois sim, Tréville, pois sim - disse o rei melancolicamente - mas é muito triste, pode crer, ver assim dois partidos na França, duas cabeças na realeza. Mas tudo isso acabará, Tréville, tudo isso acabará. Afirma portanto que os guardas se meteram com os mosqueteiros?
- Digo que é provável que as coisas tenham acontecido assim, mal não juro, Sire. Sabe como a verdade é difícil de descobrir, a menos que se seja dotado desse instinto admirável que levou a cognominar Luís XIII de o Justo...

1. Fazer Carlos Magno»: isto é, retirar-se bruscamente do jogo depois de ganhar e sem conceder a desforra. (N. do T.)

- Tem razão, Tréville. Mas os seus mosqueteiros não estavam sós, havia com eles um garoto.

- Pois havia, Sire, e um homem ferido, de modo que três mosqueteiros do rei, um dos quais ferido, e um garoto, não só enfrentaram cinco dos mais terríveis guardas do Sr. Cardeal, como ainda derrubaram quatro.

- Mas isso foi uma vitória! - exclamou o rei todo radiante. - Uma vitória completa!

- É verdade, Sire. Tão completa como a do Ponte de Cê.

- Quatro homens, um dos quais ferido, e um garoto, você diz?

- Um jovem ainda, mas que se comportou tão dignamente na ocasião que tomo a liberdade de recomendá-lo a Vossa Majestade.

- Como se chama?

- D'Artagnan, Sire. É filho de um dos meus mais velhos amigos, o filho de um homem que andou com seu pai, de gloriosa memória, na guerra de guerrilha.

- E diz que se portou bem, esse jovem? Conte-me, Tréville, bem sabe que aprecio os relatos de guerra e de combate.

E o rei Luís XIII cofiou orgulhosamente o bigode e pôs a mão na anca.

- Sire - prosseguiu Tréville -, como já disse, o Sr. D'Artagnan é quase uma criança, e como não tem a honra de ser mosqueteiro estava vestido de burguês. Os guardas do Sr. Cardeal, reconhecendo a sua grande juventude e além disso que era estranho à corporação, convidaram-no a retirar-se antes de atacarem.

- Então, pode ver, Tréville - interrompeu-o o rei -, que foram eles que atacaram.

- É verdade, Sire: assim não há dúvida. Intimaram-no a retirar-se, mas ele respondeu que era mosqueteiro de alma e coração e dedicado a Sua Majestade, e que portanto ficaria com os Srs. Mosqueteiros.

- Bravo rapaz! - murmurou o rei.

- E de fato ficou com eles e Vossa Majestade tem ali um firme campeão, pois foi ele que deu a Jussac a terrível estocada que tanto irritou o Sr. Cardeal.

- Foi ele que feriu Jussac?! - exclamou o rei. - Ele, uma criança?... É impossível, Tréville.

- É como tenho a honra de dizer a Vossa Majestade.

- Jussac, uma das primeiras lâminas do reino!

- Pois encontrou o seu mestre, Sire.
- Quero ver esse rapaz, Tréville, quero vê-lo, e se pudermos fazer alguma coisa por ele, nós a faremos.
- Quando se dignará Vossa Majestade recebê-lo?
- Amanhã ao meio-dia, Tréville.
- Trago-o sozinho?
- Não, traga todos os quatro. Quero agradecer-lhes ao mesmo tempo, os homens dedicados são raros, Tréville, e devemos recompensar a dedicação.
- Ao meio-dia, Sire, estaremos no Louvre.
- Ah, pela escada pequena, Tréville, pela escada pequena! É inútil que o cardeal saiba...
- Pois sim, Sire.
- Compreenda, Tréville, um edito é sempre um edito. No fim de contas os

duelos estão proibidos.

- Mas este recontro, Sire, sai inteiramente das condições habituais de um duelo. Foi uma rixa, e a prova é que eram cinco guardas do cardeal contra os meus três mosqueteiros e o Sr. D'Artagnan.
- É certo - admitiu o rei. - Mas não importa, Tréville, venha mesmo assim pela escada pequena.

Tréville sorriu. Mas como era já muito para ele ter obtido daquela criança que se revoltasse contra o seu mestre, saudou respeitosamente o rei e com sua licença despediu-se.

Os três mosqueteiros foram prevenidos na mesma noite da honra que lhes tinha sido concedida. Como conheciam havia muito tempo o rei, não ficaram muito excitados, mas D'Artagnan, com a sua imaginação gascã, viu nisso a sua fortuna futura e passou a noite entregue a sonhos dourados. Por isso, logo às oito horas da manhã estava na casa de Athos.

D'Artagnan encontrou o mosqueteiro completamente vestido e pronto para sair. Como a recepção do rei era só ao meio-dia, combinara com Porthos e Aramis irem jogar uma partida de péla numa casa de jogo situada nas imediações das cavalariças do Luxemburgo. Athos convidou D'Artagnan a acompanhá-los e este, apesar da sua ignorância do jogo, que nunca jogara, aceitou, já que não sabia em que empregar o tempo desde as nove horas da manhã, que ainda eram, até ao meio-dia.

Os dois mosqueteiros já tinham chegado e treinavam-se um com o outro. Athos, que era fortíssimo em todos os exercícios corporais, passou com D'Artagnan para o lado oposto e desafiou-os. Mas ao primeiro movimento que fez, embora jogasse com a mão esquerda, compreendeu que o seu ferimento era ainda muito recente para lhe permitir semelhante exercício. D'Artagnan ficou portanto sozinho, e como declarasse ser muito inexperiente para jogar uma partida em

regra, continuaram apenas a trocar bolas sem contar os pontos. Mas uma das bolas, lançada pelo punho hercúleo de Porthos, passou tão perto da cara de D'Artagnan que este pensou que, se em vez de lhe passar ao lado a bola lhe tivesse acertado, a sua audiência estaria provavelmente perdida, já que lhe seria impossível apresentar-se perante o rei. Ora, como dessa audiência, na sua imaginação gascã, dependia todo o seu futuro, saudou delicadamente Porthos e Aramis e declarou que só voltaria a jogar quando estivesse em condições de enfrentá-los e foi sentar-se junto da corda, na galeria.

Infelizmente para D'Artagnan entre os espectadores encontrava-se um guarda de Sua Eminência, o qual, ainda muito excitado com a derrota dos camaradas, ocorrida apenas na véspera, jurara a si mesmo aproveitar a primeira oportunidade para se vingar. Julgou pois que essa oportunidade chegara e dirigiu-se nestes termos ao seu vizinho:

- Não me admira que o rapaz tenha medo de uma bola, é sem dúvida aprendiz de mosqueteiro.

D'Artagnan virou-se como se tivesse lhe mordido uma serpente e olhou fixamente para o guarda que acabara de proferir palavras tão insolentes.

- Por Deus - prosseguiu o outro, cofiando insolentemente o bigode -, pode olhar-me à vontade, meu pequeno, que o que disse está dito!

- E como o que disse foi suficientemente claro para que as suas palavras

necessitem de explicação - respondeu D'Artagnan em voz baixa -, peço-lhe que me acompanhe.

- Quando? - perguntou o guarda no mesmo ar zombeteiro.

- Imediatamente, por favor.

- Sabe quem sou, decerto?

- Ignoro-o completamente e é coisa que não me preocupa muito.

- Pois faz mal, porque se soubesse o meu nome talvez tivesse menos pressa.

- Como se chama?

- Bernajoux, para servi-lo.

- Pois bem, Sr. Bernajoux - disse tranquilamente D'Artagnan -, vou esperá-lo à porta.

- Vá, senhor, que eu o acompanho.

- Não se apresse muito, senhor, para que se não veja que saímos juntos, decerto compreende que, para o que vamos fazer, muita gente nos incomodaria.

- Muito bem - respondeu o guarda, admirado por o seu nome não ter produzido qualquer efeito no jovem.

De fato, o nome de Bernajoux era conhecido todos, talvez com a única exceção de D'Artagnan, pois era daqueles que figuravam com mais frequência nas rixas diárias que todos os editos do rei e do cardeal não conseguiam reprimir.

Porthos e Aramis estavam tão ocupados com a sua partida, e Athos olhava-os com tanta atenção, que nem sequer deram pela saída do jovem companheiro, o qual, tal como dissera ao guarda de Sua Eminência, parou à porta. Um instante depois, o outro desceu por seu turno. Como D'Artagnan não tinha tempo a perder, já que a audiência do rei estar marcada para o meio-dia, olhou à sua volta e vendo que a rua estava deserta disse ao seu adversário:

- Palavra que tem sorte, apesar de se chamar Bernajoux, em se bater apenas com um aprendiz de mosqueteiro, mas pode ficar tranquilo que lutarei o melhor que puder. Em guarda!

- Mas - respondeu aquele que D'Artagnan provocava nestes termos - parece-me que o local é bastante mal escolhido e que estaríamos melhor atrás da Abadia de Saint-Germain ou no Pré-aux-Clercs.

- O que diz é muito sensato - respondeu D'Artagnan. - Infelizmente, disponho de pouco tempo, pois tenho um encontro ao meio-dia em ponto. Em guarda, portanto, senhor, em guarda!

Bernajoux não era homem a quem fosse preciso dirigir duas vezes semelhante intimação. No mesmo instante a espada

brilhou-lhe na mão e ele carregou a fundo sobre o adversário que, graças à grande juventude deste, esperava intimidar.

Mas D'Artagnan fizera na véspera a sua aprendizagem e, ainda orgulhoso da sua vitória e deslumbrado com o seu futuro, estava resolvido a não ceder um passo. Por isso, os dois ferros encontraram-se empenhados na luta, e como D'Artagnan sustentasse firme a sua posição foi o seu adversário que deu um passo atrás. Mas D'Artagnan aproveitou o momento em que, nesse movimento, o ferro de Bernajoux se desviou da linha, soltou-se, carregou e tocou o adversário no ombro. D'Artagnan deu por sua vez imediatamente um passo atrás e levantou a espada, mas Bernajoux gritou-lhe que não era nada e, carregando cegamente

sobre ele, foi ele próprio cravar-se na espada do adversário. Todavia, como não caía nem se declarava vencido, mas apenas se dirigia para os lados do palácio do Sr. de La Trémouille, ao serviço do qual tinha um parente, D'Artagnan, ignorando a gravidade da última ferida que o seu adversário recebera, atacava-o vivamente, e sem dúvida acabaria com ele com terceira estocada se o barulho que vinha da rua não chegasse ao jogo da pela e dois amigos do guarda, que o tinham ouvido trocar algumas palavras com D'Artagnan e visto sair depois dessas palavras, não se precipitassem de espada em punho para fora da casa de jogo e caíssem sobre o vencedor. Mas imediatamente Athos, Porthos e Aramis apareceram por sua

vez, e no momento em que os dois guardas atacavam o seu jovem camarada obrigaram-nos a virar-se. Nesse momento, Bernajoux caiu e como os guardas eram apenas dois contra quatro, desataram a gritar: “A nós, do palácio de La Trémouille!” Perante estes gritos, tudo o que estava no palácio saiu e atirou-se aos quatro companheiros, que da sua parte se puseram a gritar: “A nós, mosqueteiros!”

Este grito era habitualmente ouvido, porque todos sabiam que os mosqueteiros eram inimigos de Sua Eminência e os estimava pelo ódio que votavam ao cardeal. Por isso os guardas das outras companhias, excetuando as pertencentes ao duque Vermelho, como lhe chamava Aramis, tomavam em geral partido nesta espécie de rixas pelos mosqueteiros do rei. De três guardas da companhia do Sr. dos Essarts que passavam dois correram portanto em socorro dos quatro companheiros, enquanto o outro corria ao palácio do Sr. de Tréville gritando: “A nós, mosqueteiros, a nós!”

Como de costume, o palácio do Sr. de Tréville estava cheio de soldados dessa arma, que acorreram em auxílio dos seus camaradas. A confusão generalizou-se, mas a força estava do lado dos mosqueteiros. Os guardas do cardeal e os homens do Sr. de La Trémouille retiraram-se para o palácio, cujas portas fecharam a tempo de impedir que os seus inimigos entrassem juntamente com eles. Quanto ao ferido, fora sem demora transportado e, como dissemos, em muito mau estado.

A agitação estava no auge entre os mosqueteiros e os seus aliados e já se deliberava se, para castigar a insolência dos criados do Sr. de La Trémouille ao atacarem os mosqueteiros do rei, não seria melhor deitar fogo ao palácio. A proposta fora feita e acolhida com entusiasmo, quando felizmente deram onze horas. D'Artagnan e os companheiros lembraram-se da sua audiência e como lamentariam que se praticasse tão bela façanha sem eles conseguiram acalmar os ânimos. Limitaram-se portanto a atirar algumas pedras às portas, mas estas resistiram. Então, desistiram, aliás, aqueles que deviam assumir o papel de chefes da empresa tinham havia pouco deixado o grupo e dirigiam-se para o palácio do Sr. de Tréville, que os esperava, já sabendo da batalha.

- Depressa, ao Louvre! - disse ele. - Ao Louvre sem perda de um instante, e procuremos ver o rei antes de ser prevenido pelo cardeal. Contaremos a coisa como uma continuação do caso de ontem e ambos passarão juntos.

Acompanhado dos quatro jovens, o Sr. de Tréville dirigiu-se portanto para o Louvre, mas com grande espanto do capitão de mosqueteiros anunciaram-lhe que o rei fora caçar veados para a floresta de Saint-Germain. O Sr. de Tréville fez com que lhe repetissem duas vezes a notícia e de ambas as vezes os seus

companheiros viram o rosto nublar-se.

- Sua Majestade ontem projetava ir a essa caçada? - perguntou.
- Não, Excelência - respondeu o criado de quarto. - Foi o monteiro-mor que veio lhe anunciar esta manhã que tinham isolado esta noite um veado em sua intenção. Primeiro respondeu que não ia, mas depois não pôde resistir ao prazer que lhe prometia a caçada e depois do jantar partiu.
- O rei viu o cardeal? - perguntou o Sr. de Tréville.
- Muito provavelmente - respondeu o criado de quarto -, pois vi esta manhã os cavalos atrelados ao coche de Sua Eminência, perguntei aonde ia e responderam-me: “A Saint-Germain”
- Estamos elucidados - disse o Sr. de Tréville. - Meus senhores, falarei com o rei esta noite, mas quanto a vocês, não aconselho a se arrisquem por aí.

O aviso era muito razoável e sobretudo vinha de um homem que conhecia muito bem o rei, e por isso os quatro rapazes não tentaram sequer discordar. O Sr. de Tréville convidou-os portanto a irem para suas casas e esperarem notícias.

Ao entrar no seu palácio o Sr. de Tréville pensou que precisava ganhar tempo e para isso devia ser o primeiro a queixar-se. Assim, mandou um dos seus criados ao palácio do Sr. de La Trémouille com uma carta em que lhe solicitava que pusesse na rua o guarda do Sr. Cardeal e repreendesse os seus criados pela audácia que tinham tido em fazer uma surtida contra os

mosqueteiros. Mas o Sr. de La Trémouille, já prevenido pelo seu escudeiro, de quem, como sabemos, Bernajoux era parente, respondeu-lhe que não era nem ao Sr. de Tréville nem aos seus mosqueteiros que cabia o direito de se queixarem, mas muito pelo contrário a ele, a quem os mosqueteiros tinham atacado a criadagem e haviam querido colocar fogo no palácio. Ora, como o debate entre os dois fidalgos poderia eternizar-se, já que naturalmente cada um se obstinava na sua opinião, o Sr. de Tréville recorreu a um expediente destinado a acabar com tudo: foi procurar pessoalmente o Sr. de La Trémouille.

Dirigiu-se portanto para o seu palácio e fez-se anunciar.

Os dois fidalgos cumprimentaram-se cortesmente, pois se não havia amizade entre eles, havia pelo menos estima. Ambos eram pessoas de coração e de honra e como o Sr. de La Trémouille, por ser protestante e ver raramente o rei não era de nenhum partido, não usava em geral nas suas relações sociais de nenhuma prevenção.

Desta vez, porém, o seu acolhimento, apesar de cortês, foi mais frio do que de costume.

- Senhor - disse o Sr. de Tréville -, julgamos ter motivos de queixa um do outro e por isso vim pessoalmente para esclarecermos juntos o caso.

- Com muito gosto - respondeu o Sr. de La Trémouille. - Mas previno-lhe de que estou bem informado e de que toda a culpa é dos seus mosqueteiros.

- O senhor é um homem muito justo e razoável, senhor - disse o Sr. de Tréville -, para não aceitar a proposta que vou fazer.
- Diga, senhor, estou escutando.
- Como se encontra o Sr. Bernajoux, o parente do seu escudeiro?
- Mal, senhor, muito mal. Além da estocada que recebeu no braço, e que não é muito perigosa, ainda recebeu outra que lhe atravessou o pulmão, de modo que o médico poucas esperanças lhe dá.
- Mas o ferido conservou os sentidos?
- Perfeitamente.
- Fala?
- Com dificuldade, mas fala.
- Nesse caso, senhor, vamos vê-lo e supliquemos em nome de Deus, diante do qual talvez vá ser chamado, que diga a verdade. Tomo-o por juiz na sua própria causa, senhor, e acreditarei naquilo que ele disser.

O Sr. de Trémouille refletiu um instante e depois, como lhe era difícil fazer uma proposta mais razoável, aceitou.

Desceram ambos ao quarto onde estava o ferido. Este, ao ver entrar os dois nobres senhores que vinham visitá-lo, tentou

erguer-se na cama, mas estava muito fraco e, esgotado pelo esforço que fez, caiu quase sem sentidos.

O Sr. de La Trémouille aproximou-se da cama e o fez respirar saís que o restituíram à vida. Então o Sr. de Tréville, não querendo que o pudessem acusar de ter influenciado o doente, convidou o Sr. de La Trémouille a interrogá-lo.

O que o Sr. de Tréville previra aconteceu. Colocado entre a vida e a morte como estava Bernajoux, nem sequer lhe passou pela cabeça calar um instante a verdade, e contou aos dois fidalgos as coisas exatamente como tinham acontecido.

Era tudo o que queria o Sr. de Tréville. Desejou a Bernajoux rápida convalescença, despediu-se do Sr. de La Trémouille, regressou ao seu palácio e mandou prevenir imediatamente os quatro amigos de que os esperava para jantar. O Sr. de Tréville recebia pessoas de alta categoria, todas anticardinalistas.

Compreende-se portanto que a conversa girasse durante todo o jantar à roda das duas derrotas que acabavam de experimentar os guardas de Sua Eminência. Ora, como D'Artagnan fora o herói das duas jornadas, foi sobre ele que caíram todas as felicitações, que Athos, Porthos e Aramis lhe cederam não só como bons camaradas, mas também como homens que já tinham tido bastantes vezes o seu momento de glória para não lhe deixarem o dele.

Por volta das seis horas o Sr. de Tréville anunciou que tinha de ir ao Louvre, mas como a hora da audiência concedida por Sua

Majestade passara, em vez de exigir a entrada pela escada pequena instalou-se com os quatro jovens na antecâmara. O rei ainda não regressara da caça. Os jovens esperavam havia apenas meia hora, misturados com a multidão de cortesãos, quando todas as portas se abriram e anunciaram Sua Majestade.

Perante tal anúncio, D'Artagnan sentiu-se estremecer até à medula dos ossos. O instante que ia se seguir devia, segundo todas as probabilidades, decidir do resto da sua vida. Por isso os seus olhos fixaram-se com angústia na porta por onde devia entrar o rei.

Luis XIII apareceu à frente, estava em traje de caça, ainda coberto de pó, de grandes botas e chicote na mão. No primeiro relance de olhos D'Artagnan descobriu que a tempestade bramava no espírito do rei.

Semelhante disposição, por mais visível que fosse em Sua Majestade, não impediu os cortesãos de se alinharem à sua passagem. Nas antecâmaras reais é preferível ser visto com um olhar irritado do que não ser visto de todo. Os três mosqueteiros não hesitaram pois em dar um passo em frente, enquanto D'Artagnan, pelo contrário, permanecia escondido atrás deles. Mas embora o rei

conhecesse pessoalmente Athos, Porthos, e Aramis, passou por eles sem os olhar, sem lhes falar e como se nunca os tivesse

visto. Quanto ao Sr. de Tréville, quando os olhos do rei se detiveram um instante nele sustentou esse olhar com tanta firmeza que foi o rei quem desviou a vista, em seguida, resmungando, Sua Majestade entrou nos seus aposentos.

- Os negócios vão mal - disse Athos, sorrindo - e ainda não será desta vez que nos farão cavaleiros da ordem.

- Esperem aqui dez minutos - recomendou-lhes o Sr. de Tréville - e se ao fim de dez minutos não me vierem sair, regressem ao meu palácio, pois será inútil esperarem mais tempo.

Os quatro jovens esperaram dez minutos, um quarto de hora, vinte minutos; e vendo que o Sr. de Tréville não reaparecia, saíram muito inquietos com o que estaria acontecendo.

O Sr. de Tréville entrara ousadamente no gabinete do rei e encontrara Sua Majestade de péssimo humor, sentado num cadeirão e batendo nas botas com o cabo do chicote, o que não o impedira de lhe pedir com a maior fleuma notícias da sua saúde.

- Más, senhor, más - respondeu o rei. - Estou aborrecido.

Era com efeito a pior doença de Luis XIII, que muitas vezes pegava num cortesão, levava-o para uma janela e dizia-lhe: “Senhor, fiquemos aborrecidos juntos.”

- Como, Vossa Majestade se aborreceu?! - exclamou o Sr. de Tréville. - Mas não teve hoje o prazer da caça?

- Belo prazer, senhor! Pela minha salvação, tudo degenera e não sei se é a caça que perdeu o cheiro ou os cães que perderam o faro. Lançamos um veado de dez galhos, nós o perseguimos durante seis horas e quando estava prestes a cair, quando Saint-Simon levava a trompa à boca para tocar o halai, zás!, toda a matilha muda de direção e atira-se a um veado novo. Verá que acabarei por ser obrigado a renunciar à caça de montaria como já renunciei à caça ao voo. Ah, sou um rei muito infeliz, Sr. de Tréville! Só tinha um gerifalto e esse morreu anteontem.

- Com efeito, Sire, compreendo o seu desespero, pois a infelicidade é grande, mas ainda lhe resta, parece-me, bom número de falcões, de gaviões e de esmerilhões.

- E nem um homem para ensiná-los, os falcoeiros vão desaparecendo e só eu conheço a arte da montaria. Depois de mim tudo acabará e se caçará com armadilhas de várias espécies. Se ainda tivesse tempo de formar discípulos!... Mas não, aí está o Sr. Cardeal que não me dá um instante de repouso, que me fala da Espanha, que me fala da Áustria, que me fala da Inglaterra! Ah, a propósito do Sr. Cardeal, Sr. de Tréville, estou descontente com o senhor!

O Sr. de Tréville esperava que o rei abordasse assim o assunto. Conhecia-o de longa data e compreendera que todos os seus queixumes não passavam de um prefácio, de uma espécie de excitação para se encorajar, e que era ali que queria chegar finalmente.

- E em que tive a infelicidade de desagradar a Vossa Majestade? - perguntou o Sr. de Tréville, fingindo o mais profundo espanto.

- É assim que desempenha o seu cargo, senhor? - continuou o rei sem responder diretamente à pergunta do Sr. de Tréville. - Foi para isso que o nomeei

capitão dos meus mosqueteiros, para que eles assassinem um homem, ponham todo um bairro em alvoroço e queiram incendiar Paris sem dizer nada? Mas talvez

- continuou o rei - decerto precipito-me ao acusá-lo, sem dúvida os perturbadores estão na prisão e vem anunciar-me que foi feita justiça...

- Sire - respondeu tranquilamente o Sr. de Tréville -, venho, ao contrário, pedi-la.

- E contra quem? - insurgiu-se o rei.

- Contra os caluniadores - respondeu o Sr. de Tréville.

- Essa agora é nova! - respondeu o rei. - Não venha me dizer que os seus três malditos mosqueteiros, Athos, Porthos e Aramis, e o seu cadete do Béarn, não se atiraram como loucos sobre o pobre Bernajoux e não o maltrataram de tal forma que é provável que esteja dando a alma ao Criador neste momento! Não me diga depois que não cercaram o palácio do duque de La Trémouille e não quiseram incendiá-lo! O que talvez não

tivesse sido uma grande desgraça em tempo de guerra, visto ser um ninho de huguenotes, mas em tempo de paz é um desagradável exemplo. Diga, vai negar tudo isto?

- E quem fez esse belo relato, Sire? - perguntou tranquilamente o Sr. de Tréville.

- Quem fez este belo relato, senhor? E quem o senhor queria que fosse a não ser aquele que vela enquanto durmo, que trabalha enquanto me divirto, que dirige tudo dentro e fora do reino, tanto na França como na Europa?

- Vossa Majestade quer falar de Deus, sem dúvida - observou o Sr. de Tréville -, pois não conheço ninguém mais poderoso do que Vossa Majestade a não ser Deus.

- Não, senhor; refiro-me ao sustentáculo do Estado, ao meu único servidor, ao meu único amigo, ao Sr. Cardeal.

- Sua Eminência não é Sua Santidade, Sire.

- Que quer dizer com isso, senhor?

- Que só o papa é infalível e que essa infalibilidade não se estende aos cardeais.

- Quer dizer que me engana, quer dizer que me atraiçoa. Acuse-o então.

Vamos, diga, confesse francamente que o acusa.

- Não Sire, mas digo que se engana a si mesmo, digo que foi mal informado, digo que teve pressa de acusar os

mosqueteiros de Vossa Majestade, para com os quais é injusto e que não foi beber as suas informações em boas fontes.

- A acusação vem do Sr. de La Trémouille, do próprio duque. Que responde a isto?

- Poderia responder, Sire, que se trata de pessoa muito interessada na questão para ser uma testemunha imparcial; mas longe disso, Sire, conheço o duque como um leal gentil-homem e confiarei nele, mas com uma condição, Sire.

- Qual?

- Que Vossa Majestade mande chamá-lo e o interrogue pessoalmente, em particular, sem testemunhas, e que Vossa Majestade voltará a me receber assim que despedir o duque.

- Seja! - concordou o rei. - E acreditará no que disser o Sr. de La Trémouille?

- Acreditarei, Sire.

- Aceitará a sua sentença?

- Sem dúvida.

- E se submeterá às reparações que exigir?

- Absolutamente.

- La Chesnaye! - chamou o rei. - La Chesnaye!

O criado de quarto de confiança de Luís XIII, que se encontrava sempre à porta, entrou.

- La Chesnaye - disse o rei -, vão imediatamente buscar o Sr. de La Trémouille, quero falar com ele esta noite.

- Vossa Majestade dá a sua palavra de que não verá ninguém entre o Sr. de La Trémouille e eu?

- Ninguém, palavra de gentil-homem.

- Nesse caso, até amanhã, Sire.

- Até amanhã, senhor.

- A que horas deseja Vossa Majestade receber-me?

- À hora que o senhor quiser.

- Mas se vier muito cedo receio acordar Vossa Majestade...

- Acordar-me? Mas eu durmo? Já não durmo, senhor.

Sonho apenas algumas vezes. Venha pois tão cedo quanto queira, às sete horas. Mas se prepare se os seus mosqueteiros forem culpados!

- Se os meus mosqueteiros forem culpados, Sire, serão postos nas mãos de Vossa Majestade, que disporá deles conforme entender. Vossa Majestade ordena mais alguma coisa? Diga, estou pronto a obedecê-lo.

- Não, senhor, não, e não foi sem razão que me cognominaram Luís, o Justo. Até amanhã, senhor, até amanhã.

- Deus guarde até lá Vossa Majestade!

Se o rei pouco dormiu, o Sr. de Tréville ainda dormiu pior. Mandara avisar naquela mesma noite os seus três mosqueteiros e o seu companheiro para estarem no palácio às seis e meia da manhã. Levou-os consigo sem nada lhes garantir, sem nada lhes prometer, e não lhes ocultou que o valimento deles e mesmo o seu dependiam de um lance de dados.

Chegados ao fundo da escada pequena mandou-os esperar. Se o rei continuasse irritado contra eles, se retirariam sem ser vistos, se o rei consentisse em recebê-los, mandaria chamá-los.

Quando chegou à antecâmara particular do rei o Sr. de Tréville encontrou La Chesnaye que lhe disse que não tinham encontrado o duque de La Trémouille na véspera à noite no seu palácio, que regressara muito tarde para se apresentar no Louvre, que acabava de chegar e estava naquele momento com o rei.

Esta circunstância agradou muito ao Sr. de Tréville, pois assim podia estar certo de que nenhuma sugestão estranha se insinuaria entre o depoimento do Sr. de La Trémouille e ele.

Com efeito, passados apenas dez minutos a porta do gabinete se abriu e o Sr. de Tréville viu sair o duque de La Trémouille, que se aproximou dele e lhe disse:

- Sr. de Tréville, Sua Majestade mandou me chamar para saber como se

tinham passado as coisas ontem de manhã no meu palácio. Contei-lhe a verdade, isto é, que a culpa fora dos meus criados e que estava pronto a apresentar-lhe as minhas desculpas. E já que o encontro, digne-se recebê-las e considerar-me sempre um dos seus amigos.

- Sr. Duque - respondeu o Sr. de Tréville -, tinha tanta confiança na sua lealdade que não quis junto de Sua Majestade outro defensor além do senhor. Vejo que não me enganei e congratulo-me por ainda haver na França um homem de quem se possa dizer o que disse, sem nos enganarmos.

- Pronto, pronto! - interveio o rei, que escutara todos estes cumprimentos entre as duas portas. - Diga-lhe apenas, Tréville, uma vez que pretende ser um dos seus amigos, que eu também gostaria de ser dos seus, mas que ele me despreza, que há quase três anos não o via e que só o vejo quando o mando chamar. Diga-lhe tudo isto da minha parte, pois esta são das coisas que um rei não pode dizer pessoalmente.

- Obrigado, Sire, obrigado - respondeu o duque. - Mas que Vossa Majestade acredite que não são aqueles, e não digo isto pelo Sr. de Tréville, que não são aqueles que vê a toda a hora do dia que lhe são mais dedicados.

- Ah, ouviu o que disse! Tanto melhor, duque, tanto melhor - disse o rei, avançando até fora da porta. - Então, Tréville, onde estão os seus mosqueteiros? Disse-lhe anteontem que os trouxesse, porque não o fez?

- Estão lá em baixo, Sire, e com sua licença La Chesnaye irá dizer-lhes que subam.

- Sim, sim, que venham imediatamente, são oito horas e às nove espero uma visita. Vá, Sr. Duque, e volte, sobretudo. Entrei, Tréville.

O duque cumprimentou e saiu. No momento em que abria a porta, os três mosqueteiros e D'Artagnan, acompanhados por La Chesnaye, apareciam no alto da escada.

- Venham, meus bravos - disse o rei -, venham, tenho de brigar com os senhores.

Os mosqueteiros aproximaram-se e inclinaram-se, D'Artagnan ia atrás.

- Como diabo - continuou o rei - conseguiram os quatro pôr fora de combate em dois dias sete guardas de Sua Eminência? É muito, senhores, é muito... Por esse andar, Sua Eminência será obrigado a renovar a sua companhia no espaço de três semanas e eu terei de mandar aplicar os editos com todo o rigor. Um por acaso, vá lá, mas sete em dois dias, repito, é de mais, é muito.

- Por isso, Sire, aqui estão todos contritos e arrependidos a apresentar-lhe as suas desculpas.

- Todos contritos e arrependidos! Hum... - resmungou o rei - não confio nas suas caras hipócritas, há sobretudo lá atrás uma cara de gascão. Aproxime-se, senhor.

D'Artagnan, ao ver que o rei o chamava, aproximou-se com o seu ar mais desesperado.

- Não me disse que era um jovem? É uma criança, Sr. de Tréville, uma verdadeira criança! E foi ele que deu aquela valente estocada a Jussac?

- E aquelas duas a Bernajoux.

- Realmente?

- Sem contar - interveio Athos - que se me não tivesse tirado das mãos de

Biscarat eu não teria com certeza a honra de fazer neste momento a minha humilíssima reverência a Vossa Majestade.

- Mas então este bearnês é um autêntico mafarrico, com mil demônios, como diria o rei meu pai, Sr. de Tréville. Nessa profissão devem furar muitos gibões e partir muitas espadas. Ora os Gascões continuam a ser pobres, não é verdade?

- Sire, devo dizer que ainda não se encontraram minas de ouro nas suas montanhas, embora o Senhor lhes deva bem esse

milagre em recompensa da forma como sustentaram as pretensões do rei seu pai.

- O que quer dizer que foram os Gascões que me fizeram rei a mim mesmo, não é verdade, Tréville, uma vez que sou filho do meu pai... Bom, não digo que não! La Chesnaye, vá ver se procurando em todas as minhas algibeiras encontra quarenta pistolas e se as encontrar, traga-as. E agora vejamos, meu rapaz, com a mão na consciência, como se passaram as coisas.

D'Artagnan contou a aventura da véspera em todos os seus pormenores: como, não podendo dormir devido à alegria que experimentava por ver Sua Majestade, chegara a casa dos amigos três horas antes da marcada para a audiência, como tinham ido juntos à casa de jogo e como, por ter deixado transparecer o receio de receber uma bolada na cara, fora ridicularizado por Bernajoux, o qual quase pagara a zombaria com a vida, e o Sr. de La Trémouille, que nada tivera a ver com o caso, com a perda do seu palácio.

- Exato - murmurou o rei. - Foi assim que o duque me contou as coisas. Pobre cardeal! Sete homens em dois dias e dos seus mais favoritos... Mas agora basta, senhores, ouviram? Basta! Tiraram a sua desforra da Rua Férou, e mais ainda, devem estar satisfeitos.

- Se Vossa Majestade está, nós também estamos - disse Tréville.

- Estou, sim - declarou o rei, pegando um punhado de ouro da mão de La Chesnaye e metendo-o na de D'Artagnan. - Aqui tem uma prova da minha satisfação.

Naquela época as idéias de orgulho em uso nos nossos dias ainda não estavam na moda. Um gentil-homem recebia de mão para mão dinheiro do rei sem se sentir de modo algum humilhado. D'Artagnan meteu portanto as quarenta pistolas na algibeira sem fazer qualquer cerimônia, antes pelo contrário agradecendo profundamente a Sua Majestade.

- Bom - disse o rei, olhando o relógio de sala -, bom, e agora que já são oito e meia retirem-se porque, como disse, espero alguém às nove horas. Obrigado pela sua dedicação, senhores. Posso contar com ela, não é verdade?

- Oh, Sire! - exclamaram em uníssono os quatro companheiros. - Estamos prontos a ser esquartejados por Vossa Majestade!

- Pois sim, pois sim, mas fiquem inteiros, é melhor e me serão mais úteis. Tréville - acrescentou o rei a meia voz enquanto os outros se retiravam -, como não existe vaga nos mosqueteiros e aliás para entrar nessa corporação decidimos que era necessário fazer um noviciado, coloque esse rapaz na companhia dos guardas do Sr. dos Essarts, seu cunhado. Meu Deus, Tréville, como vou me divertir com o rosto que vai fazer o cardeal! Ficaré furioso, mas não quero saber; estou no meu direito.

E o rei saudou com a mão Tréville, que saiu e foi se juntar aos seus

mosqueteiros, que encontrou dividindo com D'Artagnan as quarenta pistolas.

E o cardeal, como dissera Sua Majestade, ficou efetivamente furioso, tão furioso que durante oito dias não compareceu ao jogo do rei, o que não impediu este de lhe mostrar a mais risonha cara do mundo todas as vezes que o encontrou, e de lhe perguntar com a sua voz mais afável:

- Então, Sr. Cardeal, como vão o pobre Bernajoux e o pobre Jussac?

COMO VIVIAM OS MOSQUETEIROS

Quando, fora do Louvre, D'Artagnan consultou os amigos acerca da forma como devia empregar a sua parte das quarenta pistolas, Athos aconselhou-o a encomendar uma boa refeição na Pomme de Pin, Porthos a contratar um lacaio e Aramis a arranjar uma amante conveniente.

A refeição comeu-se no mesmo dia e o lacaio serviu-os à mesa. A refeição fora encomendada por Athos e o lacaio arranjado

por Porthos. Era um picardo que o glorioso mosqueteiro contratara naquele mesmo dia e para aquela ocasião na Ponte da Tournelle, enquanto se pavoneava e cuspia para a água.

Porthos afirmara que semelhante ocupação era a prova de uma organização reflexiva e contemplativa, e trouxera-o sem outra recomendação. A excepcional aparência do gentil-homem para o serviço do qual se julgou contratado seduziu Planchet - era este o nome de picardo -, que teve uma pequena decepção quando viu que o lugar já estava ocupado por um colega chamado Mousqueton e Porthos lhe declarou que o serviço da sua casa, apesar de grande, não comportava dois criados e que portanto o ia fazer entrar ao serviço de D'Artagnan. Todavia, quando assistiu ao jantar dado pelo amo e viu este tirar para pagar um punhado de ouro da algibeira, julgou estar feita a sua fortuna e agradeceu ao Céu ter caído nas mãos de semelhante Crésus. Perseverou nesta opinião até depois do festim, com os restos do qual se compensou de longas abstinências, mas quando à noite fez a cama do amo, os sonhos de Planchet desvaneceram-se. A cama era a única coisa que havia no apartamento, que se compunha de uma antecâmara e de um quarto de dormir. Planchet dormiu na antecâmara, em um cobertor tirado da cama de D'Artagnan e de que este se privou depois.

Pela sua parte, Athos tinha um criado que instruíra no seu serviço de forma muito especial e se chamava Grimaud. Era muito calado, este digno cavalheiro. Referimo-nos a Athos,

evidentemente. Havia cinco ou seis anos que vivia na mais profunda intimidade com os seus camaradas Porthos e Aramis, os quais se recordavam de tê-lo visto sorrir muitas vezes, mas nunca de ouvi-lo rir. As suas palavras eram breves e expressivas, diziam sempre o que queriam dizer e mais nada: nada de enfeites, nada de floreios, nada de arabescos. A sua conversação era um fato sem nenhum episódio.

Embora Athos tivesse apenas trinta anos e fosse perfeitíssimo de corpo e de espírito, ninguém lhe conhecia amante. Nunca falava de mulheres. Mas não impedia que se falasse diante dele, embora fosse fácil de ver que tal gênero de conversa, em que só participava com palavras amargas e alusões misantrópicas, lhe era absolutamente desagradável. A sua reserva, a sua agressividade e o seu

mutismo tornavam-no quase um velho. Tinha portanto, para não ver os seus hábitos alterados, acostumado Grimaud a obedecer-lhe a um simples gesto ou a um simples movimento de lábios. Só falava em circunstâncias supremas.

Às vezes Grimaud, que tinha medo do amo como do fogo, embora lhe fosse muito dedicado e tivesse uma grande veneração pela sua inteligência, julgava ter compreendido perfeitamente o que ele desejava e corria a cumprir a ordem recebida, mas fazia precisamente o contrário. Então, Athos

encolhia os ombros e sem se encolerizar desancava Grimaud. Nesses dias falava um pouco.

Porthos, como já tivemos ensejo de ver, tinha um temperamento completamente oposto ao de Athos: não só falava muito, como ainda falava alto. Pouco lhe importava aliás, é necessário prestar-lhe essa justiça, que o escutassem ou não, falava pelo prazer de falar e pelo prazer de se ouvir, falava de tudo exceto de ciências, justificando desse modo o ódio inveterado que desde a infância dedicava, dizia, aos sábios. Tinha maneiras menos distintas do que Athos, e a noção da sua inferioridade a tal respeito tornara-o, no princípio das suas relações, muitas vezes injusto para com aquele gentil-homem, que então se esforçara por exceder com os seus esplêndidos trajes. Mas, com a sua simples sobreveste de mosqueteiro e apenas pela forma como lançava a cabeça para trás e avançava o pé, Athos ocupava imediatamente o lugar que lhe era devido e relegava o faustoso Porthos para segundo plano. Porthos consolava-se disso enchendo a antecâmara do Sr. de Tréville e as casas de guarda do Louvre com a descrição das suas aventuras galantes, de que Athos nunca falava, e de momento, depois de passar da nobreza de toga à nobreza de espada, da mulher ou filha de magistrado à baronesa, Porthos já não se contentava com menos do que com uma princesa estrangeira que estava apaixonadíssima por ele.

Um velho provérbio diz: “Tal amo, tal criado.” Passemos portanto do criado de Athos ao criado de Porthos, de Grimaud a Mousqueton.

Mousqueton era um normando a quem o amo trocara o nome pacífico de Boniface pelo infinitamente mais sonoro e belicoso de Mousqueton. Entrara ao serviço de Porthos com a condição de lhe ser dado apenas vestuário e alojamento. Além disso, só queria duas horas por dia para as dedicar a uma indústria que devia bastar para prover às suas outras necessidades. Porthos aceitara o negócio, que lhe calhava às mil maravilhas. Mandava fazer a Mousqueton gibões das suas roupas velhas e das suas capas de reserva, e graças a um alfaiate muito habilidoso que lhe punha as roupas velhas como novas, virando-as, e cuja mulher se suspeitava pretender que Porthos descesse dos seus hábitos aristocráticos, Mousqueton fazia atrás do amo muito boa figura.

Quanto a Aramis, de quem cremos ter revelado suficientemente o carácter - carácter que, de resto, como o dos seus camaradas, poderemos seguir no seu desenvolvimento -, o seu laçao chamava-se Bazin. Graças à esperança que o seu amo acalentava de tomar um dia ordens, andava sempre vestido de preto, como deve andar o servidor de um homem da Igreja. Era um berrichão de trinta e cinco a quarenta anos, afável, pacato, que ocupava lendo obras piedosas aproveitando os tempos livres que lhe deixava o amor e era capaz de fazer menos mal um jantar para dois, de poucos pratos, mas excelente. Fora

isso, era cego, surdo e mudo e de uma fidelidade a toda a prova.

Agora que já conhecemos, pelo menos superficialmente, os amos e os

criados, passemos às casas ocupadas por cada um deles.

Athos morava na Rua Férou, a dois passos do Luxemburgo, o seu apartamento compunha-se de dois quartos pequenos muito decentemente mobilados, numa casa cuja locatária, ainda jovem e na realidade também ainda bonita, lhe fazia em vão olhos ternos. Alguns vestígios de um grande esplendor passado brilhavam aqui e ali nas paredes do modesto alojamento: por exemplo, uma espada ricamente marchetada, que pelo aspecto devia remontar à época de Francisco I, e de que só o punho, incrustado de pedras preciosas, devia valer duzentas pistolas, no entanto, nem mesmo nos seus momentos de maior carência, Athos nunca consentira em empenhá-la ou vendê-la. Essa espada fora durante muito tempo a ambição de Porthos, o qual teria dado dez anos da sua vida para possuí-la.

Um dia em que tinha encontro com uma duquesa, tentara mesmo que Athos a emprestasse. Sem dizer nada, Athos despejara as algibeiras, reunira todas as suas jóias - bolsas, agulhetas e correntes de ouro - e oferecera tudo a Porthos. Quanto à espada, dissera, estava chumbada à parede e só sairia de lá quando o dono mudasse de casa. Além da espada,

havia ainda um retrato representando um fidalgo do tempo de Henrique III, vestido com a maior elegância e com a Ordem do Espírito Santo. O retratado tinha com Athos certas semelhanças de feições, certas parecenças de família, que indicavam que esse grande senhor, cavaleiro das ordens reais, era seu antepassado. Finalmente, um cofre de magnífica ourivesaria, com as mesmas armas da espada e do retrato, ocupava o centro da chaminé, onde destoava horrivelmente do resto da decoração. Athos trazia a chave do cofre sempre consigo. Mas um dia abriu-o diante de Porthos e este verificara que o cofre só continha cartas e papéis: cartas de amor e documentos de família, sem dúvida.

Porthos residia em um apartamento muito amplo e de sumptuosíssima aparência, na Rua do Vieux-Colombier. Sempre que passava com algum amigo diante das suas janelas, a uma das quais Mousqueton se mantinha constantemente em libré de gala, Porthos erguia a cabeça e a mão e dizia: “A minha casa!” Mas nunca o encontravam lá, nunca convidava ninguém para subir e ninguém podia fazer idéia de que tão sumptuosa aparência encerrasse riquezas autênticas.

Quanto a Aramis, morava numa casinha constituída por antecâmara, sala de jantar e quarto de dormir, quarto que, situado como o resto do apartamento no térreo, dava para um jardinzinho fresco, verde, umbroso e impenetrável aos olhos da vizinhança.

Quanto a D'Artagnan, sabemos como estava alojado e já travamos conhecimento com o seu criado, mestre Planchet.

D'Artagnan, que era por natureza muito curioso, como são, de resto, as pessoas que possuem o espírito da intriga, fez todos os esforços para saber quem eram ao certo Athos, Porthos e Aramis, porque sob estes nomes de guerra cada jovem escondia o seu nome de gentil-homem, sobretudo Athos, que cheirava a grande senhor à distância. Dirigiu-se portanto a Porthos para obter informações acerca de Athos e Aramis, e a Aramis para conhecer Porthos.

Infelizmente, o próprio Porthos só sabia da vida do seu silencioso camarada o que transpirara. Dizia-se que passara por grandes infortúnios amorosos e que

uma horrível traição envenenara para sempre a vida do galante homem. Que traição fora essa? Ninguém sabia.

Quanto a Porthos, excetuando o seu verdadeiro nome, que só o Sr. de Tréville conhecia, assim como o dos seus dois camaradas, a sua vida era fácil de devassar. Vaidoso e indiscreto, via-se através dele como através de um cristal. A única coisa capaz de desorientar o investigador seria acreditar em todo o bem que ele dizia de si.

Quanto a Aramis, embora tivesse o ar de não ter nenhum segredo, era um rapaz repleto de mistérios que mal respondia às perguntas que lhe faziam sobre os outros e eludia as que lhe

faziam sobre si mesmo. Um dia, D'Artagnan, depois de interrogá-lo demoradamente a respeito de Porthos e de tomar conhecimento do boato que corria acerca do êxito do mosqueteiro com uma princesa, quis saber também qualquer coisa a respeito das aventuras amorosas do seu interlocutor.

- E você, meu caro camarada, você que fala de baronesas, de condessas e de princesas dos outros?

- Perdão - interrompeu-o Aramis -, falei porque o próprio Porthos fala delas, porque propalou todas essas aventuras diante de mim. Mas pode crer, meu caro Sr. D'Artagnan, que se as tivesse sabido de outra fonte ou ele as tivesse confidenciado, não teria confessor mais discreto do que eu.

- Não duvido - admitiu D'Artagnan. - Mas enfim, parece-me que você mesmo tem bastante familiaridade com os brasões, como o prova certo lenço bordado a que devo a honra de o conhecer.

Desta vez, Aramis não se zangou, mas tomou o seu ar mais modesto e respondeu afetuosamente:

- Meu caro, não esqueça que quero pertencer à Igreja e que fujo de todas as relações mundanas. O lenço que viu, não me fora confiado, mas sim esquecido em minha casa por um dos meus amigos. Guardei-o para não os comprometer, a ele e à dama que ele ama. Quanto a mim, não tenho nem quero ter amante, nisso sigo o exemplo judicioso de Athos, que também não tem.

- Mas, que diabo, você não é padre, é mosqueteiro!
- Mosqueteiro provisoriamente, meu caro, como diz o cardeal, mosqueteiro contra vontade, mas homem da Igreja pelo coração, pode crer. Athos e Porthos meteram-me nisto para me distraírem, tive, na altura de ser ordenado, uma pequena dificuldade com... Mas isto não lhe interessa e estou lhe tomando um tempo precioso.
- De modo nenhum, interessa-me muito! - exclamou D'Artagnan. - E no momento não tenho nada que fazer.
- Pois sim, mas eu tenho o meu breviário para ler - respondeu Aramis - e depois preciso de compor uns versos que me pediu a Sra de Aiguillon. Em seguida tenho de passar pela Rua de Saint-Honoré, para comprar carmim para a Sra de Chevreuse. Como vê, meu caro amigo, se você não tem pressa eu estou cheio dela.

E Aramis estendeu afetuosamente a mão ao seu camarada e despediu-se

dele.

D'Artagnan não conseguiu, por mais que se esforçasse, saber mais nada a

respeito dos seus três novos amigos. Resolveu então crer no presente tudo o que se dizia do seu passado e esperar revelações mais seguras e completas no futuro.

Entretanto, considerou Athos um Aquiles, Portos um Ájax e Aramis um José.

No mais a vida dos quatro rapazes era divertida: Athos jogava e perdia sempre. No entanto, nunca pedia um soldo emprestado aos amigos, embora a sua bolsa estivesse constantemente às ordens deles, e quando jogava sob palavra e perdia obrigava sempre o credor a levantar-se às seis da manhã para lhe pagar a dívida da véspera.

Porthos tinha impulsos. Nesses dias, se ganhava, mostrava-se insolente e esplêndido, se perdia, desaparecia por completo durante dias, depois dos quais reaparecia macilento e triste, mas com dinheiro nos bolsos.

Quanto a Aramis, nunca jogava. Era sem dúvida o pior mosqueteiro e o mais chato conviva que se podia imaginar. Tinha sempre necessidade de trabalhar. Às vezes, no meio de um jantar, quando todos, levados pelo vinho e no calor da conversa, julgavam que ainda tinham de ficar à mesa duas ou três horas, Aramis consultava o relógio, levantava-se com um sorriso gracioso e despedia-se para ir, dizia, consultar um casuísta com o qual marcara encontro. Outras vezes, regressava a casa para escrever uma tese e rogava aos amigos que não o interrompessem.

Entretanto, Athos sorria com o agradável sorriso melancólico que tão bem ficava à sua nobre figura, e Porthos bebia jurando que Aramis nunca passaria de um pároco de aldeia.

Planchet, o criado de D'Artagnan, suportou nobremente a sua sorte. Recebia trinta soldos por dia e durante um mês regressava a casa alegre como um pardal e afável para com o amo. Mas quando o vento da adversidade começou a soprar sobre o lar da Rua dos Fossoyeurs, isto é, quando as quarenta pistolas do rei Luís XIII foram comidas ou pouco mais, desatou em lamúrias que Athos achou nauseabundas, Porthos indecentes e Aramis ridículas.

Athos aconselhou portanto D'Artagnan a despedir o patusco, Porthos foi de parecer que lhe deviam dar primeiro umas bastonadas e Aramis declarou que um amo só devia dar ouvidos aos cumprimentos que lhe dirigissem.

- Isso é muito fácil de dizer - respondeu D'Artagnan. - A você, Athos, que vive mudo com Grimaud, que o proíbe de falar, e que portanto nunca troca más palavras com ele; a você, Porthos, que tem um nível de vida magnífico e é um deus para o seu criado Mousqueton; a você, finalmente, Aramis, que sempre absorvido nos seus estudos teológicos inspira profundo respeito ao seu criado Bazin, homem afável e religioso, mas eu que sou um zé-ninguém sem recursos, eu que não sou mosqueteiro nem sequer guarda, que posso fazer para inspirar afeição, terror ou respeito a Planchet?

- O caso é grave - responderam os três amigos. - É um assunto doméstico e tanto os criados como as mulheres devem ser postos imediatamente no pé em que se deseja que fiquem. Reflita então .

D'Artagnan refletiu e resolveu, para começar, dar uma sova a Planchet, o que foi feito com a consciência que D'Artagnan punha em todas as coisas, em seguida, depois de o ter sovado bem, proibiu-o de deixar o seu serviço sem sua permissão.

- Porque - acrescentou - o futuro me pertence, espero inevitavelmente tempos melhores. A sua fortuna estará portanto garantida se ficar comigo, e eu sou muito bom amo para deixá-lo perder a sua fortuna concedendo-lhe a

demissão que me pede.

Esta maneira de agir inspirou muito respeito aos mosqueteiros pela política de D'Artagnan. Planchet ficou igualmente admiradíssimo e nunca mais falou em ir embora.

A vida dos quatro rapazes tornara-se comum, D'Artagnan, que não tinha nenhum hábito, pois chegara da província e caíra no meio de um mundo inteiramente novo para si, adquiriu sem demora os hábitos dos amigos.

Levantavam-se por volta das oito horas no Inverno e por volta das seis no Verão e iam saber o santo-e-senha e como corriam as coisas ao palácio do Sr. de Tréville. Embora não fosse mosqueteiro, D'Artagnan fazia o serviço com uma pontualidade impressionante: estava sempre de guarda, pois fazia sempre companhia àquele dos seus três amigos que tivesse sido escalado para isso. Conheciam-no no quartelamento dos mosqueteiros e todos o consideravam um bom camarada, o Sr.

de Tréville, que o apreciara à primeira vista de olhos e lhe dedicava sincera afeição, não se cansava de recomendá-lo ao rei.

Pela sua parte, os três mosqueteiros gostavam muito do seu jovem camarada. A amizade que unia os quatro homens e a necessidade de se verem três ou quatro vezes por dia, fosse para duelo, fosse para negócios, fosse por prazer, levava-os a correrem constantemente uns atrás dos outros como sombras e encontrava-se sempre os inseparáveis procurando-se do Luxemburgo à Praça de Saint-Sulpice, ou da Rua do Vieux-Colombier ao Luxemburgo.

Entretanto, as promessas do Sr. de Tréville seguiam o seu caminho.

Um belo dia, o rei ordenou ao Sr. Cavaleiro dos Essarts que alistasse D'Artagnan como cadete na sua companhia de guardas. D'Artagnan envervou suspirando o uniforme, que daria dez anos da sua existência para trocar pela sobreveste de mosqueteiro. Mas o Sr. de Tréville prometeu essa mercê depois de um noviciado de dois anos - noviciado que de resto poderia ser abreviado se surgisse a oportunidade de D'Artagnan prestar qualquer serviço ao rei ou praticar alguma ação brilhante. D'Artagnan retirou-se com esta promessa e no dia seguinte começou o seu serviço.

Foi então a vez de Athos, Porthos e Aramis montarem guarda com D'Artagnan quando ele estava de serviço. A companhia do

Sr. Cavaleiro dos Essarts adquiriu assim quatro homens em vez de um no dia em que alistou D'Artagnan.

UMA INTRIGA DE CORTE

Entretanto, as quarenta pistolas do rei Luís XIII, como todas as coisas deste mundo, depois de terem um princípio tinham tido um fim, e a partir desse fim os nossos quatro companheiros caíram na penúria. Primeiro, Athos sustentara durante algum tempo a associação do seu próprio bolso. Sucedera-lhe Porthos, que, graças a um dos seus desaparecimentos aos quais estavam habituados, conseguira durante cerca de mais quinze dias satisfazer as necessidades de todos, por fim chegara a vez de Aramis, que se desobrigara dela de boa vontade e conseguira, dizia, vendendo os seus livros de teologia, arranjar algumas pistolas.

Como de costume, recorreram então ao Sr. de Tréville, que fez alguns

adiantamentos sobre o soldo, mas esses adiantamentos não podiam levar muito longe três mosqueteiros que tinham já muitas contas atrasadas e um guarda que ainda não as tinha.

Enfim, quando viram que o dinheiro ia faltar por completo, reuniram num derradeiro esforço oito ou dez pistolas que Porthos jogou. Infelizmente, estava em maré de azar e perdeu tudo e mais vinte e cinco pistolas sob palavra.

Então a penúria transformou-se em miséria. Viram-nos famintos, seguidos dos criados, correr o cais e as casas de guarda e arrebanhar junto dos amigos de fora todos os jantares que puderam apanhar, porque na opinião de Aramis, devia-se na prosperidade distribuir refeições a torto e a direito para apanhar algumas na desgraça.

Athos foi convidado quatro vezes e de todas as vezes levou consigo os seus amigos e os respectivos criados, Porthos teve seis convites, dos quais fez igualmente beneficiar os seus camaradas, e Aramis teve oito. Como já tivemos ensejo de verificar, tratava-se de um homem que fazia pouco barulho e muito trabalho.

Quanto a D'Artagnan, que ainda não conhecia ninguém na capital, só arranjou um pequeno-almoço de chocolate em casa de um padre da sua região e um jantar em casa de um porta-estandarte dos guardas. Mesmo assim, levou o seu exército a casa do padre, a quem devoraram as provisões de dois meses, e a casa do porta-estandarte, que fez maravilhas, mas como dizia Planchet, não se come apenas uma vez, mesmo quando se coma muito.

D'Artagnan sentiu-se portanto muito humilhado por não ter conseguido mais do que refeição e meia, pois o café da manhã na casa do padre só podia ser considerado meia refeição, para oferecer aos companheiros em troca dos festins que tinham arranjado Athos, Porthos e Aramis. Julgava-se estar vivendo à custa dos amigos, esquecendo na sua boa fé tão juvenil que os alimentara durante um mês, e o seu espírito preocupado pôs-se a trabalhar ativamente. Considerou que aquela aliança de quatro homens novos, valentes, empreendedores e ativos devia ter uma finalidade diferente dos passeios exibicionistas, das lições de esgrima e das discussões mais ou menos espirituosas.

Com efeito, quatro homens como eles, quatro homens dedicados uns aos outros desde a bolsa até à vida, quatro homens que se ajudavam sempre, que nunca recuavam, que executavam isoladamente ou em conjunto as resoluções tomadas em comum, quatro braços que ameaçavam os quatro pontos cardeais ou se viravam para um único ponto, tinham por força, quer subterraneamente, quer à luz do dia, quer através da mina, quer através da trincheira, quer pela astúcia, quer pela força, de abrir caminho na direção do fim que pretendiam alcançar, por melhor defendido ou por mais afastado que estivesse. A única coisa que surpreendia D'Artagnan era que os companheiros não tivessem pensado nisso.

Mas pensava ele, e até muito a sério, dando tratos ao miolo para encontrar uma direção àquela força única, quatro vezes

multiplicada, com a qual não duvidava que, como com a alavanca que procurava Arquimedes, conseguiriam levantar o mundo e estava nisso quando bateram devagarinho à porta. D'Artagnan acordou Planchet e ordenou-lhe que fosse abrir.

Por esta frase “D'Artagnan acordou Planchet” não imagine o leitor que era de noite ou que o dia ainda não nascera. Não! Acabavam de dar quatro horas da

tarde. Duas horas antes, Planchet viera pedir almoço ao amo, o qual lhe respondera como provérbio: “Quem dorme almoça.” E Planchet almoçava dormindo.

Entrou um homem de ar bastante simples e aspecto de burguês.

Para lhe servir de sobremesa, Planchet não se importaria de ouvir a conversa, mas o burguês declarou a D'Artagnan que o que tinha para lhe dizer era tão importante e confidencial que desejava ficar a sós com ele.

D'Artagnan mandou Planchet embora e convidou o visitante a sentar-se. Houve um momento de silêncio durante o qual os dois homens se observaram como que para estabelecerem um conhecimento prévio, depois disso, D'Artagnan inclinou-se em sinal de que escutava.

- Ouvi falar do Sr. D'Artagnan como de um jovem muito valente - disse o burguês -, e essa reputação de que goza com justiça decidiu-me a confiar-lhe um segredo.

- Fale, senhor, fale - animou-o D'Artagnan, que instintivamente farejara algo vantajoso.

O burguês fez nova pausa e continuou:

- A minha mulher é roupeira da rainha, senhor, e não lhe falta sensatez nem beleza. Casei com ela há três anos, apesar de só ter um pequeno dote. porque o Sr. de La Porte, o portamanta da rainha, é seu padrinho e protege-a...

- E depois, senhor? - perguntou D'Artagnan.

- Depois... - repetiu o burguês - depois... senhor, a minha mulher foi raptada ontem de manhã quando saía do trabalho.

- E quem a raptou?

- Não tenho certeza, senhor, mas desconfio de alguém...

- E quem é a pessoa de quem desconfia?

- Um homem que a perseguia havia muito tempo.

- Diabo!

- Mas permita-me que lhe diga, senhor - continuou o burguês -, que estou convencido de que há menos amor do que política em tudo isto.

- Menos amor do que política... - repetiu D'Artagnan, com ar muito pensativo. - De que suspeita?

- Não sei se deverei dizer de que suspeito...
- Senhor, observo-lhe que não lhe pedi absolutamente nada. O senhor é que me procurou. Foi o senhor que me disse que tinha um segredo para me confiar. Faça portanto como quiser, pois ainda está em tempo de se retirar.
- Não, senhor, não. Parece-me um jovem honesto e confiarei no senhor. Creio, como dizia, que não foi por causa dos seus amores que a minha mulher foi presa, mas sim por causa dos de uma dama maior do que ela.
- Ah, ah! Terá sido por causa dos amores da Sra de Bois-Tracy? - perguntou D'Artagnan, que quis dar-se ares, na presença do seu burguês, de estar ao corrente do que se passava na corte.
- Mais alto, senhor, mais alto.
- Da Sra de Aiguillon?
- Ainda mais alto.
- Da Sra de Chevreuse?
- Mais alto, muito mais alto!
- Da... - D'Artagnan deteve-se.
- Sim, senhor - respondeu tão baixo que mal se ouviu o assustado burguês.
- E com quem?

- Com quem havia de ser senão com o duque de...
- O duque de...
- Sim, senhor! - respondeu o burguês, dando à voz uma intonação ainda mais abafada.
- Mas como sabe de tudo isso?
- Ora, como sei!...
- Sim, como sabe? Nada de meias confidências ou... Creio que compreende.
- Sei-o pela minha mulher, senhor, pela minha própria mulher.
- Que o sabe por quem?
- Pelo Sr. de La Porte. Não lhe disse que ela era afilhada do Sr. de La Porte, o homem de confiança da rainha? Pois bem, o Sr. de La Porte colocou-a junto de Sua Majestade para que a nossa pobre rainha tivesse ao menos alguém em quem confiar, abandonada como está pelo rei, espiada como é pelo cardeal, atraçoada como é por todos.
- Começo a entender - declarou D'Artagnan.
- Ora a minha mulher veio há quatro dias, senhor; uma das suas condições era vir ver-me duas vezes por semana, porque, como tive a honra de lhe dizer, a minha mulher me ama muito. Portanto, a minha mulher veio e confidenciou-me que a rainha estava com medo...

- Realmente?
- Realmente. Ao que parece, o Sr. Cardeal a persegue e a importuna mais do que nunca. Não lhe perdoa a história da sarabanda. Conhece a história da sarabanda?
- Se conheço! - respondeu D'Artagnan, que não sabia absolutamente nada a tal respeito, mas queria aparentar que sabia.
- De modo que, agora, não se trata de ódio, trata-se de vingança.
- Sim?...
- E a rainha crê...
- Que crê a rainha?
- Crê que escreveram ao Sr. Duque de Buckingham em seu nome.
- Em nome da rainha?
- Sim, para obrigá-lo a vir a Paris, e uma vez em Paris atraírem-no a qualquer cilada.
- Diabo! Mas a sua mulher, meu caro senhor, em que é metida e achada em tudo isso?
- Conhecem a sua dedicação à rainha e querem ou afastá-la da ama ou intimidá-la para saberem os segredos de Sua Majestade ou seduzi-la para se servirem dela como espiã.

- É provável - concordou D'Artagnan. - Mas conhece o homem que a raptou?
- Já lhe disse que julgava conhecê-lo.
- Como se chama?
- Não sei, sei apenas que é criatura do cardeal, a sua alma danada.

- Mas alguma vez o viu?
- Vi. A minha mulher o mostrou um dia.
- Tem alguma particularidade por onde se possa reconhecê-lo?
- Oh, evidentemente! É um fidalgo bem apessoado, de cabelo preto, moreno, dentes brancos, olhar penetrante e uma cicatriz na têmpora.
- Uma cicatriz na têmpora! - exclamou D'Artagnan. - E além disso dentes brancos, olhar penetrante, moreno, cabelo preto e bem parecido... é o meu homem de Meung!
- É o seu homem, diz?
- Sim, sim, mas isso não vem para o caso. Não, engano-me, isso simplifica tudo, pelo contrário. Se o seu homem é o meu, matarei dois coelhos de uma cajadada. Mas onde se pode encontrar esse homem?
- Não sei.

- Não tem nenhuma informação acerca da sua morada?
- Nenhuma. Um dia, quando acompanhava a minha mulher ao Louvre, ele saía na altura em que ela ia entrar e ela o indicou.
- Diabo, diabo!... - murmurou D'Artagnan. - Tudo isso é muito vago. Por quem soube do rapto da sua mulher?
- Pelo Sr. de La Porte.
- Deu-lhe algum pormenor?
- Não tinha nenhum.
- E não soube nada por outro lado?
- De fato, recebi...
- O quê?
- Mas não sei se não cometerei uma grande imprudência...
- Lá volta à mesma! Em todo o caso, lhe digo que desta vez é um pouco tarde para recuar.
- Por isso não recuo, com mil demônios! - exclamou o burguês, praguejando para mostrar que estava decidido. - Aliás, palavra de Bonacieux.
- Chama-se Bonacieux? - interrompeu-o D'Artagnan.
- Sim, é o meu nome.

- Diga portanto: “Palavra de Bonacieux!” Desculpe tê-lo interrompido, mas pareceu-me que esse nome me não era desconhecido.
 - É possível, senhor. Sou o seu senhorio.
 - Ah, sim?! - exclamou D’Artagnan, soerguendo-se para o cumprimentar. - É então o meu senhorio?...
 - Sou senhor. E como desde que há três meses o senhor é meu inquilino, e distraído sem dúvida pelas suas grandes ocupações, se esqueceu de me pagar o aluguel e como, insisto, não o incomodei um só instante por isso, pensei que teria em conta a minha delicadeza...
 - Ora essa, meu caro Sr. Bonacieux! - respondeu D’Artagnan. - Creia que estou reconhecidíssimo por semelhante procedimento e que, como já lhe disse, se puder ser-lhe útil em alguma coisa...
 - Acredito, senhor, acredito, e como ia a dizer, palavra de Bonacieux, tenho confiança no senhor.
 - Acabe então o que tinha começado a dizer-me.
- O burguês tirou um papel da algibeira e estendeu-o a D’Artagnan.
- Uma carta! - exclamou o jovem.
 - Que recebi esta manhã.

D'Artagnan abriu-a e como o dia começava a escurecer aproximou-se da janela. O burguês seguiu-o.

“Não procure a sua mulher”, leu D'Artagnan. “Ela lhe será restituída quando não precisarmos dela. Se fizer uma diligência só que seja para encontrá-la, estará perdido.”

- Aqui está uma coisa positiva - comentou D'Artagnan. - Mas, no fim de contas, não passa de uma ameaça.

- Sim, mas de uma ameaça que me assusta! Eu, senhor, não sou homem de espada e tenho medo da Bastilha.

- Hum!... - resmungou D'Artagnan. - Também não gosto mais da Bastilha do que o senhor. Se se tratasse apenas de umas estocadas, ainda vá...

- Mas eu tinha contado com o senhor neste aperto, senhor!

- Sim?

- Vendo-o constantemente rodeado de mosqueteiros com um ar tão soberbo, e reconhecendo que esses mosqueteiros eram os do Sr. de Tréville e por consequência inimigos do cardeal, pensei que o senhor e os seus amigos, fazendo justiça à nossa pobre rainha, ficariam encantados em pregar uma partida a Sua Eminência.

- Sem dúvida.

- E também pensei que devendo-me três meses de aluguel, de que nunca lhe falei...

- Claro, claro! Já me apresentou essa razão, que me parece excelente.
- Além disso, se me der a honra de continuar a ser meu inquilino, prometo nunca mais falar nos aluguéis futuros...
- Ótimo!
- E acrescento, acaso seja necessário, que tenciono oferecer-lhe cinquenta pistolas se, contra todas as probabilidades, necessitar de dinheiro neste momento.
- Maravilhoso! O senhor é rico, meu caro Sr. Bonacieux?
- Vivo com desafogo, é o termo, juntei qualquer coisa como dois ou três mil escudos de rendimento no comércio de retrosaria, e sobretudo colocando alguns fundos na última viagem do célebre navegador Jean Mocquet. De modo que, como compreende, senhor... Ah! Mas... - gritou o burguês.
- Que foi? - perguntou D'Artagnan.
- Que vê ali?
- Onde?
- Na rua, diante das suas janelas, no vão daquela porta: um homem envolto numa capa.
- É ele! - gritaram ao mesmo tempo D'Artagnan e o burguês, ao reconhecerem o seu homem.
- Ah, desta vez - gritou D'Artagnan saltando para a espada -, desta vez não me escapará!

E desembainhando a espada precipitou-se para fora do apartamento. Encontrou na escada Athos e Porthos que vinham visitá-lo. Afastaram-se e

D'Artagnan passou entre eles como uma seta.

- Que é isso, aonde vai correndo assim? - gritaram-lhe ao mesmo tempo os

dois mosqueteiros.

- O homem de Meung! - respondeu D'Artagnan, e desapareceu. D'Artagnan contara mais de uma vez aos amigos a sua aventura com o desconhecido, assim como a aparição da bela viajante, a quem o homem parecera confiar uma carta importante.

Na opinião de Athos, D'Artagnan perdera a sua carta na luta. Segundo ele, um gentil-homem - e pela descrição que D'Artagnan fizera do desconhecido só podia ser um gentil-homem -, um gentil-homem seria incapaz da baixeza de roubar uma carta.

Porthos, por sua vez, vira apenas em tudo aquilo um encontro amoroso marcado por uma dama a um cavalheiro ou por um cavalheiro a uma dama, que fora perturbado pela presença de D'Artagnan e do seu cavalo amarelo.

Aramis declarara que, dada a natureza misteriosa dessas coisas, era preferível não as aprofundar.

Compreenderam portanto, pelas poucas palavras proferidas por D'Artagnan, do que se tratava, e como pensaram que depois de apanhar o seu homem ou de o perder de vista D'Artagnan acabaria por regressar a casa, continuaram o seu caminho.

Quando entraram no quarto de D'Artagnan o quarto estava vazio: o senhorio, temendo as consequências do recontro que sem dúvida se verificaria entre o jovem e o desconhecido, julgara, de acordo com a exposição que ele próprio fizera do seu caráter, ser mais prudente pôr-se em segurança.

D'ARTAGNAN SALIENTA-SE

Como Athos e Porthos tinham previsto, D'Artagnan regressou passada meia hora. Também desta vez perdera o seu homem de vista, este desaparecera como que por encanto. D'Artagnan correrá, de espada em punho, todas as ruas vizinhas, mas não encontrara ninguém parecido com quem procurava, e por fim chegara à conclusão que talvez devesse ter começado por bater à porta a que o desconhecido estava encostado, mas em vão fizera ressoar dez ou doze vezes seguidas a aldrabada, ninguém respondera e os vizinhos que, atraídos pelo barulho, tinham ido verificar o porque do barulho, garantiram-lhe que

aquela casa, que de resto tinha todas as janelas fechadas, estava completamente desabitada havia seis meses.

Enquanto D'Artagnan corria as ruas e batia às portas, Aramis viera juntar-se aos seus dois camaradas, assim quando regressou a casa D'Artagnan encontrou a reunião completa.

- Então? - perguntaram em uníssono os três mosqueteiros ao verem-no entrar com o suor escorrendo-lhe da testa e o rosto desfigurado pela cólera.

- Então - respondeu atirando a espada para cima da cama -, o homem deve ser o Diabo personificado, desapareceu como um fantasma, como uma sombra, como um espectro.

- Acredita em aparições? - perguntou Athos e Porthos.

- Só acredito no que vejo, e como nunca vi nenhuma aparição não acredito nelas.

- A Bíblia impõe-nos o dever de acreditarmos, o fantasma de Samuel apareceu a Saul, trata-se de um artigo de fé que me desagradaria ver pôr em dúvida, Porthos.

- Seja como for, homem ou diabo, corpo ou sombra, ilusão ou realidade, esse homem nasceu para minha ruína, pois a sua fuga nos faz perder um negócio soberbo, meus senhores, um negócio em que havia cem pistolas e talvez mais a ganhar.

- Como assim?! - exclamaram ao mesmo tempo Porthos e Aramis. Quanto a Athos, fiel ao seu sistema de mutismo, limitou-se a interrogar D'Artagnan com a vista.
- Planchet - disse D'Artagnan ao criado, que metia naquele momento a cabeça pela porta entreaberta para procurar surpreender alguns pedaços da conversa -, desça a casa do meu senhorio, Sr. Bonacieux, e diga-lhe que nos mande meia dúzia de garrafas de vinho de Beaugency. É o que prefiro.
- Olá! - exclamou Porthos. - Quer isso dizer que tem crédito aberto junto do seu senhorio?...
- Agora tenho - respondeu D'Artagnan. - Tenho a partir de hoje e podem ficar tranquilos que se o seu vinho não prestar o mandaremos arranjar outro.
- Convém usar mas não abusar - sentenciou Aramis.
- Sempre disse que D'Artagnan era a grande cabeça de nós quatro - observou Athos, que depois de emitir esta opinião, à qual D'Artagnan respondeu com uma saudação, voltou a cair imediatamente no seu silêncio habitual.
- Mas enfim, vejamos, que está acontecendo? - perguntou Porthos.
- Sim - secundou-o Aramis -, diga-nos, caro amigo, a menos que a honra de alguma dama possa ser afetada pela confidência, pois nesse caso seria melhor se calar.

- Fiquem tranquilos - respondeu D'Artagnan -, ninguém verá a sua honra ferida pelo que tenho para dizer.

E então contou, palavra por palavra, aos amigos o que acabara de se passar entre ele e o seu senhorio e como o homem que raptara a mulher do digno proprietário era o mesmo com quem tinha conta a ajustar desde a estalagem do Franc Meunier.

- O negócio não é ruim - disse Athos, depois de provar o vinho como conhecedor e de indicar com um sinal de cabeça que o achava bom. - De fato, poderemos ganhar desse bom homem cinquenta ou sessenta pistolas. Só resta saber se valerá a pena arriscar quatro cabeças por cinquenta ou sessenta pistolas.

- Não se esqueçam - gritou D'Artagnan - que há uma mulher metida no caso! Uma mulher raptada, uma mulher que sem dúvida ameaçam, que talvez torturem, e tudo isso por ser fiel à sua ama!

- Calma, D'Artagnan, calma... - recomendou-lhe Aramis. - Na minha opinião, preocupa-se demais com a sorte da Sra Bonacieux. A mulher foi criada para nos perder e é dela que nos vêm todos os males.

Ao ouvir esta sentença, Athos franziu o sobrolho e mordeu os lábios.

- Não é a Sra Bonacieux que me preocupa - defendeu-se D'Artagnan -, mas sim a rainha, que o rei abandona, que o

cardeal persegue e que vê cair, uma após outra, as cabeças de todos os seus amigos.

- Por que gosta ela do que nós mais detestamos no mundo, os espanhóis e os ingleses?

- A Espanha é a sua pátria - respondeu D'Artagnan -, e é naturalíssimo que goste dos espanhóis, que são filhos da mesma terra que ela. Quanto à segunda censura que lhe faz, ouvi dizer que gostava não dos ingleses, mas sim de um inglês.

- E dou-lhes a minha palavra de que esse inglês é bem digno de ser amado, é mister confessá-lo - declarou Athos. - Nunca vi maior distinção do que a sua.

- Sem contar que se veste como ninguém - acrescentou Porthos. - Estava no Louvre no dia em que distribuiu as suas pérolas e, por Deus, apanhei duas que vendi bem vendidas por dez pistolas cada uma. E você, Aramis, conhece-o?

- Tão bem como vocês, meus senhores, pois fui um dos que o detiveram no jardim de Amiens, onde me introduzira o Sr. de Putange, o escudeiro da rainha. Estava no seminário nessa época e a aventura pareceu-me cruel para o rei.

- O que não me impediria - declarou D'Artagnan -, se soubesse onde está o duque de Buckingham, de lhe pegar na mão e conduzi-lo junto da rainha, quanto mais não fosse só para enraivecer o cardeal! Porque o nosso verdadeiro, o nosso

único, o nosso eterno inimigo, meus senhores, é o cardeal, e se conseguíssemos descobrir maneira de lhe pregar uma peça bastante cruel confesso que arriscaria, de boa vontade, a cabeça.

- E o seu senhorio disse, D'Artagnan, que a rainha pensava que tinham chamado Buckingham com um falso aviso? - perguntou Athos.

- Ela receia que sim.

- Espere - pediu Aramis.

- O quê? - perguntou Porthos.

- Vocês vão muito depressa, procuro recordar-me das circunstâncias.

- E agora estou convencido - prosseguiu D'Artagnan - de que o rapto dessa criada da rainha está relacionado com os acontecimentos de que falamos, e talvez com a presença do Sr. de Buckingham em Paris.

- O gascão está cheio de idéias - comentou Porthos com admiração.

- Gosto muito de ouvi-lo falar - declarou Athos. - A sua linguagem me diverte.

- Meus senhores - insistiu Aramis -, escutem isto.

- Estamos escutando - responderam os três amigos.

- Ontem, encontrava-me na casa de um sábio doutor em Teologia que às vezes consulto por causa dos meus estudos...

Athos sorriu.

- Ele mora num bairro deserto - continuou Aramis. - Os seus gostos e a sua profissão exigem-no. Ora, no momento em que saía de sua casa...

Aqui, Aramis deteve-se.

- Então? - impacientaram-se os seus ouvintes. - No momento em que saía de sua casa...

Aramis pareceu fazer um esforço sobre si mesmo, como um homem que em plena corrente de mentira se visse detido por algum obstáculo imprevisto, mas os olhos dos seus três companheiros estavam cravados nele e os seus ouvidos esperavam atentos e era impossível recuar.

Athos.

- O doutor tem uma sobrinha - continuou Aramis.
- Ah, tem uma sobrinha!... - exclamou Porthos.
- Senhora muito respeitável - acrescentou Aramis. Os três amigos desataram a rir.
- Ah, se vão rir ou se duvidar, não saberão nada! - respondeu Aramis.
- Somos crentes como maometanos e mudos como túmulos - adiantou
- Nesse caso, continuo - acedeu Aramis. - A sobrinha vai de vez em quando

visitar o tio, ora ela encontrava-se nessa casa ao mesmo tempo que eu, por acaso, e tive de me oferecer para a acompanhar à sua carruagem.

- Ah, ela tem carruagem, a sobrinha do doutor? - interrompeu Porthos, que tinha o defeito de uma grande incontinência de linguagem. - Que rico conhecimento, meu amigo!
- Porthos - replicou Aramis -, por mais de uma vez observei que você é muito indiscreto e que isso o prejudicava junto das mulheres.

- Então, meus senhores, meus senhores! - exclamou D'Artagnan, que entrevia o fundo da aventura. - O caso é sério, procuremos portanto não brincar, se possível. Continue, Aramis, continue.
- De súbito, um homem alto, moreno, o tipo de gentil-homem... olhe, do tipo do seu, D'Artagnan.
- Talvez o mesmo - sugeriu este.
- É possível - admitiu Aramis. - ...Aproximou-se de mim, acompanhado de cinco ou seis homens que o seguiam dez passos atrás e disse, no tom mais delicado que se possa imaginar: "Sr. Duque, e senhora", continuou dirigindo-se à dama que seguia pelo meu braço...
- À sobrinha do doutor?
- Silêncio, Porthos! - interveio Athos. - Você é insuportável.
- Por favor suba na carruagem, sem tentar resistir e sem fazer o menor barulho."
- Tomou-o por Buckingham! - exclamou D'Artagnan.
- Creio que sim - respondeu Aramis.
- E a dama? - perguntou Porthos.
- Tomou-a pela rainha! - exclamou D'Artagnan.
- Justamente - respondeu Aramis.
- Este gascão é o Diabo! - exclamou Athos. - Nada lhe escapa.

- A verdade é que Aramis é da estatura e tem qualquer coisa do aspecto do belo duque - disse Porthos. - Mas mesmo assim me parece que o uniforme de mosqueteiro...
- Eu tinha uma capa enorme - disse Aramis.
- Em Julho? - estranhou Porthos. - O doutor receia que seja reconhecido?
- Compreendo agora que o espião se tenha deixado enganar pelo aspecto - disse Athos. - Mas o rosto...
- Eu tinha um grande chapéu - esclareceu Aramis.
- Meu Deus, tantas precauções para estudar Teologia! - exclamou Porthos.
- Então, meus senhores, então - interveio D'Artagnan. - Não percamos o nosso tempo com brincadeiras. Nos espalhem e vamos procurar a mulher do senhorio, que é a chave da intriga.
- Uma mulher de condição inferior! Você acha, D'Artagnan?
- perguntou Porthos, estendendo os lábios com desdém.
- É afilhada de La Porte, o criado de confiança da rainha. Não eu não lhes disse, senhores? Aliás, talvez tenha sido por cálculo que Sua Majestade procurou desta vez apoios tão baixos. As cabeças altas vêm-se de longe e o cardeal tem boa vista.

- Bem, fixe primeiro o preço com o senhorio, e bom preço - sugeriu Porthos.

- É inútil - respondeu D'Artagnan -, pois creio que se ele não nos pagar seremos suficientemente pagos por outro lado.

Neste momento ouviu-se na escada o barulho de passos precipitados, a porta abriu-se com estrépito e o pobre senhorio lançou-se no quarto onde estava reunido o conselho.

- Ah, meus senhores, salvem-me por amor de Deus, salvem-me! - gritou. - Vêm aí quatro homens para me prender. Salvem-me, salvem-me!

Porthos e Aramis levantaram-se.

- Um momento! - gritou D'Artagnan, fazendo-lhes sinal para embainharem as espadas já meio desembainhadas. - Um momento! O que é preciso aqui não é coragem, é prudência.

- Mas não vamos deixar... - começou Porthos.

- Deixe D'Artagnan agir - interveio Athos -, que é, repito, a grande cabeça de todos nós. Pelo que me diz respeito, declaro que o obedecerei. Faça o que quiser, D'Artagnan.

Neste momento os quatro guardas apareceram à porta da antecâmara e ao verem quatro mosqueteiros de pé e de espada ao lado hesitaram em ir mais longe.

- Entrem, meus senhores, entrem! - convidou-os D'Artagnan.
- Estão em minha casa e somos todos fiéis servidores do rei e do Sr. Cardeal.

- Nesse caso, senhores, não se oporão a que cumpramos as ordens que recebemos? - perguntou o que parecia o chefe do grupo.
- Pelo contrário, senhores, e até os ajudaremos se for preciso.
- O que ele está dizendo? - murmurou Porthos.
- Que você é um tolo - respondeu Athos. - Silêncio.
- Mas tinha me prometido... - disse baixinho o pobre senhorio.
- Só podemos salvá-lo se permanecermos livres - respondeu rapidamente e também baixinho D'Artagnan. - E se tentarmos defendê-lo nos prenderão juntamente com você.
- Mas me parece...
- Entrem, senhores, entrem - disse D'Artagnan em voz alta. - Não tenho nenhum motivo para defender este senhor. Eu o vi hoje pela primeira vez e ainda por cima em uma péssima ocasião, como ele próprio lhes dirá, para vir me exigir o pagamento do aluguel. Não é verdade, Sr. Bonacieux? Responda!
- É a pura verdade - reconheceu o senhorio -, mas, senhor, não lhe disse...
- Silêncio a meu respeito, silêncio a respeito dos meus amigos, silêncio a respeito da rainha, sobretudo, ou prejudicará

toda as pessoas sem se salvar! Pronto senhores, levem este homem.

E D'Artagnan empurrou o senhorio, completamente aturdido, para as mãos dos guardas, dizendo-lhe:

- O senhor é um velhaco, meu caro, vir me pedir dinheiro, um mosqueteiro! Para a prisão, senhores! Repito, levem-no para a prisão e mantenham-no fechado à chave o máximo de tempo possível, vou ver entretanto se arranjo o dinheiro para lhe pagar.

Os guardas desfizeram-se em agradecimentos e levaram o preso. Quando desciam, D'Artagnan bateu no ombro do chefe:

- E se bebêssemos eu à sua saúde e vocês à minha? - sugeriu, e encheu dois copos de vinho de Beaugency, que devia à liberalidade do Sr. Bonacieux.

- É uma honra para mim - respondeu o chefe dos esbirros - e aceito com reconhecimento.

- Portanto, à sua, senhor... Como se chama?

- Boisrenard.

- Sr. Boisrenard!

- À sua saúde, meu gentil-homem.

- E já agora como se chama, por favor?

- D'Artagnan.

- À sua, Sr. D'Artagnan.

- E acima de todas - gritou D'Artagnan como que arrebatado pelo seu entusiasmo - à saúde do rei e do cardeal!

O chefe dos guardas talvez duvidasse da sinceridade de D'Artagnan se o vinho fosse ruim, mas o vinho era bom e isso convenceu-o.

- Mas que diabo de vilania cometeu? - perguntou Porthos quando o aguazil-chefe se juntou aos seus homens e os quatro amigos ficaram sós. - Irra, quatro mosqueteiros deixarem prender no meio deles um desgraçado que pedia socorro! Um gentil-homem brindar com um guarda!

- Porthos - disse Aramis -, Athos já o preveniu que era um tolo e eu sou da mesma opinião. D'Artagnan, é um grande homem, e quando estiver no lugar do Sr. de Tréville pedirei a sua proteção para me darem uma abadia.

- Agora é que não entendo nada - observou Porthos. - Aprovam o que D'Artagnan acaba de fazer?

- Meu Deus, sem dúvida nenhuma! - respondeu Athos. - E não só aprovo o que acaba de fazer como ainda o felicito.

- E agora, meus senhores - disse D'Artagnan, sem se dar ao incômodo de explicar o seu comportamento a Porthos -, todos por um e um por todos, é a nossa divisa, não é verdade?

- Mas... - começou Porthos.

- Estenda a mão e jure! - gritaram ao mesmo tempo Athos e Aramis.

Vencido pelo exemplo, mas resmungando entre dentes, Porthos estendeu a mão e os quatro amigos repetiram em uníssono a fórmula ditada por D'Artagnan: "Todos por um e um por todos."

- E agora, retire-se cada um para sua casa - disse D'Artagnan, como se nunca tivesse feito outra coisa toda a vida senão comandar. - Mas cuidado, porque a partir deste momento estamos em guerra com o cardeal.

UMA RATOEIRA DO SÉCULO XVII

A invenção da ratoeira não data dos nossos dias, desde que as sociedades se formaram e inventaram um polícia de qualquer espécie, essa polícia inventou por seu turno a ratoeira.

Como os nossos leitores talvez não estejam ainda familiarizados com o vocabulário da Rua de Jerusalém, e como desde que escrevemos - já lá vão cerca de quinze anos - é a primeira vez que empregamos esta palavra neste sentido, expliquemos então o que é uma ratoeira.

Quando em uma casa, qualquer que ela seja, se prende um indivíduo suspeito de um crime de qualquer natureza, conserva-se a prisão secreta, colocam-se quatro ou cinco homens emboscados na primeira divisão, abre-se a porta a todos que

batam, fecha-se atrás de quem entrar e prendem-se essas pessoas, deste modo, depois de dois ou três dias se apanham quase todos os frequentadores da casa.

É a isto que se chama uma ratoeira.

Armou-se portanto uma ratoeira na casa de mestre Bonacieux e quem lá apareceu foi preso e interrogado pelos homens do Sr. Cardeal. Não é necessário dizer que como uma passagem particular conduzia ao primeiro andar, onde morava D'Artagnan, aqueles que o procuravam estavam isentos de qualquer problema.

Aliás, os três mosqueteiros eram os únicos que o visitavam. Tinham-se posto em campo, cada um por seu lado, mas não tinham encontrado nada, nada tinham descoberto. Athos fora até ao extremo de interrogar o Sr. de Tréville, coisa que, dado o mutismo habitual do digno mosqueteiro, surpreendera muito o seu capitão. Mas o Sr. de Tréville não sabia nada, exceto que da última vez que vira o cardeal, o rei e a rainha, o cardeal tinha um ar muito preocupado, o rei estava inquieto e os olhos vermelhos da rainha indicavam que ela não dormira ou chorara. Mas esta última circunstância pouco o impressionara, pois desde o seu casamento a rainha dormia pouco e chorava muito.

O Sr. de Tréville recomendou em todo o caso a Athos o serviço do rei e sobretudo da rainha, e pediu-lhe que fizesse a mesma recomendação aos seus camaradas.

Quanto a D'Artagnan, não saía de casa. Convertera o quarto em observatório. Das janelas via chegar aqueles que depois eram presos, em seguida, como tirara alguns ladrilhos do pavimento, furara o forro e conseguira assim que apenas um teto simples o separasse do quarto de baixo, onde procediam os interrogatórios, ouvia tudo o que se passava entre os inquiridores e os acusados. Os interrogatórios, precedidos de uma revista minuciosa da pessoa detida, eram quase sempre assim concebidos:

- A Sra Bonacieux entregou-lhe alguma coisa para o marido ou para qualquer outra pessoa?
- O Sr. Bonacieux entregou-lhe alguma coisa para a mulher ou para qualquer outra pessoa?
- Um e outro fizeram-lhe qualquer confidência de viva voz?

“Se soubessem alguma coisa, não interrogariam assim”, disse para consigo D'Artagnan. “Mas que será que procuram saber agora? Se o duque de

Buckingham se encontra em Paris e se teve ou terá algum encontro com a rainha?”

D'Artagnan fixou-se nesta idéia, que depois de tudo o que ouvira não era improvável. Entretanto, a ratoeira funcionava permanentemente e a vigilância de D'Artagnan também.

No dia seguinte ao da prisão do pobre Bonacieux, à noite, quando Athos acabava de deixar D'Artagnan para ir ao palácio do Sr. de Tréville, acabavam de dar nove horas e Planchet, que ainda não fizera a cama, começava a sua tarefa, bateram à porta da rua, a porta abriu-se e fechou-se imediatamente: alguém acabara de cair na ratoeira.

D'Artagnan correu para o lugar desladrilhado, deitou-se de bruços e escutou. Não tardou a ouvir gritos e depois gemidos que tentavam abafar. De interrogatório, nada.

“Diabo’, disse D'Artagnan consigo mesmo, “parece-me que é uma mulher, revistam-na, resiste... violentam-na... os miseráveis!”

E D'Artagnan, apesar da sua prudência, continha-se a custo para não interferir na cena que se passava debaixo de si.

- Mas eu repito que sou a dona da casa, meus senhores, repito sou a Sra Bonacieux, repito que estou ao serviço da rainha! - gritava a pobre mulher.

- A Sra Bonacieux! - murmurou D'Artagnan. - Terei tanta sorte que descobri o que todos procuram?

- Era precisamente você quem esperávamos - insistiram os interrogadores.

A voz tornou-se cada vez mais abafada, um movimento tumultuoso fez vibrar os madeiramentos. A vítima resistia tanto quanto uma mulher pode resistir a quatro homens.

- Perdão, senhores, per... - murmurou a voz, que depois só conseguiu emitir sons inarticulados.

- Amordaçam-na, vão levá-la! - exclamou D'Artagnan, levantando-se como que impelido por uma mola. - A minha espada? Bom, tenho-a ao lado. Planchet!

- Senhor?

- Corra para buscar Athos, Porthos e Aramis. Um dos três estará com certeza em casa, talvez todos os três tenham já se recolhido. Que peguem as armas e venham, que corram. Ah, agora me lembro: Athos está com o Sr. de Tréville!

- Mas onde vai, senhor, onde vai?

- Desço pela janela para chegar mais cedo. Coloque os ladrilhos no seu lugar, varra o chão, saia pela porta e corra onde disse.

- Oh, senhor, senhor, vai se matar! - gritou Planchet.

- Cale-se, imbecil - respondeu D'Artagnan.

E agarrando-se com as mãos ao rebordo da janela, deixou-se cair do primeiro andar, que felizmente não era alto, sem fazer um arranhão. Depois foi imediatamente bater à porta, murmurando:

- Vou me deixar cair na ratoeira e aí dos gatos que se atirarem a semelhante rato!...

Assim que a aldraba ressoou pela mão do jovem, o tumulto cessou, aproximaram-se passos, a porta abriu-se e D'Artagnan, de espada desembainhada, lançou-se no apartamento de mestre Bonacieux, cuja porta, sem

dúvida acionada por uma mola, se fechou por si mesma atrás dele.

Então aqueles que ainda se encontravam na malfadada casa de Bonacieux e os vizinhos mais próximos ouviram grandes gritos, correrias, tinido de espadas e ruído prolongado de móveis. Pouco depois, aqueles que surpreendidos pelo barulho tinham vindo às janelas para averiguarem a sua causa, viram a porta tornar a abrir-se e quatro homens vestidos de preto, não saírem, mas sim levantarem vôo como corvos espantados, deixando no chão e nas esquinas das mesas penas da asas, isto é, farrapos das suas roupas e restos das suas capas.

D'Artagnan saíra vencedor sem muita dificuldade, deve-se dizer, pois só um guarda estava armado e esse mesmo apenas se defendeu por honra da firma. É certo que os outros três tinham tentado agredir o jovem com as cadeiras, os bancos e as louças, mas dois ou três arranhões feitos pelo espadalhão do gascão tinham bastado para assustá-los. Dez minutos chegaram para a sua derrota e D'Artagnan ficara senhor do campo de batalha.

Os vizinhos, que tinham aberto as janelas com o sangue-frio característico dos habitantes de Paris naqueles tempos de motins e rixas permanentes, fecharam-nas assim que viram fugir os quatro homens de preto, o seu instinto dizia-lhes que de momento tudo terminara.

Aliás, era tarde, e então como hoje as pessoas deitavam-se cedo no Bairro do Luxemburgo. D'Artagnan ficou sozinho com a Sra Bonacieux e virou-se para ela, a pobre mulher estava caída num cadeirão e meio desmaiada. D'Artagnan examinou-a com uma rápida vista de olhos.

Era uma encantadora mulher de vinte e cinco ou vinte e seis anos, morena, de olhos azuis, nariz levemente arrebitado, dentes admiráveis e tez marmoreada de cor-de-rosa e opala. Terminavam aí, porém, os sinais que podiam levar a confundi-la com uma grande dama. As mãos eram brancas, mas sem delicadeza, os pés não revelavam a mulher de raça. Felizmente, D'Artagnan não se preocupava ainda com tais pormenores.

Enquanto D'Artagnan examinava a Sra Bonacieux, e se detinha nos pés, como dissemos, viu no chão um fino lenço de cambraia, que apanhou como de costume e em um canto do qual reconheceu o mesmo monograma que vira no lenço que quase o levara a cortar a garganta de Aramis... ou vice-versa.

Desde então, D'Artagnan desconfiava dos lenços brasonados; meteu portanto, sem dizer nada, o que apanhara na algibeira da Sra Bonacieux. Nesse momento, a Sra Bonacieux recuperou

os sentidos. Abriu os olhos, olhou com terror à sua volta, viu que a casa estava vazia e se encontrava sozinha com o seu libertador. Estendeu-lhe imediatamente as mãos, sorrindo. A Sra Bonacieux possuía o mais encantador sorriso do mundo.

- Ah, senhor, foi meu salvador! Permita-me lhe agradecer.

- Minha senhora, limitei-me a fazer o que qualquer gentil-homem faria no meu lugar - respondeu D'Artagnan. - Não me deve portanto nenhum agradecimento.

- Isso é que devo, senhor, isso é que devo! E espero provar-lhe que não foi útil a uma ingrata. Mas o que queriam aqueles homens, que primeiro pensei serem ladrões, e por que motivo o Sr. Bonacieux não está em casa?

- Minha senhora, aqueles homens eram muito mais perigosos do que ladrões, pois eram agentes do Sr. Cardeal, e quanto ao seu marido, o Sr.

Bonacieux, não está em casa porque ontem vieram buscá-lo para levarem-no para a Bastilha.

- Meu marido na Bastilha! - exclamou a Sra Bonacieux. - Oh, meu Deus, que fez ele? Pobre homem, ele é a inocência personificada!

E qualquer coisa como um sorriso surgiu no rosto ainda assustado da jovem mulher.

- Que fez ele, senhora? Creio que o seu único crime é ter ao mesmo tempo a felicidade e a infelicidade de ser seu marido.
- Mas, senhor, sabe então que...
- Sei que foi raptada, senhora.
- E por quem, soube? Oh, se o sabe, diga-me!
- Por um homem de quarenta a quarenta e cinco anos, de cabelo preto, moreno e com uma cicatriz na têmpora esquerda.
- É isso, é isso! Mas o seu nome?
- O seu nome? É o que ignoro.
- E o meu marido sabia que eu fora raptada?
- Foi prevenido por uma carta que lhe escreveu o próprio raptor.
- E desconfiou por que me raptaram? - perguntou a Sra Bonacieux, embaraçada.
- Creio que atribuiu o rapto a motivo político.
- A princípio duvidei que fosse esse o motivo, mas agora penso como ele.

Portanto o querido Sr. Bonacieux não desconfiou um só instante...?

- Ah, longe disso, minha senhora! Estava até muito orgulhoso da sua sensatez e sobretudo do seu amor.

Segundo sorriso quase imperceptível aflorou aos lábios rosados da bela mulher.

- Mas como fugiu? - perguntou D'Artagnan.
- Aproveitei um momento em que me deixaram sozinha e como sabia desde manhã a que atribuir o meu rapto, desci pela janela com o auxílio dos meus lençóis. Depois, como julgava que meu marido estivesse em casa, corri para cá.
- Para se colocar sob a sua proteção?
- Oh, não, pobre homem! Sabia perfeitamente que era incapaz de me defender, mas como podia servir-nos para outra coisa, queria preveni-lo.
- De quê?
- Oh, esse segredo não me pertence, não posso portanto revelá-lo!
- Aliás - começou D'Artagnan, mas interrompeu-se para dizer: - Perdão, minha senhora, se pelo fato de ser guarda lhe aconselho prudência. Mas, como ia dizendo, creio que não estamos aqui em lugar conveniente para fazer confidências. Os homens que coloquei em fuga vão regressar com reforços, e se nos encontrarem estamos perdidos. É claro que mandei avisar três dos meus amigos, mas quem sabe se foram encontrados em casa!
- Sim, sim, tem razão - concordou a Sra Bonacieux, assustada.

- É melhor fugirmos, nos salvarmos!

Após estas palavras, deu o braço a D'Artagnan e puxou-o vivamente.

- Mas fugir para onde? Salvarmo-nos como? - respondeu D'Artagnan.

- Primeiro nos afastemos desta casa e depois veremos.

E os dois jovens, sem se darem ao trabalho de fechar a porta, desceram

rapidamente a Rua dos Fossoyeurs, meteram pela Rua dos Fosses-Monsieur-le-Prince e só pararam na Praça de Saint-Sulpice.

- E agora que vamos fazer? Aonde quer que a leve? - perguntou D'Artagnan.

- Confesso que não sei o que responder - disse a Sra Bonacieux. - A minha intenção era mandar prevenir o Sr. de La Porte pelo meu marido, para que o Sr. de La Porte nos dissesse precisamente o que acontecera no Louvre há três dias e se não havia perigo para mim em apresentar-me lá.

- Mas eu posso prevenir o Sr. de La Porte - declarou D'Artagnan.

- Sem dúvida, há apenas um problema, no Louvre conhecem o Sr. Bonacieux e o deixariam entrar, ao passo que a você não conhecem e fecharão a porta na cara.

- Bom, mas com certeza tem em qualquer entrada do Louvre um porteiro que lhe seja dedicado e que graças a um santo-e-senha...

A Sra Bonacieux olhou fixamente o rapaz.

- E se lhe desse esse santo-e-senha o esqueceria assim que se tivesse servido dele?

- Palavra de honra, à fé de gentil-homem! - respondeu D'Artagnan com um acento de sinceridade de que não havia que duvidar.

- Acredito em você, parece-me bom rapaz e talvez a sua fortuna coroe sua dedicação.

- Farei sem promessas e conscientemente tudo o que puder para servir o rei e ser agradável à rainha - disse D'Artagnan. - Disponha portanto de mim como de um amigo.

- Mas onde me esconderei entretanto?

- Não há ninguém a casa de quem o Sr. de La Porte possa ir buscá-la?

- Não, e não quero confiar em ninguém.

- Espere - disse D'Artagnan. - Estamos à porta de Athos. Sim, é isso...

- Quem é Athos?
- Um dos meus amigos.
- Mas se está em casa e me vê?
- Não está e ficarei com a chave depois de lhe fazer entrar no seu apartamento.
- E se voltar?
- Não voltará. Aliás, eu lhe direi que arranjava uma mulher e que essa mulher estava em sua casa.
- Mas isso me comprometeria muito, bem sabe!
- E depois? Ninguém a conhece! De resto, estamos em uma situação em que temos de passar por cima de algumas conveniências!
- Vamos lá então a casa do seu amigo. Onde é que ele mora?
- Na Rua Férou, a dois passos daqui.
- Vamos.

E ambos se puseram de novo a caminho. Como previra D'Artagnan, Athos não estava em casa. Pediu a chave, que costumavam dar-lhe como a um amigo da casa, subiu a escada e introduziu a Sra Bonacieux no apartamentozinho que já descrevemos.

- Está em sua casa - disse ele. - Feche a porta por dentro e não abra a

ninguém, a não ser que ouça três pancadas, assim... - e bateu três vezes: duas pancadas seguidas e bastante fortes e uma mais afastada e fraca.

- Está bem - respondeu a Sra Bonacieux. - Agora é a minha vez de lhe dar as minhas instruções.

- Às ordens.

- Apresente-se na entrada do Louvre do lado da Rua da Échelle e pergunte pelo Germain.

- Muito bem. E depois?

- Ele perguntará o que quer e você responderá com estas duas palavras: "Tours e Bruxelas." Ele sse porá imediatamente às suas ordens.

- E que lhe ordenarei?

- Que vá chamar o Sr. de La Porte, o criado grave da rainha.

- E quando o Sr. de La Porte chegar?

- Mande-o vir me encontrar.

- Está bem, mas onde e como tornarei a vê-la?

- Você tem muita vontade de tornar a me ver?...

- Certamente.

- Nesse caso, deixe isso comigo e fique tranquilo.

- Confio na sua palavra.
- Pode confiar.

D'Artagnan cumprimentou a Sra Bonacieux, envolveu-a no olhar mais apaixonado que lhe foi possível concentrar na sua encantadora pessoa e, enquanto descia a escada, ouviu a porta fechar-se atrás de si, com duas voltas de chave. Pouco depois estava no Louvre.

Quando chegava à entrada da Échelle davam dez horas. Todos os acontecimentos que acabamos de narrar se tinham verificado em cerca de meia hora. Correu tudo como previra a Sra Bonacieux. Ao ouvir a senha, Germain inclinou-se, dez minutos mais tarde, La Porte estava no cubículo do porteiro. D'Artagnan o informou do que se passava e disse-lhe onde estava a Sra Bonacieux. La Porte assegurou-se por duas vezes da exatidão da residência e saiu correndo. Mas mal deu dez passos voltou para trás.

- Um conselho - disse a D'Artagnan. - Qual?
- Pode ser incomodado pelo que acaba de se passar.
- O senhor acha?
- Você tem algum amigo cujo relógio se atrase?
- Que quer dizer?
- Vá visitá-lo para que possa testemunhar que estava em sua casa às nove e meia. Em justiça isso chama-se um álibi.

D'Artagnan achou o conselho prudente. Apertou o passo e entrou no palácio do Sr. de Tréville, mas em vez de se dirigir para o salão, como todas as pessoas, pediu para entrar no seu gabinete. Como D'Artagnan era um dos frequentadores habituais do palácio, ninguém pôs qualquer obstáculo ao seu pedido, o criado limitou-se a ir prevenir o Sr. de Tréville de que o seu jovem compatriota tinha algo importante a dizer-lhe e solicitava uma audiência particular. Cinco minutos depois o Sr. de Tréville perguntava a D'Artagnan em que lhe podia ser útil e o que significava a sua visita a hora tão adiantada.

- Perdão, senhor - disse D'Artagnan, que aproveitara o momento em que

ficara sozinho para atrasar o relógio três quartos de hora -, pensei que como eram apenas nove horas e vinte e cinco minutos ainda não fosse tarde para lhe procurar.

- Nove horas e vinte e cinco minutos! - exclamou o Sr. de Tréville, olhando o relógio de sala. - Mas é impossível!

- Como vê, o relógio não engana, senhor - observou D'Artagnan.

- Tem razão - admitiu o Sr. de Tréville. - Juraria que era mais tarde... Mas vejamos, que você quer?

Então, D'Artagnan contou ao Sr. de Tréville uma longa história a respeito da rainha. Expôs-lhe os temores que concebera acerca

de Sua Majestade e contou-lhe o que ouvira dizer dos projetos do cardeal relativamente a Buckingham, e tudo isto com uma calma e um à-vontade que iludiu tanto mais facilmente o Sr. de Tréville quanto é certo que ele próprio, como já dissemos, notara algo estranho entre o cardeal, o rei e a rainha.

Quando deram dez horas, D'Artagnan deixou o Sr. de Tréville, que lhe agradeceu as suas informações e recomendou que tivesse sempre pronto a servir o rei e a rainha e voltou para o salão. Mas ao fundo da escada D'Artagnan lembrou-se de que se esquecera da bengala. Por isso, voltou a subir precipitadamente, entrou no gabinete, com uma volta de dedo recolocou o relógio na hora certa para que no dia seguinte não se descobrisse que fora atrasado, e certo de que dali em diante teria uma testemunha para provar o seu álibi, desceu a escada e não demorou a encontrar-se na rua.

A INTRIGA PROGRIDE

Feita a sua visita ao Sr. de Tréville, D'Artagnan tomou, muito pensativo, o caminho mais longo para regressar para casa.

Em que pensava D'Artagnan que o afastava assim da sua rota e o levava a olhar as estrelas do céu, ora suspirando, ora sorrindo?

Pensava na Sra Bonacieux. Para um aprendiz de mosqueteiro, a jovem mulher era quase uma idealidade amorosa. Bonita, misteriosa, iniciada em quase todos os segredos do coração, que emprestavam tanta encantadora gravidade às suas feições graciosas, dava idéia de não ser insensível aos galanteios, o que constituía uma atração irresistível para os apaixonados inexperientes. Além disso, D'Artagnan arrancara-a das mãos daqueles demônios que queriam revistá-la e maltratá-la, e esse importante serviço estabelecera entre ambos um desses sentimentos de reconhecimento que adquirem muito facilmente caráter mais terno. D'Artagnan via-se já - de tal forma os sonhos andam depressa nas asas da imaginação - abordado por um mensageiro da jovem, que lhe entregava um bilhete marcando um encontro, um fio de ouro ou um diamante. Já dissemos que os jovens cavalheiros recebiam sem vergonha dinheiro do seu rei, acrescentemos que naqueles tempos de moral fácil não tinham mais vergonha em receber dinheiro das suas amantes e que estas lhe deixavam quase sempre preciosas e duradouras recordações, como se precisassem conquistar a fragilidade dos sentimentos do amado com a solidez das suas dádivas.

Progredia-se na vida por intermédio das mulheres, sem corar.

As que eram

apenas belas, davam a sua beleza, e daí provém sem dúvida o provérbio de que a mais bela mulher do mundo só pode dar o

que tem. As que eram ricas davam além disso parte do seu dinheiro, e poderíamos citar numerosos heróis daquela época galante que não teriam ganhado nem as suas esporas, primeiro, nem as suas batalhas, depois, sem a bolsa mais ou menos fornecida que a amante lhe prendia ao arção da sela.

D'Artagnan não possuía nada, a timidez do provinciano, verniz superficial, flor efêmera, penugem de pêssago, evaporara-se levada pelo vento dos conselhos pouco ortodoxos que os três mosqueteiros davam ao amigo. De acordo com o estranho costume do tempo, D'Artagnan via-se em Paris como se estivesse em campanha, e nada mais, nada menos do que na Flandres: os espanhóis num lado, a mulher no outro. Por todos os lados inimigos a combater, contribuições a cobrar. Mas, digamos, de momento, D'Artagnan era dominado por um sentimento mais nobre e desinteressado. O senhorio dissera-lhe que era rico, o jovem adivinhara sem dificuldade que com um néscio como o Sr. Bonacieux quem devia ter a chave do cofre era a mulher. Mas isso não influíra em nada no sentimento produzido pela vista da Sra Bonacieux, e o interesse permanecera quase estranho ao começo de amor que se lhe seguira. Dizemos “quase” porque a idéia de que uma jovem mulher, ela, graciosa, cheia de espírito, e ao mesmo tempo rica em nada diminui esse começo de amor, e muito pelo contrário corrobora-o.

A riqueza é acompanhada de numerosas preocupações e caprichos aristocráticos inerentes à beleza. Meias finas e

brancas, vestido de seda, lenço de pescoço de renda, bonitos sapatos nos pés, uma fita engraçada na cabeça, não tornam bonita uma mulher feia, mas tornam bela uma mulher bonita, sem contar com as mãos, que levam a palma a tudo isso, as mãos, sobretudo nas mulheres, necessitam permanecer ociosas para se conservarem belas.

Depois D'Artagnan, como o leitor sabe, a quem não ocultamos o estado da sua fortuna, D'Artagnan não era um milionário, esperava vir a ser um dia, mas o tempo que fixara a si mesmo para essa feliz mudança era bastante longo. Entretanto, que desespero ver uma mulher que se ama desejar essas pequenas coisas que as mulheres constroem a sua felicidade e não lhe poder dar esses pequenos agrados! Ao menos, quando a mulher é rica e o amante não é, o que ele não lhe pode oferecer oferece-o ela a si mesma e embora seja geralmente com o dinheiro do marido que obtém esse prazer, é raro que seja ele a receber o reconhecimento.

Depois D'Artagnan, disposto a ser o amante mais terno, era entretanto um amigo dedicadíssimo. No meio dos seus projetos amorosos acerca da mulher do senhorio, não esquecia os seus planos. A bonita Sra Bonacieux era mulher para passear na planície de Saint-Denis ou na feira de Saint-Germain em companhia de Athos, Porthos e Aramis, aos quais D'Artagnan teria orgulho em mostrar semelhante conquista. Depois, quando se nada muito tempo, vem a fome, havia algum tempo que D'Artagnan notara isso... Fariam desses jantarzinhos

encantadores onde se toca de um lado a mão de um amigo e do outro o pé de uma amante. Enfim, nos momentos prementes, nas situações extremas, D'Artagnan seria o salvador dos amigos.

E o Sr. Bonacieux, que D'Artagnan entregara nas mãos dos guardas, renegando em voz alta o pobre homem depois de lhe prometer em voz baixa

salvá-lo? Devemos confessar aos nossos leitores que D'Artagnan não pensava nele de modo algum, ou, se pensava, era para dizer a si mesmo que estava muito bem onde estava, fosse onde fosse. O amor é a mais egoísta de todas as paixões. No entanto, tranquilizem-se os nossos leitores: se D'Artagnan esquece o seu senhorio, ou finge esquecê-lo, a pretexto de não saber para onde o levaram, nós não o esquecemos e sabemos onde está. Mas no momento façamos como o gascão apaixonado.

Quanto ao digno senhorio, nos ocuparemos dele mais tarde.

Enquanto pensava nos seus futuros amores, enquanto falava à noite, enquanto sorria às estrelas, D'Artagnan subia a Rua do Cherche-Midi ou Chasse-Midi, como se chamava então. Como se encontrava no bairro de Aramis, lembrou-se de fazer uma visita ao amigo para lhe dar algumas explicações acerca do motivo que o levava a mandar Planchet convidá-lo a dirigir-se imediatamente à ratoeira. Ora, se Aramis estivesse em casa

quando Planchet o procurara, correria sem dúvida à Rua dos Fossoyeurs, onde não encontrara ninguém exceto, talvez, os seus dois outros companheiros, sem que nem uns nem outros soubessem o que tudo aquilo queria dizer. Tal incômodo merecia portanto uma explicação, como dizia em voz alta D'Artagnan.

Depois, baixinho, pensava que era para si uma oportunidade de falar da bonita Sra Bonacieux, da qual o seu espírito, senão o seu coração, estava já repleto. Não é de esperar discrição acerca de um primeiro amor. Um primeiro amor é acompanhado de tão grande alegria que é necessário deixar transbordar essa alegria, que de contrário nos asfixiaria.

Depois das dez horas, Paris era sombrio e começava a ficar deserto. Davam onze horas em todos os relógios do Arrabalde de Saint-Germain e estava um tempo agradável. D'Artagnan seguia por uma ruela situada no ponto onde passa hoje a Rua de Assas, respirando as emanações perfumadas que o vento trazia da Rua de Vaugirard e enviavam os jardins refrescados pelo orvalho e pela brisa da noite. Ao longe ecoavam, abafados por bons guarda-ventos, os cantos dos bebedores em alguns botequins perdidos na planície. Chegado ao fim da ruela, D'Artagnan virou à esquerda. O prédio onde morava Aramis ficava situado entre a Rua Cassette e a Rua Servandoni.

D'Artagnan acabava de ultrapassar a Rua Cassette e reconhecia já a porta do prédio do amigo, escondida por um maciço de sicômoros e clematites que formavam uma vasta

arcada por cima dela, quando distinguiu qualquer coisa como uma sombra que saía da Rua Servandoni. Essa qualquer coisa estava envolta numa capa e D'Artagnan julgou ao princípio tratar-se de um homem, mas pela baixa estatura, pela incerteza da atitude e pela hesitação do passo não tardou a reconhecer uma mulher. Além disso, a mulher, como se não estivesse bem certa da casa que procurava, levantava os olhos para se certificar, parava, voltava para trás e regressava novamente. D'Artagnan estava intrigado.

“Vou oferecer-lhe os meus serviços!”, pensou. “Pelo aspecto, vê-se que é nova, talvez bonita. Oh, sim! Mas uma mulher que anda na rua a estas horas só sai para ir encontrar-se com o amante. Não, perturbar-lhe o encontro seria má porta para entrar em relações!...”

Entretanto, a jovem continuava a avançar, contando as casas e as janelas. Aliás, isso não era coisa demorada nem difícil. Só havia três palácios naquela

parte da rua e duas janelas com vista para essa mesma rua: uma era de um pavilhão paralelo ao que ocupava Aramis e a outra a do próprio Aramis.

“Com a breca”, pensou D'Artagnan, a quem a sobrinha do teólogo acudia ao espírito, “com a breca, teria piada se esta pomba retardatária procurasse a casa do nosso amigo! Pela

minha salvação se não parece mesmo isso... Ah, meu caro Aramis, desta vez tenho de tirar isto a limpo!”

E D’Artagnan, encolhendo-se o máximo possível, escondeu-se no canto mais escuro da rua, junto de um banco de pedra situado ao fundo de um nicho.

A jovem continuou a avançar, pois além da ligeireza do seu andar, que a atraíçoaara, acabava de deixar escapar uma tosezinha que denunciava uma voz das mais frescas.

D’Artagnan pensou que aquela tosse era um sinal.

Entretanto, fosse porque tivessem respondido à tosse com outro sinal equivalente que tivesse posto termo às irresoluções da noturna indagadora, fosse porque sem auxílio estranho tivesse reconhecido que chegara ao seu destino, aproximou-se resolutamente da persiana de Aramis e bateu com três intervalos iguais, com o dedo recurvado.

- Não há dúvida que procurava Aramis - murmurou D’Artagnan. - Ah, senhor hipócrita, apanhei-o às voltas com a teologia!...

Mal as três pancadas soaram abriu-se a janela interior e surgiu uma luz através da persiana.

- Ah, ah!... - exclamou o escutador, não às portas, mas sim às janelas. - Ah, ah, a visita era esperada! Agora a persiana vai se abrir e a dama entrará por escalamiento. Muito bem!

Mas com grande espanto de D'Artagnan a persiana permaneceu fechada. Além disso, a luz que brilhara um instante desapareceu e tudo mergulhou nas trevas.

D'Artagnan pensou que aquilo não podia ficar assim e continuou a olhar de olhos bem abertos e a escutar de ouvidos bem atentos.

Tinha razão, passados alguns segundos soaram lá dentro duas pancadas secas. A jovem da rua respondeu com uma única pancada e a persiana entreabriu-se.

Imagine-se com que avidez olhava e escutava D'Artagnan!

Infelizmente, a luz fora levada para outra divisão. Mas os olhos do jovem estavam habituados à noite. Aliás, os olhos dos gascões possuem, ao que se afirma, a propriedade de verem de noite, como os dos gatos.

D'Artagnan viu portanto que a jovem tirava da algibeira um objeto branco, que desdobrou vivamente e tomou a forma de um lenço. Uma vez o objeto desdobrado, ela chamou a atenção do seu interlocutor para um canto.

Isso recordou a D'Artagnan o lenço que encontrara aos pés da Sra Bonacieux, o qual lhe recordara o que encontrara aos pés de Aramis... Que diabo significaria aquele lenço?

Colocado onde estava, D'Artagnan não podia ver o rosto de Aramis - dizemos de Aramis porque o jovem não tinha nenhuma dúvida de ser o amigo quem dialogava do interior com a dama

do exterior -, mas a curiosidade levou a melhor à prudência e, aproveitando a preocupação em que a vista do lenço parecia mergulhar as duas personagens que pusemos em cena, D'Artagnan saiu do seu esconderijo e, rápido como um relâmpago, mas abafando o ruído dos seus

passos, foi-se colar a uma esquina da parede de onde o seu olhar podia mergulhar perfeitamente no interior do apartamento de Aramis.

Chegado aí, D'Artagnan quase soltou um grito de surpresa: não era Aramis quem conversava com a visitante noturna, era uma mulher. Pelo menos, D'Artagnan via-a o suficiente para reconhecer a forma do seu vestuário, mas não o bastante para lhe distinguir as feições.

No mesmo instante, a mulher do apartamento tirou segundo lenço da algibeira e trocou-o por aquele que acabavam de lhe mostrar. Depois, as duas mulheres trocaram algumas palavras. Por fim, a persiana fechou-se, a mulher que se encontrava da parte de fora da janela virou-se e passou a quatro passos de D'Artagnan, baixando o capuz da capa. Mas a precaução fora tomada muito tarde: D'Artagnan já reconhecera a Sra Bonacieux.

A Sra Bonacieux! A suspeita de ser ela já lhe atravessara o espírito, quando a jovem tirara o lenço da algibeira. Mas como era possível que a Sra Bonacieux, que o mandara buscar o Sr.

de La Porte para a acompanhar ao Louvre, corresse as ruas de Paris sozinha às onze e meia da noite, com risco de ser raptada novamente?

Só por um assunto muito importante. E qual o assunto mais importante para uma mulher de vinte e cinco anos? O amor.

Mas era por sua conta ou por conta de outra pessoa que se expunha a semelhantes perigos? Eis o que perguntava a si mesmo o jovem, a quem o demônio do ciúme mordida o coração, nem mais nem menos do que morderia a um amante autêntico.

Tinha de resto uma maneira muito simples de descobrir aonde ia a Sra Bonacieux: segui-la. E essa maneira era tão simples que D'Artagnan a utilizou tão natural como instintivamente.

Mas ao ver o jovem destacar-se da parede como uma estátua do seu nicho e ao ouvir-lhe os passos soarem atrás de si, a Sra Bonacieux soltou um gritinho e fugiu.

D'Artagnan correu atrás dela. Não era nada difícil para ele apanhar uma mulher a quem a capa estorvava. Apanhou-a portanto percorrido um terço da rua por onde ela metera. A pobrezinha estava exausta, não de fadiga, mas sim de terror, e quando D'Artagnan lhe pousou a mão no ombro ela caiu sobre um joelho e gritou com voz estrangulada:

- Mate-me, se quiser, mas não saberá de nada!

D'Artagnan levantou-a, passando-lhe o braço à volta da cintura, mas como sentisse pelo peso da jovem que esta estava prestes a perder os sentidos, apressou-se a tranquilizá-la com protestos de dedicação. Mas tais protestos não valiam nada para a Sra Bonacieux, pois semelhantes protestos podiam ocultar as piores intenções do mundo, a voz, porém, era tudo.

A jovem julgou reconhecer o som daquela voz, abriu os olhos, deu uma olhadela ao homem que lhe metera tanto medo e reconhecendo D'Artagnan, soltou um grito de alegria.

- Oh, é você, é você! Obrigada, meu Deus!

- Sim, sou eu - respondeu D'Artagnan -, eu a quem Deus enviou para velar por você.

- Era com essa intenção que me seguia? - perguntou com um sorriso cheio

de elegância, cujo temperamento um pouco trocista vinha de cima, e em quem todo o medo desaparecera desde o momento em que reconhecera um amigo naquele que tomara por inimigo.

- Não - respondeu D'Artagnan. - Não, confesso. Foi o acaso que me trouxe ao seu caminho, vi uma mulher bater à janela de um dos meus amigos...

- De um dos seus amigos? - interrompeu-o a Sra Bonacieux.

- Sem dúvida; Aramis é um dos meus melhores amigos.

- Aramis! Que quer dizer?
- Então, não me diga que não conhece Aramis...
- É a primeira vez que ouço pronunciar esse nome.
- É também a primeira vez que vem a esta casa?
- Sem dúvida.
- E ignorava que era habitada por um homem?
- Ignorava.
- Por um mosqueteiro?
- Claro.
- Não foi portanto a ele que veio procurar?
- De modo nenhum. Aliás, como você bem viu, a pessoa com quem falei era uma mulher.
- É verdade, mas essa mulher é uma amiga de Aramis.
- Não sei nada a tal respeito.
- Uma vez que mora com ele.
- Não tenho nada com isso.
- Mas quem é ela?
- Oh, esse é o meu segredo!
- Querida Sra Bonacieux, é encantadora; mas ao mesmo tempo é a mulher mais misteriosa...
- E isso me prejudica?

- Não, pelo contrário, torna-lhe adorável.
- Então, de-me o braço.
- Com muito prazer. E agora?
- E agora acompanhe-me.
- Aonde?
- Aonde vou.
- Mas aonde vai?
- Você verá, pois me deixará à porta.
- Devo esperá-la?
- Seria útil.
- Regressará portanto sozinha?
- Talvez sim e talvez não...
- Mas a pessoa que a acompanhará depois será homem ou mulher?
- Por ora não sei.
- Eu saberei!
- Como?
- A esperarei para vê-la sair.
- Nesse caso, adeus!
- Que está dizendo?

- Que não preciso de você.
- Mas me pediu...
- Pedi a ajuda de um gentil-homem e não a vigilância de um espião.
- A palavra é um pouco dura!
- Como se chamam aqueles que seguem as pessoas sem elas quererem?
- Indiscretos.
- A palavra é muito suave.
- Pronto, senhora, já vejo que se tem de fazer tudo o que quer.
- Por que se privou do mérito de fazê-lo imediatamente?
- Não dá a ninguém o direito de se arrepender?
- E você se arrependeu realmente?
- Nem eu próprio sei. Mas o que sei é que prometo fazer tudo o que desejar, se me deixar acompanhá-la onde vai.
- E me deixará depois?
- Sim.
- Sem me espiar à saída?
- Sim.
- Palavra de honra?

- Palavra de gentil-homem!
- Dê-me o braço e vamos então.

D'Artagnan ofereceu o braço à Sra Bonacieux, que o tomou, meio risonha, meio trêmula, e ambos chegaram ao alto da Rua de La Harpe. Uma vez aí, a jovem pareceu hesitar, como já lhe acontecera na Rua de Vaugirard. No entanto, por certos indícios, pareceu reconhecer uma porta, da qual se aproximou.

- E agora, senhor, é aqui que venho. Mil vezes obrigada pela sua honrosa companhia, que me preservou de todos os perigos a que sozinha me teria exposto. Mas chegou o momento de cumprir a sua palavra, cheguei ao meu destino.

- E não terá nada a recear na volta?
- Só teria de recear os ladrões.
- E isso não é nada?
- Que poderiam me roubar? Não trago um centavo comigo.
- Esquece esse belo lenço bordado, brasonado.
- Qual?
- O que encontrei a seus pés e meti na sua algibeira.
- Cale-se, cale-se, desgraçado! - exclamou a jovem. - Quer perder-me?
- Bem se vê que ainda existe perigo para você, visto uma só palavra a faz tremer e confessar que se alguém ouvisse essa palavra estaria perdida. Vamos, senhora, vamos! - exclamou

D'Artagnan, pegando-lhe a mão e envolvendo-a num olhar ardente. – Seja mais generosa e confie em mim. Não vê nos meus olhos que só há dedicação e simpatia por você no meu coração?

- Claro que vejo - respondeu a Sra Bonacieux. - Por isso, peça que lhe revele os meus segredos e os revelarei, mas os dos outros, é diferente.

- Nesse caso, eu os descobrirei - respondeu D'Artagnan. - Uma vez que esses segredos podem influenciar a sua vida, tenho de conhecê-los.

- Guardai-se bem disso! - exclamou a jovem, com uma seriedade que fez estremecer D'Artagnan. - Oh, não interfira em nada do que me diz respeito nem

procure me ajudar no que faço, peço-lhe em nome do interesse que lhe inspiro, em nome do serviço que me prestou e que não esquecerei enquanto viver! Acredite no que lhe digo. Não perca mais tempo comigo, faça de conta que já não existo para você, aja como se nunca tivesse me visto.

- Aramis deve fazer o mesmo que eu, senhora? - perguntou D'Artagnan, fremente.

- Já pronunciou esse nome duas ou três vezes, senhor, e outras tantas lhe disse que o não conhecia.

- Não conhece o homem à janela do qual bateu? Então, senhora, não me julgue assim tão crédulo!
 - Confesse que é para me fazere falar que inventae essa história e criae essa personagem.
 - Não invento nada, senhora, não crio nada, digo a pura verdade.
 - E afirma que um dos seus amigos mora naquela casa?
 - Afirmo! Digo-o e repito-o pela terceira vez: aquela casa é onde mora o meu amigo e esse amigo é Aramis.
 - Tudo isso se esclarecerá mais tarde - murmurou a jovem. - Agora, senhor, cale-se.
 - Se pudesse ver o meu coração todo a descoberto - disse D'Artagnan - leria nele tanta curiosidade que teria piedade de mim, e tanto amor que satisfaria imediatamente a minha curiosidade. Não temos nada a temer daqueles que nos amam.
 - Você fala muito depressa de amor, senhor! - respondeu a jovem, abanando a cabeça.
 - Porque o amor se apoderou de mim depressa e pela primeira vez, e ainda não tenho vinte anos.
- A jovem olhou-o de soslaio.
- Escute, começo a compreender - disse D'Artagnan. - Há três meses quase tive um duelo com Aramis por causa de um

lenço idêntico a esse que mostrou à mulher que estava em casa dele, por um lenço marcado da mesma maneira, tenho certeza.

- Senhor, juro que já começo a ficar cansada com tanta pergunta.

- Mas já que é tão prudente, senhora, pense nisso: se fosse presa com esse lenço e esse lenço fosse apanhado, não ficaria comprometida?

- Porquê, não são as minhas iniciais: C. B., Constance Bonacieux?

- Ou Camille de Bois-Tracy...

- Silêncio, senhor; mais uma vez silêncio! Ah, já que os riscos que eu própria corro não o detêm, pense nos que pode correr!

-Eu?

- Sim, você. Há perigo de prisão e perigo de morte em me conhecer.

- Então não a deixo.

- Senhor - disse a jovem, com ar suplicante e juntando as mãos -, senhor, em nome do Céu, em nome da honra de um militar, em nome da cortesia de um gentil-homem, retire-se. Olhe, é quase meia-noite, é a hora que me esperam.

- Senhora - disse o jovem, inclinando-se -, não sei recusa nada a quem me pede assim. Faça-se a sua vontade: retiro-me.

- E não me seguirá nem espiará?

- Vou imediatamente para casa.
- Ah, bem sabia que era um rapaz decente! - exclamou a Sra Bonacieux, estendendo-lhe uma das mãos e pousando a outra na aldraba de uma portinha quase invisível na parede. D'Artagnan pegou na mão que ela lhe estendia e beijou-a ardentemente.
- Preferia nunca tê-la visto! - exclamou D'Artagnan, com essa brutalidade ingênua que as mulheres quase sempre apreciam mais do que as denguiças da polidez, pois revela o fundo do pensamento e prova que o sentimento se sobrepõe à razão.
- Bom - respondeu a Sra Bonacieux, em voz quase acariciadora e apertando a mão de D'Artagnan, que não largara a dela -, bom, não direi tanto: o que hoje está perdido não está perdido para sempre. Quem sabe se, quando um dia estiver desobrigada, não satisfarei a sua curiosidade?
- E faz a mesma promessa em relação ao meu amor? - perguntou D'Artagnan, no cúmulo da alegria.
- Oh, por esse lado não me quero comprometer, dependerá dos sentimentos que souber inspirar-me!
- Portanto hoje, senhora...
- Hoje, senhor, apenas estou reconhecida.

- É muito encantadora - disse D'Artagnan com tristeza -, mas abusa do meu amor.
- Não, utilizo a sua generosidade, apenas. Mas acredite que com certas pessoas tudo se recupera.
- Oh, torna-me o mais feliz dos homens! Não esqueça esta noite, não esqueça essa promessa.
- Fique tranquilo, oportunamente me lembrarei de tudo. E agora vá, vá, por amor de Deus! Me esperavam à meia-noite em ponto e já estou atrasada.
- Cinco minutos.
- Pois sim, mas em certas circunstâncias cinco minutos são cinco séculos.
- Quando se ama.
- E quem lhe disse que não vou me encontrar com um apaixonado?
- É um homem que a espera? - gritou D'Artagnan. - Um homem!
- Pronto, lá vai a discussão recomeçar... - observou a Sra Bonacieux com um meio sorriso não isento de certos laivos de impaciência.

- Não, não, vou embora, retiro-me. Acredito em você, quero ter todo o mérito da minha dedicação, mesmo que a minha dedicação seja uma estupidez. Adeus, senhora, adeus!

E como se só a custo fosse capaz de largar a mão que segurava nas suas, afastou-se correndo, enquanto a Sra Bonacieux batia, como na persiana, três pancadas lentas e regulares. Chegado à esquina da rua, o jovem virou-se; a porta abrira-se e fechara-se, a bonita retroseira desaparecera.

D'Artagnan continuou o seu caminho. Dera a sua palavra de que não espiaria a Sra Bonacieux e ainda que a sua vida dependesse do lugar aonde ela ia ou da pessoa que a devia acompanhar, D'Artagnan regressaria a casa, pois dissera que regressaria. Cinco minutos depois estava na Rua dos Fossoyeurs.

- Pobre Athos - ia dizendo -, não perceberá nada disto. Adormeceu à minha espera ou voltou para casa, e ao entrar ficou sabendo que esteve lá uma mulher.

Uma mulher na casa de Athos! No fim de contas - continuou D'Artagnan -, também havia uma na casa de Aramis. Tudo isto é muito estranho e estou cheio de curiosidade por saber como acabará.

- Mal, senhor, mal - respondeu uma voz que o jovem reconheceu ser a de Planchet, porque enquanto ia monologando em voz alta, como as pessoas muito

preocupadas, entrara no corredor ao fundo do qual ficava a escada que levava ao seu quarto.

- Como, mal? Que quer dizer, imbecil? Que aconteceu? - perguntou D'Artagnan.
- Toda a espécie de infelicidades.
- Quais?
- Primeiro, o Sr. Athos foi preso.
- Preso! Athos foi preso? Porquê?
- Encontraram-no em sua casa e tomaram-no pelo senhor.
- E por quem foi preso?
- Pela guarda que foram buscar os homens de preto que o senhor colocou em fuga.
- Por que não se identificou? Por que não disse que era estranho ao caso?
- Porque não quis, senhor. Pelo contrário, aproximou-se de mim e disse-me: "O seu amo é que precisa da sua liberdade neste momento e não eu, pois ele sabe tudo e eu não sei nada. Acreditarão que ele está preso e isso lhe dará tempo. Daqui a três dias direi quem sou e terão de me pôr em liberdade."
- Bravo, Athos! Nobre coração - murmurou D'Artagnan. - Reconheço-o bem nisso! E que fizeram os guardas?
- Quatro levaram-no não sei para onde, para a Bastilha ou para o For-l'Évéque, dois ficaram com os homens de preto, que

revistaram tudo e se apoderaram de todos os papéis. Finalmente os dois últimos montaram guarda à porta durante a diligência depois. quando tudo acabou, foram embora deixando a casa vazia e as portas escancaradas.

- E Porthos e Aramis?
- Não os encontrei e portanto não vieram.
- Mas podem vir de um momento para o outro. Não deixou recado que os esperava?
- Deixei, senhor.
- Bom, não saia daqui, se eles vierem conte-lhes o que me aconteceu e diga-lhes que me esperem no botequim da Pomme de Pin. Aqui seria perigoso, pois a casa pode estar vigiada. Vou num instante ao palácio do Sr. de Tréville contar-lhe tudo isto e depois irei ter com eles.
- Pois sim, senhor - respondeu Planchet.
- Mas você ficará e não terá medo! - gritou D'Artagnan, voltando atrás para recomendar coragem ao criado.
- Vã sossegado, senhor - respondeu Planchet. - Ainda me não conhece, sou corajoso quando me meto nas coisas, o problema é meter-me nelas... E sou picardo.
- Então, está combinado, mais depressa se deixarás matar do que abandonarás o seu posto - disse D'Artagnan.

- Sim, senhor. Não há nada que não faça para provar que lhe sou dedicado.

“Bom”, pensou D’Artagnan, “parece que o método que empreguei com o rapaz é decididamente bom. Voltarei a usá-lo se for necessário.”

E a toda a velocidade das suas pernas, já um pouco cansadas das correrias do dia, D’Artagnan dirigiu-se para a Rua do Colombier.

O Sr. de Tréville não estava no palácio, a sua companhia estava de guarda no Louvre e ele estava no Louvre com a sua companhia.

Era necessário chegar até o Sr. de Tréville, era importante preveni-lo do que se passava. D’Artagnan resolveu tentar entrar no Louvre. A sua farda de guarda da companhia do Sr. dos Essarts deveria servir-lhe de passaporte.

Desceu pois a Rua dos Petits-Augustins e subiu o cais para tomar a Ponte Nova. Por instantes pensara em atravessar de barca, mas ao chegar à beira-d’água metera maquinalmente a mão na algibeira e verificara que não tinha com que pagar ao barqueiro.

Por altura da Rua Guénégaud, viu desembocar da Rua Dauphine um grupo constituído por duas pessoas cujo aspecto

lhe chamou a atenção. As duas pessoas que constituíam o grupo eram: uma, um homem; a outra, uma mulher.

A mulher tinha a figura da Sra Bonacieux e o homem parecia-se extraordinariamente com Aramis. Além disso, a mulher tinha a capa preta que D'Artagnan ainda via desenhar-se na persiana da Rua de Vaugirard e na porta da Rua de La Harpe.

Por outro lado, o homem envergava o uniforme dos mosqueteiros.

A mulher tinha o capuz descido e o homem cobria o rosto com o lenço, em ambos a dupla precaução indicava que lhes interessava não serem reconhecidos. Meteram-se pela ponte, era o caminho de D'Artagnan, pois D'Artagnan dirigia-se para o Louvre, D'Artagnan seguiu-os.

Ainda não dera vinte passos quando D'Artagnan se convenceu de que a mulher era a Sra Bonacieux e o homem Aramis. Sentiu imediatamente todas as desconfianças resultantes do ciúme que lhe agitava o coração.

Fora duplamente traído, pelo amigo e por aquela que amava já como uma amante. A Sra Bonacieux jurara-lhe por todos os seus santinhos que não conhecia Aramis e um quarto de hora depois de lhe fazer esse juramento encontrava-a pelo braço de Aramis.

D'Artagnan não refletiu sequer que conhecia a bonita retroseira havia apenas três horas, que ela não lhe devia nada a não ser um pouco de reconhecimento por tê-la livrado das mãos dos

homens de preto que queriam violentá-la e que não lhe prometera nada. Mesmo assim, considerou-se um amante ultrajado, traído, escarnecido, o sangue e a cólera subiram-lhe ao rosto e resolveu pôr tudo em pratos limpos.

A mulher e o homem tinham notado que eram seguidos e haviam apertado o passo. D'Artagnan correu, ultrapassou-os e depois voltou para trás, ao seu encontro, no momento em que se encontravam diante da Samaritana, iluminada por um candeeiro que projetava a sua luz sobre toda aquela parte da ponte.

D'Artagnan parou diante deles e eles pararam diante dele.

- Que quer, senhor? - perguntou o mosqueteiro, recuando um passo, e com uma pronúncia estrangeira que provava a D'Artagnan que se enganara em uma parte das suas conjecturas.

- Não é Aramis! - exclamou.

- Não, senhor, não sou Aramis, e pela sua exclamação vejo que me tomou por outro e lhe perdoo.

- Perdoa-me! - gritou D'Artagnan.

- Perdoo - respondeu o desconhecido. - Deixe-me pois passar, já que nada tem a ver comigo.

- Tem razão, senhor - respondeu D'Artagnan. - Não é com o senhor que tenho a tratar, é com a senhora.

- Com a senhora? Não a conhece - observou o estrangeiro.
- Engana-se, senhor, conheço-a.
- Oh! - exclamou a Sra Bonacieux em tom de censura.
- Oh, senhor, tinha a sua palavra de militar e de gentil-homem; esperava poder contar com elas!
- E eu, senhora - disse D'Artagnan, embaraçado -, tinha me prometido...
- Tome o meu braço, senhora - disse o estrangeiro -, e continuemos o nosso caminho.

Entretanto, D'Artagnan, aturdido, aterrado, aniquilado por tudo o que lhe acontecia, permanecia de pé e de braços cruzados diante do mosqueteiro e da Sra Bonacieux.

O mosqueteiro deu dois passos em frente e afastou D'Artagnan com a mão. D'Artagnan deu um salto à retaguarda e puxou da espada. Ao mesmo tempo e com a rapidez do relâmpago o desconhecido desembainhou a sua.

- Em nome do Céu, milorde! - gritou a Sra Bonacieux, lançando-se entre os combatentes e segurando as espadas com as mãos.
- Milorde! - exclamou D'Artagnan, iluminado por uma idéia súbita. - Milorde!... Perdão, senhor, mas se soubesse que era...
- Milorde duque de Buckingham - disse a Sra Bonacieux a meia voz. - E agora pode perder a todos nós.

- Milorde, senhora, perdão, cem vezes perdão, mas eu amava-a, milorde, e tinha ciúmes. Sabe o que é amar, milorde. Perdoe-me e digai-me como posso me fazer matar por Vossa Graça.

- É um excelente rapaz - disse Buckingham, estendendo a D'Artagnan uma mão que este apertou respeitosamente. - Oferece-me os seus serviços e eu os aceito, siga-nos a vinte passos até o Louvre e se alguém nos espiar, mate-o!

D'Artagnan meteu a espada nua debaixo do braço, deixou que a Sra Bonacieux e o duque se afastassem vinte passos e seguiu-os, pronto a executar à letra as instruções do nobre e elegante ministro de Carlos I.

Mas felizmente o jovem não teve nenhuma oportunidade de dar ao duque a prova de dedicação que pretendia, e a mulher e o belo mosqueteiro entraram no Louvre pela porta da Échelle sem terem sido incomodados.

Quanto a D'Artagnan, dirigiu-se imediatamente para o botequim da Pomme de Pin, onde encontrou Porthos e Aramis, que o esperavam. Mas sem lhes dar qualquer explicação acerca do incômodo que lhes causara, disse-lhes que concluíra sozinho o caso para o qual julgara necessitar do seu auxílio.

E agora, levados pela nossa narrativa, deixemos os nossos três amigos voltarem para suas casas e sigamos no labirinto do Louvre o duque de Buckingham e a sua guia.

GEORGES VILLIERS, DUQUE DE BUCKINGHAM

A Sra Bonacieux e o duque entraram no Louvre sem dificuldade. A Sra Bonacieux era conhecida por estar ao serviço da rainha, o duque envergava o uniforme dos mosqueteiros do Sr. de Tréville, que, como dissemos, estava de guarda naquela noite. Aliás, Germain era dedicado à rainha, e se acontecesse alguma coisa a Sra Bonacieux seria acusada de ter introduzido o amante no Louvre e mais nada. A jovem tomaria sobre si o crime, a sua reputação estaria perdida, é certo, mas que valor tinha na sociedade a reputação de uma modesta retroseira?

Uma vez dentro do pátio, o duque e a jovem seguiram junto à parede durante cerca de vinte e cinco passos. Percorrido esse espaço, a Sra Bonacieux empurrou uma portinha de serviço, aberta de dia, mas habitualmente fechada de noite. A porta cedeu, ambos entraram e se encontraram na obscuridade, mas a Sra Bonacieux conhecia todos os cantos e recantos daquela parte do Louvre, destinada às pessoas do serviço real. A jovem fechou a porta atrás de si, pegou na mão do duque, deu alguns passos tacteando, agarrou um corrimão, tocou com um pé num degrau e começou a subir uma escada. O duque contou dois andares. Então a Sra Bonacieux virou à direita, seguiu por um comprido corredor, desceu um andar, deu mais alguns passos, meteu uma chave numa fechadura, abriu uma porta e empurrou o duque para uma sala iluminada apenas por uma lamparina, dizendo:

- Fique aqui, milorde-duque, e espere.

Depois saiu pela mesma porta, que fechou à chave, de forma que o duque se encontrou literalmente prisioneiro.

No entanto, por mais isolado que se encontrasse, devemos dizer que o duque de Buckingham não experimentou um instante sequer de temor; um dos aspectos característicos do seu temperamento era a procura da aventura e do amor romanesco. Bravo, ousado, empreendedor, não era a primeira vez que arriscava a vida em semelhantes tentativas. Soubera que a pretensa mensagem de Ana de Áustria que o trouxera a Paris era uma cilada, e em vez de voltar para Inglaterra tinha abusado da posição que conquistara, declarado à rainha que não partiria sem vê-la. A rainha recusara terminantemente primeiro, mas depois receara que o duque, exasperado, cometesse alguma loucura. Já estava decidida a recebê-lo e a suplicar-lhe que partisse imediatamente quando, na própria noite dessa decisão, a Sra Bonacieux, que estava encarregada de ir buscar o duque e conduzi-lo ao Louvre, fora raptada. Durante dois dias ignorou-se por completo o que lhe acontecera e tudo ficou em suspenso. Mas uma vez livre, uma vez posta em comunicação com La Porte, as coisas tinham retomado o seu curso e a jovem acabava de cumprir a perigosa empresa que, sem a sua prisão, teria executado três dias mais cedo.

Uma vez só, Buckingham aproximou-se de um espelho. Aquela farda de mosqueteiro ficava-lhe maravilhosamente bem.

Aos trinta e cinco anos, que contava então, passava com justiça por ser o mais belo gentil-homem e o mais elegante cavaleiro de França e de Inglaterra.

Favorito de dois reis, milionário, todo-poderoso num reino que perturbava consoante a sua fantasia e acalmava conforme o seu capricho, Georges Villiers,

duque de Buckingham, dedicara-se a levar uma dessas existências fabulosas que permanecem no curso dos séculos como um assombro para a posteridade.

Por isso, seguro de si mesmo, convicto do seu poder, certo de que as leis que regiam os outros homens não podiam atingi-lo, ia direito ao fim que se fixara, ainda que esse fim fosse tão elevado e deslumbrante que para outro seria loucura imaginá-lo. Fora assim que conseguira aproximar-se várias vezes da bela e orgulhosa Ana de Áustria e levá-la a amá-lo, à força de a deslumbrar.

Georges Villiers colocou-se portanto diante de um espelho, como dissemos, restituiu à sua bela cabeleira loura as ondas que o peso do chapéu lhe fizera perder, cofiou o bigode e, com o coração transbordando de alegria, feliz e orgulhoso por estar perto o momento que tão longamente desejara, sorriu a si mesmo de orgulho e esperança.

Neste momento uma porta oculta na parede abriu-se e apareceu uma mulher. Buckingham viu-a surgir no espelho e soltou um grito: era a rainha!

Ana de Áustria contava então vinte e seis ou vinte e sete anos, isto é, encontrava-se em todo o esplendor da sua beleza. A sua maneira de andar era a de uma rainha ou de uma deusa. Os seus olhos, que emitiam reflexos de esmeralda, eram perfeitamente belos e ao mesmo tempo cheios de doçura e majestade.

Tinha a boca pequena e vermelha, e embora o seu lábio inferior, como o dos príncipes da Casa de Áustria, se salientasse ligeiramente do outro, o seu sorriso era tão gracioso quando descontraído como desdenhoso quando queria demonstrar desprezo.

A sua pele era citada pela sua suavidade e pelo seu aveludado, as mãos e os braços eram de uma beleza espantosa, e todos os poetas da época os cantavam como incomparáveis.

Finalmente o cabelo, que de louro que fora na sua juventude se tornara castanho, e que usava frisado e com muito pó, emoldorava-lhe admiravelmente o rosto, no qual o censor mais rígido desejaria ver apenas um pouco menos de carmim e o estatuário mais exigente um pouco mais de delicadeza no nariz.

Buckingham ficou um instante deslumbrado, nunca Ana de Áustria lhe aparecera tão bela no meio dos bailes, das festas, dos torneios, como lhe aparecia naquele momento, envergando

um simples vestido de cetim branco e acompanhada de Dona Estefânia, a única das suas criadas espanholas que não fora expulsa pelo ciúme do rei e pelas perseguições de Richelieu.

Ana de Áustria deu dois passos em frente, Buckingham precipitou-se de joelhos e antes que a rainha tivesse tempo de lhe impedir beijou-lhe a fímbria do vestido.

- Duque, já sabe que não fui eu que mandei escrever a carta.

- Claro, claro, senhora! Claro, Majestade! - exclamou o duque. - Sei que tenho sido um louco, um insensato, em crer que a neve se animaria, que o mármore aqueceria, mas que quer, quando se ama acredita-se facilmente no amor, de resto, não perdi tudo nesta viagem, uma vez que a vejo.

- Sim - respondeu Ana -, mas sabe porquê e como o vejo, milorde. Vejo-o por compaixão, vejo-o porque, insensível a todos os meus sofrimentos, se obstinou em permanecer numa cidade onde, ficando, corre perigo de morte e põe em perigo a minha honra, vejo-o para lhe dizer que tudo nos separa, as

profundezas do mar, a inimizade dos reinos, a santidade dos juramentos. É sacrilégio lutar contra tantas coisas, milorde. Vejo-o finalmente para lhe dizer que não devemos nos ver mais.

- Fale, senhora, fale, rainha - pediu Buckingham. - A doçura da sua voz abafa a dureza das suas palavras. Fala de

sacrilégio! Mas o sacrilégio está na separação de corações que Deus formou um para o outro.

- Milorde, esqueça que nunca disse que o amava! -
protestou a rainha.

- Mas também nunca me disse o contrário e realmente, dizer-me semelhantes palavras seria da parte de Vossa Majestade uma enorme ingratidão. Porque, diga-me, onde encontrará um amor igual ao meu, um amor que nem o tempo, nem a ausência, nem o desespero, conseguem extinguir; um amor que se contenta com uma fita extraviada, um olhar perdido, uma palavra escapada? Há três anos, senhora, que lhe vi pela primeira vez, e há três anos que lhe amo assim. Quer que lhe diga como estava vestida da primeira vez que a vi? Quer que descreva cada um dos adornos da sua indumentária? Ainda a vejo... Estava sentada em almofadas, à moda de Espanha, tinha um vestido de cetim verde, com bordados de ouro e prata, mangas pendentes e apanhadas nos seus belos braços, nesses braços admiráveis, com grandes diamantes, tinha uma gargantilha fechada e uma touquinha na cabeça, da cor do vestido, encimada por uma pena de garça-real. Oh, espere, fecho os olhos e a vejo tal como estavas então! Abro os olhos e a vejo tal como é agora, isto é, cem vezes ainda mais bela!

- Que loucura! - murmurou Ana de Áustria, que não tinha coragem de se zangar com o duque por ter conservado tão

bem o seu retrato no coração. - Que loucura alimentar uma paixão inútil com semelhantes recordações!

- E com que quer que viva? Só tenho recordações... São a minha felicidade, o meu tesouro, a minha esperança. Cada vez que a vejo é mais um diamante que guardo no escrínio do meu coração. Este é o quarto que deixa cair e que apanho, porque em três anos, senhora, só a vi quatro vezes: a primeira de que acabo de falar, a segunda em casa da Sra de Chevreuse, a terceira nos jardins de Amiens.

- Duque, não fale dessa noite - pediu a rainha, corando.

- Oh, pelo contrário, falemos dela, senhora, falemos! Foi a noite mais feliz e radiosa da minha vida. Lembra-se da bonita noite que estava? Como o ar estava suave e perfumado, como o céu estava azul e todo cravejado de estrelas! Dessa vez, senhora, pude estar um instante sozinho com a senhora, dessa vez estava pronta a dizer-me tudo, a contar-me o isolamento da sua vida, os desgostos do seu coração. Estava apoiada no meu braço... neste. Sentia, inclinando a cabeça para o seu lado, os seus belos cabelos tocarem-me o rosto, e todas as vezes que o tocavam estremecia da cabeça aos pés. Oh, rainha, rainha! Não sabe tudo o que existe de felicidades do Céu, de alegrias do Paraíso, encerradas num momento assim. Daria os meus bens, a minha fortuna, a minha glória, tudo o que me resta de vida, por um instante assim, por uma noite idêntica! Porque naquela noite, senhora, naquela noite, amava-me.

- Milorde, é possível, sim, que a influência do lugar, que o encanto dessa bonita noite, que a fascinação do seu olhar, que as mil circunstâncias, enfim, que se conjugam às vezes para perder uma mulher se tenham congregado à minha volta nessa noite fatal, mas como viu, milorde, a rainha veio em socorro da mulher que fraquejava: à primeira palavra que ousou dizer, à primeira audácia a que tive

de responder, chamei-a.

- Sim, sim, isso é verdade, e outro amor que não fosse o meu sucumbiria a essa prova, mas o meu amor saiu dela mais ardente e eterno. Julgou fugir-me regressando a Paris, julgou que não ousaria deixar o tesouro pelo qual o meu amo e senhor me encarregara de velar. Que me importam todos os tesouros do mundo e todos os reis da Terra! Oito dias depois estava de volta, senhora. Dessa vez não teve nada para me dizer: arrisquei o meu valimento, a minha vida, para lhe ver um segundo, nem sequer toquei na sua mão, e perdoou-me ao me ver tão submisso e arrependido.

- É verdade, mas a calúnia apoderou-se de todas essas loucuras, para as quais em nada contribuí como bem sabe, milorde. O rei, espicaçado pelo Sr. Cardeal, fez um barulho terrível: a Sra de Vernet foi expulsa, Putange exilado, a Sra de Chevreuse caiu em desgraça, e quando o senhor quis voltar

como embaixador na França o próprio rei, lembre-se, milord, o próprio rei se opôs.

- Sim, e a França vai pagar com uma guerra a recusa do seu rei. Se não posso tornar a vê-la, senhora, pois bem: quero que todos os dias ouça falar de mim. Que fim pensava que tiveram a expedição à Ré e a que julga dever-se a liga com os protestantes de La Rochelle que projeto? Ao prazer de lhe ver. Não espero penetrar à mão armada até Paris, bem o sei, mas esta guerra poderá conduzir a uma paz, essa paz necessitará de um negociador e esse negociador serei eu. Ninguém ousará voltar a recusar-me então, e virei a Paris, a verei e serei feliz um instante. Milhares de homens, é certo, pagarão com a vida a minha felicidade, mas que me importará isso, desde que torne a vê-la! Tudo isto talvez seja louco, talvez seja insensato, mas diga-me, que mulher tem um homem mais apaixonado? Que rainha tem servidor mais ardente?

- Milorde, milorde invoca em sua defesa coisas que ainda o acusam, milorde, todas essas provas de amor que me quer dar são quase crimes.

- Porque me não ama, senhora. Se me amasse, veria tudo de outra maneira, se me amasse... Oh, se me amasse seria demasiada felicidade para mim e enlouqueceria! A Sra de Chevreuse, de quem falava há pouco, a Sra de Chevreuse foi menos cruel do que a senhora. Holland amou-a e ela correspondeu ao seu amor.

- A Sra de Chevreuse não era rainha - murmurou Ana de Áustria, vencida, mal-grado seu, pela expressão de um amor tão profundo.

- Me amaria portanto se o não fosse, senhora? Diga, me amaria? Posso pois crer que é apenas a dignidade da sua posição que a torna cruel para mim? Posso pois crer que se fosse a Sra de Chevreuse o pobre Buckingham poderia ter esperança? Obrigado por essas doces palavras, ó minha bela rainha, cem vezes obrigado!

- Mas, milorde, entendeu mal, interpretou mal, não quis dizer...

- Silêncio! Silêncio! - exclamou o duque. - Se sou feliz por via de um erro não tenha a crueldade de o roubar. A senhora mesma o disse, atraíram-me a uma cilada onde talvez deixe a vida, porque, é estranho, mas há algum tempo tenho o pressentimento de que vou morrer.

E o duque sorriu, com um sorriso triste e encantador ao mesmo tempo.

- Oh, meu Deus! - exclamou Ana de Áustria com um acento de terror que provava que um interesse maior do que queria confessar a ligava ao duque.

- Não digo isto para assustá-la, senhora, não, é até ridículo que o diga, e acredite que nada me preocupam semelhantes

sonhos. Mas as palavras que acaba de dizer, essa esperança que quase me deu, tudo pagaria, até a minha vida.

- Também eu, duque, tenho pressentimentos, também sonho - declarou Ana de Áustria. - E sonhei que o via caído, sangrando de um ferimento.

- Do lado esquerdo, não é verdade, com uma faca? - interrompeu-a Buckingham.

- Sim, é isso. Milorde, é isso: do lado esquerdo com uma faca. Quem poderia dizer-lhe que tive este sonho? Só o confiei a Deus, nas minhas orações.

- Não quero saber mais nada: ama-me, senhora, não há dúvida.

- Amo-o, eu?

- Sim, você. Mandaria Deus os mesmos sonhos que a mim se me não amasse? Teríamos os mesmos pressentimentos se as nossas duas existências não estivessem ligadas pelo coração? Ama-me, ó rainha! Choraria por mim?

- Oh, meu Deus, meu Deus! - exclamou Ana de Áustria. - Isto é mais do que posso suportar. Duque, em nome do Céu, parta, retire-se, não sei se o amo ou se não o amo, mas sei é não serei perjura. Tenha pois piedade de mim e vá embora. Oh, se fosse ferido na França, se morrêsseis na França, se pudesse supor que o seu amor por mim fora a causa da sua morte,

nunca me conformaria, enlouqueceria! Parta, pois, parta, suplico-lhe.

- Como é bela assim! Como a amo! - exclamou Buckingham.

- Parta, parta, suplico-lhe, e volte mais tarde! Volte como embaixador, volte como ministro, volte rodeado de guardas que o defendam, de servidores que velem por si, e então não recearei mais pelos seus dias e terei prazer em tornar a vê-lo.

- É verdade o que diz?

- É...

- Então, dê-me um penhor da sua indulgência, um objeto que lhe pertença e que me recorde que não sonhei, qualquer coisa que tenha usado e que eu possa usar por minha vez, um anel, um colar, um cordão.

- E partirá, partirá se der o que me pede?

- Sim.

- Imediatamente?

- Imediatamente.

- Deixará a França e regressará a Inglaterra?

- Sim, juro!

- Espere então, espere.

E Ana de Áustria reentrou nos seus aposentos e saiu quase imediatamente trazendo na mão um cofrezinho de pau-rosa com o seu monograma, todo incrustado de ouro.

- Tome, milorde-duque, tome, guarde isto como recordação minha. Buckingham pegou o cofre e caiu segunda vez de joelhos.

- Prometeu-me partir - disse a rainha.

- E mantenho a minha palavra. A sua mão, a sua mão, senhora, e parto.

Ana de Áustria estendeu-lhe a mão, fechou os olhos e apoiou-se com a outra em Estefânia, pois sentia que as forças iam lhe faltar.

Buckingham colou com paixão os lábios àquela bela mão e depois disse, levantando-se:

- Dentro de seis meses, se não estiver morto, voltarei a vê-la, senhora, nem que tenha de revolver o mundo para isso.

E fiel à promessa que fizeram correu para fora da sala. No corredor encontrou a Sra Bonacieux, que o esperava, e que com as mesmas precauções e a mesma felicidade o fez sair do Louvre.

O SR. BONACIEUX

Havia no meio disto, como oportunamente se viu, uma personagem com a qual, apesar da sua precária situação, ninguém pareceu preocupar-se senão muito superficialmente; essa personagem era o Sr. Bonacieux, respeitável mártir das intrigas políticas e amorosas que se entrelaçavam tão bem umas nas outras naquela época simultaneamente tão cavalheiresca e tão galante.

Felizmente - quer o leitor se lembre, quer se não lembre -, felizmente prometemos não perdê-lo de vista.

Os policiais que o tinham prendido conduziram-no direito à Bastilha, onde o fizeram passar todo trêmulo diante de um pelotão de soldados que carregavam os mosquetes. Daí, introduzido numa galeria semi-subterrânea, foi alvo por parte dos que o tinham trazido das mais grosseiras injúrias e do mais feroz tratamento. Os guardas, viam que não estavam tratando com um gentil-homem e procediam para com ele como se fosse um autêntico camponês.

Ao cabo de meia hora, pouco mais ou menos, um escrivão veio pôr fim às suas torturas, mas não suas inquietações, ordenando que conduzissem o Sr. Bonacieux à câmara dos interrogatórios. Habitualmente interrogavam os prisioneiros em sua casa, mas com o Sr. Bonacieux não tinham estado com tantas considerações.

Dois guardas apoderaram-se do retroseiro, fizeram-no atravessar um pátio e entrar num corredor onde havia três

sentinelas, abriram uma porta e empurraram-no para uma salita baixa onde todo o mobiliário era constituído apenas por uma mesa, uma cadeira e... um comissário. O comissário estava sentado na cadeira e ocupado a escrever em cima da mesa.

Os dois guardas conduziram o prisioneiro diante da mesa e a um sinal do comissário afastaram-se para fora do alcance da voz. O comissário, que até ali estivera de cabeça baixa sobre os seus papéis, levantou-a para ver quem tinha na sua frente.

O comissário era um homem de cara rebarbativa, nariz adunco, maçãs-do-rosto pálidas e salientes, olhos pequenos mas esquadrihadores e vivos e fisionomia meio de fuinha, meio de raposa. A cabeça, suportada por um pescoço comprido e móvel, saía-lhe da larga toga preta balouçando-se num movimento mais ou menos idêntico ao da tartaruga quando deita a cabeça fora da carapaça.

Começou por perguntar ao Sr. Bonacieux nome, idade, estado e domicílio. O acusado respondeu que se chamava Jacques-Michel Bonacieux, que tinha cinquenta e um anos de idade, era retroseiro reformado e residia na Rua dos

Fossoyeurs, número onze.

Então, em vez de continuar o interrogatório, o comissário fez-lhe um grande discurso sobre o perigo que corria um burguês obscuro em meter-se em coisas públicas.

A este discurso juntou uma exposição do poder e dos atos do Sr. Cardeal, esse ministro incomparável, esse concorrente dos ministros passados, esse exemplo dos ministros futuros: atos e poder que ninguém contrariava impunemente. Depois desta segunda parte do seu discurso, fixou o olhar de gavião no pobre Bonacieux e convidou-o a refletir na gravidade da sua situação.

As reflexões do retroseiro estavam todas feitas: dava ao Diabo o momento em que o Sr. de La Porte tivera a idéia de casá-lo com a afilhada e sobretudo o momento em que a afilhada fora aceita como roupeira da rainha.

O fundo do carácter de mestre Bonacieux era constituído por um profundo egoísmo de mistura com uma avareza sórdida, tudo temperado por uma covardia extrema. O amor que lhe inspirara a jovem esposa era um sentimento muito secundário que não podia competir com os sentimentos primitivos que acabamos de enumerar. Bonacieux refletiu, com efeito, mas sobre o que acabavam de lhe dizer.

- Mas, Sr. Comissário - disse timidamente -, acredite que conheço e aprecio mais que ninguém o mérito da incomparável Eminência pela qual temos a honra de ser governados.

- É mesmo? - perguntou o comissário em ar de dúvida. - Se fosse realmente assim, como se compreenderia que estivesse na Bastilha?

- Como estou aqui, ou antes por que estou aqui - respondeu o Sr. Bonacieux -, é absolutamente impossível dizer-lhe, pois eu próprio o ignoro, mas sem dúvida nenhuma não é por ter ofendido, pelo menos conscientemente, o Sr. Cardeal.

- No entanto, deve ter cometido um crime, pois está aqui acusado de alta traição.

- De alta traição?! - gritou Bonacieux, espantado. - De alta traição?! E como quer que um pobre retroseiro que detesta os huguenotes e abomina os espanhóis seja acusado de alta traição? Reflita, senhor; isso é materialmente impossível.

- Sr. Bonacieux - disse o comissário, olhando o acusado como se os seus olhinhos possuíssem a faculdade de ler até ao fundo dos corações -, Sr. Bonacieux, não tem uma mulher?

- Tenho, senhor - respondeu o retroseiro, todo trêmulo, adivinhando que era por ali que o caso se ia complicar. - Isto é, tinha.

- Como, tinha?! Que fezs dela se já não a tem?

- Raptaram-na, senhor.

- Raptaram-na? - repetiu o comissário. - Ah!...

Bonacieux sentiu que com este “ah!...” o assunto se complicava cada vez

mais. rapto?

- Raptaram-na! - tornou o comissário. - E sabe que homem cometeu esse

- Julgo conhecê-lo.

- Quem é?

- Note que não afirmo nada, Sr. Comissário, que desconfio apenas...

- De quem desconfia? Vamos, responda francamente.

O Sr. Bonacieux estava na maior perplexidade: deveria negar tudo ou dizer tudo? Se negasse tudo, poderiam crer que tinha muito que confessar; se dissesse tudo, daria prova de boa vontade. Resolveu portanto dizer tudo.

- Desconfio de um homem alto, moreno, de rosto altivo, com todo o ar de um grande senhor, seguiu-nos várias vezes, parece-me, quando esperava a minha mulher diante da porta do Louvre para levá-la para casa.

O comissário pareceu experimentar certa inquietação.

- E o seu nome? - perguntou.

- Quanto ao seu nome, não sei nada, mas se o encontrar o reconhecerei imediatamente, garanto-lhe, ainda que seja no meio de mil pessoas.

A frente do comissário ensombrou-se.

- O reconheceria entre mil?

- Isto é - respondeu Bonacieux ao ver que enveredara por mau caminho -, isto é...

- Respondeu que o reconheceria - sublinhou o comissário. - Está bem, basta por hoje. Antes de irmos mais longe, alguém tem de ser prevenido de que conhece o raptor da sua mulher.

- Mas se não disse que o conhecia! - gritou Bonacieux, desesperado. - Pelo contrário, disse...

- Levem o prisioneiro - ordenou o comissário aos dois guardas.

- E para onde deve ser conduzido? - perguntou o escrivão.

- Para um calabouço.

- Qual?

- Meu Deus, para o primeiro que esteja livre, contanto que feche bem - respondeu o comissário com uma indiferença que encheu de horror o pobre Bonacieux.

“Meu Deus, meu Deus, a desgraça desabou sobre a minha cabeça! A minha mulher cometeu algum crime horrível, acham que sou seu cúmplice e me castigarão com ela. Decerto falou e

confessou que me dissera tudo... Uma mulher é tão fraca! Um calabouço, o primeiro que esteja livre. É isso: uma noite passa depressa, e amanhã... para a roda, para a forca! Oh, meu Deus, tenha piedade de mim!”

Alheios às lamentações de mestre Bonacieux, a quem de resto já deviam estar habituados, os dois guardas agarraram o prisioneiro pelos braços e levaram-no, enquanto o comissário escrevia apressadamente uma carta que o seu escrivão esperava.

Bonacieux não pregou olho, não porque o seu calabouço fosse de todo desagradável, mas sim porque as suas preocupações eram muito grandes. Ficou toda a noite sentado num banco, estremeando ao menor ruído e quando os primeiros raios de luz lhe entraram na cela, a aurora pareceu-lhe ter adquirido tons fúnebres.

De súbito, ouviu correr os ferrolhos e teve um sobressalto terrível. Julgava que vinham buscá-lo para o conduzir ao cadafalso. Por isso, quando viu pura e simplesmente aparecer, em vez do carrasco que esperava, o comissário e o escrivão da véspera, esteve quase saltando-lhes ao pescoço.

- O seu caso complicou-se muito desde ontem à noite, meu pobre homem -

disse-lhe o comissário -, e aconselho-o a dizer toda a verdade, pois só o seu arrependimento pode conjurar a cólera do cardeal.

- Mas estou pronto a dizer tudo! - gritou Bonacieux. - Ao menos tudo o que saiba. Pergunte, eu suplico.

- Primeiro, onde está a sua mulher?

- Como disse, raptaram-na.

- É verdade, mas ontem, às cinco horas da tarde, graças ao senhor, fugiu.

- A minha mulher fugiu?! - gritou Bonacieux. - Oh, a desgraçada! Senhor, se ela fugiu não foi por minha culpa, juro-lhe.

- Que foi então fazer na casa do Sr. D'Artagnan, seu vizinho, com o qual teve uma longa conferência?...

- Ah, sim, Sr. Comissário, é verdade, e confesso que fiz mal! Fui de fato a casa do Sr. D'Artagnan.

- Qual foi o fim dessa visita?

- Pedir-lhe que me ajudasse a encontrar a minha mulher. Julgava ter o direito de a reclamar; mas enganava-me, ao que parece, e peço-lhe perdão.

- E que respondeu o Sr. D'Artagnan?

- O Sr. D'Artagnan prometeu-me a sua ajuda, mas não tardei a perceber que me atraía.

- Está enganando a justiça! O Sr. D'Artagnan fez um pacto com você e em virtude desse pacto afugentou os homens da Polícia que tinham prendido a sua mulher e subtraiu-a a todas as buscas.
- O Sr. D'Artagnan raptou a minha mulher? Essa agora!... Mas por que me diz isso?
- Felizmente, o Sr. D'Artagnan está nas nossas mãos e você será acareado com ele.
- Palavra de honra que não desejo outra coisa! - exclamou Bonacieux. - Sempre é uma cara conhecida...
- Mande entrar o Sr. D'Artagnan - ordenou o comissário aos dois guardas. Os guardas mandaram entrar Athos.
- Sr. D'Artagnan - disse o comissário, dirigindo-se a Athos -, declara o que se passou entre vocês.
- Mas este não é o Sr. D'Artagnan! - gritou Bonacieux.
- Como, não é o Sr. D'Artagnan?! - exclamou por seu turno o comissário.
- De modo nenhum - respondeu Bonacieux.
- Então como é que se chama este senhor? - perguntou o comissário.
- Não posso dizer, porque não o conheço.
- Não o conhece?...
- Não.

- Nunca o viu?
- Vi-o, mas não sei como se chama.
- O seu nome? - perguntou o comissário.
- Athos - respondeu o mosqueteiro.
- Mas isso não é nome de homem, é nome de montanha! - gritou o pobre inquiridor, que começava a perder a cabeça.
- É o meu nome - respondeu tranquilamente Athos.
- Mas disse-me que se chamava D'Artagnan.

- Eu?
- Sim, você.
- Bom, me perguntaram: "Você é o Sr. D'Artagnan?" E eu respondi: "Tem certeza?" Os meus guardas perguntaram-me e eu não quis contrariá-los. Aliás, podia estar enganado.
- Insulta a majestade da justiça, senhor!
- De modo nenhum - respondeu tranquilamente Athos.
- Você é o Sr. D'Artagnan.
- Como vem, são vocês que o continuam a dizer.
- Mas - interveio o Sr. Bonacieux - se lhe digo, Sr. Comissário, que não há a menor dúvida! O Sr. D'Artagnan é meu inquilino, e portanto, embora não me pague o aluguel, e precisamente por causa disso, devo conhecê-lo. O Sr.

D'Artagnan é um jovem de dezenove ou vinte anos apenas e este senhor tem pelo menos trinta. O Sr. D'Artagnan está nos guardas do Sr. dos Essarts e este senhor está na companhia dos mosqueteiros do Sr. de Tréville. Veja o uniforme, Sr. Comissário, veja o uniforme.

- É verdade - murmurou o comissário. - Por Deus, é verdade!

Neste momento a porta abriu-se vivamente e um mensageiro introduzido por um dos carcereiros da Bastilha entregou uma carta ao comissário.

- Oh, a desgraçada! - gritou o comissário.

- Como? Que diz? De quem fala? Espero que não seja da minha mulher!

- Pelo contrário, é dela. O seu caso está cada vez pior...

- Homessa! - gritou o retroseiro, exasperado. - Faça-me o favor de me dizer, senhor, como é que o meu caso pode piorar por via do que faz a minha mulher enquanto estou preso!

- Porque o que ela faz é executar um plano estabelecido entre vocês, um plano infernal!

- Juro, Sr. Comissário, que comete o mais profundo erro, que não sei absolutamente nada do que devia fazer a minha mulher, que sou inteiramente estranho ao que ela tem feito e que, se cometeu tolices, a renego, a desminto, a amaldiçoó.

- Bom - disse Athos ao comissário -, se não necessita mais de mim aqui mande-me para qualquer parte, pois o seu Sr. Bonacieux é muito aborrecido.

- Reconduzam os prisioneiros às suas celas - ordenou o comissário, designando com o mesmo gesto Athos e Bonacieux - e que sejam guardados mais rigorosamente do que nunca.

- No entanto - interveio Athos com a sua calma habitual -, se é com o Sr. D'Artagnan que precisa se entender, não vejo muito bem em que possa substituí-lo.

- Façam o que lhes disse! - gritou o comissário. - E o segredo mais absoluto, ouviram?

Athos seguiu os seus guardas encolhendo os ombros e o Sr. Bonacieux soltando lamentos capazes de cortar o coração de um tigre.

Fecharam o retroseiro na mesma cela onde passara a noite e aí o deixaram todo o dia. E durante todo o dia Bonacieux chorou como um autêntico retroseiro, visto não ser de modo nenhum homem de espada, como ele próprio já nos disse.

À noite, por volta das nove horas, no momento em que ia se decidir a

meter-se na cama, ouviu passos no seu corredor. Os passos aproximaram-se da sua cela, a porta abriu-se e apareceram guardas.

- Acompanhe-nos - ordenou-lhe um graduado que vinha atrás dos guardas.
- Acompanhá-los? - protestou Bonacieux. - Acompanhá-los a esta hora? E para onde, meu Deus?
- Para onde temos ordem de conduzi-lo.
- Mas isso não é resposta.
- É a única que podemos dar.
- Ah, meu Deus, meu Deus - murmurou o pobre retroseiro -, desta vez estou perdido!

E seguiu maquinalmente e sem resistência os guardas que tinham vindo buscá-lo.

Seguiu pelo mesmo corredor que já percorrera, atravessou um primeiro pátio e depois segundo corpo de edifícios, por fim, encontrou à porta do pátio de entrada uma carruagem rodeada por quatro guardas a cavalo. Mandaram-no entrar na carruagem, o graduado sentou-se a seu lado, fechou a portinhola à chave e ambos se encontraram numa prisão rolante.

A carruagem pôs-se em movimento, lenta como uma carreta funerária. Através da porta gradeada, o prisioneiro via os prédios e o pavimento empedrado, mas mais nada. No entanto, como verdadeiro parisiense que era, Bonacieux identificava cada rua pelos marcos, pelas tabuletas e pelos candeeiros. Ao chegarem a Saint-Paul, onde executavam os condenados da

Bastilha, quase desmaiou e benzeu-se duas vezes. Julgara que a carruagem pararia ali, mas não parou.

Mais adiante, novo e enorme terror se apoderou dele, quando seguiram ao longo do Cemitério de Saint-Jean, onde sepultavam os criminosos de Estado. Apenas uma coisa o tranquilizou um pouco: antes de os sepultarem cortavam-lhes geralmente a cabeça, e ele ainda tinha a cabeça em cima dos ombros.

Mas quando viu que a carruagem tomava o caminho da Greve e distinguiu os telhados em bico da Câmara Municipal, e viu a carruagem meter por debaixo da arcada, julgou que tudo terminara, quis-se confessar ao graduado e perante a sua recusa soltou gritos tão lamentosos que o graduado lhe disse que, se continuasse a berrar assim o amordaçaria.

Esta ameaça tranquilizou um pouco Bonacieux: se fossem executá-lo na Greve, não valeria a pena amordaçá-lo, visto estarem praticamente no local da execução. Com efeito, a carruagem atravessou a praça fatal sem se deter. Agora, a única coisa a temer era a Croix-du-Trahoir, a carruagem tomou justamente esse caminho.

Desta vez, não havia dúvida, era na Croix-du-Trahoir que executavam os criminosos subalternos. Bonacieux persuadirase de que era digno de Saint-Paul ou da Praça de Greve, afinal, era na Croix-du-Trahoir que iam acabar a sua viagem e o seu destino! Ainda não podia ver a malfadada cruz, mas sentia-a

de certo modo vir ao seu encontro. Quando se encontrou apenas a uma vintena de passos, ouviu um rumor e a carruagem parou. Era mais do que podia suportar o pobre Bonacieux, já esmagado pelas sucessivas emoções por que passara, soltou um gemido fraco, que se poderia tomar pelo derradeiro suspiro de um moribundo, e desmaiou.

O HOMEM DE MEUNG

Havia ali um ajuntamento produzido não pela espera de um homem destinado a ser enforcado, mas sim pela contemplação de um já enforcado. A carruagem parou um instante, depois retomou o seu andamento, atravessou a multidão, continuou o seu caminho, meteu pela Rua de Saint-Honoré, virou para a Rua dos Bons-Enfants e parou diante de uma porta baixa.

A porta abriu-se e dois guardas receberam nos braços Bonacieux amparado pelo graduado. Empurraram-no para um passadiço, fizeram-no subir uma escada e depositaram-no numa antecâmara.

Todos estes movimentos foram executados maquinalmente por ele. Caminhara como se caminha em sonhos, entrevira os objetos através de um nevoeiro, os seus ouvidos tinham distinguido sons sem os compreender, poderiam tê-lo executado naquele momento que não esboçaria um gesto de defesa nem soltaria um grito a implorar piedade.

Ficou assim no banco, encostado à parede e com os braços pendentes, no mesmo lugar onde os guardas o tinham depositado.

No entanto, como ao olhar à sua volta não visse nenhum objeto ameaçador, como nada indicasse que corria um perigo real, como o banco estivesse convenientemente estofado, como a parede estivesse forrada de belo couro de Córdova e como grandes cortinados de damasco vermelho adejassem diante da janela, seguros por cordões dourados, compreendeu pouco a pouco que o seu terror era exagerado e começou a mexer a cabeça da direita para a esquerda e de baixo para cima.

Com este movimento, a que ninguém se opôs, ganhou um pouco de coragem e arriscou-se a estender uma perna e depois a outra, por fim, apoiando-se nas mãos, levantou-se do banco e encontrou-se em pé.

Neste momento, um oficial de aspecto agradável abriu um reposteiro, continuou a trocar ainda algumas palavras com uma pessoa que se encontrava na divisão vizinha e por fim virou-se para o prisioneiro e perguntou-lhe:

- Você se chama Bonacieux?
- Sou, sim, Sr. Oficial - balbuciou o retroseiro, mais morto do que vivo. - Para servi-lo...
- Entre - disse o oficial.

E desviou-se para que ele pudesse passar. Este obedeceu sem protestar e entrou na sala onde parecia ser esperado. Era um grande gabinete com as paredes guarnecidas de armas ofensivas e defensivas, fechado e estofado, e no qual havia fogo, embora estivesse apenas em fins de Setembro. Uma mesa quadrada, coberta de livros e papéis, sobre os quais estava desenrolado um mapa enorme da cidade de La Rochelle, ocupava o meio do aposento.

De pé diante da chaminé encontrava-se um homem de estatura mediana, de rosto altivo e orgulhoso, olhos penetrantes, testa larga e corpo magro, que parecia ainda mais esguio devido ao cavanhaque e ao bigode que usava. Embora aquele homem tivesse apenas trinta e seis ou trinta e sete anos, tinha o cabelo, o bigode e o cavanhaque grisalhos. Aquele homem, apesar de não usar espada, tinha todo o aspecto de um homem de guerra, e as suas botas de pele de búfalo, levemente cobertas de poeira, indicavam que montara a cavalo durante o dia.

Aquele homem era Armand-Jean Duplessis, cardeal de Richelieu. Não como o representam, alquebrado como um velho, sofrendo como um mártir, curvado, a voz apagada, enterrado numa grande poltrona como numa tumba antecipada, vivendo apenas graças à força do seu gênio e só sustentando a luta com a Europa através da eterna aplicação do seu pensamento, mas tal como era realmente naquela época, isto é, hábil e galante cavaleiro, fraco de corpo, mas

sustentado pela energia moral que o tornou um dos homens mais extraordinários que jamais existiram. Naquele momento, depois de ter mantido o duque de Nevers no seu ducado de Mântua e de tomar Nimes, Castres e Uzès, preparava-se para expulsar os Ingleses da ilha de Ré e cercar La Rochelle.

À primeira vista nada denotava portanto o cardeal e era impossível àqueles que o não conheciam adivinhar diante de quem se encontravam. O pobre retroseiro permaneceu de pé à porta, enquanto os olhos da personagem que acabamos de descrever se fixavam nele e pareciam querer penetrar até ao fundo do seu passado.

- É este o tal Bonacieux? - perguntou após um momento de silêncio.
- É, sim, monsenhor - respondeu o oficial.
- Está bem, de-me aqueles papéis e deixe-nos.

O oficial pegou da mesa os papéis designados, entregou-os a quem os pedira, inclinou-se até ao chão e saiu.

Bonacieux reconheceu naqueles papéis os seus interrogatórios na Bastilha. De vez em quando o homem da chaminé levantava os olhos dos depoimentos e cravava-os como dois punhais até ao fundo do coração do pobre retroseiro. Ao cabo de dez minutos de leitura e dez segundos de exame, o cardeal estava elucidado.

- - Aquela cabeça nunca conspirou - murmurou. - Mas não importa, vejamos sempre.

- Está sendo acusado de alta traição - disse lentamente o cardeal.

- Foi o que me disseram, monsenhor - disse Bonacieux, dando ao inquiridor o título que ouvira dar-lhe o oficial. - Mas juro que sou inocente.

O cardeal reprimiu um sorriso.

- Conspirou com a sua mulher, com a Sra de Chevreuse e com milorde o duque de Buckingham.

- De fato, monsenhor, ouvi pronunciar todos esses nomes - respondeu o retroseiro.

- E em que ocasião?

- Ela dizia que o cardeal de Richelieu atraíra o duque de Buckingham a Paris para o perder e perder a rainha com ele.

- Ela dizia isso? - gritou o cardeal, com violência.

- Dizia, sim, monsenhor. Mas eu lhe disse que fazia mal em estar com semelhantes conversas, pois Sua Eminência era incapaz...

- Cale-se, você é um imbecil - interrompeu-o o cardeal.

- Foi exatamente o que a minha mulher me respondeu, monsenhor.

- Sabe quem raptou a sua mulher?

- Não, monsenhor.
- Mas desconfia de alguém?
- Sim, monsenhor; mas essas desconfianças pareceram contrariar o Sr.

Comissário e já não as tenho.

- Sabia que a sua mulher fugiu?
- Não, monsenhor. Soube-o desde que estou preso e sempre por intermédio do Sr. Comissário, um homem muito amável!

O cardeal reprimiu segundo sorriso.

- Ignora então o que foi feito da sua mulher desde a sua fuga?
- Completamente, monsenhor. Mas deve ter regressado ao Louvre.
- À uma hora da madrugada ainda não tinha regressado.
- Oh, meu Deus! Nesse caso, que lhe terá acontecido?
- Nós saberemos, fique tranquilo. Não se esconde nada ao cardeal, o cardeal sabe tudo.
- Sendo assim, monsenhor, parece-lhe que o cardeal consentirá em dizer-me que foi feito da minha mulher?

- Talvez. Mas primeiro é preciso que diga tudo o que sabe a respeito das relações da sua mulher com a Sra de Chevreuse.

- Mas, monsenhor, não sei nada, nunca a vi.

- Quando ia buscar a sua mulher ao Louvre ela ia diretamente para sua

casa?

- Quase nunca: tinha negócios com comerciantes de panos e eu a levava.

- E quantos eram esses comerciantes de panos?

- Dois, monsenhor.

- Onde moravam?

- Um, na Rua de Vaugirard; o outro, na Rua de La Harpe.

- Entrava na casa deles com ela?

- Nunca, monsenhor; esperava-a à porta.

- E que pretexto ela lhe dava para entrar assim sozinha?

- Nenhum, dizia-me para esperar e eu esperava.

- O senhor é um marido complacente, meu caro Sr.

Bonacieux! - disse o

cardeal.

- “Trata-me por seu caro senhor!”, disse para si mesmo o retroseiro. “O caso parece bem encaminhado!”
- Reconheceria essas portas?
- Reconheceria, sim.
- Sabe os números?
- Sei.
- Quais são?
- Na Rua de Vaugirard o número 25, na Rua de la Harpe o número 75.
- Está bem - disse o cardeal.

Depois destas palavras pegou uma campainha de prata e tocou, o oficial voltou a entrar.

- Vã buscar Rochefort - disse a meia voz. - Que venha imediatamente se já regressou.
- O conde está aqui - informou o oficial - e pede instantemente para falar a Vossa Eminência!
- A Vossa Eminência... - murmurou Bonacieux, que sabia ser esse o título que davam habitualmente ao Sr. Cardeal. - A Vossa Eminência!

- Que venha então, que venha! - ordenou vivamente Richelieu.

O oficial correu para fora do gabinete, com a rapidez usada habitualmente por todos os servidores do cardeal no cumprimento das suas ordens.

- A Vossa Eminência! - murmurava Bonacieux, rolando os olhos apavorado.

Ainda não tinham passado cinco segundos desde que o oficial saíra quando a porta se abriu e entrou nova personagem.

- É ele! - exclamou Bonacieux.

- Ele, quem? - perguntou o cardeal.

- O que raptou a minha mulher.

O cardeal tocou segunda vez. O oficial reapareceu.

- Entregue este homem aos seus guardas e que espere que volte a chamá-lo à minha presença.

- Não, monsenhor, não! Isso não! - gritou Bonacieux. - Não é ele, enganei-me, é outro que não se parece nada com ele! Este senhor é um homem honesto.

- Leve esse imbecil! - ordenou o cardeal.

O oficial agarrou Bonacieux por baixo do braço e reconduziu-o à antecâmara, onde os guardas o esperavam. A nova personagem que acabava de entrar seguiu com a vista,

impacientemente, Bonacieux, até este sair, e logo que a porta se fechou atrás dele disse, aproximando-se vivamente do cardeal:

- Encontraram-se.
- Quem? - perguntou Sua Eminência.
- Ela e ele.
- A rainha e o duque? - perguntou Richelieu.

-Sim.

- Onde?
- No Louvre.
- Tem certeza?
- Absoluta.
- Quem lhe disse?
- A Sra de Lannoy, que é dedicadíssima a Vossa Eminência, como sabe.
- Por que não disse isso mais cedo?
- Quer por acaso, quer por desconfiança, a rainha mandou a Sra de Fargis dormir no seu quarto e reteve-a todo o dia.
- Está bem, fomos batidos. Procuremos tirar a nossa vingança.
- Eu o ajudarei com toda a minha alma, monsenhor, fique tranquilo.

- Como foi que isso aconteceu?
- À meia-noite e meia a rainha estava com as suas damas...
- Onde?
- No quarto de dormir...
- Bem.
- Quando vieram entregar-lhe um lenço da parte da roupeira...
- E depois?
- A rainha manifestou imediatamente grande emoção e, apesar do carmim que lhe cobria a face, empalideceu.
- Depois, depois!
- Entretanto, levantou-se e disse com voz alterada: “Minhas senhoras, esperem-me dez minutos, volto já.” E abriu a porta do quarto e saiu.

- Porque não foi a Sra de Lannoy preveni-lo imediatamente?
- Ainda não havicerteza de nada, além disso, a rainha dissera: “Minhas senhoras, esperem-me”, e ela não ousava desobedecer à rainha.
- E quanto tempo esteve a rainha fora do quarto?
- Três quartos de hora.

- Nenhuma das suas damas a acompanhava?
- Apenas Dona Estefânia.
- E depois regressou?
- Regressou, mas para ir buscar um cofrezinho de pau-rosa com o seu monograma, e saiu imediatamente.
- E quando voltou, mais tarde, trazia consigo o cofre?
- Não.
- A Sra de Lannoy sabia o que havia no cofre?
- Sabia, as agulhetas de diamantes que Sua Majestade deu à rainha.
- E regressou sem o cofre?
- Regressou.
- A opinião da Sra de Lannoy é que ela as entregou então a Buckingham?
- Tem certeza disso.
- Como assim?
- Durante o dia, a Sra de Lannoy, na sua qualidade de criada da rainha, procurou o cofre, pareceu inquieta por não encontrá-lo e acabou por perguntar por ele à rainha.
- E a rainha?
- A rainha corou muito e respondeu que partira na véspera uma das agulhetas e a mandara consertar no seu joalheiro.

- É preciso passar por lá e verificar se isso é verdade ou não.
- Já passei.
- Bom, e o joalheiro?
- O joalheiro não ouviu falar de nada.
- Ótimo, ótimo! Nem tudo está perdido, Rochefort, e talvez... talvez tudo esteja agora melhor!
- A verdade é que não duvido que o gênio de Vossa Eminência...
- Repare as tolices do meu agente, não é?
- Era exatamente o que ia dizer, se Vossa Eminência me tivesse deixado acabar a frase.
- E agora, sabe onde se escondem a duquesa de Chevreuse e o duque de Buckingham?
- Não, monsenhor, os meus homens não conseguiram dizer-me nada de positivo a tal respeito.
- Eu sei.
- Sabe, monsenhor?
- Sim. Ou pelo menos creio que sei. Devem estar escondidos um na Rua de Vaugirard, número 25, e o outro na Rua de La Harpe, número 75.
- Vossa Eminência quer que mande prendê-los?

- Talvez seja muito tarde, já devem ter partido.
- Não importa, podemos verificar.
- Leve dez homens das minhas guardas e reviste as duas casas.

- Imediatamente, monsenhor.

E Rochefort correu para fora do gabinete.

O cardeal ficou só, refletiu um instante e tocou pela terceira vez.

Reapareceu o mesmo oficial.

- Mandê entrar o prisioneiro - ordenou-lhe o cardeal.

Mestre Bonacieux foi introduzido de novo e a um sinal do cardeal o oficial retirou-se.

- Enganou-me - disse severamente o cardeal.

- Eu?! - exclamou Bonacieux. - Eu, enganar Vossa Eminência?!

- A sua mulher, quando ia à Rua de Vaugirard e à Rua de La Harpe, não ia a casa de mercadores de panos.

- Então aonde ia, Santo Deus?

- Ia a casa da duquesa de Chevreuse e a casa do duque de Buckingham.

- É verdade - declarou Bonacieux, depois de apelar para todas as suas recordações. - Sim, é isso, Vossa Eminência tem razão. Disse várias vezes à minha mulher que era estranho negociantes de panos morarem em casas daquelas, em casas sem tabuleta, e de todas as vezes minha mulher desatou a rir. Ah, monsenhor - continuou Bonacieux, lançando-se aos pés de Sua Eminência -, ah, não é a toa que o senhor é o cardeal, o grande cardeal, o homem de gênio que todos admiram!

Por muito medíocre que fosse o triunfo obtido sobre um indivíduo tão vulgar como Bonacieux, o cardeal nem por isso o saboreou menos durante um instante, depois, quase imediatamente, como se um novo pensamento lhe viesse ao espírito, um sorriso franziu-lhe os lábios. Estendendo a mão ao retroseiro, disse:

- Levante-se, meu amigo, o senhor é um homem honrado.

- O cardeal tocou-me na mão! Toquei na mão do grande homem! - exclamou Bonacieux. - O grande homem me chamou de seu amigo!

- Sim, meu amigo, sim! - repetiu o cardeal no tom paternal que sabia empregar às vezes, mas que só enganava quem o não conhecia. - E como suspeitaram injustamente de você, tem direito a uma indenização. Tome, aceite esta bolsa de cem pistolas e perdoe-me.

- Perdoá-lo, monsenhor? - repetiu Bonacieux, hesitante em pegar na bolsa, com receio, sem dúvida, de que a pretensa

dádiva não passasse de uma brincadeira de mau gosto. - Mas tem todo o direito de mandar me prender, de me mandar torturar, de me mandar enforcar! É o senhor e não teria nada que me queixar. Perdoá-lo, monsenhor! Vamos, não pense nisso!

- Vejo que soéis generoso, meu caro Sr. Bonacieux, e agradeço-lhe. Aceite por tanto esta oferta e vá embora sem ser muito aborrecido?

- Vou embora encantado, monsenhor.

- Adeus, então, ou antes até à vista, pois espero que voltemos a nos encontrar.

- Quando monsenhor quiser estarei às ordens de Vossa Eminência.

- Não faltarão ocasiões, pode ficar tranquilo, pois encontrei um encanto extremo na sua conversa.

- Oh, monsenhor!

- Até à vista, Sr. Bonacieux, até à vista.

E o cardeal fez-lhe um sinal com a mão, ao qual Bonacieux correspondeu

inclinando-se até ao chão, depois saiu de ré e quando chegou à antecâmara o cardeal ouviu-o, no seu entusiasmo, gritar a plenos pulmões: “Viva monsenhor! Viva Sua Eminência! Viva o

grande cardeal!” O cardeal ouviu sorrindo esta brilhante manifestação dos sentimentos entusiastas de mestre Bonacieux, depois, quando os gritos de Bonacieux foram abafados pela distância, murmurou:

- Aqui está um homem que no futuro será capaz de morrer por mim.

E o cardeal pôs-se a examinar com a maior atenção o mapa de la Rochelle que, como dissemos, estava estendido em cima da sua mesa, e traçou com um lápis a linha onde devia passar o famoso dique que dezoito anos mais tarde fecharia o porto da cidade sitiada. Quando estava mais profundamente absorto nas suas meditações estratégicas, a porta abriu-se e entrou Rochefort.

- Então? - perguntou vivamente o cardeal, levantando-se com uma rapidez que provava o grau de importância que atribuía à comissão de que encarregara o conde.

- Então - respondeu este -, uma mulher de vinte e seis a vinte e oito anos e um homem de trinta e cinco a quarenta residiram efetivamente, um quatro dias e o outro cinco, nas casas indicadas por Vossa Eminência, mas a mulher partiu esta noite e o homem esta manhã.

- Eram eles! - gritou o cardeal, que olhava para o relógio. - E agora é muito tarde para correr atrás deles, a duquesa está em Tours e o duque em Bolonha. É em Londres que é preciso procurá-los.

- Quais são as ordens de Vossa Eminência?
- Nem uma palavra do que se passou, que a rainha permaneça em perfeita segurança, que ignore que sabemos o seu segredo, que julgue que andamos à procura de uma conspiração qualquer. Mande-me o chanceler Séguier.
- E quanto àquele homem, que decidiu Vossa Eminência?
- Qual homem? - perguntou o cardeal.
- O tal Bonacieux.
- Aproveitá-lo o melhor possível. Fiz dele espião da mulher.

O conde de Rochefort inclinou-se como um homem que reconhece a grande superioridade do mestre e retirou-se. Quando ficou só, o cardeal voltou a se sentar, escreveu uma carta que lacrou com o seu sinete particular e depois tocou. O oficial entrou pela quarta vez.

- Mande-me chamar Vitray e diga-lhe que se prepare para uma viagem. Pouco depois o homem que convocara estava de pé diante dele, de botas e esporas.
- Vitray - disse-lhe o cardeal -, vai partir rapidamente para Londres. Não se deterá um instante no caminho. Entregue esta carta a Milady. Aqui tem um vale de duzentas pistolas, procure o meu tesoureiro e levante o dinheiro. Receberá outro tanto se estiver aqui, de regresso, dentro de seis dias e se tiver desempenhado cabalmente da minha comissão.

Sem responder uma só palavra, o mensageiro inclinou-se, pegou a carta e o vale de duzentas pistolas e saiu.

Eis o que continha a carta: Milady:

Vá ao primeiro baile a que assista o duque de Buckingham. Ele terá no gibão doze agulhetas de diamantes. Aproxime-se e corte-lhes duas. Assim que as agulhetas estiverem em seu poder, avise-me.

GENTE DE TOGA E GENTE DE ESPADA

No dia seguinte àquele em que estes acontecimentos se verificaram, como Athos não tivesse reaparecido, o Sr. de Tréville fora avisado por D'Artagnan e por Porthos do seu desaparecimento. Quanto a Aramis, pedira uma dispensa de cinco dias e encontrava-se em Ruão, dizia-se, por assuntos de família.

O Sr. de Tréville era o pai dos seus soldados. O mais insignificante e desconhecido deles, desde que usasse o uniforme da companhia, podia estar tão certo da sua ajuda e do seu apoio como da ajuda e do apoio de um próprio irmão.

Dirigiu-se portanto imediatamente ao tenente do crime, mandaram chamar o oficial que comandava o posto da Croix-Rouge e pelas informações subsequentes souberam que Athos estava momentaneamente detido no For-l'Évêque. Athos passara por todas as provações que vimos Bonacieux sofrer.

Assistimos à cena da acareação entre os dois cativos. Athos, que nada dissera até ali com receio de que D'Artagnan, também inquieto, não tivesse disposto do tempo de que precisava, Athos declarou a partir daquele momento que se chamava Athos e não D'Artagnan.

Acrescentou que não conhecia nem o senhor nem a Sra Bonacieux e que nunca falara nem com uma nem com outro, que fora por volta das dez horas da noite visitar o Sr. D'Artagnan, seu amigo, mas que até àquela hora estivera no palácio do Sr. de Tréville, onde jantara. Vinte testemunhas, acrescentou, podiam atestar o fato, e mencionou diversos gentis-homens distintos, entre outros o Sr. Duque de La Trémouille.

O segundo comissário ficou tão aturdido como o primeiro com a declaração simples e firme do mosqueteiro, do qual bem desejaria tirar a desforra que a gente de toga tanto gosta de obter da gente de espada, mas o nome do Sr. de Tréville, bem como o do Sr. Duque de La Trémouille mereciam reflexão. Athos foi também enviado ao cardeal, mas infelizmente o cardeal estava no Louvre com o rei.

Foi precisamente nesse momento que o Sr. de Tréville, depois de falar com o tenente do crime e com o governador do For-l'Évêque, mas sem ter encontrado Athos, chegou aos aposentos de Sua Majestade.

Como capitão dos mosqueteiros o Sr. de Tréville tinha acesso ao rei em qualquer momento. Sabemos quais eram as prevenções do rei contra a rainha, prevenções habilmente alimentadas pelo cardeal que, no tocante a intrigas, desconfiava infinitamente mais das mulheres do que dos homens. Uma das grandes causas dessa prevenção era sobretudo a amizade de Ana de Áustria pela Sra de Chevreuse. Estas duas mulheres preocupavam-no mais do que as guerras com a Espanha, as diferenças com a Inglaterra e as dificuldades financeiras. A seus olhos e segundo a sua convicção a Sra de Chevreuse servia a rainha não só nas suas intrigas políticas, mas também, o que o atormentava ainda mais, nas suas intrigas amorosas.

Logo às primeiras palavras que dissera o Sr. Cardeal - que a Sra de

Chevreuse, exilada em Tours e que julgavam naquela cidade, viera a Paris e durante os cinco dias que permanecera na capital despistara a Polícia - o rei entrara em cólera furiosa. Caprichoso e infiel, o rei queria ser cognominado Luís, o Justo, e Luís, o Casto. A posteridade compreenderia dificilmente

semelhante carácter, que a História só explica através de fatos e nunca de raciocínios.

Mas quando o cardeal acrescentou que não só a Sra de Chevreuse viera a Paris, como ainda a rainha reatara com o seu auxílio uma das suas correspondências misteriosas a que na época se chamava cabala, quando afirmou que ele, cardeal, ia desenredar os fios mais ocultos dessa intriga e, precisamente no momento de apanhar os criminosos com a boca na botija, em flagrante delito, munido de todas as provas, o emissário da rainha junto da exilada, um mosqueteiro, ousara interromper violentamente o curso da justiça caindo, de espada em punho, sobre respeitáveis agentes da lei encarregados de examinar com imparcialidade todo o caso para apresentá-los ao rei - Luís XIII não se conteve mais e deu um passo para os aposentos da rainha, com a pálida e muda indignação que, quando explodia, levava o príncipe até à mais fria crueldade.

E contudo, naquilo que dissera, o cardeal ainda não se referira ao duque de Buckingham.

Foi então que o Sr. de Tréville entrou, frio, polido, e impecavelmente vestido. Avisado do que acabava de se passar pela presença do cardeal e pela alteração da cara do rei, o Sr. de Tréville sentiu-se forte como Sansão diante dos Filisteus. Luís XIII punha já a mão na maçaneta da porta, ouvindo o ruído que fez o Sr. de Tréville ao entrar, virou-se.

- Chega em boa hora, senhor - disse o rei que, quando as suas paixões subiam a certo ponto, não sabia dissimular. - Contaram-me belas coisas a respeito dos seus mosqueteiros.
- E eu - respondeu friamente o Sr. de Tréville - tenho belas coisas a contar a Vossa Majestade acerca dos seus magistrados.
- Que diz? - respondeu-lhe o rei, com altivez.
- Tenho a honra de informar Vossa Majestade - continuou o Sr. de Tréville no mesmo tom - que um grupo de procuradores, comissários e agentes da Polícia, pessoas muito respeitáveis, mas igualmente muito obstinadas, ao que parece, contra o uniforme, se permitiram prender em uma casa, de conduzir em plena rua e de lançar no For-l'Évêque, tudo isto mediante uma ordem que se recusaram a apresentar-me, um dos meus mosqueteiros, ou antes dos seus, Sire, de um comportamento irrepreensível, de uma reputação quase ilustre, e que Vossa Majestade conhece favoravelmente, o Sr. Athos.
- Athos? - disse o rei, maquinalmente. - Sim, de fato, conheço esse nome.
- Procure lembrar-se, Majestade - insistiu o Sr. de Tréville. - O Sr. Athos é aquele mosqueteiro que no desagradável duelo teve a infelicidade de ferir gravemente o Sr. de Cahusac. A propósito, monsenhor - continuou Tréville dirigindo-se ao cardeal -, o Sr. de Cahusac está restabelecido, não está?

- Está, obrigado! - respondeu o cardeal, contraindo os lábios de cólera.
- O Sr. Athos fora visitar um dos seus amigos, então ausente - continuou o Sr. de Tréville -, um jovem bearnês cadete dos guardas de Sua Majestade, companhia dos Essarts, mas mal acabara de se instalar em casa do amigo e de pegar um livro para ler enquanto o esperava, um enxame de guardas e de

soldados cercou a casa, arrombou várias portas...

O cardeal fez ao rei um sinal que significava: “Trata-se do caso de que vos falei.”

- Sabemos tudo isso - replicou o rei -, porque tudo isso foi feito em nosso serviço.

- Nesse caso - disse Tréville -, foi também em serviço de Vossa Majestade que prenderam um dos meus mosqueteiros inocente, que o colocaram entre dois guardas como um malfeitor e que o levaram no meio de uma população insolente esse homem garboso, que verteu dez vezes o seu sangue ao serviço de Vossa Majestade e está pronto a vertê-lo de novo.

- Ora! - exclamou o rei, abalado. - As coisas aconteceram assim?

- O Sr. de Tréville não diz - interveio o cardeal com a maior fleuma - que esse mosqueteiro inocente, que esse homem garboso, afugentara a espada, uma hora antes, quatro comissários instrutores delegados por mim para instruírem um processo da mais alta importância.

- Desafio Vossa Eminência a provar o que diz! - exclamou o Sr. de Tréville com a sua franqueza muito gascã e a sua rudeza muito militar. - Uma hora antes, o Sr. Athos, que, para elucidação de Vossa Majestade, é um homem da mais alta qualidade, dava-me a honra, depois de jantar comigo, de conversar no salão do meu palácio com o Sr. Duque de La Trémouille e com o Sr. Conde de Chalus, que lá se encontravam.

O rei olhou o cardeal.

- Levantou-se um auto - disse o cardeal, respondendo em voz alta à interrogação muda de Sua Majestade - e as pessoas maltratadas elaboraram este que tenho a honra de apresentar a Vossa Majestade.

- Um auto de gente de toga vale mais do que a palavra de honra de gente de espada? - perguntou orgulhosamente Tréville.

- Então, então, Tréville, cala-se - disse o rei.

- Se Sua Eminência tem alguma suspeita contra um dos meus mosqueteiros - respondeu Tréville -, a justiça do Sr. Cardeal é suficientemente conhecida para que eu próprio peça um inquérito.

- Na casa onde a devassa foi feita - continuou o cardeal, impassível -, mora, segundo creio, um bearnês amigo do mosqueteiro.
- Vossa Eminência refere-se ao Sr. D'Artagnan?
- Refiro-me a um jovem que protege, Sr. de Tréville.
- Exato, Eminência, é isso mesmo.
- Não suspeita que esse rapaz possa ter dado maus conselhos...
- Ao Sr. Athos, um homem com o dobro da sua idade? - interrompeu-o o Sr. de Tréville. - Não, monsenhor. Aliás, o Sr. D'Artagnan passou a noite comigo.
- Sim?... - disse o cardeal. - Pelo visto, todos passaram a noite convosco...
- Vossa Eminência duvida da minha palavra? - perguntou Tréville, rubro de cólera.
- Não, não. Deus me defenda! - respondeu o cardeal. - Mas apenas uma pergunta: a que horas esteve ele com o senhor?
- Oh, quanto a isso posso responder conscientemente a Vossa Eminência! De fato, quando entrou reparei que eram nove e meia no relógio do meu gabinete, embora julgasse ser mais tarde.
- E a que horas saiu do seu palácio?

- Às dez e meia: uma hora depois do acontecimento.
- Mas enfim - respondeu o cardeal, que não duvidava um instante da lealdade de Tréville e que sentia a vitória fugir-lhe -, mas enfim, Athos foi encontrado na casa da Rua dos Fossoyeurs...
- É proibido a um amigo visitar um amigo? A um mosqueteiro da minha companhia confraternizar com um guarda da companhia do Sr. dos Essarts?
- É, quando a casa em que confraterniza com esse amigo é suspeita?
- De fato, essa casa é suspeita, Tréville - confirmou o rei. - Talvez não o soubesse?
- Efetivamente, Sire, eu ignorava. Em todo o caso, pode ser suspeita em geral, mas nego que o seja na parte habitada pelo Sr. D'Artagnan; pois posso afirmar-lhe, Sire, que a julgar pelas suas palavras não existe servidor mais dedicado de Vossa Majestade, nem admirador mais profundo do Sr. Cardeal.
- Não foi esse D'Artagnan que feriu um dia Jussac no malfadado recontro que se deu perto do convento dos Carmelitas Descalços? - perguntou o rei, olhando para o cardeal, que corou de despeito.
- E no dia seguinte Bernajoux.
- Sim, Sire, foi ele. Vossa Majestade tem boa memória.
- Então, que resolvemos? - perguntou o rei.

- O caso diz mais respeito a Vossa Majestade do que a mim
- respondeu o cardeal. - Eu afirmaria a culpabilidade.

- E eu a nego - disse Tréville. - Mas Sua Majestade tem
juizes e os seus juizes decidirão.

- É verdade - concordou o rei -, levemos a causa perante os
juizes: o seu ofício é julgar e eles julgarão.

- Mas não deixa de ser muito triste - acrescentou Tréville -
que nos tempos infelizes em que nos encontramos a vida mais
pura, a virtude mais incontestável, não isentem um homem da
infâmia e da perseguição. Por isso o Exército ficará pouco
satisfeito, posso garanti-lo, por estar exposto a tratamentos
rigorosos a propósito de casos de polícia.

A tirada era imprudente, mas o Sr. de Tréville lançara-a com
conhecimento de causa. Queria uma explosão, porque numa
explosão a mina faz fogo e o fogo ilumina.

- Casos de polícia! - gritou o rei, sublinhando as palavras do
Sr. de Tréville.

- Casos de polícia! E que sabe disso, senhor? Ocupe-se dos
seus mosqueteiros e não me faça perder a paciência. Quem o
ouvisse diria que se por desgraça se prende um mosqueteiro a
França fica em perigo. Tanto barulho por causa de um
mosqueteiro! Mandarei prender dez, com mil demônios! Até
cem, toda a companhia! E não admito comentários.

- A partir do momento em que são suspeitos a Vossa Majestade - disse Tréville - os mosqueteiros são culpados, por isso me vê aqui, Sire, pronto a entregar-lhe a minha espada. Porque, depois de acusar os meus soldados, o Sr. Cardeal, não tenho qualquer dúvida a tal respeito, acabará por acusar a mim, portanto, mais vale que me constitua prisioneiro com o Sr. Athos, que já está preso, e com o Sr. D'Artagnan, que decerto vão prender.

- Gascão teimoso, quer acabar com isso? - pediu o rei.

- Sire - respondeu Tréville sem baixar a voz -, ordene que me restitua o meu mosqueteiro ou que seja julgado.

- Será julgado - interveio o cardeal.

- Tanto melhor, porque nesse caso pedirei a Sua Majestade permissão para defendê-lo em juízo.

O rei receou uma explosão.

- Se Sua Eminência não tivesse pessoalmente motivos... O cardeal viu aproximar-se o rei e foi ao seu encontro.

- Perdão - disse -, mas uma vez que Vossa Majestade vê em mim um juiz predisposto, retiro-me.

- Vejamos - disse o rei -, jura-me por meu pai que o Sr. Athos estava convosco quando se deram os acontecimentos e não tomou parte neles?

- Pelo seu glorioso pai e pelo senhor mesmo, que é o que mais amo e venero no mundo, juro-lhe!
- Reflita, Sire - interveio o cardeal. - Se soltamos assim o prisioneiro não poderemos descobrir a verdade.
- O Sr. Athos estará sempre disponível para responder quando aprouver aos magistrados interrogá-lo - declarou o Sr. de Tréville. - Não desertará, Sr. Cardeal, fique tranquilo, eu responderei por ele.
- Claro que não desertará - disse o rei. - Estará sempre disponível, como diz o Sr. de Tréville. Aliás - acrescentou, baixando a voz e olhando com ar suplicante Sua Eminência -, confiar nele é um ato político.

O conceito de política de Luís XIII fez sorrir Richelieu.

- Ordene, Sire - disse -, tem o direito da graça.
- O direito da graça só se aplica aos culpados - interveio Tréville, que queria ter a última palavra - e o meu mosqueteiro é inocente. Não é portanto um ato de graça que vai fazer, Sire, é um ato de justiça.
- Ele está no For-l'Évêque? - perguntou o rei.
- Está, sim, Sire e no segredo, em um calabouço, como o último dos criminosos.
- Diabo, diabo! - murmurou o rei. - Que é preciso fazer?

- Assinar o mandado de soltura e pronto - respondeu o cardeal. - Creio, como Vossa Majestade, que a garantia do Sr. de Tréville é mais do que suficiente.

Tréville inclinou-se respeitosamente, com uma alegria em que se misturava algum receio, teria preferido uma resistência pertinaz do cardeal àquela súbita facilidade. O rei assinou o mandado de soltura e Tréville apoderou-se imediatamente dele. No momento em que ia a sair o cardeal dirigiu-lhe um sorriso amistoso e disse ao rei:

- Reina boa harmonia entre os chefes e os soldados nos seus mosqueteiros, Sire, aí está uma coisa muito proveitosa para o serviço e honrosa para todos.

“Não tardará a aplicar-me uma vingança”, pensou Tréville. “Nunca se tem a última palavra com semelhante homem. Mas devo me apressar, porque o rei pode mudar de opinião de um momento para o outro. E no fim de contas é mais difícil voltar a meter na Bastilha ou no For-l’Évêque um homem que de lá tenha saído do que conservar um prisioneiro de que não se tenha aberto mão.”

O Sr. de Tréville entrou triunfalmente no For-l’Évêque e libertou o

mosqueteiro, que não perdera a sua calma indiferença. Mas da primeira vez que viu D’Artagnan disse-lhe:

- Escapou à justa; está paga a sua estocada em Jussac.
Falta ainda a de Bernajoux, mas essa fica para depois.

De resto, o Sr. de Tréville tinha razão em desconfiar do cardeal e pensar que nem tudo estava acabado, pois mal o capitão dos mosqueteiros fechou a porta atrás de si Sua Eminência disse ao rei:

- Agora que estamos sós, vamos conversar seriamente, se apraz a Vossa Majestade. Sire, o Sr. de Buckingham esteve em Paris durante cinco dias e só partiu esta manhã.

ONDE O SR. CHANCELER SÉGUIER PROCUROU MAIS UMA VEZ
O SINO PARA O TOCAR, COMO FAZIA EM OUTRO TEMPO

É impossível fazer idéia da impressão que estas poucas palavras produziram em Luís XIII. Corou e empalideceu sucessivamente e o cardeal verificou imediatamente que acabava de conquistar de um só golpe todo o terreno que perdera.

- O Sr. de Buckingham em Paris! - gritou. - E que veio fazer aqui?

- Sem dúvida conspirar com os nossos inimigos, os huguenotes e os espanhóis.

- Não, por Deus, não! Conspirar contra a minha honra com a Sra de Chevreuse, a Sra de Longueville e os Condes!
- Oh, Sire, que idéia! A rainha é muito sensata e sobretudo ama muito Vossa Majestade.
- A mulher é fraca, Sr. Cardeal - respondeu o rei. - E quanto a amar-me muito, tenho a minha opinião formada acerca desse amor.
- Mesmo assim sustento que o duque de Buckingham veio a Paris por um projeto exclusivamente político - insistiu o cardeal.
- E eu estou certo de que veio por outra coisa, Sr. Cardeal. Mas se a rainha é culpada, ela que trema!
- De fato - disse o cardeal -, por muito que me repugne deter o espírito em semelhante traição, Vossa Majestade deu-me que pensar. A Sra de Lannoy que, de acordo com as ordens de Vossa Majestade, interroguei várias vezes, disse-me esta manhã que a noite passada Sua Majestade esteve levantada até muito tarde, que esta manhã chorou muito e passou várias horas escrevendo.
- É isso: a ele, sem dúvida! - exclamou o rei. - Cardeal, preciso dos papéis da rainha.
- Mas como obtê-los, Sire? Parece-me que nem eu nem Vossa Majestade podemos encarregar-nos de semelhante missão.

- Como procederam com a marechala de Ancre? - gritou o rei no mais alto grau da cólera. - Revistaram-lhe os armários e até a revistaram a ela mesma.

- A marechala de Ancre era apenas a marechala de Ancre, uma aventureira florentina, Sire, e mais nada, ao passo que a augusta esposa de Vossa Majestade é Ana de Áustria, rainha de França, isto é, uma das maiores princesas do mundo.

- Só por isso é mais culpada, Sr. Cardeal! Quanto mais esquece a alta

posição que ocupa, mais baixo desce. De resto, há muito tempo que estou decidido a acabar com todas essas intrigazinhas de política e amor. Tem também junto dela um tal La Porte...

- Que julgo ser a trave mestra de tudo, confesso - acrescentou o cardeal.

- Pensai portanto, como eu, que ela me engana? - perguntou o rei.

- Creio, e repito-o a Vossa Majestade, que a rainha conspira contra o poder do seu rei, mas não disse nada contra a sua honra.

- Pois eu lhe digo contra ambos; digo-lhe que a rainha não me ama, digo-lhe que ama outro, digo-lhe que ama esse infame duque de Buckingham! Por que não mandou prendê-lo enquanto esteve em Paris?

- Prender o duque? Prender o primeiro-ministro do rei Carlos I? Pensa isso, Sire? Que escândalo! E se então as suspeitas de Vossa Majestade (do que continuo a duvidar) tivessem alguma consistência, que escândalo terrível! Que escândalo desesperante!

- Mas uma vez que se arriscava como um vagabundo e um ladrão, precisava...

O próprio Luís XIII se deteve, horrorizado com o que ia dizer, enquanto Richelieu, esticando o pescoço, esperava inutilmente a palavra que ficara nos lábios do rei.

- Precisava?...

- Nada - disse o rei -, nada. Mas durante todo o tempo que estive em Paris não o perdi de vista?

- Não, Sire.

- Onde morava?

- Na Rua de La Harpe, número 75.

- Onde fica isso?

- Para os lados do Luxemburgo.

- E tem certeza de que a rainha e ele não se viram?

- Considero a rainha muito respeitadora dos seus deveres, Sire.

- Mas têm-se correspondido, foi a ele que a rainha esteve escrevendo tanto tempo! Sr. Duque, quero essas cartas!

- Mas, Sire...
- Sr. Duque, quero-as custe o que custar.
- Devo no entanto observar a Vossa Majestade...
- Também me traiçoeira, Sr. Cardeal, para se opor sempre assim à minha vontade? Também está mancomunado com o Espanhol e com o Inglês, com a Sra de Chevreuse e com a rainha?
- Sire, julgava-me ao abrigo de semelhante suspeita - respondeu o cardeal, suspirando.
- Sr. Cardeal, ouviu o que disse: quero essas cartas.
- Só deve haver um meio...
- Qual?
- Encarregar dessa missão o Sr. Chanceler Séguier. O caso cabe completamente nos deveres do seu cargo.
- Mande chamá-lo imediatamente!
- Deve estar em minha casa, Sire, tinha mandado pedir que passasse por lá e quando vim para o Louvre deixei ordem, caso ele aparecesse, para o mandarem esperar.
- Que vão buscá-lo imediatamente!
- As ordens de Vossa Majestade serão cumpridas, mas...

- Mas o quê?
- Mas a rainha talvez se recuse a obedecer.
- Às minhas ordens?
- Sim, se ignorar que as ordens vêm do rei.
- Pois para que não tenha dúvidas eu próprio a prevenirei.
- Vossa Majestade não esquecerá que tenho feito tudo o que tenho podido para evitar um rompimento.
- Sim, duque, sei que é muito indulgente com a rainha, muito indulgente talvez e desde já o previno que teremos de falar a esse respeito mais tarde.
- Quando aprover a Vossa Majestade, mas me sentirei sempre feliz e orgulhoso, Sire, por me sacrificar à boa harmonia que desejo ver reinar entre o senhor e a rainha de França.
- Claro, cardeal, claro, mas entretanto mande buscar o Sr. Chanceler. Eu vou falar com a rainha.

E Luís XIII abriu a porta de comunicação e meteu pelo corredor que levava aos seus aposentos e aos de Ana de Áustria.

A rainha estava no meio das suas damas, Sras de Guitaut, de Sablé, de Montbazan e de Guéménée. A um canto encontrava-se a camareira espanhola Dona Estefânia, que a acompanhara de Madrid. A Sra de Guéménée lia e todas a escutavam com atenção, exceto a rainha, que pelo contrário provocara a leitura

para poder, fingindo escutar, seguir o fio dos seus próprios pensamentos.

Tais pensamentos, por mais dourados que fossem por um derradeiro reflexo de amor, nem por isso eram menos tristes. Ana de Áustria, privada da confiança do marido, perseguida pelo ódio do cardeal, que não lhe perdoava ter repelido um sentimento mais doce, tendo diante dos olhos o exemplo da rainha-mãe, a quem esse ódio atormentara toda a vida - embora Maria de Médicis, dando crédito às memórias do tempo, tivesse começado por conceder ao cardeal o sentimento que Ana de Áustria acabara sempre por lhe recusar -, Ana de Áustria vira cair à sua volta os servidores mais dedicados, os seus mais íntimos confidentes e os seus mais queridos favoritos. Como esses infelizes dotados de um dom funesto, trazia a desgraça a tudo em que tocava e a sua amizade era um indício fatal que atraía a perseguição. A Sra de Chevreuse e a Sra de Vernel estavam exiladas e La Porte não ocultava à sua ama e senhora que esperava ser preso de um momento para o outro.

Foi quando estava mergulhada na mais profunda sombra destas reflexões que a porta se abriu e o rei entrou. A leitora calou-se imediatamente, todas as damas se levantaram e fez-se profundo silêncio. Quanto ao rei, não demonstrou qualquer delicadeza, apenas disse, com a voz alterada, parando diante da rainha:

- Senhora, vai receber a visita do Sr. Chanceler, que lhe comunicará certas diligências de que o encarreguei.

A pobre rainha, a quem ameaçavam constantemente de divórcio, de exílio e até de julgamento, empalideceu debaixo do carmim e não conseguiu impedir-se de perguntar:

- Mas porquê essa visita, Sire? Que me dirá o Sr. Chanceler que Vossa

Majestade não possa dizer pessoalmente?

O rei deu meia volta sem responder e quase no mesmo instante o capitão dos guardas, Sr. de Guitaut, anunciou a visita do Sr. Chanceler. Quando o chanceler apareceu, o rei já saíra por outra porta.

O chanceler entrou meio sorridente, meio ruborizado. Como provavelmente tornaremos a encontrá-lo no decurso desta história, não há inconveniente em os leitores travarem desde já conhecimento com ele. O chanceler era um homem curioso. Foi Des Roches le Masle, cônego de Notre-Dame e que fora outrora criado de quarto do cardeal, quem o propôs a Sua Eminência como um homem dedicadíssimo. O cardeal acreditou no cônego e não se arrependeu.

Contavam-se a seu respeito certas histórias e entre elas esta:

Depois de uma juventude tempestuosa, retirara-se para um convento a fim de espiar, pelo menos durante algum tempo, as

loucuras da adolescência. Mas quando entrara no santo lugar o pobre penitente não conseguira fechar a porta tão depressa que as paixões de que fugia não entrassem com ele.

Constantemente obsidiado por isso, confiou a sua desgraça ao superior, o qual, querendo tanto quanto estava na sua mão, protegê-lo, lhe recomendou que, para conjurar o Demônio tentador, recorresse à corda do sino e o tocasse com toda a força. Ao ouvirem o toque denunciador, os frades saberiam que a tentação assediava um irmão e toda a comunidade se entregaria à oração.

O conselho pareceu bom ao futuro chanceler. De fato, conjurou o espírito maligno a poder de orações dos frades, mas como o Diabo não se deixa desapossar facilmente de uma praça onde meteu guarnição, à medida que redobravam os exorcismos ele redobrava as tentações, de forma que o sino tocava dia e noite com toda a força, anunciando o extremo desejo de mortificação que experimentava o penitente.

Os frades não tinham um instante de repouso. De dia, só faziam subir e descer as escadas que levavam à capela, de noite, além das completas e das matinas, ainda eram obrigados a saltar vinte vezes da cama e prosternarem-se no lajedo das celas.

Ignora-se se foi o Diabo que desistiu ou os frades que se cansaram, mas passados três meses o penitente reapareceu na sociedade com a reputação do mais terrível possesso que jamais existira.

Quando saiu do convento entrou para a magistratura, tornou-se juiz-presidente do Supremo Tribunal de Justiça no lugar do tio, abraçou o partido do cardeal, o que só provou a sua sagacidade, tornou-se chanceler, serviu Sua Eminência com zelo no seu ódio contra a rainha-mãe e na sua vingança contra Ana de Áustria, estimulou os juizes no caso de Chalais, encorajou as experiências do Sr. de Laffemas, couteiro-mor de França, e por fim, investido de toda a confiança do cardeal - confiança que tão bem conquistara -, recebeu a singular comissão para cumprimento da qual se apresentava à rainha. A rainha estava ainda de pé quando ele entrou, mas mal o viu voltou a sentar-se no seu cadeirão e fez sinal às suas damas para reocuparem as suas almofadas e os seus bancos e num tom de suprema altivez perguntou:

- Que deseja, senhor, com que fim se apresenta aqui?
- Venho proceder em nome do rei, senhora, e salvo todo o respeito que tenho a honra de dever a Vossa Majestade, a uma busca rigorosa nos seus

papéis.

- Que diz, senhor? Uma busca nos meus papéis... nos meus... Mas isso é uma coisa indigna!
- Por favor me perdoe, senhora, mas nesta circunstância não passo do instrumento de que o rei se serve. Sua Majestade

não acaba de sair daqui e não a convidou pessoalmente a aceitar esta visita?

- Passe a busca, senhor, ao que parece, sou uma criminoso. Estefânia, de-lhe as chaves das minhas mesas.

O chanceler revistou pró-forma todos os móveis, mas bem sabia que não era num móvel que a rainha fechara a carta importante que escrevera naquele dia. Depois do chanceler abrir e fechar vinte vezes as gavetas das mesas, teve, apesar das hesitações que experimentava, teve, repito, de proceder à última parte da busca, isto é, de revistar a própria rainha. O chanceler dirigiu-se portanto para Ana de Áustria e disse-lhe, num tom muito perplexo e com ar realmente embaraçado:

- E agora, resta-me fazer a busca principal...

- Qual? - perguntou a rainha, que não compreendia, ou antes, não queria compreender.

- Sua Majestade tem certeza de que a senhora escreveu hoje uma carta e sabe que essa carta ainda não foi remetida ao seu destinatário. Como não se encontra nas suas mesas, é evidente que está em outro lugar.

- Ousaria pôr a mão na sua rainha? - perguntou Ana de Áustria, empertigando-se e cravando no chanceler uns olhos cuja expressão se tornara quase ameaçadora.

- Sou um fiel súdito do rei, senhora, e faço tudo o que Sua Majestade me ordena.

- Tem razão - disse Ana de Áustria -, os espões do Sr. Cardeal serviram-no bem. De fato escrevi hoje uma carta e essa carta ainda não partiu. Está aqui.

E a rainha levou a bela mão ao corpete.

- Então, me dê, senhora - pediu o chanceler.

- Só a darei ao rei, senhor - respondeu Ana.

- Se o rei quisesse que a carta lhe fosse entregue, senhora, ele próprio a teria pedido. Mas, repito, foi a mim que encarregou de a reclamar, e se a não entregar...

- Que acontecerá?

- Bom, serei ainda eu que terei de tirá-la.

- Como, que quer dizer?

- Que as minhas ordens vão longe senhora, e que estou autorizado a procurar o documento suspeito na própria pessoa de Vossa Majestade.

- Que horror! - gritou a rainha.

- Queira por favor, senhora, agir mais sensatamente.

- Esse comportamento é de uma violência infame, não o sabe, senhor?

- O rei ordena, senhora, perdoe-me.

- Não suportarei essa afronta! Não, não, antes morrer! - gritou a rainha, na qual se revoltava o sangue imperioso da espanhola e da austríaca.

O chanceler fez uma profunda reverência e depois, com a intenção bem patente de não recuar um passo no cumprimento da missão que fora encarregado,

e tal como faria um ajudante de carrasco na câmara de tortura, aproximou-se de Ana de Áustria, dos olhos da qual brotaram imediatamente lágrimas de raiva.

A rainha era, como já dissemos, de uma grande beleza. A missão podia portanto ser considerada delicada e com ela o rei acabava, à força de ter ciúmes de Buckingham, por não ter ciúmes de ninguém.

Naquele momento, o chanceler Séguier procurou sem dúvida com os olhos a corda do famoso sino, mas não a encontrando, decidiu-se e estendeu a mão para o lugar onde a rainha confessara que se encontrava o papel.

Ana de Áustria deu um passo atrás, tão pálida que parecia que ia morrer; e apoiando-se com a mão esquerda, para não cair, a uma mesa que se encontrava atrás dela, tirou com a direita um papel do peito e estendeu-o ao chanceler.

- Tome, senhor, aqui está a carta! - gritou a rainha em voz entrecortada e fremente. - Tome e livre-me da sua odiosa presença.

O chanceler, que pela sua parte tremia de comoção fácil de conceber, pegou na carta, inclinou-se até ao chão e retirou-se.

Mal a porta se fechou atrás dele, a rainha caiu meio desmaiada nos braços das suas damas.

O chanceler foi levar a carta ao rei sem ler uma só palavra. O rei a pegou com mão trêmula, procurou o endereço, que faltava, empalideceu muito, abriu-a lentamente e depois, vendo pelas primeiras palavras que era dirigida ao rei de Espanha, leu-a rapidamente.

Tratava-se de um completo plano de ataque contra o cardeal. A rainha convidava o irmão e o imperador da Áustria a fingirem, desgostosos como estavam com a política de Richelieu, cuja eterna preocupação era o rebaixamento da Casa de Áustria, declarar guerra à França e a imporem como condição da paz a demissão do cardeal, mas de amor não havia uma só palavra em toda a carta.

O rei, muito bem disposto, perguntou se o cardeal ainda estava no Louvre. Responderam-lhe que Sua Eminência esperava no gabinete de trabalho as ordens de Sua Majestade. O rei foi imediatamente encontrá-lo.

- Veja, duque - disse-lhe. - Tinha razão e eu é que estava errado, toda a intriga é política e não há nenhuma palavra de amor nesta carta. Em troca, fala-se muito de você.

O cardeal pegou na carta e leu-a com a maior atenção e quando chegou ao fim leu-a segunda vez.

- Aqui tem Vossa Majestade até onde vão os meus inimigos: ameaçam-no com duas guerras se me não demitir. No seu

lugar, na verdade, Sire. cederia a tão poderosas instâncias, e pela minha parte seria com verdadeiro prazer que me retiraria dos negócios de Estado.

- Que está dizendo, duque?

- Digo, Sire que perco a saúde nestas lutas excessivas e nestes trabalhos eternos. Digo que muito provavelmente não poderei suportar as fadigas do cerco de La Rochelle e que é preferível que nomeie para isso ou o Sr. de Condé, ou o Sr. de Bassompierre, ou enfim qualquer homem valente que esteja em condições de dirigir a guerra, e não eu que sou homem de Igreja e que me desvio constantemente da minha vocação para me dedicar a coisas para que não tenho nenhuma aptidão. Seria mais feliz no interior, Sire, e não duvido que seja maior no estrangeiro.

- Sr. Duque - respondeu o rei -, compreendo, fique tranquilo, todos os que são mencionados nesta carta serão punidos como merecem, incluindo a própria rainha.

- Que está dizendo, Sire? Deus me defenda de, por minha causa, a rainha experimentar a menor contrariedade! Sempre me tem considerado seu inimigo, Sire, embora Vossa Majestade possa atestar que sempre tomei calorosamente o seu partido, até contra o senhor. Oh, se traiçoasse Vossa Majestade na sua honra, seria outra coisa, e eu seria o primeiro a dizer: “Nada de compaixão, Sire, nada de compaixão para com a culpada!”

Felizmente não é esse o caso, como Vossa Majestade acaba de ter mais uma prova.

- É verdade, Sr. Cardeal - admitiu o rei -, e tinha razão, como sempre, mas nem por isso a rainha merece menos toda a minha cólera.

- Foi o senhor, Sire, que incorreu na sua e realmente compreenderia que estivesse muitíssimo ofendida com Vossa Majestade. Vossa Majestade tratou-a com uma severidade!...

- Será assim que tratarei sempre os meus inimigos e os seus, duque, por mais alto que estejam colocados e seja qual for o perigo que corra procedendo severamente para com eles.

- A rainha é minha inimiga, mas não é sua, Sire. Pelo contrário, é esposa dedicada, submissa e irrepreensível. Deixe-me portanto, Sire, interceder por ela junto à Vossa Majestade.

- Então que se humilhe e seja a primeira a aproximar-se de mim!

- Pelo contrário, Sire, dê o exemplo, foi o primeiro a proceder mal, pois foi o senhor que suspeitou da rainha.

- Eu dar o primeiro passo? Nunca! - exclamou o rei.

- Sire, suplico-lhe.

- De resto, como seria o primeiro?

- Fazendo uma coisa que sabe ser-lhe agradável.

- Qual?

- Dê um baile, o senhor sabe como a rainha gosta da dança, garanto-lhe que o seu rancor não resistirá a semelhante atenção.
- Sr. Cardeal, sabe que não aprecio todos os prazeres mundanos.
- Só por isso a rainha lhe ficará mais reconhecida, pois sabe como antipatiza com esse prazer. Aliás, será uma oportunidade para usar aquelas belas agulhetas de diamantes que lhe deu outro dia, pelo seu aniversário, e que ainda não teve tempo de mostrar.
- Veremos, Sr. Cardeal, veremos - respondeu o rei, que na sua satisfação de encontrar a rainha culpada de um crime com que pouco se preocupava e inocente numa falta que muito temia, estava pronto a reconciliar-se com ela. - Veremos, mas palavra de honra que é muito indulgente.
- Sire - respondeu o cardeal -, deixe a severidade aos ministros. A indulgência é virtude real, use-a e verá que se sentirá melhor.

Depois disto, ao ouvir o relógio dar onze horas, o cardeal inclinou-se profundamente, pediu licença ao rei para se retirar e suplicou-lhe que se reconciliasse com a rainha.

Ana de Áustria, que depois da apreensão da carta esperava alguma censura, ficou admiradíssima ao ver no dia seguinte o rei fazer junto dela

tentativas de aproximação. A sua primeira reação foi de repulsa, o seu orgulho de mulher e a sua dignidade de rainha tinham sido ambas tão cruelmente ofendidas que não podia esquecer sem mais nem menos o sucedido. Mas convencida pelo conselho das suas damas, pareceu finalmente começar a esquecer. O rei aproveitou esse primeiro momento de aproximação para lhe dizer imediatamente que pretendia dar uma festa.

Era coisa tão rara uma festa para a pobre Ana de Áustria que esta, ao ouvir tal coisa, teve a reação prevista pelo cardeal e os últimos vestígios de ressentimento desapareceram, senão do seu coração, pelo menos do seu rosto. Perguntou em que dia se realizaria a festa, mas o rei respondeu-lhe que tinha de se entender com o cardeal a esse respeito.

Com efeito, todos os dias o rei perguntava ao cardeal em que data se realizaria a festa e todos os dias o cardeal, sob qualquer pretexto, adiava a marcação. Passaram-se assim dez dias.

No oitavo dia depois da cena que contamos, o cardeal recebeu uma carta com o carimbo de Londres, que continha apenas estas poucas linhas:

Tenho-as, mas não posso sair de Londres por falta de dinheiro. Mande-me quinhentas pistolas e quatro ou cinco dias depois de as receber estarei em Paris.

No mesmo dia em que o cardeal recebeu esta carta, o rei fez-lhe a pergunta habitual.

Richelieu contou pelos dedos e disse para consigo, baixinho:

- Ela chegará, segundo diz, quatro ou cinco dias depois de receber o dinheiro, são precisos quatro ou cinco dias para o dinheiro ir e outros quatro ou cinco dias para ela voltar, ou seja dez dias. Agora levemos em conta ventos contrários, contratempos, fraquezas de mulher... e aumentemos para doze dias.

- Então, Sr. Duque, já acabou os cálculos? - perguntou o rei.

- Já, Sire. Estamos hoje a 20 de Setembro, os almotacés da cidade dão uma festa em 3 de Outubro. Vem mesmo a calhar, pois assim não terá o ar de se aproximar da rainha.

Depois o cardeal acrescentou:

- A propósito, Sire, não se esqueça de dizer a Sua Majestade, na véspera da festa, que deseja ver como lhe ficam as agulhetas de diamantes.

O CASAL BONACIEUX

Era a segunda vez que o cardeal falava das agulhetas de diamantes ao rei. Luís XIII ficou portanto impressionado com a insistência e pensou que semelhante recomendação ocultava um mistério.

Mais de uma vez o rei fora humilhado pelo cardeal, cuja polícia, sem ter atingido ainda a perfeição da polícia moderna, era excelente, a ponto de Richelieu saber melhor do que o próprio rei o que se passava na sua intimidade. Esperou portanto, numa conversa com Ana de Áustria, fazer alguma luz a respeito de tal

recomendação e voltar em seguida junto de Sua Eminência com qualquer segredo que o cardeal soubesse ou não soubesse, mas que, tanto num caso como no outro, o salientaria extraordinariamente aos olhos do seu ministro.

Foi portanto procurar a rainha e, conforme o seu hábito, abordou-a com novas ameaças contra aqueles que a rodeavam. Ana de Áustria baixou a cabeça, deixou passar a torrente sem responder e esperou que o rei acabasse por se deter. Mas não era isso que pretendia Luís XIII. Luís XIII pretendia uma discussão da qual brotasse qualquer luz,

convencido como estava de que o cardeal tinha algum pensamento reservado e lhe destinava uma surpresa terrível, como aquelas em que Sua Eminência era perito. Alcançou tal fim com a persistência das suas acusações.

- Então, Sire - atalhou Ana de Áustria, farta daqueles vagos ataques -, por que me não diz tudo o que tem no coração? Que fiz eu? Vejamos, que crime cometi? É impossível que Vossa Majestade faça todo esse barulho por causa de uma carta escrita ao meu irmão.

O rei, atacado por seu turno de forma tão direta, não soube que responder, pensou no entanto que chegara o momento de fazer a recomendação que só deveria fazer na véspera da festa.

- Senhora - respondeu com majestade -, haverá brevemente baile na Câmara Municipal, espero que para honrar os nossos respeitáveis almotacés apareça em traje de cerimônia e sobretudo adornada com as agulhetas de diamantes que lhe dei no seu aniversário. É esta a minha resposta.

A resposta era terrível. Ana de Áustria julgou que Luis XIII sabia tudo e que o cardeal obtivera dele aquela longa dissimulação de sete ou oito dias, que de resto estava de acordo com o seu carácter. Tornou-se excessivamente pálida, apoiou num consola a mão de admirável beleza e que então

parecia de cera, e, fitando o rei com olhos apavorados, não proferiu uma só sílaba.

- Ouviu, senhora? - insistiu o rei, que desfrutava aquele embaraço em toda a sua extensão, mas sem lhe adivinhar a causa. - Ouviu?

- Sim, Sire, ouvi - balbuciou a rainha.

- Irá ao baile? - Irei.

- Com as agulhetas?

- Sim.

A palidez da rainha aumentou ainda mais, se possível, o rei deu por isso e regozijou-se com a fria crueldade que era uma das más qualidades do seu caráter.

- Então, está combinado, era tudo o que queria dizer.

- Mas em que dia é o baile? - perguntou Ana de Áustria.

Luís XIII sentiu instintivamente que não devia responder a tal pergunta, que a rainha formulara em voz quase inaudível.

- Muito brevemente, senhora, mas não me recordo exatamente do dia, tenho de perguntar ao cardeal.

- Foi portanto o cardeal quem lhe anunciou essa festa? - perguntou a rainha.

- Foi, senhora - respondeu o rei, atônito. - Por que pergunta?

- E foi ele quem lhe disse que me convidasse a aparecer com as agulhetas?
- Quer dizer, senhora...
- Foi ele, Sire, foi ele!
- Bom, que importa que fosse ele ou eu? Há algum crime no convite?
- Não, Sire.
- Então, irá?
- Sim, Sire.
- Muito bem - disse o rei, retirando-se. - Muito bem, conto com você.

A rainha fez uma reverência, menos por etiqueta do que por os joelhos se dobrarem debaixo dela. O rei saiu encantado.

- Estou perdida - murmurou a rainha. - Perdida porque o cardeal sabe tudo e foi ele que impeliu o rei, que ainda não sabe nada, mas que em breve saberá tudo. Estou perdida! Meu Deus, meu Deus, meu Deus!

Ajoelhou-se numa almofada e orou, com a cabeça escondida nos braços palpitantes. Efetivamente, a situação era terrível. Buckingham regressara a Londres, a Sra de Chevreuse estava em Tours. Mais vigiada do que nunca, a rainha sentia surdamente que uma das suas damas a traía, sem saber dizer

qual. La Porte não podia sair do Louvre. Não tinha uma alma no mundo em quem confiar. Por isso, perante a desgraça que a ameaçava e o abandono em que se via, rompeu em soluços.

- Não posso ser útil em nada a Vossa Majestade? - perguntou de súbito uma voz cheia de doçura e compaixão.

A rainha virou-se vivamente, porque a expressão daquela voz não enganava: era uma amiga que falava assim. Com efeito, a uma das portas que davam para os aposentos da rainha encontrava-se a bonita Sra Bonacieux. Ocupada em arrumar os vestidos e a roupa num gabinete quando o rei entrara, não pudera sair e ouvira tudo. A rainha soltou um grito penetrante ao ver-se surpreendida, pois na sua perturbação não reconheceu de início a jovem que lhe arranjava La Porte.

- Oh, não tema nada, senhora! - exclamou a jovem, juntando as mãos e chorando ela própria por via das angústias da rainha. - Sou dedicada a Vossa Majestade de corpo e alma e por mais longe que esteja da senhora, por mais inferior que seja a minha posição, creio que encontrei meio de tirar Vossa Majestade de apuros.

- Você? Oh, Céus, você?! - exclamou a rainha. - Mas vejamos, olhe-me de frente. Todos me atraçoam, poderei confiar em você?

- Oh, senhora! - protestou a jovem, caindo de joelhos. - Juro-lhe pela minha alma que estou pronta a morrer por Vossa Majestade!

Este grito saíra-lhe do mais fundo do coração, e como o primeiro não enganava ninguém.

- Sim - continuou a Sra Bonacieux -, sim, há traidores aqui, mas pelo santo nome da Virgem juro-lhe que ninguém é mais dedicada do que eu a Vossa Majestade. As agulhetas que o rei exige deu-as ao duque de Buckingham, não é verdade? Essas agulhetas estavam fechadas numa caixinha de pau-rosa que ele levava debaixo do braço? Engano-me? É ou não é assim?

- Oh, meu Deus, meu Deus! - murmurou a rainha, que batia os dentes de terror.

- Pois bem, temos de recuperar essas agulhetas - acrescentou a Sra Bonacieux.

- Temos, sem dúvida - admitiu a rainha. - Mas como? Como consegui-lo?

- É preciso enviar alguém ao duque.

- Mas quem?... Quem?... Em quem me apoiar?

- Tenha confiança em mim, senhora. Conceda-me essa honra, minha rainha, e eu encontrarei o mensageiro!

- Mas é preciso escrever!

- Claro, é indispensável. Duas palavras do punho de Vossa Majestade e o seu sinete particular.
- Mas essas duas palavras serão a minha condenação, é o divórcio, o exílio!
- Seria, se caíssem em mãos infames! Mas eu comprometo-me a que essas duas palavras cheguem ao seu destino.
- Oh, meu Deus! Terei então de entregar a minha vida, a minha honra, a minha reputação, nas suas mãos?
- Terá, senhora, é preciso, mas eu resolverei tudo.
- Como? Diga-me ao menos como?
- O meu marido foi posto em liberdade há dois ou três dias, ainda não tive tempo de vê-lo. É um homem bom e honesto, que não tem ódio nem amor a ninguém. Fará o que eu quiser: partirá a uma ordem minha, sem saber o que leva, e entregará a carta de Vossa Majestade, sem mesmo saber que é de Vossa Majestade, no endereço que indicar.

A rainha pegou nas mãos da jovem num impulso apaixonado, olhou-a como se quisesse ler-lhe no fundo do coração e só vendo sinceridade naqueles belos olhos, beijou-a ternamente.

- Faça isso e me salvará a vida, salvará a minha honra!

- Oh, não exagere o serviço que tenho a honra de prestar; não tenho nada a salvar a Vossa Majestade, que é apenas vítima de pérfidas conspirações.

- É verdade, é verdade, minha filha, tem razão.

- De-me então a carta, senhora, o tempo urge.

A rainha correu para uma mesinha em cima da qual se encontravam tinta, papel e penas. Escreveu duas linhas, lacrou a carta com o seu sinete e entregou-a à Sra Bonacieux.

- E agora não nos esqueçamos de uma coisa indispensável.

- Qual?

- O dinheiro.

A Sra Bonacieux corou.

- Sim, é verdade, e confesso a Vossa Majestade que o meu marido...

- O seu marido não o tem, é o que quer dizer.

- Na realidade, tem, mas é muito avarento, é o seu defeito. No entanto, Vossa Majestade não se preocupe; arranjaremos uma maneira...

- O caso é que também o não tenho - confessou a rainha, e quem leu as Memórias da Sra de Motteville não estranhará esta resposta. - Mas espere.

Ana de Áustria correu para o seu guarda-jóias.

- Tome, aqui tem um anel de grande valor, ao que dizem. Meu irmão, o rei de Espanha me deu, pertence-me e posso dispor dele. Leve este anel, transforme-o em dinheiro e o teu marido que parta.
- Dentro de uma hora será obedecida.
- Repare no endereço - acrescentou a rainha, falando tão baixo que mal se podia ouvir o que dizia. - “A Milorde o Duque de Buckingham, em Londres.”
- A carta lhe será entregue pessoalmente.
- Generosa criança! - exclamou Ana de Áustria.

A Sra Bonacieux beijou as mãos da rainha, escondeu a carta no corpete e desapareceu com a ligeireza de um passarinho.

Dez minutos depois estava em casa. Como dissera à rainha, não tornara a ver o marido desde que fora posto em liberdade; ignorava portanto a mudança que se operara nele a respeito do cardeal, mudança devida à lisonja e ao dinheiro de Sua Eminência e corroborada depois por duas ou três visitas do conde de Rochefort, que se tornara o melhor amigo de Bonacieux, a quem convencera sem muita dificuldade que nenhum sentimento culposo o levava a raptar-lhe a mulher, pois se tratara apenas de uma precaução política.

Encontrou o Sr. Bonacieux sozinho. O pobre homem punha com grande custo ordem na casa, cujos móveis encontrara mais ou

menos partidos e os armários quase vazios, dado a justiça não pertencer ao número das três coisas que, no dizer do rei Salomão, não deixam sinais da sua passagem. Quanto à criada, fugira no momento da prisão do amo. O terror apoderara-se da pobre moça de tal maneira que a levava a ir a pé de Paris à Borgonha, sua terra natal.

O digno retroseiro apressara-se, logo que regressara a casa, a avisar a mulher do feliz acontecimento, e a mulher respondera-lhe felicitando-o e dizendo-lhe que o primeiro momento que pudesse roubar aos seus deveres seria inteiramente dedicado a visitá-lo.

Esse primeiro momento fizera-se esperar cinco dias, o que, em qualquer outra circunstância, teria parecido bastante longo a mestre Bonacieux; mas ele tinha, na visita que fizera ao cardeal e nas visitas que lhe fazia Rochefort, amplo assunto para reflexão, e como se sabe nada faz passar o tempo como refletir.

Tanto mais que as reflexões de Bonacieux eram todas cor-de-rosa.

Rochefort chamava-lhe seu amigo, seu caro Bonacieux, e não se cansava de lhe dizer que o cardeal o tinha na mais alta estima. O retroseiro via-se já no caminho das honras e da fortuna.

Pelo seu lado, a Sra Bonacieux refletira, mas, convém dizê-lo, em coisas muito diferentes da ambição. Azar seu, os seus

pensamentos tinham tido como móbil constante aquele rapaz tão valente e que parecia tão apaixonado. Casada aos dezoito anos, a Sra Bonacieux vivera sempre no meio dos amigos do marido, pouco susceptíveis de inspirar qualquer sentimento a uma jovem cujo coração era mais elevado do que a sua posição social. A Sra Bonacieux permanecera insensível às seduções vulgares, mas, sobretudo naquela época, o título de gentil-homem exercia grande influência sobre a burguesia, e D'Artagnan era gentil-homem, além disso, usava o uniforme das guardas, o qual, depois do uniforme dos mosqueteiros, era o mais apreciado pelas damas. Depois, repetimos, era jovem, belo e aventureiro, falava de amor como um homem que ama e tem sede de ser amado, nada mais era preciso para dar volta à cabeça de uma mulher de vinte e três anos, e a Sra Bonacieux estava precisamente nesse venturoso período da vida.

Marido e mulher, embora não se vissem havia mais de oito dias e durante essa semana se tivessem dado com eles graves acontecimentos, encontraram-se

com certa preocupação. Contudo, o Sr. Bonacieux manifestou uma alegria sincera e avançou para a mulher de braços abertos.

A Sra Bonacieux ofereceu-lhe a testa.

- Conversemos um pouco - disse ela.
- Como? - surpreendeu-se Bonacieux.

- Tenho uma coisa da mais alta importância para lhe dizer.
- E eu também tenho algumas perguntas bastante sérias para lhe fazer.

Explique-me resumidamente o seu rapto, peço-lhe.

- Por ora não se trata disso - respondeu a Sra Bonacieux.
- De que se trata então? Do meu cativo?
- Soube da sua prisão no próprio dia, mas como não era culpado de nenhum crime, nem cúmplice de nenhuma intriga, como não sabia nada, enfim, que pudesse lhe comprometer, nem você nem ninguém, não liguei ao acontecimento mais importância do que merecia.
- Fala disso com uma descontração, senhora! - exclamou Bonacieux, melindrado com o pouco interesse que lhe testemunhava a mulher. - Sabe que estive enterrado um dia e uma noite em uma cela da Bastilha?
- Um dia e uma noite passam depressa, deixemos portanto o seu cativo e tratemos do assunto que me traz aqui.
- Como? Que quer dizer com isso do assunto que a traz aqui? Não veio para tornar a ver um marido de que esteve separada oito dias? - perguntou o retroseiro, ofendidíssimo.
- Primeiro isso e depois outra coisa.
- Fale!

- Trata-se de uma coisa do mais alto interesse e da qual talvez dependa a nossa futura fortuna.
- A nossa fortuna mudou muito de aspecto desde que a vi, Sra Bonacieux, e não me admiraria nada que daqui a alguns meses causasse inveja a muita gente.
- Sim, sobretudo se quiser seguir as instruções que vou dar.
- A mim?
- Sim, a você. Há uma boa e santa ação a praticar, senhor, e muito dinheiro a ganhar ao mesmo tempo.

A Sra Bonacieux sabia que falando de dinheiro ao marido lhe tocava na corda sensível. Mas um homem, mesmo um retroseiro, depois de falar dez minutos com o cardeal de Richelieu já não é o mesmo homem.

- Muito dinheiro a ganhar! - repetiu Bonacieux, esticando os lábios.
- Sim, muito.
- Quanto, mais ou menos?
- Talvez mil pistolas.
- O que quer pedir é portanto muito grave?
- É.
- Que é preciso fazer?

- Partirá imediatamente, depois de lhe entregar uma carta de que não se separará sob nenhum pretexto e que entregará em mãos.

- E para onde partirei?

- Para Londres.

- Eu, para Londres?! Vamos, está brincando, não tenho nada que fazer em

Londres.

- Mas outros necessitam que vá até lá.

- E quem são esses outros? Previno-lhe de que não faço mais nada às cegas e de que quero saber não só ao que me exponho, mas também por quem me exponho.

- Uma pessoa ilustre lhe envia e uma pessoa ilustre o espera, a recompensa excederá a sua expectativa, é tudo o que posso prometer.

- Mais intrigas, sempre intrigas! Obrigado, agora não caio assim em confusões, pois o Sr. Cardeal esclareceu-me a tal respeito.

- O cardeal! - exclamou a Sra Bonacieux. - Viu o cardeal?

- Mandou-me chamar - respondeu orgulhosamente o retroseiro.

- E aceitou ao seu convite? Sempre foi muito imprudente!

- Devo dizer que não podia escolher entre ir ou não ir, pois estava entre dois guardas. Devo também dizer que, como não conhecia então Sua Eminência, se me tivesse podido escusar a visita teria ficado muito encantado.
- Maltratou-o? Ameaçou-o?
- Estendeu-me a mão e chamou-me de seu amigo. Seu amigo! Ouviu, senhora? Sou amigo do grande cardeal!
- Do grande cardeal?...
- Contestá porventura este título, senhora?
- Não contesto nada, mas digo-lhe que a proteção de um ministro é efêmera e que só um louco se agarra a um ministro, há poderes acima do seu que não assentam no capricho de um homem ou no resultado de um acontecimento. É a esses poderes que devemos nos ligar.
- Lamento, senhora, mas não conheço outro poder além do do homem que tenho a honra de servir.
- Você agora serve ao cardeal?
- Sirvo, senhora, e como seu servidor não permitirei que se entregue a conspirações contra a segurança do Estado e que sirva as intrigas de uma mulher que não é francesa e tem o coração espanhol. Felizmente, o grande cardeal está aí e o seu olhar vigilante penetra até ao fundo dos corações.

Bonacieux repetia palavra por palavra uma frase que ouvira do conde de Rochefort, mas a pobre mulher, que contara com o

marido e que, nessa esperança, respondera por ele perante a rainha, não tremia menos do que ela pelo perigo em que estivera quase caindo e pela impotência em que se encontrava. No entanto, conhecendo a fraqueza e sobretudo a cupidez do marido, não desistira de o conduzir aos seus fins.

- Então agora é cardinalista, senhor? E serve o partido daqueles que maltratam a sua mulher e insultam a sua rainha!

- Os interesses particulares não são nada perante os interesses de todos.

Sou por aqueles que salvam o Estado - respondeu, com ênfase, Bonacieux.

Era outra frase do conde de Rochefort, que fixara e que aproveitava a oportunidade para empregar.

- E sabe que Estado é esse de que fala? - perguntou a Sra Bonacieux, encolhendo os ombros. - Contenta-se em ser um burguês sem qualquer finura e vira-se para o lado que lhe oferece mais vantagens.

- Ora. ora! - exclamou Bonacieux, batendo numa bolsa que parecia bem

recheada e que emitiu um som argentino. - Que diz a isto, senhora pregadora?

- De onde veio esse dinheiro?

- Não adivinha?
- Do cardeal?
- Dele e do meu amigo o conde de Rochefort.
- O conde de Rochefort! Mas foi ele que me raptou!
- É possível, senhora.
- E recebeu dinheiro desse homem?
- Não disse que o rapto fora político?
- Disse, mas o rapto tinha por fim levar-me a trair a minha ama, arrancar-me por meio de torturas confissões susceptíveis de comprometer a honra e talvez a vida da minha augusta ama.
- Senhora - respondeu Bonacieux -, a sua augusta ama é uma pérfida espanhola e o que o cardeal faz é bem feito.
- Senhor, sabia que era covarde, avarento e imbecil, mas não sabia que era infame!
- Senhora - respondeu Bonacieux, que nunca vira a mulher encolerizada e recuava diante da fúria conjugal -, senhora, que está dizendo?
- Digo que o senhor é um miserável! - continuou a Sra Bonacieux, ao ver que recuperava alguma influência sobre o marido. - Com que então agora faz política... e política cardinalista, ainda por cima! Com que então vendeu o corpo e alma ao Demônio...

- Ao Demônio, não, ao cardeal.
- É a mesma coisa! - gritou a jovem. - Quem diz Richelieu, diz Satanás!
- Cale-se, senhora, cale-se que podem ouvi-la!
- Tem razão e ficaria envergonhada com a sua covardia.
- Mas que quer de mim, afinal de contas?
- Já disse, que parta imediatamente e desempenhe lealmente a missão que me digno encarregá-lo. Com esta condição, esquecerei tudo, perdorei e... há mais - acrescentou, estendendo-lhe a mão -, restituo-lhe a minha amizade.

Bonacieux era poltrão e avaro, mas amava a mulher, enterneceu-se. Um homem de cinquenta anos não conserva por muito tempo rancor a uma mulher de vinte e três. A Sra Bonacieux viu-o hesitar.

- Então, está decidido?
- Mas, minha querida amiga, reflita um pouco no que exige de mim. Londres fica longe de Paris, muito longe, e a comissão de que me encarrega talvez tenha os seus perigos.
- Que importa, se os evita!
- Olhe, Sra Bonacieux - disse o retroseiro -, olhe, decididamente recuso. As intrigas metem-me medo. Já vi a Bastilha... Brrrr! É medonha, a Bastilha! Só de recordar me arrepio todo. Ameaçaram-me com a tortura. Sabe o que é a

tortura? Metem cunhas de madeira nas pernas até os ossos estalarem! Não, decididamente, não vou. Com a breca, por que não vai você mesma? Porque, na verdade, creio que me enganei a seu respeito até agora, creio que é um homem, e dos mais ousados!

- E você é uma mulher, uma miserável mulher estúpida e embrutecida. Tem medo! Pois bem, se não partir imediatamente, mando prendê-lo por ordem da

rainha e meter nessa Bastilha que tanto teme.

Bonacieux caiu em uma reflexão profunda, pesou maduramente as duas cóleras no cérebro, a do cardeal e a da rainha, e a do cardeal levou enorme vantagem.

- Mande e prender da parte da rainha e eu apelarei para Sua Eminência.

Desta feita a Sra Bonacieux viu que fora muito longe e assustou-se por ter avançado tanto. Contemplou um instante, com terror, aquela figura estúpida, de uma teimosia obstinada, como a dos tolos medrosos.

- Pois bem, seja! - acabou por dizer. - Talvez, no fim de contas, tenha razão, um homem entende mais de política do que uma mulher, sobretudo você, Sr. Bonacieux, que conversou com o cardeal. E no entanto é muito duro - acrescentou - que o meu marido, um homem cuja afeição

julgava poder contar, me trate tão desagradavelmente e não satisfaça o meu capricho.

- É que os seus caprichos podem levar muito longe e desconfio deles - respondeu Bonacieux, triunfante.

- Pronto, desisto! - exclamou a jovem, suspirando. - Não se fala mais disso.

- Se ao menos me dissesse o que iria fazer em Londres - insinuou Bonacieux, que se recordava um pouco tarde que Rochefort lhe recomendara que tentasse surpreender os segredos da mulher.

- É inútil que saiba - respondeu a jovem, a quem uma desconfiança instintiva levava agora a recuar. - Tratava-se de uma dessas bagatelas que às vezes as mulheres desejam, de uma compra com a qual havia muito a ganhar.

Mas quanto mais a jovem se defendia, tanto mais, pelo contrário, Bonacieux pensava que o segredo que recusava confiar-lhe era importante. Resolveu portanto correr naquele mesmo instante a casa do conde de Rochefort e dizer-lhe que a rainha procurava um mensageiro para ir a Londres.

- Perdoe-me deixá-la, minha querida Sra Bonacieux - disse -, mas como não sabia que viria me visitar marquei encontro com um dos meus amigos, voltarei imediatamente e se quiser me esperar apenas meio minuto logo que falar com o meu amigo virei buscá-la e como começa a ficar tarde a acompanharei ao Louvre.

- Obrigada, senhor - respondeu a Sra Bonacieux. - Não é suficientemente valente para me ser de alguma utilidade e por isso regressarei ao Louvre sozinha.

- Como quiser, Sra Bonacieux - respondeu o ex-retroseiro. - Voltará em breve?

- Sem dúvida. Espero que na próxima semana o meu serviço me deixe algum tempo livre, que aproveitarei para vir cuidar das nossas coisas, que devem estar precisando.

- É certo. Eu a esperarei. Não me quer mal?

- Eu? Por nada deste mundo.

- Até breve, então?

- Até breve.

Bonacieux beijou a mão da mulher e saiu rapidamente.

- Pronto - disse a Sra Bonacieux depois do marido fechar a porta da rua e ficar só -, não me faltava mais nada que este imbecil ser cardinalista! E eu que disse à rainha, eu que prometi à minha pobre ama... Ah, meu Deus, meu Deus, vai achar que sou uma dessas miseráveis que fervilham no palácio e que colocam junto dela para espiar! Ah, Sr. Bonacieux, nunca o amei muito, mas agora é bem

pior: odeio-o! E palavra de honra que me pagará por isso!

No momento em que proferia estas palavras uma pancada no teto a fez levantar a cabeça, e uma voz que chegou até si através do sobrado gritou-lhe:

- Querida Sra Bonacieux, abra-me a portinha do passadiço que vou descer para ir vê-la!

O AMANTE E O MARIDO

- Ah, senhora - disse D'Artagnan entrando pela porta que a jovem lhe abria

-, permita-me que lhe diga que tem um triste marido!

- Ouviu a nossa conversa? - perguntou vivamente a Sra Bonacieux, fitando D'Artagnan com inquietação.

- Do início ao fim.

- Mas como, meu Deus?

- Por um processo meu conhecido e pelo qual ouvi também a conversa mais animada que teve com os guardas do cardeal.

- E que compreendeu do que dissemos?

- Mil coisas: primeiro, que seu marido é ingênuo e estúpido, felizmente... Depois, que estava embaraçada, o que muito me agradou, por me dar oportunidade de me pôr às suas ordens, e Deus bem sabe que estou pronto a lançar-me ao fogo por você.

Finalmente que faça por ela uma viagem a Londres. Como posso pelo menos duas das três qualidades necessárias, aqui estou.

A Sra Bonacieux não respondeu, mas o coração palpitou-lhe de alegria e uma secreta esperança brilhou-lhe nos olhos.

- E que garantia me dará se concordar em confiar-lhe a missão? - perguntou ela.

- O meu amor por você. Vamos, diga, ordene. Que é preciso fazer?

- Meu Deus, meu Deus! - murmurou a jovem. - Deverei confiar-lhe semelhante segredo, senhor? É quase uma criança!

- Pelo visto, quer alguém que responda por mim?

- Confesso que isso me tranquilizaria muito.

- Conhece Athos?

- Não.

- Porthos?

- Não.

- Aramis?

- Não. Quem são esses cavalheiros?

- Mosqueteiros do rei. Conhece o Sr. de Tréville, o seu capitão?

- Oh, esse conheço! Não pessoalmente, mas sim por ter ouvido mais de uma vez falar à rainha como um valente e leal gentil-homem.
- Não recearia que ele a atraísse pelo cardeal, não?
- Oh, não certamente!
- Então revele-lhe o seu segredo e pergunte-lhe se por mais importante, precioso e terrível que seja, pode confiá-lo a mim.
- Mas o segredo não me pertence e não posso revelá-lo assim.
- Ia confiá-lo ao Sr. Bonacieux - observou D'Artagnan, despeitado.
- Como se confia uma carta à cavidade de uma árvore, à asa de um pombo ou à coleira de um cão.
- E no entanto bem vê que a amo.
- Você o diz...
- Sou um homem galante!
- Acredito.
- Sou valente!
- Oh, disso não tenho certeza!
- Nesse caso, ponha-me à prova.

A Sra Bonacieux fitou o jovem, retida por uma derradeira hesitação. Mas havia tal ardor nos seus olhos, tal persuasão na sua voz, que se sentiu tentada a confiar nele. De resto, encontrava-se em uma dessas circunstâncias em que é preciso arriscar tudo por tudo. A rainha tanto poderia perder por excessiva cautela como por excessiva confiança. Depois, confessemos, o sentimento involuntário que experimentava pelo jovem protetor decidiu-a a falar.

- Escute, rendo-me aos seus protestos e cedo às suas garantias. Mas juro perante Deus que nos ouve que se me atraíçoar e os meus inimigos me perdoarem, me matarei e a acusarei da minha morte.

- E eu juro perante Deus, senhora - disse D'Artagnan -, que se for apanhado no cumprimento das suas ordens morrerei antes de fazer ou dizer o que quer que seja que comprometa alguém.

Então a jovem confiou-lhe o terrível segredo de que o acaso já lhe revelara uma parte diante da Samaritana. Foi a sua mútua declaração de amor. D'Artagnan estava radiante de alegria e orgulho. O segredo que possuía, a mulher que amava, a confiança e o amor, tornavam-no um gigante.

- Parto - disse ele. - Parto imediatamente.

- Como, parte?! - exclamou a Sra Bonacieux. - E o seu regimento, e o seu capitão?

- Pela minha alma que havia me esquecido de tudo isso, querida Constance! Sim, tem razão, preciso de uma dispensa.
- Mais um obstáculo - murmurou a Sra Bonacieux, contrariada.
- Oh, esse!... - exclamou D'Artagnan após um momento de reflexão. - Esse eu ultrapassarei, fique tranquila.
- Como?
- Procurarei o Sr. de Tréville esta mesma noite e pedirei que peça por mim esse favor ao cunhado, o Sr. dos Essarts.
- Agora outra coisa.
- O quê? - perguntou D'Artagnan, vendo que a Sra Bonacieux hesitava em continuar.
- Talvez não tenha dinheiro...
- Talvez, é pouco - respondeu D'Artagnan, sorrindo.
- Então - prosseguiu a Sra Bonacieux, abrindo um armário e tirando a bolsa que meia hora antes o marido acariciava tão amorosamente -, tome esta bolsa.
- A bolsa do cardeal! - exclamou, desatando a rir, D'Artagnan, que, como sabemos, graças aos ladrilhos tirados do chão, não perdera uma sílaba da conversa do retroseiro com a mulher.
- Sim, a bolsa do cardeal - confirmou a Sra Bonacieux. - Como vê, tem um

aspecto bastante respeitável...

- Por Deus, será uma coisa duplamente divertida, salvar a rainha com o dinheiro de Sua Eminência!
- Você é um rapaz amável e encantador - observou a Sra Bonacieux. - Pode crer que Sua Majestade não será ingrata.
- Oh, já estou grandemente recompensado! - exclamou D'Artagnan. - Amo-a e permita que o diga, é mais felicidade do que ousava esperar.
- Silêncio! - disse a Sra Bonacieux, estremecendo.
- Porquê?
- Ouço alguém falando na rua.
- Esta voz...
- É do meu marido. Sim, reconheço-a! D'Artagnan correu para a porta e fechou-a.
- Não entrará antes que eu saia, e depois que eu saia você pode abri-la.
- Mas eu também não devia estar aqui. E o desaparecimento do dinheiro, como justificá-lo se estiver?
- Tem razão, é temos de sair.
- Sairmos como? Ele nos verá se sairmos.
- Nesse caso, temos de subir para minha casa.

- Diz isso num tom que me mete medo! - exclamou a Sra Bonacieux.

A jovem pronunciou estas palavras com as lágrimas nos olhos. D'Artagnan viu essas lágrimas e perturbado, comovido, lançou-se aos seus pés.

- Em minha casa estará tão em segurança como num templo, dou-lhe a minha palavra de gentil-homem.

- Então vamos. Confio em você, meu amigo.

D'Artagnan abriu com precaução o ferrolho, e ambos, ligeiros como sombras, esgueiraram-se pela porta interior para o passadiço, subiram sem ruído a escada e entraram no quarto de D'Artagnan.

Uma vez ali, para maior segurança, o jovem barricou a porta. Aproximaram-se da janela e por uma fenda da persiana viram o Sr. Bonacieux conversando com um homem de capa. Ao ver o homem de capa, D'Artagnan saltou, desembainhou parcialmente a espada e correu para a porta.

Era o homem de Meung.

- Que vai fazer? - gritou a Sra Bonacieux. - Quer nos perder!

- Mas jurei matar aquele homem! - protestou D'Artagnan.

- A sua vida está comprometida, neste momento, e não lhe pertence. Em nome da rainha proíbo-o de correr qualquer perigo estranho à viagem.

- E em seu nome não ordena nada?
- Em meu nome - disse a Sra Bonacieux com viva emoção -, em meu nome suplico-lhe. Mas escutemos, pois parece que falam de mim.

D'Artagnan aproximou-se da janela e apurou o ouvido. O Sr. Bonacieux abrira a porta e ao ver a casa vazia dirigira-se ao homem da capa, que por instantes deixara sozinho.

- Foi embora, deve ter regressado ao Louvre - disse.
- Tem certeza de que não desconfiou das suas intenções quando saiu?
- Não desconfiou de nada - respondeu Bonacieux, com suficiência. - É uma mulher muito superficial.

- O cadete das guardas está em casa?
- Não creio. Como vê, tem as persianas fechadas e não se vê brilhar nenhuma luz através das fendas.
- Em todo o caso, seria bom verificar.
- Como?
- Indo bater-lhe à porta.
- Perguntarei ao criado.
- Vá.

Bonacieux entrou em sua casa, passou pela mesma porta por onde tinham acabado de sair os dois fugitivos, subiu ao patamar de D'Artagnan e bateu. Ninguém respondeu. Porthos, para fazer maior figura, pedira Planchet emprestado naquela noite. Quanto a D'Artagnan, por nada deste mundo daria sinal de existência. No momento em que o dedo de Bonacieux bateu na porta, os dois jovens sentiram o coração saltar-lhes no peito.

- Não há ninguém em casa - disse Bonacieux.
- Não tem importância, entremos na sua casa, pois sempre estaremos mais seguros que no limiar da porta.
- Meu Deus - murmurou a Sra Bonacieux -, não vamos poder ouvir mais nada!
- Pelo contrário, ouviremos melhor - respondeu D'Artagnan.
D'Artagnan retirou os três ou quatro ladrilhos que transformavam o seu quarto em outro ouvido de Dionísio, estendeu um tapete no chão, ajoelhou-se e fez sinal à Sra Bonacieux para se inclinar, como ele fazia, para a abertura.
- Tem certeza de que não há ninguém aqui? - insistiu o desconhecido.
- Absoluta - respondeu Bonacieux.
- E pensa que a sua mulher...

- Voltou para o Louvre.
- Sem falar a ninguém a não ser a você?
- Com certeza.
- É um pormenor importante, compreende?
- Quer dizer que a notícia que levei tem valor?...
- Um valor enorme, meu caro Bonacieux, não vou mentir.
- Então o cardeal está contente comigo?
- Sem dúvida nenhuma.
- O grande cardeal!
- Tem certeza que durante a conversa sua mulher não pronunciou nomes?
- Creio que não.
- Não mencionou nem a Sra de Chevreuse, nem o Sr. de Buckingham, nem a Sra de Vernet?
- Não, só me disse que queria me mandar a Londres para servir os interesses de uma pessoa ilustre.
- Traidor! - murmurou a Sra Bonacieux.
- Silêncio! - pediu D'Artagnan, pegando-lhe em uma das mãos, que ela lhe abandonou sem pensar.
- Não importa - continuou o homem da capa. - Foi um idiota por não ter fingido aceitar a missão, teria agora a carta, o Estado que ameaçam estaria a salvo e você...

- E eu?
- Ora, você... o cardeal lhe daria cartas de nobreza!
- Foi ele que disse?
- Foi. Sei que queria fazer-lhe essa surpresa.
- Fique tranqüilo - respondeu Bonacieux. - A minha mulher me adora e ainda temos tempo.
- Grande idiota! - murmurou a Sra Bonacieux.
- Silêncio! - insistiu D'Artagnan, apertando-lhe a mão com mais força.
- Como é que ainda temos tempo? - perguntou o homem da capa.
- Vou ao Louvre, mando chamar a Sra Bonacieux, digo-lhe que pensei melhor, obtenho a carta e corro para casa do cardeal.
- Vá depressa, em breve virei saber o resultado da sua diligência. O desconhecido sorriu.
- O infame! - disse a Sra Bonacieux, dirigindo mais este epíteto ao marido.
- Silêncio! - repetiu D'Artagnan, apertando-lhe a mão ainda com mais força. Um berro terrível interrompeu então as reflexões de D'Artagnan e da Sra

Bonacieux. Era o marido desta, que dera pelo desaparecimento da bolsa e gritava que o tinham roubado.

- Oh, meu Deus, vai pôr todo o bairro em polvorosa! - gemeu a Sra Bonacieux.

Bonacieux gritou durante muito tempo, mas como tais gritos, atendendo à sua freqüência, não atraíam ninguém à Rua dos Fossoyeurs, e além disso a casa do retroseiro tinha tido há tempo bastante má fama, vendo que ninguém aparecia o nosso homem continuou a gritar, mas agora a sua voz afastava-se na direção da Rua dos Bas.

- E agora que foi embora é a sua vez de ir - disse a Sra Bonacieux. - Coragem, mas sobretudo prudência, lembre-se de que deve à rainha.

- A ela e a você! - exclamou D'Artagnan. - Fique tranqüila, bela Constance, voltarei digno do seu reconhecimento, mas voltarei também digno do seu amor?

A jovem respondeu apenas por intermédio do vivo rubor que lhe cobriu as faces. Pouco depois, D'Artagnan saiu, também envolto numa grande capa que levantava cavalheirescamente a bainha de uma longa espada.

A Sra Bonacieux seguiu-o com a vista, com esse longo olhar de amor com que a mulher acompanha o homem que sente amar, mas quando ele desapareceu à esquina da rua, caiu de joelhos, juntou as mãos e suplicou:

- Meu Deus, proteja a rainha e proteja-me!

PLANO DE CAMPANHA

D'Artagnan foi direto ao palácio do Sr. de Tréville. Refletira que dentro de poucos minutos o cardeal seria avisado pelo maldito desconhecido que parecia ser seu agente, e pensava com razão que não havia um instante a perder.

O coração do jovem transbordava de alegria. Apresentava-se uma oportunidade onde havia ao mesmo tempo glória a conquistar e dinheiro a ganhar, e como primeiro encorajamento essa oportunidade acabava de aproximá-lo de uma mulher que adorava. O acaso fazia portanto por ele, quase desde o primeiro

momento, mais do que se atreveria a pedir à Providência.

O Sr. de Tréville estava no seu salão com a sua habitual corte de gentis-homens. D'Artagnan, conhecido como familiar da casa, foi direito ao gabinete do Sr. de Tréville e mandou avisar que o esperava para tratar de um assunto importante.

D'Artagnan encontrava-se no gabinete havia apenas cinco minutos quando o Sr. de Tréville entrou. À primeira vista e

perante a satisfação que transparecia do rosto de D'Artagnan, o digno capitão compreendeu que se passava efetivamente algo de novo.

Durante todo o caminho, D'Artagnan perguntava a si próprio se confiaria ao Sr. de Tréville ou se limitaria a pedir-lhe carta branca para tratar de um assunto secreto. Mas o Sr. de Tréville fora sempre tão correto com ele, era tão dedicado ao rei e à rainha e detestava tão cordialmente o cardeal que o jovem resolveu contar-lhe tudo.

- Mandou me chamar, meu jovem amigo? - perguntou o Sr. de Tréville.

- Mandei, senhor - respondeu D'Artagnan. - E espero que me perdoe vir incomodá-lo quando souber de que assunto importante se trata.

- Diga, então. Estou escutando.

- Trata-se nada mais, nada menos - disse D'Artagnan, baixando a voz -, do que da honra e talvez da vida da rainha.

- Que está dizendo? - perguntou o Sr. de Tréville, olhando à sua volta para se certificar se estavam de fato sós, e voltando a fitar D'Artagnan.

- Digo, senhor, que o acaso me pôs no conhecimento de um segredo...

- Que espero guardará por toda a vida.

- Mas que devo lhe confiar, porque só o senhor poderá me ajudar na missão que acabo de receber de Sua Majestade.
- Esse segredo lhe pertence?
- Não, senhor, pertence à rainha.
- Está autorizado por Sua Majestade a confiá-lo a mim?
- Não, senhor; pelo contrário, recomendaram-me a maior discrição.
- Nesse caso, por que quer atraiçoar a confiança que depositaram em você revelando-me esse segredo?
- Porque, como disse, sem sua ajuda nada posso e porque receio que me recuse favor que venho pedir se não souber com que fim o peço.
- Guarde o segredo, rapaz, e diga-me o que deseja.
- Desejo que obtenha para mim, do Sr. dos Essarts, uma licença de quinze dias.

- Quando?
- Esta noite.
- Deixa Paris?

- Vou em missão.
- Pode me dizer onde vai?
- A Londres.
- Alguém tem interesse em que não chegue ao seu destino?
- Creio que o cardeal daria tudo no mundo para me impedir de chegar.
- E vai sozinho?
- Vou.

- Nesse caso, não passará de Bondy, sou eu que o digo, palavra de Tréville.
- Como assim?
- Mandarão assassiná-lo.
- Morrerei no cumprimento do meu dever.
- Mas a missão não será cumprida.
- É verdade - reconheceu D'Artagnan.
- Acredite no que digo - continuou Tréville -, nas empresas desse gênero são necessários quatro para chegar um.
- Tem razão, senhor - declarou D'Artagnan. - Mas o senhor conhece Athos, Porthos e Aramis e sabe se posso dispor deles...
- Sem lhes confiar o segredo que eu não quis saber?

- Juramo-nos para sempre confiança cega e dedicação a toda a prova. Além disso, pode dizer-lhes que tem toda a confiança em mim e não se mostrarão mais incrédulos do que o senhor.

- Posso apenas conceder a cada um uma licença de quinze dias: a Athos, a quem seu ferimento continua a causar sofrimento, para ir às águas de Forges, a Porthos e a Aramis, para acompanharem o amigo, que não querem abandonar em tão dolorosa situação. A concessão da licença será a prova de que lhes autorizo a viagem.

- Obrigado, o senhor é cem vezes bom.

- Vá então procurá-los imediatamente, para que tudo fique pronto esta noite. Ah, mas primeiro escreva-me o seu requerimento ao Sr. dos Essarts! Talvez tenha algum espião à perna e a sua visita, que nesse caso já é conhecida do cardeal, ficará assim justificada.

D'Artagnan formulou o pedido e o Sr. de Tréville garantiu-lhe, ao recebê-lo, que antes das duas horas da madrugada as quatro licenças estariam no domicílio respectivo dos viajantes.

- Tenna a bondade de enviar a minha para casa de Athos - pediu D'Artagnan. - Receio ter algum encontro desagradável no caso de ir para casa.

- Fique tranquilo. Adeus e boa viagem! A propósito - disse o Sr. de Tréville, chamando-o.

D'Artagnan voltou para trás.

- Tem dinheiro?

D'Artagnan fez soar a bolsa que tinha na algibeira.

- Suficiente? - perguntou o Sr. de Tréville.

- Trezentas pistolas.

- Vai-se ao fim do mundo com isso, vá então.

D'Artagnan cumprimentou o Sr. de Tréville, que lhe estendeu a mão, D'Artagnan apertou-a com um respeito cheio de reconhecimento. Desde que chegara a Paris só tivera motivos da maior gratidão para com aquele excelente homem, que sempre achara digno, leal e grande.

A sua primeira visita foi para Aramis. Não voltara a casa do amigo desde a famosa noite em que seguira a Sra Bonacieux. Mais, mal vira o jovem mosqueteiro e de todas as vezes que o encontrara julgara notar-lhe no rosto uma profunda tristeza.

Naquela noite, Aramis também velava, sombrio e sonhador.

D'Artagnan

fez-lhe algumas perguntas acerca daquela profunda melancolia, Aramis esquivou-se, desculpando-se com um comentário do décimo oitavo capítulo de Santo Agostinho, que tinha de escrever em latim na semana seguinte e que o preocupava muito. Quando os dois amigos conversavam havia

alguns instantes, chegou um criado do Sr. de Tréville com um documento lacrado.

- Que é isto? - perguntou Aramis.
- A licença que o senhor pediu - respondeu o laçao.
- Mas eu não pedi nenhuma licença! ...
- Cale-se e a receba - interveio D'Artagnan. - E você, meu amigo, aqui tem meia pistola pelo incômodo. Diga ao Sr. de Tréville que o Sr. Aramis lhe agradece muito sinceramente. Vá.

O laçao inclinou-se até ao chão e saiu.

- Que significa isto? - perguntou Aramis.
- Reuni o preciso para uma viagem de quinze dias e acompanhe-me.
- Mas eu não posso deixar Paris neste momento, sem saber... Aramis deteve-se.
- Que lhe aconteceu, não é? - acrescentou D'Artagnan.
- A quem? - perguntou Aramis.
- À mulher que esteve aqui, à mulher do lenço bordado.
- Quem lhe disse que esteve aqui uma mulher? - perguntou Aramis, tornando-se pálido como a morte.
- Eu a vi.
- E sabe quem é?
- Desconfio, pelo menos.

- Escute - disse Aramis -, uma vez que sabe tantas coisas, sabe que foi feito dessa mulher?
- Presumo que voltou para Tours.
- Para Tours? Sim, é isso... Conhece-a... Mas como voltou para Tours sem me dizer nada?
- Com medo de ser presa.
- Por que não me escreveu?
- Por recear comprometê-lo.
- D'Artagnan, restituiu-me a vida! - exclamou Aramis. - Julgava-me desprezado, traído... Fiquei tão feliz quando tornei a vê-la! Não podia acreditar que arriscasse a sua liberdade por mim, e no entanto por que motivo voltaria a Paris?
- Pelo mesmo motivo que hoje nos faz ir a Inglaterra.
- E que motivo é esse? - perguntou Aramis.
- Você saberá um dia, Aramis, mas agora imitarei a discrição da sobrinha do doutor.

Aramis sorriu, pois se lembrava da história que contara certa noite aos amigos.

- Bom, uma vez que ela deixou Paris e que tem certeza disso, D'Artagnan, nada me retém aqui e estou pronto a acompanhá-lo. Diga onde vamos?...

- Agora, a casa de Athos, e se quer vir convido-o até a apressar-se, pois já perdemos muito tempo. A propósito, previna Bazin.
- Bazin vai conosco? - perguntou Aramis.
- Talvez. Em todo o caso, será bom que nos acompanhe a casa de Athos,

por ora.

Aramis chamou Bazin e, depois de lhe ordenar que fosse ter consigo a casa de Athos, disse:

- Vamos!

Pegou a capa, a espada e as três pistolas e abriu inutilmente três ou quatro gavetas, para ver se não estaria por lá alguma moeda perdida, e depois de estar bem certo de que semelhante busca era supérflua seguiu D'Artagnan, perguntando a si próprio como era possível que o jovem cadete dos guardas soubesse tão bem como ele quem era a mulher a que concedera hospitalidade e melhor do que ele o que acontecera a essa mulher. Só à saída, Aramis pousou a mão no braço de D'Artagnan e perguntou ao jovem, olhando-o fixamente:

- Não falou dessa mulher a ninguém?
- A ninguém no mundo.
- Nem mesmo a Athos ou a Porthos?

- Não lhes disse absolutamente nada.
- Ainda bem.

E, tranqüilo a respeito de tão importante ponto, Aramis continuou o seu caminho com D'Artagnan e não tardaram a chegar a casa de Athos. Encontraram-no segurando a sua licença com uma das mãos e uma carta do Sr. de Tréville com a outra.

- Pode me explicar que significam esta licença e esta carta que acabo de receber? - perguntou Athos, atônito.

Meu caro Athos:

Desejo, já que a sua saúde exige absolutamente, que descanse quinze dias. Vá pois tomar as águas de Forges ou qualquer outra que lhe convenha, e restabeleça-se prontamente.

Vosso dedicado, Tréville.

- Bom, essa licença e esta carta significam que deve me seguir, Athos.
- Às águas de Forges?
- Aí ou a outro lugar.
- Ao serviço do rei?
- Do rei ou da rainha. Não estamos ao serviço de Suas Majestades? Neste momento entrou Porthos.

- Com a breca, aqui está uma coisa estranha! - exclamou. - Desde quando nos mosqueteiros concedem licenças às pessoas sem as pedirem?
- Desde que têm amigos que as pedem por elas - respondeu D'Artagnan.
- Hum... parece que há novidades por aqui!... - observou Porthos.
- Há mesmo. Vamos partir - interveio Aramis.
- Para que país? - perguntou Porthos.
- Palavra que não sei absolutamente nada - confessou Athos. - pergunte a D'Artagnan.
- Para Londres, meus senhores - informou D'Artagnan.
- Para Londres! - exclamou Porthos. - E que vamos fazer em Londres?
- Aí está o que não posso dizer, meus senhores, terão de confiar em mim.
- Mas para ir a Londres - acrescentou Porthos - é preciso dinheiro, e eu não o tenho.
- Nem eu - confessou Aramis.
- Nem eu - declarou Athos.
- Eu tenho - tranqüilizou-os D'Artagnan, tirando o seu tesouro da algibeira e pondo-o em cima da mesa. - Essa bolsa

contém trezentas pistolas, tiremos cada um setenta e cinco, é quanto basta para ir a Londres e voltar. De resto, fiquem tranqüilos, pois não chegaremos todos a Londres.

- Porquê?
- Porque segundo todas as probabilidades alguns de nós ficarão pelo caminho.
- Mas então vamos entrar em alguma campanha?
- E das mais perigosas, previno-os.
- Que seja!... No entanto, uma vez que nos arriscamos a ser mortos, gostaria ao menos de saber porquê - declarou Porthos.
- Não insista que daí não leva nada! - observou Athos.
- Mesmo assim, sou da opinião de Porthos - disse Aramis.
- O rei tem porventura o hábito de lhes dar contas? Não! Diz muito simplesmente: “Meus senhores, combate-se na Gasconha ou na Flandres, vão lutar.” E vocês ides. Porquê? É coisa que nem sequer lhes passa pela cabeça perguntar.
- D’Artagnan tem razão - interveio Athos. - Temos as nossas três licenças passadas pelo Sr. de Tréville, e temos trezentas pistolas vindas não sei de onde. Vamos fazer-nos matar onde nos dizem para irmos. Valerá a pena o trabalho de fazer tantas perguntas? D’Artagnan, estou pronto a acompanhá-lo.
- E eu também - disse Porthos.

- E eu - acrescentou Aramis. - No mais, não me custa nada deixar Paris, preciso me distrair.
- Pois não vos faltarão distrações, meus senhores, podem ficar tranqüilos - respondeu D'Artagnan.
- Quando partimos? - perguntou Athos.
- Imediatamente - respondeu D'Artagnan. - Não há um minuto a perder.
- Olá, Grimaud, Planchet, Mousqueton, Bazin! - gritaram os quatro jovens, chamando os seus lacaios. - Engraxem as nossas botas e vão buscar os cavalos na estalagem.

Com efeito, todos os mosqueteiros deixavam na estalagem geral, como se fosse um quartel, o seu cavalo e o do seu criado. Planchet, Grimaud, Mousqueton e Bazin saíram correndo.

- Agora tracemos o plano de campanha - disse Porthos. - Aonde vamos primeiro?
- A Calais - respondeu D'Artagnan. - É a linha mais direta para chegar a Londres.
- Bom, se querem saber a minha opinião... - tornou Porthos.
- Diga.
- Quatro homens viajando juntos se tornariam suspeitos. D'Artagnan dará a

cada um as suas instruções e eu partirei à frente pela estrada de Bolonha, para explorar o caminho. Athos partirá duas horas depois pela estrada de Amiens e Aramis nos seguirá pela de Noyon. Quanto a D'Artagnan, partirá pela que quiser com as roupas de Planchet, enquanto Planchet nos seguirá como D'Artagnan e com o uniforme dos guardas.

- Meus senhores - disse Athos -, a minha opinião é que não convém meter em nada lacaios num caso destes, um segredo pode por acaso ser revelado por gentis-homens, mas é quase sempre vendido por lacaios.

- O plano de Porthos parece-me impraticável - disse D'Artagnan -, pois eu próprio ignoro que instruções que posso dar. Sou portador de uma carta e mais nada. Não tenho nem posso tirar três cópias da carta, visto estar lacrada, portanto, na minha opinião, temos de viajar juntos. A carta está aqui, nesta algibeira - e mostrou a algibeira onde estava a carta. - Se for morto, um de vocês a guardará e continuarão a viagem, se esse for morto, será a vez de outro, e assim sucessivamente. Contanto que um chegue, é tudo quanto é preciso.

- Bravo, D'Artagnan! A sua opinião é a minha - disse Athos.
- De resto, é preciso ser conseqüente, eu vou para águas e vocês me acompanham em vez das águas de Forges, vou tomar as águas do mar, sou livre, posso escolher. Se quiserem nos deter, mostrarei a carta do Sr. de Tréville e vocês mostrarão as suas licenças, se nos atacarem, nos defenderemos, se nos interrogarem, sustentaremos obstinadamente que a nossa

única intenção era mergulhar certo número de vezes no mar, dominariam facilmente quatro homens isolados, mas quatro homens reunidos fazem um exército. Armaremos os quatro lacaios com pistolas e mosquetões, se mandarem um exército contra nós travaremos batalha e o sobrevivente, como disse D'Artagnan, levará a carta.

- Bom - disse Aramis -, você não fala muitas vezes, Athos, mas quando fala é como se falasse São João Boca de Ouro. Aprovo o plano de Athos. E você, Porthos?

- Também, se agrada a D'Artagnan - respondeu Porthos. - D'Artagnan, portador da carta, é naturalmente o chefe da empresa, ele que decida e nós executaremos.

- Visto isso - disse D'Artagnan -, decido que adotemos o plano de Athos e que partamos dentro de meia hora.

- Aprovado! - gritaram em coro os três mosqueteiros.

E cada um estendeu a mão para a bolsa, da qual tirou setenta e cinco pistolas, e foi fazer os seus preparativos para partir à hora combinada.

A VIAGEM

Às duas horas da madrugada os nossos quatro aventureiros saíram de Paris pela Barreira de Saint-Denis. Enquanto foi de noite, conservaram-se calados, a seu pesar, sofriam a influência da obscuridade e viam emboscadas por toda a parte.

Aos primeiros clarões do dia as línguas destravaram-se com o sol, a boa disposição voltou. Era como na véspera de um combate, o coração batia, os olhos riam, sentia-se que a vida que talvez se fosse deixar era, no fim de contas, uma

coisa boa.

O aspecto da caravana era dos mais formidáveis, os cavalos dos mosqueteiros, o seu ar marcial, o hábito do esquadrão que faz trotar regularmente esses nobres companheiros do soldado, trairiam o mais rigoroso incógnito. Os criados iam armados até aos dentes.

Foi tudo bem até Chantilly, onde chegaram por volta das oito horas da manhã. Precisavam tomar o café da manhã.

Desmontaram diante de uma estalagem recomendada por uma tabuleta que representava São Martinho dando a metade da sua capa a um pobre. Recomendaram aos lacaios que não desselassem os cavalos e que estivessem prontos para partir à primeira voz. Entraram na sala comum e sentaram-se à mesa.

Um gentil-homem que acabara de chegar pela estrada de Dammartin estava sentado a essa mesma mesa e tomava o café da manhã. Puxou conversa sobre o estado do tempo e os

viajantes responderam, bebeu à sua saúde e os viajantes retribuíram-lhe a delicadeza. Mas no momento em que Mousqueton vinha anunciar que os cavalos estavam prontos e se levantavam da mesa, o desconhecido propôs a Porthos uma saúde ao cardeal. Porthos respondeu-lhe que concordava se por sua vez o desconhecido bebesse à saúde do rei. O desconhecido gritou que não conhecia outro rei além de Sua Eminência. Porthos chamou-lhe de bêbado, o desconhecido puxou da espada.

- Cometeu uma tolice - disse Athos a Porthos. - Paciência, agora não é possível recuar, mate esse homem e junte-se a nós o mais depressa que puder.

E todos três montaram e partiram a toda a brida, enquanto Porthos prometia ao seu adversário perfurá-lo com todos os botes conhecidos na esgrima.

- Sempre há cada um! - exclamou Athos, ao cabo de quinhentos passos.

- Mas por que seria que aquele homem se meteu com Porthos em vez de com qualquer outro? - perguntou Aramis.

- Porque como Porthos falava mais alto do que nós o tomou pelo chefe - respondeu D'Artagnan.

- Sempre disse que este cadete da Gasconha era um poço de sabedoria - murmurou Athos.

E os viajantes continuaram o seu caminho.

Em Beauvais pararam duas horas, tanto para deixar descansar os cavalos como para esperar por Porthos. Passadas essas duas horas, como Porthos não chegasse nem houvesse qualquer notícia dele, puseram-se novamente a caminho.

A uma légua de Beauvais, em um lugar em que o caminho se encontrava apertado entre dois taludes, encontraram oito ou dez homens que, devido ao fato da estrada não ser calçada naquele lugar, pareciam estar ali trabalhando, abrindo buracos nos trilhos lamacentos.

Receando sujar as botas naquele lamaceiro artificial, Aramis apostrofou-os duramente. Athos quis chamá-lo à razão, mas era muito tarde. Os operários desataram a troçar dos viajantes e com a sua insolência fizeram perder a cabeça até ao frio Athos, que lançou o cavalo contra um deles.

Então cada um dos homens recuou até à vala e pegou um mosquete que lá tinha escondido. Resultado: os nossos sete viajantes foram literalmente passados pelas armas. Aramis recebeu uma bala que lhe atravessou o ombro e Mousqueton

outra bala que se alojou nas partes carnudas que se prolongavam por baixo dos rins. Contudo, Mousqueton só caiu do cavalo, não por estar gravemente ferido, mas sim porque, como não podia ver o ferimento, julgou sem dúvida estar mais gravemente ferido do que na realidade estava.

- É uma emboscada! - gritou D'Artagnan. - Não percamos tempo respondendo ao fogo, a caminho.

Por muito ferido que estivesse, Aramis agarrou-se à crina do cavalo, que o levou com os outros. O de Mousqueton também se juntara a eles e galopava sozinho no seu lugar.

- Nos servirá de cavalo de reserva - disse Athos.

- Preferia um chapéu - declarou D'Artagnan. - O meu foi levado por uma bala. Foi uma sorte, palavra, a carta de que sou portador não estar dentro dele.

- Se foi! Mas eles vão matar o pobre Porthos quando passar por lá - lembrou Aramis.

- Se Porthos ainda se aguentasse nas pernas, já teria se juntado a nós - observou Athos. - Mas parece-me que no campo da honra o bêbado ficou sóbrio de um momento para o outro.

Galoparam durante mais duas horas, embora os cavalos estivessem tão cansados que era de rezear que ficassem em breve incapacitados para prosseguir.

Os viajantes tinham se metido por atalhos, esperando serem assim menos inquietados, mas em Crèvecoeur o pobre Aramis declarou que não podia ir mais longe. Com efeito, precisara de toda a sua coragem, que ocultava sob o seu aspecto elegante e sob as suas maneiras distintas, para chegar até ali.

A todo o momento empalidecia e tinham de ampará-lo no cavalo. Desmontaram-no à porta de um botequim e deixaram-lhe Bazin, que de resto, numa escaramuça, era mais incômodo do que útil, e voltaram a partir esperançosos em irem dormir em Amiens.

- Com mil demônios - exclamou Athos quando se viram na estrada reduzidos a dois amos e a Grimaud e Planchet -, com mil demônios, nunca mais me levarão à briga! Garanto-lhe que ninguém me fará abrir a boca nem puxar da espada daqui a Calais. Juro que...

- Não juremos - atalhou D'Artagnan. - Galopemos, se os nossos cavalos ainda o consentem.

E os viajantes cravaram as esporas no ventre dos cavalos que, energicamente estimulados, recuperaram forças. Chegaram a Amiens à meia-noite e desmontaram na estalagem do Lis d'Or.

O estalajadeiro tinha o ar do mais honesto homem do mundo e recebeu os viajantes de vela em uma mão e de barrete de algodão na outra. Quis instalar os viajantes nos seus melhores quartos, mas infelizmente cada um desses quartos ficava em uma extremidade da estalagem. D'Artagnan e Athos recusaram, o estalajadeiro respondeu que não tinha outros dignos de Suas Excelências, mas os viajantes declararam que dormiriam na camarata comum, cada um numa enxerga posta no chão. O estalajadeiro insistiu, os hóspedes teimaram, e teve de se fazer como eles queriam.

Acabavam de fazer a cama no chão e de barricar a porta por dentro quando bateram ao postigo do pátio, perguntaram quem era, reconheceram a voz dos

seus dois lacaios e abriram. Eram, com efeito, Planchet e Grimaud.

- Grimaud chega para guardar os cavalos - disse Planchet. - Se os senhores quiserem, dormirei atravessado na porta assim, ninguém os incomodará.

- E onde dormirá? - perguntou D'Artagnan.

- Nesta cama - respondeu Planchet. E mostrou um fardo de palha.

- Está bem, entre - concordou D'Artagnan. - Tem razão, a cara do estalajadeiro não me agrada, é amável demais.

- Nem a mim - disse Athos.

Planchet entrou pela janela e instalou-se atravessado na porta, enquanto Grimaud ia se fechar na cavalaria, depois de informar que às cinco horas da manhã ele e os quatro cavalos estariam prontos.

A noite foi bastante sossegada. Por volta das duas da madrugada tentaram abrir a porta, mas como Planchet acordasse em sobressalto e gritasse: "Quem está aí?", responderam-lhe que tinham se enganado e afastaram-se.

Às quatro horas da manhã ouviu-se grande barulho nas cavalariças. Grimaud quisera acordar os moços de estrebaria e estes tinham-lhe caído em cima. Quando abriram a janela viram o pobre rapaz sem sentidos, com a cabeça rachada por uma cacetada com o cabo de uma forquilha.

Planchet desceu ao pátio e quis selar os cavalos, os cavalos estavam aguados. O de Mousqueton era o único que, por ter viajado sem cavaleiro durante cinco ou seis horas, na véspera, poderia continuar, mas por um erro inconcebível, o cirurgião-veterinário que tinham mandado chamar, ao que parece para sangrar o cavalo do estalajadeiro, sangrara o de Mousqueton.

Aquilo começava a tornar-se inquietante, todos aqueles acidentes sucessivos deviam-se talvez ao acaso, mas também podiam ser fruto de uma conspiração. Athos e D'Artagnan saíram, enquanto Planchet ia se informar se não haveria três cavalos à venda nos arredores. À porta estavam dois cavalos completamente arreados, frescos e vigorosos. Era precisamente o que lhe convinha. Perguntou onde estavam os donos, responderam-lhe que os donos tinham passado a noite na estalagem e estavam fazendo as contas com o estalajadeiro.

Athos desceu para pagar a despesa, enquanto D'Artagnan e Planchet esperavam à porta da rua, o estalajadeiro estava em um quarto baixo e recuado e pediu a Athos para entrar.

Athos entrou sem desconfiança e puxou duas pistolas para pagar. O estalajadeiro estava sozinho e sentado à mesa, que tinha uma das gavetas entreaberta. Pegou o dinheiro que lhe apresentou Athos, virou-o e revirou-o nas mãos e de súbito, gritando que a moeda era falsa, declarou que ia mandar prende-lo, a ele e ao companheiro, como moedeiros falsos.

- Velhaco! - gritou Athos correndo para ele. - Vou cortar-lhe as orelhas!

No mesmo instante, quatro homens armados até aos dentes entraram pelas portas laterais e atiraram-se a Athos.

- Apanharam-me! - gritou Athos com toda a força dos seus pulmões. - Fuja, D'Artagnan! Dê de esporas! Dê de esporas! - e disparou dois tiros de pistola.

D'Artagnan e Planchet não esperaram que Athos repetisse o aviso, desamarraram os dois cavalos que esperavam à porta, montaram-nos, cravaram-lhes as esporas no ventre e partiram a todo o galope.

- Sabe o que aconteceu a Athos? - perguntou D'Artagnan a Planchet enquanto corriam.

- Ah, senhor, vi cair dois com os seus dois tiros e pareceu-me, através da porta envidraçada, que esgrimia com os outros!
- respondeu Planchet.

- Bravo, Athos! - murmurou D'Artagnan. - E pensar que tive de abandoná-lo! Talvez nos espere o mesmo a dois passos daqui... Em frente, Planchet, em frente! Você é um excelente homem.

- Já tinha lhe dito, senhor - respondeu Planchet -, que os Picardos se reconhecem pelas obras. De resto, como estou na minha região, isso me excita.

Esporeando constantemente os cavalos, chegaram a Saint-Omer numa só tirada. Em Saint-Omer deixaram os cavalos descansarem com as rédeas passadas pelos braços, com receio de algum acidente, e comeram qualquer coisa depressa, de pé na rua, depois do que voltaram a partir.

A cem passos das portas de Calais, o cavalo de D'Artagnan caiu e não houve maneira de levantá-lo, o sangue saía-lhe pelas ventas e pelos olhos, restava o de Planchet, mas esse parara e foi impossível obrigá-lo a partir.

Felizmente, como dissemos, estavam a cem passos da cidade, deixaram as duas montarias na estrada real e correram para o porto. Planchet chamou a atenção do amo para um gentil-homem que chegava com o seu criado e que os precedia apenas uns cinquenta passos.

Aproximaram-se rapidamente do gentil-homem, que parecia muito apressado. Tinha as botas cobertas de poeira e perguntava se não poderia atravessar imediatamente para Inglaterra.

- Nada mais fácil - respondeu o patrão de um barco pronto para se fazer à vela -, mas esta manhã chegou uma ordem para não deixar partir ninguém sem licença expressa do Sr. Cardeal.
- Tenho essa licença - respondeu o gentil-homem, tirando um pedaço de papel da algibeira. - Aqui está ela.
- Pegue a assinatura do governador do porto e me de a preferência - disse o patrão.
- Onde poderei encontrar o governador?
- Na sua casa.
- Claro, mas onde fica essa casa?
- A um quarto de légua da cidade. Olhe, pode vê-la daqui, perto daquele cabeço, aquele telhado de ardósia.
- Ótimo! - exclamou o gentil-homem.

E seguido do laçao tomou o caminho da casa de campo do governador.

D'Artagnan e Planchet seguiram o gentil-homem a quinhentos passos de distância. Uma vez fora da cidade, D'Artagnan apertou o passo e juntou-se ao gentil-homem quando este entrava num bosquezinho.

- Parece-me muito apressado, senhor - observou D'Artagnan.
- De fato, senhor, ninguém tem mais pressa do que eu.

- Sinto-me desesperado - disse D'Artagnan -, pois também tenho pressa e queria pedir-lhe um favor.

- Qual?

- Deixar-me passar em primeiro lugar.

- Impossível - respondeu o gentil-homem. - Percorri sessenta léguas em

quarenta e quatro horas e tenho de estar amanhã ao meio-dia em Londres.

- Pois eu percorri o mesmo caminho em quarenta horas e tenho de estar amanhã às dez horas da manhã em Londres.

- Desesperador, senhor, mas fui o primeiro a chegar e não passarei em segundo lugar.

- Desesperador, senhor; mas cheguei em segundo e passarei em primeiro.

- Serviço do rei! - exclamou o gentil-homem.

- Serviço meu! - respondeu D'Artagnan.

- Parece-me que procura me provocar...

- Por Deus, só agora descobriu?

- Que deseja?

- Quer saber?

- Certamente.

- Quero a ordem que é portador, já que não tenho nenhuma e preciso dela.
- Está brincando, presumo.
- Nunca brinco.
- Deixe-me passar!
- Não passará.
- Meu pobre rapaz, vou estourar os seus miolos. Olá, Lubin, as minhas pistolas.
- Planchet - disse D'Artagnan -, encarregue-se do criado que eu me encarrego do amo.

Planchet, estimulado pela primeira façanha, saltou sobre Lubin e, como era forte e vigoroso, derrubou-o de costas e pôs-lhe o joelho no peito.

- Cuide da sua parte, senhor, que eu já cuidei da minha - informou Planchet.

Ao ver aquilo, o gentil-homem desembainhou a espada e caiu sobre D'Artagnan, mas tinha pela frente um adversário de respeito. Em três segundos, D'Artagnan aplicou-lhe três estocadas, dizendo a cada uma:

- Uma por Athos, uma por Porthos, uma por Aramis.

À terceira estocada o gentil-homem caiu como uma massa. D'Artagnan julgou-o morto, ou pelo menos desmaiado, e aproximou-se para lhe tirar a ordem, mas no momento em que

estendia o braço para o revistar, o ferido, que não largara a espada, vibrou-lhe um bote de ponta no peito dizendo:

- Uma por vocÊ!
- E uma por mim! Os últimos são sempre os primeiros! - gritou D'Artagnan, furioso, pregando-o ao chão com quarta estocada no ventre.

Desta vez o gentil-homem fechou os olhos e perdeu os sentidos.

D'Artagnan revistou-lhe a algibeira onde o vira guardar a ordem de passagem e tirou-a. Estava passada em nome do conde de Wardes.

Depois, deitando um último olhar ao belo jovem de vinte e cinco anos apenas, que deixara ali estendido, sem sentidos ou talvez morto, soltou um suspiro pensando no estranho destino que levava os homens a destruírem-se uns aos outros pelos interesses de pessoas que lhes são estranhas e que muitas vezes não sabem sequer que eles existem. Mas não tardou a ser arrancado de suas reflexões por Lubin, que berrava a plenos pulmões por socorro.

Planchet pôs-lhe a mão na garganta e apertou com toda a força, ao mesmo

tempo que dizia:

- Senhor, enquanto o mantiver assim, não gritará, tenho absoluta certeza, mas assim que o largar, começará a gritar

outra vez. Reconheço-o, é normando, e os Normandos são teimosos.

Com efeito, apesar de ter a garganta bem apertada, Lubin ainda tentava emitir alguns sons.

- Espere! - disse D'Artagnan.

E pegando no seu lenço amordaçou-o.

- Agora - disse Planchet - vamos amarrá-lo a uma árvore.

A coisa foi feita conscienciosamente e depois arrastaram o conde de Wardes para junto do criado e como começava a anoitecer e o amarrado e o ferido estavam alguns passos dentro do bosque, era evidente que ficariam ali até ao dia seguinte.

- E agora a casa do governador! - disse D'Artagnan.

- Mas parece-me que está ferido - observou Planchet.

- Não é nada, nos ocupemos do mais urgente, depois cuidaremos do meu ferimento, que de resto não me parece muito perigoso.

E dirigiram-se ambos em grandes passadas para a casa do digno funcionário. Anunciaram o Sr. Conde de Wardes.

D'Artagnan foi introduzido.

- Tem uma ordem assinada pelo cardeal? - perguntou o governador.

- Tenho, sim, senhor, aqui está - respondeu D'Artagnan.

- Ótimo, está em ordem e bem recomendada! - disse o governador.
- Por um motivo muito simples - respondeu D'Artagnan. - Sou um dos seus mais fiéis.
- Parece que Sua Eminência quer impedir alguém de chegar a Inglaterra.
- Sim, um tal D'Artagnan, um gentil-homem bearnês que partiu de Paris com três dos seus amigos pretendendo chegar a Londres.
- Conhece-o pessoalmente? - perguntou o governador.
- Quem?
- Esse D'Artagnan.
- De longe!
- Nesse caso, dê-me os seus sinais.
- Nada mais fácil.

E D'Artagnan deu traço por traço os sinais do conde de Wardes.

- Está acompanhado? - perguntou o governador.
- Está, acompanha-o um criado chamado Lubin.
- Estaremos de olho neles e se lhe pusermos a mão em cima Sua Eminência pode ficar tranquilo que serão reconduzidos a Paris sob escolta.

- Se fizer isso, Sr. Governador, bem merecerá do cardeal - disse D'Artagnan.

- O verá no seu regresso, Sr. Conde?

- Sem dúvida nenhuma.

- Pois então diga-lhe, peço, que sou um seu dedicado servidor.

- Não me esquecerei.

E satisfeito com esta garantia, o governador visou o livre-trânsito e entregou-o a D'Artagnan.

D'Artagnan não perdeu o seu tempo com cumprimentos inúteis, saudou o

governador, agradeceu-lhe e partiu. Uma vez fora, ele e Planchet desataram a correr e, dando uma grande volta, evitaram o bosque e entraram por outra porta.

O barco continuava pronto a partir e o patrão esperava no cais.

- Então? - perguntou ao ver D'Artagnan.

- Aqui tem o meu passe visado - respondeu o jovem.

- E o outro gentil-homem?

- Não partirá hoje - respondeu D'Artagnan -, mas fique tranquilo que pagarei a passagem dos dois.

- Nesse caso, partamos - disse o patrão.

- Partamos! - repetiu D'Artagnan.

E saltou com Planchet para o escaler. Cinco minutos depois estavam a bordo.

Era tempo, a cerca de meia légua da costa, D'Artagnan viu brilhar uma luz

e ouviu uma detonação. Era o tiro de canhão que anunciava o encerramento do porto.

Chegara o momento de se ocupar do seu ferimento. Felizmente, como pensara D'Artagnan, não era dos mais perigosos, a ponta da espada encontrara uma costela e deslizara ao longo do osso, além disso, a camisa colara-se imediatamente à ferida e esta mal vertera algumas gotas de sangue. D'Artagnan estava morto de cansaço, estenderam-lhe uma enxerga na coberta, deitou-se e adormeceu.

No dia seguinte, ao amanhecer, encontrava-se ainda a três ou quatro léguas da costa da Inglaterra, a brisa fora fraca toda a noite e o barco pouco avançara. Mas às dez horas ancorava no porto de Dover. Às dez e meia, D'Artagnan punha pé em terra inglesa e exclamava:

- Enfim, aqui estou!

Mas isso não era tudo, faltava chegar a Londres. Na Inglaterra o correio era bastante eficiente. D'Artagnan e Planchet pediram

cada um seu cavalo, um mensageiro apressou-se a servi-los e em quatro horas chegaram às portas da capital.

D'Artagnan não conhecia Londres nem sabia uma palavra de inglês, mas escreveu o nome de Buckingham num papel e todos lhe indicaram o palácio do duque.

O duque andava à caça em Windsor, com o rei.

D'Artagnan perguntou pelo criado de quarto de confiança do duque, que, tendo-o acompanhado em todas as suas viagens, falava perfeitamente francês, e disse-lhe que vinha de Paris por causa de um assunto de vida ou de morte e que precisava de falar imediatamente com Buckingham.

A convicção com que D'Artagnan falava convenceu Patrice, pois assim se chamava aquele ministro do ministro. Mandou selar dois cavalos e encarregou-se de acompanhar o jovem guarda. Quanto a Planchet, tinham-no descido da sua montaria, duro como um pau: o pobre rapaz estava exausto, D'Artagnan parecia de ferro.

Chegaram ao castelo, informaram-se, o rei e Buckingham caçavam aves nos pântanos situados a duas ou três léguas dali. Em vinte minutos chegaram ao local indicado. Patrice não tardou a ouvir a voz do amo, que chamava o seu falcão.

- Quem devo anunciar a milorde-duque? - perguntou Patrice.

- O jovem que uma noite o desafiou na Ponte Nova, diante da Samaritana.
- Singular apresentação.
- Verá que vale tanto como qualquer outra.

Patrice meteu o cavalo a galope, alcançou o duque e anunciou-lhe nos termos que dissemos que o esperava um mensageiro.

Buckingham reconheceu imediatamente D'Artagnan e, desconfiado de que alguma coisa se passava em França de que lhe trazia notícia, limitou-se a perguntar onde estava o mensageiro e tendo reconhecido ao longe o uniforme dos guardas, meteu o cavalo a galope e veio direito a D'Artagnan. Patrice, por discrição, manteve-se afastado.

- Aconteceu alguma coisa à rainha? - perguntou Buckingham, deixando transparecer todo o seu pensamento e todo o seu amor nesta interrogação.
- Não creio. Mas parece-me que corre qualquer grande perigo de que só Vossa Graça pode tirá-la.
- Eu?! - exclamou Buckingham. - Pois quê, serei bastante feliz para lhe poder ser útil em alguma coisa? Fale! Fale!
- Tome esta carta - disse D'Artagnan.
- Esta carta?... De quem vem esta carta?
- Creio que de Sua Majestade.

- De Sua Majestade! - exclamou Buckingham, empalidecendo tanto que D'Artagnan julgou se sentisse mal. Quebrou o lacre.
- Que rasgão é este? - perguntou, mostrando a D'Artagnan um lugar onde a carta estava furada.
- Não tinha reparado nisso! - exclamou D'Artagnan. - Foi a espada do conde de Wardes que fez esse buraco quando me furou o peito.
- Está ferido? - perguntou Buckingham, abrindo a carta.
- Oh, não é nada! - respondeu D'Artagnan. - Apenas um arranhão.
- Valha-me Deus, que leio eu?! - exclamou o duque. - Patrice, fique aqui, ou antes, vá encontrar com o rei onde quer que se encontre, e diga a Sua Majestade que lhe suplico muito humildemente que me desculpe, mas que um assunto da mais alta importância me chama a Londres. Venha, senhor, venha. E ambos retornaram a galope o caminho da capital.

A CONDESSA DE WINTER

Durante o percurso, o duque pôs-se a par, por intermédio de D'Artagnan, não de tudo o que se passara, mas sim do que

D'Artagnan sabia. Conjugando o que ouvia da boca do jovem com as suas próprias recordações, pôde no entanto fazer idéia bastante exata de uma situação cuja gravidade, de resto, a carta da rainha, por mais curta e pouco explícita que fosse, lhe dava a medida. Mas o que sobretudo o admirava era que o cardeal, interessado como estava em que o jovem não chegasse à Inglaterra, não tivesse conseguido detê-lo na viagem. Foi então, e perante a manifestação dessa surpresa, que D'Artagnan lhe contou as precauções tomadas e como, graças à dedicação dos seus três amigos, que disseminara

ensanguentados pelo caminho, conseguira chegar ali, apenas com o percalço da estocada que furara a carta da rainha e que ele retribuira ao Sr. de Wardes de forma tão terrível. Enquanto escutava este relato feito com a maior simplicidade, o duque olhava de vez em quando para o jovem, com ar atônito, como se não pudesse compreender que tanta prudência, coragem e dedicação estivessem de acordo com uma cara que ainda não indicava vinte anos.

Os cavalos voavam como o vento e em poucos minutos chegaram às portas de Londres. D'Artagnan julgara que quando chegassem à cidade o duque diminuísse o andamento da sua montaria, mas não foi isso que aconteceu, continuou o seu caminho a todo o galope, pouco se preocupando em derrubar quem se atravessasse diante das patas do cavalo. Com efeito, ao atravessar a City aconteceram dois ou três

acidentes desse gênero, mas Buckingham nem sequer virara a cabeça para ver o que acontecera aos atropelados. D'Artagnan seguia-o no meio de gritos que se assemelhavam muito a maldições.

Mal entrou no pátio do palácio, Buckingham saltou do cavalo e, sem se preocupar mais com o animal, atirou-lhe as rédeas para o pescoço e correu para a escadaria. D'Artagnan fez o mesmo, embora com um pouco mais de preocupação pelos animais, cujo mérito tivera ensejo de apreciar, mas teve o consolo de ver que três ou quatro criados vinham correndo das cozinhas e das cavalariças e tomavam imediatamente conta das montarias.

O duque caminhava tão rapidamente que D'Artagnan tinha dificuldade em segui-lo. Atravessou sucessivamente várias salas, de uma elegância que os maiores fidalgos de França nem sequer faziam idéia, e chegou por fim a um quarto de dormir que era simultaneamente um milagre de bom gosto e riqueza. Na alcova do quarto havia uma porta aberta na própria parede que o duque abriu com uma chavinha de ouro que trazia ao pescoço suspensa por um fio do mesmo metal. Por discricção D'Artagnan ficara para trás; mas no momento em que Buckingham transpunha o limiar da porta virou-se e, vendo a hesitação do jovem, disse-lhe:

- Vinha e se tiver a felicidade de ser admitido à presença de Sua Majestade diga-lhe o que viu.

Encorajado pelo convite, D'Artagnan seguiu o duque, que voltou a fechar a porta atrás de si.

Ambos se encontraram então em uma capelinha toda forrada de seda da Pérsia e brocado dourado, profusamente iluminada por numerosas velas. Por cima de uma espécie de altar e por baixo de um dossel de veludo azul encimado por plumas brancas e vermelhas encontrava-se um retrato em tamanho natural de Ana de Áustria, de semelhança tão flagrante que D'Artagnan soltou um grito de surpresa, parecia que a rainha ia falar.

No altar e debaixo do retrato estava o cofrezinho que encerrava as agulhetas de diamantes. O duque aproximou-se do altar e ajoelhou-se como faria um padre diante de Cristo, depois abriu o cofre.

- Tome - disse, tirando do cofre um grande laço de fita azul todo cintilante de diamantes. - Aqui estão as preciosas agulhetas com as quais jurara ser enterrado. A rainha as deu a mim, a rainha as tira, a sua vontade, como a de Deus, seja feita em todas as coisas.

Depois pôs-se a beijar uma após outra as agulhetas de que ia se separar.

Mas de súbito soltou um grito terrível.

- Que aconteceu? - perguntou D'Artagnan, com inquietação. - Que aconteceu, milorde?
- Está tudo perdido! - gritou Buckingham, empalidecendo como um morto. - Faltam duas agulhetas, só estão aqui dez.
- Milorde as perdeu ou julga que foram roubadas?
- Foram roubadas - respondeu o duque - e foi obra do cardeal. Veja, as fitas que as prendiam foram cortadas à tesoura.
- Se milorde desconfiasse de quem cometeu o roubo... Talvez essa pessoa ainda as tenha em seu poder.
- Espere, espere! - gritou o duque. - A única vez que usei as agulhetas foi no baile do rei, há oito dias, em Windsor. A condessa de Winter, com quem estava zangado, aproximou-se de mim no baile. A reconciliação era uma vingança de mulher ciumenta. Desde esse dia não tornei a vê-la. Essa mulher é um agente do cardeal.
- Mas então, ele os tem no mundo inteiro! - exclamou D'Artagnan.
- Com certeza ele tem - confirmou Buckingham, apertando os dentes com cólera. - Sim, é um terrível lutador. Mas quando é o baile?
- Na próxima segunda-feira.

- Na próxima segunda-feira! Daqui a cinco dias? É tempo mais do que suficiente. Patrice! - chamou o duque abrindo a porta da capela. - Patrice!

O seu criado de quarto de confiança apareceu.

- O meu joalheiro e o meu secretário!

O criado saiu com uma prontidão e um mutismo que demonstravam estar habituado a obedecer cegamente e sem réplica. Mas embora o joalheiro tivesse sido chamado à frente, foi o secretário quem apareceu primeiro. Era muito simples, residia no palácio. Encontrou Buckingham sentado a uma mesa, no seu quarto de dormir a escrever algumas ordens pelo seu próprio punho.

- Sr. Jackson - disse-lhe o duque -, vá imediatamente a casa do lorde-chanceler e diga-lhe que o encarrego da execução destas ordens. Desejo que sejam publicadas imediatamente.

- Mas, monsenhor, se o lorde-chanceler me interrogar sobre os motivos que levaram Vossa Graça a tomar uma medida tão extraordinária, que responderei?

- Que tal foi a minha decisão e que não tenho de prestar contas a ninguém da minha vontade.

- Será essa a resposta que deverá transmitir a Sua Majestade - insistiu, sorrindo o secretário - se por acaso Sua

Majestade tiver a curiosidade de saber por que motivo nenhum navio pode sair dos portos da Grã-Bretanha?

- Tem razão, senhor - respondeu Buckingham. - Nesse caso diria ao rei que decidi a guerra e que esta medida é o meu primeiro ato de hostilidade contra a França.

O secretário inclinou-se e saiu.

- Eis-nos tranquilos por esse lado - disse Buckingham, virando-se para D'Artagnan. - Se as agulhetas ainda não partiram para França, só chegarão lá depois de você.

- Como assim?

- Acabo de decretar um embargo sobre todos os navios que se encontrem

neste momento nos portos de Sua Majestade, e a não ser com licença especial nenhum se atreverá a levantar ferro.

D'Artagnan olhou com estupefação aquele homem que colocava o poder ilimitado de que estava revestido pela confiança de um rei ao serviço dos seus amores. Buckingham notou a expressão do rosto do jovem e o que se passava no seu pensamento e sorriu.

- Sim, é verdade, Ana de Áustria é a minha verdadeira rainha, a uma palavra sua, traíria o meu país, traíria o meu rei, traíria o meu Deus. Pediu-me que não enviasse aos protestantes de La Rochelle o socorro que lhes prometera, e

assim fiz. Faltei à minha palavra, mas não importa, obedeci ao seu desejo. Não fui generosamente recompensado pela minha obediência, diga? Porque é a essa obediência que devo o seu retrato.

D'Artagnan registrou com admiração por que fios frágeis e desconhecidos estão por vezes suspensos os destinos de um povo e a vida dos homens. Estava mergulhado profundamente nas suas reflexões quando o joalheiro entrou. Era um irlandês dos mais hábeis na sua arte e que confessava pessoalmente que ganhava cem mil libras por ano com o duque de Buckingham.

- Sr. O'Reilly - disse-lhe o duque, conduzindo-o à capela -, examine estas agulhetas de diamantes e diga-me quanto vale cada uma.

O joalheiro deitou uma única olhadela à forma elegante como estavam montadas, calculou em média o valor dos diamantes e respondeu sem qualquer hesitação:

- Mil e quinhentas pistolas cada uma.
- Quantos dias seriam necessários para fazer duas agulhetas como estas?

Como vê, faltam aqui.

- Oito dias, milorde.
- Pagarei três mil pistolas por cada uma, mas quero-as depois de amanhã.

- Milorde as terá.
- É um homem precioso, Sr. O'Reilly, mas não é tudo: estas agulhetas não podem ser confiadas a ninguém portanto as outras têm de ser feitas neste palácio.
- Impossível, milorde, só eu as posso executar para que não se note a diferença entre as novas e as antigas.
- Por isso, meu caro Sr. O'Reilly, é agora meu prisioneiro e se quisesse sair agora do meu palácio não o conseguiria, decida-se, pois. Indique-me de quais ajudantes precisa, e os utensílios que devem trazer.

O joalheiro conhecia o duque e sabia que qualquer observação seria inútil, tomou portanto imediatamente a sua decisão.

- Posso avisar minha mulher? - perguntou.
- Oh, até lhe será permitido vê-la, meu caro Sr. O'Reilly! O seu cativeiro será suave, fique tranquilo e como todo o incômodo merece indenização, aqui está, além do preço das duas agulhetas, um bônus de mil pistolas para lhe fazer esquecer o transtorno que causo.

D'Artagnan não cabia em si da surpresa que lhe causava aquele ministro que assim dispunha a seu bel-prazer dos homens e dos milhões.

Quanto ao joalheiro, escrevia à mulher, a quem mandava o bônus de mil pistolas e encarregava de lhe mandar em troca o

seu mais hábil ajudante, um sortido de diamantes de que indicava o peso e a qualidade e as ferramentas

constantes de uma lista que eram necessárias.

Buckingham conduzia o joalheiro ao quarto que lhe fora destinado e que, passada meia hora, estava transformado em oficina. Em seguida colocou uma sentinela a cada porta, com ordem de não deixarem entrar quem quer que fosse, exceto o seu criado de quarto Patrice. Não é necessário acrescentar que era absolutamente proibido ao joalheiro O'Reilly e ao seu ajudante sair do quarto fosse sob que pretexto fosse.

Resolvido este pormenor, o duque ocupou-se de D'Artagnan.

- E agora, meu jovem amigo, a Inglaterra é nossa, que quer, que deseje?

- Uma cama - respondeu D'Artagnan. - No momento, confesso, é a coisa de que mais necessito.

Buckingham deu a D'Artagnan um quarto que comunicava com o seu. Queria ter o jovem constantemente à mão, não porque desconfiasse dele, mas sim para ter alguém com quem pudesse falar a todo o momento da rainha.

Uma hora depois foi publicada em Londres a ordem de não deixar sair dos portos nenhum navio mercante para França, nem mesmo o pacote do correio. Aos olhos de todos tratava-se de uma declaração de guerra entre os dois reinos.

Dois dias depois, às onze horas, as duas agulhetas de diamantes estavam acabadas, tão exatamente iguais às outras, tão perfeitamente idênticas, que Buckingham foi incapaz de distinguir as novas das velhas, o que aliás também teria acontecido a outros mais experientes do que ele na matéria.

Mandou chamar imediatamente D'Artagnan.

- Aqui estão as agulhetas de diamantes que veio buscar e seja minha testemunha de que tudo o que o poder humano podia fazer foi feito.
- Fique tranquilo milorde, direi o que vi, mas Vossa Graça entrega-me as agulhetas sem a caixa?
- A caixa lhe atrapalharia. Além disso, a caixa é agora mais preciosa quanto é certo ser a única coisa que me resta. Dirá que a guardei.
- Transmitirei o que acaba de me dizer palavra por palavra, milorde.
- E agora - prosseguiu Buckingham, olhando fixamente o jovem - como me desobrigarei alguma vez com você?

D'Artagnan corou até à raiz dos cabelos. Viu que o duque procurava maneira de fazê-lo aceitar qualquer coisa e a idéia do sangue dos seus companheiros e o seu serem pagos por ouro inglês repugnava-lhe estranhamente.

- Entendamo-nos, milorde - respondeu D'Artagnan -, e pesemos bem os fatos antecipadamente, para que não haja sombra de equívoco. Estou ao serviço do rei e da rainha de França e faço parte da companhia de guardas do Sr. dos Essarts, o qual, assim como o seu cunhado, o Sr. de Trévillé, é muito especialmente dedicado a Suas Majestades. Fiz portanto tudo pela rainha e nada por Vossa Graça. Mais, talvez não tivesse dado um passo em tudo isto se não fosse para ser agradável a alguém que é tanto minha dama como a rainha é sua.

- Sim - disse o duque, sorrindo - e creio até conhecer essa pessoa. É...

- Milorde, eu não disse quem era - interrompeu-o vivamente o jovem.

- Tem razão - admitiu o duque. - É portanto a essa pessoa que devo estar reconhecido pela sua dedicação.

- É como diz, milorde, porque precisamente neste momento, em que já estamos em guerra, confesso-lhe que só vejo em Vossa Graça um inglês, e por

consequência um inimigo que ficaria mais encantado por encontrar no campo de batalha do que no parque de Windsor ou nos corredores do Louvre, o que, aliás, não me impedirá de cumprir ponto por ponto a minha missão e de me fazer matar, se for necessário, para a cumprir; mas repito a Vossa Graça,

não tem de me agradecer pessoalmente mais por isso, que faço por mim neste segundo encontro, do que já fiz por si no primeiro.

- Nós costumamos dizer: “Orgulhoso como um escocês” - murmurou Buckingham.

- E nós dizemos: “Orgulhoso como um gascão” - respondeu D’Artagnan. - Os gascões são os Escoceses da França.

D’Artagnan saudou o duque e preparou-se para partir.

- Então, vai assim sem mais nem menos? Por onde? Como?

- É verdade...

- Diabos me levem, os franceses julgam-se capazes de tudo!

- Me esqueci que a Inglaterra é uma ilha da qual o senhor é o rei.

- Dirija-se ao porto, pergunte pelo brigue Sund e entregue esta carta ao comandante, ele o levará a um portinho onde decerto não o esperam e onde habitualmente só aportam barcos de pesca.

- Como se chama esse porto?

- Saint-Valery. Mas atenção: chegando lá, entrará em uma estalagem miserável, sem nome nem tabuleta, uma verdadeira espelunca de marinheiros, não tem como se enganar, pois não há outra assim.

- E depois?
- Perguntará pelo estalajadeiro e lhe dirá: “Forward.”
- Que significa isso?
- “Em frente”. É uma senha. Ele lhe dará um cavalo selado e indicará o caminho que deve seguir. Encontrará assim quatro mudas no caminho. Se em cada uma delas quiser dar o seu endereço em Paris os quatro cavalos lhe serão lá entregues. Já conhece dois e pareceu-me que os apreciou como amador, refiro-me àqueles que montamos. Acredite em mim, os outros não lhes são inferiores. Os quatro cavalos estão equipados para campanha. Por muito orgulhoso que seja, não recusará decerto aceitar um e fazer aceitar os outros três pelos seus companheiros é para nos guerrearem, de resto. O fim justifica os meios, como vocês franceses dizem, não é verdade?
- Está bem, milorde, aceito - respondeu D’Artagnan. - E se Deus quiser faremos bom uso dos seus presentes.
- Agora, a sua mão, meu jovem amigo. Talvez nos encontremos brevemente no campo de batalha, mas entretanto espero que nos separemos como bons amigos.
- Sim, milorde, mas com a esperança de em breve nos tornarmos inimigos.
- Prometo-lhe, pode ficar tranquilo.
- Confio na sua palavra, milorde.

D'Artagnan saudou o duque e dirigiu-se rapidamente para o porto. Encontrou o navio indicado diante da torre de Londres, entregou a sua carta ao comandante, que a fez visar pelo governador do porto e aparelhou imediatamente. Cinquenta navios estavam prontos para largar e esperavam.

Ao passar junto de um deles, D'Artagnan julgou reconhecer a mulher de

Meung, a mesma que o gentil-homem desconhecido tratara por "milady" e que ele, D'Artagnan, achara tão bela, mas graças à corrente do rio e ao bom vento que soprava o seu navio ia tão depressa que pouco depois o outro ficou fora de vista.

No dia seguinte, cerca das nove horas da manhã, aportaram em Saint-Valery. D'Artagnan dirigiu-se imediatamente para a estalagem indicada e reconheceu-a pelos gritos que dela saíam, falava-se de guerra entre a Inglaterra e a França como coisa próxima e indubitável e os marujos, satisfeitos, entregavam-se a grande farra.

D'Artagnan abriu caminho através da multidão, dirigiu-se ao estalajadeiro e pronunciou a palavra combinada, o estalajadeiro fez-lhe imediatamente sinal para o seguir, saiu com ele por uma porta que dava para o pátio, conduziu-o à cavaleriça onde o esperava um cavalo selado e perguntou-lhe se precisava de mais alguma coisa.

- Preciso conhecer o caminho que devo seguir - respondeu D'Artagnan.
- Vá daqui a Blangy e de Blangy a Neufchâtel. Em Neufchâtel entre na estalagem da Herse d'Or, dê a senha ao estalajadeiro e encontrará um cavalo selado.
- Devo alguma coisa? - perguntou D'Artagnan.
- Está tudo pago, e generosamente - respondeu o estalajadeiro. - Vá e que Deus o acompanhe!
- Amen! - respondeu o jovem, partindo a galope. Quatro horas mais tarde estava em Neufchâtel.

Seguiu à risca as instruções recebidas, em Neufchâtel, como em Saint-Valery, encontrou à sua espera uma montaria selada, quis levar as pistolas da sela que acabava de deixar para a sela que ia utilizar, mas os coldres estavam guarnecidos de pistolas idênticas.

- O seu endereço em Paris?
- Quartel das Guardas, companhia do Sr. dos Essarts.
- Muito bem - respondeu o homem.
- Que estrada devo seguir? - perguntou por seu turno D'Artagnan.
- A de Ruão, mas deixará a cidade à sua direita. Pare na aldeiazinha de Ecouis, onde só há uma estalagem, o Écu de

France. Não a julgue pela aparência, terá nas suas cavalariaças um cavalo tão bom como este.

- A mesma senha?
 - Exatamente.
 - Adeus, mestre!
 - Boa viagem, gentil-homem! Precisa de alguma coisa?
- D'Artagnan acenou com a cabeça que não e partiu a toda a velocidade.

Em Ecouis repetiu-se a mesma cena, encontrou um estalajadeiro igualmente prevenido, um cavalo fresco e descansado, deixou o seu endereço, como fizera anteriormente, e partiu para Pontoise. Em Pontoise mudou pela última vez de montaria e às nove horas entrava a todo o galope no pátio do palácio do Sr. de Tréville. Percorrera cerca de sessenta léguas em doze horas.

O Sr. de Tréville recebeu-o como se o tivesse visto naquela mesma manhã, apenas ao apertar-lhe a mão um pouco mais vivamente do que de costume anunciou-lhe que a companhia do Sr. dos Essarts estava de guarda no Louvre e podia ir ocupar o seu posto.

O BAILADO DA MERLAISON

No dia seguinte não se falava de outra coisa em toda Paris a não ser no baile que os Srs. Almotacés da cidade davam em honra do rei e da rainha e no qual Suas Majestades deveriam dançar o famoso bailado da Merlaison, que era o bailado favorito do rei.

Com efeito, havia oito dias que se preparava tudo na Câmara Municipal para a solene soirée. O carpinteiro da cidade erguera estrados para as damas convidadas e o merceiro guarnecera as salas com duzentas tochas de cera branca, o que era um luxo inaudito para a época, finalmente, tinham sido contratados vinte violinistas pelo dobro do preço habitual, atendendo, diz o documento a que nos reportamos, a que deviam tocar toda a noite.

Às dez horas da manhã, o Sr. de La Coste, porta-bandeira das Guardas do rei, acompanhado de dois agentes da Polícia e de vários arqueiros, foi pedir ao escrivão da cidade, chamado Clément, todas as chaves das portas, das salas e das repartições da Câmara. As chaves foram-lhe imediatamente entregues, cada uma delas tinha uma etiqueta para ser reconhecida e a partir daquele momento o Sr. de La Coste ficou encarregado da guarda de todas as portas e de todos os acessos.

Às onze horas chegou por seu turno Duhallier, capitão das Guardas, trazendo consigo cinquenta arqueiros que se distribuíram imediatamente pela Câmara Municipal, junto das portas que lhes tinham sido indicadas.

Às três horas chegaram duas companhias de guardas, uma francesa e outra suíça. A companhia de guardas franceses era constituída metade por homens do Sr. Duhallier e metade por homens do Sr. dos Essarts.

Às seis horas da tarde começaram a entrar os convidados. À medida que entravam eram instalados no salão, nos estrados preparados.

Às nove horas chegou a Sra Primeira-Presidente. Como era, depois da rainha, a pessoa mais importante da festa, foi recebida por dignitários da cidade e instalada no camarote fronteiro àquele que devia ocupar a rainha.

Às onze horas preparou-se a mesa de confeitos para o rei na salinha do lado da Igreja de Saint-Jean e defronte do bufete de prata da cidade, guardado por quatro arqueiros.

À meia-noite ouviram-se grandes gritos e numerosas aclamações, era o rei que vinha através das ruas que levavam do Louvre à Câmara Municipal, as quais estavam todas iluminadas com lanternas coloridas.

Imediatamente os Srs. Almotacés, envergando as suas túnicas de pano e precedidos pelos seis agentes da Polícia, cada um com a sua tocha na mão, foram ao encontro do rei, que encontraram nos degraus, onde o magistrado dos mercadores o cumprimentou e lhe deu as boas-vindas, cumprimento a que Sua Majestade respondeu desculpando-se de vir tão tarde, mas

atribuindo a culpa ao Sr. Cardeal, que o retivera até às onze horas com os negócios do Estado.

Sua Majestade, em traje de cerimônia, era acompanhado de Sua Alteza Real Monsieur, do conde de Soissons, do prior-mor, do duque de Longueville, do duque de Elbeuf, do conde de Harcourt, do conde de La Roche-Guyon, do Sr. de Liancourt, do Sr. de Baradas, do conde de Cramail e do cavaleiro de Souveray.

Todos notaram que o rei estava triste e preocupado.

Fora preparado um gabinete para o rei e outro para Monsieur. Em cada um deles encontravam-se trajes de máscaras. Procedera-se de igual modo para com a rainha e a Sra Presidente. Os cavalheiros e as damas dos séquitos de Suas Majestades deveriam vestir-se dois a dois em gabinetes preparados para o efeito. Antes de entrar no gabinete o rei recomendou que o viessem imediatamente prevenir da chegada do cardeal.

Cerca de meia hora depois da entrada do rei ouviram-se novas aclamações, estas anunciando a chegada da rainha.

Os almotacés procederam como já tinham procedido com o rei e, precedidos de criados, foram ao encontro da sua ilustre convidada. A rainha entrou no salão, notou-se que, como o rei, tinha um ar triste e sobretudo cansado.

Quando entrou, a cortina de uma tribunazinha que até ali estivera fechada abriu-se e apareceu o rosto pálido do cardeal, vestido de fidalgo espanhol. Os seus olhos fixaram-se nos da rainha e um sorriso de terrível satisfação passou-lhe pelos lábios: a rainha não trazia as agulhetas de diamantes.

A rainha ficou algum tempo recebendo os cumprimentos dos dignitários da cidade e respondendo às saudações das damas. De súbito, o rei apareceu com o cardeal a uma das portas da sala. O cardeal falava-lhe baixinho e o rei estava muito pálido. O rei abriu caminho através da multidão e sem máscara e com as fitas do gibão quase desatadas aproximou-se da rainha e perguntou-lhe com a voz alterada:

- Senhora, diga-me, por favor, por que motivo não está com as suas agulhetas de diamantes, quando sabe que gostaria de vê-las?

A rainha olhou à sua volta e viu atrás do rei o cardeal sorrir diabolicamente.

- Sire, porque receei que no meio desta grande multidão lhes acontecesse alguma coisa - respondeu a rainha.

- Pois fez mal, senhora! Se lhe dei esse presente era para que o usasse.

Repito-lhe que agiu mal.

E a voz do rei tremia de cólera. Todos olhavam e escutavam com espanto, sem compreenderem nada do que se passava.

- Sire, posso mandar buscá-las no Louvre, onde estão, e assim os desejos de Vossa Majestade serão satisfeitos - sugeriu a rainha.

- Então mande, senhora, mande, e depressa, porque dentro de uma hora o bailado vai começar.

A rainha inclinou-se em sinal de submissão e seguiu as damas que deviam acompanhá-la ao seu gabinete. Pela sua parte o rei voltou para o seu.

Houve na sala um momento de alvoroço e confusão.

Todos notaram que se passara qualquer coisa entre o rei e a rainha, mas ambos haviam falado tão baixo que, como cada um por respeito se afastara alguns passos, ninguém ouvira nada. Os violinos tocavam ruidosamente, mas ninguém os escutava.

O rei foi o primeiro a sair do seu gabinete, estava em traje de caça, muito elegante, e Monsieur e os outros fidalgos se vestiam como ele. Era o traje que melhor ficava ao rei, assim vestido parecia realmente o primeiro gentil-homem do seu reino.

O cardeal aproximou-se do rei e entregou-lhe uma caixa. O rei abriu-a e encontrou duas agulhetas de diamantes.

- Que iesto quer dizer? - perguntou ao cardeal.

- Nada - respondeu este. - Apenas que, se a rainha tiver as agulhetas, o que duvido, deve contá-las, Sire, e se não encontrar mais de dez pergunte a Sua Majestade quem lhe roubou as duas agulhetas que estão aí.

O rei olhou o cardeal como se fosse interrogá-lo, mas não teve tempo de lhe dirigir nenhuma pergunta, um grito de admiração saiu de todas as bocas. Se o rei parecia o primeiro gentil-homem do seu reino, a rainha era sem dúvida a mais bela mulher de França.

É certo que o seu traje de caçadora lhe ficava maravilhosamente. Trazia um chapéu de feltro com plumas azuis, uma sobreveste de veludo cinzento-pérola presa com colchetes de diamantes e uma saia de cetim azul toda bordada a prata. No ombro esquerdo cintilavam as agulhetas, presas por um laço da mesma cor das plumas e da saia.

O rei estremeceu de alegria e o cardeal de cólera, todavia, distantes como estavam da rainha, não podiam contar as agulhetas, a as rainha tinha, mas tinha dez ou doze?

Neste momento os violinos deram o sinal para o bailado. O rei dirigiu-se para a Sra Presidente, com quem devia dançar, e Sua Alteza Monsieur para a rainha. Tomaram as suas posições e o bailado começou.

O rei ocupava o lugar fronteiro ao da rainha e todas as vezes que passava junto dela devorava com a vista as agulhetas, cujo número ignorava. Um suor frio cobria a testa do cardeal.

O bailado durou uma hora, tinha dezesseis entradas.

O bailado terminou no meio dos aplausos de toda a sala e cada um reconduziu a sua dama ao seu lugar; mas o rei aproveitou o privilégio de poder deixar a sua onde se encontrava e dirigiu-se rapidamente ao encontro da rainha.

- Agradeço-lhe, senhora - disse-lhe -, a deferência que mostrou para com os meus desejos, mas creio que lhe faltam duas agulhetas e as trago.

Dizendo estas palavras, estendeu à rainha as duas agulhetas que lhe dera o cardeal.

- Como, Sire, vai dar-me mais duas?! - exclamou a jovem rainha, simulando surpresa. - Mas assim fico com catorze...

Com efeito o rei contou-as e encontrou doze agulhetas no ombro de Sua Majestade.

O rei chamou o cardeal.

- Que significa isto, Sr. Cardeal? - perguntou-lhe em tom severo.

- Significa, Sire - respondeu o cardeal -, que desejava oferecer essas duas agulhetas a Sua Majestade, mas como não me atrevia a oferecê-las eu próprio, recorri a este meio.

- E eu estou tanto mais reconhecida a Vossa Eminência - respondeu Ana de Áustria com um sorriso que provava não se deixar iludir com tão engenhosa galanteria - quanto é certo

estar convencida de que essas duas agulhetas lhe custaram tanto, elas só, como as doze que Sua Majestade me ofereceu.

Depois, saudou o rei e o cardeal e dirigiu-se para o seu gabinete, onde devia mudar de roupa.

A atenção que fomos obrigados a dispensar no começo deste capítulo às personagens ilustres que nele introduzimos afastaram-nos um instante daquele a

quem Ana de Áustria devia o triunfo inaudito que acabava de obter sobre o cardeal, e que, embaraçado, ignorado, perdido no meio da multidão aglomerada a uma das portas, observava daí aquela cena compreensível apenas para quatro pessoas: o rei, a rainha, Sua Eminência e ele.

A rainha acabava de entrar no seu gabinete e D'Artagnan preparava-se para se retirar quando sentiu tocarem-lhe levemente no ombro, virou-se e viu uma jovem fazer-lhe sinal para a seguir. A jovem tinha o rosto coberto com uma mascarilha de veludo preto, mas apesar dessa precaução, de resto tomada mais por causa dos outros do que dele, D'Artagnan reconheceu imediatamente a sua guia habitual, a ágil e graciosa Sra Bonacieux.

Na véspera, tinham-se visto apenas em casa do suíço Germain, onde D'Artagnan a mandara chamar; mas a pressa da jovem em levar à rainha a excelente notícia do feliz regresso do seu mensageiro não permitiu que os dois apaixonados trocassem

mais do que algumas palavras. D'Artagnan seguiu, portanto a Sra Bonacieux movido por um duplo sentimento: o amor e a curiosidade. Durante todo o caminho, e à medida que os corredores se tornavam mais secretos, D'Artagnan quis deter a jovem, agarrá-la, contemplá-la, nem que fosse só um instante, mas esquivava como um passarinho ela deslizava sempre por entre as mãos, e quando D'Artagnan tentava falar a jovem levava um dedo à boca num gesto imperioso cheio de encanto, recordando-lhe que estava sob o domínio de um poder ao qual devia obedecer cegamente e que lhe proibia até o mais leve queixume. Por fim, depois de um minuto ou dois de voltas e contravoltas, a Sra Bonacieux abriu uma porta e introduziu D'Artagnan num gabinete completamente às escuras. Aí fez-lhe novo sinal de mutismo e, abrindo segunda porta oculta por um reposteiro, através do qual penetrou de súbito uma luz viva, desapareceu.

D'Artagnan ficou um instante imóvel, perguntando a si mesmo onde estaria, mas em breve um raio de luz vindo do outro lado e o ar quente e perfumado que penetrava até ali, bem como a conversa de duas ou três mulheres em tom simultaneamente respeitoso e distinto e a palavra “Majestade” várias vezes repetida, lhe indicaram claramente que se encontrava num gabinete contíguo ao da rainha. O jovem esperou no escuro.

A rainha parecia alegre e feliz, e dava idéia que isso admirava grandemente as pessoas que a rodeavam e estavam, pelo contrário, habituadas a vê-la quase sempre preocupada. A

rainha atribuía a sua boa disposição à beleza da festa e ao prazer que lhe proporcionara o bailado, e como não era permitido contradizer uma rainha, quer ela sorrisse, quer ela chorasse, todos louvavam a forma como os Srs. Almotacés da cidade de Paris tinham sabido organizar as coisas.

Embora D'Artagnan não conhecesse a rainha, distinguiu a sua voz das outras vozes, primeiro devido a uma leve pronúncia estrangeira, depois graças a esse tom de domínio naturalmente impresso em todas as palavras soberanas. Ouviu-a aproximar-se e afastar-se da porta entreaberta, e duas ou três vezes viu mesmo a sombra de um corpo interceptar a luz.

Por fim, de repente, uma mão e um braço adoráveis de forma e brancura passaram através do reposteiro. D'Artagnan adivinhou que era a sua recompensa, caiu de joelhos, pegou naquela mão e beijou-a respeitosamente, depois a mão retirou-se, deixando nas suas um objeto que reconheceu ser um anel. A porta fechou-se imediatamente e D'Artagnan encontrou-se na mais completa escuridão.

D'Artagnan meteu o anel no dedo e esperou de novo, era evidente que nem tudo terminara ainda. Depois da recompensa da sua dedicação viria a recompensa do seu amor. Aliás, o bailado terminara, mas a festa ainda mal começara. Ceava-se às três horas e o relógio de Saint-Jean havia já algum tempo que dera duas horas e três quartos.

Com efeito, pouco a pouco o barulho das vozes diminuiu no gabinete vizinho, depois afastaram-se, por fim a porta do gabinete onde estava D'Artagnan voltou a abrir-se e a Sra Bonacieux entrou.

- Você, finalmente! - exclamou D'Artagnan.
- Silêncio! - recomendou-lhe a jovem, colocando a mão nos lábios de D'Artagnan. - Silêncio e vá por onde veio!
- Mas onde e quando tornarei a vê-la? - perguntou D'Artagnan.
- Um bilhete que encontrará em casa lhe dirá. Vá, vá!

E ditas estas palavras a jovem abriu a porta do corredor e empurrou D'Artagnan para fora do gabinete. D'Artagnan obedeceu como uma criança, sem resistência e sem qualquer objeção, o que prova que estava realmente apaixonado.

O ENCONTRO

D'Artagnan voltou para casa correndo, e, embora fossem mais de três horas da madrugada e tivesse de atravessar os piores bairros de Paris, não teve nenhum mau encontro. Como se sabe, há um deus que protege os bêbados e os apaixonados.

Encontrou a porta do seu passadiço entreaberta, subiu a escada e bateu devagarinho e de forma convencionada entre ele e o seu laçao. Planchet, que mandara embora da Câmara Municipal duas horas antes, com a recomendação de esperá-lo, veio abrir-lhe a porta.

- Alguém trouxe uma carta para mim? - perguntou vivamente D'Artagnan.

- Ninguém trouxe nenhuma carta, senhor - respondeu Planchet. - Mas está aqui uma que veio sozinha.

- Que quer dizer, imbecil?

- Quero dizer que quando entrei, embora tivesse a chave da sua casa na algibeira e ela não me tivesse sido roubada, encontrei uma carta em cima do pano verde da mesa, no seu quarto de dormir.

- E onde está essa carta?

- Deixei-a onde estava, senhor. Não é natural que as cartas entrem assim em casa das pessoas. Se a janela estivesse aberta, ou mesmo apenas entreaberta, ainda compreenderia, mas não, estava tudo hermeticamente fechado. Tenha cuidado, senhor, pois há com toda certeza alguma magia nisso.

Entretanto, o jovem correrá para o quarto e abrirá a carta. Era da Sra Bonacieux e concebida nestes termos:

Tenho vivos agradecimentos a dar-lhe e a transmitir-lhe.
Encontre-se esta noite por volta das dez horas em Saint-Cloud,
em frente do pavilhão que se ergue à esquina da casa do Sr. de
Estries.

Ao ler esta carta, D'Artagnan sentiu o coração dilatar-se e
contrair-se nesse doce espasmo que tortura e acaricia o
coração dos amantes. Era o primeiro bilhete que recebia, era o
primeiro encontro que lhe era concedido. O seu coração,
intumescido pela embriaguez da alegria, sentia-se prestes a
desfalecer no limiar desse paraíso terrestre chamado amor.

- Então, senhor - disse Planchet, ao ver o amo corar e
empalidecer sucessivamente -, então? Não é verdade que
adivinhei e que se trata de qualquer coisa desagradável?
- Engana-se, Planchet - respondeu D'Artagnan -, e a prova
é que tem aqui um escudo para beber à minha saúde.
- Agradeço, senhor, o escudo que me dá e prometo seguir
exatamente as suas instruções, mas nem por isso é menos
verdade que as cartas que entram assim nas casas fechadas...
- Caem do céu, meu amigo, caem do céu.
- Então o senhor está contente? - perguntou Planchet.
- Meu caro Planchet, sou o mais feliz dos homens!
- E posso aproveitar a felicidade do senhor para ir me
deitar?

- Pode, sim.
- Que todas as bênçãos do Céu caiam sobre o senhor, mas a verdade é que essa carta...

E planchet retirou-se abanando a cabeça com ar de dúvida, um ar de dúvida que a liberalidade de D'Artagnan não conseguia apagar inteiramente.

Quando ficou só, D'Artagnan leu e releu o bilhete e depois beijou e tornou a beijar vinte vezes aquelas linhas traçadas pela mão da sua bela amada. Por fim deitou-se, adormeceu e teve sonhos dourados.

Às sete horas da manhã levantou-se e chamou Planchet, que ao segundo chamamento abriu a porta, com a cara ainda mal desanuviada das preocupações da véspera.

- Planchet - disse D'Artagnan -, estarei fora durante todo dia, está portanto livre até às sete horas da noite, mas às sete horas da noite esteja pronto com dois cavalos.
- Pronto, parece que vamos outra vez fazer com que nos furem a pele em vários lugares! - comentou Planchet.
- Não se esqueça do seu mosquetão e das suas pistolas.
- Que dizia eu? - tornou Planchet. - Eu tinha a certeza!
Maldita carta!
- Sossegue, imbecil! Trata-se simplesmente de um passeio.

- Sim, como as viagens de recreio do outro dia, em que choviam balas e não faltavam ciladas.
- Aliás, se está com medo, Sr. Planchet - acrescentou D'Artagnan -, irei sem você, prefiro viajar sozinho a ter um companheiro que treme.
- O senhor me insulta - respondeu Planchet. - No entanto, parece-me que já viu do que sou capaz.
- Claro que vi, mas achei que tivesse gastado toda a sua coragem de uma só vez.
- O senhor verá que chegada a ocasião ainda me resta alguma. Só lhe peço que não a esbanje demais se quer que me dure bastante tempo.
- Acha que poderá usar um pouquinho dela esta noite?
- Espero que sim.
- Nesse caso, conto com você.
- Estarei pronto à hora indicada, mas achava que o senhor só tinha um cavalo na cavalaria dos guardas.
- Neste momento talvez só tenha um, mas esta noite terei quatro.
- Até parece que a nossa viagem foi uma viagem de remonta.
- É verdade - concordou D'Artagnan.

E depois de fazer a Planchet uma última recomendação, saiu.

O Sr. Bonacieux estava à sua porta. A intenção de D'Artagnan era seguir o seu caminho sem falar com o digno retroseiro, mas este dirigiu-lhe um cumprimento tão afável e benévolo que o seu locatário não teve outro remédio senão retribuí-lo e conversar com ele.

Aliás, como não ser um pouco condescendente com o marido de uma mulher que nos concede um encontro na mesma noite em Saint-Cloud, defronte do pavilhão do Sr. de Estrées?

D'Artagnan aproximou-se portanto com o ar mais amável que pôde tomar.

A conversa derivou naturalmente para a prisão do pobre homem. O Sr. Bonacieux, que ignorava que D'Artagnan ouvira a sua conversa com o desconhecido de Meung, contou ao seu jovem inquilino as perseguições de que fora vítima por parte do monstro do Sr. de Laffemas, como não cessou de classificá-lo durante toda a sua narrativa, bem como de lhe chamar carrasco do cardeal. Além disso, espraçou-se longamente sobre a Bastilha, os ferrolhos, os postigos, os respiradouros, as grades e os instrumentos de tortura. D'Artagnan escutou-o com uma complacência exemplar e quando o outro terminou perguntou-lhe:

- E a Sra Bonacieux, já sabe quem a raptou? Porque não esqueço que devo a essa circunstância desagradável a honra de conhecê-lo.

- Oh, eles tomaram o cuidado de não me dizer, e pela sua parte a minha mulher jurou-me por todos os santos da corte do Céu que não sabia! - respondeu o Sr. Bonacieux. - Mas o senhor próprio - continuou num tom de perfeita bonomia - onde esteve durante todos estes dias? Não o vi, nem ao senhor nem aos seus amigos, e creio que não foi nas calçadas de Paris que acumulou toda a poeira que Planchet limpava ontem das suas botas.

- Tem razão, meu caro Sr. Bonacieux: os meus amigos e eu fizemos uma pequena viagem.

- Longe daqui?

- Oh, meu Deus, não! Apenas umas quarenta léguas, fomos levar o Sr.

Athos às águas de Forges, onde os meus amigos ficaram.

- Mas o senhor regressou, não é verdade? - observou o Sr. Bonacieux, dando à fisionomia o seu ar mais malicioso. - Um belo moço como é não obtém longas dispensas da amante, e esperavam-lhe impacientemente em Paris, não é assim?...

- Confesso que sim, tanto mais, meu caro Sr. Bonacieux, que verifico não se pode esconder-lhe nada - respondeu o jovem, rindo. - É verdade, esperavam-me com muita impaciência, garanto-lhe.

Uma leve nuvem passou pela testa de Bonacieux, mas foi tão leve que D'Artagnan nem deu por ela.

- E vai ser recompensado pela sua diligência? - continuou o retroseiro, com uma ligeira alteração na voz, alteração que D'Artagnan não notou mais do que notara a nuvem momentânea que momentos antes nublara o rosto do digno homem.

- Está muito curioso hoje! - observou D'Artagnan, rindo.

- Não - respondeu Bonacieux -, pergunto isto apenas para saber se regressará tarde.

- Porquê essa pergunta, meu caro senhorio? Pretende me esperar?

- Não. É que desde a minha prisão e do roubo cometido em minha casa, assusto-me todas as vezes que ouço abrir uma porta, sobretudo à noite. Afinal, não sou homem de espada!

- Seja como for, não se assuste se eu regressar à uma hora, às duas ou às três horas da madrugada; e também não se assuste se não regressar mesmo.

Desta vez, Bonacieux empalideceu tanto que D'Artagnan não pôde deixar de notar e de lhe perguntar o que tinha.

- Nada - respondeu Bonacieux -, nada. Desde as minhas desgraças sou sujeito a fraquezas que se apoderam de mim de repente e acabo de sentir um arrepio. Mas não se preocupe comigo, agora a sua única preocupação deve se limitar a ser feliz.

- Isso não me preocupa, pois realmente sou.
- Ainda não, lembrei-se de que disse “esta noite”...
- Oh, a noite chegará, graças a Deus! Talvez a espere com tanta impaciência como eu, talvez esta noite a Sra Bonacieux visite o domicílio conjugal...
- A Sra Bonacieux não está livre esta noite - respondeu gravemente o marido. - Está retida no Louvre pelo seu serviço.
- Tanto pior para o senhor, meu caro senhorio, tanto pior. Já que sou feliz, gostaria que todos fossem também, mas parece que não é possível.

E o jovem afastou-se rindo às gargalhadas do gracejo que só ele, pensava, podia compreender.

- Divirta-se! - exclamou Bonacieux em tom sepulcral. Mas D’Artagnan já ia muito longe para ouvir, e se o tivesse ouvido, no estado de espírito em que se encontrava, não teria certamente dado importância.

Dirigiu-se para o palácio do Sr. de Tréville, a sua visita da véspera fora, recorde-se, muito curta e muito pouco explicativa. Encontrou o Sr. de Tréville alegre como um passarinho. O rei e a rainha tinham sido amabilíssimos com ele no baile. É certo que o cardeal fora perfeitamente insuportável.

À uma hora da manhã retirara-se, a pretexto de estar indisposto. Quanto a Suas Majestades, só tinham regressado ao Louvre às seis horas da manhã.

- Agora - disse o Sr. de Tréville, baixando a voz e examinando com a vista todos os cantos do aposento para ver se não havia ali mais ninguém -, agora falemos de você, meu jovem amigo, porque é evidente que o seu feliz regresso contribuiu alguma coisa para a boa disposição do rei, para o triunfo da rainha e para a humilhação de Sua Eminência. Trata de se defender.

- Que tenho a temer enquanto tiver a ventura de fruir da proteção de Suas Majestades? - perguntou D'Artagnan.

- Tudo, acredite. O cardeal não é homem que esqueça uma mistificação

enquanto não ajustar contas com o mistificador, e o mistificador tem todo o ar de ser certo gascão que conheço.

- Parece-lhe que o cardeal esteja tão adiantado como o senhor e saiba que fui eu que fui a Londres?

- Diabo, foi a Londres! E foi de Londres que trouxe o belo diamante que brilha no seu dedo? Tome cuidado, meu caro D'Artagnan, não há nada pior do que o presente de um inimigo, existem até uns versos latinos a tal respeito... Espere...

- Sim, decerto - respondeu D'Artagnan, que nunca conseguira meter na cabeça a primeira regra do rudimento e que, por ignorância, fora o desespero do seu preceptor. - Sim, decerto, devem existir.

- Há pelo menos um, com certeza - insistia o Sr. de Tréville, que tinha umas luzes de letras -, que o Sr. de Benserade me citava outro dia... Espere... Ah, já me lembro! É assim:... timeo Danaos et dona férentes. O que significa: “Desconfie do inimigo que lhe dá presentes.”

- Este diamante não me foi dado por um inimigo, senhor - esclareceu D’Artagnan -, foi dado pela rainha.

- Pela rainha? Oh, oh! - exclamou o Sr. de Tréville. - Efetivamente, é uma verdadeira jóia real, que vale bem mil pistolas. Por que motivo a rainha mandou lhe dar esse presente?

- Ela mesma me deu.

-Sim?...

- No gabinete contíguo àquele onde mudou de roupa.

- E como?

- Dando-me a mão a beijar.

- Beijou a mão da rainha?! - exclamou o Sr. de Tréville, fitando D’Artagnan.

- Sua Majestade deu-me a honra de me conceder essa graça.

- E na presença de testemunhas? Imprudente, três vezes imprudente!

- Não, senhor, fique tranquilo, ninguém a viu - respondeu D'Artagnan. E contou ao Sr. de Tréville como as coisas tinham se passado.
- Oh, as mulheres, as mulheres! - exclamou o velho soldado.
- Conheço bem a sua imaginação romântica, tudo o que cheira a mistério as encanta. Portanto, viu o braço e mais nada, se encontrasse a rainha não a reconheceria, e se ela o encontrasse também não o reconheceria.
- Não, mas graças a este diamante... - insinuou o jovem.
- Escute - atalhou o Sr. de Tréville. - Quer que lhe dê um conselho, um bom conselho, um conselho de amigo?
- Seria uma honra para mim, senhor - respondeu D'Artagnan.
- Então, entre no primeiro ourives que encontrar e venda-lhe esse diamante pela importância que lhe oferecer. Por muito judeu que seja, obterá pelo menos oitocentas pistolas. As pistolas não têm nome, meu rapaz, e esse anel tem um, terrível, que pode atrair quem o usa.
- Vender este anel? Um anel que me deu a minha soberana? Nunca! - exclamou D'Artagnan.
- Nesse caso vire a pedra para dentro, pobre louco, pois todos sabem que um filho segundo da Gasconha não encontra semelhantes jóias no escrínio da mãe.

- Acha de fato que tenho alguma coisa a temer? – perguntou D’Artagnan.

- Em outras palavras, meu rapaz, comparado à você, aquele que dormir sobre uma mina com o rastilho aceso tem motivos para se considerar mais seguro.

- Demônio! - exclamou D’Artagnan, a quem o tom convincente do Sr. de Tréville começava a abalar. - Demônio, que devo fazer?

- Estar de pé atrás, sempre e antes de mais nada. O cardeal tem a memória tenaz e a mão comprida, acredite em mim, lhe pregará qualquer partida.

- Mas qual?

- Sei lá! Não tem ao seu serviço todas as astúcias do Demônio? O mínimo que lhe pode acontecer é que o prendam.

- Como? Ousariam prender um homem ao serviço de Sua Majestade?

- Com a breca, nem se importaram de prender Athos! Mas seja como for, meu rapaz, acredite num homem que vive na corte há trinta anos, não adormeça confiado na sua segurança ou estará perdido. Muito pelo contrário, e sou eu quem o digo, veja inimigos por toda parte. Se lhe provocarem, não se dê por achado, ainda que a provocação provenha de uma criança de dez anos, se o atacarem, de noite ou de dia, bata em retirada e

sem vergonha, se atravessar uma ponte, tateie as pranchas, para que não falte alguma debaixo dos seus pés, se passar diante de um prédio em construção, olhe para o alto, para que não aconteça de alguma pedra lhe cair em cima, se recolher tarde, esteja acompanhado pelo seu laçao, e que o seu laçao esteja armado, isto se tiver confiança no laçao... Desconfie de todos, do amigo, do irmão, da amante... sobretudo da amante.

D'Artagnan corou.

- Da minha amante - repetiu maquinalmente. - E porquê mais dela do que de outro?

- Porque a amante é um dos meios favoritos do cardeal, e de fato não há outro melhor, uma mulher nos vende por dez pistolas, como o prova Dalila. Conhece as Escrituras, não é verdade?

D'Artagnan lembrou-se do encontro que lhe marcara a Sra Bonacieux para aquela mesma noite, mas devemos dizer, em louvor do nosso herói, que a má opinião que o Sr. de Tréville tinha das mulheres em geral não lhe inspirou a mais pequena desconfiança contra a sua bonita senhoria.

- Mas a propósito, que aconteceu aos seus três companheiros? - perguntou o Sr. de Tréville.

- Ia perguntar se o senhor não tinha recebido notícias deles.

- Nenhuma.

- É que fui deixando-os pelo caminho: Porthos em Chantilly, as voltas com um duelo, Aramis em Crèvecoeur, com uma bala no ombro, e Athos em Amiens, com uma acusação de moedeiro falso às costas.
- Viu? - observou o Sr. de Tréville. - E você, como conseguiu escapar?
- Por milagre, senhor, devo confessar, com uma estocada no peito e deixando espetado o Sr. Conde de Wardes nas imediações da estrada de Calais, como uma borboleta numa tapeçaria.
- Viu?, viu? - insistiu o Sr. de Tréville. - Wardes, um homem do cardeal, um primo de Rochefort. Olhe, meu caro amigo, tenho uma idéia.
- Digai, senhor.
- No seu lugar faria uma coisa.
- Qual?
- Enquanto Sua Eminência mandava me procurar em Paris, eu calado, tomaria a estrada da Picardia e ia saber notícias dos meus três companheiros. Que diabo, eles merecem bem essa pequena atenção da sua parte!
- O conselho é bom, senhor, e partirei amanhã.
- Amanhã! E por que não esta noite?

- Esta noite, senhor, estou retido em Paris por via de um assunto inadiável.
- Ah, rapaz, rapaz!... Alguma romance? Tenha cuidado, repito, a mulher é que nos perdeu e há-de ser ela que voltará a nos perder. Acredite em mim, parta esta noite.
- Impossível, senhor!
- Deu a sua palavra?
- Dei, senhor.
- Então é diferente, mas prometa-me que se não for morto esta noite partirá amanhã.
- Prometo.
- Precisa de dinheiro?
- Ainda tenho cinquenta pistolas. Creio não precisar de mais.
- E os seus companheiros?
- Penso que também não precisarão. Saímos de Paris levando cada um setenta e cinco pistolas na algibeira.
- Eu o verei antes da sua partida?
- Não, ao que penso, senhor, a menos que haja alguma novidade.
- Então, boa viagem!
- Obrigado, senhor.

E D'Artagnan despediu-se do Sr. de Tréville, impressionado como nunca pela sua solicitude tão paternal para com os seus mosqueteiros.

Passou sucessivamente pela casa de Athos, de Porthos e de Aramis, nenhum deles regressara. Os seus lacaios também estavam ausentes e ninguém tinha notícias nem de uns nem de outros.

Teria se informado junto das suas amantes, mas não conhecia nem a de Porthos, nem a de Aramis, quanto a Athos, não tinha.

Ao passar diante do aquartelamento das Guardas deu uma olhadela à cavaliariça, dos quatro cavalos, três já tinham chegado. Planchet, muito admirado, estava limpando-os e já despachara dois deles.

- Ah, senhor, que prazer em vê-lo! - exclamou Planchet ao ver D'Artagnan.

- Porquê, Planchet? - perguntou o jovem.

- Confia no Sr. Bonacieux, nosso senhorio?

- Eu? Absolutamente nada.

- E faz muito bem, senhor.

- Mas por que essa conversa?

- Enquanto conversava com ele, eu os observava sem os escutar; senhor, a cara dele mudou duas ou três vezes de cor.

-Orá!...

- O senhor não notou isso porque estava preocupado com a carta que acabara de receber, mas eu, pelo contrário, a quem a forma estranha como a carta fora parar lá pusera de sobreaviso, não perdi uma expressão da sua

fisionomia.

- E que achou?...

- Traíçoeira, senhor.

- Realmente?

- Além disso, assim que o senhor o deixou e desapareceu à esquina da rua, o Sr. Bonacieux pegou o chapéu, fechou a porta e correu pela rua oposta.

- Com efeito, tem razão, Planchet, tudo isso me parece muito suspeito, e pode ficar tranquilo que não lhe pagaremos o aluguel enquanto a coisa não nos for categoricamente explicada.

- O senhor brinca, mas verá...

- Que quer, Planchet, o que tem de acontecer está escrito!

- O senhor não desiste portanto do seu passeio desta noite?

- Muito pelo contrário, Planchet, quantos mais motivos tenho para desconfiar do Sr. Bonacieux, mais acho que devo ir ao encontro que me marcaram nessa carta que tanto o preocupa.

- Então, se é essa a resolução do senhor...
- Inabalável meu amigo. Portanto, às nove horas esteja por aqui, virei buscá-lo.

Vendo que não havia nenhuma esperança de levar o amo a renunciar ao seu projeto, Planchet soltou um profundo suspiro e pôs-se a escovar o terceiro cavalo.

Quanto a D'Artagnan, como no fundo era um rapaz cheio de prudência, em vez de ir para casa, foi almoçar com o padre gascão que num momento de penúria dos quatro amigos lhes oferecera um pequeno-almoço de chocolate.

O PAVILHÃO

Às nove horas, D'Artagnan estava no quartelamento das Guardas, encontrou Planchet armado e equipado. O quarto cavalo chegara. Planchet estava armado com o seu mosquetão e uma pistola.

D'Artagnan tinha a sua espada, mas meteu duas pistolas no cinturão, depois, montaram a cavalo e saíram sem ruído. Era noite fechada e ninguém os viu sair. Planchet colocou-se atrás do amo e cavalgou a dez passos de distância.

D'Artagnan atravessou o cais, saiu pela Porta da Conferência e seguiu então o caminho, bem mais belo naquela época do que hoje, que levava a Saint-Cloud.

Enquanto estiveram na cidade, Planchet guardou respeitosamente a distância que se impusera, mas assim que o caminho começou a tornar-se mais deserto e escuro, aproximou-se devagarinho. Deste modo, quando entrou no bosque de Bolonha encontrou-se muito naturalmente a cavalgar ao lado do amo. Com efeito, não devemos ignorar que a oscilação das grandes árvores e o reflexo do luar nas matas sombrias lhe causava viva inquietação. D'Artagnan adivinhou que se passava com o laçai algo extraordinário e perguntou-lhe:

- Então, Sr. Planchet, o que você tem?
- Não lhe parece, senhor, que os bosques são como as igrejas?
- Porquê, Planchet?
- Porque nem em umas nem em outros as pessoas ousam falar alto.
- Por que não ousa falar alto, Planchet, porque tem medo?
- Sim, tenho medo de ser ouvido, senhor.

- Medo de ser ouvido! Mas a nossa conversa não tem nada de imoral, meu caro Planchet, e ninguém encontraria motivo para nos criticar.

- Ah, senhor - respondeu Planchet, voltando à sua idéia fixa -, garanto que o Sr. Bonacieux tem qualquer coisa de dissimulado nos olhos e de desagradável na forma como mexe os lábios!

- Por que diabo pensa em Bonacieux?

- Senhor, as pessoas pensam no que podem e não no que querem.

- Você é um poltrão, Planchet!

- Senhor, não confundamos a prudência com a poltronice, a prudência é uma virtude.

- E você é virtuoso, não é verdade, Planchet?

- Senhor, não é o cano de um mosquete que brilha ali adiante? Devíamos baixar a cabeça.

- Na verdade - murmurou D'Artagnan, a quem as recomendações do Sr. de Tréville acudiam à memória -, na verdade, este animal acabará por me meter medo...

Pôs o cavalo a trote. Planchet seguiu o movimento do amo exatamente como se fosse a sua sombra e encontrou-se a trotar perto dele.

- Vamos cavalgar assim toda a noite, senhor? - perguntou.

- Não, Planchet, porque você chegou.
- Cheguei como? E o senhor?
- Eu tenho de dar ainda mais uns passos.
- E o senhor me deixa aqui sozinho?
- Está com medo, Planchet?
- Não, mas quero apenas observar ao senhor que a noite será muito fria, que os resfriamentos provocam reumatismos e que um laçao com reumatismo é um pobre servidor, sobretudo para um amo ativo como o senhor.
- Bom, se tiver frio, Planchet, entre num daqueles botequins que vê lá adiante e espere-me amanhã de manhã, às seis horas, em frente da porta.
- Senhor, bebi e comi respeitosamente o escudo que me deu esta manhã, de modo que não me resta nem um mísero soldo para o caso de ter frio.
- Aqui está uma pistola. Até amanhã.

D'Artagnan desceu do cavalo, atirou as rédeas para o braço de Planchet e afastou-se rapidamente, envolto na sua capa.

- Meu Deus, estou cheio de frio! - exclamou Planchet assim que perdeu o amo de vista e com a pressa que tinha de se aquecer apressou-se a ir bater à porta de uma casa com todos os atributos próprios de um botequim dos subúrbios.
- Entretanto, D'Artagnan, que metera por um atalho, continuava

o seu caminho e alcançava Saint-Claud. Mas em vez de seguir pela rua principal, virou por trás do palácio, foi sair em uma espécie de ruela bastante afastada e em breve se encontrou diante do pavilhão indicado, situado num ponto absolutamente deserto. Um grande muro, à esquina do qual ficava o pavilhão, ocupava um lado da ruela, e do outro uma sebe defendia dos transeuntes um jardimzinho ao fundo do qual se erguia uma modesta cabana.

Chegara ao ponto do encontro, e como não tinham lhe dito que anunciasse a sua presença por meio de algum sinal, esperou.

Não se ouvia nenhum ruído, parecia estar-se a cem léguas da capital. D'Artagnan encostou-se à sebe, depois de olhar para trás de si. Para lá da sebe, do jardim e da cabana, um nevoeiro denso envolvia a imensidão onde dormia Paris, vazia, hiante, imensidão onde brilhavam alguns pontos luminosos, estrelas fúnebres daquele inferno.

Mas para D'Artagnan todos os aspectos se revestiam de uma forma agradável, todas as idéias tinham um sorriso, todas as trevas eram diáfanas. A hora do encontro ia soar.

Com efeito, passados alguns instantes a torre sineira de Saint-Cloud deixou cair lentamente dez badaladas da sua bocarra mugidora. Havia qualquer coisa de lúgubre naquela voz de bronze que se lamentava assim no meio da noite.

Mas cada uma das horas que compunham a hora esperada vibrava harmoniosamente no coração do jovem.

Tinha os olhos fixos no pavilhãozinho situado à esquina da rua, com todas as janelas fechadas por persianas, excepto uma só, no primeiro andar. Através dessa janela brilhava uma luz suave que prateava a folhagem trêmula de duas ou três tílias que se erguiam, formando grupo, fora do parque. Evidentemente, atrás daquela janelinha tão graciosamente iluminada esperava-o a bonita Sra Bonacieux.

Embalado por esta terna idéia, D'Artagnan esperou cerca de meia hora, sem qualquer impaciência, de olhos postos no encantador pavilhão, que distinguia parte do teto de molduras douradas, que atestavam a elegância do resto do aposento.

Os sinos de Saint-Cloud deram dez e meia.

Desta vez, sem que D'Artagnan compreendesse porquê, percorreu-lhe as veias um arrepio. Talvez o frio começasse a invadi-lo e tomasse por impressão moral uma sensação exclusivamente física. Depois acudiu-lhe a idéia de que talvez tivesse lido mal e o encontro fosse para as onze horas.

Aproximou-se da janela, colocou-se debaixo de um raio de luz, tirou a carta da algibeira e releu-a. Não se enganara: o encontro era, de fato, às dez horas.

Voltou para o seu posto, começava a ficar inquieto com aquele silêncio e aquela solidão.

Soaram onze horas.

D'Artagnan começou a temer que tivesse realmente acontecido alguma coisa à Sra Bonacieux.

Bateu três vezes as mãos, sinal habitual dos apaixonados, mas ninguém lhe respondeu, nem mesmo o eco. Pensou então com certo despeito que talvez a jovem tivesse adormecido enquanto o esperava.

Aproximou-se do muro e tentou subi-lo, mas o muro estava rebocado de novo e D'Artagnan partiu inutilmente as unhas.

Reparou então nas árvores, cujas folhas continuavam a ser prateadas pela luz, e como uma delas se apresentava saliente em relação ao caminho pensou que do meio dos seus ramos o seu olhar poderia penetrar no pavilhão.

A árvore era fácil de trepar. De resto, D'Artagnan contava apenas vinte anos e por consequência lembrava-se dos seus tempos de escola. Num instante

encontrou-se no meio dos ramos e através dos vidros transparentes os seus olhos mergulharam no interior do pavilhão.

Coisa estranha e que fez tremer D'Artagnan da planta dos pés à raiz dos cabelos: aquela luz suave, aquela calma lamparina, iluminava uma cena de desordem espantosa.

Um dos vidros da janela estava partido, a porta da sala fora arrombada e pendia dos gonzos, uma mesa que devia ter estado posta para uma ceia elegante jazia por terra, as garrafas estilhaçadas e os frutos esmagados juncavam o pavimento, tudo testemunhava naquela sala uma luta violenta e desesperada. D'Artagnan julgou mesmo reconhecer no meio daquela desordem estranha pedaços de roupas e algumas manchas de sangue na toalha e nos cortinados.

Apressou-se a descer para a rua, com o coração pulsando horrivelmente, queria ver se não encontraria outros vestígios de violência.

A luzinha suave continuava a brilhar na noite calma. D'Artagnan verificou então, coisa que não notara a princípio, porque nada o impelira a esse exame, que o solo, batido e esburacado em alguns lugares, apresentava vestígios confusos de passos de homens e de patas de cavalos. Além disso, as rodas de uma carruagem que parecia ter vindo de Paris tinham deixado na terra mole sulcos profundos que não iam além do pavilhão e voltavam para Paris.

Por fim, D'Artagnan, prosseguindo nas suas buscas, encontrou junto do muro uma luva de mulher rasgada. Contudo essa luva, em todos os lugares onde não tocara na terra lamacenta, estava impecável. Era uma dessas luvas perfumadas que os apaixonados gostam de arrancar de uma bonita mão.

À medida que prosseguia as suas investigações, D'Artagnan sentia um suor mais abundante e gelado brotar-lhe na testa, o coração apertar-se de horrível angústia e a respiração tornar-se arquejante e entretanto dizia para consigo, a fim de se tranquilizar, que aquele pavilhão talvez não tivesse nada em comum com a Sra Bonacieux; que a jovem lhe marcara encontro diante do pavilhão e não no pavilhão, que podia ter sido retida em Paris pelo seu serviço, talvez pelo ciúme do marido.

Mas todos estes raciocínios caíam pela base ou eram destruídos, derrubados, por essa sensação de dor íntima que em certas ocasiões se apodera de todo o nosso ser e nos grita, através de tudo que em nós está destinado a ouvir, que uma grande desgraça paira sobre nós.

Então, D'Artagnan tornou-se quase insensato, correu para a estrada, percorreu o mesmo caminho que já percorrera, dirigiu-se para a barca e interrogou o barqueiro.

Por volta das sete horas da noite o barqueiro atravessara uma mulher envolta em uma capa preta, que parecia ter o maior interesse em não ser reconhecida, mas precisamente devido às precauções que tomava o barqueiro prestara-lhe mais atenção e verificara que a mulher era nova e bonita.

Havia então, como ainda hoje há, muitas mulheres jovens e bonitas que vinham a Saint-Cloud e tinham interesse em não

ser vistas, contudo, D'Artagnan não duvidou um instante que fosse a Sra Bonacieux aquela em que reparara o barqueiro.

D'Artagnan aproveitou a lanterna acesa na cabana do barqueiro para reler mais uma vez o bilhete da Sra Bonacieux e assegurar-se de que não se enganara,

que o encontro era de fato em Saint-Cloud e não em outro lugar, diante do pavilhão do Sr. de Estrées e não em outra rua.

Tudo concorria para provar a D'Artagnan que os seus pressentimentos eram certos e que acontecera uma grande desgraça.

Voltou pelo caminho do palácio correndo, talvez durante a sua ausência tivesse acontecido algo de novo no pavilhão e o esperassem lá informações.

A ruela continuava deserta e a mesma luz calma e suave saía pela janela.

D'Artagnan pensou então na cabana cega e muda, mas que sem dúvida vira e talvez pudesse falar.

A cancela estava fechada, mas ele saltou por cima da sebe e apesar dos ladridos do cão acorrentado aproximou-se da cabana.

Às primeiras pancadas que bateu ninguém respondeu.

Um silêncio de morte reinava na cabana, tal como no pavilhão, no entanto, como a cabana era o seu último recurso, insistiu. Em breve lhe pareceu ouvir um ligeiro ruído interior, ruído receoso, que parecia temer ele próprio ser ouvido.

Então, D'Artagnan cessou de bater e pediu, em um tom tão cheio de inquietação e promessas, de terror e cortesia, que pareceria capaz de tranquilizar o mais medroso. Por fim abriu-se um velho postigo carcomido, ou antes entreabriu-se e voltou a fechar-se assim que a luz de uma candeia miserável que ardia a um canto iluminou o boldrié, o punho da espada e as coronhas das pistolas de D'Artagnan. No entanto, por muito rápido que tivesse sido o movimento, D'Artagnan tivera tempo de entrever a cabeça de um velho.

- Em nome do Céu, escute-me! - suplicou. - Esperava alguém que não vem e morro de inquietação. Terá lhe acontecido algum mal nas imediações? Fale.

A janela tornou a abrir-se lentamente e apareceu de novo a mesma cara, só que estava ainda mais pálida do que da primeira vez.

D'Artagnan contou ingenuamente a sua história, embora omitindo os nomes. Disse que tinha um encontro marcado com uma jovem diante do pavilhão e que, não a vendo chegar, trepara pela tília e à luz da lamparina vira a desordem da sala. O velho escutou-o atentamente, acenando em sinal de

concordância; depois, quando D'Artagnan terminou, abanou a cabeça com um ar que não anunciava nada de bom.

- Que quer dizer? - perguntou D'Artagnan. - Em nome do Céu, explique!

- Não me pergunte nada, senhor - respondeu o velho. - Porque se lhe dissesse o que vi, com toda certeza não me aconteceria nada de bom.

- Viu portanto qualquer coisa? - insistiu D'Artagnan. - Nesse caso, por Deus

- continuou, dando-lhe uma pistola -, diga, digai o que vie e dou-lhe a minha palavra de gentil-homem que nem uma das suas palavras me sairá da boca.

O velho leu tanta franqueza e dor no rosto de D'Artagnan que lhe fez sinal para escutar e lhe disse em voz baixa:

- Eram mais ou menos nove horas. Ouvira barulho na rua, tive curiosidade de saber o que seria, mas quando me aproximei da porta verifiquei que procuravam entrar. Como sou pobre e não tenho medo que me roubem, abri e vi três homens a poucos passos de mim. No escuro estava uma carruagem com cavalos atrelados e cavalos de montar. Os cavalos de montar pertenciam evidentemente aos três homens, que estavam vestidos de cavaleiros.

“- Que desejais, meus bons senhores?” - perguntei.

“Tem uma escada?”, perguntou-me o que parecia o chefe da escolta. “Tenho, sim, senhor; aquela com que apanho a fruta.”

“Nos dê a escada e volte para casa. Aqui tem um escudo pelo incômodo que causamos. Lembre-se apenas de que, se disser uma palavra a respeito do que vai ver e ouvir (porque verá e escutará, tenho certeza, por mais que te ameacemos), estará perdido.”

- Depois destas palavras, atirou-me um escudo, que apanhei, e levou-me a escada. Efetivamente, depois de fechar a porta da sebe atrás deles, fingi entrar em casa, mas saí imediatamente pelos fundos e, deslizando no escuro, alcancei aquele tufo de sabugueiro, do meio do qual podia ver tudo sem ser visto. Os três homens tinham feito avançar a carruagem sem nenhum ruído e dela tiraram um homenzinho gordo, baixo e grisalho, pobrementemente vestido de escuro, o qual subiu com precaução a escada, olhou sorrateiramente para dentro da sala, desceu com pezinhos de lã e informou em voz baixa:

“- É ela!”

“Imediatamente aquele que falara comigo se aproximou da porta do pavilhão, abriu-a com uma chave que trazia consigo, fechou a porta e desapareceu, ao mesmo tempo, os outros dois homens subiram a escada. O velho baixinho permanecia à portinhola, o cocheiro mantinha preparados os cavalos da carruagem e um laçao os cavalos de sela.

“De súbito, soaram grandes gritos no pavilhão, uma mulher correu para a janela e abriu-a como que para se atirar dela abaixo. Mas assim que viu os dois homens recuou e eles entraram na sala atrás dela. Então não vi mais nada, mas ouvi o barulho dos móveis partindo-se. A mulher gritava e pedia socorro, mas os seus gritos não tardaram a ser abafados. Os três homens aproximaram-se da janela com a mulher nos braços, dois desceram pela escada e transportaram-na para a carruagem, onde o velho baixinho entrou atrás dela. O que ficara no pavilhão fechou a janela, saiu pouco depois pela porta e assegurou-se de que a mulher estava na carruagem. Os seus companheiros esperavam-no a cavalo e ele saltou também para a sela, o lacaios reocupou o seu lugar perto do cocheiro, a carruagem afastou-se a galope, escoltada pelos três cavaleiros, e tudo acabou. A partir daí não vi nem ouvi mais nada.

Esmagado por tão terrível notícia, D’Artagnan ficou imóvel e mudo, enquanto todos os demônios da cólera e do ciúme bramiam no seu coração.

- Então, gentil-homem - procurou animá-lo o velho, em quem aquele desespero mudo causava decerto mais efeito do que gritos e lágrimas -, então, não se desole, eles não a mataram e isso é o essencial.

- Sabe mais ou menos quem era o homem que comandava essa expedição infernal? - perguntou D’Artagnan.

- Não o conheço.
- Mas como lhe falou pode vê-lo...
- Ah! São os seus sinais o que me pede?
- Sim.
- Alto, magro, moreno, bigode e olhos pretos, ar de gentil-homem.
- Exato! - exclamou D'Artagnan. - Outra vez ele, sempre ele! É o meu demônio, ao que parece! E o outro?
- Qual?

- O baixinho.
- Oh, esse não era nenhum fidalgo, garanto-lhe! Aliás, não trazia espada e os outros tratavam-no sem nenhuma consideração.
- Algum lacaio - murmurou D'Artagnan. - Pobre mulher! Pobre mulher, que te terão feito?
- Prometeu-me segredo - lembrou o velho.
- E renovo a promessa. Fique tranquilo, sou um gentil-homem e um gentil-homem só tem uma palavra e eu dei-lhe a minha.

D'Artagnan retomou, abatido, o caminho da barca. Tão depressa não podia crer que fosse a Sra Bonacieux e esperava encontrá-la no Louvre no dia seguinte, como temia que ela

tivesse tido um namorico com qualquer outro e que um despeitado a tivesse surpreendido e mandado raptar. Hesitava, desolava-se, desesperava.

“Oh, se tivesse aqui os meus amigos, teria ao menos alguma esperança de encontrá-la! Mas quem sabe o que aconteceu a eles próprios?”, dizia para si mesmo.

Era cerca da meia-noite, era preciso encontrar Planchet. D’Artagnan fez com que lhe abrissem sucessivamente todos os botequins em que divisou alguma luz, nos primeiros não encontrou Planchet.

No sexto, começou a pensar que a busca era de resultado problemático. D’Artagnan marcara encontro com o laçaiio apenas às seis da manhã e para onde quer que tivesse ido Planchet estava no seu direito.

Além disso, assaltou-o a idéia de que permanecendo nas imediações do local onde o acontecimento se dera talvez obtivesse algum esclarecimento acerca do misterioso rapto. Portanto, no sexto botequim, como dissemos, D’Artagnan deteve-se, pediu uma garrafa de vinho de primeira qualidade, encostou-se ao canto mais escuro e decidiu-se a esperar assim que amanhecesse. Mas mais uma vez a sua esperança foi lograda, pois embora escutasse atentamente não ouviu, no meio das pragas, das brincadeiras e das obscenidades que trocavam entre si os operários, os laçaiios e os carreiros que constituíam a respeitável sociedade de que fazia parte, nada

que pudesse colocá-lo na pista da pobre mulher raptada. Teve pois, uma vez bebida a garrafa, por não ter mais nada que fazer e para não despertar suspeitas, de procurar no seu canto a posição mais satisfatória possível e de dormir de qualquer maneira. Mas D'Artagnan tinha, não o esqueçamos, vinte anos, e nessa idade o sono tem direitos imprescindíveis que reclama imperiosamente, mesmo dos corações mais desesperados.

Por volta das seis da manhã, D'Artagnan acordou com esse mal-estar que acompanha habitualmente o amanhecer depois de uma noite mal dormida. Não perdeu tempo com abluções, apalpou-se para saber se não teriam aproveitado o seu sono para roubá-lo, e tendo encontrado o seu diamante no dedo, a sua bolsa na algibeira e as suas pistolas à cintura, levantou-se, pagou a sua garrafa e saiu para ver se teria mais sorte na procura do criado de manhã do que de noite. Com efeito, a primeira coisa que distinguiu através do nevoeiro úmido e acinzentado foi o honesto Planchet que, com os dois cavalos pela mão, o esperava à porta de uma taberna miserável, diante da qual D'Artagnan passara sem sequer suspeitar da sua existência.

PORTHOS

Em vez de se dirigir diretamente para casa, D'Artagnan desmontou à porta do Sr. de Tréville e subiu rapidamente a

escada. Desta vez estava disposto a contar-lhe tudo o que acontecera. Ele lhe daria sem dúvida bons conselhos a respeito de todo aquele caso e depois, como o Sr. de Tréville via quase diariamente a rainha, talvez pudesse obter de Sua Majestade alguma informação acerca da pobre mulher a quem decerto faziam pagar a sua dedicação à ama.

O Sr. de Tréville escutou o relato do jovem com uma gravidade que provava ver outra coisa em toda aquela aventura que não uma intriga amorosa. Por isso, quando D'Artagnan acabou resmungou:

- Hum, tudo isso me cheira à Sua Eminência!...
- Mas que fazer? - perguntou D'Artagnan.
- Nada, absolutamente nada, neste momento, a não ser deixar Paris, como já lhe disse, o mais depressa possível. Falarei com a rainha e lhe contarei os pormenores do desaparecimento dessa pobre mulher, que ela ignora sem dúvida, esses pormenores a orientarão pelo seu lado e no seu regresso talvez eu tenha alguma boa notícia para dar. Confie em mim.

D'Artagnan sabia que, apesar de gascão, o Sr. de Tréville não tinha o hábito de prometer, e que quando prometia fazia mais do que prometera. Despediu-se portanto cheio de reconhecimento pelo passado e pelo futuro, e o digno capitão, que pela sua parte experimentava vivo interesse por aquele jovem tão bravo e resoluto, apertou-lhe afetuosamente a mão e desejou-lhe boa viagem.

Decidido a pôr imediatamente em prática os conselhos do Sr. de Tréville, D'Artagnan encaminhou-se para a Rua dos Fossoyeurs, para mandar preparar a sua bagagem. Ao aproximar-se de casa, reconheceu o Sr. Bonacieux, de roupão, no limiar da sua porta. Tudo o que lhe dissera na véspera o prudente Planchet a respeito do carácter sinistro do senhorio acudiu então ao espírito de D'Artagnan, que o olhou mais atentamente do que até ali. Com efeito, além da sua palidez macilenta e doentia que indicava a infiltração da bÍlis no sangue e que de resto poderia ser apenas accidental, D'Artagnan notou qualquer coisa velhacamente pérfida no aspecto das rugas do seu rosto. Um tratante não ri da mesma maneira que um homem honesto, um hipócrita não chora as mesmas lágrimas que um homem de boa fé. Toda a falsidade é uma máscara, e por muito bem feita que seja essa máscara consegue-se sempre, com um pouco de atenção, distingui-la do rosto.

Pareceu portanto a D'Artagnan que o Sr. Bonacieux trazia uma máscara e até que essa máscara era das mais desagradáveis à vista. Consequentemente, dominado pela repugnância que experimentava pelo homem, ia a passar por ele sem lhe falar quando, como na véspera, o Sr. Bonacieux o interpelou.

- Então, então, parece que tivemos grandes noitadas, hem?... Sete horas da manhã! Parece-me que se desvia um tanto dos hábitos comuns e que entra em casa na hora em que os outros saem.

- Ninguém lhe farão a mesma censura, mestre Bonacieux, o senhor é o modelo das pessoas ordenadas. É certo que quando se possui uma jovem e bonita mulher não há necessidade de correr atrás da felicidade, é a felicidade que

vem ao nosso encontro. Não é verdade, Sr. Bonacieux?

Bonacieux tornou-se pálido como a morte e esboçou um sorriso amarelo.

Mas foi dizendo:

- Oh, oh, você é um camarada brincalhão! Mas por onde diabo andou esta noite, meu jovem amo? Parece que se metestes por atalhos...

D'Artagnan olhou para as botas, todas cobertas de lama, mas ao mesmo tempo olhou para os sapatos e para as meias do retroseiro, que pareciam terem andado pelo mesmo lamaçal, pois os dois estavam cobertos de manchas absolutamente idênticas.

Então, uma idéia súbita atravessou o espírito de D'Artagnan, o homenzinho gordo, baixo e grisalho, aquela espécie de lacão vestido de escuro, tratado sem consideração pelos espadachins que constituíam a escolta, era o próprio Bonacieux.

O marido presidira ao rapto da mulher.

Apoderou-se de D'Artagnan uma terrível vontade de saltar à garganta do retroseiro e estrangulá-lo, mas como já dissemos,

era um rapaz muito prudente e conteve-se. No entanto, a modificação que se operara no seu rosto era tão visível que Bonacieux assustou-se e tentou recuar um passo. Mas encontrava-se precisamente diante do batente da porta que estava fechado e o obstáculo com que se deparou o obrigou a conservar-se no mesmo lugar.

- Você é brincalhão, meu excelente amigo - respondeu D'Artagnan. - Porque se as minhas botas estão sujas, as suas meias e os seus sapatos não estão menos. Andou às pegadas, mestre Bonacieux? Diabo, isso seria imperdoável a um homem da sua idade e que ainda por cima tem uma mulher nova e bonita como a sua!

- Meu Deus, não! - protestou Bonacieux. - É que ontem fui a Saint-Mandé tirar informações acerca de uma criada sem a qual não posso de modo nenhum passar, e como os caminhos estavam ruins apanhei toda esta lama que ainda não tive tempo de limpar.

A localidade que Bonacieux indicava como sendo aquela onde estivera foi uma nova prova em apoio das suspeitas concebidas por D'Artagnan. Bonacieux dissera Saint-Mandé porque Saint-Mandé ficava em direção diametralmente oposta a Saint-Cloud. Esta probabilidade foi o seu primeiro consolo. Se Bonacieux soubesse onde estava a mulher, seria sempre possível, empregando meios extremos, obrigar o retroseiro a abrir a boca e revelar o seu segredo. Tratava-se apenas de transformar tal probabilidade em certeza.

- Desculpe, meu caro Sr. Bonacieux, se fui indelicado - disse D'Artagnan. - Mas nada me irrita mais do que não dormir e além disso tenho uma sede dos diabos. Permita-me tomar um copo de água em sua casa, como sabe, é coisa que não se recusa entre vizinhos.

E sem esperar autorização do senhorio, D'Artagnan entrou rapidamente na casa e olhou rapidamente para a cama. A cama não estava desfeita. Bonacieux não se deitara.

Regressara havia apenas uma ou duas horas, acompanhara a mulher até ao local para onde a tinham levado ou pelo menos até à primeira muda.

- Obrigado, mestre Bonacieux - disse D'Artagnan, despejando o copo. - Era tudo o que queria do senhor. Agora vou para casa, para que Planchet me escove

as botas, e quando ele acabar eu o mandarei, se quiser, para limpar os seus sapatos.

E deixou o retroseiro embasbacadíssimo com tão singular despedida e perguntando a si mesmo se não se teria metido ele próprio na boca do lobo.

D'Artagnan encontrou Planchet ao cimo da escada, muito agitado.

- Ah, senhor - exclamou Planchet assim que viu o amo -, temos novidade e estava ansioso que chegasse!

- Porquê? Que aconteceu? - perguntou D'Artagnan.
- Oh, daria um doce, senhor, se adivinhasse a visita que recebi na sua ausência!
- Quando?
- Há cerca de meia hora, quando estava com o Sr. de Tréville.
- E quem foi que veio? Vamos, fale.
- O Sr. de Cavois.
- O Sr. de Cavois?
- Em pessoa.
- O capitão dos guardas de Sua Eminência?
- O próprio.
- Vinha me prender?
- Desconfio que sim, senhor, apesar do seu ar bajulador.
- Tinha ar bajulador, você diz?
- Quero dizer que era todo mel, senhor.
- É mesmo?
- Vinha, disse, da parte de Sua Eminência, que lhe desejava muitas felicidades, pedir-lhe que o acompanhasse ao Palais-Royal.
- E você respondeu o que?

- Que era impossível, já que o senhor não estava em casa, como ele podia

ver.

- E que disse ele?

- Que não deixásse de passar por sua casa durante o dia.

“Diz ao seu amo

que Sua Eminência está muito contente com ele e que a sua fortuna talvez dependa desse encontro”.

- A ratoeira é muito grosseira para o cardeal - comentou o jovem, sorrindo.

- Foi também o que me pareceu e por isso respondi que ficaria desolado quando regressasse.

- “Onde foi ele?” - perguntou o Sr. de Cavois.

- “ Troyes, na Champanha” - respondi.

-“ E quando partiu?»

- “Ontem à noite.»

- Planchet, meu amigo - interrompeu-o D'Artagnan -, você é realmente um homem precioso.

- Como compreende, senhor, pensei que seria sempre possível me desmentir, se desejasse falar ao Sr. de Cavois, dizendo que não chegara a partir; nesse caso, seria eu quem teria mentido, e como não sou gentil-homem posso mentir.
- Sossegue, Planchet, que conservará a sua reputação de homem verídico, partimos dentro de um quarto de hora.
- Era o conselho que ia dar, senhor. E onde vamos, se não sou demasiado curioso?
- Meu Deus, vamos para o lado oposto àquele para onde disse que íamos. Aliás, você não tem tanta pressa de ter notícias de Grimaud, de Mousqueton e de Bazin como eu de saber o que aconteceu a Athos, Porthos e Aramis?
- Tenho, sim senhor - respondeu Planchet -, e partirei quando quiser, o ar da província é melhor para nós, do que o ar de Paris. Portanto...
- Portanto, faça a nossa trouxa, Planchet, e partamos, eu vou à frente, de mãos nas algibeiras, para que não desconfiem de nada. Você vai me encontrar no aquartelamento das Guardas. A propósito, Planchet, creio que tem razão a respeito do nosso senhorio e que se trata decididamente de um grande canalha.
- Acredite sempre em mim, senhor, quando lhe disser alguma coisa, sou fisionomista!

D'Artagnan desceu à frente, como combinaram depois, para não ter nada de que se censurar, dirigiu-se pela última vez a casa dos seus três amigos, não tinham recebido nenhuma notícia deles, apenas chegara para Aramis uma carta perfumadíssima e de letra elegante e miúda. D'Artagnan encarregou-se dela. Dez minutos depois, Planchet encontrava-se com ele nas cavaliças do aquartelamento das Guardas. Para não perderem mais tempo, D'Artagnan já selara ele próprio o seu cavalo.

- E agora - disse a Planchet quando este juntou o saco de sela ao equipamento -, agora sele os outros três e partamos.

- Parece-lhe que iremos mais depressa cada um com dois cavalos? - perguntou Planchet com o seu ar trocista.

- Não, senhor gracejador de mau gosto - respondeu D'Artagnan -, mas com os nossos quatro cavalos poderemos trazer os nossos três amigos, se ainda os encontrarmos vivos.

- O que seria uma grande sorte - observou Planchet. - Mas enfim, não se deve duvidar da misericórdia de Deus.

- Amen - disse D'Artagnan, montando a cavalo.

Saíram ambos do aquartelamento das Guardas e afastaram-se cada um por uma extremidade da rua. Um devia deixar Paris pela Barreira de Villette e outro pela Barreira de Montmartre, para se juntarem depois de Saint-Denis, manobra estratégica que executada com igual pontualidade foi coroada dos mais

felizes resultados. D'Artagnan e Planchet entraram juntos em Pierrefitte.

É preciso dizer que Planchet era mais corajoso de dia do que de noite. Contudo, a sua prudência natural não o abandonava um só instante, não esquecera nenhum dos incidentes da primeira viagem e considerava inimigos todos aqueles que encontrava na estrada. Andava constantemente de chapéu na mão, o que lhe valia severas reprimendas da parte de D'Artagnan, que receava que graças àquele excesso de polidez o tomassem pelo criado de um homem de baixa condição.

No entanto, fosse porque efetivamente os transeuntes se impressionassem com a urbanidade de Planchet, fosse porque desta vez ninguém se encontrasse postado no caminho do jovem, o certo é que os nossos dois viajantes chegaram a Chantilly sem acidente algum e desmontaram à porta da estalagem do Grand Saint Martin, a mesma em que tinham parado na primeira viagem.

Ao ver um jovem acompanhado de um laçao com dois cavalos à mão, o estalajadeiro veio respeitosamente à porta. E como já tinha percorrido onze léguas, D'Artagnan julgou a propósito deter-se, quer Porthos estivesse, quer não estivesse na estalagem. Além disso, talvez não fosse prudente informar-se logo de entrada do que acontecera ao mosqueteiro. Graças a estas reflexões que D'Artagnan, sem pedir qualquer notícia de

quem quer que fosse, desmontou, recomendou os cavalos ao criado, entrou em um compartimentozinho destinado a receber aqueles que desejavam estar sozinhos e pediu ao estalajadeiro uma garrafa do seu melhor vinho e um almoço tão bom quanto possível, pedido que corroborou ainda mais a boa opinião que o estalajadeiro formara à primeira vista do seu viajante.

Por isso, D'Artagnan foi servido com celeridade miraculosa. O Regimento das Guardas recrutava os seus elementos entre os primeiros gentis-homens do reino, e D'Artagnan, acompanhado de um laçai e viajando com quatro cavalos magníficos, não podia, apesar da simplicidade do seu uniforme, deixar de causar sensação. O estalajadeiro quis servi-lo pessoalmente, vendo isso, D'Artagnan mandou vir dois copos e encetou a seguinte conversa:

- Meu caro estalajadeiro - disse D'Artagnan, enchendo os dois copos -, pedi-lhe o seu melhor vinho e se me enganou vai ser castigado porque pecou, já que como detesto beber sozinho, vai beber comigo. Pegue esse copo e bebamos. A que beberemos, para não ferir nenhuma suscetibilidade? Bebamos à prosperidade do seu estabelecimento!

- Vossa Senhoria me honra - respondeu o estalajadeiro - e agradeço-lhe muito sinceramente os seus votos.

- Mas não se iluda - prosseguiu D'Artagnan -, pois talvez haja mais egoísmo do que pensa no meu brinde, não há como os estabelecimentos prósperos para se ser bem recebido, nos

periclitantes, anda tudo ao deus-dará e o viajante é vítima das dificuldades do estalajadeiro, ora eu, que viajo muito e sobretudo por esta estrada, gostaria de ver todos os estalajadeiros fazerem fortuna.

- Com efeito - disse o estalajadeiro -, parece-me não ser a primeira vez que tenho a honra de vê-lo, senhor.

- Sim? De fato, talvez tenha passado dez vezes por Chantilly e dessas dez vezes detive-me pelo menos três ou quatro em sua casa. Estive aqui há dez ou doze dias, mais ou menos, com uns amigos mosqueteiros, por tal sinal que um deles se envolveu em disputa com um estrangeiro, um desconhecido, um homem que discutiu com ele não sei porquê.

- Ah, sim, é verdade! - exclamou o estalajadeiro. - Recordo-me perfeitamente. Não é ao Sr. Porthos que Vossa Senhoria se refere?

- Era precisamente esse o nome do meu companheiro de viagem. Meu Deus, meu caro estalajadeiro, diga-me, aconteceu-lhe algum mal?

- Vossa Senhoria deve ter notado que ele não pôde continuar o seu caminho.

- Com efeito, prometera juntar-se a nós, mas nunca mais o vimos.

- Deu-nos a honra de ficar aqui.

- Como? Deu-lhe a honra de ficar aqui?...

- Sim, senhor, nesta estalagem; estamos até muito preocupados.
- E com quê?
- Com certas despesas que tem feito...
- Bom, se tem feito despesas ele as pagará!
- Ah, senhor, que peso me tira de cima! Fizemos-lhe grandes adiantamentos e ainda esta manhã o cirurgião nos declarava que se o Sr. Porthos lhe não pagasse que viria cobrar de mim, já que fui eu quem o mandara chamar.
- Isso quer dizer que Porthos está ferido?
- Não saberia dizer, senhor.
- Como, não sabe dizer?... No entanto, deveria estar melhor informado do que ninguém!
- Sim é verdade, mas no nosso estado não dizemos tudo o que sabemos, senhor, sobretudo depois de nos prevenirem de que as nossas orelhas responderiam pela nossa língua.
- Posso ver Porthos?
- Certamente, senhor. Suba a escada, e bata no nº 1. Mas avise que é o senhor...
- Por que tenho de prevenir que sou eu?
- Porque poderia acontecer-lhe algum contratempo...

- E que contratempo, pode me dizer?
- O Sr. Porthos o tomar por alguém da casa e, num gesto de cólera, trespassar-lhe com a espada ou dar-lhe um tiro na cabeça.
- Que lhe fez para isso?
- Pedimos-lhe dinheiro...
- Oh, diabo, agora compreendo! É um pedido que Porthos recebe muito mal quando está sem fundos, mas neste caso sei que devia estar abonado...
- Era também o que pensávamos, senhor. Como a casa é muito pontual e tiramos as contas todas as semanas, ao fim de oito dias apresentamos-lhe a dele, mas parece que aparecemos em má altura, pois à primeira palavra que pronuncíamos a tal respeito mandou-nos para o Inferno. É certo que jogara na véspera...
- Jogara na véspera?... E com quem?
- Oh, meu Deus, não tenho como saber! Com um fidalgo de passagem a quem desafiou para uma partida de lansquené.
- E, claro, o desgraçado perdeu tudo...
- Até o cavalo, senhor, porque quando o desconhecido se preparou para partir verificamos que o seu laçao selava o cavalo do Sr. Porthos. Chamamo-lhe a atenção para isso, mas respondeu-nos que não nos metêssemos onde não éramos chamado e que o cavalo era dele. Prevenimos imediatamente o

Sr. Porthos do que se passava, mas ele respondeu-nos que éramos uns patifes por duvidar da palavra de um gentil-homem e que se o outro dissera que o cavalo lhe pertencia é porque de fato assim era.

- Isso é mesmo dele - murmurou D'Artagnan.

- Então - continuou o estalajadeiro -, respondi-lhe que uma vez que parecíamos destinados a não ouvir falar de pagamento, esperava que tivesse ao menos a bondade de conceder o favor da sua preferência ao meu colega o dono da Aigle d'Or, mas o Sr. Porthos respondeu-me que a minha estalagem era melhor e preferia ficar aqui. Semelhante resposta era muito lisonjeira para que insistisse na sua partida. Limitei-me portanto a pedir-lhe que me deixasse o quarto, que é o

mais bonito da estalagem, e se contentasse com um agradável gabinetezinho no terceiro andar. Mas a isto o Sr. Porthos respondeu que como esperava de um momento para o outro a sua amante, uma das maiores damas da corte, eu devia compreender que o quarto que me dava a honra de habitar em minha casa era ainda muito medíocre para semelhante pessoa. No entanto, embora reconhecendo a verdade do que dizia, julguei dever insistir, mas sem mesmo se dar ao incômodo de discutir comigo, pegou a pistola, colocou-a em cima da mesa-de-cabeceira e declarou que à primeira palavra que lhe

dissessem acerca de se mudar, quer para o exterior, quer para o interior, estouraria os miolos de quem fosse suficientemente imprudente para se meter num assunto que só a ele dizia respeito. Por isso, desde então, senhor, ninguém entra no seu quarto, a não ser o seu criado.

- Mousqueton está portanto aqui?
- Está, sim, senhor, cinco dias depois de partir regressou de muito mau humor, parece que também teve contratempos na viagem. Infelizmente, é mais lépido do que o amo, o que o leva a, por causa dele, virar tudo do avesso, pois como pensa que se pode recusar o que pede deita mão a tudo o que precisa sem pedir.
- Na verdade - respondeu D'Artagnan - sempre notei em Mousqueton uma dedicação e uma inteligência muito superiores.
- É possível, senhor; mas imagine que se me acontecer deparar, só que seja quatro vezes por ano, com uma inteligência e uma dedicação semelhantes, sou um homem arruinado.
- Não, porque Porthos lhe pagará.
- Hum! - resmungou o estalajadeiro em tom de dúvida.
- É o favorito de uma grandíssima dama que não o deixará em apuros por uma miséria como a que lhe deve.
- Se ousasse dizer o que creio a tal respeito...

- Que crê?
- Direi mais, que sei.
- Que sabe?
- E até de que tenho certeza.
- E de que tem certeza, vejamos?
- Diria que conheço essa grande dama.
- Você?
- Sim, eu.
- E como a conheceu?
- Oh, senhor, se tivesse certeza de poder confiar na sua descrição! ...
- Fale e, palavra de gentil-homem, não se arrependerá da sua confiança.
- Pois bem, senhor, admita que a preocupação leva a fazer muitas coisas...
- Que fez?
- Oh, nada a que um credor não tenha direito!
- Mas que foi?
- O Sr. Porthos entregou-nos uma carta para essa duquesa e recomendou-nos que a metêssemos no correio. O seu criado ainda não chegara. Como ele não podia sair do quarto, era mister que nos encarregássemos dos seus recados.

- E depois?
- Em vez de meter a carta no correio, o que nunca é muito seguro, aproveitei a oportunidade de um dos meus rapazes ir a Paris e ordenei-lhe que a entregasse à própria duquesa. Era a melhor maneira de cumprirmos as ordens do Sr. Porthos, que tanto nos recomendara a carta, não é verdade?
- Mais ou menos.
- Pois, senhor, sabe quem é essa grande dama?
- Não, só ouvi falar dela de Porthos, mais nada.
- Sabe quem é essa pretensa duquesa?
- Repito-lhe que não a conheço.
- É uma velha procuradora do Châtelet, senhor, chamada Sra Coquenard, a qual tem pelo menos cinquenta anos e se dá ainda ares de ser ciumenta. Razão tinha eu quando achara deveras singular uma princesa morar na Rua dos Ursos.
- Como descobriu tudo isso?
- Porque ela perdeu a cabeça ao receber a carta, dizendo que o Sr. Porthos era um mulherengo e que fora novamente por causa de alguma mulher que recebera aquela estocada.
- Mas ele recebeu de fato alguma estocada?
- Oh, meu Deus que fui eu dizer!
- Disse que Porthos recebera uma estocada.

- Pois disse, mas ele me proibira de dizer!
- Porquê?
- Ora, senhor, porque se gabara de perfurar esse estrangeiro com o qual o deixou discutindo, e foi o estrangeiro, pelo contrário, que, apesar de todas as suas bravatas, o deitou abaixo. Assim, como o Sr. Porthos é um homem muito presunçoso, exceto para com a duquesa, que julgara impressionar descrevendo-lhe a sua aventura, não quer confessar a ninguém que recebeu uma estocada.
- Portanto é uma estocada que o retém na cama?
- E uma senhora estocada, garanto-lhe. É preciso que o seu amigo tenha a alma muito agarrada ao corpo.
- Assistiu ao duelo?
- Seguirá-os por curiosidade, senhor, de modo que vi o combate sem que os combatentes me vissem.
- E como foi que as coisas se passaram?
- Oh, não demorou muito, desde já lhe digo! Puseram-se em guarda, o estrangeiro fez uma finta e carregou, tudo tão rapidamente que quando o Sr. Porthos quis parar o bote já tinha três polegadas de ferro no peito. Caiu para trás. O estrangeiro colocou-lhe imediatamente a ponta da espada na garganta, e o Sr. Porthos, vendo-se à mercê do adversário, confessou-se vencido. Depois o estrangeiro perguntou-lhe como se chamava e ao saber que se chamava Porthos e não

D'Artagnan ofereceu-lhe o braço, acompanhou-o até à estalagem, montou a cavalo e desapareceu.

- Portanto, era com o Sr. D'Artagnan que o estrangeiro pretendia bater-se?
- Parece que sim.
- E sabe que foi feito dele?
- Não, nunca o vira até ali e não tornamos a vê-lo depois.

- Muito bem, já sei o que queria saber. Agora, diga que o quarto de Porthos é no primeiro andar, número 1?
- Exato, senhor; o mais bonito da estalagem! Um quarto que já teria tido dez oportunidades de alugar.
- Vamos, fique tranquilo - respondeu-lhe D'Artagnan, rindo.
- Porthos lhe pagará com o dinheiro da duquesa Coquenard.
- Oh, senhor, alcoviteira ou duquesa, se abrisse os cordões da bolsa não teria importância! Mas respondeu categoricamente que estava farta das exigências e das infidelidades do Sr. Porthos e que não lhe mandaria um centavo.
- E deu essa resposta ao seu hóspede?
- Deus nos livre! Ficaria sabendo de que maneira nos tínhamos desempenhado da sua missão.
- De modo que continua à espera do dinheiro?

- Oh, meu Deus, sim! Ontem voltou a escrever; mas desta vez foi o seu criado que meteu a carta no correio.
- E diz que a procuradora é velha e feia?
- Tem cinquenta anos, pelo menos, senhor, e não deve nada à beleza, segundo disse Pathaud.
- Nesse caso, fique tranquilo que ela se deixará comover, de resto, Porthos não pode dever grande coisa...
- Como não pode dever grande coisa?! O seu débito anda por umas vinte pistolas, sem contar com o médico. Oh, não se priva de nada, pode crer! Vê-se que está habituado a viver bem.
- Se a amante o abandonar, encontrará amigos, garanto-lhe. Portanto, meu caro estalajadeiro, não se preocupe e continue a dispensar-lhe todos os cuidados que o seu estado exige.
- O senhor prometeu-me não falar da procuradora nem dizer nada a respeito do ferimento...
- Está combinado, tem a minha palavra.
- Oh, se ele soubesse me mataria, pode ter certeza.
- Não tenha medo, não é tão mau como parece.

Ditas estas palavras, D'Artagnan subiu a escada, deixando o estalajadeiro um pouco mais tranquilo a respeito das duas coisas que parecia prezar muito: o seu crédito e a sua vida.

No alto da escada, na porta mais visível do corredor, estava traçado a tinta preta um número 1 gigantesco. D'Artagnan bateu e, correspondendo ao convite de entrar que recebeu de dentro, entrou.

Porthos estava deitado e jogava uma partida de lansquené com Mousqueton, para não perder a mão, enquanto um espeto carregado de perdizes girava diante do fogo e a cada canto de uma grande chaminé ferviam em cima de dois fogareiros dois tachos de onde se exalava um duplo cheiro de coelho e a caldeirada que deliciava o olfato. Além disso, o tampo de uma mesa e o mármore de uma cômoda estavam cobertos de garrafas vazias.

Ao ver o amigo, Porthos soltou um grande grito de alegria e Mousqueton levantou-se respeitosamente, cedeu-lhe o lugar e foi dar uma olhadela aos dois tachos, cuja inspeção parecia estar especialmente confiada a ele.

- Meu Deus, é você! - gritou Porthos a D'Artagnan. - Seja bem-vindo e

desculpe-me não ter ido ao seu encontro. Mas - acrescentou, olhando D'Artagnan com certa inquietação - sabe o que me aconteceu?

- Não.

- O estalajadeiro não lhe disse nada?

- Perguntei por você e subi imediatamente. Porthos pareceu respirar mais livremente.
- Mas afinal que aconteceu, meu caro Porthos? - continuou D'Artagnan.
- Aconteceu-me que ao carregar sobre o meu adversário, a quem já brindara com três estocadas e com o qual queria acabar com a quarta, dei com o pé numa pedra e torci o joelho.
- É mesmo?
- Palavra de honra! Felizmente para o patife, pois garanto-lhe que não o deixaria sair dali vivo.
- E que foi feito dele?
- Não sei, já estava bem aviado e pôs-se ao fresco sem esperar pelo resto.

E você, meu caro D'Artagnan, que aconteceu?

- De modo - continuou D'Artagnan - que esse entorse, meu caro Porthos, o retém no leito?
- Meu Deus, sim! Mas dentro de alguns dias poderei me levantar.
- Nesse caso, por que não se fez transportar para Paris? Deve se aborrecer cruelmente aqui.
- Era essa a minha intenção, mas, meu caro, tenho de confessar uma coisa.
- Qual?

- Como me aborrecia cruelmente, como diz, e tinha na algibeira as setenta e cinco pistolas que você tinha distribuído, convidei a subir ao meu quarto, para me distrair, um gentil-homem que estava de passagem e ao qual propus jogarmos uma partida de dados. Ele aceitou e... as minhas setenta e cinco pistolas passaram da minha algibeira para a dele, sem contar com o meu cavalo, que também ganhou. Mas e você, meu caro D'Artagnan?

- Que quer, meu caro Porthos, não se pode ser privilegiado de todas as maneiras - respondeu D'Artagnan. - Conheceis o provérbio: "Infeliz no jogo, feliz no amor." É muito feliz no amor para que o jogo não se vingue. Mas que lhe importam os reveses da sorte? Não tem, seu felizardo!, a sua duquesa, que não pode deixar de lhe valer neste aperto?

- Bom, meu caro D'Artagnan, como estava em maré de azar - respondeu Porthos com o ar mais descontraído deste mundo -, escrevi-lhe para que me enviasse uns cinquenta luízes de que tinha absoluta necessidade, dada a situação em que me encontrava...

- E então?

- E então... deve estar nas suas propriedades, porque não me respondeu.

- Realmente?

- Realmente. Por isso, escrevi-lhe ontem segunda carta, ainda mais insistente do que a primeira. Mas deixemos isso,

meu caro, e falemos de você. Começava, confesso, a ficar um pouco preocupado.

- Mas o seu estalajadeiro portou-se bem com você, ao que parece, meu caro Porthos - observou D'Artagnan, indicando ao doente os tachos cheios e as garrafas vazias.

- É, assim-assim, assim-assim! - respondeu Porthos. - Há três ou quatro dias o impertinente veio com a conta, mas o coloquei da porta para fora com a conta, de modo que estou aqui como uma espécie de vencedor, como uma espécie de conquistador. Por isso, receando sempre ser atacado na posição, estou, como vê, armado até aos dentes.

- No entanto, me parece que de vez em quando faz algumas surtidas - observou D'Artagnan, rindo.

E indicava com o dedo as garrafas e os tachos.

- Eu, não, infelizmente! - respondeu Porthos. - Esta miserável entorse me mantém na cama, mas Mousqueton bate o campo e consegue os víveres. Mousqueton, meu amigo - continuou Porthos -, como vê recebemos reforços, precisamos de um suplemento de vitualhas.

- Mousqueton - interveio D'Artagnan -, precisa me fazer um favor.

- Qual, senhor?

- Dar a sua receita a Planchet. É que poderei algum dia me encontrar também cercado e não seria mau que ele me proporcionasse as mesmas vantagens que você proporciona ao seu amo.

- Meu Deus, senhor, nada mais fácil! - respondeu Mousqueton com modéstia. - É apenas preciso ser hábil. Fui criado no campo e o meu pai, nos seus momentos livres, era um pouco caçador furtivo.

- E no resto do tempo, que fazia?

- Praticava uma indústria que sempre achei excelente.

- Qual?

- Como se estava no tempo das guerras entre católicos e huguenotes e ele via os católicos exterminar os huguenotes e os huguenotes exterminar os católicos, tudo em nome da religião, arranjou para seu uso uma crença mista, o que lhe permitia ser ora católico, ora huguenote. Habitualmente, passeava, de escopeta ao ombro, atrás das sebes que ladeiam os caminhos, e quando via aproximar-se um católico sozinho a religião protestante apoderava-se imediatamente do espírito. Abaixava a escopeta na direção do viajante, depois, quando estava a dez passos dele, encetava um diálogo que terminava quase sempre no abandono, por parte do viajante, da bolsa para salvar a vida. Não é necessário dizer que quando via aproximar-se um huguenote se sentia dominado por um zelo católico tão ardente que não compreendia como, um quarto de hora antes, pudera

ter dúvidas sobre a superioridade da nossa santa religião. Como eu sou católico, meu pai, fiel aos seus princípios, fez o meu irmão mais velho huguenote.

- E como acabou esse digno homem? - perguntou D'Artagnan.

- Oh, da forma mais infeliz, senhor! Um dia, encontrou-se num caminho entre um huguenote e um católico com quem já tivera se encontrara e que o reconheceram, de modo que se aliaram contra ele e o enforcaram numa árvore. Depois, foram se gabar da excelente equipe que tinham feito no botequim da primeira aldeia que encontraram e onde estávamos bebendo, o meu irmão e eu.

- E que fizeram? - perguntou D'Artagnan.

- Nós os deixamos falar - respondeu Mousqueton. - Depois, como à saída do botequim tomaram ambos por caminhos opostos, o meu irmão foi-se emboscar no caminho do católico e eu no do protestante. Duas horas depois estava tudo

acabado, cada um de nós tratara da saúde do seu homem e admirava a previsão do nosso pobre pai, que tomara o cuidado de criar cada um de nós em uma religião diferente.

- Com efeito, como diz, Mousqueton, o seu pai parece-me ter sido um figurão muito inteligente. E diz que nos seus tempos livres o excelente homem era caçador furtivo?

- É verdade, senhor, e foi ele que me ensinou a armar um laço e a colocar uma linha de fundo. Assim, quando vi que o velhaco do nosso estalajadeiro nos alimentava com carnes boas para labregos e que não caíam bem em estômagos tão delicados como os nossos, dediquei-me um pouco à minha antiga profissão. Enquanto passeava no bosque do Sr. Príncipe, armei laços nas passagens de caça, enquanto me estiraçava sornateiramente nos lagos de Sua Alteza, meti sornateiramente linhas nos ditos. De modo que, graças a Deus, agora não nos faltam, como o senhor pode verificar, perdizes e coelhos, carpas e enguias, tudo alimentos leves e saudáveis, indicados para doentes.

- Mas o vinho, quem fornece o vinho? É o estalajadeiro? - perguntou D'Artagnan.

- Sim e não.

- Como, sim e não?

- Fornece-o, é verdade, mas ignora que tem essa honra.

- Explique-se Mousqueton, as suas palavras estão cheias de coisas instrutivas.

- Escute, senhor. O acaso fez com que encontrasse nas minhas peregrinações um espanhol que vira muitos países, muitas terras, e entre elas o Novo Mundo.

- Que relação pode ter o Novo Mundo com as garrafas que estão em cima da mesa e da cômoda?

- Tenha paciência senhor, cada coisa virá a seu tempo.
- É justo Mousqueton, confio em você e escuto.
- O espanhol tinha ao seu serviço um laçaiio que o acompanhara na sua viagem ao México. Esse laçaiio era meu patrício, de modo que nos tornamos amigos tanto mais rapidamente quanto é certo haver entre nós grandes afinidades de carácter. Ambos gostávamos da caça mais do que tudo, de forma que ele contava-me como nas planícies e pampas os naturais da região caçavam felinos e touros com simples nós corrediços que lançavam ao pescoço desses terríveis animais. Ao princípio não queria acreditar que se pudesse atingir esse grau de destreza, lançar a vinte ou trinta passos a extremidade de uma corda aonde se quisesse, mas perante a prova não tive remédio senão reconhecer que era verdade. O meu amigo colocava uma garrafa a trinta passos e todas as vezes apanhava-a pelo gargalo no nó corrediço. Dediquei-me ao mesmo exercício e como a natureza me dotou de algumas faculdades hoje atiro o laço tão bem como nenhum homem no mundo. E agora, compreende? O nosso estalajadeiro tem uma adega muito bem fornecida, mas de que não larga a chave, simplesmente, a adega tem um respiradouro. Ora eu atiro o laço através do respiradouro e como sei agora onde está o bom vinho é aí que me abasteço. Aqui tem, senhor, como o Novo Mundo se encontra relacionado com as garrafas que estão em cima dessa cômoda e dessa mesa. Agora, prove o nosso vinho e diga-nos, sem prevenção,

que tal parece.

- Obrigado, meu amigo, obrigado, infelizmente, acabo de almoçar.
- Nesse caso, Mousqueton, põe a mesa e enquanto almoçarmos D'Artagnan nos contará o que aconteceu com ele desde que nos deixou há dez dias... - sugeriu Porthos.
- Com muito prazer - respondeu D'Artagnan.

Enquanto Porthos e Mousqueton almoçavam com apetite de convalescentes e essa cordialidade de irmãos que aproxima os homens na desgraça, D'Artagnan contou como Aramis, ferido, fora obrigado a deter-se em Crèvecoeur, como deixara Athos debatendo-se nas mãos de quatro homens que o acusavam de moedeiro falso e como ele, D'Artagnan, se vira forçado a passar sobre a barriga do conde de Wardes para chegar a Inglaterra.

Mas as confidências de D'Artagnan ficaram por aí, limitou-se a anunciar que no seu regresso da Grã-Bretanha trouxera quatro cavalos magníficos, dos quais um para si e os outros para os seus companheiros e terminou anunciando a Porthos que o que lhe estava destinado já estava instalado na cavalaria da estalagem.

Neste momento entrou Planchet que vinha prevenir o amo de que os cavalos estavam suficientemente repousados e seria possível irem dormir em Clermont.

Como D'Artagnan estava mais ou menos tranquilizado acerca de Porthos e tinha pressa de ter notícias dos seus outros dois amigos, estendeu a mão ao doente e disse-lhe que ia se pôr a caminho para continuar as buscas. De resto, como esperava regressar pela mesma estrada, se dali a sete ou oito dias Porthos ainda estivesse na estalagem do Grand Saint Martin, o levaria na passagem.

Porthos respondeu que segundo todas as probabilidades o seu entorse não lhe permitiria afastar-se nesse intervalo. Aliás, precisava ficar em Chantilly à espera de uma resposta da sua duquesa.

D'Artagnan desejou-lhe que essa resposta chegasse depressa e fosse boa, e depois de recomendar de novo Porthos a Mousqueton e de pagar a sua despesa na estalagem pôs-se a caminho com Planchet, já desembaraçado de um dos seus cavalos de mão.

A TESE DE ARAMIS

D'Artagnan nada dissera a Porthos acerca do seu ferimento e da sua alcoviteira. Era um rapaz muito sensato, o nosso bearnês, apesar de jovem. Conseqüentemente, fingira acreditar em tudo o que lhe contara o presunçoso mosqueteiro, convencido de que não há amizade que resista a um segredo descoberto, sobretudo quando esse segredo está relacionado com o orgulho, depois, tem se sempre certa superioridade moral sobre aqueles de quem se conhece a vida.

Ora, nos seus projetos de intriga futura e decidido como estava a fazer dos seus três companheiros os instrumentos da sua fortuna, D'Artagnan não se importaria nada de reunir antecipadamente nas mãos os fios invisíveis com o auxílio dos quais contava manobrá-los.

No entanto, enquanto seguia ao longo da estrada uma profunda tristeza apertava-lhe o coração, pensava na jovem e bonita Sra Bonacieux, que deveria recompensá-lo da sua dedicação mas, apressamo-nos a dizê-lo, a sua tristeza devia-se menos ao pesar da sua aventura perdida do que ao receio que experimentava em que acontecesse alguma desgraça à pobre mulher. Para si, não havia dúvida, ela era vítima de uma vingança do cardeal, e como se sabe as vinganças de Sua Eminência eram terríveis. Como tivera desculpa aos olhos do ministro, eis o que ele próprio ignorava e o que sem dúvida lhe teria revelado o Sr. de Cavois se o capitão dos guardas o tivesse encontrado em casa.

Não há nada que faça passar o tempo e abrevie uma viagem como um pensamento que absorve em si mesmo todas as faculdades daquele que pensa. A existência exterior assemelha-se então a um sono de que esse pensamento é o sonho. Graças à sua influência, o tempo deixa de ter medida e o espaço distância. Parte-se para um lugar e chega-se em outro, mais nada. Do intervalo percorrido nada resta presente na memória, exceto uma vaga neblina na qual se diluem mil imagens confusas de árvores, montanhas e paisagens. Foi presa desta alucinação que D'Artagnan transpôs, à velocidade que quis o seu cavalo, as seis ou oito léguas que separam Chantilly de Crèvecoeur, sem que ao chegar a esta aldeia se recordasse de alguma das coisas que encontrara pelo caminho. Só lá a memória lhe voltou, sacudiu a cabeça, viu o botequim onde deixara Aramis e, metendo o cavalo a trote, parou à porta.

Desta vez não foi um estalajadeiro, mas sim uma estalajadeira quem o recebeu. D'Artagnan era fisionomista, envolveu num só olhar a gorda figura bonacheirona da dona da casa e compreendeu que não tinha necessidade de dissimular com ela, nem nada a temer da parte de tão risonha fisionomia.

- Minha boa senhora, pode me dizer que aconteceu com um dos meus amigos que fomos obrigados a deixar aqui há uns doze dias? - perguntou D'Artagnan.

- Um belo rapaz de vinte e três a vinte e quatro anos, de trato delicado, amável e simpático?

- E ferido no ombro.
- Exato!
- Sabe onde está?
- Continua aqui, senhor.
- Meu Deus, minha querida senhora, restituiu-me a vida! - exclamou D'Artagnan, desmontando e atirando as rédeas do cavalo para o braço de Planchet. - Onde está ele, esse querido Aramis, que o quero abraçar? Porque confesso que tenho pressa de tornar ve-lo.
- Perdão, senhor, mas duvido que possa lhe receber neste momento.
- Porquê? Está com alguma mulher?
- Jesus, que está dizendo! Pobre rapaz! Não, senhor, não está com uma mulher.
- Com quem, então?
- Com o pároco de Montdidier e o superior dos Jesuítas de Amiens.
- Meu Deus! - exclamou D'Artagnan. - O pobre rapaz terá piorado?
- Não, senhor, pelo contrário; mas depois da sua doença a graça o tocou e resolveu ordenar-se.

- Tem razão, tinha me esquecido que era mosqueteiro apenas provisoriamente - disse D'Artagnan.
- O senhor continua a insistir em vê-lo?
- Mais do que nunca.
- Então, só tem de subir a escada à direita no pátio, até ao segundo andar, número 5.

D'Artagnan correu na direção indicada e encontrou uma dessas escadas exteriores como ainda hoje vimos nos pátios das antigas estalagens. Mas não se chegava assim junto do futuro abade, o acesso ao quarto de Aramis estava tão bem guardado como os jardins de Armida, Bazin, postado no corredor, barrou-lhe a passagem com tanta mais intrepidez quanto era certo depois de muitos anos de provações ver-se finalmente prestes a alcançar o resultado que toda a vida ambicionara.

Com efeito, o sonho do pobre Bazin sempre fora servir um homem de Igreja, e esperava com impaciência o momento constantemente entrevisto no futuro em que Aramis lançaria finalmente o uniforme às urtigas para envergar a sotaina. Só a promessa todos os dias renovada pelo jovem de que o momento não tardaria o retivera ao serviço de um mosqueteiro, serviço em que, dizia, não podia deixar de perder a alma.

Bazin não cabia portanto em si de contente. Segundo todas as probabilidades, desta vez o amo não desistiria. A junção da dor

física com a dor moral produzira o efeito tão longamente desejado, Aramis, sofrendo ao mesmo tempo do corpo e da alma, detivera enfim na religião os olhos e o pensamento, olhara como uma advertência do Céu o duplo acidente que lhe acontecera, isto é, o desaparecimento súbito da amante e o ferimento no ombro.

Compreende-se que, na disposição em que se encontrava, nada pudesse ser mais desagradável a Bazin do que a chegada de D'Artagnan, o qual poderia tornar a lançar-lhe o amo no turbilhão das idéias mundanas em que durante tanto tempo mergulhara. Resolveu, portanto defender bravamente a porta e como, atraído pela dona da estalagem, não pudesse dizer que Aramis estava ausente, tentou demonstrar ao recém-chegado que seria o cúmulo da indiscrição incomodar o amo na piedosa conferência em que estava desde manhã e que, no dizer de Bazin, não terminaria antes da noite.

Mas D'Artagnan não teve em nenhuma conta o eloquente discurso de mestre Bazin, e como não estava disposto a envolver-se numa polêmica com o criado do amigo afastou-o muito simplesmente com uma das mãos e com a outra girou a maçaneta da porta número 5.

A porta abriu-se e D'Artagnan entrou no quarto.

Aramis, de sobreveste preta e com a cabeça coberta por espécie de toucado redondo e achatado, que lembrava um solidéu, estava sentado diante de uma mesa oblonga coberta

de rolos de papel e de enormes infólios, à sua direita sentava-se o superior dos Jesuítas e à sua esquerda o pároco de Montdidier. Os cortinados estavam semifechados e só deixavam penetrar uma claridade misteriosa que servia de pano de fundo a uma devota meditação. Todos os objetos mundanos que se vêem quando se entra no quarto de um jovem, e sobretudo quando esse jovem é mosqueteiro, tinham desaparecido como que por encanto e sem dúvida com receio de que a sua vista conduzisse o amo às idéias

deste mundo, Bazin guardara a espada, as pistolas, o chapéu de plumas, as bordaduras e as rendas de todo o gênero e de toda a espécie.

Em seu lugar, D'Artagnan julgou distinguir em um canto escuro como que o vulto de uma disciplina pendurada por um prego na parede. Ao barulho que fez D'Artagnan ao abrir a porta, Aramis levantou a cabeça e reconheceu o amigo. Mas com grande espanto do recém-chegado a sua vista não pareceu produzir grande impressão no mosqueteiro de tal modo o seu espírito estava alheado das coisas terrenas.

- Boas tarde, caro D'Artagnan - disse Aramis. - Me sinto feliz por lhe ver.

- E eu também - respondeu D'Artagnan -, embora ainda não estar bem certo de ser a Aramis que falo.

- Ao próprio, meu amigo, ao próprio, que pode levá-lo a duvidar?

- Receei ter me enganado no quarto e ao princípio julguei entrar nos aposentos de algum homem de Igreja. Depois, incorri em outro erro ao encontrá-lo na companhia desses senhores, supus que estivesse gravemente doente.

Os dois homens vestidos de preto lançaram a D'Artagnan, cuja intenção compreenderam, um olhar quase ameaçador, mas D'Artagnan não se preocupou com isso.

- Talvez eu o esteja incomodando, meu caro Aramis -
continuou D'Artagnan

-, pois pelo que vejo sou levado a crer que está se confessando a esses senhores.

Aramis corou imperceptivelmente.

- Você me incomodar? Muito pelo contrário, caro amigo, juro e como prova do que digo permita-me que me regozije por vê-lo são e salvo.

“Temos homem! O caso não está perdido...”, pensou D'Artagnan.

- Porque esse senhor, que é meu amigo, acaba de escapar a um grande perigo - continuou Aramis, com unção e indicando com a mão D'Artagnan aos dois eclesiásticos.

- Dê graças a Deus, senhor - responderam os padres, inclinando-se ao mesmo tempo.

- Não deixei de as dar, meus senhores - respondeu o jovem, retribuindo-lhes a saudação.

- Chegou na hora certa, caro D'Artagnan - disse Aramis -, e vai, tomar parte na discussão, esclarecê-la com as suas luzes. O Sr. Principal de Amiens, o Sr. Pároco de Montdidier e eu estávamos discutindo sobre certas questões teológicas cujo interesse nos cativa há muito tempo; ficaria encantado se soubesse a sua opinião.

- A opinião de um homem de espada carece em absoluto de peso - respondeu D'Artagnan, que começava a inquietar-se com o rumo que as coisas tomavam -, e pods a tal respeito confiar, creio eu, na ciência destes senhores.

Os dois homens inclinaram-se novamente.

- Pelo contrário, a sua opinião nos será preciosa - insistiu Aramis. - Eis do que se trata: O Sr. Principal acha que a minha tese deve ser sobretudo dogmática e didática.

- A sua tese! Está fazendo uma tese?

- Sem dúvida - respondeu o jesuíta. - No exame que precede a ordenação é indispensável uma tese.

- A ordenação! - exclamou D'Artagnan, que não podia acreditar no que lhe

tinham dito sucessivamente a estalajadeira e Bazin. - A ordenação!

E passeava os olhos estupefatos pelas três personagens que tinha diante

de si.

- Ora - continuou Aramis, tomando no seu cadeirão a mesma atitude

graciosa que tomara se estivesse numa reunião literária e examinando com prazer a sua mão branca e rechonchuda como a mão de uma mulher, que mantinha no ar para fazer descer o sangue -, ora, como ouviu, D'Artagnan, O Sr. Principal desejava que a minha tese fosse dogmática, enquanto eu gostaria que fosse ideal. Dai portanto o motivo por que o Sr. Principal me propunha este tema, que ainda não foi tratado, e no qual reconheço haver matéria para magníficos desenvolvimentos: Utraque manus in benedicendo clericis inferioribus necessária est.

D'Artagnan, cuja erudição conhecemos, não pestanejou mais ao ouvir esta citação do que pestanejara ao ouvir a que lhe fizera o Sr. de Tréville a propósito dos presentes que julgava que D'Artagnan recebera do Sr. de Buckingham.

- O que quer dizer - acrescentou Aramis, para lhe dar todas as facilidades: As duas mãos são indispensáveis aos clérigos das ordens inferiores para darem a bênção.

- Admirável tema! - exclamou o jesuíta.

- Admirável e dogmático! - repetiu o pároco, que sendo mais ou menos tão forte em latim como D'Artagnan vigiava cuidadosamente o jesuíta para acertar o passo pelo dele e repetir as suas palavras como um eco. Quanto a D'Artagnan, ficou perfeitamente indiferente ao entusiasmo dos dois homens vestidos de negro.

- Sim, admirável! Prorsus admirabile! - continuou Aramis. - Mas que exige um estudo aprofundado dos doutores da Igreja e das Escrituras. Ora, confessei a estes sábios eclesiásticos, com toda a humildade, que as sentinelas nos postos de guarda e o serviço do rei me tinham obrigado a descuidar um pouco do estudo. Ficarei portanto mais à vontade, *faciltus natans*, num tema à minha escolha, que seria para essas difíceis questões teológicas o que a moral é para a metafísica em filosofia.

D'Artagnan aborrecia-se profundamente e o pároco também.

- Veja que exórdio! - exclamou o jesuíta.

- Exordium - repetiu o pároco para dizer qualquer coisa.

- Quemadmodum inter coelorum immensitatem.

Aramis olhou para D'Artagnan e viu que bocejava a ponto de quase deslocar os maxilares.

- Falemos em francês, meu padre - disse ao jesuíta. - O Sr. D'Artagnan apreciará mais vivamente as nossas palavras.

- Sim, estou cansado da viagem e todo esse latim me escapa - declarou D'Artagnan.

- De acordo - respondeu o jesuíta um pouco despeitado, enquanto o pároco, felicíssimo, olhava para D'Artagnan com um olhar cheio de reconhecimento. - Bom, veja o partido que se tiraria da explicação.

- Moisés, servo de Deus... Ele é apenas servo de Deus, não se esqueçam! Pois Moisés abençoa com as mãos, faz com que lhe segurem os dois braços enquanto os Hebreus batem os seus inimigos, portanto, abençoa com as duas mãos. Aliás, como diz o Evangelho: imponite ma-nus, e não manun. Imponde as

mãos, e não a mão.

- Imponde as mãos - repetiu o pároco, fazendo um gesto.

- Com São Pedro, de quem os papas são sucessores, acontece o contrário

- continuou o jesuíta. - Porríge dígitos. Apresentai os dedos. Entendeu agora?

- Sem dúvida - respondeu Aramis, encantado. - Mas a coisa é sutil

- Os dedos! - insiste o jesuíta. - São Pedro abençoa com os dedos. O papa abençoa portanto também com os dedos. E abençoa com quantos dedos? Com três, um pelo Pai, um pelo Filho e um pelo Espírito Santo.

Todos se persignaram, D'Artagnan crê dever imitar o exemplo.

- O papa é sucessor de São Pedro e representa os três poderes divinos, o resto, ordines inferiores da hierarquia eclesiástica, abençoa em nome dos santos arcanjos e dos anjos. Os clérigos mais humildes, como os nossos diáconos e sacristãos, abençoam com os hissopes, que simulam um número indefinido de dedos abençoando. Eis o tema simplificado, argumentam omni denudatum ornamento. Com isto - continuou o jesuíta - escreveria dois volumes do tamanho deste.

E no seu entusiasmo batia no São Cristóvão in-folio, que fazia vergar a mesa debaixo do seu peso. D'Artagnan estremeceu.

- Claro que presto justiça às excelências dessa tese - declarou Aramis -, mas ao mesmo tempo reconheço-a esmagadora para mim. Eu escolherei este texto, diga-me, caro D'Artagnan, se lhe agrada: Non inuti-le est desiderium in oblatione, ou melhor ainda: um pouco de pesar não fica mal numa oferenda ao Senhor.

- Alto lá! - exclamou o jesuíta. - Essa tese beira a heresia. Existe uma proposição quase idêntica no Augustinus, do heresiarca Jansênio, cujo livro será mais cedo ou mais tarde queimado pelas mãos do carrasco. Tome cuidado, meu jovem amigo! Inclina-se para as falsas doutrinas, meu jovem amigo!

- Toca no famoso ponto do livre arbítrio, que é um escolho mortal. Aborda de frente as insinuações dos plagianos e dos semiplagianos.

- Mas, meu reverendo... - começou Aramis, um tanto atordoado com a saraivada de argumentos que lhe caía sobre a cabeça.
- Como provará - continuou o jesuíta, sem lhe dar tempo de falar -, que se deve ter saudades do mundo quando se oferece a Deus? Escute este dilema: Deus é Deus e o mundo é o Diabo. Ter saudades do mundo é ter saudades do Diabo, aqui tem a minha conclusão.
- Que é também a minha - declarou o pároco.
- Mas por favor!... - protestou Aramis.
- Desideras diabolum, infelizmente! - exclamou o jesuíta.
- Tem pena do Diabo! Ah, meu jovem amigo - acrescentou o pároco, gemendo -, não tenha pena do Diabo, sou eu quem lhe suplica!

D'Artagnan julgava enlouquecer; tinha a sensação de se encontrar em um manicômio e de enlouquecer como aqueles que via. Contudo, era obrigado a se calar por não compreender nada da língua que se falava na sua presença.

- Mas escute-me, peço-lhes - insistiu Aramis com uma delicadeza sob a qual começava a transparecer um pouco de impaciência. - Não digo que lamento, não, nunca pronunciarei essa palavra, que não seria ortodoxa...

O jesuíta ergueu os braços ao céu e o pároco fez o mesmo.

- Não, mas admitam ao menos que se tem o mau gosto de só oferecer ao Senhor aquilo de que está absolutamente farto. Não tenho razão, D'Artagnan?
- Por Deus, acho que sim! - exclamou o interpelado. O pároco e o jesuíta deram um pulo na cadeira.
- O meu ponto de partida é um silogismo: o mundo não tem falta de atrativos, eu deixo o mundo, logo, faço um sacrifício. Ora a Escritura diz positivamente: "Fazei um sacrifício ao Senhor."
- Isso é verdade - admitiram os seus antagonistas.
- E depois - continuou Aramis, beliscando uma orelha para a tornar rosada, tal como sacudia as mãos para as tornar brancas -, e depois compus certo poema a tal respeito, de que dei conhecimento ao Sr. Voiture, o ano passado, e acerca do qual esse grande homem me dirigiu efusivos cumprimentos.
- Um poema! - exclamou desdenhosamente o jesuíta.
- Um poema! - exclamou maquinalmente o pároco.
- Diga-o, diga-o! - pediu D'Artagnan. - Sempre desanuviará um bocadinho o ambiente.
- Não, porque é religioso - respondeu Aramis. - Trata-se de teologia em verso.

- Diabo! - exclamou D'Artagnan.
- Aí vai - condescendeu Aramis com um arzinho modesto não isento de

alguns laivos de hipocrisia:

Vós que chorais um passado cheio de encantos, E que arrastais dias infortunados,

Vereis todos os vossos infortúnios terminados

Quando apenas a Deus oferecerdes as vossas lágrimas, Vós que chorais.

D'Artagnan e o pároco pareceram gostar, mas o jesuíta persistiu na sua opinião.

- Cuidado com o gosto profano no estilo teológico. Que diz Santo Agostinho? Severus sit clericorum sermo.
- Sim, que o sermão seja claro! - traduziu o pároco.
- Ora - apressou-se a interromper o jesuíta ao ver que o seu acólito saía do bom caminho -, ora a sua tese agradará às

damas, e mais nada, terá o êxito de uma argumentação jurídica do Dr. Patru.

- Deus queira! - exclamou Aramis, enlevado.
- Como vê, o mundo fala ainda em você em voz alta, em altíssima voz - replicou o jesuíta. - Seguiu o mundo, meu jovem amigo, e receio que a graça não seja eficaz.
- Calma, meu reverendo, respondo por mim.
- Presunção mundana!
- Conheço-me, meu padre, a minha resolução é irrevogável.
- E se obstina a continuar com essa tese?
- Sinto-me chamado a tratar deste tema e não de outro, vou portanto continuar e espero que amanhã fique satisfeito com as correções que farei de acordo com a sua opinião.

- Trabalhe devagar - aconselhou o pároco. - Deixamo-lhe com excelentes disposições.
- Sim, o terreno está todo semeado - disse o jesuíta - e não temos de recear que parte da semente tenha caído na pedra, outra ao longo do caminho, e que as aves do céu tenham comido o resto: aves coeli come-terunt illam.
- Que a peste te leve com o teu latim! - resmungou D'Artagnan, que não aguentava mais.
- Adeus, meu filho - disse o pároco. - Até amanhã.

- Até amanhã, jovem temerário - disse o jesuíta. - Prometa ser um dos luminares da Igreja. Queira Deus que essa luz não seja um fogo devorador!

D'Artagnan, que durante uma hora roera as unhas de impaciência começava a atacar a carne.

Os dois homens vestidos de negro levantaram-se, cumprimentaram Aramis e D'Artagnan e dirigiram-se para a porta. Bazin, que se mantivera de pé e escutara toda a controvérsia com piedoso júbilo, correu para eles, pegou no breviário do pároco e no missal do jesuíta e seguiu respeitosamente adiante deles para lhes indicar o caminho.

Aramis acompanhou-os até ao fundo da escada e subiu imediatamente ao encontro de D'Artagnan, que ainda não estava em si. Quando ficaram sós os dois amigos guardaram de início um silêncio embaraçado, no entanto, era preciso que um deles fosse o primeiro a rompê-lo e como D'Artagnan parecia decidido a deixar essa honra ao amigo este tomou a palavra:

- Como vê - disse Aramis -, encontrou-me de volta às minhas idéias fundamentais.

- Sim, a graça eficaz tocou-o, como dizia há pouco aquele cavalheiro.

- Oh, estes planos de retirada estão formados há muito tempo, e já me ouviu falar deles, não é verdade?

- Sem dúvida, mas confesso que achei que estava brincando.
- Com esta espécie de coisas?... Oh, D'Artagnan!
- Com a breca, há quem brinque com a morte!
- Mas faz mal, D'Artagnan, porque a morte é a porta que conduz à perdição ou à salvação.
- De acordo. Mas se não se importa, deixemos de teologizar, você já deve ter o bastante para o resto do dia, e quanto a mim quase esqueci o pouco latim que nunca soube. Por último, confesso que não como nada desde as dez horas da manhã e que tenho uma fome de todos os diabos.
- Jantaremos daqui a pouco, caro amigo, mas não se esqueça que hoje é sexta-feira e que neste dia não posso nem ver nem comer carne. Se quiser se contentar com o meu jantar, compõe-se de tetrágonos cozidos e fruta.
- Que são tetrágonos? - perguntou D'Artagnan com inquietação.
- Espinafres - respondeu Aramis -, mas para você acrescentarei ovos, o que já é uma grave infração à regra, porque os ovos são carne uma vez que é deles que nascem os pintos.
- O festim não é muito suculento, mas não importa, para ficar com você vou aceitar.

- Agradeço o sacrifício - disse Aramis. - Mas se não aproveitar ao seu corpo, aproveitará, pode estar certo disso, à sua alma.

- Assim, decididamente, Aramis, entra na religião. Que vão dizer os nossos amigos, que vai dizer o Sr. de Tréville? O considerarão desertor, já o previno.

- Não entro na religião, reentro. Foi da Igreja que desertei para o mundo, pois bem sabe que vesti constrangido a farda de mosqueteiro.

- Não sei nada.

- Ignora como deixei o seminário?

- Completamente.

- Então, aqui está a minha história. Aliás, as Escrituras dizem: “Confessem-se uns aos outros”, e eu confesso-me a você, D’Artagnan.

- E eu dou antecipadamente a absolvição. Como vê, sou bom homem...

- Não brinque com as coisas santas, meu amigo.

- Então, fale, estou pronto para ouvir.

- Estava pois no seminário desde os nove anos, faria vinte dali a três dias, ia ser abade e estava tudo dito. Uma noite, quando me encontrava, como de costume, numa casa que

frequentava com prazer (que quer, quando somos novos somos fracos!), um oficial que não me via com bons olhos ler As Vidas dos Santos à dona da casa, entrou de súbito sem ser anunciado. Precisamente naquela noite eu traduzira um episódio de Judith e acabava de recitar os meus versos à dama, que me dirigia toda a espécie de cumprimentos e, debruçada sobre o meu ombro, os relia comigo. A sua atitude que era um tanto abandonada, confesso, desagradou ao oficial. Ele não disse nada, mas quando saiu, saiu atrás de mim e interpelou-me:

- “Sr. Abade, gosta de bengaladas”?
- “Não posso dizer, porque nunca ninguém ousou tentar delas” – respondi.
- “Nesse caso, escute, Sr. Abade. Se voltar à casa onde o encontrei esta noite, eu ousarei”.

Creio que tive medo, empalideci muito, senti as pernas faltarem-me, procurei uma resposta que não encontrei e calei-me. O oficial esperava essa resposta, e vendo que ela tardava começou a rir, virou-me as costas e reentrou na casa. Eu regresssei ao seminário.

Sou bom gentil-homem e tenho o sangue vivo, como já teve ensejo de verificar, meu caro D’Artagnan. O insulto era terrível e por muito ignorado que fosse do mundo sentia-o viver e agitar-se no fundo do meu coração. Declarei aos meus superiores que

não me sentia suficientemente preparado para a ordenação e, a meu pedido, adiou-se a cerimônia por um ano.

Descobri o melhor mestre de armas de Paris, contratei com ele uma lição de esgrima por dia, e todos os dias, durante um ano, tomei essa lição. Depois, no dia do aniversário daquele em que fora insultado, pendurei a sotaina em um prego, vesti um traje completo de cavalheiro e fui a um baile que dava uma senhora minha amiga e onde sabia que encontraria o meu homem. Era na Rua dos Francs-Bourgeois, muito perto da Force.

Com efeito, o meu oficial estava lá. Aproximei-me dele quando cantava um lai de amor olhando ternamente para uma mulher e interrompi-o no melhor da segunda copla.

- “Senhor - disse-lhe -, continua a desagradar-lhe que volte a certa casa da Rua Payenne e ainda me dará bengaladas se desobedecê-lo?

O oficial olhou-me com espanto e depois disse:

- “Que quer, senhor? Não o conheço”.

- “Sou - respondi-lhe - o abadezinho que lê As Vidas dos Santos e traduz Judith em verso”.

- “Ah, ah, já me recordo! - exclamou o oficial, zombando. - Que quer”?

- “Gostaria que se desse ao incômodo de vir dar uma voltinha comigo”...

- “Amanhã de manhã, se quiser, e com o maior prazer”.
- “Não, amanhã de manhã não, se não se importa, imediatamente”.
- “ Se o exige com muito empenho”...
- “Sim, exijo-o”.
- “Então, saíamos. Minhas senhoras - disse o oficial -, não se incomodem. É só o tempo de matar este senhor e volto para acabar a última copla”.

Saímos.

Levei-o para a Rua Payenne, precisamente para o lugar onde um ano antes, hora por hora, ele me dirigira o cumprimento que lhe contei. Estava um luar soberbo. Desembainhamos as espadas e ao primeiro bote mandei-o desta para melhor.

- Diabo! - exclamou D’Artagnan.
- Ora - continuou Aramis -, como as damas não viram regressar o seu cantor e o encontraram na Rua Payenne com uma boa estocada trespassando-lhe o corpo, pensaram que fora eu quem o pusera naquele estado e a coisa causou escândalo. Fui portanto obrigado a renunciar à sotaina durante algum tempo. Athos, que conheci nessa época, e Porthos, que me ensinara, fora das minhas lições de esgrima, alguns botes secretos, me convenceram a pedir uma farda de mosqueteiro. O rei fora muito amigo do meu pai, morto no cerco de Arras, e

concedeu-me essa farda. Deve compreender portanto que hoje chegou para mim o momento de voltar ao seio da Igreja.

- E porquê hoje em vez de ontem ou de amanhã? Que aconteceu hoje que lhe inspirou tão desagradáveis idéias?

- Este ferimento, meu caro D'Artagnan, foi para mim um aviso do Céu.

- Esse ferimento? - Ora, está quase curado e estou certo de que não é ele que mais o faz sofrer!

- Que é, então? - perguntou Aramis, corando.

- A ferida que tem no coração, Aramis, mais viva e sangrenta, uma ferida feita por uma mulher.

Os olhos de Aramis cintilaram, malgrado seu.

- Não fale dessas coisas - respondeu, dissimulando a emoção sob uma negligência fingida. - Eu me preocupo com isso! Ter desgostos de amor!... Vanitas vanitatum! Portanto, na sua opinião, eu teria perdido a cabeça, e por quem? Por alguma costureirinha, por alguma criada de quarto, a quem teria cortejado numa guarnição?

- Perdão, meu caro Aramis, mas julgava que tinhas vistas mais altas.

- Vistas mais altas?... E quem sou eu para ser tão ambicioso? Um pobre mosqueteiro sem eira nem beira e obscuro, que detesta as servidões e se encontra grandemente deslocado no mundo!

- Aramis, Aramis! - exclamou D'Artagnan, olhando para o amigo com ar de dúvida.

- Pó, regresso ao pó. A vida está cheia de humilhações e dores - continuou

cada vez mais triste. - Todos os fios que a ligam à felicidade se quebram um a um na mão do homem, sobretudo os fios de ouro. Meu caro D'Artagnan - prosseguiu Aramis, dando à voz um leve matiz de amargura -, acredite nisto que digo, oculte bem as suas feridas quando as tiver. O silêncio é a derradeira alegria dos infelizes, evite pôr quem quer que seja na pista dos seus sofrimentos, os curiosos sugam as nossas lágrimas como as moscas o sangue de um gamo ferido.

- Por Deus, meu caro Aramis, acaba de descrever a minha própria história!

- exclamou D'Artagnan, soltando por seu turno um profundo suspiro.

- Como?...

- Sim, uma mulher que amava, que adorava, acaba de me ser arrebatada à força. Não sei onde está, para onde a levaram, talvez esteja presa, talvez esteja morta...

- Mas tem ao menos a consolação de dizer para si mesmo que não o deixou voluntariamente, que se não tem notícias suas é porque toda a comunicação lhe está vedada, enquanto...

- Enquanto...
- Nada - respondeu Aramis -, nada.
- Portanto, renuncia para sempre ao mundo. Trata-se de uma decisão definitiva, inabalável?
- Absolutamente definitiva. Hoje, é meu amigo, amanhã, não será para mim mais do que uma sombra. Ou antes, não existirá. Quanto ao mundo, não passa de um sepulcro.
- Diabo, o que me acaba de dizer é muito triste!
- Que quer, a minha vocação me atrai, me arrebatou...
D'Artagnan sorriu e não respondeu. Aramis continuou - Mas entretanto, enquanto ainda estou preso à terra, gostaria de falar de você, dos seus amigos.
- E eu - respondeu D'Artagnan - gostaria de falar de si, mas vejo-o tão desprendido de tudo... Os amores merecem apenas desdém, os amigos são sombras, o mundo é um sepulcro.
- Você verificará por si próprio - declarou Aramis, com um suspiro.
- Bom, em vista do que diz o melhor é não falarmos mais disso e queimarmos esta carta que, sem dúvida anuncia alguma nova infidelidade da sua costureirinha ou da sua criada de quarto... - disse D'Artagnan.
- Qual carta? - perguntou vivamente Aramis.

- Uma carta que chegou na sua ausência e que me entregaram para trazer.
- Mas de quem é a carta?
- De alguma criada lacrimosa ou de alguma costureirinha desesperada... Talvez seja da criada de quarto da Sra de Chevreuse, obrigada a regressar a Tours com a ama, e que para se tornar atraente se serviu de papel perfumado e lacrou a sua carta com uma coroa de duquesa...
- Que está dizendo?...
- Olhe, acho que a perdi?... - disse maliciosamente o jovem, fingindo procurá-la. - Felizmente que o mundo é um sepulcro, que os homens e por consequência as mulheres são sombras e que o amor é um sentimento que a não importa!
- Ah, D'Artagnan, D'Artagnan! - exclamou Aramis. - Você me mata!
- Enfim, aqui está! - anunciou D'Artagnan. E tirou a carta da algibeira.

Aramis deu um salto, pegou a carta e leu-a, ou antes, devorou-a, o seu rosto resplandecia.

- Parece que a criada tem um belo estilo - observou negligentemente o mensageiro.

- Obrigado, D'Artagnan! - exclamou Aramis quase em delírio. - Foi obrigada a regressar a Tours, não me é infiel, continua a me amar. Venha cá, meu amigo, anda, me deixe abraçá-lo. A felicidade me sufoca!

E os dois amigos puseram-se a dançar à roda do venerável São Crisóstomo, calcando sem cerimônia as folhas da tese que tinham caído para o chão. Neste momento entrou Bazin com os espinafres e o omelete.

- Foge, desgraçado! - gritou Aramis, atirando-lhe o solidéu à cara. - Volte pelo mesmo caminho e leve esses horríveis legumes e esse detestável omelete! Peça uma lebre recheada, um capão gordo, uma perna de cabrito assada e quatro garrafas de borgonha velho.

Bazin, que olhava o amo e não compreendia nada daquela mudança, deixou cair melancolicamente o omelete nos espinafres e os espinafres no chão.

- Chegou o momento de consagrar a sua existência ao Rei dos Reis - disse D'Artagnan -, se quer fazer-lhe uma gentileza: Non inutile desiderium in oblatione.

- Vá para o Diabo com o seu latim! Meu caro D'Artagnan, bebamos, com a breca, bebamos muito, e conte-me um pouco do que tem acontecido em Paris.

A MULHER DE ATHOS

- Agora só falta saber notícias de Athos - disse D'Artagnan ao feroso Aramis, depois de colocá-lo ao corrente do que se passara na capital desde a sua partida e de um excelente jantar os ter feito esquecer a um a sua tese a outro a sua fadiga.
- Acha que terá lhe acontecido algum contratempo? - perguntou Aramis. - Athos é tão frio, tão bravo e maneja tão habilmente a espada.
- Sim, sem dúvida, e ninguém conhece melhor do que eu a coragem e a perícia de Athos, mas prefiro cruzar a minha espada com lanças em vez de com paus. Temo que Athos tenha sido espancado pela criadagem, os criados são gente que bate forte e não desiste fácil. É por isso, confesso, que gostaria de voltar a partir o mais rápido possível.
- Procurarei acompanhá-lo - disse Aramis -, embora me não sinta muito em estado de montar a cavalo. Ontem experimentei a disciplina que vê naquela parede e a dor impediu-me de continuar tão piedoso exercício.
- Também, meu caro amigo, nunca vi tentar curar um tiro de escopeta com um martinete. Mas você está doente e a doença torna a cabeça fraca, o que me leva a dispensá-lo.
- Quando vai partir?

- Amanhã ao amanhecer. Descanse o melhor que puder esta noite e amanhã, se apesar de tudo estiver em condições de viajar, partiremos juntos.

- Até amanhã, portanto - disse Aramis. - Porque por muito de ferro que seja deve necessitar de repouso.

No dia seguinte, quando D'Artagnan entrou no quarto de Aramis

encontrou-o à janela.

- Que está vendo daí? - perguntou-lhe D'Artagnan.

- Admiro os três magníficos cavalos que os moços de estrebaria seguram pelas rédeas, deve ser um prazer de príncipe viajar em semelhantes montarias.

- Pois meu caro Aramis terá esse prazer, porque um desses cavalos é seu.

- Sim?... E qual?

- Dos três o que preferir, não tenho preferência.

- E a rica gualdrapa que o cobre também é minha?

- Sem dúvida.

- Está brincando, D'Artagnan.

- Não brinco desde que fale francês.

- São para mim aquelas bolsas de sela douradas, aquela cobertura de veludo e aquela sela pagueada a prata?
- Exatamente, assim como o cavalo que piafa é meu e o que caracola é de

Athos.

- Puxa, são três animais soberbos.
- Ainda bem que gostou.
- Foi o rei quem os ofereceu?
- O cardeal não foi, com certeza. Mas não se preocupe com a sua origem e

pense apenas que um dos três lhe pertence.

- Fico com aquele que segura o criado ruivo.
- Ótimo!
- Viva Deus, aí está uma coisa que até faz passar o resto da minha dor! - exclamou Aramis. - Montaria aquele bicho nem que tivesse trinta balas no corpo. Pela minha salvação, como é bom cavalgar! Olá, Bazin, venha cá imediatamente!

Bazin apareceu, triste e arrastando os pés, no limiar da porta.

- Limpe a minha espada, endireite o meu chapéu, escove a minha capa e carregue as minhas pistolas! - ordenou Aramis.

- Essa última recomendação é inútil - interveio D'Artagnan.

- Há pistolas carregadas nos seus coldres.

Bazin suspirou.

- Vamos, mestre Bazin, sossegue - procurou animá-lo

D'Artagnan. - Ganha-se o reino dos céus em todas as condições.

- O senhor estava já tão bom teólogo! - observou Bazin, quase chorando. - Seria bispo e talvez cardeal.

- Então, meu pobre Bazin, vamos, reflita um pouco, de que serve ser homem de Igreja, não me diz? Nem por isso se evita ir à guerra. Bem vê que o cardeal vai fazer a primeira campanha com o pote na cabeça e a partazana na mão e o Sr. de Nogaret de La Valette, não é também cardeal? Pergunte ao seu criado quantos pensos já lhe fez.

- Infelizmente é verdade, senhor - suspirou Bazin. - Hoje está tudo virado do avesso neste mundo.

Os dois jovens e o pobre lacaio desceram.

- Segure-me no estribo, Bazin - disse Aramis.

E Aramis saltou para a sela com a sua graça e ligeireza habituais, mas depois de algumas voltas e curvetes do nobre animal o seu cavaleiro sentiu dores de tal modo insuportáveis que empalideceu e cambaleou. D'Artagnan, que na

previsão desse acidente o não perdera de vista, correu para ele, tomou-o nos braços e levou-o para o quarto.

- Pronto, meu caro Aramis, trate-se que eu vou sozinho à procura de Athos.

- Você é um homem de bronze - disse-lhe Aramis.

- Não, tenho apenas sorte. Mas como vai passar o tempo enquanto me espera? Nada de tese, nada de glosa sobre os dedos e as bênçãos, hem?...

Aramis sorriu.

- Farei versos - declarou.

- Sim, versos perfumados como o bilhete da criada da Sra de Chevreuse. Ensine também a prosódia a Bazin, para animá-lo. Quanto ao cavalo, monte-o todos os dias um pouco, para se habituar às manobras.

- Oh, quanto a isso vá tranquilo! - declarou Aramis. - Me encontrará pronto a acompanhá-lo.

Despediram-se e dez minutos depois D'Artagnan, após ter recomendado o amigo a Bazin e à estalajadeira, trotava na direção de Amiens.

Como encontraria Athos, se é que o encontraria?

A situação em que o deixara era crítica, podia muito bem ter sucumbido. Esta idéia assombrou-lhe a fronte, arrancou-lhe

alguns suspiros e fez formular em voz baixa alguns juramentos de vingança. De todos os seus amigos, Athos era o mais velho e portanto aparentemente o menos próximo dos seus gostos e das suas simpatias. Contudo, tinha por aquele gentil-homem uma preferência acentuada. O ar nobre e distinto de Athos, os clarões de grandeza que brotavam de vez em quando da sombra onde se acolhera voluntariamente, o seu humor sempre inalteravelmente igual que o tornavam o mais fácil companheiro do mundo, a sua boa disposição forçada e mordaz, a sua bravura que se diria cega se não se devesse ao mais raro sangue-frio - tantas qualidades atraíam mais do que a estima, mais do que a amizade de D'Artagnan, atraíam a sua admiração.

Com efeito, considerado mesmo em relação ao Sr. de Tréville, o elegante e nobre cortesão, Athos, nos seus dias de bom humor, podia sustentar vantajosamente o confronto. Era de estatura mediana, mas tão admiravelmente vigorosa e tão bem proporcionada que por mais de uma vez, nas suas lutas com Porthos, fizera vergar o gigante cuja força física se tornara proverbial entre os mosqueteiros. A sua cabeça, os seus olhos penetrantes, nariz reto e queixo saliente como o de Brutus, possuía algo indefinível de grandeza e graça, as suas mãos, com as quais não se preocupava, eram o desespero de Aramis, que cuidava das suas com reiteradas aplicações de creme de amêndoas e de óleo perfumado, o som da sua voz era penetrante e ao mesmo tempo melodioso e depois, o que havia

de indefinível em Athos, que se fazia sempre obscuro e pequeno, era essa ciência do mundo e dos usos da mais brilhante sociedade, esse hábito de boa casa que transparecia sem ele querer nos seus mais pequenos atos.

Se fosse um banquete, Athos organizava-o melhor do que qualquer outro homem e colocava cada conviva no lugar e na categoria que lhe tinham legado os seus antepassados ou que ele próprio conquistara. Se fosse de ciência heráldica, Athos conhecia todas as famílias nobres do reino, a sua genealogia, as suas alianças, as suas armas e a origem dessas armas. A etiqueta não tinha minúcias que lhe fossem estranhas, sabia quais eram os direitos dos grandes proprietários,

conhecia a fundo a montaria e a falconaria, e um dia, conversando dessa grande arte, espantara o rei Luís XIII, que no entanto era considerado um mestre na especialidade.

Como todos os grandes senhores da época, montava a cavalo e manejava as armas à perfeição. Mais, a sua educação fora tão pouco descuidada, mesmo em relação aos estudos escolásticos, tão raros nessa época entre os gentis-homens, que sorria ao ouvir os fragmentos de latim empregados por Aramis e que Porthos fingia compreender. Duas ou três vezes até, com grande espanto dos amigos, acontecera-lhe, quando Aramis deixava escapar algum erro rudimentar, colocar um verbo no seu tempo e um substantivo no seu lugar. Além disso,

a sua probidade era inatacável em um século em que os militares transigiam tão facilmente com a sua religião e a sua consciência, os amantes com a delicadeza rigorosa dos nossos dias e os pobres com o sétimo mandamento de Deus. Athos era portanto um homem realmente extraordinário.

E no entanto via-se aquela natureza tão distinta, aquela criatura tão bela, aquela essência tão fina pender insensivelmente para a vida material como os velhos pendem para a imbecilidade física e moral. Nas suas horas de privação, e essas horas eram frequentes, extinguia-se em Athos toda a sua parte luminosa, e o seu lado brilhante desaparecia como numa noite profunda.

Então, eclipsado o semideus, ficava apenas um homem. De cabeça baixa, olhos no chão, a palavra difícil e penosa, Athos olhava durante longas horas quer a garrafa e o copo, quer Grimaud, que habituado a obedecer-lhe por sinais lia no olhar átono do amo até o mais pequeno desejo, que satisfazia imediatamente. A reunião dos quatro amigos verificara-se em um desses momentos, uma palavra pronunciada com violento esforço era todo o contingente que Athos fornecia à conversação. Em contrapartida, só ele, Athos, bebia por quatro, e isso sem que se notasse a não ser por um franzir de sobrolho mais pronunciado e por uma tristeza mais profunda.

D'Artagnan, de quem conhecemos o espírito investigador e penetrante, ainda não conseguira descobrir, fosse qual fosse o interesse que tivesse em satisfazer a sua curiosidade, a causa

daquele marasmo, nem notar-lhe as coincidências. Athos nunca recebia cartas, Athos nunca dava um passo que não fosse conhecido de todos os seus amigos.

Não se podia dizer que fosse o vinho que lhe dava aquela tristeza, pois pelo contrário só bebia para combater essa tristeza, e tal remédio, como dissemos, tornava-o ainda mais sombrio. Não se podia atribuir ao jogo aquele excesso de humor negro, porque, ao contrário de Porthos, que acompanhava com os seus cantos ou com as suas pragas todas as variações da sorte, Athos, quando ganhava, ficava tão impassível como quando perdia. No círculo dos mosqueteiros tinham-no visto ganhar uma noite três mil pistolas e perdê-las juntamente com o cinturão bordado a ouro dos dias de gala, voltar a ganhar tudo isso mais cem luíses e tal acontecer sem que as suas belas sobranceiras negras subissem ou descessem meia linha, sem que as suas mãos perdessem a sua tonalidade nacarada, sem que a sua conversação, agradável naquela noite, deixasse de ser calma e agradável.

Também não era, como acontecia com os nossos vizinhos ingleses, uma influência atmosférica que lhe nublava o rosto, pois a sua tristeza tornava-se mais

intensa, geralmente, nas proximidades dos dias bonitos do ano. Junho e Julho eram os meses terríveis de Athos.

No presente nenhum desgosto o afligia e encolhia os ombros quando lhe falavam do futuro, o seu segredo pertencia portanto ao passado, como tinham dito vagamente a D'Artagnan.

Aquele véu de mistério que envolvia toda a sua pessoa tornava ainda mais interessante o homem de que nunca quer os olhos, quer a boca, mesmo no estado de embriaguez mais completo, tinham revelado fosse o que fosse a seu respeito, nem sequer quando habilmente interrogado.

- A verdade - dizia D'Artagnan - é que o pobre Athos talvez esteja morto a esta hora, e morto por minha culpa, pois fui eu que o meti naquela confusão, de que ignorava a origem, de que ignorara o resultado e de que não devia tirar nenhum proveito.

- Sem contar, senhor - lembrou Planchet -, que lhe devemos provavelmente a vida. Lembre-se como gritou: “Fuja, D'Artagnan! Apanharam-me!” E depois de descarregar as suas pistolas, que barulho terrível fazia com a espada! Parecia serem vinte homens, ou antes, vinte demônios enraivecidos!

Estas palavras redobravam o ardor de D'Artagnan, que incitava o cavalo, o qual, sem necessidade de ser incitado, levava o seu cavaleiro a galope. Por volta das onze horas da manhã avistaram Amiens, e às onze e meia estavam à porta da estalagem maldita.

D'Artagnan imaginara muitas vezes contra o pérfido estalajadeiro uma dessas boas vinganças que consolam, ainda

que só em mente. Entrou portanto na estalagem com o chapéu puxado para os olhos e a mão esquerda no botão do punho da espada, ao mesmo tempo que com a mão direita fazia silvar o chicote.

- Você me reconhece? - perguntou ao estalajadeiro, que se adiantava para cumprimentá-lo.

- Não tenho essa honra, monsenhor - respondeu o interpelado, ainda deslumbrado com o brilho da equipagem com que D'Artagnan se apresentava.

- Então não me reconhece?...

- Não, monsenhor.

- Pois bem, duas palavras para lhe espevitarem a memória, que aconteceu ao gentil-homem a quem teve a audácia, há quinze dias pouco mais ou menos, de acusar de moedeiro falso?

O estalajadeiro empalideceu, porque D'Artagnan tomara uma atitude mais ameaçadora, e Planchet seguia os passos do amo.

- Ah, monsenhor, nem me fale disso! - exclamou o estalajadeiro no seu tom de voz mais lamuriento. - Meu Deus, como me saiu caro esse pecado! Como sou infeliz! Digne-se a escutar-me, monsenhor, e seja clemente. Sente-se, por favor.

Mudo de cólera e de inquietação, D'Artagnan sentou-se, ameaçador como um juiz. Planchet encostou-se orgulhosamente ao seu cadeirão.

- Aqui tem a história, monsenhor - prosseguiu o estalajadeiro, muito trêmulo. - Estou reconhecendo-o agora, foi o senhor que partiu quando tive aquela infeliz desavença com esse gentil-homem de que fala.
- Sim, sou eu. Portanto bem vê que não terá de esperar misericórdia se não disser toda a verdade.
- Por favor, digno-se a escutar e terá.
- Fale.
- Fora avisado pelas autoridades de que um moedeiro falso muito célebre chegaria à minha estalagem com vários companheiros, todos disfarçados de guardas ou de mosqueteiros. Os seus cavalos, os seus lacaios, a sua aparência, tudo me foi descrito.
- E depois, e depois? - atalhou D'Artagnan, que depressa adivinhou quem fornecera sinais tão completos.
- Tomei portanto, de acordo com as ordens das autoridades, que me enviaram um reforço de seis homens, as medidas que julguei urgentes para deitar mão aos pretensos moedeiros falsos...
- Adiante! - gritou D'Artagnan, a quem a expressão "moedeiro falso" escaldava terrivelmente os ouvidos.
- Perdoe-me, monsenhor, dizer tais coisas, mas elas são precisamente a minha desculpa. As autoridades tinham me

assustado e bem sabe que um estalajadeiro deve colaborar com as autoridades.

- Mais uma vez: onde está esse gentil-homem? Que lhe aconteceu? Está morto? Está vivo?
- Paciência, monsenhor, falta pouco. Aconteceu portanto o que sabe, com a agravante de a sua partida precipitada parecer autorizar as nossas suspeitas - acrescentou o estalajadeiro com uma sutileza que não escapou a D'Artagnan.
- Esse gentil-homem defendeu-se com desespero. O seu criado, que por uma infelicidade imprevista entrara em conflito com os agentes da autoridade disfarçados de moços de estrebaria...
- Ah, miserável! - gritou D'Artagnan. - Estavam todos combinados e não sei que me contém que não os extermine do primeiro ao último!
- Não, monsenhor, não estávamos combinados, como vai ver. O senhor seu amigo (desculpe não o tratar pelo nome respeitável que sem dúvida usa, mas ignoramos esse nome), o senhor seu amigo, depois de pôr fora de combate dois homens com os seus dois tiros de pistola, bateu em retirada defendendo-se com a espada, com a qual estropiou ainda um dos meus homens e me aturdiu com uma pranchada.
- Maldito carrasco, nunca mais acaba?! - gritou D'Artagnan.
- E Athos, que aconteceu a Athos.
- Batendo em retirada, como já disse a monsenhor, encontrou atrás de si a escada da adega, e como a porta

estava aberta, fechou-se e barricou-se lá dentro. Como estávamos certos de que não saíria de lá, o deixamos à vontade.

- Sim - disse D'Artagnan -, interessava-lhes mais aprisioná-lo do que matá-lo.

- Santo Deus! Aprisioná-lo, monsenhor? Ele é que aprisionou a si mesmo, juro. E depois de levar tudo adiante de si a ferro e fogo! Um homem morreu logo e outros dois ficaram gravemente feridos. O morto e os dois feridos foram levados pelos seus camaradas e nunca mais ouvi falar nem de uns, nem de outros. Eu próprio, quando recuperei os sentidos, fui procurar o Sr. Governador, a quem contei tudo o que se passara e perguntei o que devia fazer do prisioneiro. Mas o Sr. Governador pareceu cair das nuvens, disse que ignorava completamente o que eu queria dizer, que as ordens que me tinham sido dadas não emanavam dele e que se me atrevesse a dizer a quem quer que fosse que ele tinha qualquer coisa

a ver com semelhante empresa me mandaria prender e enforcar. Parece que me enganara, senhor, que tomara um por outro, e que aquele que devia ser preso estava a salvo.

- Mas Athos? - tornou a gritar D'Artagnan, cuja impaciência redobrava perante o desinteresse com que as autoridades se tinham comportado. - Athos, que foi feito dele?

- Como tinha pressa de reparar as minhas faltas para com o prisioneiro - prosseguiu o estalajadeiro -, dirigi-me para a adega a fim de colocá-lo em liberdade. Ah, senhor, já não era um homem, era um demônio! Ao ouvir a minha proposta de libertação, declarou que queriam lhe armar uma cilada e que antes de sair imporia as suas condições. Respondi-lhe humildemente, pois bem sabia os maus lençóis em que me metera pondo a mão num mosqueteiro de Sua Majestade, que estava pronto a submeter-me às suas condições.

- “Primeiro - disse ele, quero que me mandem o meu criado completamente armado.

Apressamo-nos a obedecer a esta ordem; porque como compreende, senhor, estávamos dispostos a fazer tudo o que o seu amigo quisesse. O Sr. Grimaud (esse disse o nome, embora não fale muito), o Sr. Grimaud desceu portanto à adega, apesar de estar ferido. Então o seu amo, assim que o apanhou, voltou a barricar a porta e ordenou-nos que permanecêssemos na loja.

- Mas afinal onde está ele? - insistiu D’Artagnan. - Onde está Athos?

- Na adega, senhor.

- Como, desgraçado, retem-o na adega há tanto tempo?!

- Valha-me a bondade divina! Não, senhor. Nós retemo-lo na adega! Não sabe portanto o que ele fez na adega?... Ah, se conseguísse que ele saísse de lá, senhor, ficaria reconhecido por toda a minha vida, o adoraria como ao meu padroeiro!

- Então ele está lá, o encontrarei lá?
- Sem dúvida, senhor, porque teimou em ficar lá. Todos os dias lhe passamos pelo respiradouro pão na ponta de uma forquilha, e carne quando a pede, mas, meu Deus, não é pão e carne o que mais me consome! Uma vez tentei descer com dois dos meus rapazes, mas teve um terrível acesso de fúria. Ouvi o ruído das suas pistolas, que ele armava, e do seu mosquetão, que armava o criado. Depois, quando lhe perguntamos quais eram as suas intenções, o amo respondeu que ele e o seu lacaiio dispunham de quarenta tiros e que os disparariam até ao último antes de permitirem que um só de nós pusesse os pés na adega. Então, senhor, queixei-me ao governador, o qual me respondeu que eu só tinha o que merecia e que isto me ensinaria a não insultar os fidalgos respeitáveis que se hospedavam em minha casa.
- De modo que desde então?... - atalhou D'Artagnan, sem poder deixar de rir da cara lastimosa do estalajadeiro.
- De modo que desde então, senhor - continuou o homenzinho -, levamos a vida mais triste que se possa imaginar, porque, senhor, é necessário que saiba que todas as nossas provisões estão na adega! Temos lá o nosso vinho engarrafado e o nosso vinho a granel, a cerveja, o azeite e as especiarias, o toucinho e os salsichões... e como estamos proibidos de entrar, somos forçados a recusar a bebida e a comida aos viajantes que nos procuram, de maneira que

todos os dias a nossa estalagem se afunda. Mais uma semana com o seu amigo na adega e estamos arruinados.

- E será bem feito, velhaco. Não se via bem pelo nosso aspecto que eramos pessoas de qualidade e não falsários, diga?

- Sim, senhor; sim, tem razão - concordou o estalajadeiro. - Mas também deve reconhecer que já é demais, que o seu amigo está abusando da situação.

- Porque decerto o incomodaram - respondeu D'Artagnan.

- E como é que não havíamos de incomodá-lo? - barafustou o estalajadeiro.

- Acabam de nos chegar dois fidalgos ingleses!

- E depois?

- E depois, os Ingleses gostam do bom vinho, como sabe, senhor, e estes pediram o melhor. Então, a minha mulher solicitou ao Sr. Athos licença para entrar na adega, a fim de podermos atender os cavalheiros ingleses, e ele recusou, como de costume. Ai, valha-me a bondade divina, temos outra vez problemas!

Com efeito, D'Artagnan ouviu grande barulho para os lados da adega. Levantou-se e, precedido do estalajadeiro, que torcia as mãos, e seguido de Planchet, que empunhava um mosquetão carregado, aproximou-se do local da cena.

Os dois fidalgos estavam exasperados, tinham feito uma longa viagem e morriam de fome e sede.

- Mas isto é uma tirania! - gritavam em excelente francês, embora com pronúncia estrangeira. - Não está certo que esse louco não permita a esta boa gente servir-se do seu vinho. Vamos arrombar a porta e se resistir... nós o matamos!

- Mais devagar, meus senhores! - interveio D'Artagnan, tirando as pistolas do cinturão. - Por favor, não pensem em matar ninguém...

- Bom, bom - dizia atrás da porta a voz calma de Athos -, deixem entrar esses mata-mouros e veremos...

Por mais valentes que parecessem ser, os dois gentis-homens ingleses entreolharam-se hesitantes, parecia haver na adega um desses papões famintos, gigantescos heróis das lendas populares, de quem ninguém forçava impunemente a caverna.

Reinou um momento de silêncio, mas por fim os dois ingleses tiveram vergonha de recuar e o mais ousado desceu os cinco ou seis degraus da escada e deu um pontapé na porta capaz de fender uma muralha.

- Planchet - disse D'Artagnan armando as pistolas -, eu me encarrego do que está em cima, encarregue-se você do que está embaixo. Ah, meus senhores, querem guerra?... Pois vão tê-la!

- Meu Deus, parece-me que estou ouvindo D'Artagnan - gritou a voz cava de Athos.

- De fato, sou eu próprio, meu amigo! - respondeu D'Artagnan, erguendo por sua vez a voz.

- Ah, bom, então vamos dar uma lição a esses arrombadores de portas! - disse Athos.

Os gentis-homens tinham desembainhado as espadas, mas encontravam-se metidos entre dois fogos. Hesitaram ainda um instante. Mas como da primeira vez, o orgulho levou a melhor e um segundo pontapé rachou a porta

de alto a baixo.

- Afaste-se, D'Artagnan, afaste-se! - gritou Athos. - Afaste-se que vou disparar!

- Meus senhores - disse D'Artagnan, a quem a reflexão nunca abandonava

-, meus senhores, pensem bem. Tenha paciência, Athos. Meteram-se numa embrulhada de onde sairão crivados de balas. Deste lado, o meu criado e eu, que os brindaremos com três tiros, do lado da adega, a mesma coisa. Além disso, teremos ainda as nossas espadas que, garanto, o meu amigo e eu esgrimimos razoavelmente. Deixem-me resolver os seus problemas e os meus, não tardará muito que tenham de beber, dou-lhes a minha palavra.

- Se ainda houver alguma coisa... - resmungou a voz escarninha de Athos. O estalajadeiro sentiu um suor frio correr-lhe ao longo da espinha.
- Como se ainda houver alguma coisa?! - murmurou.
- Que diabo, com certeza que haverá! - impacientou-se D'Artagnan. - Sossegue, que os dois não devem ter bebido tudo o que havia na adega. Meus senhores, embainhem as suas espadas.
- E vocês metam as suas pistolas no cinturão.
- Com muito prazer.

E D'Artagnan deu o exemplo. Depois, virou-se para Planchet e fez-lhe sinal para desarmar o mosquetão.

Convencidos, os ingleses embainharam as espadas, resmungando. Contaram-lhes a história do aprisionamento de Athos. E como eram bons gentis-homens, não deram razão ao estalajadeiro.

- E agora, meus senhores - disse D'Artagnan -, subam aos seus quartos e dentro de dez minutos providenciarei para que lhes seja servido tudo o que desejarem.

Os ingleses saudaram e saíram.

- Agora que estou sozinho, meu caro Athos - continuou D'Artagnan -, abra-me a porta.
- Imediatamente - respondeu Athos.

Ouviu-se então um grande barulho de toros de lenha a entrechocarem-se e de vigas a rangerem: eram as contra-escarpas e os bastiões de Athos, que o sitiado demolia pessoalmente. Pouco depois a porta abriu-se e apareceu o rosto pálido de Athos, que numa rápida vista de olhos explorou as imediações.

D'Artagnan saltou-lhe ao pescoço e abraçou-o efusivamente; depois, quis tirá-lo daquele ambiente úmido, mas notou que Athos cambaleava.

- Está ferido? - perguntou-lhe.

- Eu? Claro que não! Estou é caíndo de bêbado, e nunca nenhum homem fez tanto para isso como eu. Viva Deus, meu estalajadeiro, pois à minha parte bebi pelo menos cento e cinquenta garrafas!

- Misericórdia! - gritou o estalajadeiro. - Se o criado bebeu apenas metade do amo estou arruinado!

- Grimaud é um laçao de boa casa que não se permitiria beber do mesmo vinho que eu, limitou-se a beber do casco. Mas me parece que se esqueceu de pôr o batoque... Ouviu? O vinho está correndo...

D'Artagnan soltou uma gargalhada que transformou o arrepio do estalajadeiro em febre alta.

Ao mesmo tempo, Grimaud apareceu por sua vez atrás do amo, de mosquetão ao ombro, cambaleando como os sátiros ébrios dos quadros de Rubens. Estava ensopado por um líquido espesso que o estalajadeiro reconheceu como o seu melhor azeite.

O cortejo atravessou a sala grande e foi se instalar no melhor quarto da estalagem, que D'Artagnan ocupou à força.

Entretanto, o estalajadeiro e a mulher precipitaram-se com lanternas na adega que lhes estivera durante tanto tempo interdita e depararam com um espetáculo medonho.

Além das fortificações em que Athos abriera brecha para sair e que se compunham de toros de lenha, de tábuas e de barris vazios empilhados de acordo com todas as regras da arte estratégica, viam-se aqui e ali, nadando em mares de azeite e vinho, os ossos de todos os presuntos comidos, enquanto uma pilha de garrafas partidas juncava todo o canto esquerdo da adega e um tonel, cuja torneira ficara aberta, perdia por essa abertura as derradeiras gotas do seu sangue. A imagem da devastação e da morte, como diz o poeta da Antiguidade, reinava ali como num campo de batalha.

De cinquenta salsichões pendurados nas vigas, restavam apenas dez. Então os gritos do estalajadeiro e da estalajadeira atravessaram a abóbada da adega, tão lancinantes que o próprio D'Artagnan se comoveu. Athos nem sequer virou a cabeça.

Mas a dor sucedeu à raiva. O estalajadeiro armou-se de um espeto e, no seu desespero, correu para o quarto onde os dois amigos tinham se recolhido.

- Vinho! - pediu Athos ao ver o estalajadeiro.
- Vinho?! - gritou o estalajadeiro, estupefato. - Vinho! Já bebiu vinho no valor de cem pistolas! Sou um homem arruinado, aniquilado, perdido!
- Que quer, a sede não nos largava... - desculpou-se Athos.
- Se tivesse se limitado a beber, ainda vá, mas quebrou todas as garrafas.
- Empurraram-me contra uma pilha que veio abaixo. A culpa é sua.
- Todo o meu azeite perdido!
- O azeite é um bálsamo soberano para as feridas, e o pobre Grimaud tinha de tratar das que lhe fizeram.
- Todos os meus salsichões roídos!
- Há uma autêntica praga de ratos naquela adega.
- Vai pagar por tudo isso! - gritou o estalajadeiro, exasperado.
- Triplo velhaco! - respondeu Athos, levantando-se.

Mas voltou a cair imediatamente; acabava de dar a medida das suas forças. D'Artagnan foi em seu socorro, brandindo o chicote. O estalajadeiro recuou um passo e desatou a chorar.

- Isso lhe ensinará a tratar de forma mais cortês os hóspedes que Deus lhe envia - disse-lhe D'Artagnan.
- Deus... Diga antes o Diabo!
- Meu caro amigo - atalhou D'Artagnan -, se continua a moer-nos o bicho do ouvido, nos fecharemos todos os quatro na sua adega e veremos se realmente o estrago é tão grande como diz.
- Está bem, senhores, a culpa é minha, confesso - declarou o estalajadeiro
- , mas todo o pecado tem perdão. Os senhores são fidalgos e eu não passo de um

pobre estalajadeiro, espero que tenham piedade de mim.

- Se fala assim - disse Athos -, parte-me o coração e as lágrimas acabarão por correr-me dos olhos como o vinho corria dos teus barris. Não somos tão diabos como parecemos. Aproxime-se e conversemos.

O estalajadeiro aproximou-se receoso.

- Anda, repito, e não tenha medo - continuou Athos. - Quando te fui pagar, pousei a minha bolsa em cima da mesa.
- É verdade, monsenhor.
- Essa bolsa continha sessenta pistolas. Onde está ela?

- Depositada na secretaria do tribunal monsenhor, como diziam que o dinheiro era falso...
- Pois então que lhe restituam a minha bolsa e guarde as sessenta pistolas.
- Mas, monsenhor, bem sabe que a justiça nunca mais larga aquilo a que deita a mão. Se o dinheiro fosse falso, ainda haveria uma esperança, mas infelizmente é verdadeiro...
- Vire-te, meu bom homem; o caso já não é comigo, tanto mais que não tenho nem uma libra.
- Vejamos, onde está o antigo cavalo de Athos? - perguntou D'Artagnan.
- Na cavalaria.
- Quanto vale?
- Cinquenta pistolas, no máximo.
- Vale oitenta, fique com ele e assunto encerrado.
- Como, você vende o meu cavalo, vende o meu Bajazet? - protestou Athos. - E em que montarei na campanha? E Grimaud?
- Trouxe-lhe outro - informou-o D'Artagnan.
- Outro?...
- E magnífico! - exclamou o estalajadeiro.
- Então, se tenho outro mais bonito e mais novo, fique com o velho e toque a beber!

- De qual? - perguntou o estalajadeiro, completamente tranquilizado.
- Daquele que está ao fundo, ao pé dos sarrafos... Ainda restam vinte e cinco garrafas, todas as outras se partiram na minha queda. Traga seis.
- Que raio de homem! - comentou o estalajadeiro para consigo.
- Se ficasse só que fosse quinze dias aqui, e pagasse o que bebesse, endireitaria os meus negócios.
- E não se esqueça - continuou D'Artagnan - de levar quatro garrafas do mesmo aos dois fidalgos ingleses.
- Agora, enquanto esperamos que nos tragam o vinho, conte-me, D'Artagnan, o que aconteceu aos outros - pediu Athos.

D'Artagnan contou-lhe como encontrara Porthos na cama com uma entorse e Aramis a uma mesa entre dois teólogos. Quando estava terminando entrou o estalajadeiro com as garrafas pedidas e um presunto que, felizmente para ele, ficara fora da adega.

- Bom, bebamos por Porthos e Aramis - disse Athos, enchendo o seu copo e o de D'Artagnan. - E você, meu amigo, que lhe aconteceu pessoalmente? Acho-o com um ar sinistro...
- Por desgraça sou o mais infeliz de todos nós - declarou D'Artagnan.

- Você infeliz, D'Artagnan? - admirou-se Athos. - Vejamos, infeliz como?

Anda, diga-me.

- Mais tarde - respondeu D'Artagnan.

- Mais tarde?... E porquê mais tarde? Por que acha que estou bêbado, D'Artagnan? Guarde bem isto, nunca tenho as idéias mais claras do que quando estou bêbado. Fale portanto, sou todo ouvidos.

D'Artagnan contou a sua aventura com a Sra Bonacieux. Athos escutou-o sem pestanejar, depois, quando terminou:

- Ninharia, tudo isso não passa de ninharia! - comentou Athos. Era a expressão preferida de Athos.

- Diz sempre ninharia, meu caro Athos - protestou D'Artagnan. - Apesar de nunca ter amado, isso fica-lhe muito mal.

O olhar de Athos incendiou-se de súbito, mas foi apenas um relâmpago, pois logo se tornou mortiço e vago como anteriormente.

- É verdade, nunca amei - reconheceu sem se alterar.

- Bem veja portanto, coração de pedra - disse D'Artagnan -, que faz mal em ser duro para conosco, corações ternos.

- Corações ternos, corações trespassados - sentenciou Athos.
- Que está dizendo?
- Digo que o amor é uma loteria em que aquele que ganha, ganha a morte! Teve muita sorte em perder, acredite-me, meu caro D'Artagnan. E se tenho um conselho a dar-lhe, é que perca sempre.
- Ela parecia amar-me tanto!...
- Parecia...
- Oh, amava-me!
- Criança! Não há nenhum homem que não tenha acreditado, como você, que a sua amante o amava, assim como não há nenhum homem que não tenha sido enganado pela amante.
- Exceto você, Athos, que nunca a teve.
- É verdade - admitiu Athos, após um momento de silêncio - , nunca tive nenhuma. Bebamos!
- Mas então, como filósofo que é, ensine-me, ajude-me - pediu D'Artagnan.
- Preciso saber e ser confortado.
- Confortado de quê?
- Da minha infelicidade.

- A sua infelicidade dá vontade de rir - respondeu Athos, encolhendo os ombros. - Seria interessante saber que diria se lhe contasse uma história de amor.
- Que lhe aconteceu?
- Ou a um dos meus amigos, que importa!
- Conte, Athos, conte.
- Acho melhor bebermos.
- Beba e conte.
- Pois sim - concordou Athos, despejando e enchendo o seu copo. - De fato, ambas as coisas ficam maravilhosamente juntas.
- Sou todo ouvidos - disse D'Artagnan.

Athos concentrou-se, e à medida que se concentrava D'Artagnan via-o empalidecer, encontrava-se no período de embriaguez em que os bebedores

vulgares caem e adormecem. Ele devaneava em voz alta, sem dormir. Este sonambulismo da embriaguez tinha qualquer coisa de assustador.

- Quer mesmo que conte? - perguntou.
- Suplico-lhe - respondeu D'Artagnan.
- Faça-se portanto como deseja. Um dos meus amigos... um dos meus amigos, ouça bem, e não eu - sublinhou Athos,

interrompendo-se com um sorriso sombrio -, um dos condes da minha província, isto é, Du Berry, nobre como um Dandolo ou um Montmorency, apaixonou-se aos vinte e cinco anos por uma garota de dezesseis, bela como os amores. Através da ingenuidade da sua idade despontava um espírito ardente, um espírito não de mulher, mas sim de poeta, não agradava, inebriava. Vivia numa vilazinha com o irmão, que era padre. Ambos tinham chegado à região vindos ninguém sabia de onde, mas ao vê-la tão bela e ao ver o irmão tão piedoso, ninguém pensou em perguntar-lhes de onde vinham. De resto, diziam-nos de boa ascendência. O meu amigo, que era o senhor da região, poderia tê-la seduzido ou tomado à força, como lhe agradasse, pois era o senhor, quem levantaria um dedo em defesa de dois estranhos, de dois desconhecidos? Infelizmente, ele era um homem honesto e casou com ela. O idiota, o ingênuo, o imbecil!

- Mas porquê tudo isso, se a amava? - perguntou D'Artagnan.

- Espere - pediu Athos. - Levou-a para o seu palácio e fez dela a primeira dama da província e deve-se prestar justiça, pois desempenhava perfeitamente o seu papel.

- E depois? - perguntou D'Artagnan.

- Depois, um dia, quando estava caçando com o marido - continuou Athos em voz baixa e falando muito depressa -, caiu do cavalo e perdeu os sentidos. O conde correu em seu socorro,

e como ela sufocava nas suas roupas ele rasgou-as com o punhal e descobriu-lhe o ombro. Adivinhe o que havia no ombro, D'Artagnan? - perguntou Athos soltando uma grande gargalhada.

- Posso sabê-lo? - arriscou D'Artagnan.
- Uma flor-de-lis - Respondeu Athos. - Estava marcada. E Athos despejou de um só trago o copo que tinha na mão.
- Que horror! - gritou D'Artagnan. - Que está me dizendo?...
- A verdade. Meu caro, o anjo era um demônio. A pobre garota roubara.
- E que fez o conde?
- O conde era um grande senhor, tinha nas suas terras direito de alta e baixa justiça. Acabou de rasgar as roupas da condessa, amarrou-lhe as mãos atrás das costas e enforcou-a em uma árvore.
- Céus, Athos, um assassinato! - exclamou D'Artagnan.
- Sim, um assassinato, nem mais, nem menos - admitiu Athos, pálido como a morte. - Mas estou sem vinho, parece-me...

E Athos agarrou o gargalo da última garrafa que restava, levou-a à boca e despejou-a de um só trago, como faria se fosse um copo vulgar. Depois deixou cair a cabeça sobre as mãos; D'Artagnan ficou diante dele, dominado pelo espanto.

- Aquilo curou-me de mulheres belas, poéticas e apaixonadas - declarou Athos, levantando-se e sem pensar já em continuar o apólogo do conde. - Deus lhe conceda o mesmo! Bebamos!

- Ela morreu, portanto? - balbuciou D'Artagnan.
- É verdade - respondeu Athos. - Mas despeje o seu copo. Presunto, tem piada, é que não podemos beber! - gritou Athos.
- E o irmão? - perguntou timidamente D'Artagnan.
- O irmão? - repetiu Athos.
- Sim, o padre.
- Ah! Informe-me a seu respeito, para mandar enforcá-lo também, mas ele tomara-me a dianteira e deixara a sua paróquia na véspera.
- Soube ao menos quem era esse miserável?
- Era sem dúvida o primeiro amante e o cúmplice da bela, um digno homem que fingira ser padre para casar a amante e assegurar-lhe o futuro. Espero que tenha sido esquartejado.
- Oh, meu Deus, meu Deus! - exclamou D'Artagnan, aturdidíssimo com a horrível aventura.
- Coma presunto D'Artagnan, é excelente - recomendou-lhe Athos, cortando uma fatia que pôs no prato do jovem. - Que

pena só haver quatro como este na adega! Teria bebido mais cinquenta garrafas.

D'Artagnan não podia suportar semelhante conversa, capaz de enlouquecê-lo deixou cair a cabeça nas mãos e fingiu adormecer.

- Os jovens já não sabem beber - comentou Athos, olhando-o com compaixão -, e no entanto este é dos melhores.

REGRESSO

D'Artagnan ficara aturdido com a terrível confiança de Athos, no entanto, muitas coisas ainda lhe pareceram obscuras naquela semi-revelação, em primeiro lugar, fora feita por um homem completamente bêbado a um homem meio embriagado, e no entanto, apesar do vácuo que faz subir ao cérebro o vapor de duas ou três garrafas de borgonha ao levantar-se no dia seguinte, D'Artagnan tinha cada palavra de Athos tão presente na memória como se, à medida que lhe tinham saído da boca, se tivessem impresso no seu espírito. A dúvida, porém, só contribuiu para lhe avivar o desejo de chegar a uma certeza, e para isso passou pelo quarto do amigo com a intenção bem firme de reatar a conversa da véspera, mas encontrou Athos completamente calmo, isto é, mais senhor de

si e impenetrável do que nunca. De resto, o mosqueteiro, depois de trocar com ele um aperto de mão, foi o primeiro a ir ao encontro do seu pensamento.

- Apanhei uma grande bebedeira ontem, meu caro D'Artagnan - começou. - Verifiquei isso esta manhã, tinha a língua muito suja e o pulso ainda muito agitado. Aposto que disse mil extravagâncias...

E ao dizer estas palavras fitou o amigo com uma fixidez que o embaraçou.

- Não - replicou D'Artagnan -, e se bem me recordo só disse coisas vulgaríssimas.

- Você me surpreende! Achei que tinha lhe contado uma história das mais lamentáveis.

E fitava o jovem como se quisesse ler-lhe no fundo do coração.

- Palavra! - disse D'Artagnan. - Parece-me que estava ainda mais bêbado

do que você, pois não me lembro de nada.

Athos não se contentou com a palavra do amigo e insistiu:

- Deve ter notado, meu caro, que cada um tem o seu gênero de embriaguez, triste ou alegre, eu tenho a embriaguez triste, e uma vez bêbado a minha mania é contar histórias lúgubres que a minha estúpida ama me meteu na cabeça. É o

meu defeito, o meu pecado, pecado capital, admito. Mas tirando isso sou bom bebedor.

Athos proferiu estas palavras de forma tão natural que D'Artagnan se sentiu abalado na sua convicção.

- Oh, é então disso, com efeito - respondeu o jovem, tentando não deixar fugir a verdade -, é então disso que me recordo, como de resto nos lembramos de um sonho, falamos de enforcados!

- Como vê - disse Athos, empalidecendo, mas ao mesmo tempo tentando sorrir -, tinha certeza: os enforcados são o meu pesadelo.

- Sim, sim - prosseguiu D'Artagnan -, estou recordando-me... Sim, tratava-se... espere... tratava-se de uma mulher!

- Viu? - respondeu Athos, tornando-se quase lívido. - É a minha grande história da mulher loura, e quando a conto é porque estou bêbado como um cacho.

- Sim, é isso - concordou D'Artagnan -, a história da mulher loura, alta e bela, de olhos azuis.

- Sim e enforcada.

- Pelo marido, que era um fidalgo seu conhecido - continuou D'Artagnan, olhando fixamente para Athos.

- Exato! Mas veja como se pode comprometer um homem quando já não sabemos o que dizemos - observou Athos, encolhendo os ombros, como se se compadecesse de si mesmo.

Decididamente, vou deixar de me embebedar, D'Artagnan, é um péssimo hábito.

D'Artagnan guardou silêncio.

- A propósito, agradeço o cavalo que me trouxe.
- Gostou dele? - perguntou D'Artagnan.
- Gosto, mas não é um cavalo resistente.
- Engana-se, percorri com ele dez léguas em menos de hora e meia e não me parecia mais cansado do que se tivesse dado a volta à Praça de Saint-Sulpice.
- Sendo assim, tenho de de me lamentar.
- De se lamentar?...
- Sim, porque me desfiz dele.
- Como assim?
- As coisas passaram-se assim, esta manhã, acordei às seis da manhã, você dormia como uma pedra e não sabia que fazer, ainda não estava recomposto da nossa pândega de ontem. Desci à sala principal e dei com um dos nossos ingleses negociando um cavalo com um alquilador, pois o seu morrera ontem de congestão. Aproximei-me dele e ao vê-lo oferecer cem pistolas por um alazão escuro disse-lhe:
 - “Por Deus, meu gentil-homem, também tenho um cavalo para vender”.

- É até muito belo - respondeu ele. - Vi-o ontem, quando o criado do seu amigo o trazia pela mão.

- “Acha que vale cem pistolas”?

- “Acho, e quer vendê-lo por esse preço”?

- “Não, mas joga-o”.

- “Joga-o comigo”?

- “Jogo”.

- “A quê”?

- “Aos dados”.

Dito e feito, e perdi o cavalo. Ah, mas em compensação voltei a ganhar a gualdrapa! - exclamou Athos».

D’Artagnan mostrou uma cara realmente aborrecida.

- Ficou contrariado? - perguntou-lhe Athos.

- Fiquei - confesso - respondeu D’Artagnan. - Esse cavalo devia servir para nos reconhecerem em um dia de batalha, era uma prenda, uma recordação. Athos, você não agiu bem.

- Vamos, meu caro amigo, ponha-se no meu lugar - desculpou-se o mosqueteiro. - Aborrecia-me mortalmente e além disso, palavra de honra, não gosto de cavalos ingleses. Vejamos, se é apenas para ser reconhecido por alguém, bom, a sela bastará... E ela é deveras notável. Quanto ao cavalo, arranjaremos qualquer desculpa para justificar o seu

desaparecimento. Que diabo, um cavalo é mortal! Digamos que o meu teve o mormo ou o laparão.

D'Artagnan não se conformava.

- Contraria-me - continuou Athos - que parece querer tanto a esses animais, porque ainda não cheguei ao fim da minha história.

- Que mais você fez?

- Depois de perder o meu cavalo, nove contra dez, veja o azar, lembrei-me de jogar o seu.

- Sim, mas parou por aí, espero?...

- Não, pus imediatamente a idéia em prática.

- Essa agora! - exclamou D'Artagnan, inquieto.

- Joguei e perdi.

- O meu cavalo?

- O seu cavalo, sete contra oito. Por um ponto... conhece o provérbio.

- Athos, não está em seu juízo perfeito, juro!

- Meu caro, ontem, quando lhe contava as minhas histórias idiotas é que devia dizer isso, e não esta manhã. Perdi-o com todos os equipamentos e arreios possíveis.

- Mas isso é horrível!

- Espere que ainda não acabei... Seria um excelente jogador se não teimasse, mas teimo e acontece-me o mesmo quando bebo. Portanto, teimei...

- Mas que mais pode jogar, se não lhe restava mais nada?

- Restava, restava, meu amigo... Restava-nos esse diamante que brilha no seu dedo e que notara ontem.

- Este diamante?! - gritou D'Artagnan, levando vivamente a mão ao anel

- E como sou conhecedor, pois já tive alguns, avaliei-o em mil pistolas.

- Espero - disse muito sério D'Artagnan, meio morto de terror - que não tenha arriscado o meu diamante...

- Pelo contrário, caro amigo! Como deve compreender, esse diamante era o

nosso último recurso, com ele podia voltar a ganhar os nossos arreios e os nossos cavalos e ainda o dinheiro para a viagem.

- Athos, você me faz tremer! - exclamou D'Artagnan.

- Falei portanto do seu diamante ao meu parceiro, que também reparara nele. Que diabo, meu caro, traz no dedo uma estrela do céu e não quer que se veja! Impossível.

- Acabe, meu caro, acabe - pediu D'Artagnan. - Porque, palavra de honra, acaba comigo com o seu sangue-frio!

- Dividimos pois o diamante em dez partes de cem pistolas cada uma.
- Ah, quer se divertir e me experimentar, não é? - disse D'Artagnan, a quem a cólera começava a puxar os cabelos, tal como Minerva puxa Aquiles na Iliada.
- Não, não estou brincando, com a breca! Gostaria de vê-lo no meu lugar. Havia quinze dias que não via rosto humano e que me embrutecia a emborcar garrafas.
- Isso não era razão para jogar o meu diamante! - respondeu D'Artagnan, fechando a mão numa crispção nervosa.
- Mas ouça o resto: dez partes de cem pistolas, cada uma em dez lances sem desforra. Em treze lances perdi tudo. Em treze lances! O número 13 sempre me foi fatal. Foi em 13 de Julho que...
- Com mil demônios! - gritou D'Artagnan, levantando-se da mesa, já sem querer saber da história da véspera, que a do dia lhe fizera esquecer.
- Paciência - pediu Athos. - A verdade é que eu tinha um plano: o inglês era um original, vira-o de manhã conversando com Grimaud, e Grimaud avisara-me de que lhe propusera entrar ao seu serviço. Resolvi jogar Grimaud, o silencioso Grimaud, dividido em dez partes.

- Outra vez! - exclamou D'Artagnan, desatando a rir sem querer.
- O próprio Grimaud, ouviu? E com as dez partes de Grimaud, que não vale inteiro um ducado, voltei a ganhar o diamante. Diga agora que a persistência não é uma virtude!
- Palavra que isso parece uma piada! - exclamou D'Artagnan. satisfeito, rindo a bandeiras despregadas.
- Como compreende, sentindo-me em maré de sorte, voltei a jogar imediatamente sobre o diamante.
- Oh, diabo! - exclamou D'Artagnan, de novo preocupado.
- Ganhei os seus arreios, depois o seu cavalo, depois os meus arreios, depois o meu cavalo, e depois tornei a perder. Em resumo, recuperei o seu arreio e depois o meu. É esta a situação atual. Foi um lance soberbo; por isso fiquei por aí.

peito.

D'Artagnan respirou como se lhe tivessem tirado a estalagem de cima do

- Enfim, não perdi o diamante? - perguntou timidamente.

- Está intato, caro amigo! Mais os arreios do seu Bucéfalo e do meu.
- Mas que faremos dos nossos arreios sem cavalos?
- Tenho uma idéia acerca deles.
- Athos, receio muito as suas idéias.
- Escute, você não joga há muito tempo, não é, D'Artagnan?
- E não tenho nenhuma vontade de jogar.

- Isso é o que diz agora! Portanto, como não joga há muito tempo, dizia eu, deve ter boa mão...
- Sim, e depois?
- Depois, o inglês e o companheiro ainda estão aqui. Notei que tinham muita pena de não ficar com os arreios... e você parece interessado no seu cavalo. No seu lugar jogaria os arreios contra o cavalo.
- Mas ele não quererá só um arreio.
- Nesse caso, jogue os dois! Não sou um egoísta como você.
- Faria isso? - perguntou D'Artagnan, indeciso, de tal modo a confiança de Athos começava a influenciá-lo, mal-grado seu.
- Palavra de honra, e num só lance.
- Mas é que, já que perdi os cavalos, tenho enorme empenho em conservar os arreios.

- Então jogue o seu diamante.
- Oh, isso é outra coisa! Nunca, nunca.
- Diabo! - exclamou Athos. - Eu proporia que jogasse Planchet, mas como isso já foi feito o inglês talvez não estivesse pelos ajustes.
- Decididamente, meu caro Athos, prefiro não arriscar nada - declarou D'Artagnan.
- É pena - respondeu friamente Athos. - O inglês está cheio de pistolas...

Meu Deus, tente um lance, um lance não custa nada.

- E se perco?
- Você ganhará.
- Mas se perder?
- Bom, entregará os arreios.
- Arrisco um lance - decidiu D'Artagnan.

Athos foi à procura do inglês e encontrou-o na cavalaria examinando os arreios com um olhar cobiçoso. A ocasião era boa. Athos apresentou as suas condições: os dois arreios contra um cavalo ou cem pistolas, a escolher. O inglês fez um cálculo rápido: os dois arreios valiam trezentas pistolas, aceitou.

D'Artagnan jogou os dados tremendo e tirou o três, a sua palidez assustou Athos, que se limitou a dizer:

- Mau lance, companheiro, terá os cavalos completamente arreados, senhor.

O inglês, triunfante, nem sequer se deu ao trabalho de agitar os dados, atirou-os para cima da mesa sem olhar, de tal modo estava seguro da vitória, D'Artagnan virara-se para ocultar o seu mau humor.

- Veja, veja, veja - disse Athos com a sua voz tranquila. - Este lance de dados é extraordinário e só o vi quatro vezes na minha vida: dois ases!

O inglês olhou e ficou espantado, D'Artagnan olhou e ficou contente.

- Sim, continuou Athos, apenas quatro vezes, uma vez na casa do Sr. de Créquy, outra vez em minha casa, no campo, no meu castelo de... quando tinha um castelo, a terceira vez na casa do Sr. de Tréville, onde ele nos surpreendeu a todos, e finalmente a quarta vez num botequim, onde calhou a mim e perdi no lance cem luíses e uma ceia.

- Então o senhor recupera o seu cavalo - disse o inglês.

- Exato - respondeu D'Artagnan.

- Não há desforra?

- As nossas condições diziam: Sem desforra. Lembra-se?

- É verdade, o cavalo vai ser entregue ao seu criado, senhor.

- Um momento - atalhou Athos. - Com sua licença, senhor, peço para dizer uma palavra ao meu amigo.

- Diga.

Athos afastou-se com D'Artagnan.

- Que mais quer de mim, tentador? - perguntou-lhe D'Artagnan. - Quer que jogue, não é?

- Não, quero que reflita.

- Em quê?

- Vai recuperar o cavalo, não é verdade?

- Sem dúvida.

- Você está agindo mal, eu preferiria as cem pistolas. Como sabe, jogou os arreios contra o cavalo ou cem pistolas, à sua escolha.

- É verdade.

- Eu optaria pelas cem pistolas.

- E eu opto pelo cavalo.

- Está agindo mal, repito. Que faremos com um cavalo para os dois? Não posso montar na garupa, pareceríamos dois filhos de Aymon que tivessem perdido os irmãos, e você não pode me humilhar cavalgando junto de mim nesse magnífico corcel. Eu não hesitaria um instante, optaria pelas cem pistolas, precisamos de dinheiro para regressar a Paris.

- Quero aquele cavalo, Athos.

- E faz mal, meu amigo, insisto. Um cavalo tem uma distensão muscular, um cavalo tropeça e arranja joalheiras, um cavalo come em uma manjedoura onde comeu um cavalo mormoso, e aí está um cavalo... ou antes, aí estão cem pistolas perdidas. O dono de um cavalo tem de alimentá-lo, enquanto, pelo contrário, cem pistolas alimentam o seu dono.
- Mas como regressaremos?
- Nos cavalos dos nossos lacaios, oras! Todos verão perfeitamente, pelo nosso aspecto, que somos pessoas de condição.
- Teremos um rico aspecto montados em garranos, enquanto Aramis e Porthos se caracoleiam nos seus cavalos!
- Aramis! Porthos! - exclamou Athos, e desatou a rir.
- Que quer dizer? - perguntou D'Artagnan, que não compreendia nada da hilaridade do amigo.
- Bem, bem, continuemos - disse Athos.
- Portanto, na sua opinião...
- Devemos optar pelas cem pistolas, D'Artagnan, com as cem pistolas podemos nos banquetear até ao fim do mês, suportamos muitas canseiras, como sabe, e precisamos descansar um pouco.
- Eu descansar? Oh, não, Athos, assim que chegar a Paris vou procurar aquela pobre mulher!

- E acha que o seu cavalo será tão útil nisso como bons luíses de ouro?

Opte pelas cem pistolas, meu amigo, opte pelas cem pistolas.

D'Artagnan só precisava de um motivo para se render, e aquele

pareceu-lhe excelente. Aliás, se resistisse mais tempo receava parecer egoísta aos olhos de Athos. Concordou e optou pelas cem pistolas, que o inglês lhe entregou imediatamente.

Depois só pensaram em partir. A assinatura da paz com o estalajadeiro custou seis pistolas mais o velho cavalo de Athos, D'Artagnan e Athos montaram nos cavalos de Planchet e Grimaud e os dois criados puseram-se a caminho a pé, com as selas à cabeça.

Por muito mal montados que os dois amigos fossem não tardaram a adiantar-se aos criados e a chegar a Crèvecoeur. De longe viram Aramis melancolicamente encostado à janela, vendo, como a minha irmã Anne, o pó levantar-se no horizonte.

- Olá! Eh, Aramis, que diabo faz aí?! - gritaram os dois amigos.

- Ah, são vocês, D'Artagnan e Athos! - exclamou o jovem. - Pensava com que rapidez se vão os bens deste mundo, e o meu cavalo inglês, que se afastava e acaba de desaparecer no meio de uma nuvem de poeira, era para mim a imagem viva da

fragilidade das coisas terrenas. A própria vida pode-se resolver em três palavras: Erat, est, fuit

- Isso quer dizer no fundo?... - perguntou D'Artagnan, que começava a suspeitar da verdade.

- Quer dizer que acabo de fazer um mau negócio: sessenta luíses por um cavalo que, pela maneira como corre, pode percorrer a trote cinco léguas por hora.

D'Artagnan e Athos desataram a rir.

- Meu caro D'Artagnan - disse Aramis -, não fique muito aborrecido comigo, peço-lhe; a necessidade faz lei, aliás, sou o primeiro castigado, pois aquele infame alquilador roubou-me pelo menos cinquenta luíses. Você é que sabe fazer as coisas, vieram nos cavalos dos lacaios e os fazem conduzir os seus cavalos de luxo à mão, devagarinho, em pequenas jornadas.

No mesmo instante um carroção que havia instantes surgira na estrada de Amiens parou e saíram dele Grimaud e Planchet com as selas à cabeça. O carroção regressava vazio a Paris e os dois lacaios tinham-se comprometido, mediante o seu transporte, a dar de beber ao carroceiro ao longo de toda a estrada.

- Que é aquilo? - perguntou Aramis, vendo o que se passava. - Só trazem as selas?

- Compreende agora? - tornou-lhe Athos.

- Meus amigos, estão exatamente como eu, também conservei os arreios por instinto. Olá, Bazin! Coloque os meus arreios novos junto dos destes senhores.
- E que fez com os padres? - perguntou D'Artagnan.
- Meu caro, convidei-os para jantar no dia seguinte - respondeu Aramis. - Há por aqui um vinho excelente, diga-se de passagem, e embebedei-os de caixão à cova. Então o pároco proibiu-me de vestir a farda e o jesuíta rogou-me que o ajudasse a ser admitido como mosqueteiro.
- Sem chance! - exclamou D'Artagnan. - Sem chance! Exijo a supressão da tese!
- Desde então - continuou Aramis - vivo agradavelmente. Comecei um poema em versos de uma sílaba e é bastante difícil, mas em todas as coisas o mérito reside na dificuldade. O tema é galante. Vou ler o primeiro canto: tem quatrocentos versos e dura um minuto.
- Meu caro Aramis - disse D'Artagnan, que detestava quase tanto os versos como o latim -, junta ao mérito da dificuldade o da brevidade e pelo menos terá certeza de que o seu poema possuirá dois méritos.

- Depois - continuou Aramis - respira paixões honestas, como verás... E agora, meus amigos, regressamos a Paris? Bravo, estou pronto! Ainda bem que vamos tornar a ver esse bom Porthos. Talvez não acreditem, mas sinto falta desse grande simplório. Porthos não trocaria o seu cavalo nem por um reino. Tomara já vê-lo montado no seu belo animal na sua sela... Estou certo de que parecerá o Grão-Mongol.

Pararam por uma hora para os cavalos descansarem, depois Aramis pagou a sua conta, colocou Bazin no carroção com os seus camaradas e meteram-se a caminho ao encontro de Porthos.

Encontraram-no de pé, menos pálido do que o vira D'Artagnan na sua primeira visita, e sentado a uma mesa onde, embora estivesse sozinho, havia um jantar para quatro pessoas. O jantar compunha-se de carnes excelentemente cozidas, de vinhos escolhidos e de frutos soberbos.

- Por Deus! - exclamou levantando-se. - Chegaram na melhor hora, meus senhores! Ia justamente na sopa e vão jantar comigo.

- Oh, oh! - interveio D'Artagnan. - Com certeza que não foi Mousqueton quem apanhou a lazo, como as garrafas, esse fricandó recheado e esse lombo de vaca...

- Estou restabelecendo-me - declarou Porthos. - Estou restabelecendo-me. Não há nada que enfraqueça tanto como os malditos entorses. Já teve entorses, Athos?

- Nunca! Mas recordo-me de que na nossa escaramuça da Rua Férou recebi uma estocada que ao cabo de quinze ou dezoito dias me produziu exatamente o mesmo efeito.
- Mas este jantar era só para você, meu caro Porthos? - perguntou Aramis.
- Não - respondeu Porthos. - Esperava alguns gentis-homens das vizinhanças que acabam de mandar avisar que não virão, vocês os substituirão e não perderei com a troca. Olá, Mousqueton, traga assentos e o dobro das garrafas!
- Sabe o que estamos comendo? - perguntou Athos ao cabo de dez minutos.
- Meu Deus, eu estou comendo vitela recheada com alcachofras e miolos! - respondeu D'Artagnan.
- E eu lombo de cordeiro - disse Porthos.
- E eu peito de galinha - disse Aramis.
- Estão enganados, meus senhores - respondeu Athos. - O que comem é carne de cavalo.
- Ora adeus! - respondeu D'Artagnan, incrédulo.
- Cavalo! - exclamou Aramis, com uma careta de repugnância. Só Porthos não disse nada.
- Sim, carne de cavalo! Não é verdade, Porthos, que estamos comendo carne de cavalo? Talvez até com as gualdrapas!

- Não, meus senhores, guardei os arreios - respondeu Porthos.
- Palavra que estamos uns para os outros - comentou Aramis. - Até parece que combinamos.
- Que quer, o cavalo envergonhava os meus visitantes e não quis humilhá- los - desculpou-se Porthos.
- E a sua duquesa continua nas termas, não é verdade? - insinuou D'Artagnan.
- Continua - respondeu Porthos. - Por outro lado, o governador da província, um dos gentis-homens que esperava hoje para jantar, pareceu-me desejá-lo tanto que o dei.
- Deu-o?! - exclamou D'Artagnan.
- Meu Deus, sim, dei-o, é essa a palavra - respondeu Porthos. - Porque ele valia decerto cento e cinquenta luíses e o sovina só me pagou oitenta.
- Sem a sela? - perguntou Aramis.
- Sim, sem a sela.
- Como vêem, senhores, foi ainda Porthos quem fez o melhor negócio de nós todos - observou Athos.

Seguiu-se uma gargalhada geral que deixou o pobre Porthos sem saber o que pensar, mas assim que lhe explicaram o

motivo de tamanha hilaridade compartilhou-a ruidosamente, conforme o seu costume.

- Exceto eu - disse Athos. - Achei o vinho de Espanha de Aramis tão bom que mandei carregar umas sessenta garrafas no carroção dos lacaios, o que me deixou sem nada.

- E eu - disse Aramis - imagine como estaria de dinheiro se tenho dado até ao meu último soldo à igreja de Montdidier e aos jesuítas de Amiens, e se além disso tenho assumido compromissos que teria agora de cumprir, como encomendar missas por mim e por vocês que a serem ditas, senhores, não duvido nos fossem muito úteis.

- E eu - disse Porthos -, julgam que o meu entorse não me custou nada? Sem contar com o ferimento de Mousqueton, que me obrigou a mandar vir o cirurgião duas vezes por dia, o qual me fez pagar as visitas dobradas, a pretexto de o imbecil do Mousqueton ter sido baleado em um lugar que habitualmente só se mostra aos boticários. Mas eu recomendei-lhe que nunca mais se deixasse ferir ali.

- Vamos, vamos - disse Athos, trocando um sorriso com D'Artagnan e Aramis -, vejo que se comportou generosamente com o pobre rapaz, como é próprio de um bom amo.

- Em resumo - continuou Porthos -, paga a minha despesa, me restarão uns trinta escudos.

- E a mim uma dezena de pistolas - disse Aramis.

- Apre, até parece que somos os Cresos da sociedade!
Quanto lhe resta das suas cem pistolas, D'Artagnan?
- Das minhas cem pistolas? Em primeiro lugar, dei-lhe cinquenta...
- Sim?...
- Ora essa!
- Ah, é verdade, já me lembro!...
- Depois, paguei seis ao estalajadeiro.

- Que animal, esse estalajadeiro! Por que lhe deu seis pistolas?
- Você é que me disse para da-las.
- Não há dúvida que sou muito bom. Em resumo, quanto resta?
- Vinte e cinco pistolas - respondeu D'Artagnan.
- E eu - disse Athos, tirando uns trocos da algibeira -, eu ...
- Você, nada.
- De fato, é tão pouca coisa que não vale a pena ir para o monte.
- Agora, calculemos quanto possuímos ao todo. Porthos!
- Trinta escudos.
- Aramis!

- Dez pistolas.
- D'Artagnan?
- Vinte e cinco.
- Isso faz ao todo? - perguntou Athos.
- Quatrocentas e setenta e cinco libras! - respondeu D'Artagnan, que contava como Arquimedes.
- Quando chegarmos a Paris ainda devemos ter quatrocentas, mais os arreios - disse Porthos.
- Mas os nossos cavalos de esquadrão? - lembrou Aramis.
- Bom, dos quatro cavalos dos lacaios faremos dois de amo que sortearemos, com as quatrocentas libras arranjarémos uma pileca para um dos desmontados e entregaremos os restos das algibeiras a D'Artagnan, que tem boa mão, para jogá-los na primeira tavola que encontrar.
- Entretanto jantemos, antes que a comida esfrie - disse Porthos.

Os quatro amigos, agora mais tranquilos quanto ao seu futuro, fizeram honras ao repasto, cujos restos foram deixados para os Srs. Mousqueton, Bazin, Planchet e Grimaud.

Quando chegou a Paris, D'Artagnan encontrou uma carta do Sr. de Tréville comunicando-lhe que, a seu pedido, o rei acabava de lhe conceder a mercê de se tornar mosqueteiro.

Como era tudo o que D'Artagnan ambicionava no mundo, à parte, evidentemente, o desejo de reencontrar a Sra Bonacieux, correu satisfeitíssimo para junto dos seus camaradas, de quem se separara havia cerca de meia hora, e que encontrou muito tristes e preocupados. Estavam reunidos em conselho na casa de Athos, o que indicava sempre circunstâncias de certa gravidade.

O Sr. de Tréville acabava de mandar avisá-los de que, como o rei estava firmemente decidido a abrir a campanha no dia 1 de Maio, deviam preparar incontinentemente os seus equipamentos.

Os quatro filósofos entreolharam-se preocupadíssimos: o Sr. de Tréville não era para brincadeiras no tocante a disciplina.

- E enquanto avalia os equipamentos? - perguntou D'Artagnan.

- Oh, fizemos as contas com uma economia espartana e nos falta a cada um mil e quinhentas libras! - informou Aramis.

- Quatro vezes mil e quinhentas libras são seis mil libras - acrescentou

Athos.

- Acho que com mil libras cada um... Verdade seja que não falo como

espartano, mas sim como procurador... - insinuou D'Artagnan.

- Tenho uma idéia! - exclamou Porthos, de súbito.
- Já é alguma coisa, pois nem sequer tenho a sombra de uma - declarou friamente Athos. - Mas quanto a D'Artagnan, meus senhores, a felicidade de ser no futuro dos nossos o põe louco. Mil libras! Só para mim preciso de duas mil!
- Quatro vezes dois são oito - disse então Aramis. - Precisamos portanto de oito mil libras para os nossos equipamentos, embora, digamos a verdade, desses equipamentos já tenhamos as selas.
- Mais - disse Athos, esperando que D'Artagnan que ia agradecer ao Sr. de Tréville, fechasse a porta -, mais o belo diamante que brilha no dedo do nosso amigo... Que diabo, é muito bom camarada para deixar irmãos em apuros quando traz no dedo médio o resgate de um rei!

A CAÇA AO EQUIPAMENTO

O mais preocupado dos quatro amigos era sem dúvida nenhuma D'Artagnan, embora D'Artagnan na sua qualidade de guarda, fosse muito mais fácil de equipar do que os Srs. Mosqueteiros, que eram fidalgos. Mas o nosso cadete da Gasconha era, como já tivemos ensejo de verificar, uma pessoa previdente e quase avara e por isso (explico os contrários)

quase mais presunçosa ainda do que Porthos. À preocupação com a sua vaidade, D'Artagnan juntava naquele momento uma inquietação menos egoísta. As poucas informações que conseguira obter acerca da Sra Bonacieux não lhe tinham proporcionado nenhuma novidade. O Sr. de Tréville falara à rainha, a rainha ignorava onde estava a jovem retroseira e prometera mandar procurá-la. Mas tal promessa era muito vaga e não tranquilizava nada D'Artagnan.

Athos não saía do seu quarto, estava resolvido a não arriscar um passo para se equipar.

- Ainda temos quinze dias - dizia aos amigos. - Se passados esses quinze dias não tiver arranjado nada, ou antes, se nada me tiverem arranjado, como sou muito bom católico para estourar a cabeça com um tiro de pistola, procurarei uma boa briga com quatro guardas de Sua Eminência ou oito ingleses e me baterei até um me matar, o que, dada a sua quantidade não pode deixar de me acontecer. Se dirá então que morri pelo rei, de modo que terei feito o meu serviço sem necessidade de me equipar.

Porthos continuava a passear, de mãos atrás das costas, meneando a cabeça de alto a baixo e dizendo:

- Prosseguirei com a minha idéia. Aramis, preocupado não dizia nada.

É fácil ver por estes pormenores funestos que a desolação reinava na comunidade.

Os lacaios, pela sua parte, como os vassallos de Hipólito, partilhavam a triste pena dos amos. Mousqueton fazia provisão de restos, Bazin, que sempre tivera queda para a devoção, não saía das igrejas, Planchet entretinha-se vendo voar as moscas, e Grimaud, a quem a tristeza geral não conseguia levar a romper o silêncio imposto pelo amo, soltava suspiros capazes de comover as pedras.

Os três amigos - porque como dissemos Athos jurara não dar um passo

para se equipar -, os três amigos saíam de manhã muito cedo e voltavam tardissimo. Vagueavam pelas ruas de olhos postos no chão, não tivesse alguma das pessoas que por ali passara antes deles terem perdido a bolsa. Parecia que seguiam pistas, tamanha era a atenção com que olhavam para o chão nos lugares por onde passavam. Quando se encontravam, trocavam olhares desolados que queriam dizer: “Encontrou alguma coisa?”

No entanto, como Porthos fora o primeiro a ter uma idéia e a segui-la com persistência, foi o primeiro a agir. Era um homem de ação, o digno Porthos. D’Artagnan viu-o um dia dirigir-se para a Igreja de Saint-Leu e seguiu-o instintivamente. Porthos entrou no lugar santo depois de erguer as guias do bigode e alisar a pêra, o que denotava sempre da sua parte as intenções mais conquistadoras. Como D’Artagnan tomava algumas

precauções para se dissimular, Porthos julgou não ser visto. D'Artagnan entrou atrás dele e Porthos foi se encostar do lado de um pilar, D'Artagnan, sempre despercebido encostou-se do outro.

Precisamente naquele dia havia um sermão e por isso a igreja tinha muita gente. Porthos aproveitou a circunstância para deitar o olho às mulheres. Graças aos bons cuidados de Mousqueton, o seu exterior estava longe de deixar transparecer a miséria que ia por dentro. O chapéu estava um bocadinho coçado, a pluma um pouco desbotada, os bordados um tanto baços e as rendas algo rotas, mas à meia luz ninguém reparava em tais ninharias e Porthos não deixava de ser o belo Porthos. D'Artagnan notou no banco mais próximo do pilar a que Porthos e ele estavam encostados uma espécie de beleza madura, um pouco deslavada, um pouco seca, mas muito direita e altiva debaixo da sua touca negra. Os olhos de Porthos baixavam-se furtivamente sobre a dama e depois divagava ao longo da nave.

Pela sua parte, a dama, que de vez em quando corava, lançava com a rapidez do relâmpago um olhar ao volúvel Porthos, e imediatamente os olhos de Porthos divagavam pela igreja. Era evidente tratar-se de um manejo que impressionava a dama de touca preta, pois ela mordida os lábios até sangrarem, coçava a ponta do nariz e mexia-se desesperadamente no seu lugar.

Vendo isto, Porthos torceu de novo o bigode, alisou pela segunda vez a pêra e pôs-se a fazer sinais a outra dama, que

estava perto do coro, e que não só era uma bela dama, mas também uma grande dama sem dúvida, pois tinha atrás de si um pretinho que trouxera a almofada em que estava ajoelhada e uma criada que segurava a bolsa brasonada onde guardava o livro de missa.

A dama de touca preta seguia através de todos os seus meandros o olhar de Porthos, até que descobriu que ele se detinha na dama da almofada de veludo, do pretinho e da criada.

Entretanto, Porthos jogava pelo seguro: eram piscadelas de olho, dedos pousados nos lábios, sorrizinhos assassinos, que realmente assassinavam a bela desdenhada. Soltou por isso, em forma de mea culpa e batendo no peito um “Hum!” de tal modo sonoro que todos, incluindo a dama da almofada vermelha se viraram nos seus lugares. Porthos manteve-se firme: embora tivesse ouvido bem. Fez de surdo.

A dama da almofada vermelha produziu sensação, pois era de fato muito bela, e impressionou a dama de touca preta, que viu nela uma rival realmente

temível. Também impressionou grandemente Porthos que a achou mais bonita do que a dama de touca preta, e igualmente D'Artagnan, que reconheceu a dama de Meung, de Calais e de Dover que o seu perseguidor, o homem da cicatriz, cumprimentara tratando-a por Milady.

Sem perder de vista a dama da almofada vermelha, D'Artagnan continuou a seguir os manejos de Porthos, que achava divertidíssimos, julgou adivinhar que a dama da touca preta era a procuradora da Rua dos Ursos, tanto mais que a Igreja de Saint-Leu não ficava muito longe dessa rua.

Adivinhou então por indução que Porthos procurava desferrar-se da sua derrota de Chantilly, quando a procuradora se mostrara tão recalcitrante a respeito da bolsa.

Mas no meio de tudo aquilo, D'Artagnan notou também que ninguém correspondia aos galanteios de Porthos. Não passava tudo de quimeras e ilusões, mas para um amor verdadeiro, para um ciúme autêntico, haverá outra realidade além das ilusões e das quimeras?

O sermão terminou. A procuradora dirigiu-se para a pia da água benta, Porthos antecipou-se e, em vez de um dedo, meteu a mão toda. A procuradora sorriu, julgando que era por ela que Porthos fazia aquilo tudo, mas foi pronta e cruelmente desenganada, quando não estava a mais de três passos dele, Porthos virou a cabeça e fixou invariavelmente os olhos na dama da almofada vermelha, que se levantava e se aproximava seguida do seu pretinho e da criada.

Quando a dama da almofada vermelha chegou junto de Porthos, este tirou a mão a escorrer da pia da água benta, a bela devota tocou com a sua mão afilada a manápula de Porthos, fez sorrindo o sinal da cruz e saiu da igreja.

Foi demais para a procuradora; não duvidou mais de que aquela dama e Porthos se entendiam. Se fosse uma grande dama, teria desmaiado, mas como não passava de uma procuradora, limitou-se a dizer ao mosqueteiro, com furor concentrado:

- Então, Sr. Porthos, não me oferece água benta?

Ao ouvir-lhe a voz, Porthos teve um sobressalto digno de um homem que acordasse depois de um sono de cem anos.

- Se... senhora! - exclamou. - É de fato você? Como está o seu marido, esse caro Sr. Coquenard? Continua a ser tão sovina como era? Onde tinha eu os olhos que nem sequer a vi durante as duas horas que durou o sermão?

- Estava a dois passos de você, senhor - respondeu a procuradora. - Mas não me viu porque só tinha olhos para a bela dama a quem acaba de dar água benta.

Porthos fingiu-se embaraçado.

- Ah, você notou!... - murmurou.

- Só quem fosse cego não via.

- Tem razão - reconheceu negligentemente Porthos. - É uma duquesa minha amiga com a qual tenho muita dificuldade em me encontrar por causa dos ciúmes do marido, e que me mandara avisar de que viria hoje, apenas para me ver, a esta mísera igreja nos confins deste bairro perdido.

- Sr. Porthos, quer ter a bondade de me oferecer o braço durante cinco minutos para ter o prazer de conversar consigo? - perguntou a procuradora.

- Por que não, senhora? - respondeu Porthos, piscando o olho a si mesmo,

como um jogador que ri da partida que vai pregar.

Neste momento, D'Artagnan passava na cola de Milady, olhou de esguelha para Porthos e viu-lhe a piscadela de olho triunfante.

“Oh, oh!”, disse para si mesmo, raciocinando de acordo com a moral estranhamente fácil daquela época galante, “ali está um que talvez se consiga equipar dentro do prazo marcado”.

Entretanto, Porthos, cedendo à pressão do braço da procuradora como um barco cede ao leme, chegou ao claustro de Saint-Magloire, passagem pouco frequentada e encerrada por molinetes nas duas extremidades. De dia só se viam por ali mendigos comendo ou garotos brincando.

- Ah, Sr. Porthos! - exclamou a procuradora, depois de se assegurar de que nenhuma pessoa estranha à população habitual do local os podia ver nem ouvir. - Ah, Sr. Porthos, é um grande vencedor, ao que parece!

- Eu, senhora? - disse Porthos empertigando-se. - Mas porquê?

- Então os sinais de há pouco, e a água benta?... É pelo menos uma princesa, aquela dama com o seu pretinho e a sua criada de quarto!

- Engana-se, meu Deus, não, é simplesmente uma duquesa - respondeu Porthos.

- E o batedor que esperava à porta, e a carruagem com um cocheiro em libré de gala que esperava no seu lugar?

Porthos não vira nem o batedor nem a carruagem, mas com o seu olhar de mulher ciumenta a Sra Coquenard vira tudo. Porthos lamentou não ter feito logo de início a dama da almofada vermelha princesa.

- É o menino bonito das belas, Sr. Porthos! - prosseguiu, suspirando, a procuradora.

- Como deve compreender, com o físico com que a natureza me dotou não me podiam faltar aventuras galantes - respondeu Porthos.

- Meu Deus, como os homens esquecem depressa! - exclamou a procuradora, erguendo os olhos ao céu.

- Menos depressa do que as mulheres, parece-me - respondeu Porthos. - Porque enfim, eu, senhora, posso dizer que fui sua vítima, quando ferido, moribundo, me vi abandonado pelos cirurgiões. Eu, o descendente de uma família ilustre, que confiara na sua amizade, estive quase morrendo dos meus ferimentos, primeiro, e de fome, depois, numa má estalagem de

Chantilly, sem que se dignasse a responder uma só vez às cartas ardentes que escrevi.

- Mas, Sr. Porthos... - murmurou a procuradora, que sentia, a julgar pelo comportamento das maiores damas da época, que não procedera bem.

- Eu que sacrifiquei por você a condessa de Penaflores...

- Bem sei.

- A baronesa de...

- Sr. Porthos, não me envergonhe mais.

- A duquesa de...

- Sr. Porthos, seja generoso!

- Tem razão, senhora, não a incomodarei mais.

- Mas é o meu marido que não quer ouvir falar de emprestar.

- Sra Coquenard - respondeu Porthos -, lembra-se da primeira carta que me escreveu e que conservo gravada na memória.

A procuradora soltou um gemido.

- Além disso, a quantia que pedia emprestada era bastante avultada...

- Sra Coquenard, dei-lhe a preferência. Bastou-me escrever à duquesa de... Não digo o seu nome, porque sou incapaz de comprometer uma mulher, mas a verdade é que bastou-me escrever-lhe para que me enviasse mil e quinhentas.

A procuradora verteu uma lágrima.

- Sr. Porthos, juro que me castigastes exemplarmente e que se no futuro se encontrar em semelhante apuro não terá mais do que dirigir-se a mim.

- Então, senhora, não falemos de dinheiro, por favor, que é um assunto humilhante! - respondeu Porthos, como que revoltado.

- Portanto já não me ama... - disse lenta e tristemente a procuradora. Porthos guardou um silêncio majestoso.

- É assim que me responde? Infelizmente, compreendo!

- Lembre-se da ofensa que me fez, senhora. Tenho-a aqui - disse Porthos, pousando a mão no coração e carregando com força.

- Eu a repararei. Vamos, meu caro Porthos!...

- Afinal, que eu lhe pedia? - prosseguiu Porthos, com um encolher de ombros cheio de bonomia. - Um empréstimo e mais nada. No fim de contas, sou um homem comedido. Sei que não é rica, Sra Coquenard, e que seu marido é obrigado a sugar os pobres litigantes para lhes arrancar alguns míseros escudos.

Oh, se fosse condessa, marquesa ou duquesa, seria diferente e não a perdoaria!

A procuradora sentiu-se ofendida.

- Pois fique sabendo, Sr. Porthos - respondeu-lhe -, que o meu cofre, apesar de ser o cofre de uma procuradora, talvez esteja melhor recheado do que o de todas as suas lambisgórias arruinadas!

- Nesse caso, ofendeu-me duplamente - replicou Porthos, tirando o braço da procuradora debaixo do seu. - Porque se é rica, Sra Coquenard, então a sua recusa não tem desculpa.

- Quando digo que sou rica - recuou a procuradora, ao ver que se deixara levar muito longe -, não é para que se tome a palavra ao pé da letra. Não sou precisamente rica, vivo com desafogo.

- Olhe, senhora, não falemos mais a tal respeito, peço-lhe - respondeu Porthos. - Ofendeu-me, toda a simpatia se extinguiu entre nós.

- Você é um ingrato!

- Só tem de se queixar de si... - tornou-lhe Porthos.

- Vá então ter com a bela duquesa! Não o retenho mais.

- Não preciso que me mande.

- Vejamos, Sr. Porthos, mais uma vez, a última: ainda me ama?

- infelizmente, senhora, quando vamos entrar em campanha, numa campanha onde os meus pressentimentos me dizem que serei morto... - respondeu Porthos, no tom mais melancólico que conseguiu arranjar.

- Oh, não diga semelhantes coisas! - exclamou a procuradora, rompendo em soluços.

- Qualquer coisa me diz - continuou Porthos, em tom cada vez mais melancólico.

- Diga antes que tem um novo amor.

- Não, e falo francamente. Nenhuma outra mulher me interessa, e até sinto

aqui, no fundo do coração, qualquer coisa por você. Mas dentro de quinze dias, como sabe ou como não sabe, começa a fatal campanha. Vou estar horrivelmente preocupado com o meu equipamento, depois, farei uma viagem a casa da minha família, nos confins da Bretanha, para arranjar o dinheiro necessário à minha partida.

Porthos notou um último combate entre o amor e a avareza.

- E como - prosseguiu - a duquesa que acaba de ver na igreja tem as suas terras perto das minhas, faremos a viagem juntos. Como sabe, as viagens parecem sempre muito menos longas quando são feitas a dois...

- Não tem nenhum amigo em Paris, Sr. Porthos? - perguntou a procuradora.
- Achei que tinha - respondeu Porthos, retomando o seu ar melancólico -, mas bem vi que me enganava.
- Tem, sim, Sr. Porthos, tem - respondeu a procuradora, num impulso que a ela própria surpreendeu. - Vá amanhã a minha casa. É filho da minha tia, meu primo, portanto, vem de Noyon, na Picardia, tem diversos processos em Paris e não tem procurador. Guardará bem tudo isto?
- Perfeitamente, senhora.
- Vá à hora do jantar.
- Muito bem.
- E aguento firme diante do meu marido, que é finório, apesar dos seus setenta e seis anos.
- Setenta e seis anos! Apre, que bonita idade! - exclamou Porthos
- Que idade avançada, deve dizer, Sr. Porthos. O pobre homem pode me deixar viúva de um momento para o outro - continuou a procuradora, deitando um olhar significativo a Porthos. - Felizmente, pelo contrato de casamento deixamos tudo um ao outro.
- Tudo? - perguntou Porthos.
- Tudo.

- Você é uma mulher cautelosa, bem vejo, minha querida Sra Coquenard - insinuou Porthos, apertando ternamente a mão da procuradora.
- Estamos portanto reconciliados, caro Sr. Porthos? - perguntou ela, requebrando-se.
- Por toda a vida! - respondeu Porthos no mesmo tom.
- Adeus, meu traidor...
- Adeus, minha esquecida.
- Até amanhã, meu anjo!
- Até amanhã, chama da minha vida.

MILADY

D'Artagnan seguira Milady sem ser notado por ela. Viu-a subir para a sua carruagem e ouviu-a dar ao cocheiro ordem de seguir para Saint-Germain. Era inútil tentar seguir a pé uma viatura levada a trote por dois cavalos vigorosos. D'Artagnan regressou pois à Rua Férou.

Na Rua de Seine encontrou Planchet parado diante da loja de um pasteleiro e como que extasiado diante de um brioche realmente apetitoso. Mandou-o ir selar

dois cavalos às cavalariaças do Sr. de Tréville, um para ele, D'Artagnan, outro para ele, Planchet, e de ir encontrá-lo na casa de Athos (o Sr. de Tréville pusera definitivamente as suas cavalariaças às ordens de D'Artagnan).

Planchet encaminhou-se para a Rua do Colombier e D'Artagnan para a Rua Férou. Athos estava em casa e despejava tristemente uma das garrafas do famoso vinho de Espanha que trouxera da sua viagem à Picardia. Fez sinal a Grimaud para trazer um copo para D'Artagnan, e Grimaud obedeceu como de costume.

D'Artagnan contou então a Athos tudo o que se passara na igreja entre Porthos e a procuradora e como o seu camarada estava provavelmente, àquela hora, em vias de se equipar.

- Quanto a mim - respondeu Athos, depois de ouvir a história -, posso estar tranquilo, pois não serão as mulheres que pagarão o meu arnês.

- E no entanto, simpático, cortês e grande senhor como é, meu caro Athos, não haveria princesas, nem rainhas que resistissem aos seus galanteios.

- Como este D'Artagnan é novo! - exclamou Athos, encolhendo os ombros. E fez sinal a Grimaud para trazer segunda garrafa. Neste momento

Planchet meteu timidamente a cabeça pela porta entreaberta e anunciou ao amo que os dois cavalos estavam ali.

- Quais cavalos? - perguntou Athos.
- Dois que o Sr. de Tréville me emprestou para dar uma volta e com os quais vou dar uma volta por Saint-Germain.
- E que vai fazer em Saint-Germain? - voltou a perguntar Athos.

Então D'Artagnan contou-lhe o encontro que tivera na igreja e como reconhecera a mulher que, com o fidalgo da capa preta e da cicatriz junto da têmpora, era a sua permanente preocupação.

- Quer dizer, está apaixonado por ela como estive pela Sra Bonacieux - concluiu Athos, encolhendo desdenhosamente os ombros, como se se compadecesse da fraqueza humana.
- Eu? De modo nenhum! - exclamou D'Artagnan. - Tenho apenas curiosidade de desvendar o mistério em que se envolve. Não sei porquê, imagino que essa mulher, por mais desconhecida que seja e por mais desconhecido que eu lhe seja, tem qualquer influência sobre a minha vida.
- Bem vistas as coisas, tem razão - declarou Athos. - Não conheço nenhuma mulher que valha a pena procurar, uma vez perdida. A Sra Bonacieux perdeu-se, tanto pior para ela! Que se encontre!
- Não, Athos, não, você está enganado - respondeu D'Artagnan. - Amo a minha pobre Constance mais do que nunca e se soubesse onde ela está, ainda que fosse no cabo do

mundo, iria arrancá-la das mãos dos seus inimigos, mas ignoro, todas as minhas buscas foram inúteis. Que quer, tenho de fazer alguma coisa para me distrair.

- Distraia-se então com Milady, meu caro D'Artagnan, desejo de todo o coração, se isso for capaz de diverti-lo.

- Escute, Athos: em vez de ficar fechado aqui, como se estivesse preso, monte o cavalo e venha passear comigo em Saint-Germain - sugeriu D'Artagnan.

- Meu caro - replicou Athos -, monto os meus cavalos quando os tenho, senão vou a pé.

- Pois eu - respondeu D'Artagnan, sorrindo da misantropia de Athos, que outro o teria certamente ofendido -, eu que sou menos orgulhoso do que você, monto o que encontro. Portanto, até à vista, meu caro Athos.

- Até à vista - disse o mosqueteiro, fazendo sinal a Grimaud para abrir a garrafa que acabava de trazer.

D'Artagnan e Planchet saltaram para as selas e puseram-se a caminho de Saint-Germain.

Durante todo o caminho o que Athos dissera acerca da Sra Bonacieux não saiu da cabeça do jovem. Embora D'Artagnan não fosse muito sentimental, a bonita retroseira produzira uma impressão sincera no seu coração. Como dizia, estava pronto a ir ao cabo do mundo para procurá-la. Mas o mundo tem muitos

cabos, precisamente por ser redondo, de modo que não sabia para que lado se virar.

Entretanto, ia procurar saber quem era Milady. Milady falara com o homem da capa preta, portanto o conhecia. Ora, no espírito de D'Artagnan fora o homem de capa preta quem raptara a Sra Bonacieux pela segunda vez, exatamente como a raptara da primeira. D'Artagnan só mentia pois metade, o que é mentir muito pouco, quando dizia que procurando Milady procurava ao mesmo tempo Constance.

Entregue a estes pensamentos e esporeando de vez em quando o cavalo, D'Artagnan chegara a Saint-Germain. Acabava de seguir ao longo do pavilhão onde dez anos mais tarde deveria nascer Luís XIV. Atravessava uma rua quase deserta, olhando para a direita e para a esquerda vendo se descobria algum vestígio da sua bela inglesa, quando no térreo de uma bonita casa, que de acordo com o uso da época não tinha nenhuma janela para a rua, viu aparecer uma cara conhecida. Essa cara passeava numa espécie de terraço guarnecido de flores. Planchet foi o primeiro a reconhecê-la.

- Eh, senhor! - exclamou dirigindo-se a D'Artagnan. - Não se lembra daquela cara de bobo?

- Não - respondeu D'Artagnan. - E no entanto estou certo de que não é a primeira vez que a vejo...

- Sem dúvida nenhuma - disse Planchet. - É o pobre Lubin, o lacão do conde de Wardes, aquele de quem se livrou tão bem

há um mês em Calais, na estrada da casa de campo do governador.

- Ah, sim, sim!... - exclamou D'Artagnan. - Reconheço-o agora. Acha que terá te reconhecido?
- Oh, senhor, ele estava tão transtornado que duvido que tenha guardado de mim uma lembrança muito nítida!
- Nesse caso, vá falar com o moço e informe-se durante a conversa se o amo morreu - ordenou D'Artagnan.

Planchet saltou do cavalo, foi direito a Lubin, que de fato não o reconheceu, e os dois lacaios puseram-se a conversar na melhor harmonia do mundo, enquanto D'Artagnan levava os dois cavalos para uma ruela e, contornando uma casa, vinha assistir ao diálogo atrás de uma sebe de aveleiras.

Ao cabo de um instante de observação atrás da sebe, ouviu o ruído de uma viatura e viu parar defronte de si a carruagem de Milady. Não havia erro possível: Milady vinha lá dentro.

D'Artagnan deitou-se sobre o pescoço do cavalo, para ver

tudo sem ser visto.

Milady colocou a cabeça loura fora da portinhola e deu umas ordens à sua criada de quarto. Esta, uma linda rapariga de vinte e vinte e dois anos, esperta e viva, autêntica criada ladina de grande dama, saltou do estribo, em que vinha sentada

segundo o costume da época, e dirigiu-se para o terraço onde D'Artagnan vira Lubin.

D'Artagnan seguiu a criada com os olhos e viu-a seguir para o terraço. Mas por acaso uma ordem do interior chamara Lubin, de modo que Planchet ficara sozinho, olhando para todos os lados procurando descobrir por que caminho desaparecera D'Artagnan.

A criada de quarto aproximou-se de Planchet, que tomou por Lubin, e disse-lhe, estendendo-lhe um bilhete:

- Para o seu amo.
- Para o meu amo? - repetiu Planchet, atônito.
- Sim e com muita urgência. Vá depressa.

Em seguida correu para a carruagem, que entretanto dera a volta e ficara virada para o lado de onde viera, saltou para o estribo e a carruagem voltou a partir.

Planchet virou e revirou o bilhete; depois, habituado à obediência passiva, saltou do terraço, meteu pela ruela e encontrou ao fim de vinte passos D'Artagnan, que tendo visto tudo vinha ao seu encontro.

- Para o senhor - disse Planchet, apresentando o bilhete ao jovem.
- Para mim? - estranhou D'Artagnan. - Tem certeza?

- Se tenho certeza, meu Deus! A criada disse: “Para o seu amo”. Como não tenho outro amo a não ser o senhor... Uma beleza de moça, palavra, aquela criada!

D’Artagnan abriu a carta e leu estas palavras:

Uma pessoa que se interessa por você mais do que o pode dizer gostaria de saber em que dia estará em condições de passear na floresta. Amanhã, na estalagem do Champ du Drap d’Or, um laçao vestido de preto e vermelho esperará a sua resposta.

- Oh, oh, aqui está uma coisa curiosa! - exclamou D’Artagnan. - Parece que Milady e eu nos preocupamos com a saúde da mesma pessoa. Diga-me, Planchet, como está esse bom Sr. de Wardes? Não morreu?

- Não, senhor, e está tão bem quanto pode estar com quatro estocadas no corpo, aquelas que com toda a limpeza destes a esse digno gentil-homem. Encontra-se ainda muito fraco, pois perdeu quase todo o sangue. Como disse ao senhor, Lubin não me reconheceu e contou-me toda a aventura.

- Muito bem, Planchet, você é o rei dos laçaios, agora monte o cavalo e apanhemos a carruagem.

Não tiveram de correr muito, ao cabo de cinco minutos viram a carruagem parada à beira da estrada, um cavaleiro ricamente vestido estava à portinhola.

A conversa entre Milady e o cavaleiro era tão animada que D'Artagnan parou do outro lado da carruagem sem que ninguém, além da bonita criada, desse pela sua presença.

Falavam em inglês, língua que D'Artagnan não compreendia, mas pelo tom o jovem julgou adivinhar que a bela inglesa estava muito encolerizada. Ela terminou com um gesto que não deixou quaisquer dúvidas acerca da natureza do diálogo, uma pancada de leque aplicada com tal força que o pequeno artefato feminino voou em mil pedaços.

O cavaleiro soltou uma gargalhada que pareceu exasperar Milady.

D'Artagnan achou que era o momento de intervir, aproximou-se da outra portinhola e disse, descobrindo-se respeitosamente:

- Senhora, permita-me que ofereça os meus serviços? Parece-me que este cavalheiro a irritou. Diga uma palavra, senhora, e me encarrego de castigá-lo pela sua falta de cortesia.

Milady virara-se ao ouvir as primeiras palavras e olhara o jovem com espanto. Quando ele terminou, respondeu-lhe em excelente francês:

- Senhor, com muito prazer me colocaria sob a sua proteção se a pessoa que discute comigo não fosse meu irmão.

- Ah, desculpe-me então! - respondeu D'Artagnan. - Mas como compreende ignorava isso, senhora.

- Que quer este intrometido? - perguntou, baixando-se à altura da portinhola, o cavaleiro que Milady designara como seu parente. - Por que não segue o seu caminho?

- Intrometido é o senhor - respondeu D'Artagnan, baixando-se por seu turno sobre o pescoço do cavalo e respondendo do seu lado através da portinhola. - Não sigo o meu caminho porque me apraz parar aqui.

O cavaleiro dirigiu algumas palavras em inglês à irmã.

- Falei em francês - interveio D'Artagnan. - Dai-me portanto o prazer, peço-lhe, de me responder na mesma língua. É irmão da senhora, seja! Mas não é meu, felizmente.

Se julgaria que Milady, medrosa como è habitualmente uma mulher, se interpusesse neste começo de provocação, para impedir que a questão fosse mais longe, mas muito pelo contrário, recostou-se na carruagem e gritou friamente ao cocheiro:

- Para o palácio!

A bonita criadinha lançou um olhar inquieto a D'Artagnan, cujo rosto simpático parecia ter produzido o seu efeito sobre ela.

A carruagem partiu e deixou os dois homens diante um do outro, sem que qualquer obstáculo material os separasse.

O cavaleiro fez um movimento para seguir a carruagem, mas D'Artagnan, cuja cólera já fervendo aumentara ainda mais ao reconhecer no inglês aquele que em Amiens lhe ganhara o cavalo e quase ganhara de Athos o seu diamante, saltou-lhe às rédeas e deteve-o.

- Então, senhor, parece com mais pressa de ir embora do que eu, como se não houvesse entre nós uma pequena questão a resolver.

- Ah, ah! - exclamou o inglês. - Quer então me dar lições? Pelo visto, tem sempre de desempenhar um papel...

- É verdade, e isso me recorda que tenho uma desforra a tirar. Veremos, meu caro senhor, se maneja tão habilmente a espada como o copo de dados.

- Bem se vê que não trago espada - declarou o inglês. - Quer bancar o

valente contra um homem sem armas?

- Espero que as tenha em casa - replicou D'Artagnan. - Em todo o caso, tenho duas e se quiser lhe emprestarei uma.

- Inútil - recusou o inglês. - Estou suficientemente fornecido dessa espécie de utensílios.

- Então, meu digno gentil-homem - prosseguiu D'Artagnan - escolha a mais comprida e vinha mostrá-la esta tarde.
- Onde, por favor?
- Atrás do Luxemburgo há um lugar encantador para os passeios do gênero do que proponho.
- Está bem, seja aí.
- A sua hora?
- Seis horas.
- A propósito, também tem provavelmente um ou dois amigos?
- Três que se sentirão muito honrados em jogar o mesmo jogo que eu.
- Três? Maravilhoso! Que coincidência, é precisamente a minha conta! - declarou D'Artagnan.
- Agora, quem é o senhor? - perguntou o inglês.
- Sou o Sr. D'Artagnan, gentil-homem gascão em serviço nas Guardas, companhia do Sr. dos Essarts. E o senhor?
- Eu sou Lorde Winter, barão de Sheffield.
- Sou um seu criado, Sr. Barão, embora tenha nomes muito difíceis de reter
- disse D'Artagnan.

E esporeando o cavalo meteu-o a galope e retomou o caminho de Paris.

Como era seu hábito em semelhantes ocasiões, D'Artagnan foi direito a casa de Athos. Encontrou Athos deitado em um grande canapé, onde esperava, como dissera, que o seu equipamento viesse procurá-lo. Contou a Athos tudo o que acabava de se passar, exceto a carta do Sr. de Wardes.

Athos ficou encantado quando soube que se ia bater contra um inglês. Já dissemos que esse era o seu sonho. Mandaram chamar imediatamente Porthos e Aramis pelos lacaios e puseram-nos a par da situação.

Porthos desembainhou a espada e pôs-se a esgrimir contra a parede, recuando de vez em quando e fletindo os joelhos como um bailarino. Aramis, que continuava a trabalhar no seu poema, fechou-se no gabinete de Athos e pediu que não o incomodassem antes do momento de desembainhar.

Athos pediu por sinais uma garrafa a Grimaud.

Quanto a D'Artagnan traçou só para consigo um planozinho, que veremos mais tarde em execução, e que lhe prometia alguma aventura engraçada, como se podia deduzir pelos sorrisos que de vez em quando lhe passavam pelo rosto, cujo devaneio iluminavam.

INGLESES E FRANCESES

À hora combinada dirigiram-se com os quatro lacaios para trás do Luxemburgo, um recinto abandonado às cabras. Athos deu uma moeda ao cabreiro para que se retirasse. Os lacaios foram encarregados de montar

sentinela.

Não tardou a aproximar-se do recinto um grupo silencioso, que entrou e se juntou aos mosqueteiros, depois de acordo com os hábitos de além-mar, sucederam-se as apresentações.

Os ingleses eram todos pessoas da mais alta categoria, para quem os nomes extravagantes dos seus adversários foram motivo não só de surpresa, mas também de inquietação.

- Mas assim - declarou Lorde de Winter, depois dos três amigos se apresentarem - Não sabemos quem são e não nos bateremos com semelhantes nomes, isso são nomes de pastores!

- Por isso, como muito bem calculou, milorde, são nomes falsos - respondeu Athos.

- O que só contribuirá para que tenhamos um grande prazer em conhecer os seus verdadeiros nomes - respondeu o inglês.

- Jogou contra nós sem nos conhecer - lembrou Athos -, o que não o impediu de ganhar os nossos dois cavalos...

- É verdade, mas nesse caso arriscávamos apenas as nossas pistolas, desta vez, arriscamos o nosso sangue: joga-se com qualquer um, só se luta com iguais.

- É justo - admitiu Athos.

Chamou à parte aquele dos quatro ingleses com quem devia se bater e disse-lhe o seu nome em voz baixa. Porthos e Aramis fizeram o mesmo.

- Basta-lhes? - perguntou Athos ao seu adversário. - Acha-me suficiente grande senhor para me conceder a mercê de cruzar a espada comigo?

- Sim, senhor - respondeu o inglês, inclinando-se.

- E agora quer que lhe diga uma coisa? - perguntou Athos, friamente.

- Qual? - volveu-lhe o inglês.

- Que teria feito bem em não exigir que me desse a conhecer.

- Porquê?

- Porque me julgam morto, porque tenho razões para desejar que não se saiba que estou vivo e porque vou ser obrigado a matá-lo para que o meu segredo não seja revelado.

O inglês olhou para Athos, julgando que este estava brincando, mas Athos não brincava de forma alguma.

- Senhores - disse dirigindo-se simultaneamente aos seus companheiros e aos seus adversários -, estão prontos?
- Estamos - responderam em uníssono ingleses e franceses.
- Então, em guarda - comandou Athos.

Imediatamente oito espadas brilharam aos raios do sol poente e o combate começou com um encarniçamento muito natural entre pessoas duas vezes inimigas.

Athos esgrimia com tanta calma e método como se estivesse numa sala de armas. Porthos, emendado sem dúvida da sua excessiva confiança desde a sua aventura de Chantilly, aplicava-se com muita finura e prudência. Aramis, que tinha o terceiro canto do seu poema para acabar, despachava-se como homem cheio de pressa.

Athos, o primeiro a acabar, matou o seu adversário, vibrou-lhe apenas uma

estocada, mas, como o prevenira, foi uma estocada mortal, a espada atravessou-lhe o coração.

Porthos, o segundo, estendeu o seu na erva, com uma estocada numa coxa e como o inglês, sem opor mais resistência, lhe entregou a espada, Porthos tomou-o nos braços e levou-o para a sua carruagem.

Aramis atacou o seu tão energicamente que depois de recuar uns cinquenta passos o inglês acabou por se pôr em fuga, com

tanta rapidez quanta lhe permitiam as pernas, e por desaparecer, no meio da gritaria dos lacaios.

Quanto a D'Artagnan, entregara-se pura e simplesmente a um jogo defensivo, depois, quando vira o seu adversário bem cansado, fizera-lhe saltar a espada com um vigoroso golpe de ilharga. Vendo-se desarmado, o barão deu dois ou três passos à retaguarda, mas escorregou e caiu de costas.

D'Artagnan caiu sobre ele num só salto, colocou-lhe a espada na garganta e disse ao inglês:

- Poderia matá-lo, senhor, pois está completamente nas minhas mãos, mas concedo-lhe a vida por amor da sua irmã.

D'Artagnan não cabia em si de contente, acabava de pôr em prática o plano que imaginara antecipadamente e cujo desenvolvimento lhe fizera despontar no rosto os sorrisos de que falamos.

Encantado por ter lutado com um gentil-homem tão compreensivo, o inglês abraçou D'Artagnan, cumulou de amabilidades os três mosqueteiros e como o adversário de Porthos estava já instalado na carruagem e o de Aramis fugira, pensou-se apenas no defunto. Como Porthos e Aramis o despissem, na esperança de que o ferimento não fosse mortal, caiu-lhe do cinturão uma volumosa bolsa. D'Artagnan apanhou-a e estendeu-a a Lorde de Winter.

- Que diabo quer que faça disso? - perguntou o inglês.

- Entregue-a à sua família - respondeu D'Artagnan.

- A família não se interessa por essa miséria, herda quinze mil luízes de rendimento. Guarde a bolsa para os seus lacaios.

D'Artagnan meteu a bolsa na algibeira.

- E agora, meu jovem amigo, porque espero que me permita dar-lhe este título - disse Lorde de Winter -, esta noite, se quiser, o apresentarei a minha irmã, Lady Clarick. Quero que se tome sob a sua proteção e como não é totalmente destituída de coração talvez no futuro uma palavra dita por ela lhe seja útil...

D'Artagnan corou de prazer e inclinou-se em sinal de assentimento.

Entretanto, Athos aproximara-se de D'Artagnan.

- Que tenciona fazer dessa bolsa? - perguntou-lhe ao ouvido.

- Tencionava entregar-lhe, meu caro Athos.

- A mim? Porquê?

- Demônio, foi você que o matou, são os despojos opimos.

- Eu, herdeiro de um inimigo?! - respondeu Athos. - Por quem me toma?

- É o costume na guerra - lembrou D'Artagnan. - Por que não há-de ser o costume num duelo?

- Mesmo no campo de batalha, nunca fiz isso - respondeu Athos. Porthos encolheu os ombros. Aramis, com um trejeito de lábios, aprovou Athos.

- Então - disse D'Artagnan -, damos o dinheiro aos lacaios, como Lorde Winter nos disse que fizéssemos.

- Sim - concordou Athos -, damos a bolsa, não aos nossos lacaios, mas sim aos lacaios ingleses.

Athos pegou na bolsa e atirou-a para a mão do cocheiro:

- Para vocês e para os seus camaradas.

Esta grandeza de maneiras num homem inteiramente carecido de meios impressionou o próprio Porthos, e semelhante generosidade francesa, espalhada por Lorde de Winter e pelo amigo, teve por toda a parte um grande êxito, exceto junto dos Srs. Grimaud, Mousqueton, Planchet e Bazin.

Ao despedir-se de D'Artagnan, Lorde de Winter deu-lhe o endereço da irmã, morava na Praça Royale, que era então o bairro da moda, no número 6. Aliás comprometeu-se a vir buscá-lo para o apresentar. D'Artagnan marcou-lhe encontro às oito horas, na casa de Athos.

Ser apresentado a Milady era coisa que não saía da cabeça do nosso gascão. Recordara-se de que forma estranha aquela mulher estivera até ali relacionada com o seu destino. Segundo a sua convicção, tratava-se de alguma criatura do cardeal, e no entanto sentia-se irresistivelmente atraído para ela, por um desses sentimentos de que não nos damos conta.

O seu único receio era que Milady reconhecesse nele o homem de Meung e de Dover. Saberla então que era amigo do Sr. de Tréville e por conseguinte que pertencia de corpo e alma ao rei, o que desde logo lhe faria perder parte das suas vantagens, uma vez que, conhecido de Milady como ela o conhecia, jogaria com ela de igual para igual. Quanto àquele começo de intriga entre ela e o conde de Wardes, o nosso presunçoso pouco se preocupava com isso, embora o conde fosse jovem, belo, rico e estivesse a caminho de se tornar benquisto do cardeal. o que não quer dizer nada para quem conta vinte anos, e sobretudo para quem nasceu em Tarbes.

D'Artagnan começou por ir para casa vestir-se, depois, regressou a casa de Athos e, conforme o seu costume, contou-lhe tudo. Athos escutou-lhe os projetos, em seguida, abanou a cabeça e recomendou-lhe prudência com uma espécie de amargura.

- Homessa! - observou-lhe. - Acaba de perder uma mulher que diz boa, encantadora, perfeita e já corre atrás de outra?

D'Artagnan sentiu quanto esta censura era verdadeira.

- Amava a Sra Bonacieux com o coração, ao passo que amo Milady com a cabeça - respondeu. - Entrando em sua casa procuro sobretudo esclarecer-me acerca do papel que desempenha na corte.

- O papel que desempenha, meu Deus! Não é difícil de adivinhar depois de tudo o que me disse. É alguma emissária do cardeal,

uma mulher que o atrairá a uma cilada onde certamente deixará a cabeça.

- Diabo, meu caro Athos, vê as coisas muito pelo lado negro!

- Meu caro, desconfio das mulheres... tenho motivos para isso! E sobretudo das mulheres louras. Ora, Milady é loura, não foi o que me disse?

- Tem os cabelos do mais belo louro que se possa imaginar.

- Ah, meu pobre D'Artagnan! - exclamou Athos.

- Escute, quero elucidar-me, quando souber o que desejo saber, me afastarei.

- Claro, elucide-se - concluiu fleumaticamente Athos.

Lorde de Winter chegou à hora marcada, mas Athos, prevenido a tempo, passou para a segunda divisão. Encontrou portanto D'Artagnan sozinho e como eram cerca de oito horas saiu imediatamente com o jovem. Esperava-os embaixo uma carruagem elegante, e como estava atrelada a dois excelentes cavalos chegaram num instante à Praça Royale.

Milady Clarick recebeu graciosamente D'Artagnan. O seu palácio era de uma sumtuosidade notável e embora a maioria dos ingleses, expulsos pela guerra, deixassem a França ou estivessem prestes a deixá-la, Milady acabava de mandar fazer novos melhoramentos, o que provava que a medida geral que expulsava os ingleses não a atingia.

- Aqui está - disse Lorde de Winter apresentando D'Artagnan à irmã -, um jovem gentil-homem que teve a minha vida nas suas mãos e não quis abusar das suas vantagens, embora fôssemos duplamente inimigos, quer por ter sido eu que o insultei, quer porque sou inglês. Agradeça-lhe portanto, senhora, se tem alguma amizade por mim.

Milady franziu levemente o sobrolho, uma nuvem quase invisível passou-lhe pela testa e apareceu-lhe nos lábios um sorriso de tal modo estranho que o jovem, ao ver aquele triplo matiz, teve como que um arrepio. O irmão não viu nada, virara-se para brincar com o macaco favorito de Milady, que o puxava pelo gibão.

- Seja bem-vindo, senhor - disse Milady numa voz cuja doçura singular contrastava com os sinais de mau humor que D'Artagnan acabava de notar. - Adquiriu hoje direitos eternos ao meu reconhecimento.

O inglês virou-se então e contou o combate sem omitir nenhum pormenor. Milady escutou-o com a maior atenção, no entanto, via-se facilmente o esforço que fazia para ocultar as suas impressões e que o relato lhe não era agradável. O sangue subia-lhe a face e o seu pezinho agitava-se impacientemente debaixo do vestido.

Lorde de Winter não reparou em nada. Quando acabou aproximou-se de uma mesa onde estavam servidos numa

bandeja uma garrafa de vinho espanhol e copos. Encheu dois e com um sinal convidou D'Artagnan a beber.

D'Artagnan sabia que a melhor maneira de ofender um inglês era recusar beber com ele. Aproximou-se portanto da mesa e pegou o segundo copo. Contudo, não perdeu de vista Milady e notou no vidro a mudança que se operara no seu rosto. Agora que julgava não ser vista, animava-lhe a fisionomia um sentimento muito semelhante à ferocidade e mordia o lenço com raiva.

Entrou então a bonita criadinha que D'Artagnan já vira, disse algumas palavras em inglês a Lorde de Winter e este pediu imediatamente licença a D'Artagnan para se retirar, desculpando-se com a urgência do assunto que o chamava e encarregando a irmã de obter o seu perdão. D'Artagnan trocou um aperto de mão com Lorde de Winter e voltou para junto de Milady. O rosto da mulher, dotado de uma mobilidade surpreendente, recuperara a sua expressão graciosa, apenas algumas manchazinhas vermelhas espalhadas pelo lenço indicavam que mordera os lábios até sangrarem.

Eram uns lábios magníficos, que pareciam de coral. A conversa se animou. Milady parecia ter-se recomposto por completo. Contou que Lorde de Winter era apenas seu cunhado e não seu irmão. Ela casara com um filho segundo que a deixara viúva com um filho. Esse filho era o único herdeiro de Lorde de Winter,

desde que Lorde de Winter se não casasse. Tudo isto revelava a D'Artagnan um véu que envolvia qualquer coisa, mas que ainda não distinguia o que fosse.

De resto, passada meia hora de conversa, D'Artagnan estava convencido de que Milady era sua compatriota, falava o francês com uma pureza e uma elegância que não deixavam nenhuma dúvida a tal respeito.

D'Artagnan desfez-se em tiradas galantes e em protestos de dedicação. Milady sorriu com benevolência de todas as tolices que escaparam ao nosso gascão. Chegou a hora de se retirar. D'Artagnan despediu-se de Milady e saiu do salão o mais feliz dos homens.

Na escada encontrou a bonita criadinha, que roçou por ele levemente e, corada até à raiz dos cabelos, lhe pediu perdão por ter lhe tocado, numa voz tão meiga que o perdão lhe foi concedido imediatamente.

D'Artagnan voltou no dia seguinte e foi recebido ainda melhor do que na véspera. Lorde de Winter não estava e foi Milady quem lhe fez desta vez todas as honras da noite. Pareceu tomar grande interesse por ele, perguntou-lhe de onde era, quem eram os seus amigos e se não pensara nenhuma vez em entrar ao serviço do Sr. Cardeal.

D'Artagnan, que como sabemos era bastante prudente para um rapaz de vinte anos, recordou-se então das suas suspeitas

acerca de Milady; fez-lhe um grande elogio de Sua Eminência e disse-lhe que não deixaria de entrar para as guardas do cardeal, em vez de entrar para as do rei, se tivesse conhecido, por exemplo, o Sr. de Cavois em vez de conhecer o Sr. de Tréville.

Milady mudou de assunto sem afetação alguma e perguntou a D'Artagnan, da forma mais descontraída do mundo, se nunca fora a Inglaterra.

D'Artagnan respondeu que fora lá mandado pelo Sr. de Tréville para tratar de uma remonta de cavalos e que até trouxera quatro como amostra. No decurso da conversa, Milady contraiu duas ou três vezes os lábios, enfrentava um gascão que jogava com a cabeça.

D'Artagnan retirou-se à mesma hora da véspera. No corredor voltou a encontrar a bonita Ketty - assim se chamava a criada - , que o olhou com uma expressão de misteriosa benevolência, uma expressão que não enganava ninguém. Mas D'Artagnan estava tão preocupado com a ama que não tinha olhos para mais ninguém.

D'Artagnan voltou a casa de Milady no dia seguinte e dois dias depois, e de todas as vezes Milady lhe dispensou acolhimento mais gracioso. Todas as vezes também, quer na antecâmara, quer no corredor, quer na escada, encontrou a bonita criada. Mas como já dissemos D'Artagnan não prestava nenhuma atenção à persistência da pobre Ketty.

UM JANTAR DE PROCURADOR

Entretanto, o duelo em que Porthos tivera papel tão brilhante não lhe fizera esquecer o jantar para que o convidara a mulher do procurador. No dia seguinte, por volta da uma hora e depois de uma última escovadela de Mousqueton, dirigiu-se para a Rua dos Ursos com o passo de um homem duplamente afortunado.

O seu coração palpitava, mas não era, como o de D'Artagnan, de juvenil e impaciente amor. Não, um interesse mais material fustigava-lhe o sangue, ia finalmente transpor o limiar misterioso, subir a escada desconhecida que tinha trepado um a um os velhos escudos de mestre Coquenard.

Ia ver certo cofre cuja imagem vira vinte vezes nos seus sonhos, cofre de forma comprida e profunda, fechado a cadeado, aferrolhado, pregado ao chão, cofre que ouvira tantas vezes falar e que as mãos um pouco magras, é certo, mas não sem elegância da procuradora iam abrir aos seus olhos admiradores.

E depois ele, o homem errante sobre a terra, o homem sem fortuna, o homem sem família, o soldado habituado às

estalagens, aos botequins, às tabernas, às pousadas, o gastrônomo obrigado na maior parte das vezes a contentar-se com a comida das casas de pasto de acaso, ia provar comida caseira, desfrutar um interior confortável e beneficiar desses pequenos cuidados que, quanto mais duros somos, mais nos agradam, como dizem os velhos soldados.

Vir como primo sentar-se todos os dias a uma boa mesa, desenrugar a fronte pálida e franzida do velho procurador, depender um pouco os jovens amanuenses ensinando-lhes a bassette, o passadez e o lansquené nas suas mais finas práticas, e ganhando-lhes como se fossem honorários, pela lição que lhes daria numa hora, as suas economias de um mês, tudo isto sorria enormemente a Porthos.

O mosqueteiro lembrava-se bem de ter ouvido aqui e ali as palavras nada abonatórias que corriam na época acerca dos procuradores, e que lhes sobreviveram a sovinice, o mau passadio, os dias de jejum, mas como no fim de contas, excetuando alguns acessos de economia que Porthos achara sempre muito intempestivos, encontrara a procuradora bastante liberal (para uma procuradora, bem entendido), esperou encontrar uma casa razoavelmente abastada.

No entanto, à porta, o mosqueteiro teve algumas dúvidas, pois o ambiente não tinha nada que atraísse as pessoas: patamar malcheiroso e escuro, escada mal iluminada por janelas gradeadas através das quais se coava a claridade baça de um

pátio vizinho, no primeiro andar, uma porta baixa e guarnecida de pregos enormes, como a porta principal do Grand-Châtelet.

Porthos bateu com o dedo, um amanuense alto e pálido, escondido numa floresta de cabelos virgens, veio abrir e cumprimentou-o com o ar de um homem obrigado a respeitar ao mesmo tempo em outro a alta estatura que indica força, o uniforme que indica o estado e o rosto rubicundo que indica o hábito de viver bem. Outro amanuense mais pequeno atrás do primeiro, outro amanuense maior atrás do segundo, moço de cartório de doze anos atrás do terceiro. Ao todo, três amanuenses e meio, o que para a época denotava um cartório dos mais movimentados.

Embora o mosqueteiro só devesse chegar à uma hora, desde o meio-dia que a procuradora andava de olho à espreita e contava com o coração, e talvez também com o estômago, do seu adorador para o levar a antecipar a chegada.

A Sra Coquenard chegou portanto pela porta do apartamento quase ao mesmo tempo que o seu convidado chegava pela porta da escada, e a aparição da digna senhora tirou-o de um grande embaraço. Os amanuenses tinham olhos

curiosos, e ele, não sabendo muito bem que dizer àquela escala ascendente e descendente, permanecia mudo.

- É o meu primo! - exclamou a procuradora. - Entre, entre, Sr. Porthos.

O nome de Porthos produziu o seu efeito sobre os amanuenses, que desataram a rir, mas Porthos virou-se e todas as caras recuperaram a sua gravidade.

Chegaram ao gabinete do procurador depois de atravessarem a antecâmara onde estavam os amanuenses e o cartório onde deveriam estar. Esta última divisão era uma espécie de sala negra recheada de papelada. Saindo do cartório deixaram a cozinha à direita e entraram na sala de recepção.

Todas estas divisões, que comunicavam umas com as outras, não inspiraram a Porthos boas idéias. As palavras deviam ouvir-se longe através de todas aquelas portas abertas, depois, ao passar, olhara rápida e investigadoramente à cozinha, e confessava para si mesmo, para vergonha da procuradora e seu grande pesar, que não vira o fogo, a animação, o movimento que na altura de uma boa refeição reinam habitualmente nesse santuário da gastronomia.

O procurador fora sem dúvida prevenido da visita, porque não demonstrou nenhuma surpresa ao ver Porthos, que foi ao seu encontro com ar bastante descontraído e o cumprimentou cortesmente.

- Somos primos, ao que parece, não é verdade, Sr. Porthos? - disse o procurador, levantando-se à força de braços do seu cadeirão de cana.

O velho, metido num grande gibão preto onde se perdia o corpo franzino, tinha rosto macilento e magro, mas os seus

olhinhos cinzentos brilhavam como carbúnculos e pareciam, com a sua boca escarninha, a única parte do rosto onde a vida lhe não fugira. Infelizmente, as pernas começavam a recusar servir toda aquela carga de ossos. Desde que, havia cinco ou seis meses aquele enfraquecimento se fizera sentir, o digno procurador tornara-se pouco a pouco escravo da mulher.

O primo foi aceito com resignação e mais nada. Em outras circunstâncias, mestre Coquenard teria declinado qualquer parentesco com o Sr. Porthos.

- Sim, senhor, somos primos - confirmou Porthos, sem se desconcertar, e que de resto nunca esperara ser recebido pelo marido com entusiasmo.

- Pelo lado das mulheres, creio? - acrescentou maliciosamente o procurador.

Porthos não notou a zombaria e tomou-a por uma ingenuidade de que riu por baixo do seu bigode farfalhado. Mas a Sra Coquenard, que sabia que procuradores ingênuos eram uma variedade muitíssimo rara na espécie, sorriu um pouco e corou muito.

Desde a chegada de Porthos que mestre Coquenard olhava com inquietação para um grande armário colocado em frente da sua mesa de carvalho. Porthos adivinhou que aquele armário, embora não correspondesse pela forma ao que vira nos seus sonhos, devia ser o ditoso cofre e congratulou-se por a realidade ter mais seis pés de altura do que o sonho.

Mestre Coquenard não levou mais longe as suas investigações genealógicas, mas desviando o olhar inquieto do armário para Porthos limitou-se a dizer:

- Antes de partir para o campo, o senhor nosso primo nos concederá a mercê de jantar uma vez conosco, não é verdade, Sra Coquenard?...

Desta feita, Porthos recebeu o golpe em pleno estômago e sentiu-o e parece que da sua parte a Sra Coquenard também não ficou insensível, pois acrescentou:

- O meu primo não voltará se achar que o tratamos mal, mas no caso contrário, tem tão pouco tempo para passar em Paris e conseqüentemente para nos ver que mal nos ficaria não lhe pedirmos que passasse conosco quase todos os instantes de que possa dispor até à sua partida.

- Oh, as minhas pernas, as minhas pobres pernas! Onde estão?

- murmurou Coquenard.

E tentou sorrir.

O auxílio que recebera no momento em que vira atacadas as suas esperanças gastronômicas inspirou ao mosqueteiro muito reconhecimento para com a sua procuradora.

Não tardou a chegar a hora do jantar. Passaram à sala respectiva, grande divisão escura situada em frente da cozinha. Os amanuenses que, segundo parecia, tinham sentido na casa

perfumes diferentes, eram de uma pontualidade militar e seguravam nas mãos os seus bancos, prontinhos para se sentarem. Entretanto, movimentavam os maxilares com intenções aterradoras.

“Meu Deus”, pensou Porthos, deitando uma olhadela aos três famintos, porque o moço de cartório não era, como se calcula, admitido às honras da mesa magistral, “meu Deus, no lugar do meu primo não conservaria semelhantes comilões. Parecem náufragos que não comem há seis semanas”!

Mestre Coquenard entrou, empurrado na sua cadeira de rodas pela Sra Coquenard, a quem Porthos se apressou a ajudar a levar o marido até à mesa. Mal entrou, agitou o nariz e os maxilares, a exemplo dos seus amanuenses.

- Oh, oh! - exclamou. - Aqui está uma sopa tentadora! “Que diabo acharão eles de extraordinário na sopa?”, perguntou Porthos aos seus botões, perante o aspecto de um caldo magro, abundante mas perfeitamente intragável, no qual boiavam algumas côdeas tão raras como as ilhas de um arquipélago.

A Sra Coquenard sorriu e a um sinal seu todos se sentaram apressadamente.

Mestre Coquenard foi o primeiro a ser servido e depois Porthos, em seguida, a Sra Coquenard encheu o seu prato e distribuiu as côdeas sem caldo pelos amanuenses impacientes.

Neste momento a porta da sala de jantar abriu-se por si mesma, chiando, e através dos batentes entreabertos Porthos viu o moço de cartório que, não podendo participar no festim, comia o pão com o duplo cheiro da cozinha e da sala de jantar. Depois da sopa a criada trouxe uma galinha cozida, magnificência que dilatou as pálpebras dos convivas, de tal forma que pareciam prestes a rasgar-se.

- Vê-se que gosta da sua família, Sra Coquenard - comentou o procurador com um sorriso quase trágico. - Trata-se sem dúvida de uma cortesia que tem para com seu primo.

Mas a pobre galinha era magra e estava revestida de uma dessas grossas peles arrepiadas que os ossos nunca conseguem furar, apesar dos seus esforços. Deviam tê-la procurado durante muito tempo antes de a encontrarem no poleiro

para onde se retirara a fim de morrer de velhice.

“Diabo, que coisa tão triste”!, pensou Porthos. “Respeito a velhice, mas ligo-lhe pouca importância cozida ou assada”.

Olhou à sua volta para ver se a sua opinião era compartilhada, mas ao contrário do que acontecia consigo só viu olhos chamejantes, que devoravam antecipadamente a sublime galinha alvo do seu desprezo.

A Sra Coquenard puxou a travessa para si e trinchou habilmente as duas grandes patas negras, que colocou no prato do marido, cortou o pescoço, que pôs de parte, juntamente com a cabeça, para si mesma, tirou uma asa para Porthos, e entregou à criada que acabara de trazer, o animal quase intacto, que voltou para a cozinha antes do mosqueteiro ter tempo de examinar as variações que a decepção provoca nos rostos, de acordo com o caráter e o temperamento daqueles que a experimentam.

Em vez da galinha, veio de volta uma travessa de favas, travessa enorme na qual alguns ossos de carneiro, que à primeira vista se poderia crer acompanhados de carne, fingiam mostrar-se. Mas os amanuenses não se deixaram cair no logro e os rostos lúgubres transformaram-se em caras resignadas. A Sra Coquenard distribuiu este “manjar” aos jovens com a moderação de uma boa dona de casa.

Chegou a vez do vinho. Mestre Coquenard deitou de uma garrafinha de barro a terça parte de um copo a cada um dos rapazes, serviu-se a si mesmo de quantidade idêntica e a garrafa passou imediatamente para o lado de Porthos e da Sra Coquenard.

Os amanuenses deitavam dois terços de água no terço de vinho e depois de beberem metade do copo voltavam a enchê-lo de água, e assim sucessivamente, o que os levava, no fim da refeição, a tomar uma bebida que da cor do rubi passara para a do topázio queimado.

Porthos comeu timidamente a sua asa de galinha e estremeceu quando sentiu por baixo da mesa o joelho da procuradora, que acabava de encontrar o dele. Bebeu também meio copo daquele vinho tão parcamente distribuído, que reconheceu ser da horrível colheita de Montreuil, o terror dos paladares requintados.

Mestre Coquenard viu-o beber o seu vinho puro e suspirou.

- Quer favas, primo Porthos? - perguntou a Sra Coquenard, no tom de quem quer dizer: “Acredite em mim, não coma”.

- Macacos me mordam se lhes puser o dente! - murmurou Porthos. E depois, em voz alta:

- Obrigado, prima, mas estou satisfeito.

Fez-se silêncio. Porthos não sabia que atitude tomar. O procurador repetiu várias vezes:

- Ah, Sra Coquenard, dou-lhe os meus cumprimentos, o jantar foi um autêntico festim! Meu Deus, o que eu comi!

Mestre Coquenard comera a sua sopa, as patas negras da galinha e chupara o único osso de carneiro onde havia um pouco de carne.

Porthos julgou que o mistificavam e começou a cofiar o bigode e a franzir o sobrolho, mas o joelho da Sra Coquenard veio muito suavemente aconselhar-lhe paciência.

O silêncio e a interrupção do serviço, ininteligíveis para Porthos, tinham pelo contrário um significado terrível para os amanuenses: a um olhar do procurador, acompanhado de um sorriso da Sra Coquenard, levantaram-se lentamente da mesa, dobraram os guardanapos mais lentamente ainda, cumprimentaram e saíram.

- Vão, rapazes, vão fazer a digestão trabalhando - disse gravemente o procurador.

Assim que os amanuenses saíram, a Sra Coquenard levantou-se e tirou de um aparador um pedaço de queijo, marmelada e um bolo que ela própria fizera com amêndoas e mel.

Mestre Coquenard franziu o sobrolho, porque já lhe parecia muita comida, Porthos contraiu os lábios, pois verificava que não havia afinal com que jantar. Olhou se a travessa de favas ainda estava na mesa, mas a travessa das favas desaparecera.

- Um festim, decididamente! - exclamou mestre Coquenard, agitando-se na cadeira. - Um autêntico festim, epulae epularum, Lúculo janta em casa de Lúculo.

Porthos olhou a garrafa, que estava perto de si, e pensou que com vinho, pão e queijo jantaria, mas não havia vinho, a garrafa estava vazia, e nem o Sr. nem a Sra Coquenard pareceram dar por isso.

Bom, estou prevenido , disse Porthos para consigo.

Passou a língua por uma colherzinha de marmelada e enviscou os dentes na massa pegajosa do bolo da Sra Coquenard.

“Pronto, está consumado o sacrifício”, pensou. “Ah, se não fosse a esperança de ver com a Sra Coquenard o que contém o armário do marido!”

Depois das delícias de semelhante repasto, a que chamava um excesso, mestre Coquenard experimentou a necessidade de dormir a sua soneca. Porthos esperava que a coisa fosse imediata e ali mesmo, mas o maldito procurador não facilitou, foi preciso conduzi-lo ao seu quarto e não se calou enquanto não o puseram diante do seu armário, no rebordo do qual, para melhor precaução, colocou os pés. A procuradora levou Porthos para um quarto contíguo e começou a estabelecer as bases da reconciliação.

- Pode vir jantar três vezes por semana - disse a Sra Coquenard.

- Obrigado, mas não gosto de abusar - respondeu Porthos. - De resto, tenho de tratar do meu equipamento.

- É verdade... - gemeu a procuradora. - Maldito equipamento!

- A quem o diz! - secundou-a Porthos.

- Mas de que se compõe o equipamento da sua unidade, Sr. Porthos?

- De muitas coisas. Como sabe, os mosqueteiros são soldados de elite e precisam de muitos objetos inúteis aos guardas e aos suíços.

- Claro, mas me dê detalhes.

- Ao todo pode ir a... - começou Porthos, que preferia discutir o total em vez das parcelas.

- A quanto? - interrompeu-o ela. - Espero que não exceda
Deteve-se,

faltavam-lhe as palavras.

- Oh, não, não excede duas mil e quinhentas libras! - respondeu Porthos. - Creio até que com alguma economia me chegarão duas mil libras.

- Meu Deus, duas mil libras! - exclamou a mulher. - Mas é uma fortuna!

Porthos fez uma careta das mais significativas, a Sra Coquenard compreendeu-a.

- Pedi que descrevesse o equipamento porque como tenho muitos parentes e clientes no comércio estou quase certa de obter as coisas por cem por cento menos do que você próprio pagaria.

- Ah! ah! - exclamou Porthos. - Era então isso que queria dizer...

- Sim, caro Sr. Porthos. Em primeiro lugar, não precisa de um cavalo?

- É verdade, preciso de um cavalo.

- Pois tenho justamente o que lhe convém.

- Portanto, quanto a cavalo, estamos arrumados! - exclamou Porthos, radiante. - Em seguida preciso de um equipamento completo, que se compõe de objetos que só um mosqueteiro pode comprar e que não irá além, aliás, de trezentas libras.

- Trezentas libras... Ponhamos então trezentas libras - acedeu a procuradora, suspirando.

Porthos sorriu, o leitor lembra-se de que tinha a sela que recebera de Buckingham, eram portanto trezentas libras que contava meter sorrateiramente na algibeira.

- Depois - continuou -, há o cavalo do meu lacaio e a minha mala. Quanto às armas, não se preocupe, eu as tenho.

- Um cavalo para o seu lacaio?... - repetiu, hesitante, a procuradora. - Mas isso é coisa de grande senhor, meu amigo!

- E então, senhora, sou por acaso algum camponês? - respondeu orgulhosamente Porthos.

- Não! Queria apenas dizer que às vezes um bonito macho tem tão bom aspecto como um cavalo, e que me parece que se lhe arranjassem um bonito macho para Mousqueton...

- Seja então um bonito macho - concordou Porthos. - Tem razão, já vi grandíssimos fidalgos espanhóis com todo o séquito montado em machos. Mas cuidado, Sra Coquenard, que seja um macho com penachos e guizos...

- Fique tranquilo - respondeu a procuradora.

- Resta a mala - lembrou Porthos.

- Oh, não se preocupeis com isso! - exclamou a Sra Coquenard.

- O meu marido tem cinco ou seis malas, escolhereis a melhor. Há sobretudo uma que ele preferia nas suas viagens, em que cabe tudo e mais alguma coisa.

- E está vazia, a sua mala? - perguntou ingenuamente Porthos.

- Claro que está vazia - respondeu também ingenuamente a procuradora.

- Ah!... Mas a mala de que preciso é uma mala bem fornecida, minha cara. A Sra Coquenard voltou a suspirar. Molière ainda não escrevera O

Avarento, a Sra Coquenard tem portanto precedência sobre Harpagão.

Enfim, o resto do equipamento foi sucessivamente debatido da mesma maneira e o resultado da negociação foi que a procuradora pediria ao marido um empréstimo de oitocentas libras em prata e forneceria o cavalo e o macho que teriam a honra de levar à glória Porthos e Mousqueton.

Combinadas as condições e estipulados os juros, assim como o prazo de pagamento, Porthos despediu-se da Sra Coquenard. Esta bem o quis reter deitando-lhe olhares ternos, mas Porthos pretextou as exigências do serviço e a

procuradora não teve remédio senão ceder o passo ao rei. O mosqueteiro regressou a casa cheio de fome e de muito mau humor.

CRIADA E AMA

Entretanto, como dissemos, apesar dos protestos da sua consciência e dos sábios conselhos de Athos, D'Artagnan estava de hora para hora mais apaixonado por Milady. Por isso ia todos os dias fazer-lhe uma corte à qual o aventureiro gascão estava convencido de que ela não deixaria de corresponder mais cedo ou mais tarde.

Uma noite, quando chegava de cabeça erguida, ligeiro como um homem que espera uma chuva de ouro, encontrou a criada no portão, mas desta vez a bonita Ketty não se limitou a sorrir-lhe de passagem, pegou-lhe meigamente na mão.

“Bom”, pensou D'Artagnan, “está encarregada de me transmitir algum recado da ama, vai marcar algum encontro que não

ousou dizer-me de viva voz...” E olhou a linda moça com o ar mais triunfante que conseguiu arranjar.

- Gostaria de lhe dizer duas palavras, Sr. Cavaleiro... - balbuciou a criada.

- Fale, minha filha, fale - animou-a D’Artagnan. - Estou ouvindo.

- Aqui é impossível: o que tenho para dizer é muito longo e sobretudo muito secreto.

- Ah, bom!... Mas nesse caso, como há de ser?

- Se o Sr. Cavaleiro quiser me acompanhar... - disse timidamente Ketty.

- Aonde quiser, minha bela criança.

- Então, venha.

E Ketty, que não largara a mão de D’Artagnan, arrastou-o por uma escadinha de caracol escura e, depois de fazê-lo subir uns quinze degraus, abriu uma porta.

- Entre, Sr. Cavaleiro. Aqui estaremos sós e poderemos conversar.

- De quem é este quarto, minha bela criança? - perguntou D’Artagnan.

- É meu, Sr. Cavaleiro, e comunica com o da minha ama por esta porta. Mas fique tranquilo que ela não poderá ouvir o que dissermos, nunca se deita antes da meia-noite.

D'Artagnan olhou à sua volta. O quartito era encantador, de bom gosto e asseio, mas malgrado seu os olhos de D'Artagnan fixaram-se na porta que Ketty lhe dissera comunicar com o quarto de Milady. Ketty adivinhou o que se passava no espírito do jovem e suspirou.

- Ama muito a minha ama, Sr. Cavaleiro? - observou.

- Oh, muito mais do que posso dizer! Estou louco por ela! Ketty voltou a suspirar.

- Infelizmente, senhor, é pena...

- Que diabo vê nisso tão digno de lástima? - perguntou D'Artagnan.

- É que, senhor, a minha ama não o ama nem um pouco - respondeu Ketty.

- O quê?! - exclamou D'Artagnan. - Ela a encarregou de me dizer isso?...

- Oh, não, senhor! Fui eu que, no seu interesse, tomei a resolução de preveni-lo.

- Obrigado, minha boa Ketty, mas apenas pela intenção, porque a confiança, como concordará, não é nada agradável.

- Quer dizer que não acredita em nada do que disse, não é verdade?

- Temos sempre dificuldade em acreditar em semelhantes coisas, minha bela criança, quanto mais não seja por amor-próprio.

- Portanto, não acredita em mim?

- Confesso que enquanto me não der alguma prova do que diz...

- Que diz a isto?

E Ketty tirou do seio um bilhete.

- Para mim? - perguntou D'Artagnan, apoderando-se vivamente do bilhete.

- Não, para outro.

- Para outro?

- Sim.

- O seu nome, o seu nome! - gritou D'Artagnan.

- Veja o endereço.

- Sr. Conde de Wardes.

A recordação da cena de Saint-Germain surgiu imediatamente no espírito do presunçoso gascão. Num gesto rápido como o pensamento, rasgou o envelope, apesar do grito que soltou Ketty ao ver o que ele ia fazer, ou antes o que fazia.

- Meu Deus, Sr. Cavaleiro, que está fazendo?!

- Eu? Nada! - respondeu D'Artagnan, e leu:

Não respondeu ao meu primeiro bilhete, está doente ou terá esquecido os olhares que me lançou no baile da Sra de Guise? Chegou a ocasião, conde! Não a deixei escapar.

D'Artagnan empalideceu, estava ferido no seu amor-próprio e julgou-se ferido no seu amor.

- Pobre caro Sr. D'Artagnan! - disse Ketty numa voz cheia de compaixão e apertando de novo a mão do jovem.

- Lamenta-me, boa pequena? - murmurou D'Artagnan.

- Oh, sim, de todo o coração! Porque sei o que é o amor!

- Sabe o que é o amor? - inquiriu D'Artagnan, olhando-a pela primeira vez com certa atenção.

- Infelizmente, sei.

- Nesse caso, em vez de me lamentares faria muito melhor se me ajudasse a vingar-me da sua ama.

- E que espécie de vingança pretende tirar?

- Desejo triunfar sobre ela, suplantar o meu rival.

- Nunca o ajudarei nisso, Sr. Cavaleiro! - respondeu vivamente Ketty.

- E porquê? - perguntou D'Artagnan.

- Por duas razões.

- Quais?

- A primeira é que a minha ama nunca o amará.

- Que sabe disso?

- Feriu-a no coração.

- Eu? Em que a posso ter ferido se desde que a conheço vivo a seus pés como um escravo? Fala, suplico-lhe.

- Só o direi ao homem... que for capaz de ler até ao fundo da minha alma!

D'Artagnan olhou Ketty pela segunda vez. A jovem era de uma frescura e de uma beleza que muitas duquesas não hesitariam em trocar pela sua coroa.

- Ketty, lerei até ao fundo da sua alma quando quiser, não seja esse o obstáculo, minha querida filha.

E deu-lhe um beijo que deixou a pobre criança corada como uma cereja.

- Oh, não! - exclamou Ketty. - O senhor não me ama! Quem ama é a minha ama, ainda há pouco o disse.

- E isso a impede de me dizer a segunda razão?

- A segunda razão, Sr. Cavaleiro - respondeu Ketty, animada pelo beijo e pela expressão dos olhos do rapaz -, é que no amor, cada um por si!

Só então D'Artagnan se lembrou das olhadelas lânguidas de Ketty quando se encontravam na antecâmara, na escada ou no corredor, os seus leves toques de mão e os seus suspiros

abafados. Absorvido porém pelo desejo de agradar à grande dama, desdenhara a criada: quem caça águias não perde tempo com pardais.

Mas desta vez o nosso gascão viu em um relance de olhos todo o partido que podia tirar daquele amor que Ketty acabava de confessar de forma tão ingênua ou tão impudente: interceptação das cartas dirigidas ao conde de Wardes, cumplicidades na praça, entrada a toda a hora no quarto de Ketty, contíguo ao da ama... O pérfido, como se vê, sacrificava já em pensamento a pobre rapariga para ter Milady por bem ou por mal.

- Pois bem, quer que te dê, minha querida Ketty, uma prova deste amor de que duvida? - perguntou o jovem.

- De que amor? - quis ela saber.

- Do que estou pronto a sentir por você.

- E qual é essa prova?

- Quer que esta noite passe contigo o tempo que passo habitualmente com a sua ama?

- Claro que quero! - exclamou Ketty, batendo as mãos. - Com todo o prazer.

- Nesse caso, minha querida filha - disse D'Artagnan, sentando-se num cadeirão -, venha aqui para que te diga que é a mais bonita criada que jamais vi!

E disse-lhe tão convincentemente que a pobre criança, que não queria senão acreditá-lo, o acreditou... No entanto, com grande

surpresa de D'Artagnan, a bonita Ketty sabia defender-se com certa resolução.

O tempo passa depressa quando se passa em ataques e defesas. Deu meia-noite e ouviu-se quase ao mesmo tempo tocar a campainha-no quarto de Milady.

- Meu Deus, a minha ama está me chamando! - exclamou Ketty.

- Vá embora, depressa!

D'Artagnan levantou-se e pegou o chapéu como se pretendesse obedecer, mas depois abriu rapidamente a porta de um grande armário, em vez de abrir a da escada, e escondeu-se lá dentro, no meio dos vestidos e dos penteadores de Milady.

- Que está fazendo? - perguntou Ketty.

D'Artagnan, que se apoderara rapidamente da chave, fechou-se no armário sem responder.

- Então? - gritou Milady com voz áspera. - Está dormindo, para não vir quando toco?

E D'Artagnan ouviu abrir-se violentamente a porta de comunicação.

- Aqui estou, Milady, aqui estou! - apressou-se a responder Ketty, correndo ao encontro da ama.

Ambas entraram no quarto de dormir e como a porta de comunicação ficou aberta, D'Artagnan pôde ouvir ainda

durante algum tempo Milady ralhar com a criada. Por fim acalmou-se e a conversa recaiu nele, enquanto Ketty cuidava da ama.

- Não vi o nosso gascão esta noite - disse Milady.

- Como, senhora, não veio? Seria capaz de ser infiel antes de ser feliz? - observou Ketty.

- Oh, não! Deve ter sido impedido pelo Sr. de Tréville ou pelo Sr. dos Essarts. Sei o que valho, Ketty; aquele está preso.

- Que fará com ele, senhora?

- Que farei?... Fique tranquila, Ketty, há entre esse homem e mim uma coisa que ele ignora... Quase me fez perder o meu crédito junto de Sua Eminência... mas hei de me vingar!

- Julguei que a senhora o amasse...

- Eu, amá-lo? Eu o detesto! Um idiota que tem a vida de Lorde de Winter nas mãos e não o mata, fazendo-me assim perder trezentas mil libras de rendimento!

- É verdade - disse Ketty -, o seu filho era o único herdeiro do tio e até à sua maioridade teria o usufruto da sua fortuna.

D'Artagnan arrepiou-se até à medula dos ossos ao ouvir aquela suave criatura censurá-lo, naquela voz estridente que tinha tanta dificuldade em disfarçar quando conversava, por não ter matado um homem que vira cumulá-la de amizade.

- Por isso - continuou Milady -, já teria me vingado nele mesmo se, não sei porquê, o cardeal me não tivesse recomendado que o poupasse.

- Ah, sim?... Mas a senhora não tem poupado aquela mulherzinha que ele amava.

- Quem, a retroseira da Rua dos Fossoyeurs? Não se esqueceu de que ela existia? Que bela vingança, palavra!

Um suor frio escorria pela testa de D'Artagnan, aquela mulher era um monstro. Continuou a escutar, mas infelizmente a toilette acabara.

- Pronto - disse Milady -, vá se deitar e amanhã procure ter uma resposta à carta que lhe dei.

- Para o Sr. de Wardes? - perguntou Ketty.

- Evidentemente, para o Sr. de Wardes.

- Aí está um - observou Ketty - que tem o ar de ser absolutamente o contrário do pobre Sr. D'Artagnan.

- Saia, menina - ordenou Milady. - Não gosto de comentários.

D'Artagnan ouviu a porta se fechar e depois o ruído de dois ferrolhos que Milady corria, a fim de se encerrar no seu quarto, pela sua parte, mas o mais devagarinho possível, Ketty deu uma volta à chave na fechadura. Só então D'Artagnan empurrou a porta do armário.

- Meu Deus, o que tem? Como está pálido! - disse Ketty, baixinho.

- Abominável criatura! - murmurou D'Artagnan.

- Silêncio! Silêncio! Saia - pediu Ketty. - Há apenas uma parede fina entre o meu quarto e o de Milady e ouve-se num tudo o que se diz no outro.

- É justamente por isso que não sairei - respondeu D'Artagnan.

- Como? - murmurou Ketty, corando.

- Ou pelo menos sairei... mais tarde.

E puxou Ketty para si. Não havia maneira de resistir, a resistência faz tanto barulho!... Por isso Ketty cedeu.

Era um gesto de vingança contra Milady. D'Artagnan achou que se tinha razão para dizer que a vingança é o prazer dos deuses. Assim, se tivesse um pouco de coração, teria se contentado com aquela nova conquista, mas D'Artagnan só tinha ambição e orgulho.

Todavia, deve-se dizer em seu abono, que o primeiro emprego que fez da sua influência sobre Ketty foi tentar saber o que acontecera à Sra Bonacieux, mas a pobre moça jurou sobre o crucifixo a D'Artagnan que o ignorava completamente, pois a sua ama nunca a deixava penetrar mais de metade dos seus segredos. Apenas julgava poder responder que não morrera.

Quanto à causa que estivera quase a fazer Milady perder o seu crédito junto do cardeal, Ketty não sabia nada, mas desta vez,

D'Artagnan estava mais adiantado do que ela, como vira Milady num navio detido no momento em que ele próprio deixava a Inglaterra, desconfiou que dessa vez se tratava das agulhetas de diamantes.

Mas o mais claro no meio daquilo tudo era que o ódio autêntico, o ódio profundo, o ódio arraigado de Milady lhe vinha de não ter matado o cunhado.

D'Artagnan voltou no dia seguinte a casa de Milady. Ela estava de muito mau humor e D'Artagnan desconfiou que era a falta de resposta do Sr. de Wardes que a irritava assim. Ketty entrou, mas Milady recebeu-a muito duramente. Um olhar que lançou a D'Artagnan queria dizer: “Veja bem o que sofro por você”.

Todavia, para o fim da noite a bela leoa amansou, escutou sorrindo as palavras ternas de D'Artagnan e até lhe deu a mão a beijar.

D'Artagnan saiu sem saber que pensar, mas como era um rapaz a quem não se fazia facilmente perder a cabeça, enquanto cortejava Milady traçara mentalmente um planozinho.

Encontrou Ketty à porta, e como na véspera subiu ao seu quarto para saber novidades. Ketty levava uma grande descompostura e tinham-na acusado de negligência. Milady não compreendia o silêncio do conde de Wardes e ordenara-lhe que fosse ao seu quarto às nove da manhã para lhe dar terceira carta.

D'Artagnan obrigou Ketty a prometer-lhe que lhe levaria a carta a sua casa no dia seguinte de manhã, a pobre garota prometeu tudo o que quis o amante, estava louca.

As coisas passaram-se como na véspera: D'Artagnan fechou-se no armário, Milady chamou, fez a sua toilette, despediu Ketty e trancou a porta. Também como na véspera, D'Artagnan só regressou a casa às cinco da manhã.

Às onze horas viu chegar Ketty, trazia na mão nova carta de Milady. Desta vez, a pobre criança nem sequer tentou disputá-la a D'Artagnan, deixou-o

apoderar-se dela. Pertencia de corpo e alma ao seu belo soldado. D'Artagnan abriu a carta e leu o seguinte:

É a terceira vez que escrevo para dizer que o amo. Cuidado, não tenha de escrever quarta vez para dizer que o detesto.

Se estiver arrependido da forma como procedeu para comigo, a garota que lhe entregará esta carta dirá de que maneira um homem galante pode obter o seu perdão.

D'Artagnan corou e empalideceu várias vezes ao ler o bilhete.

- Oh, você continua a amá-la! - exclamou Ketty, que não desviara um instante os olhos do rosto do jovem.

- Não, Ketty, você está enganada, já não a amo, mas quero me vingar do seu desdem.
- Sim, conheço a sua vingança, disse-me qual era.
- Que importa, Ketty? Bem sabe que é só a você que amo!
- Como posso saber?
- Pela forma como a desprezarei. Ketty suspirou. D'Artagnan pegou numa pena e escreveu:

Senhora, até aqui duvidara que fosse de fato a mim que os seus dois primeiros bilhetes eram dirigidos, de tal modo me considerava indigno de semelhante honra, aliás, estava tão doente que em qualquer dos casos, hesitaria em responder.

Mas hoje tenho de me render à evidência e acreditar na excessiva bondade com que me trata, pois não só a sua carta, mas também a sua criada, me afirmam que tenho a honra de ser amado.

Ela não necessita de me dizer de que maneira um homem galante pode obter o seu perdão. Irei pedir-lhe o meu esta noite, às onze horas. Demorar um dia, seria agora a meus olhos fazer-lhe nova ofensa.

Aquele que tornou o mais feliz dos homens, Conde de Wardes.

Este bilhete começava por ser uma mentira e acabava por ser uma indelicadeza, era também, do ponto de vista dos nossos

costumes atuais, qualquer coisa como uma infâmia. Mas dava-se então menos importância a tais coisas do que se dá hoje. Aliás, D'Artagnan sabia Milady culpada, pelas suas próprias confissões, de traição a cânones mais importantes e nutria por ela uma estima deveras insignificante. E no entanto, apesar dessa pouca estima, sentia uma paixão insensata por aquela mulher. Paixão ébria de desprezo, mas paixão ou sede, como se queira.

A intenção de D'Artagnan era bem simples: através do quarto de Ketty alcançava o da ama, aproveitava o primeiro momento de surpresa, de pudor, de pânico, para a subjugar, talvez fosse mal sucedido, mas era preciso deixar qualquer coisa ao acaso. A campanha começava dali a oito dias e tinha de partir, não havia portanto tempo para estar com meias medidas.

- Tome, entregue esta carta a Milady, é a resposta do Sr. de Wardes - disse

a Ketty, entregando-lhe a carta lacrada.

A pobre Ketty tornou-se pálida, suspeitava o que continha a carta.

- Ouça, minha querida filha - disse-lhe D'Artagnan -, como deve compreender, isto tem de acabar de uma maneira ou de outra. Milady pode descobrir que entregou o primeiro bilhete ao meu criado, em vez de o entregar ao criado do conde, que fui eu que abri os outros, que deviam ser abertos pelo Sr. de Wardes,

então, Milady a põe na rua e você, que a conhece, sabe que não é mulher para deixar por aí a sua vingança.

- Infelizmente! - suspirou Ketty. - Mas por quem me expus a tudo isso?

- Por mim, bem sei, minha linda - respondeu o jovem -, mas também te estou muito reconhecido, juro.

- Mas afinal que contém o seu bilhete?

- Milady lhe dirá.

- Oh, não me ama! - exclamou Ketty. - Sou tão infeliz!

Para esta censura existe uma resposta com que sempre se enganam as mulheres, D'Artagnan respondeu de maneira que Ketty conservasse as suas maiores ilusões. Mesmo assim chorou muito antes de se decidir a entregar a carta a Milady, mas por fim resolveu-se, como desejava D'Artagnan.

Aliás, ele prometeu-lhe que à noite sairia cedo dos aposentos de Milady, e que assim que deixasse esta subiria ao quarto dela.

Esta promessa acabou de convencer a pobre Ketty.

ONDE SE TRATA DO EQUIPAMENTO DE ARAMIS E DE PORTHOS

Desde que os quatro amigos andavam, cada um por seu lado, à caça do seu equipamento, que não se reuniam regularmente. Comiam uns sem os outros, onde se encontravam, ou antes, onde podiam. O serviço, por seu turno, tomava-lhes também parte do tempo precioso, que bem pouco era, de que dispunham e que passava correndo. Apenas tinham combinado encontrar-se uma vez por semana, por volta da uma hora, na casa de Athos, atendendo a que este, conforme jurara, estava resolvido a não transpor o limiar da sua porta.

Precisamente no dia em que Ketty fora a casa de D'Artagnan era dia de reunião, por isso, assim que Ketty saiu, D'Artagnan dirigiu-se para a Rua Férou.

Encontrou Athos e Aramis a filosofarem. Aramis ainda não perdera as veleidades de tornar a vestir a sotaina. Athos, como era seu costume, não o dissuadia nem o encorajava. Athos entendia que se devia deixar a cada um o seu livre arbítrio. Nunca dava conselhos que lhe não pedissem. Mesmo assim, era preciso pedi-los duas vezes.

“Em geral, ninguém pede conselhos para os seguir”, dizia ele, “ou então só os seguem para terem alguém a quem censurar por os ter dado”.

Porthos chegou pouco depois de D'Artagnan. Os quatro amigos encontravam-se pois reunidos.

Os quatro rostos exprimiam quatro sentimentos diferentes: o de Porthos, a tranquilidade, o de D'Artagnan, a esperança, o de Aramis, a preocupação, e o de Athos, a indiferença.

Pouco depois de iniciada a conversa, durante a qual Porthos deixou

entrever que uma pessoa altamente colocada se dignara encarregar-se de tirá-lo de apuros, Mousqueton entrou. Vinha pedir a Porthos que fosse a sua casa, onde, dizia ele com ar muito compungido, a sua presença era urgente.

- Chegou o meu equipamento? - perguntou Porthos.

- Sim e não - respondeu Mousqueton.

- Que quer dizer com isso?...

- Venha, senhor.

Porthos levantou-se, despediu-se dos amigos e seguiu Mousqueton. Um instante depois, Bazin apareceu no limiar da porta.

- Que quer, meu amigo? - perguntou Aramis com a suavidade de linguagem que se notava nele sempre que as suas idéias se viravam para a Igreja...

- Há um homem à espera do senhor lá em casa - respondeu Bazin.

- Um homem? Que homem?

- Um mendigo.
 - Dê-lhe esmola, Bazin, e diga-lhe que reze por um pobre pecador.
 - O mendigo quer à viva força falar com o senhor e afirma que terá muito prazer em vê-lo.
 - Mas não disse nada de especial para mim?
 - Efetivamente, disse assim: “Se o Sr. Aramis hesitar em vir falar comigo, diga-lhe que venho de Tours”.
 - De Tours?! - exclamou Aramis. - Mil perdões, meus senhores, mas sem dúvida o homem traz-me notícias que esperava.
- Levantou-se imediatamente e saiu apressado. Ficaram Athos e D’Artagnan.
- Creio que esses velhacos resolveram o seu problema. Que lhe parece, D’Artagnan? - perguntou Athos.
 - Sei que Porthos estava no bom caminho - respondeu D’Artagnan. - Quanto a Aramis, para ser franco nunca estive seriamente preocupado. Mas e você, meu caro Athos, que tão generosamente distribuiu as pistolas do inglês, que eram a sua legítima riqueza, que vai fazer?
 - Estou satisfeito por ter matado o sujeito, meu filho, pois nos tempos que correm é quase uma obra de caridade matar um inglês, mas se tivesse embolsado as suas pistolas elas me pesariam como um remorso.

- Meu caro Athos, você tem realmente idéias inconcebíveis!
- Adiante, adiante! É verdade o que me disse ontem o Sr. de Tréville, que me deu a honra de me visitar, que você anda com esses ingleses suspeitos protegidos do cardeal?
- Não é bem isso, apenas visito uma inglesa, aquela de quem lhe falei.
- Ah, sim, a mulher loura, a respeito de quem dei conselhos que naturalmente se absteve de seguir! ...
- Dei-lhe as minhas razões.
- Realmente deu: espera arranjar lá o seu equipamento, segundo deduzi das suas palavras.
- De modo nenhum! Adquiri certeza de que a mulher está por algum motivo relacionada com o rapto da Sra Bonacieux.
- Compreendo: para encontrar uma mulher, faz a corte a outra, é o caminho mais longo, mas mais divertido.

D'Artagnan esteve quase contando tudo a Athos, mas houve um pormenor

que o deteve, Athos era um gentil-homem severo em questões de honra, e havia, em todo o planozinho que o nosso apaixonado traçara em relação a Milady, certas coisas que, estava antecipadamente certo, não obteriam a aprovação de um puritano. Preferiu portanto guardar silêncio, e como Athos

era o homem menos curioso do mundo as confidências de D'Artagnan não foram mais longe.

Pela nossa parte, deixamos os dois amigos, que não tinham nada muito importante a dizer um ao outro, para seguir Aramis.

Vimos com que rapidez, ao ouvir dizer que o homem que lhe queria falar vinha de Tours, Aramis seguiu, ou antes, tomou a dianteira a Bazin e foi num salto da Rua Fêrou à Rua de Vaugirard. Quando entrou em casa, encontrou efetivamente um homem baixo, de olhos inteligentes, mas coberto de andrajos.

- Foi você que perguntou por mim? - inquiriu o mosqueteiro.

- Perguntei pelo Sr. Aramis, é o senhor?

- Eu próprio. Tem alguma coisa para me entregar?

- Tenho, se me mostrar certo lenço bordado...

- Imediatamente - respondeu Aramis, tirando uma chave do peito e abrindo um cofrezinho de ébano incrustado de madrepérola. - Aqui está, veja.

- Muito bem - disse o mendigo. - Mande sair o seu lacaio.

Com efeito, Bazin, curioso de saber o que o mendigo queria do amo, regulara o passo dele e chegara quase ao mesmo tempo que Aramis. Mas tal celeridade não lhe adiantou grande coisa, a pedido do mendigo, o amo fez-lhe sinal para se retirar e não teve outro remédio senão obedecer.

Assim que Bazin saiu, o mendigo deitou um olhar rápido à sua volta, a fim de ter certeza de que ninguém o podia ver nem ouvir, e, abrindo a roupa esfarrapada, mal apertada por um cinto de couro, pôs-se a descoser a parte de cima do gibão, de onde tirou uma carta.

Aramis soltou um grito de alegria ao ver o sinete, beijou a caligrafia em que vinha escrito o endereço e, com um respeito quase religioso, abriu a carta, que dizia o seguinte:

Amigo, quer o destino que estejamos separados mais algum tempo, mas os belos dias da juventude não se perderão sem recompensa. Cumpra o seu dever na guerra, eu cumpro o meu em outro lado. Aceite o que o portador lhe entregará e faça a campanha como bom gentil-homem, pensando em mim que beijo ternamente os seus olhos negros.

Adeus, ou antes, até à vista!

Entretanto o mendigo continuava a descoser o gibão, de onde tirou uma a uma cento e cinquenta pistolas duplas de Espanha, que alinhou em cima da mesa. Depois, abriu a porta, saudou e saiu antes de o jovem, estupefato, ter tempo de lhe dirigir a palavra.

Aramis releu então a carta e verificou que tinha um post-scriptum.

P. S. - Acolha condignamente o portador, que é conde e grande da Espanha.

- Sonhos dourados! - exclamou Aramis. - Oh, a bela vida! Sim, somos

jovens! Sim, teremos ainda dias felizes! Oh, a você, meu amor, meu sangue, minha vida, tudo, tudo, tudo, minha linda amada!

E beijava a carta com paixão, sem sequer olhar o ouro que cintilava em cima da mesa.

Bazin bateu à porta, Aramis já não tinha motivo para mante-lo afastado, permitiu-lhe a entrada. Bazin ficou estupefato ao ver o ouro e esqueceu-se de que vinha anunciar D'Artagnan, o qual, curioso de saber quem era o mendigo, deixara Athos para vir a casa de Aramis.

Ora, como D'Artagnan não fazia cerimônia com Aramis, vendo que Bazin se esquecia de anunciá-lo, anunciou-se a si mesmo.

- Demônio, meu caro Aramis - comentou D'Artagnan ao ver o dinheiro -, se são essas as ameixas que nos mandam de

Tours, apresente os meus cumprimentos ao pomareiro que as apanhou.

- Engana-se, meu caro - respondeu Aramis, sempre discreto -, o meu editor é que acaba de me enviar os direitos de autor daquele poema em versos de uma sílaba que comecei a escrever em Amiens.

- É mesmo? - disse D'Artagnan. - Nesse caso, seu editor é generoso, meu caro Aramis, é tudo o que posso dizer.

- Como, senhor, um poema vende-se tão caro?... - estranhou Bazin. - É incrível! Oh, senhor, já que faz tudo o que quer, pode se tornar igual ao Sr. de Voiture e ao Sr. de Benserade! Também gosto disso. Um poeta é quase um abade. Ah, Sr. Aramis, seja poeta, suplico-lhe!

- Bazin, meu amigo - observou Aramis -, parece que você está se metendo na conversa...

Bazin compreendeu que se excedera, baixou a cabeça e saiu.

- Com a breca, você vende as suas produções a peso de ouro - comentou D'Artagnan. - Tem muita sorte meu amigo, mas cuidado, ou ainda acaba perdendo essa carta que sai da sua sobreveste e que sem dúvida também é do seu editor...

Aramis corou até à raiz dos cabelos, guardou melhor a carta e abotoou o gibão.

- Meu caro D'Artagnan, se está de acordo, vamos procurar os nossos

amigos e uma vez que estou rico, recomeçamos hoje a jantar juntos enquanto não são ricos também.

- Com o maior prazer, palavra! - aprovou D'Artagnan. - Há muito tempo que não comemos um jantar conveniente e como projeto para esta noite uma expedição um pouco arriscada, não me importaria, confesso, de me alegrar com algumas garrafas de velho borgonha.

- Concordo com o velho borgonha, também não desgosto dele - respondeu Aramis, a quem a vista do ouro fizera esquecer as suas idéias de retirada.

E depois de meter na algibeira três ou quatro pistolas duplas para fazer face às necessidades de momento, guardou as outras no cofre de ébano incrustado de madrepérola, onde estava já o famoso lenço que lhe servira de talismã.

Os dois amigos dirigiram-se primeiro para casa de Athos, que, fiel ao juramento que fizera de não sair, se encarregou de mandar vir o jantar e como ele era profundo conhecedor das coisas gastronômicas, D'Artagnan e Aramis não tiveram nenhuma dificuldade em confiar-lhe tão importante missão.

Dirigiam-se para casa de Porthos quando à esquina da Rua do Bac encontraram Mousqueton, que com ar abatido tocava diante de si", um macho e um cavalo.

D'Artagnan soltou um grito de surpresa, não isento de um misto de alegria.

- O meu cavalo amarelo! - exclamou. - Aramis, olhe para aquele cavalo...

- Que animal horrível! - respondeu Aramis.

- Pois meu caro, foi naquele cavalo que vim para Paris - declarou D'Artagnan.

- Como, o senhor conhece este cavalo? - admirou-se Mousqueton.

- Tem uma cor original - observou Aramis. - Nunca vi nenhum com semelhante pelagem.

- Acredito - concordou D'Artagnan. - Por isso o vendi por três escudos, pela pelagem, pois a carcaça não vale com certeza dezoito libras. Mas como se encontra esse cavalo em seu poder, Mousqueton?

- Nem me fale disso, senhor! - pediu o criado. - Foi uma horrível peça do marido da nossa duquesa!

- Como assim, Mousqueton?

- Sim, somos vistos com muito bons olhos por uma mulher de categoria, a duquesa de... Oh, perdão, mas o meu amo

recomendou-me que fosse discreto! Ela nos tinha obrigado a aceitar uma pequena lembrança, um magnífico ginete espanhol e um macho andaluz que dava gosto ver, mas o marido soube da coisa, confiscou no caminho os dois magníficos animais que nos enviavam e substituiu-os por estes horríveis bichos!

- Que você lhe devolve? - perguntou D'Artagnan.

- Justamente! - respondeu Mousqueton. - Como compreende não podemos aceitar semelhantes montarias em troca daqueles que nos prometeram.

- Não, claro, embora gostaria de ver Porthos montado no meu Botão de Ouro, para ter uma idéia da figura que eu próprio fiz ao chegar a Paris - declarou D'Artagnan. - Mas não o detemos mais, Mousqueton, vai desempenhar a missão que seu amo te encarregou. Ele está em casa?

- Está, sim, senhor - respondeu Mousqueton -, mas muito aborrecido.

E continuou o seu caminho para o Cais dos Grands-Augustins, enquanto os dois amigos iam tocar à porta do infeliz Porthos. Este, que os vira atravessar o pátio, decidira não abrir. Por isso, tocaram em vão.

Entretanto, Mousqueton continuava o seu caminho e, depois de atravessar a Ponte Nova, sempre tocando adiante de si os dois animais, chegou à Rua dos Ursos. Uma vez chegando, prendeu, consoante as ordens do amo, cavalo e macho à aldraba da porta do procurador, depois, sem se preocupar com a sua sorte

futura, voltou para casa e anunciou a Porthos que a sua missão estava cumprida.

Passado certo tempo, os dois pobres animais, que não comiam desde manhã, fizeram tal barulho levantando e deixando cair a aldraba da porta que o procurador ordenou ao moço do cartório que fosse se informar na vizinha a quem pertenciam o cavalo e o macho.

A Sra Coquenard reconheceu o seu presente e a princípio não compreendeu a que se devia aquela devolução, mas em breve a visita de Porthos a esclareceu. A cólera que brilhava nos olhos do mosqueteiro, apesar da

contenção que ele se impunha, assustou a sensível amante.

Com efeito, Mousqueton não ocultara ao amo que encontrara D'Artagnan e Aramis e que D'Artagnan reconhecera no cavalo amarelo o garrano bearnês em que viera para Paris e que vendera por três escudos.

Porthos saiu depois de marcar encontro com a procuradora no Convento de Saint-Magloire. O procurador, ao ver que Porthos se retirava, convidou-o para jantar, convite que o mosqueteiro recusou com um ar cheio de majestade.

A Sra Coquenard dirigiu-se muito trêmula para o Convento de Saint-Magloire, pois já adivinhava as censuras que a esperavam, mas estava fascinada pelos grandes ares de Porthos.

Tudo o que um homem ferido no seu amor-próprio pode deixar cair, em imprecensões e censuras, sobre a cabeça de uma mulher, deixou Porthos cair sobre a cabeça curvada da procuradora.

- Procedi com a melhor das intenções - desculpou-se a mulher. - Um dos nossos clientes é negociante de cavalos, devia dinheiro ao cartório e mostrava-se recalcitrante. Comprei-lhe o macho e o cavalo pelo que nos devia, ele prometera-me duas montarias reais.

- Pois, senhora, se lhe devia mais de cinco escudos o seu devedor é um ladrão - respondeu-lhe Porthos.

- Não é proibido procurar comprar barato, Sr. Porthos - respondeu a procuradora, tentando desculpar-se.

- Não senhora, mas aqueles que procuram comprar barato devem permitir aos outros procurar amigos mais generosos.

E Porthos deu meia volta e em seguida um passo para se retirar.

- Sr. Porthos! Sr. Porthos! - gritou a procuradora. - Procedi mal confesso, não devia ter regateado quando se trata de equipar um cavaleiro como o senhor!

Sem responder, Porthos deu segundo passo para se retirar.

A procuradora julgou vê-lo numa nuvem cintilante, todo rodeado de duquesas e marquesas que lhe lançavam bolsas de ouro aos pés.

- Espere, em nome do Céu, Sr. Porthos! Espere e conversemos.
- Conversar com a senhora me dá azar - respondeu Porthos.
- Mas, diga-me, que quer?
- Nada, pois aconteceria o mesmo se lhe pedisse alguma coisa.

A procuradora pendurou-se no braço de Porthos e dominada pela sua dor confessou:

- Sr. Porthos, eu não entendo nada dessas coisas. Sei porventura que é um cavalo? Sei porventura o que são arneses?
- Devia ter recorrido a mim, que sou entendido na matéria, senhora, mas quis poupar e por consequência emprestar com usura.
- Foi um erro, Sr. Porthos, mas dou-lhe minha palavra de honra de que o repararei.
- Como? - perguntou o mosqueteiro.
- Escute. Esta noite o Sr. Coquenard vai a casa do Sr. Duque de Chaulnes, que mandou chamá-lo para uma consulta que demorará pelo menos duas horas. Venha, estaremos sós e faremos as nossas contas.
- Até que enfim! Isso é que é falar, minha querida!
- Perdoa-me?

- Veremos... - respondeu majestosamente Porthos. E separaram-se dizendo um ao outro:

- Até logo!

“Diabo, parece que me aproximo finalmente do cofre de mestre Coquenard...”, pensou Porthos enquanto se afastava.

DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

A noite, esperada tão impacientemente por Porthos e D’Artagnan chegou por fim.

Como de costume, D’Artagnan apresentou-se por volta das nove horas em casa de Milady. Encontrou-a de um humor encantador; nunca o recebera tão bem. O nosso gascão viu à primeira vista de olhos que o seu bilhete fora entregue e produzia o seu efeito.

Ketty entrou com sorvetes. A ama mostrou-lhe uma expressão encantadora e sorriu-lhe com o seu mais gracioso sorriso, mas a pobre garota estava tão triste que nem sequer reparou na benevolência de Milady.

D’Artagnan olhava uma após outra as duas mulheres e era forçado a confessar que a natureza se enganara ao formá-las:

dera à grande dama uma alma venal e vil e à criada o coração de uma duquesa.

Às dez horas, Milady começou a parecer inquieta e D'Artagnan compreendeu o que isso significava. Ela olhava o relógio, levantava-se, tornava a sentar-se e sorria a D'Artagnan com um ar que queria dizer: “É muito amável, sem dúvida, mas seria um amor se fosse embora!”

D'Artagnan levantou-se e pegou o chapéu, Milady deu-lhe a mão a beijar. O jovem sentiu que ela a apertava e compreendeu que o não fazia por um sentimento de paixão, mas sim de reconhecimento por ele ir embora.

- Ama-o endiabradamente - murmurou. Depois saiu.

Desta vez, Ketty não o esperava em parte alguma, nem na antecâmara, nem no corredor, nem no portão. D'Artagnan teve de encontrar sozinho a escada do quarto.

Ketty estava sentada, com o rosto escondido nas mãos e chorava.

Ouviu D'Artagnan entrar, mas não levantou a cabeça. O jovem foi ao seu encontro e pegou-lhe nas mãos, então ela rompeu em soluços.

Como D'Artagnan presumira, Milady, ao receber a carta, tinha, no delírio da sua alegria, contado tudo à criada, depois, como recompensa da maneira como dessa vez se desempenhara da sua missão, dera-lhe uma bolsa. Mas Ketty, ao regressar ao seu

quarto, atirara a bolsa para um canto, onde ficara aberta e espalhara três ou quatro moedas de ouro no tapete.

Ao ouvir a voz de D'Artagnan a pobre garota levantou a cabeça. Ele próprio ficou assustado ao ver-lhe o rosto transtornado. Ketty juntou as mãos com ar suplicante, mas sem ousar dizer palavra.

Por pouco sensível que fosse o coração de D'Artagnan, sentiu-se comovido ao ver aquela dor muda, mas prezava demais os seus projetos, e sobretudo aquele, para alterar fosse no que fosse o programa que traçara antecipadamente.

Não deu portanto a Ketty nenhuma esperança de ceder, apenas lhe apresentou a sua ação como uma simples vingança.

Vingança de resto tanto mais fácil quanto era certo que Milady, sem dúvida para ocultar o seu rubor ao amante, recomendara a Ketty que apagasse todas as luzes dos seus aposentos, mesmo do quarto. O Sr. de Wardes devia sair antes de amanhecer, sempre no escuro.

Pouco depois ouviram Milady entrar no seu quarto. D'Artagnan meteu-se imediatamente no armário. Mal se escondeu a campainha tocou.

Ketty entrou no quarto da ama, mas não deixou a porta aberta. No entanto, a parede era tão delgada que se ouvia quase tudo o que as duas mulheres diziam. Milady parecia ébria de alegria

e obrigava Ketty a repetir os mil pequenos pormenores da pretensa conversa da criada com Wardes: como recebera a sua carta, como respondera, qual era a expressão do seu rosto, se parecia muito apaixonado... E a todas as perguntas a pobre Ketty, obrigada a manter a presença de espírito, respondia com voz abafada, na qual nem sequer notava o acento doloroso, de tal modo a felicidade é egoísta.

Por fim, como se aproximasse a hora do seu encontro com o conde, Milady mandou apagar todas as luzes do quarto e ordenou a Ketty que voltasse para o seu e introduzisse Wardes assim que ele chegasse.

A espera de Ketty não foi longa. Logo que D'Artagnan viu através do buraco da fechadura do armário que se encontrava tudo mergulhado na obscuridade, saiu do seu esconderijo no preciso momento em que Ketty fechava a porta de comunicação.

- Que barulho é esse? - perguntou-lhe Milady.
- Sou eu - respondeu D'Artagnan a meia voz. - Eu, o conde de Wardes.
- Oh, meu Deus, meu Deus! - murmurou Ketty. - Nem sequer esperou pela hora que ele próprio fixara!
- Então, por que não entra? - perguntou Milady, com voz trêmula. - Conde, conde - acrescentou -, bem sabe que o espero!

Perante este apelo, D'Artagnan afastou suavemente Ketty e entrou no quarto de Milady.

Se a raiva e a dor podem torturar uma alma, é a do amante que recebe sob um nome que não é o seu os protestos de amor que se dirigem ao seu feliz rival. D'Artagnan encontrava-se numa situação dolorosa que não previra, o ciúme mordia-lhe o coração e sofria quase tanto como a pobre Ketty, que chorava naquele momento no quarto contíguo.

- Sim, conde - dizia Milady na sua voz mais terna, apertando-lhe carinhosamente a mão nas suas -, sim, sinto-me feliz pelo amor que os seus olhos e as suas palavras me exprimiram todas as vezes que nos encontramos. Também o amo. Oh, amanhã quero qualquer penhor seu que me prove que pensa em mim, e para que me não esqueça, tome!

E passou um anel do seu dedo para o de D'Artagnan. O jovem lembrou-se de ter visto aquele anel na mão de Milady, era uma safira magnífica rodeada de brilhantes. O primeiro movimento de D'Artagnan foi de lhe restituir, mas Milady acrescentou:

- Não, guarde esse anel por amor de mim. Aliás, aceitando-o, presta-me um serviço muito maior do que poderia imaginar - acrescentou em tom comovido.

“Esta mulher está cheia de mistérios...”, pensou D'Artagnan. Neste momento esteve quase revelando tudo. Abriu a boca

para dizer a Milady quem era e com que intenções vingativas estava ali, mas ela acrescentou:

- Pobre anjo, que esse monstro gascão quase matou! O monstro era ele.
- Os seus ferimentos ainda o fazem sofrer? - continuou Milady.
- Sim, muito - respondeu D'Artagnan, sem saber que dizer.
- Fique tranquilo que eu o vingarei, e cruelmente! - murmurou Milady.

“Irra, o momento das confidências ainda não chegou!”, disse D'Artagnan para si mesmo.

O jovem precisou de algum tempo para se recompor deste pequeno diálogo, mas todas as idéias de vingança que trouxera tinham se desvanecido por completo. Aquela mulher exercia sobre ele um poder incrível, odiava-a e adorava-a ao mesmo tempo, nunca imaginara que dois sentimentos tão contrários pudessem habitar no mesmo coração e, confundindo-se, formar um amor estranho e de certo modo diabólico.

Entretanto, acabava de dar uma hora, tinham de se separar. No momento de deixar Milady, D'Artagnan sentiu apenas um vivo pesar, e na despedida apaixonada que se dirigiram reciprocamente combinaram encontrar-se de novo na semana seguinte. A pobre Ketty esperava poder trocar algumas

palavras com D'Artagnan quando ele passasse pelo seu quarto, mas Milady acompanhou-o pessoalmente na obscuridade e só o deixou na escada.

No dia seguinte de manhã, D'Artagnan correu para casa de Athos. Estava metido numa aventura singular e queria pedir-lhe conselho. Contou-lhe tudo, Athos franziu várias vezes o sobrolho.

- A sua Milady - declarou - parece-me uma criatura infame, mas nem por isso você agiu menos mal enganando-a. Agora, você terá de uma maneira ou de outra uma inimiga terrível nos braços.

Enquanto falava, Athos olhava com atenção a safira rodeada de diamantes que tomara no dedo de D'Artagnan o lugar do anel da rainha, cuidadosamente guardado num estojo.

- Está olhando este anel? - perguntou o gascão, muito orgulhoso de exhibir aos olhos dos amigos tão rico presente.

- Olho - respondeu Athos. - Recorda-me uma jóia de família.

- É belo, não é verdade? - perguntou D'Artagnan.

- Magnífico! - respondeu Athos. - Não sabia que houvesse duas safiras de tão bela água. Trocou-a pelo diamante?

- Não - respondeu D'Artagnan. - É um presente da minha bela inglesa, ou antes, da minha bela francesa, porque embora não tenha lhe perguntado estou convencido de que nasceu na França.

- Esse anel lhe foi dado por Milady? - inquiriu Athos, num tom de voz em que era fácil distinguir uma grande emoção.
- Pessoalmente. Deu-me esta noite.
- Mostre-me esse anel - pediu Athos.
- Aqui está - respondeu D'Artagnan, tirando-o do dedo. Athos examinou-o e ficando muito pálido, depois experimentou-o no anelar da mão esquerda: ficava nesse dedo como se tivesse sido feito para ele. Uma nuvem de cólera e de

vingança passou pela fronte habitualmente calma do gentil-homem.

- É impossível que seja o mesmo - murmurou. - Como iria este anel parar às mãos de Lady Clarick? E no entanto é muito difícil que haja entre duas jóias tal semelhança.

- Conhece esse anel? - perguntou D'Artagnan.

- Julguei reconhecê-lo, mas sem dúvida me enganei - respondeu Athos. E devolveu-o a D'Artagnan, sem deixar no entanto de olhá-lo.

- Por favor - disse passado um instante -, tire esse anel do dedo ou vire o engaste para dentro, ele me traz à memória recordações tão cruéis que não teria cabeça para conversar com você. Não veio me pedir conselho? Não me disse que estava embaraçado, sem saber o que devia fazer?... Mas

espere... me dê essa safira: aquela a que me referi tinha uma das faces lascada devido a um acidente.

D'Artagnan tirou de novo o anel do dedo e entregou-o a Athos. Este estremeceu:

- Tome - disse. - Veja, não é estranho?

E mostrava a D'Artagnan a falha que se lembrava dever existir.

- Mas de quem recebeu esta safira, Athos?

- Da minha mãe, que a recebera da mãe dela. Como lhe disse, trata-se de uma velha jóia... que nunca devia sair da família.

- E você... a vendeu? - perguntou D'Artagnan, hesitante.

- Não - respondeu Athos, com um sorriso singular. - Dei-a durante uma noite de amor, como foi dada a você.

D'Artagnan ficou por sua vez pensativo, parecia-lhe ver na alma de Milady abismos de profundezas sombrias e desconhecidas. Em vez de meter o anel no dedo, guardou-o na algibeira.

- Escute - disse-lhe Athos, pegando-lhe na mão. - Sabe que o amo, D'Artagnan, se tivesse um filho, não o amaria mais do que a você. Pois bem, acredite-me, renuncie a essa mulher. Não a conheço, mas uma espécie de intuição me diz que é uma criatura perdida e que há algo fatal nela.

- E tem razão - disse D'Artagnan. - Por isso vou deixá-la, confesso que essa mulher também me assusta.
- Terá essa coragem? - perguntou Athos.
- Terei - respondeu D'Artagnan -, e imediatamente.
- Ainda bem, meu filho, que pensa assim - disse o gentil-homem, apertando a mão ao gascão quase paternalmente. - Deus queira que essa mulher, que ainda mal entrou na sua vida, não deixe nela um rastro funesto!

E Athos despediu D'Artagnan com uma inclinação de cabeça, como um homem que deseja dar a entender que não se importa de ficar só com os seus pensamentos.

Quando chegou em casa, D'Artagnan encontrou Ketty à sua espera. Um mês de febre não teria modificado mais a pobre criança do que aquela noite de insônia e dor.

Era enviada pela ama ao falso Wardes. Milady estava louca de amor, ébria de alegria, queria saber quando o conde lhe concederia segundo encontro. E a pobre Ketty, pálida e trêmula, esperava a resposta de D'Artagnan.

Athos tinha grande influência sobre o jovem. Os conselhos do amigo juntamente com os protestos do seu próprio coração tinham-no decidido, agora

que o seu orgulho estava salvo e a sua vingança satisfeita, a não tornar a ver Milady. Pegou portanto na pena e escreveu a seguinte carta:

Não conte comigo, senhora, para o próximo encontro: desde a minha convalescença tenho tantas ocupações desse gênero que preciso lhes dar certa ordem. Quando chegar a sua vez, ficarei honrado em lhe informar.

Beijo-lhe as mãos. Conde de Wardes.

A respeito da safira nem uma palavra. Quereria o gascão conservar uma arma contra Milady? Ou, sejamos francos, não conservaria a safira como último recurso para comprar o equipamento?

Seria incorreto julgar as ações de uma época do ponto de vista de outra época. O que hoje seria olhado como uma desonra para um homem galante era naquele tempo coisa muito simples e muito natural, e os filhos mais novos das melhores famílias eram em geral mantidos pelas amantes.

D'Artagnan entregou a carta aberta a Ketty, que a leu, primeiro sem a compreender, e que quase enlouqueceu de alegria ao lê-la segunda vez.

Ketty não podia acreditar em tamanha felicidade e D'Artagnan teve de lhe renovar de viva voz as garantias que a carta lhe

dava por escrito. E fosse qual fosse, dado o temperamento exaltado de Milady, o perigo que corresse a pobre criança em entregar semelhante bilhete à ama, nem por isso deixou de regressar tão depressa quanto as pernas lhe permitiram à Praça Royale. O coração da melhor das mulheres é implacável para com os sofrimentos de uma rival.

Milady abriu a carta com uma pressa igual à que Ketty pusera em trazer-la, mas à primeira palavra que leu pôs-se lívida. Depois amarrotou o papel, em seguida virou-se para Ketty com os olhos relampejando.

- Que carta é esta? - perguntou.
- Mas... é a resposta à da senhora - respondeu Ketty, toda trémula.
- Impossível! - gritou Milady. - É impossível que um gentil-homem tenha escrito a uma mulher semelhante carta!

Depois, de súbito, estremecendo:

- Meu Deus, terá acontecido de... E deteve-se.

Rangia os dentes e estava cor de cinza. Quis dar um passo para a janela, a fim de tomar ar, mas só conseguiu estender os braços, as pernas faltaram-lhe e caiu num cadeirão.

Ketty julgou que se sentisse mal e precipitou-se para lhe desapertar o corpete. Mas Milady endireitou-se vivamente.

- Que quer? - perguntou. - Por que me toca?

- Pensei que a senhora estivesse indisposta e quis socorrê-la - respondeu a criada, assustadíssima com a expressão terrível que adquirira o rosto da ama.
- Indisposta eu, eu? Acha que sou uma mulherzinha fraca? Quando me insultam, não fico indisposta, me vingo, entendeu? E fez sinal com a mão a Ketty para sair.

SONHO DE VINGANÇA

À noite, Milady deu ordem para introduzirem o Sr. D'Artagnan assim que chegasse, conforme o seu hábito. Mas ele não veio.

No dia seguinte, Ketty procurou de novo o jovem e contou-lhe tudo o que se passara na véspera. D'Artagnan sorriu: a cólera ciumenta de Milady era a sua vingança.

À noite, Milady, ainda mais impaciente do que na véspera, renovou a ordem relativa ao gascão, mas como na véspera esperou-o inutilmente.

No dia seguinte, Ketty apresentou-se em casa de D'Artagnan, já não alegre e viva como nos dois dias anteriores, mas pelo contrário tristíssima. D'Artagnan perguntou à pobre garota o que tinha, mas ela, como única resposta, tirou uma carta da algibeira e entregou-a.

Era uma carta do punho de Milady; apenas desta vez estava endereçada a D'Artagnan e não ao Sr. de Wardes. Abriu-a e leu o que se segue:

Caro Sr. D'Artagnan: Não está certo abandonar assim os seus amigos, sobretudo no momento em que vai deixá-los por tanto tempo. O meu cunhado e eu o esperamos ontem e anteontem inutilmente. Acontecerá o mesmo esta noite?

Sua muito reconhecida, Lady Clarick.

- É muito simples - disse D'Artagnan - e já esperava esta carta. O meu crédito sobe à medida que baixa o do conde de Wardes.
- E irá? - perguntou Ketty.
- Escute, minha querida filha - disse o gascão, que procurava desculpar-se a seus próprios olhos de faltar à promessa que fizera a Athos -, não compreende que seria impolítico não corresponder a um convite tão positivo? Não me vendo voltar, Milady não compreenderia a interrupção das minhas visitas, poderia desconfiar de qualquer coisa, e quem pode dizer até onde iria a vingança de uma mulher da sua têmpera?
- Oh, meu Deus, sabe apresentar as coisas de uma forma que tem sempre razão! - protestou Ketty. - Mas vai novamente

fazer-lhe a corte e se desta vez lhe agradasse sob o seu verdadeiro nome e sob o seu verdadeiro rosto, seria muito pior do que da primeira vez!

O instinto permitia adivinhar à pobre garota o que ia acontecer. D'Artagnan tranquilizou-a o melhor que pôde e prometeu-lhe ficar insensível às seduções de Milady.

Mandou dizer que estava reconhecidíssimo pelas suas atenções e que iria receber as suas ordens, mas não ousou escrever-lhe com receio de não conseguir disfarçar suficientemente a sua letra a olhos tão experientes como os de Milady.

Ao darem nove horas, D'Artagnan estava na Praça Royale. Era evidente que os criados que esperavam na antecâmara estavam prevenidos, pois logo que D'Artagnan apareceu, ainda antes de perguntar se Milady estava visível, um deles correu para anunciá-lo.

- Que entre - disse Milady numa voz breve, mas tão penetrante que D'Artagnan a ouviu na antecâmara. Introduziram-no.

- Não estou para ninguém - disse Milady ao criado. - Ouviu? Para ninguém. O laçao saiu.

D'Artagnan lançou um olhar curioso a Milady: estava pálida e tinha os olhos mortiços, quer por ter chorado, quer por não ter dormido. Intencionalmente tinham diminuído o número habitual

de luzes, mas mesmo assim a jovem não conseguia esconder os vestígios da febre que a devorara durante dois dias.

D'Artagnan aproximou-se dela com a sua galanteria habitual, Milady fez então um esforço supremo para lhe corresponder, mas nunca fisionomia mais transtornada desmentiu sorriso mais amável.

Às perguntas que D'Artagnan lhe dirigiu acerca da sua saúde respondeu:

- Má, muito má.
- Mas então - disse D'Artagnan - sou importuno, precisa de repouso, sem dúvida, e vou me retirar.
- Não - opôs-se Milady. - Pelo contrário, fique, Sr. D'Artagnan, a sua amável companhia me distrairá.

“Oh, oh, nunca foi tão encantadora! Melhor ficar alerta...”, pensou D'Artagnan.

Milady tomou o ar mais afetuoso que lhe foi possível e imprimiu ao diálogo todo o brilho que pôde. Ao mesmo tempo, a febre que a abandonara um instante voltava a restituir-lhe o fulgor aos olhos, as cores às faces e o carmim aos lábios. D'Artagnan reencontrou a Circe que já o envolvera nos seus encantamentos. O seu amor, que julgava extinto mas que estava apenas adormecido, acordou no seu coração. Milady sorria e D'Artagnan sentia que se perderia por aquele sorriso.

Houve um momento em que sentiu qualquer coisa como um remorso do que fizera àquela mulher.

Pouco a pouco, Milady tornou-se mais comunicativa. Perguntou a D'Artagnan se tinha alguma amante.

- Meu Deus - respondeu D'Artagnan com o ar mais sentimental que conseguiu tomar -, como pode ser tão cruel que me faça semelhante pergunta, a mim que desde que a vi só vivo e suspiro para você e por você?...

Milady sorriu estranhamente.

- Você me ama, portanto...

- Terei necessidade de dizer, ainda não notou?

- Decerto. Mas como sabe quanto mais orgulhosos são os corações mais difíceis de conquistar.

- Oh, as dificuldades não me assustam! - respondeu D'Artagnan. - Só as impossibilidades me metem medo.

- Nada é impossível a um verdadeiro amor - observou Milady.

- Nada, senhora?

- Nada - repetiu Milady.

“Demônio, a nota mudou!”, comentou D'Artagnan para consigo. “Terá se apaixonado por mim por acaso, a caprichosa, e estará disposta a me dar outra safira igual à que me deu tomando-me por Wardes?”

D'Artagnan aproximou vivamente a sua cadeira da de Milady.

- Vejamos, que faria para provar esse amor de que fala? - perguntou ela.

- Tudo o que se exigisse de mim. Haja quem ordene e estou pronto.

- Para tudo?

- Para tudo! - exclamou D'Artagnan, que sabia antecipadamente não arriscar grande coisa em semelhante compromisso.

- Bom, conversemos um pouco... - sugeriu Milady, aproximando também o seu cadeirão da cadeira de D'Artagnan.

- Estou escutando, senhora.

Milady ficou um instante concentrada e como que indecisa, depois, pareceu tomar uma resolução e disse:

- Tenho um inimigo.

- Como, a senhora?! - exclamou D'Artagnan, fingindo-se surpreso. - Será possível, meu Deus? Bela e boa como é...

- Um inimigo mortal.

- Realmente?

- Um inimigo que me insultou tão cruelmente que existe entre ele e mim uma guerra de morte. Posso contar com você como auxiliar?

D'Artagnan compreendeu ato contínuo onde a vingativa criatura queria chegar.

- Pode, senhora - respondeu com ênfase. - O meu braço e a minha vida pertencem-lhe como o meu amor.

- Sendo assim, já que é tão generoso como está apaixonado... Deteve-se.

- Que devo fazer? - perguntou D'Artagnan.

- Deixar, a partir de hoje, de falar de impossibilidades - respondeu Milady após um momento de silêncio.

- Não me mate de felicidade! - exclamou D'Artagnan, precipitando-se de joelhos e cobrindo de beijos as mãos que lhe abandonavam.

- Vingue-me desse infame Wardes - murmurou Milady entre dentes - e eu saberei desembaraçar-me de você em seguida, duplo idiota, lâmina de espada!

“Cai voluntariamente em meus braços, depois de ter escarnecido de mim tão afrontosamente, hipócrita e perigosa mulher, e eu ri de você com aquele que quer matar por minha mão”, pensava D'Artagnan.

Em seguida levantou a cabeça e disse:

- Estou pronto.
- Ainda bem que me compreendeu, caro Sr. D'Artagnan - declarou Milady.
- Adivinharia um dos seus olhares.
- Portanto porá a meu serviço o seu braço, que já adquiriu tanta fama?
- Imediatamente.
- Mas como pagarei semelhante serviço? Conheço os apaixonados, são pessoas que não fazem nada desinteressadamente...
- Sabe a única resposta que desejo - respondeu D'Artagnan -, a única que é digna de você e de mim!

E puxou-a suavemente para si.

Ela quase não resistiu, disse apenas, sorrindo:

- Interesseiro!...
- Oh! - exclamou D'Artagnan, verdadeiramente arrebatado pela paixão que aquela mulher tinha o dom de despertar no seu coração. - Oh, é como se a minha felicidade me parecesse inverosímil, e como, tendo sempre medo de vê-la

evolar-se como um sonho, tivesse pressa de transformá-la em realidade!

- Merece sem dúvida essa pretensa felicidade.

- Estou às suas ordens - declarou D'Artagnan.
- Tem certeza? - perguntou Milady, com uma derradeira dúvida.
- Indique-me o infame que foi capaz de fazer chorar seus belos olhos.
- Quem disse que chorei?
- Pareceu-me...
- As mulheres como eu não choram.
- Tanto melhor! Vamos, diga-me como se chama.
- Lembre-se de que o seu nome é todo o meu segredo.
- No entanto, é necessário que eu o conheça.
- Sim, é necessário e será uma prova de que tenho confiança em você...
- Enche-me de alegria. Como se chama?
- Conhece-o...
- É mesmo?
- Sim.
- Não é nenhum dos meus amigos? - perguntou D'Artagnan, fingindo hesitação para fazer crer na sua ignorância.
- Se fosse um dos seus amigos hesitaria - perguntou Milady. E um relâmpago de ameaça passou-lhe pelos olhos.

- Não. Nem que fosse meu irmão! - exclamou D'Artagnan, como que arrebatado pelo entusiasmo.

O nosso gascão avançava sem se arriscar, porque sabia aonde queria chegar.

- Aprecio a sua dedicação - declarou Milady.

- Meu Deus, e não aprecia mais nada em mim? - perguntou D'Artagnan.

- Também o aprecio - acrescentou ela, pegando-lhe na mão.

E a ardente pressão fez tremer D'Artagnan, como se, pelo simples fato de lhe tocar, a febre que queimava Milady se lhe transmitisse.

- Quer dizer que me ama? - perguntou ansioso. - Oh, se fosse verdade seria motivo para perder a razão!

E envolveu-a nos braços. Ela não tentou afastar os lábios dos dele, quando a beijou, apenas não lhe correspondeu. Os seus lábios estavam frios, pareceu a D'Artagnan que acabava de beijar uma estátua. Mas nem por isso ficou menos ébrio de alegria, menos eletrizado de amor, quase acreditava no amor de Milady, quase acreditava no crime de Wardes. Se o tivesse naquele momento ao alcance da mão, o mataria.

Milady aproveitou a oportunidade.

- Chama-se... - começou.

- Wardes! - exclamou D'Artagnan. - Já sabia que era ele.
- E como sabe? - perguntou Milady, pegando-lhe nas mãos e tentando ler-lhe através dos olhos até ao fundo da alma.

D'Artagnan sentiu que se excedera e cometera um erro.

- Diga, diga, vamos, diga! - repetia Milady. - Como sabia?
- Como sabia?...
- Sim.
- Sabia porque ontem, num salão onde me encontrava, Wardes mostrou um

anel que disse ter-lhe sido dado.

- Miserável! - gritou Milady.

O epíteto, como muito bem se compreende, repercutiu-se até ao fundo do coração de D'Artagnan.

- E então?
- Então, a vingarei desse miserável - declarou D'Artagnan, dando-se ares de D. Jafeth da Armênia.
- Obrigada, meu bravo amigo! - exclamou Milady. - E quando serei vingada?
- Amanhã... imediatamente... quando quiser.

Milady ia gritar: "Imediatamente!", mas refletiu que semelhante precipitação seria pouco agradável para D'Artagnan.

Aliás, tinha mil precauções a tomar, mil conselhos a dar ao seu defensor, para que evitasse explicações com o conde diante de testemunhas. Mas uma palavra de D'Artagnan tudo resolveu:

- Amanhã estará vingada ou eu estarei morto.
- Não! Me vingará, mas não morrerá: é um covarde.
- Com as mulheres, talvez; mas com os homens, não. Sei alguma coisa a esse respeito.
- Mas parece-me que na sua luta com ele não teve de se queixar da sorte.
- A sorte é uma cortesã: favorável ontem, pode trair-me amanhã.
- O que quer dizer que hesita agora...
- Não, não hesito, Deus me defenda, mas seria justo deixar-me ir para uma morte possível sem me ter dado ao menos um pouco mais do que esperança?...

Milady respondeu com um olhar que queria dizer: “Só isso? Diga.” Depois, acompanhando o olhar de palavras explicativas, disse ternamente:

- É justíssimo.
- Oh, é um anjo! - exclamou o jovem.
- Portanto, está tudo combinado?
- Exceto o que lhe pedi, querido amor!
- Mas se digo que pode confiar na minha ternura...

- Não tenho amanhã para esperar.
- Silêncio! Ouço o meu irmão, é inútil que o encontre aqui. Tocou, Ketty apareceu.
- Saia por essa porta - disse, empurrando uma portinha disfarçada - e volte às onze horas para acabarmos a nossa conversa. Ketty o introduzirá no meu quarto.

A pobre criança pensou cair redonda no chão ao ouvir estas palavras.

- Que faz aí, menina, imóvel como uma estátua? Vamos, acompanhe o cavaleiro - ordenou-lhe Milady. - E você, às onze horas, como ouviu!

“Parece que os seus encontros amorosos são todos às onze horas”, pensou D’Artagnan. “Deve ser um hábito adquirido...”

Milady estendeu-lhe a mão, que ele beijou ternamente.

“Cuidado”, disse para consigo enquanto se retirava sem quase responder às censuras de Ketty, “cuidado, não sejamos burros! Decididamente, esta mulher é uma grande celerada e todo o cuidado é pouco.”

O SEGREDO DE MILADY

D’Artagnan saíra do palácio em vez de subir imediatamente ao quarto de Ketty, apesar dos pedidos insistentes da jovem, e

isso por duas razões: a primeira, porque assim evitava as censuras, as recriminações e as súplicas; a segunda, porque queria analisar um pouco as suas idéias e, se possível, as daquela mulher.

Tudo o que havia de mais claro no caso era que D'Artagnan amava Milady como um louco e que ela não o amava absolutamente nada. Por instantes, D'Artagnan concluiu que o melhor que tinha a fazer era voltar para casa e escrever a Milady uma longa carta confessando-lhe que ele e Wardes eram até ali uma e a mesma pessoa e que, portanto não podia comprometer-se, sob pena de suicídio, a matar Wardes. Mas também o espicaçava um feroz desejo de vingança que o levava a desejar possuir aquela mulher sob o seu próprio nome e como tal vingança lhe parecia conter certa doçura, não queria de modo algum renunciar a ela. Deu cinco ou seis vezes a volta à Praça Royale, virando-se de dez em dez passos para olhar a luz dos aposentos de Milady, que se distinguia através das gelosias. Era evidente que daquela vez a jovem tinha menos pressa do que da primeira em se recolher ao seu quarto. Por fim a luz desapareceu.

E com ela extinguiu-se a última incerteza no coração de D'Artagnan. Recordou-se dos pormenores da primeira noite e, com o coração aos pulos e a cabeça em fogo, voltou a entrar no palácio e precipitou-se para o quarto de Ketty. A jovem pálida como a morte e tremendo como vara verde, quis deter o

amante, mas Milady, de ouvido atento, ouvira o barulho que fizera D'Artagnan e abriu a porta.

- Venha - disse.

Tudo aquilo era de tão incrível impudência, de tão monstruoso descaramento, que D'Artagnan mal podia acreditar no que via e ouvia. Julgava-se envolvido em qualquer dessas intrigas fantásticas que só acontecem em sonhos.

Mas nem por isso correu menos para Milady, cedendo à atração que o imã exerce sobre o ferro. A porta fechou-se atrás deles. Ketty lançou-se por seu turno contra a porta.

O ciúme, o furor, o orgulho ofendido, todas as paixões, enfim, que assaltam o coração de uma mulher apaixonada a impeliam para uma revelação, mas estaria perdida se confessasse ter contribuído para semelhante maquinação e, sobretudo D'Artagnan estaria perdido para ela. Este último pensamento amoroso aconselhou-lhe também aquele derradeiro sacrifício.

Pelo seu lado, D'Artagnan atingira o cúmulo de todos os seus desejos: já não era um rival que se amava em si, era a ele mesmo que se fingia amar. Uma voz íntima dizia-lhe bem no fundo do coração que não passava de um instrumento de vingança que se acarinhava enquanto se esperava que cumprisse a sua missão de morte, mas o orgulho, o amor-próprio, a loucura, faziam calar essa voz, abafavam esse murmúrio. Depois o nosso gascão, com a dose de confiança que lhe conhecemos, comparava-se a Wardes e perguntava-se

por que motivo, no fim de contas, o não amariam também por si mesmo.

Abandonou-se, pois por completo às sensações do momento. Milady deixou de ser para ele a mulher de intenções fatais que por momentos o assustara para se tornar numa amante ardente e apaixonada que se abandonava por

completo a um amor que ela própria parecia experimentar. Passaram-se assim cerca de duas horas.

Entretanto, os transportes de dois amantes acalmaram-se, Milady, que não tinha os mesmos motivos que D'Artagnan para esquecer, foi a primeira a regressar à realidade e perguntou ao jovem se as medidas que deveriam conduzir no dia seguinte a um duelo entre ele e Wardes estavam bem planeadas no seu espírito.

Mas D'Artagnan, cujas idéias tinham tomado outro curso e esquecera como um tolo o assunto, respondeu galantemente que era muito tarde para se ocupar de duelos e estocadas. Semelhante desinteresse pela única coisa que a preocupava assustou Milady, cujas perguntas se tornaram mais insistentes.

Então, D'Artagnan, que nunca pensara seriamente em semelhante duelo, quis mudar de assunto, mas não conseguiu. Milady conteve-o nos limites que traçara antecipadamente com o seu espírito irresistível e a sua vontade de ferro.

D'Artagnan julgou-se muito espirituoso aconselhando Milady que renunciasse, perdoando a Wardes, aos projetos loucos que traçara. Mas às primeiras palavras que disse a jovem estremeceu e afastou-se.

- Você está com medo, querido D'Artagnan? - perguntou numa voz aguda e escarninha que ecoou estranhamente na obscuridade.

- Nem pense nisso, querida! - respondeu D'Artagnan. - Mas enfim, se o pobre conde de Wardes fosse menos culpado do que imagina?

- De qualquer modo - respondeu gravemente Milady -, enganou-me, e uma vez que me enganou merece a morte.

- Que morra então, já que o condenou! - declarou D'Artagnan em tom tão firme que pareceu a Milady a expressão de uma dedicação a toda a prova.

E aproximou-se imediatamente dele.

Não poderíamos dizer quanto tempo durou a noite para Milady; mas D'Artagnan julgava estar junto dela havia apenas duas horas quando o dia rompeu por entre as fendas das gelosias e em breve invadiu o quarto com a sua claridade macilenta. Então Milady, vendo que D'Artagnan ia deixá-la, recordou-lhe a promessa que fizera de vingá-la de Wardes.

- Estou pronto - respondeu D'Artagnan -, mas primeiro gostaria de ter certeza de uma coisa.

- Qual? - perguntou Milady.
- De que me ama.
- Parece-me que provei.
- Sim, e por isso lhe pertencço de corpo e alma.
- Obrigada, meu bravo amante! Mas assim como provei o meu amor, você me provará também o seu, não é verdade?
- Certamente. No entanto, se me ama como diz - continuou D'Artagnan -, não receia um pouco por mim?
- Que posso recear?
- Que seja ferido gravemente, ou mesmo morto.
- Impossível - declarou Milady. - Você é um homem tão valente e uma fina espada...
- Não preferia, portanto - insistiu D'Artagnan - um meio que a vingaria da mesma maneira tornando inútil o combate?...

Milady olhou o amante em silêncio, a claridade baça dos primeiros raios de luz dava aos seus olhos uma expressão estranhamente funesta.

- Na verdade - disse ela -, agora estou convencida de que está hesitando.
- Não, não hesito, mas é que esse pobre conde de Wardes me mete realmente pena desde que não o ama mais, e parece-

me que um homem é tão cruelmente punido só por perder o seu amor que não precisa de outro castigo.

- Quem lhe disse que o amei? - perguntou Milady.
- Pelo menos posso crer agora sem demasiada fatuidade que ama outro - respondeu o jovem em tom acariciador -, e, além disso, repito, interesse-me pelo conde.
- Você? - perguntou Milady.
- Sim, eu.
- E por quê?
- Porque só eu sei...
- O quê?
- Que está longe de ser, ou antes, de ter sido tão culpado como parece.
- É mesmo? - inquiriu Milady, com ar inquieto. - Explique-se, porque não sei realmente o que quer dizer.

E fitava D'Artagnan, que a tinha abraçada, com olhos que pareciam inflamar-se pouco a pouco.

- Bom, sou um homem que assume a responsabilidade dos seus atos - respondeu D'Artagnan, decidido a acabar com aquilo - e uma vez que o seu amor me pertence, que estou bem certo de possuí-lo... porque o possuo, não é verdade?
- Todo inteiro. Continue.

- Enfim, sinto-me como que deslumbrado e pesa-me uma confissão.
- Uma confissão?
- Se duvidasse do seu amor não a faria, mas como me ama, minha bela amante, não é verdade que me ama?
- Sem dúvida.
- Então, se por excesso de amor me tivesse tornado culpado, me perdoaria?
- Talvez...

D'Artagnan tentou, com o mais terno sorriso que conseguiu esboçar, aproximar os lábios dos de Milady, mas ela afastou-o.

- Essa confissão... - disse, empalidecendo - que confissão é essa?
- Tinha marcado encontro com Wardes na última quinta-feira, neste mesmo quarto, não é verdade?
- Não, isso não é verdade! - respondeu Milady num tom de voz tão firme e com um ar tão impassível que, se D'Artagnan não tivesse absoluta certeza do que dizia, duvidaria.
- Não minta meu belo anjo - disse D'Artagnan, sorrindo -, pois seria inútil.
- Como assim? Fale!
- Oh, sossegue, não é de modo algum culpada para comigo, pois já lhe perdoei!

- E depois, e depois?
- Wardes não pode vangloriar-se de nada.

- Por quê? Você próprio me disse que o anel...
- O anel, meu amor, sou eu que o tenho. O conde de Wardes de quinta-feira e o D'Artagnan de hoje são a mesma pessoa.

O imprudente esperava uma surpresa lavada de pudor, uma tempestadezinha que se desfaria em lágrimas, mas enganava-se redondamente e o seu erro não foi longe.

Pálida e terrível, Milady endireitou-se e, repelindo D'Artagnan com um violento soco no peito, saltou da cama. O dia já nascera então quase por completo.

D'Artagnan segurou-a pelo penteador, de fino pano da Índia, para implorar o seu perdão, mas ela, num gesto brusco e resolutivo, tentou fugir. Então, a cambraia de linho rasgou-se, deixando-lhe os ombros a descoberto, e num desses belos ombros torneados e brancos, D'Artagnan, com espanto inexprimível, reconheceu a flor-de-lis, a marca indelével impressa pela mão infamante do carrasco.

- Grande Deus! - exclamou D'Artagnan, largando o penteador. E ficou mudo, imóvel e siderado na cama.

Milady sentiu-se denunciada pelo próprio espanto de D'Artagnan. Sem dúvida ele vira tudo e conhecia agora o seu segredo, segredo terrível, que todos ignoravam, exceto ele.

Virou-se não como uma mulher furiosa, mas sim como uma pantera ferida.

- Ah, miserável, traiu-me covardemente e, além disso, conhece o meu segredo! Vai morrer!

E correu para um cofre com embutidos colocado em cima do toucador, abriu-o com mão febril e trêmula, tirou dele um punhalzinho de cabo de ouro e lâmina aguçada e fina, dirigiu-se de novo para a cama e saltou sobre D'Artagnan, seminu.

Embora o jovem fosse valente, como sabemos, ficou apavorado com aquele rosto transtornado, aquelas pupilas horrivelmente dilatadas, aquelas faces pálidas e aqueles lábios cruéis. Recuou até ao espaço entre a cama e a parede, como faria à aproximação de uma serpente que rastejasse na sua direção, deu com a mão molhada de suor na espada e desembainhou-a.

Mas sem se preocupar com a espada, Milady tentou subir de novo para a cama para feri-lo e só se deteve quando sentiu a ponta aguçada da espada na garganta.

Tentou então agarrar a espada com as mãos, mas D'Artagnan gorou-lhe os intentos e, ameaçando feri-la ora nos olhos, ora no peito, deixou-se escorregar para debaixo da cama e procurou, para bater em retirada, pela porta que comunicava com o quarto de Ketty. Entretanto, Milady procurava atirar-se a ele, praguejando horrivelmente e rugindo como uma fera.

Pareciam ambos empenhados num duelo, mas D'Artagnan tornava-se pouco a pouco senhor da situação.

- Pronto bela dama, pronto! Acalme-se por Deus, acalme-se, ou desenho uma segunda flor-de-lis no outro ombro...
- Infame! Infame! - bramia Milady.

Mas D'Artagnan, continuando a procurar a porta, mantinha-se na defensiva. Ao ouvir o barulho que faziam, ela derrubando os móveis para se aproximar dele e

ele abrigando-se atrás desses mesmos móveis para se defender dela, Ketty abriu a porta. D'Artagnan, que manobrava constantemente para se aproximar daquela porta, encontrava-se apenas a três passos dela. Num único salto passou do quarto de Milady para o da criada e, rápido como um relâmpago, fechou a porta, à qual se encostou com todo o seu peso, enquanto Ketty corria os ferrolhos.

Então Milady tentou derrubar a divisória que a separava do outro quarto, empregando para isso forças muito superiores às de uma mulher, mas quando verificou que isso era impossível crivou a porta de punhaladas, algumas das quais atravessaram a espessura da madeira. Cada punhalada era acompanhada de uma imprecação terrível.

- Depressa, depressa. Ketty - disse D'Artagnan a meia voz, uma vez os ferrolhos corridos. - Faça-me sair do palácio, pois

se lhe dermos tempo para isso me mandará matar pelos criados.

- Mas não pode sair assim - observou Ketty. - Está completamente nu!

- É verdade - reconheceu D'Artagnan, que só então reparou no estado em que se encontrava. - É verdade... Vista-me como puder, mas seja rápida é uma questão de vida ou de morte, compreende?

Ketty não compreendia muito bem, mas num abrir e fechar de olhos meteu-o num vestido às flores e cobriu-o com uma grande touca e com um mantelete, deu-lhe pantufas para se calçar e depois o arrastou pelos degraus. Era tempo: Milady já tocara e acordara todo o palácio. O porteiro abriu o portão à ordem de Ketty, no preciso momento em que Milady, seminua, gritava da janela:

- Não abra!

COMO SEM SE INCOMODAR, ATHOS ARRANJOU O SEU EQUIPAMENTO

O jovem fugiu enquanto ela o ameaçava ainda, num gesto impotente.

Assim que o perdeu de vista, Milady caiu sem sentidos no seu quarto.

D'Artagnan estava de tal modo transtornado que, sem se preocupar com o que aconteceria a Ketty, atravessou metade de Paris, sempre correndo e só parou diante da porta de Athos. A desorientação do seu espírito, o terror que o esporeava, os gritos de algumas patrulhas que o perseguiram e a assuada de alguns transeuntes que, apesar da hora matinal, iam à sua vida, só contribuíram para que corresse ainda mais. Atravessou o pátio, subiu os dois andares de Athos e bateu à porta estrepitosamente.

Grimaud veio abrir, com os olhos inchados de sono. D'Artagnan precipitou-se com tanta força na antecâmara que quase o deitou ao chão. Apesar do mutismo habitual do pobre rapaz, desta vez a palavra acudiu-lhe aos lábios.

- Eh lá, eh lá!... - gritou. - Que quer daqui, galdéria? Que pretende rameira?

D'Artagnan tirou a touca e libertou as mãos do mantelete. Ao ver aqueles bigodes e aquela espada nua, o pobre diabo verificou que estava diante de um homem. Julgou então tratar-se de algum assassino e desatou a berrar:

- Socorro! Quem me acode!

- Cale-se, desgraçado! - ordenou-lhe o jovem. - Sou D'Artagnan, não me reconhece? Onde está o seu amo?

- Sr. D'Artagnan?... - duvidou Grimaud, apavorado. -
Impossível!

- Grimaud - disse Athos, saindo do seu quarto em roupão -,
parece-me que se permitiu falar.

- Ah, senhor, é que...

- Silêncio!

Grimaud contentou-se em indicar D'Artagnan ao amo, com o
dedo. Athos reconheceu o seu camarada e por mais fleumático
que fosse soltou uma gargalhada, aliás, perfeitamente
justificada pela mascarada estranha que tinha diante dos
olhos: touca às três pancadas, saias caídas sobre as pantufas,
mangas arregaçadas e bigodes eriçados de emoção.

- Não ria meu amigo - pediu D'Artagnan. - Não ria, por
Deus, porque juro pela salvação da minha alma que não há
nada para rir.

E pronunciou estas palavras com um ar tão solene e com um
pânico tão sincero que Athos pegou-lhe imediatamente nas
mãos e perguntou:

- Foi ferido, meu amigo? Está tão pálido!

- Não, mas acaba de me acontecer uma coisa terrível. Está
sozinho, Athos?

- Por Deus, quem queria que estivesse em minha casa a esta hora?

- Está bem, está bem.

E D'Artagnan precipitou-se para o quarto de Athos.

- Eh, fale! - pediu o dono da casa, fechando a porta e correndo o ferrolho para não serem incomodados. - O rei morreu? Matou o Sr. Cardeal? Está muito perturbado. Vamos, vamos, fale, pois me sinto realmente morrer de inquietação.

- Athos - disse D'Artagnan, desembaraçando-se das suas roupas femininas e aparecendo em camisa -, prepare-se para ouvir uma história incrível e inaudita.

- Vista primeiro este roupão - disse o mosqueteiro ao amigo.

- D'Artagnan vestiu o roupão, mas trocou uma manga por outra, de tal modo estava ainda desorientado.

- Então? - incitou-o Athos.

- Então?... - respondeu D'Artagnan, inclinando-se para o ouvido de Athos e baixando a voz. - Então, Milady está marcada com uma flor-de-lis no ombro.

- Ah! - gritou o mosqueteiro, como se tivesse recebido uma bala no coração.

- Vejamos, tem certeza de que a outra se encontra bem morta?

- A outra? - disse Athos em voz abafada, tão abafada que D'Artagnan mal a

ouviu.

anos.

- Sim, aquela de quem me falou um dia em Amiens.

Athos soltou um gemido e deixou cair a cabeça nas mãos.

- Está - continuou D'Artagnan - é uma mulher de vinte e seis a vinte e oito

- Loura, não é verdade? - disse Athos. -Sim.

- De olhos azuis-claros, de uma luminosidade estranha, pestanas e

sobrancelhas negras?

- Sim.

- Alta, bem feita? Falta-lhe um dente canino no maxilar superior...
- Sim.
- A flor-de-lis é pequena, de cor arroxeadada e quase não se vê debaixo das camadas de creme que lhe aplica.
- Sim.
- Contudo, diz que é inglesa!
- Tratam-na por Milady, mas deve ser francesa. Lorde de Winter é apenas seu cunhado.
- Quero vê-la, D'Artagnan.
- Cuidado, Athos, cuidado! Você quis matá-la e ela é mulher para lhe pagar na mesma moeda e não falhar.
- Não ousará dizer nada, pois isso equivaleria a denunciar-se.
- Ela é capaz de tudo! Nunca a viu furiosa?
- Não - respondeu Athos.
- É pior do que um tigre, do que uma pantera! Ah, meu caro Athos, receio muito ter atraído sobre nós dois uma vingança terrível!

D'Artagnan contou então tudo: a cólera insensata de Milady e as suas ameaças de morte.

- Tem razão e, pela salvação da minha alma, trocaria a minha vida por um cabelo - declarou Athos. - Felizmente, deixamos Paris depois de amanhã. Seguimos segundo todas as probabilidades, para La Rochelle, e depois de partirmos...
- Ela o seguirá até ao fim do mundo, Athos, se o reconhecer. Deixe, portanto o seu ódio exercer-se apenas sobre mim.
- Que me importa que ela me mate, meu caro? - respondeu Athos. - Acaso acha que estou agarrado à vida?
- Há qualquer horrível mistério em tudo isto, Athos! Aquela mulher é espiã do cardeal, tenho certeza!
- Nesse caso, tenha cuidado. Se o cardeal não nutre por você grande admiração depois do caso de Londres, em contrapartida deve ter por você um ódio de morte, mas como no fim de contas não lhe pode censurar nada ostensivamente, o remédio para satisfazer o seu ódio, e convém não esquecer que se trata do ódio de um cardeal, é recorrer a meios escusos. Portanto, cuidado! Se sair, não deve sair sozinho, quando comer, tome as suas precauções... Desconfie de tudo, enfim, mesmo da sua sombra.
- Felizmente - observou D'Artagnan -, trata-se de escapar sem contratempos apenas até depois de amanhã à noite, porque uma vez no Exército só teremos, assim espero, homens a temer.

- Entretanto - declarou Athos -, renuncio à minha reclusão e vou acompanhá-lo por toda a parte. Tem de regressar à Rua dos Fossoyeurs, vou com você.

- O pior é que por muito perto que a minha casa fique daqui não posso regressar neste estado - lembrou D'Artagnan.

- É verdade - concordou Athos. E tocou à campainha. Grimaud entrou. Athos fez-lhe sinal para ir a casa de D'Artagnan buscar-lhe roupas.

Grimaud respondeu por outro sinal que compreendia perfeitamente e saiu.

- O pior é que nada disto contribui para resolvermos o problema do equipamento, antes pelo contrário, meu caro amigo - observou Athos. - Porque se não me engano deixou tudo o que tinha na casa de Milady, que sem dúvida não terá a atenção de lhe devolver o seu espólio. Felizmente, tem a safira.

- A safira pertence-lhe, meu caro Athos! Não me disse que era um anel de família?

- Sim, o meu pai comprou-o por dois mil escudos, segundo me disse uma vez, fazia parte das prendas de noivado que deu a minha mãe, é um anel magnífico. A minha mãe me deu e eu, louco, em vez de guardá-lo como uma relíquia sagrada, dei-o por minha vez a essa miserável.

- Então, meu caro, recupere o anel, que em meu entender só a você pertence.

- Eu recuperar o anel que já passou pelas mãos dessa infame? Nunca!

Esse anel está emporcalhado, D'Artagnan.

- Nesse caso, venda-o.

- Vender uma jóia que foi da minha mãe? Confesso que consideraria isso uma profanação.

- Então a empenhe, com certeza que lhe emprestarão muito mais do que um milhar de escudos. Com esse dinheiro resolveria os seus problemas, e depois, com o primeiro numerário que obtiver, pode resgatá-la expurgada das suas antigas máculas, visto ter passado pelas mãos dos usurários.

Athos sorriu.

- Você é um excelente companheiro, meu caro D'Artagnan, anima com a sua eterna boa disposição os pobres espíritos aflitos. Está bem, empenharemos o anel, mas com uma condição!

- Qual?

- Serão quinhentos escudos para você e quinhentos escudos para mim.

- Que está dizendo, Athos? Só preciso de um quarto dessa importância, já que sou das Guardas, e vendendo a minha sela

as arranjaréi. Que mais preciso? Um cavalo para Planchet, apenas. Além disso, está se esquecendo de que também tenho um anel.

- A que tem ainda mais apego, parece-me, do que tenho ao meu, pelo menos foi o que julguei notar.

- Sim, porque numa circunstância extrema pode nos tirar não só de qualquer grande apuro, mas também de algum grande perigo, trata-se não apenas de um diamante precioso, mas igualmente de um talismã encantado.

- Não o compreendo, mas acredito no que me diz. Voltemos, porém ao meu anel, ou antes, ao seu, ficará com metade da importância que nos derem sobre ele ou o lançarei ao Sena, e duvido que como a Policrates haja algum peixe tão complacente que o restitua.

- Pronto, aceito! - declarou D'Artagnan.

Neste momento, Grimaud entrou acompanhado de Planchet. Este, inquieto a respeito do amo e curioso de saber o que lhe acontecera, aproveitara a oportunidade e trazia ele próprio as roupas.

D'Artagnan vestiu-se e Athos fez outro tanto, depois, quando ambos estiveram prontos para sair, Athos fez a Grimaud o sinal de um homem que leva uma espingarda à cara. Grimaud apanhou imediatamente o seu mosquetão e apressou-se para acompanhar o amo.

Athos e D'Artagnan, seguidos dos seus criados, chegaram sem incidente à Rua dos Fossoyeurs. Bonacieux estava à porta e olhou D'Artagnan com ar trocista.

- Eh, meu inquilino, rápido! - exclamou. - Tem uma linda moça à sua espera em casa, e as mulheres, como sabe, não gostam que as façam esperar!

- É Ketty! - exclamou D'Artagnan. E correu para o passadiço.

Efetivamente, no patamar que levava ao seu quarto e encostada à porta, encontrou a pobre criança toda trêmula, a qual, assim que o viu começou a dizer:

- Prometeu-me a sua proteção, prometeu me livrar da sua cólera, lembre-se de que foi você que me perdeu!

- Sim, sem dúvida - respondeu D'Artagnan. - Fique tranqüila, Ketty. Mas que aconteceu depois da minha partida?

- Não sei - respondeu Ketty. - Os criados acorreram aos seus gritos, ela estava louca de cólera. Tudo o que existe de imprecações lançou contra você. Pensei então que se recordaria de que fora pelo meu quarto que tinha entrado no dela e me consideraria sua cúmplice. Peguei o pouco dinheiro que tinha, as minhas coisas mais preciosas e fugi.

- Pobre criança! Mas que hei-de fazer de você? Parto depois de amanhã...

- Tudo o que quiser, Sr. Cavaleiro, faça-me sair de Paris, tire-me da França.
- Não posso levá-la comigo para o cerco de La Rochelle - disse D'Artagnan.
- Eu sei que não, mas pode me colocar na província, na casa de alguma dama conhecida sua, na sua terra, por exemplo.
- Ah! minha querida amiga, na minha terra as damas não têm criadas de quarto! Mas espere, tenho uma idéia. Planchet vá buscar Aramis, que venha imediatamente. Temos uma coisa importantíssima para lhe dizer.
- Compreendo - disse Athos. - Mas por que não Porthos? Parece-me que a sua marquesa...
- A marquesa de Porthos se faz vestir pelos amanuenses do marido - respondeu D'Artagnan, rindo. - Aliás, Ketty não gostaria de morar na Rua dos Ursos, não é verdade, Ketty?
- Morarei onde quiserem - respondeu Ketty -, desde que esteja bem escondida e ninguém saiba onde estou.
- Agora que vamos nos separar, Ketty, e, portanto já não tem ciúmes ...
- Sr. Cavaleiro, de longe ou de perto, eu o amarei sempre - atalhou Ketty.
- Onde diabo se havia de ir aninhar a constância... - murmurou Athos.

- Também eu - apressou-se a dizer D'Artagnan -, também eu a amarei sempre, pode estar certa. Mas vejamos, responda-me. Agora atribuo grande importância à pergunta que vou fazer, nunca ouviu falar de uma jovem dama raptada certa noite?
- Espere... Oh, meu Deus, Sr. Cavaleiro, também ama essa mulher?!
- Não, quem a ama é um dos meus amigos. Olhe, é Athos, aqui presente.
- Eu?! - exclamou Athos, no tom de voz de um homem que descobre ter pisado uma cobra.
- Evidentemente! - respondeu D'Artagnan, apertando a mão de Athos. - Bem sabe o interesse que nos merece a todos a pobre Sra. Bonacieux. De resto, Ketty não dirá nada, não é verdade, Ketty? Compreenda minha filha - continuou D'Artagnan -, é a mulher do horrível macaco que viu lá embaixo na entrada.
- Oh, meu Deus! - exclamou Ketty. - Lembra-me o meu medo, Oxalá me não tenha reconhecido!
- Reconhecê-la como? Já tinha visto aquele homem?
- Foi duas vezes a casa de Milady.
- É isso... Mais ou menos quando?

- Há quinze ou dezoito dias, pouco mais ou menos.
- Exatamente...
- E ontem à noite voltou.
- Ontem à noite?...
- Sim, pouco antes de você chegar.
- Meu caro Athos, estamos cercados por uma rede de espiões! E acha que ele te reconheceu Ketty?
- Baixei a touca, ao vê-lo, mas talvez muito tarde.
- Desça Athos, pois ele desconfia menos de você do que de mim, e veja se continua à porta.

Athos desceu e tornou a subir pouco depois.

- Foi embora e a casa está fechada - informou.
- Foi fazer o seu relatório e dizer que os pombos estão neste momento todos no pombal.
- Nesse caso, levantemos vôo e deixemos aqui apenas Planchet, para nos transmitir as notícias - sugeriu Athos.
- Um momento! E Aramis, que mandamos buscar?
- É verdade - reconheceu Athos. - Esperemos por Aramis.

Neste momento, Aramis entrou. Expuseram-lhe o caso e disseram-lhe como era urgente que entre todos os seus altos conhecimentos arranjasse um lugar para Ketty. Aramis refletiu um instante e perguntou corando:

- Será realmente um grande favor para você, D'Artagnan?
- Tão grande que ficarei reconhecido toda a minha vida.
- Bom, a Sra. de Bois-Tracy pediu-me, creio que para uma das suas amigas que reside na província, uma criada de quarto de confiança. Se pode, meu caro D'Artagnan, responder-me por esta menina...
- Oh, senhor - interveio Ketty -, serei completamente dedicada, pode estar certo, à pessoa que me proporcione os meios de deixar Paris!
- Então, está tudo resolvido - disse Aramis.

Sentou-se a uma mesa e escreveu um bilhete, que lacrou com um anel, e deu o bilhete a Ketty.

- Agora, minha filha - disse D'Artagnan -, você sabe que nem para nós nem para você convém permanecermos aqui. Portanto, nos separemos. Encontraremos-nos de novo em melhores dias.
- Mas seja qual for o tempo que não nos vejamos e seja qual for o lugar onde esteja - disse Ketty -, me encontrará amando-o tanto como o amo hoje.
- Juramento de jogador - comentou Athos, enquanto D'Artagnan acompanhava Ketty à escada.

Pouco depois os três jovens separaram-se, depois de combinarem encontrar-se às quatro horas em casa de Athos, e deixaram Planchet de guarda na casa.

Aramis regressou a sua casa e Athos e D'Artagnan foram tratar de empenhar a safira. Como previra o nosso gascão, obtiveram facilmente trezentas pistolas pelo anel. Além disso, o judeu declarou que se quisessem vender, como combinava maravilhosamente com uns brincos, daria até quinhentas pistolas.

Com a atividade de dois soldados e a ciência de dois peritos, Athos e

D'Artagnan gastaram apenas três horas para comprar todo o equipamento do mosqueteiro. Aliás, Athos era condescendente e grande senhor até à ponta das unhas. Quando uma coisa lhe agradava pagava o preço pedido sem sequer tentar obter um desconto. D'Artagnan bem desejaria fazer a tal respeito algumas observações, mas Athos punha-lhe a mão no ombro sorrindo e D'Artagnan compreendia que estava bem para ele, pequeno fidalgo gascão, regatear, mas não para um homem que tinha ares de príncipe.

O mosqueteiro arranjou um soberbo cavalo andaluz, negro como azeviche, de narinas de fogo e pernas finas e elegantes, dos seus seis anos. Examinou-o e não lhe encontrou nenhum defeito. Pediram-lhe por ele mil libras. Talvez o vendessem por menos, mas enquanto D'Artagnan discutia o preço com o alquilador, Athos contava as cem pistolas na mesa.

Grimaud teve um cavalo picardo, atarracado e forte, que custou trezentas libras.

Mas depois de comprar a sela para o cavalo do criado e as armas para

Grimaud, Athos verificou que não lhe restava um soldo das suas cento e cinqüenta pistolas. D'Artagnan ofereceu ao amigo parte do quinhão que lhe coubera, dizendo-lhe que mais tarde lhe pagaria o que lhe emprestasse. Mas Athos, como única resposta, limitou-se a encolher os ombros.

- Quanto dava o judeu pela safira para ficar com ela definitivamente? - perguntou.
- Quinhentas pistolas.
- Quer dizer, mais duzentas pistolas, cem pistolas para você, cem pistolas para mim. Mas é uma autêntica fortuna, meu amigo! Voltemos a casa do judeu.
- Como, você quer...
- Decididamente, aquele anel me trará à memória recordações muito tristes, depois, nunca teremos trezentas pistolas para resgatá-lo, de modo que perderíamos duas mil libras no negócio. Vá dizer-lhe que o anel é dele, D'Artagnan, e volte com as duzentas pistolas.
- Reflita, Athos.

- O dinheiro à vista está caro nos tempos que correm e é preciso saber fazer sacrifícios. Vá, D'Artagnan, vá, Grimaud o acompanhará com seu mosquetão.

Cerca de meia hora depois, D'Artagnan regressou com as duas mil libras e sem que lhe tivesse acontecido nenhum acidente. E foi assim que Athos se encontrou de posse de recursos com que não contava.

UMA VISÃO

Às quatro horas os quatro amigos estavam reunidos na casa de Athos. As suas preocupações acerca do equipamento tinham desaparecido por completo e cada rosto conservava apenas a expressão das suas próprias e íntimas inquietações, porque por trás de toda a ventura presente esconde-se um temor futuro.

De súbito, Planchet entrou com duas cartas dirigidas a D'Artagnan.

Uma era um bilhetezinho delicadamente dobrado ao comprido, com um bonito

selo de cera verde representando uma pomba com um ramo de oliveira no bico. A outra era uma grande carta quadrada, onde

brilhavam as armas terríveis de Sua Eminência o cardeal-
duque.

Perante a cartinha, o coração de D'Artagnan deu um pulo, pois o jovem reconhecera a letra de quem a escrevera e embora só tivesse visto aquela letra uma vez, fixara-lhe o talhe no mais profundo do seu coração.

Pegou pois a carta e abriu-a vivamente. Dizia:

Passe na próxima quarta-feira, das seis às sete horas da tarde, na estrada de Chaillot, e observe com atenção as carruagens que passarem, mas se preza a sua vida e a das pessoas que o amam não diga uma palavra nem faça um gesto que possa revelar que reconheceu a que se expõe a tudo para vê-lo um instante.

Nenhuma assinatura.

- É uma cilada - disse Athos. - Não vá, D'Artagnan.
- No entanto, estou certo de reconhecer a letra - observou D'Artagnan.
- Talvez seja falsa - respondeu Athos. - Às seis ou sete horas, neste tempo, a estrada de Chaillot está completamente deserta, seria o mesmo que ir passear na floresta de Bondy.

- E se fôssemos todos? - sugeriu D'Artagnan. - Que diabo, com certeza não devorarão os quatro! Mais quatro lacaios, mais os cavalos, mais as armas...
- Além disso, seria uma oportunidade de mostrarmos os nossos equipamentos - adiantou Porthos.
- Mas se é uma mulher que escreve e essa mulher não deseja ser vista, lembre-se que a compromete, D'Artagnan, o que não fica bem a um gentil-homem
- observou Aramis.
- Nós ficaremos para trás e só ele avançará - sugeriu Porthos.
- Pois sim, mas um tiro de pistola é fácil de disparar de uma carruagem a galope.
- Ora, não me acertarão! - contrapôs D'Artagnan. - E se isso acontecer apanharemos a carruagem e exterminaremos quem estiver dentro. Serão alguns inimigos a menos.
- Ele tem razão - disse Porthos. - Lutar! De resto, precisamos experimentar as nossas armas.
- Pronto, proporcionemo-nos esse prazer! - exclamou Aramis, com o seu ar suave e descontraído.
- Como quiser - declarou Athos.

- Meus senhores - disse D'Artagnan -, são quatro e meia e temos apenas o tempo necessário para estarmos às seis horas na estrada de Chaillot.

- Além disso, se sairmos muito tarde, ninguém nos verá, o que seria uma pena - lembrou Porthos. - Nos preparemos portanto, meus senhores.

- Está se esquecendo da segunda carta - observou Athos. - No entanto, a julgar pelo selo, parece-me que merece bem ser aberta... Por mim declaro meu caro D'Artagnan, que me preocupa muito mais do que o bilhetinho que acaba de guardar suavemente junto do coração...

D'Artagnan corou:

- Bom, meus senhores - disse depois -, vejamos o que quer Sua Eminência! E D'Artagnan abriu a carta e leu:

O Sr. D'Artagnan, guarda do rei, companhia de Essarts, é esperado no Palais-Cardinal esta noite às oito horas.

La Houdinière, Capitão dos Guardas.

- Diabo! - exclamou Athos. - Aqui está uma entrevista muito mais inquietante do que a outra.

- Irei à segunda no regresso da primeira - disse D'Artagnan.
- Uma é às sete horas, a outra às oito, haverá tempo para tudo.
- Hum!... Eu não iria - declarou Aramis. - Um cavaleiro cortês não pode faltar a um encontro marcado por uma dama, mas um gentil-homem prudente pode dispensar-se de ir a casa de Sua Eminência, sobretudo quando tem motivos para crer que não é para o cumprimentarem.
- Sou da opinião de Aramis - disse Porthos.
- Meus senhores - interveio D'Artagnan -, já uma vez, por intermédio do Sr. de Cavois, recebi um convite idêntico de Sua Eminência, não lhe dei importância e no dia seguinte aconteceu-me uma grande desgraça: Constance desapareceu. Seja o que for que me possa acontecer, irei.
- Se está decidido, vá - disse Athos.
- E a Bastilha? - lembrou Aramis.
- Ora, vocês me tirarão de lá! - volveu-lhe D'Artagnan.
- Sem dúvida! - redargüiram Aramis e Porthos, com uma desconfiança admirável e como se fosse a coisa mais simples deste mundo. - Sem dúvida que o tiraremos. Mas entretanto, como devemos partir depois de amanhã, seria melhor não se arriscar.
- Façamos outra coisa - sugeriu Athos. - Não o deixaremos esta noite, nós o esperaremos cada um a uma porta do palácio com três mosqueteiros atrás de nós e se virmos sair qualquer

carruagem fechada e meio suspeita lhe cairemos em cima. Há muito tempo que não ajustamos contas com os guardas do Sr. Cardeal e o Sr. de Tréville deve julgar-nos mortos.

- Decididamente, Athos, você nasceu para ser general de exército - declarou Aramis. - Que acham do plano, senhores?

- Admirável! - exclamaram em coro.

- Bom - disse Porthos -, eu corro ao quartel e previno nossos camaradas para estarem prontos às oito horas. O encontro será na Praça do Palais-Cardinal. Entretanto, mande os criados selar os cavalos.

- Mas eu não tenho cavalo - disse D'Artagnan. - Não faz mal, mando buscar um no palácio do Sr. de Tréville.

- É inútil, monte um dos meus - contrapôs Aramis.

- Quantos você tem? - perguntou D'Artagnan.

- Três - respondeu Aramis, sorrindo.

- Meu caro, você é sem dúvida o poeta melhor montado da França! - exclamou Athos.

- Escute, meu caro Aramis, com certeza não sabe que fazer de três

cavalos, não é verdade? Nem sequer compreendo para que comprou três cavalos...

- A verdade é que só comprei dois - respondeu Aramis.

- E o terceiro caiu do céu?
- Não, o terceiro me foi trazido esta manhã por um criado sem libré que não quis me dizer a quem pertencia e que me afirmou ter recebido a ordem do seu amo...
- Ou da sua ama - interrompeu D'Artagnan.
- Isso não vem ao caso - observou Aramis, corando. - E que me afirmou, dizia eu, ter recebido ordem da sua ama, que o encarregou de meter o cavalo na minha cavaleriça sem me dizer da parte de quem vinha.
- Só aos poetas é que essas coisas acontecem - comentou Athos.
- Bom, nesse caso, façamos melhor - disse D'Artagnan. - Qual dos dois cavalos montará, o que comprou ou o que lhe deram?
- O que me deram, indubitavelmente. Compreenda, D'Artagnan, que não posso fazer essa injúria...
- Ao ofertante desconhecido - concluiu D'Artagnan.
- Ou à ofertante misteriosa - acrescentou Athos.
- O que comprou tornou-se portanto inútil?
- Mais ou menos.
- Você mesmo o escolheu?
- E com o maior cuidado. A segurança do cavaleiro depende, como sabe, quase sempre do seu cavalo.

- Então, ceda-me pelo preço que lhe custou.
- Ia oferecê-lo, meu caro D'Artagnan, dando-lhe todo tempo que fosse necessário para me pagar essa ninharia.
- Quanto custou?
- Oitocentas libras.
- Aqui estão quarenta pistolas duplas, meu caro amigo - disse D'Artagnan, tirando o dinheiro da algibeira. - Sei que é a moeda em que lhe pagam os seus poemas...
- Pelo visto não lhe falta dinheiro... - observou Aramis.
- Estou rico, riquíssimo, meu caro!

E D'Artagnan fez soar na algibeira o resto das suas pistolas.

- Mande a sua sela para o quartel dos mosqueteiros e virão trazer-lhe seu cavalo aqui, juntamente com os nossos.
- Muito bem. Mas são quase cinco horas, é melhor nos apressarmos.

Um quarto de hora depois, Porthos apareceu ao fundo da Rua Férou montado num ginete magnífico, Mousqueton seguia-o num cavalo da Auvérnia, pequeno, mas sólido. Porthos resplandecia de satisfação e orgulho.

Ao mesmo tempo, Aramis apareceu na outra extremidade da rua montando um soberbo corcel inglês, Bazin seguia-o num cavalo ruço, trazendo pela rédea um vigoroso macklemburguês: era a montaria de D'Artagnan. Os dois mosqueteiros

encontraram-se à porta, Athos e D'Artagnan observavam-nos da janela.

- Demônio, tem aí um soberbo cavalo, meu caro Porthos! - disse Aramis.

- É verdade - respondeu Porthos. - Era o que deviam ter me enviado

primeiro se uma brincadeira de mau gosto do marido da minha dama não o tivesse substituído por outro, mas o marido foi castigado e eu obtive todas as satisfações.

Planchet e Grimaud apareceram então por seu turno, trazendo pela mão as montarias dos seus amos. D'Artagnan e Athos desceram, montaram juntamente com os seus companheiros e todos os quatro se puseram a caminho: Athos no cavalo que devia à mulher, Aramis no cavalo que devia à amante, Porthos no cavalo que devia à procuradora e D'Artagnan no cavalo que devia à sua boa fortuna, a melhor amante que se pode desejar.

Os criados seguiam-nos.

Como previra Porthos, a cavalgada produziu bom efeito, e se a Sra. Coquenard se encontrasse no caminho de Porthos e pudesse ver que grande ar ele tinha montado no seu belo ginete espanhol, não lamentaria a sangria que fizera ao cofre-forte do marido.

Perto do Louvre, os quatro amigos encontraram o Sr. de Tréville que regressava de Saint-Germain e os deteve para cumprimentá-los pelo seu equipamento, o que num instante reuniu à sua volta algumas centenas de basbaques. D'Artagnan aproveitou a oportunidade para falar ao Sr. de Tréville da carta com o grande selo vermelho e as armas ducais, claro que a respeito da outra carta não disse nada.

O Sr. de Tréville aprovou a resolução que ele tomara e garantiu-lhe que se no dia seguinte não tivesse reaparecido, ele, Tréville, se encarregaria de encontrá-lo, onde quer que estivesse.

Neste momento o relógio da Samaritana deu seis horas, os quatro amigos desculparam-se com um encontro e despediram-se do Sr. de Tréville.

Um tempo de galope levou-os à estrada de Chaillot, o dia começava a declinar, as carruagens passavam e repassavam, D'Artagnan, guardado a poucos passos de distância pelos amigos, mergulhava os olhos até ao fundo das carruagens e não via nenhum rosto conhecido.

Por fim, depois de um quarto de hora de espera e do crepúsculo cair por completo, surgiu uma carruagem vinda a todo o galope pela estrada de Sèvres. Um pressentimento disse antecipadamente a D'Artagnan que vinha naquela carruagem a pessoa que lhe marcara o encontro, e ele próprio se admirou muito de sentir o coração bater tão violentamente. Quase no mesmo instante uma cabeça de mulher destacou-se da

portinhola, com dois dedos na boca, como que para recomendar silêncio ou enviar um beijo, D'Artagnan soltou um gritinho de alegria: aquela mulher, ou antes, aquela aparição, porque a carruagem passara com a rapidez de uma visão, era a Sra. Bonacieux.

Num gesto involuntário, e apesar da recomendação feita, D'Artagnan lançou o cavalo a galope e em pouco tempo apanhou a carruagem, mas o vidro da portinhola estava hermeticamente fechado: a visão desaparecera.

D'Artagnan recordou-se então desta recomendação: “Se preza a sua vida e a das pessoas que o amam, permaneça imóvel e como se não tivesse visto nada.” Deteve-se, tremendo não por si, mas sim pela pobre mulher, que evidentemente se expusera a um grande perigo marcando-lhe aquele encontro. A carruagem continuou o seu caminho sempre em grande velocidade, entrou em

Paris e desapareceu.

D'Artagnan ficara parado no mesmo lugar e sem saber que pensar. Se era

a Sra. Bonacieux e se ela regressava a Paris, por que aquele encontro fugaz, por que aquela simples troca de um olhar, por que aquele beijo isolado? Por outro lado, se não era ela, o que também era muito possível, porque a pouca luz que restava tornava o erro fácil, se não era ela, não seria o começo de um

golpe de mão montado contra ele com o engodo da mulher pela qual se conhecia o seu amor?

Os três companheiros aproximaram-se dele. Todos tinham visto perfeitamente uma cabeça de mulher aparecer à portinhola, mas nenhum deles, exceto Athos, conhecia a Sra. Bonacieux. Na opinião de Athos, era de fato ela, mas menos preocupado do que D'Artagnan com o bonito rosto feminino, Athos julgara ver segunda cabeça, uma cabeça de homem, no fundo da viatura.

- Assim - disse D'Artagnan -, transportam-na sem dúvida de uma prisão para outra. Mas que pretenderão da pobre criatura e quando tornarei a vê-la?

- Amigo - disse gravemente Athos -, lembre-se de que os mortos são os únicos que não estamos expostos a encontrar na terra. Sabe qualquer coisa parecida a meu respeito, não é verdade? Ora, se a sua amante não está morta, se foi ela que acabamos de ver, você a encontrará mais dia menos dia. E talvez, meu Deus - acrescentou no tom misantrópico que lhe era próprio -, talvez mais cedo do que deseja?

Dera sete e meia, a carruagem viera atrasada cerca de vinte minutos em relação à hora marcada. Os amigos de D'Artagnan recordaram-lhe que tinha de fazer uma visita, embora lhe observassem que ainda tinha tempo de desistir. Mas D'Artagnan era ao mesmo tempo obstinado e curioso. Metera na cabeça que iria ao Palais-Cardinal e saberia o que queria

dele Sua Eminência. Nada seria capaz de fazê-lo mudar de resolução.

Chegaram à Rua de Saint-Honoré e à Praça do Palais-Cardinal, onde encontraram os doze mosqueteiros convocados, que passeavam de um lado para o outro à espera dos seis camaradas. Só então lhes explicaram de que se tratava.

D'Artagnan era conhecidíssimo no respeitável corpo de mosqueteiros do rei, onde se sabia que entraria um dia, consideravam-no portanto já como um camarada. Por tudo isto, todos aceitaram da melhor vontade a missão para que os convidaram, tratava-se, de resto, segundo todas as probabilidades, de pregar uma partida ao Sr. Cardeal e à sua gente, e para tais expedições os dignos gentis-homens estavam sempre prontos.

Athos dividiu-os em três grupos, tomou o comando de um, deu o segundo a Aramis e o terceiro a Porthos, e depois cada grupo foi se emboscar defronte de uma saída.

D'Artagnan por sua vez, entrou resolutamente pela porta principal.

Embora se sentisse bem apoiado, o jovem não subiu sem grande inquietação a grande escadaria. O seu comportamento com Milady assemelhava-se de certo modo a uma traição e D'Artagnan suspeitava das relações políticas existentes entre aquela mulher e o cardeal, além disso, Wardes, que tão mal colocara, era um dos fiéis de Sua Eminência, e D'Artagnan

sabia que se Sua Eminência era terrível com os seus inimigos também era muito dedicado aos seus amigos.

“Se Wardes contou tudo o que se passou entre nós e o cardeal, o que é quase certo, e me reconheceu, o que é provável, posso considerar-me um homem

condenado”, dizia D’Artagnan para si mesmo, abanando a cabeça. “Mas porque esperou ele até hoje? É muito simples: Milady deve ter se queixado de mim, com aquela hipócrita dor que a torna tão interessante, e o meu último crime terá feito transbordar a taça... Felizmente”, acrescentou, “os meus bons amigos estão lá embaixo e não me deixarão levar sem me defender. No entanto, a companhia de mosqueteiros do Sr. de Tréville não pode fazer sozinha guerra ao cardeal, que dispõe das forças de toda a França e perante o qual a rainha não tem poder e o rei não tem vontade. D’Artagnan, meu amigo, você é valente, possui excelentes qualidades, mas as mulheres o perderão!”

Chegara a esta triste conclusão quando entrou na antecâmara. Entregou a sua carta ao porteiro de serviço, que o mandou entrar para a sala de espera e penetrou no interior do palácio. Na sala de espera estavam cinco ou seis guardas do Sr. Cardeal que reconheceram D’Artagnan, e sabendo que fora ele quem ferira Jussac o olharam sorrindo de modo singular.

Tal sorriso pareceu a D'Artagnan de mau agouro, mas como o nosso gascão não era fácil de intimidar, ou antes, como graças a um grande orgulho natural nas pessoas da sua terra não deixava ver facilmente o que lhe ia à alma, quando o que lá ia se assemelhava ao medo, colocou-se orgulhosamente diante dos guardas e esperou com a mão na anca, numa atitude a que não faltava majestade.

O porteiro regressou e fez sinal a D'Artagnan para o seguir. Pareceu ao jovem que os guardas cochichavam uns com os outros ao verem-no afastar-se.

Seguiu por um corredor, atravessou um grande salão, entrou numa biblioteca e encontrou-se diante de um homem sentado a uma secretária escrevendo.

O porteiro introduziu-o e retirou-se sem dizer palavra.

D'Artagnan julgou ao princípio estar perante algum juiz que examinasse o seu processo, mas verificou que o homem da secretária escrevia, ou antes, corrigia linhas de comprimento desigual, medindo as palavras pelos dedos, e concluiu que estava na presença de um poeta. Ao cabo de um instante o poeta fechou o seu manuscrito, na capa do qual estava escrito: «MIRAME, tragédia em cinco atos», e levantou a cabeça.

D'Artagnan reconheceu o cardeal.

O CARDEAL

O cardeal apoiou o cotovelo no manuscrito, a face na mão e olhou um instante o jovem. Ninguém possuía olhar mais perscrutador do que o cardeal de Richelieu, e D'Artagnan sentiu esse olhar percorrer-lhe as veias como uma febre. No entanto, permaneceu impávido, de chapéu na mão, à espera das ordens de Sua Eminência, sem orgulho, mas também sem excessiva humildade.

- Senhor, é um dos D'Artagnans do Béarn? - perguntou-lhe o cardeal.

- Sou, sim, Monsenhor - respondeu o jovem.

- Há vários ramos de D'Artagnans, em Tarbes e nos arredores - disse o cardeal. - A qual pertence?

- Sou filho daquele que fez as guerras de religião com o grande rei Henrique, pai de Sua Graciosa Majestade.

- Exato. Foi você que partiu, há cerca de sete ou oito meses, da sua terra, para vir procurar fortuna na capital?

- Fui, sim, Monsenhor.

- Veio por Meung, onde aconteceu qualquer coisa, já me não lembro o quê, mas enfim, qualquer coisa...

- Monsenhor, eis o que me aconteceu... - começou D'Artagnan.
- É inútil, é inútil - atalhou o cardeal, com um sorriso que indicava que conhecia a história tão bem como aquele que queria contar. - Vinha recomendado ao Sr. de Tréville, não é verdade?
- Vinha, sim, Monsenhor, mas precisamente nesse malfadado caso de Meung...
- A carta se perdeu - concluiu Sua Eminência. - Sim, sei disso. Mas o Sr. de Tréville é um hábil fisionomista que conhece os homens à primeira vista e colocou-o na companhia do cunhado, o Sr. dos Essarts, deixando-lhe na esperança de que mais dia menos dia passaria para os mosqueteiros.
- Monsenhor está perfeitamente informado - disse D'Artagnan.
- Desde então, aconteceram-lhe muitas coisas: passeou por trás do Convento dos Cartuxos em um dia em que mais valia ter ido para outro lado, depois, fez com os seus amigos uma viagem às termas de Forges: eles ficaram pelo caminho, mas você continuou a viagem, simplesmente porque tinha que fazer na Inglaterra...
- Monsenhor - atalhou D'Artagnan, muito confuso -, eu ia...
- À caça, a Windsor ou a outro lado, o que não é da conta de ninguém. Sei disso, porque tenho obrigação de saber tudo.

No seu regresso foi recebido por uma augusta pessoa, e vejo com prazer que conservou a recordação que lhe deu.

D'Artagnan levou a mão ao diamante que lhe dera a rainha e virou vivamente o engaste para dentro, mas era muito tarde.

- No dia seguinte a esse, recebeu a visita de Cavois - prosseguiu o cardeal.
- Ia pedir-lhe que passasse pelo palácio, não fez essa visita e procedeu mal.
- Monsenhor, receava ter incorrido no desagrado de Vossa Eminência.
- E por que, senhor? Por ter cumprido as ordens dos seus superiores com mais inteligência e coragem do que qualquer outro não era caso para incorrer no meu desagrado, mas sim para ser felicitado! Quem castigo são as pessoas que não obedecem, e não aqueles que, como você, obedecem... demasiado bem... E a prova... Recorda-se da data em que mandei lhe dizer que me visitasse e procure na sua memória o que aconteceu nessa noite...

Fora nessa noite que tinham raptado a Sra. Bonacieux.

D'Artagnan estremeceu, e recordou-se que meia hora antes a pobre mulher passara perto de si, sem dúvida ainda levada pelo mesmo poder que a fizera desaparecer.

- Enfim - continuou o cardeal -, como não ouvia falar de você há algum tempo, quis saber o que fazia. Aliás, deve-me

algum reconhecimento: decerto notou que foi poupado em todas as circunstâncias...

D'Artagnan inclinou-se com respeito.

- Isso deveu-se - continuou o cardeal - não só a um sentimento de equidade natural, mas também a um plano que tracei a seu respeito.

D'Artagnan estava cada vez mais espantado.

- Queria expor-lhe esse plano no dia em que recebeu o meu primeiro

convite, mas não veio... Felizmente, nada se perdeu com o atraso, e hoje vai ouvi-lo. Sente-se aqui, diante de mim, Sr. D'Artagnan: é bastante bom gentil-homem para não ouvir de pé.

E o cardeal indicou com o dedo uma cadeira ao jovem, que estava tão atônito com o que se passava que, para obedecer, esperou segundo sinal do seu interlocutor.

- Você é valente, Sr. D'Artagnan - continuou a Eminência -, e é prudente, o que ainda é melhor. Gosto dos homens de cabeça e coração, não se admire - disse sorrindo -, pois por homens de coração entendo homens de coragem. Mas apesar de muito jovem e de mal ter entrado na sociedade, já tem inimigos poderosos que, se não tomar cuidado, o perderão!

- Infelizmente, Monsenhor - respondeu o jovem -, conseguirão com facilidade, sem dúvida, porque são fortes e estão bem apoiados ao passo que eu estou sozinho!
- Sim, é verdade, mas por mais só que esteja já fez muito, e fará ainda mais, não duvido. Entretanto, creio que tem necessidade de ser guiado na aventureira carreira que empreendeu, porque se não me engano veio a Paris com a ambiciosa idéia de fazer fortuna.
- Estou na idade das esperanças loucas, Monsenhor - disse D'Artagnan.
- Só os tolos têm esperanças loucas, e você é um homem inteligente. Vejamos, que diria de uma bandeira nas minhas guardas e a uma companhia depois da campanha?
- Ah, Monsenhor!...
- Aceitais, não é verdade?
- Monsenhor... - murmurou D'Artagnan, com ar embaraçado.
- Como, está recusando?! - exclamou o cardeal, atônito.
- Estou nas guardas de Sua Majestade, Monsenhor, e não tenho motivo para estar descontente.
- Mas parece-me - observou a Eminência - que os meus guardas também são guardas de Sua Majestade, e que desde que se sirva num corpo francês, serve-se o rei.

- Monsenhor, Vossa Eminência compreendeu mal as minhas palavras.

- Quer um pretexto, não é? Compreendo. Pois esse pretexto já o tem. A promoção, a campanha que vai começar, a oportunidade que ofereço, são um bom pretexto para os outros, para você, a necessidade de proteções seguras. Porque é bom que saiba, Sr. D'Artagnan, que tenho recebido queixas graves contra você e consta-me que não dedica exclusivamente os seus dias e as suas noites ao serviço do rei.

D'Artagnan corou.

- De resto - continuou o cardeal, pousando a mão num maço de papéis -, tenho aqui um processo completo a seu respeito, mas antes de o ler quis conversar com você. Sei que é um homem decidido e que os seus serviços, bem orientados, em vez de o levarem por mau caminho, poderiam render-lhe muito. Vamos, reflita e decidida-se.

- A sua bondade me confunde, Monsenhor - respondeu D'Artagnan -, e reconheço em Vossa Eminência uma grandeza de alma que me torna pequeno como um verme da terra, mas enfim, uma vez que Monsenhor me permite falar

francamente...

D'Artagnan deteve-se.

- Sim, fale.

- Bom... direi a Vossa Eminência que todos os meus amigos estão nos mosqueteiros e nas guardas do rei, e que todos os meus inimigos, por uma fatalidade inconcebível, estão com Vossa Eminência, seria portanto mal recebido aqui e mal visto pelos meus amigos se aceitasse o que Monsenhor me oferece.
- Terá já a orgulhosa idéia de que não lhe ofereço o que vale, senhor? - perguntou o cardeal, com um sorriso desdenhoso.
- Monsenhor, Vossa Eminência é cem vezes demasiado bom para mim, e pelo contrário, penso não ter ainda feito o bastante para ser digno da sua bondade. O cerco de La Rochelle vai começar, Monsenhor; servirei sob as vistas de Vossa Eminência, e se tiver a sorte de me comportar de forma a merecer a sua atenção... Pois bem, depois terei pelo menos por mim alguma ação brilhante que justifique a proteção com que se digna honrar-me. Todas as coisas devem ser feitas a seu tempo. Monsenhor, talvez mais tarde tenha o direito de me dar, ao passo que neste momento pareceria que me vendi.
- Quer dizer que recusa servir-me, senhor - disse o cardeal, num tom de despeito em que transparecia no entanto uma espécie de estima. - Permaneça portanto livre e conserve os seus ódios e as suas simpatias.
- Monsenhor...
- Bem, bem, não lhe quero mal - atalhou o cardeal. - Mas como compreende devemos defender os nossos amigos e

recompensá-los, e não dever nada aos nossos inimigos. Mesmo assim, dou-lhe um conselho: tome cuidado, Sr. D'Artagnan, porque no momento em que retirar a minha proteção não darei nada pela sua vida.

- Procurarei que isso não aconteça, Monsenhor - respondeu o gascão, com nobre confiança.

- Mais tarde, se em dado momento lhe acontecer algum contratempo - disse Richelieu com intenção -, lembre-se de que fui eu que o procurei e de que fiz o que pude para que esse contratempo não acontecesse.

- Seja o que for que me aconteça - disse D'Artagnan pondo a mão no peito e inclinando-se -, guardarei eterno reconhecimento a Vossa Eminência pelo que fez por mim neste momento.

- Pronto, Sr. D'Artagnan! Como disse, nos veremos durante a campanha e o terei debaixo do olho. Porque eu estarei lá - acrescentou o cardeal, mostrando com o dedo a D'Artagnan uma magnífica armadura que mandara fazer -, e no nosso regresso... bom, conversaremos!

- Ah, Monsenhor, poupa-me o peso do seu desagrado! - exclamou D'Artagnan. - Permaneça neutro, Monsenhor, e verá que procedi como um homem de bem.

- Meu rapaz - respondeu Richelieu -, se puder dizer-lhe outra vez o que disse hoje, prometo que o direi.

Esta última declaração de Richelieu exprimia uma dúvida terrível e consternou mais D'Artagnan do que se lhe tivessem feito uma ameaça, pois era uma advertência. O cardeal procurava portanto preservá-lo de qualquer desgraça que o ameaçava. Abriu a boca para responder, mas com um gesto altivo o cardeal

despediu-o.

D'Artagnan saiu, mas à porta o coração esteve prestes a fraquejar-lhe e por pouco não voltou atrás. Apareceu-lhe porém o rosto grave e severo de Athos, se firmasse com o cardeal o pato que este lhe propunha, Athos não lhe estenderia mais a mão, Athos o renegaria. Foi esse receio que o deteve, de tal forma é poderosa a influência de um caráter verdadeiramente nobre sobre tudo o que o rodeia.

D'Artagnan desceu pela mesma escada que subira e encontrou diante da porta Athos e os quatro mosqueteiros que esperavam o seu regresso e começavam a inquietar-se. Com uma palavra, D'Artagnan tranquilizou-os e Planchet correu a prevenir os outros postos de que era inútil montar mais longa guarda, pois o seu amo saíra são e salvo do Palais-Cardinal.

De volta a casa de Athos, Aramis e Porthos quiseram saber o motivo daquela estranha audiência, mas D'Artagnan limitou-se a dizer-lhes que o Sr. de Richelieu o chamara para lhe propor

entrar para as suas guardas com o posto de comandante de bandeira e que ele recusara.

- E fez bem! - exclamaram em uníssono Porthos e Aramis. Athos caiu em profunda meditação e não disse nada. Mas quando ficou sozinho com D'Artagnan disse-lhe:

- Fez o que devia fazer, D'Artagnan, mas talvez tenha feito mal.

D'Artagnan suspirou, porque aquela voz correspondia a uma voz íntima da sua alma que lhe dizia que grandes perigos o esperavam.

O dia seguinte passou-se em preparativos de partida, D'Artagnan foi despedir-se do Sr. de Tréville. Naquela altura ainda se julgava que a separação dos guardas e dos mosqueteiros seria momentânea, pois o rei reuniria o seu conselho no mesmo dia e partiria no dia seguinte. O Sr. de Tréville limitou-se portanto a perguntar a D'Artagnan se precisava de alguma coisa dele, ao que D'Artagnan respondeu que tinha tudo o que precisava.

À noite reuniram-se todos os camaradas da companhia de guardas do Sr. dos Essarts e da companhia dos mosqueteiros do Sr. de Tréville, que tinham se tornado amigos. Separavam-se para só tornarem a se ver quando aprouvesse a Deus e se aprouvesse a Deus. A noite foi pois das mais ruidosas, como se pode imaginar, porque em casos semelhantes só se pode

combater a extrema preocupação com a extrema despreocupação.

No dia seguinte, ao primeiro toque dos clarins, os amigos separaram-se: os mosqueteiros correram para o palácio do Sr. de Tréville e os guardas para o do Sr. dos Essarts. Cada um dos capitães conduziu imediatamente a sua companhia para o Louvre, onde o rei lhes passaria revista.

O rei estava triste e parecia doente, o que lhe diminuía um pouco a majestade. Com efeito, na véspera a febre atacara-o no meio do conselho, quando presidia aos trabalhos. Mas nem por isso estava menos decidido a partir naquela mesma noite e, apesar das observações que lhe haviam feito, quisera passar a revista, esperando que aquela primeira demonstração de energia lhe permitisse vencer a doença que começava a dominá-lo.

Passada a revista, os guardas puseram-se sozinhos em marcha, pois os mosqueteiros deveriam partir apenas com o rei, o que permitiu a Porthos ir dar uma volta pela Rua dos Ursos na sua soberba montaria.

A procuradora viu-o passar no seu uniforme novo, montado no seu belo cavalo. Amava demais Porthos para o deixar partir assim, por isso, fez-lhe sinal para desmontar e ir ter com ela. Porthos estava magnífico: as suas esporas tilintavam, a sua couraça brilhava, e a espada batia-lhe orgulhosamente nas

pernas. Desta vez os amanuenses não tiveram nenhuma vontade de rir, de tal modo Porthos tinha o ar de um cortador de orelhas.

O mosqueteiro foi introduzido junto do Sr. Coquenard, cujos olhinhos cinzentos brilharam de cólera quando viu o primo tão flamante. No entanto, uma coisa o consolou intimamente: todos diziam que a campanha seria dura e por isso esperava no fundo do coração, pacientemente, que Porthos fosse morto.

Porthos apresentou os seus cumprimentos a mestre Coquenard e despediu-se dele, mestre Coquenard desejou-lhe toda a espécie de prosperidades. Quanto à Sra. Coquenard, não conseguiu reter as lágrimas, mas ninguém interpretou maldosamente a sua dor, pois sabiam-na muito dedicada aos seus parentes, por causa dos quais tivera sempre grandes discussões com o marido.

Mas as verdadeiras despedidas realizaram-se no quarto da Sra. Coquenard e foram pungentes. Enquanto a procuradora pôde seguir com os olhos o amante, agitou um lenço debruçada da janela, a ponto de se rezear que quisesse precipitar-se dela abaixo. Porthos recebeu todos esses sinais de ternura como homem habituado a semelhantes demonstrações. Só ao dobrar da esquina da rua tirou o chapéu e o agitou em sinal de despedida.

Pela sua parte, Aramis escrevia uma longa carta. A quem? Ninguém sabia. No quarto contíguo, Ketty, que devia partir

naquela mesma tarde para Tours, esperava essa carta misteriosa.

Athos bebia aos golinhos a última garrafa do seu vinho de Espanha.

Entretanto, D'Artagnan desfilava com a sua companhia.

Ao chegar ao Arrabalde de Santo António virou-se para olhar alegremente a Bastilha, mas como só olhava para a Bastilha, não viu Milady que, montada em um cavalo, o indicava com o dedo a dois homens de má catadura, que se aproximaram imediatamente das fileiras para o reconhecer. A uma interrogativa deles com a vista, Milady respondeu com um sinal de que era ele. Depois, certa de que não poderia haver equívoco na execução das suas ordens, esporeou o cavalo e desapareceu.

Os dois homens seguiram então a companhia e, à saída do Arrabalde de Santo António, montaram em cavalos já preparados que os esperavam, seguros à mão e por um criado sem libré.

CAPÍTULO XLI - O CERCO DE LA ROCHELLE

O cerco de La Rochelle foi um dos grandes acontecimentos políticos do reinado de Luís XIII e uma das maiores empresas

militares do cardeal. É portanto interessante e até necessário que digamos algumas palavras a seu respeito, aliás, vários pormenores do cerco relacionaram-se de forma muito importante com a história que nos propusemos contar para que os passemos em silêncio.

Os objetivos políticos do cardeal, quando empreendeu o cerco, eram

consideráveis. Vamos expo-los primeiro e passemos depois aos fins particulares, que talvez não tenham sobre Sua Eminência menos influência do que os primeiros.

Das cidades importantes dadas por Henrique IV aos huguenotes como lugares de segurança só restava La Rochelle. Tratava-se portanto de destruir o último bastião do calvinismo, germe perigoso a que se vinham constantemente juntar fermentos de revolta civil ou de guerra estrangeira.

Espanhóis, ingleses e italianos descontentes, aventureiros de todas as nações e soldados improvisados de todas as seitas acorriam à primeira chamada às fileiras dos protestantes e organizavam-se como uma vasta associação cujos ramos divergiam à vontade sobre todos os pontos da Europa.

La Rochelle, que adquirira nova importância devido à ruína das outras cidades calvinistas, era portanto o foco das dissensões e das ambições. Mas havia mais, o seu porto era a última porta aberta aos Ingleses no reino de França e fechando-a à

Inglaterra, nossa eterna inimiga, o cardeal concluía a obra de Joana d'Arc e do duque de Guise.

Por isso, Bossompierre, que era simultaneamente protestante e católico, protestante por convicção e católico como comendador do Espírito Santo, Bossompierre, que era alemão de nascimento e francês de coração, Bossompierre, enfim, que tinha um comando especial no cerco de La Rochelle, dizia, carregando à frente de vários outros fidalgos protestantes como ele:

- Verão, meus senhores, que seremos tão estúpidos que tomaremos La Rochelle!

E Bassompierre tinha razão: o canhoneio da ilha de Ré pressagiava-lhe as dragonadas das Cévennes: a tomada de La Rochelle era o prefácio da revogação do edito de Nantes.

Mas, como dissemos, a par destes objetivos do ministro nivelador e simplificador, e que pertencem à História, o cronista é forçado a reconhecer as pequenas intenções do homem apaixonado e do rival ciumento.

Richelieu, como todos sabem, apaixonara-se pela rainha, se nele esse amor tinha um simples objetivo político ou era muito naturalmente uma dessas profundas paixões como as que inspirou Ana de Áustria àqueles que a rodeavam, não saberíamos dizer, mas em todo o caso, viu-se, pelos acontecimentos anteriores desta história, que Buckingham lhe levava a melhor e que em duas ou três circunstâncias,

especialmente na das agulhetas, fora, graças à dedicação dos três mosqueteiros e à coragem de d'Artagnam, cruelmente mistificado.

Tratava-se portanto para Richelieu, não só de desembaraçar a França de um inimigo, mas também de se vingar de um rival, por fim, a vingança devia ser grande e ressonante, e em tudo digna de um homem que tinha na mão, por espada de combate, as forças militares de todo o reino.

Richelieu sabia que combatendo a Inglaterra combatia Buckingham, que triunfando sobre a Inglaterra triunfava sobre Buckingham, enfim que humilhando a Inglaterra aos olhos da Europa humilhava Buckingham aos olhos da rainha.

Pela sua parte Buckingham, embora colocando à frente a honra da Inglaterra, era movido por interesses absolutamente semelhantes aos do cardeal, Buckingham também visava uma vingança particular: já que sob nenhum pretexto conseguira entrar em França como embaixador, queria lá entrar como

conquistador.

E disto resultava que o verdadeiro prêmio da partida, que os dois mais poderosos reinos jogavam por vontade de dois homens apaixonados, era um simples olhar de Ana de Áustria.

A primeira vantagem pertencera ao duque de Buckingham: chegado inopinadamente à vista da ilha de Ré com noventa

navios e cerca de vinte mil homens, surpreendera o conde de Toiras, que comandava a ilha em nome do rei; depois de um combate sangrento, conseguira desembarcar.

Digamos de passagem que no combate morreram o barão de Chantal, que deixara órfã uma filhinha de dezoito meses. Essa menina foi mais tarde a Sra de Sévigné.

O conde de Toiras retirou-se para a Cidadela de Saint-Martin com a guarnição e colocou uma centena de homens num pequeno forte chamado Forte de La Prée. Este acontecimento apressara as resoluções do cardeal e enquanto esperava que o rei e ele pudessem ir assumir o comando do cerco de La Rochelle, que estava decidido, fizera partir Monsieur para dirigir as primeiras operações e encaminhar para o teatro da guerra todas as tropas de que pudera dispor.

Era do destacamento enviado como guarda-avançada que fazia parte o nosso amigo D'Artagnan.

Como dissemos, o rei devia partir logo que terminasse a sessão do Parlamento, mas ao levantar-se da tribuna que lhe estava reservada, em 28 de Junho, sentira-se febril, nem por isso quisera deixar de partir, mas como o seu estado piorara fora obrigado a deter-se em Villeroi.

Ora, onde parava o rei paravam os mosqueteiros e daí resultava que D'Artagnan, que pertencia pura e simplesmente às Guardas, se encontrava separado, pelo menos momentaneamente, dos seus bons amigos Athos, Porthos e

Aramis. Tal separação, que não passava para ele de uma contrariedade, sem dúvida se transformaria em séria preocupação se pudesse adivinhar os perigos desconhecidos de que se encontrava rodeado.

No entanto, não deixou de chegar sem incidente ao acampamento instalado diante de La Rochelle, por volta de 10 de Setembro de 1627.

Estava tudo na mesma: o duque de Buckingham e os seus ingleses, senhores da ilha de Ré, continuavam a cercar, mas sem êxito, a Cidadela de Saint-Martin e o Forte de La Prée, e as hostilidades com La Rochelle tinham começado havia dois ou três dias, depois de concluída uma fortificação que o duque de Angoulême mandara construir perto da cidade. Os guardas, sob o comando do Sr. dos Essarts, estavam alojados no Mínimos.

Mas, como sabemos, D'Artagnan, preocupado com a ambição de passar para os mosqueteiros, raramente fizera amizade com os seus camaradas, encontrava-se portanto isolado e entregue às suas próprias reflexões.

Reflexões que não eram risonhas: havia um ano que chegara a Paris e se metera nos negócios públicos e os seus negócios particulares não tinham avançado grande coisa, quer no amor, quer na fortuna.

No amor, a única mulher que amara fora a Sra Bonacieux, e a Sra Bonacieux desaparecera e ainda não conseguira descobrir o que lhe acontecera.

Na fortuna, tornara-se, pobre de si, inimigo do cardeal, isto é, de um homem diante de quem tremiam os maiores do reino, a começar pelo rei. Aquele

homem podia esmagá-lo, e no entanto não o fizera: para um espírito tão perspicaz como o de D'Artagnan, semelhante indulgência era uma luz que lhe permitia descortinar um futuro melhor.

Depois, arranjava ainda outro inimigo menos temível, pensava, mas que apesar disso sentia instintivamente não ser de desprezar, esse inimigo era Milady.

Em troca de tudo isso adquirira a proteção e a benevolência da rainha, mas a benevolência da rainha era, nos tempos que corriam, mais um motivo de perseguição, e a sua proteção, era sabido, protegia muito mal: testemunhas, Chalais e a Sra Bonacieux.

O que ganhara que se visse em tudo aquilo fora o diamante de cinco ou seis mil libras que trazia no dedo e mesmo esse diamante, na hipótese de D'Artagnan, nos seus projetos ambiciosos, querer guardá-lo para dispor um dia de um sinal de reconhecimento junto da rainha, não tinha entretanto, uma vez

que se não podia desfazer dele, mais valor do que as pedras que pisava.

Dizemos do que as pedras que pisava porque D'Artagnan fazia estas reflexões passeando solitariamente por um bonito caminho que levava do acampamento à aldeia de Angoulins, ora estas reflexões tinham-no conduzido mais longe do que imaginava, e o dia começava a morrer quando ao último raio do Sol poente lhe pareceu ver brilhar atrás de uma sebe o cano de um mosquete.

D'Artagnan tinha olho vivo e reflexos rápidos, compreendeu que o mosquete não viera ali sozinho e quem o trouxera não se escondera atrás de uma sebe com intenções amistosas.

Resolveu portanto passar longe, quando do outro lado do caminho, atrás de um rochedo, divisou a extremidade de segundo mosquete.

Era evidentemente uma emboscada.

O jovem deu uma olhadela ao primeiro mosquete e viu com certa inquietação que se baixava na sua direção, mas logo que viu o orifício do cano imóvel deitou-se de bruços no chão. Ao mesmo tempo o tiro partiu e ouviu o silvo de uma bala passar-lhe por cima da cabeça.

Não havia tempo a perder. D'Artagnan levantou-se de um salto e ao mesmo tempo a bala do outro mosquete faz voar as pedras do próprio lugar do caminho onde o nosso amigo se deitara de bruços no chão.

D'Artagnan não era um desses homens inutilmente bravos que procuram uma morte ridícula para que não se diga que recuaram um passo, aliás, ali não se tratava de coragem, pois D'Artagnan caíra numa cilada.

“Se disparam terceiro tiro, sou um homem morto!”, disse para consigo. E dando imediatamente às de vila-diogo, fugiu na direção do acampamento com a velocidade da gente da sua terra, famosa pela sua agilidade, mas fosse qual fosse a rapidez da sua corrida, o primeiro que disparara tivera tempo de recarregar a arma e mandou-lhe segundo tiro, desta vez tão bem apontado que a bala lhe atravessou o chapéu e o fez voar a dez passos do nosso homem.

Contudo, como D'Artagnan não tinha outro chapéu, apanhou aquele sem deixar de correr, chegou esbaforido e muito pálido ao seu alojamento, sentou-se sem dizer nada a ninguém e pôs-se a refletir.

O acontecimento podia ter três causas:

A primeira e a mais natural podia ser uma emboscada dos Rocheleses, que não se importassem de matar um dos guardas de Sua Majestade, não só porque

seria um inimigo a menos, mas também porque esse inimigo podia ter uma bolsa bem recheada na algibeira.

D'Artagnan pegou o chapéu, examinou o buraco da bala e abanou a cabeça. A bala não era uma bala de mosquete, era uma bala de arcabuz, certeza do tiro já lhe dera a idéia de ter sido disparado por uma arma especial: não fora portanto uma emboscada militar, porque a bala não era desse calibre.

Podia ser uma boa lembrança do Sr. Cardeal. Lembremo-nos de que no preciso momento em que, graças àquele abençoado raio de sol, vira o cano da arma, estranhava a longanimidade de Sua Eminência a seu respeito.

Mas D'Artagnan abanou a cabeça. Quando se tratava de pessoas para as quais lhe bastava estender a mão, Sua Eminência raramente recorria a semelhantes meios.

Podia ser uma vingança de Milady. Isso era mais provável.

Procurou inutilmente recordar-se das feições ou da indumentária dos assassinos, afastara-se deles tão depressa que não tivera tempo de reparar em nada.

- Ah, meus pobres amigos! - murmurou D'Artagnan. - Onde estão? E que falta me fazem!

D'Artagnan passou uma noite péssima. Acordou três ou quatro vezes em sobressalto, imaginando que um homem se aproximava da sua cama para o apunhalar. No entanto, o dia nasceu sem que as trevas tivessem trazido qualquer incidente. Mas D'Artagnan desconfiou que o que estava adiado não estava perdido.

Permaneceu todo o dia no seu alojamento, dando por desculpa a si próprio que o tempo estava ruim.

Dois dias depois, às nove horas, tocou a reunir. O duque de Orleães visitava os postos. Os guardas correram às armas e D'Artagnan ocupou o seu lugar no meio dos seus camaradas.

Monsieur percorreu a frente de batalha, depois, todos os oficiais superiores se aproximaram dele para lhe fazer a corte, e o Sr. dos Essarts, o capitão dos guardas, como os outros.

Passado um instante, pareceu a D'Artagnan que o Sr. dos Essarts lhe fazia sinal para se aproximar dele. Esperou novo gesto do seu superior, receando ter-se enganado, e como o gesto se repetisse saiu das fileiras e avançou para receber a ordem.

- Monsieur vai pedir homens de boa vontade para uma missão perigosa, mas que honrará quem a desempenhar, e fiz-lhe sinal para que estivesse pronto.

- Obrigado, meu capitão! - respondeu D'Artagnan, que não desejava mais nada do que distinguir-se aos olhos do tenente-general.

Com efeito, os rocheleses tinham feito uma surtida durante a noite e haviam retomado um bastião de que o Exército Real se apoderara dois dias antes, tratava-se de um reconhecimento isolado para ver como o inimigo guardava o bastião.

Efetivamente, pouco depois Monsieur ergueu a voz e disse:

- Precisaria para esta missão de três ou quatro voluntários comandados por um homem de confiança!

- Quanto ao homem de confiança, tenho-o à mão, Monsenhor, - disse o Sr. des Essarts indicando D'Artagnan. - E quanto aos quatro ou cinco voluntários só

tem de dar a conhecer as suas intenções e os homens não lhe faltarão.

- Quatro homens de boa vontade para virem fazer-se matar comigo! - gritou D'Artagnan erguendo a espada.

Dois dos seus camaradas das Guardas acorreram imediatamente, aos quais se juntaram dois soldados, pelo que se considerou que o número era suficiente. D'Artagnan recusou portanto todos os outros, para não preterir os que tinham a prioridade.

Ignorava-se se depois da tomada do bastião os rocheleses o tinham evacuado ou haviam lá deixado alguma guarnição, era preciso portanto examinar o local indicado de bastante perto para verificar o que de fato se passara.

D'Artagnan partiu com os seus quatro companheiros e entrou na trincheira, os dois guardas caminhavam a seu lado e os soldados vinham atrás. Chegaram assim, a coberto dos revestimentos, até uma centena de passos do bastião! Aí,

D'Artagnan virou-se e verificou que os dois soldados tinham desaparecido.

Julgou que tivessem ficado para trás com medo e continuou a avançar. Na volta de uma contra-escarpa encontraram-se a cerca de sessenta passos do bastião.

Não se via ninguém, o bastião parecia abandonado. Os três infantes isolados deliberam se deviam ir mais adiante, quando de súbito um cinto de fumo cingiu o gigante de pedra e uma dúzia de balas vieram assobiar à volta de D'Artagnan e dos seus dois companheiros.

Já sabiam o que queriam saber: o bastião estava guardado. Permanecer naquele lugar perigoso seria portanto uma imprudência inútil, D'Artagnan e os dois guardas viraram as costas e começaram uma retirada que parecia uma fuga. Quando chegaram à esquina da trincheira que ia servir-lhes de parapeito um dos guardas caiu: uma bala atravessara-lhe o peito. O outro, que estava são e salvo, continuou a correr para o acampamento.

D'Artagnan não quis abandonar assim o companheiro e inclinou-se para levá-lo e ajudar a alcançar as linhas, mas nesse momento ouviram-se dois tiros de espingarda e uma bala desfez a cabeça do guarda já ferido e a outra foi se esmagar na rocha depois de passar a duas polegadas de D'Artagnan.

O jovem virou-se vivamente, pois aquele ataque não podia vir do bastião, que estava oculto pela esquina da trincheira. A idéia dos dois soldados que o tinham abandonado acudiu-lhe à memória e recordou-se dos seus assassinos da antevéspera, resolveu portanto saber com quem estava metido e caiu sobre o corpo do seu camarada como se estivesse morto.

Viu imediatamente duas cabeças erguerem-se acima de uma obra abandonada, situada a trinta passos dali, eram as dos nossos dois soldados. D'Artagnan não se enganara. Aqueles dois homens tinham-no seguido para assassiná-lo, esperando que a sua morte fosse atribuída ao inimigo.

Mas como podia estar apenas ferido e denunciar os criminosos, aproximaram-se para terminar o serviço. Felizmente, enganados pela astúcia de D'Artagnan, esqueceram-se de recarregar as espingardas. Quando chegaram a dois passos dele, D'Artagnan, que ao cair tivera o cuidado de não largar a espada, levantou-se de repente e de um salto chegou junto deles.

Os assassinos compreenderam que se fugissem para o lado do acampamento sem terem matado o seu homem este os acusaria, por isso, a sua

primeira idéia foi passarem-se para o inimigo. Um deles pegou a espingarda pelo cano e serviu-se dela como uma clava, desferiu uma pancada terrível contra D'Artagnan, que a evitou

lançando-se de lado, mas com esse movimento abriu passagem ao bandido, que correu imediatamente para o bastião. Como os rocheleses que o guardavam ignoravam com que intenção o homem ia para eles, fizeram fogo e ele caiu atingido por uma bala que lhe quebrou o ombro.

Entretanto, D'Artagnan atirara-se ao segundo soldado e atacara-o com a espada, a luta não foi longa, pois o miserável só tinha para se defender o arcabuz descarregado. A espada de D'Artagnan deslizou pelo cano da arma tornada inútil e foi atravessar a coxa do assassino, que caiu. D'Artagnan pôs-lhe imediatamente a ponta do ferro na garganta.

- Oh, não me mate! - gritou o bandido. - Misericórdia, misericórdia, meu oficial, e lhe direi tudo!
- O seu segredo valerá ao menos a pena de lhe poupar a vida? - perguntou o jovem, retendo o braço.
- Vale, se considera que a existência seja alguma coisa quando se tem vinte e dois anos como o senhor e que se pode conseguir tudo sendo belo e bravo como é.
- Miserável! - exclamou D'Artagnan. - Vamos, fala depressa, quem o encarregou de me matar?
- Uma mulher que não conheço, mas a quem chamavam Milady.
- Mas se não conhece essa mulher como sabe o seu nome?

- O meu camarada a conhecia e a chamava assim, foi com ele que ela tratou e não comigo. Tem até na algibeira uma carta dessa pessoa que deve ter para o senhor grande importância, segundo lhe ouvi dizer.
- Mas como entrou a meias nesta cilada?
- Ele me propôs darmos o golpe e eu aceitei.
- E quanto lhe deu ela por essa bonita façanha?
- Cem luíses.
- Poxa! - exclamou o jovem, rindo. - Até que enfim acha que valho alguma coisa, cem luíses! É muito dinheiro para dois miseráveis como vocês. Por isso compreendo que tenha aceitado, e poupo-o, mas com uma condição!
- Qual? - perguntou o soldado, inquieto, vendo que ainda não acabara tudo.
- Vá buscar a carta que o seu camarada tem na algibeira.
- Mas isso é outra maneira de me matar! - gritou o bandido.
- Como quer que eu vá buscar a carta debaixo do fogo do bastião?
- No entanto, tem de se decidir a ir buscá-la, ou juro que morrerá nas minhas mãos!
- Misericórdia! Senhor, piedade, em nome dessa jovem dama que ama, que talvez julgue morta, e que não está! -

gritou o bandido, pondo-se de joelhos e apoiando-se na mão, pois começava a perder as forças juntamente com o sangue.

- E como sabe que existe uma mulher que eu amo e a quem julguei morta?

- perguntou D'Artagnan.

- Pela carta que o meu camarada tem na algibeira.

- Então, bem vê que preciso dessa carta - retorquiu D'Artagnan. - Portanto, nada de demora, nada de hesitação, pois seja qual for a minha repugnância em mergulhar segunda vez a minha espada no sangue de um miserável como você,

juro pela minha fé de homem honesto...

E ao dizer estas palavras D'Artagnan fez um gesto tão ameaçador que o ferido se levantou.

- Pare! Pare! - gritou, recuperando coragem à força de terror. - Eu vou... eu

vou!...

D'Artagnan pegou o arcabuz do soldado, o fez passar para a sua frente e

empurrou-o para o companheiro picando-lhe os rins com a ponta da espada.

Era confrangedor ver o desgraçado, deixando no caminho que percorria um longo rasto de sangue, pálido como a sua morte

próxima, procurando arrastar-se sem ser visto até ao corpo do cúmplice, que jazia a vinte passos dali! Tinha o terror de tal forma pintado na cara coberta de suor frio que D'Artagnan teve compaixão dele; e olhando-o com desprezo disse-lhe:

- Está bem, vou mostrar-lhe a diferença que existe entre um homem de coração e um covarde como você, fique aqui que eu vou até lá.

E num passo ágil e de olhar atento, observando os movimentos do inimigo e aproveitando todos os acidentes de terreno, D'Artagnan chegou ao segundo soldado. Havia duas maneiras de conseguir o que pretendia: revistá-lo ali mesmo, ou levá-lo, fazendo um escudo com o seu corpo, e revistá-lo na trincheira.

D'Artagnan preferiu a segunda e carregou o assassino às costas no preciso momento em que o inimigo fazia fogo. Um leve estremecimento, o ruído abafado de três balas perfurando as carnes, um derradeiro grito, um frêmito de agonia... provaram a D'Artagnan que aquele que quisera assassiná-lo acabava de lhe salvar a vida.

D'Artagnan regressou à trincheira e deitou o cadáver ao pé do ferido, tão pálido como um morto.

Procedeu imediatamente ao inventário: uma carteira de couro, uma bolsa onde se encontrava evidentemente parte do dinheiro que o bandido recebera, um copo e os respectivos dados constituíam o espólio do morto.

Deixou o copo e os dados onde tinham caído, atirou a bolsa ao ferido e abriu avidamente a carteira. No meio de alguns papéis sem importância, encontrou uma carta, aquela que fora buscar com risco da vida:

Já que perdeu a pista da mulher e que ela está agora em segurança nesse convento onde nunca devia tê-la deixado chegar, procure ao menos não falhar o homem, senão sabe que tenho a mão comprida e que pagaria caro os cem luíses que dei.

Nenhuma assinatura. Contudo, era evidente que a carta provinha de Milady. Nesta conformidade, guardou-a como peça de acusação e, em segurança atrás da esquina da trincheira, pôs-se a interrogar o ferido. Este confessou que se encarregara com o seu camarada, o mesmo que acabava de ser morto, de raptar uma mulher que devia sair de Paris pela barreira de La Villette, mas que tendo demorado tinham chegado dez minutos depois da carruagem passar.

- Mas que faziam depois da mulher? - perguntou D'Artagnan, angustiado.

- Devíamos levá-la para um palácio da Praça Royale - respondeu o ferido.

- Sim, sim... - murmurou D'Artagnan. - É isso mesmo: para casa da própria Milady.

Então o jovem compreendeu, tremendo, que terrível sede de vingança impelia aquela mulher a perdê-lo, assim como aqueles que o amavam, e como estava bem informada acerca do que se passava na corte, uma vez que descobrira tudo. Devia sem dúvida tais informações ao cardeal.

Mas no meio de tudo isto compreendeu também, com uma sensação de alegria bem real, que a rainha acabara por descobrir a prisão onde a pobre Sra Bonacieux expiava a sua dedicação e a tirara dessa prisão. Então, a carta que recebera da jovem e a sua passagem pela estrada de Chaillot - passagem semelhante a uma aparição - ficaram explicadas.

A partir daí, como Athos predissera, era possível reencontrar a Sra Bonacieux, e um convento não era inexpugnável. Esta idéia acabou de lhe encher o coração de clemência. Virou-se para o ferido, que seguia com ansiedade todas as diversas expressões do seu rosto, e disse-lhe estendendo-lhe o braço:

- Vamos, não quero abandoná-lo assim. Apoie-se em mim e regressemos ao acampamento.

- Obrigado senhor - disse o ferido, que lhe custava a crer em tanta magnanimidade -, mas não é para mandar me enforcar?

- Tem a minha palavra - redarguiu D'Artagnan. - Dou-lhe a vida pela segunda vez.

O ferido deixou-se cair de joelhos e beijou de novo os pés do seu salvador, mas D'Artagnan, que já não tinha nenhum motivo para permanecer tão perto do inimigo, abreviou as demonstrações de reconhecimento.

O guarda que fugira à primeira descarga dos rocheleses, anunciara a morte dos seus quatro companheiros. Todos ficaram portanto muito admirados e satisfeitos no regimento quando viram aparecer o jovem são e salvo.

D'Artagnan atribuiu a espadeirada do companheiro a uma surtida que improvisara. Contou a morte do outro soldado e os perigos que tinham corrido. Conquistou assim um verdadeiro triunfo. Todo o Exército falou da expedição durante um dia e Monsieur dirigiu-lhe as suas felicitações. Além disso, como toda a boa ação traz consigo a sua recompensa, a boa ação de D'Artagnan teve como resultado restituir-lhe a tranquilidade que perdera. Com efeito,

D'Artagnan julgava poder estar tranquilo desde que dos seus inimigos um estava morto e o outro dedicava-se aos seus interesses.

Essa tranquilidade provava uma coisa, D'Artagnan ainda não conhecia Milady.

CAPÍTULO XLII - O VINHO DE ANJOU

Depois das notícias quase desesperadas do rei, começava a espalhar-se pelo acampamento a nova da sua convalescença; e como estava ansioso por chegar em pessoa ao cerco, dizia-se que assim que pudesse montar a cavalo se poria a caminho.

Entretanto, Monsieur, que sabia ser substituído de um dia para o outro no seu comando, quer pelo duque de Angoulême, quer por Bassompierre ou por Schomberg, que disputavam um ao outro o comando, pouco fazia, perdia os dias em tateamentos e não se atrevia a arriscar qualquer grande empresa para

expulsar os Ingleses da ilha de Ré, onde continuavam a assediar a Cidadela de Saint-Martin e o Forte de La Prée enquanto pelo seu lado os Franceses assediavam La Rochelle.

Como dissemos, D'Artagnan andava mais tranquilo, como sempre acontece depois de um perigo passado e quando o perigo parece desvanecido, só uma coisa o preocupava: não ter qualquer notícias dos amigos. Mas uma manhã, em princípios do mês de Novembro, tudo lhe foi explicado por esta carta datada de Villerói:

Sr. D'Artagnan:

Os Srs. Athos, Porthos e Aramis, depois de jogarem uma boa partida em minha casa, e de terem se divertido muito, fizeram tanto barulho que o preboste do castelo, homem muito rigoroso, os castigou com a pena de detenção por alguns dias, mas eu cumpri as ordens que me deram para lhe mandar doze garrafas do meu vinho de Anjou, de que muito gostaram: querem que beba à sua saúde e com o seu vinho favorito. Assim fiz e sou, senhor, com grande respeito, seu servidor muito humilde e obediente,

Godeau, Estalajadeiro dos Srs. Mosqueteiros.

- Até que enfim! - exclamou D'Artagnan. - Pensam em mim nos seus prazeres como eu pensava neles no meu aborrecimento. Claro que beberei à sua saúde e com todoprazer, mas não beberei sozinho.

E D'Artagnan correu ao alojamento de dois guardas com os quais estabelecera mais amizade do que com os outros, e os convidou a beberem o delicioso vinho de Anjou que acabava de chegar de Villeroi. Um dos dois guardas estava convidado para essa mesma noite e o outro para o dia seguinte, a reunião ficou portanto fixada para dali a dois dias.

No regresso, D'Artagnan mandou as doze garrafas de vinho para a cantina dos guardas e recomendou que as guardassem com cuidado. Depois, no dia da solenidade, como o almoço estava marcado para o meio-dia, D'Artagnan mandou, às nove horas, Planchet preparar tudo.

Planchet, orgulhosíssimo de ser elevado à dignidade de mordomo, pensou em preparar tudo como um homem inteligente. Para isso, agregou a si o criado de um dos convivas do amo, chamado Fourreau, e o falso soldado que quisera matar D'Artagnan e que, como não pertencia a nenhum corpo de tropas, entrara ao seu serviço, ou antes ao de Planchet, desde que D'Artagnan lhe salvara a vida.

Chegada a hora do banquete, os dois convivas apresentaram-se, sentaram-se e as iguarias alinharam-se na mesa. Planchet servia de guardanapo no braço, Fourreau abria as garrafas e Brisemont, assim se chamava o convalescente, transvasava para as garrafas de mesa o vinho que parecia ter criado depósito devido aos baldões da viagem. A primeira garrafa estava um pouco turva para o fim, Brisemont colocou esse resto em um copo e D'Artagnan autorizou-o a bebê-lo, porque o pobre diabo não tinha ainda muitas forças.

Depois de comerem a sopa, os convivas iam levar o primeiro copo aos lábios quando de súbito o canhão ribombou no Forte Luís e no Forte Novo,

julgando tratar-se de algum ataque imprevisto, quer dos sitiados, quer dos Ingleses, os guardas saltaram imediatamente para as suas espadas. D'Artagnan, não menos atento, fez como eles e todos os três saíram correndo para se dirigirem para os seus postos.

Mas mal saíram da cantina descobriram a causa de tão grande barulho: os gritos de “Viva o rei!”, “Viva o Sr. Cardeal!”, ouviam-se por todos os lados e os tambores rufavam em todas as direções.

Com efeito, impaciente como dissemos, o rei acabava de percorrer duas etapas numa só e chegava naquele mesmo instante com toda a sua casa e um reforço de dez mil homens, os seus mosqueteiros precediam-no e seguiam-no. D'Artagnan, colocado em alas com a sua companhia, cumprimentou com um gesto expressivo os amigos, que lhe responderam com os olhos, e o Sr. de Tréville, que o reconheceu imediatamente.

Terminada a cerimônia da recepção, os quatro amigos não tardaram a cair nos braços uns dos outros.

- Caramba, não podiam chegar em melhor hora, pois as carnes ainda não tiveram tempo de esfriar! - exclamou D'Artagnan. - Não é verdade, meus senhores? - acrescentou virando-se para os dois guardas, que apresentou aos amigos.

- Ah, ah, parece que nos banquetearmos! - exclamou Porthos.

- Espero que não haja mulheres no seu almoço - observou Aramis.
- E há vinho potável na sua baiuca? - perguntou Athos.
- Mas por Deus, há o seu, caro amigo - respondeu D'Artagnan.
- O nosso vinho? - disse Athos, atônito.
- Sim, aquele que me mandaram.
- Nós mandamos vinho?
- Vocês sabem, esse vinho das encostas de Anjou...
- Sim, bem sei de que vinho fala.
- O vinho que preferem.
- Sem dúvida, quando não tenho nem champanhe nem chambertin.
- Pronto, na falta de champanhe e de chambertin, se contentarão com este.
- Mandamos portanto vir vinho de Anjou, apesar de sermos peritos na matéria? - observou Porthos.
- Não, refiro-me ao vinho que me mandaram da sua parte.
- Da nossa parte? - repetiram os três mosqueteiros.
- Foi você, Aramis, que mandou o vinho? - perguntou Athos.
- Não, e você, Porthos?
- Não, e você, Athos?

- Não.
- Se não foram vocês, foi o seu estalajadeiro - disse D'Artagnan.
- O nosso estalajadeiro?
- Sim, o seu estalajadeiro, Godeau, o estalajadeiro dos mosqueteiros.
- Irra! Que importa de onde venha e para onde vai? - atalhou Porthos. - Vamos prová-lo, e se for bom bebamos.
- Não, não bebemos vinho de origem desconhecida - redarguiu Athos.
- Tem razão, Athos - concordou D'Artagnan. - Nenhum de vocês encarregou o estalajadeiro Godeau de me mandar vinho?
- Não! Mas mesmo assim ele o mandou da nossa parte?
- Aqui está a carta! - disse D'Artagnan. E apresentou o bilhete aos camaradas.
- Não é a sua letra! - exclamou Athos. - Conheço-a, pois fui eu que, antes de partir, paguei a conta da comunidade.
- A carta é falsa, não fomos castigados - acrescentou Porthos.
- D'Artagnan, como pode acreditar que tivéssemos armado confusão? - perguntou Aramis em tom de censura.

D'Artagnan empalideceu e um tremor convulsivo sacudiu-lhe os membros.

- Você me assusta - declarou Athos, que só o tratava por você nas grandes ocasiões. - Que aconteceu?

- Corramos, corramos, meus amigos! - gritou D'Artagnan. - Acaba de me atravessar o espírito uma horrível suspeita! Seria mais uma vingança dessa mulher?

Dessa vez foi Athos quem empalideceu.

D'Artagnan correu para a cantina e os três mosqueteiros e os dois guardas seguiram-no.

A primeira coisa em que D'Artagnan reparou ao entrar na sala de jantar foi em Brisemont, deitado no chão e rebolando-se no meio de atrozes convulsões. Planchet e Fourreau, pálidos como mortos, tentavam socorrê-lo, mas era evidente que qualquer socorro seria inútil: todas as feições do moribundo estavam crispadas pela agonia.

- Ah! - gritou ao ver D'Artagnan. - Ah, é horrível, fingiu me perdoar e me envenenou!

- Eu? Eu, desgraçado? Eu! - protestou D'Artagnan. - Que está dizendo?

- Digo que foi você que me deu o vinho, digo que foi você que me disse para o beber, digo que quis se vingar de mim, digo que é horrível!

- Não diga isso, Brisemont, não digas isso - protestou D'Artagnan. - Juro, garanto...
- Oh, mas Deus existe! Ele o castigará! Meu Deus, que ele sofra um dia o que eu sofro!
- Juro sobre o Evangelho - gritou D'Artagnan, precipitando-se para o moribundo -, juro que ignorava que o vinho estivesse envenenado e que ia bebê-lo como você.
- Não acredito! - redarguiu o soldado.

E expirou no meio de redobradas torturas.

- Horrível! Horrível! - murmurava Athos, enquanto Porthos partia as garrafas e Aramis dava ordens um pouco tardias para que se fosse buscar um padre.
- Oh, meus amigos, acabam de me salvar a vida mais uma vez, não só a mim, mas também a estes senhores! - declarou D'Artagnan.
- Meus senhores - continuou dirigindo-se aos guardas -, peço-lhes que guardem silêncio acerca de toda esta aventura, pode haver grandes personagens metidas no que viram e o mal de tudo recairia sobre nós.
- Ah, senhor - balbuciava Planchet, mais morto do que vivo -, ah, senhor, escapei de boa!
- Que está dizendo, velhaco, ia beber do meu vinho? - barafustou D'Artagnan.

- Ia beber um copinho à saúde do rei, senhor, se Fourreau não me tivesse dito que me chamavam.

- Por sorte! - exclamou Fourreau, cujos dentes batiam de terror. - Queria afastá-lo para beber sozinho!

- Meus senhores - disse D'Artagnan dirigindo-se aos guardas -, como compreendem, semelhante banquete só poderia ser muito triste depois do que acaba de acontecer; assim, recebam todas as minhas desculpas e adiemos a festa para outro dia, peço-lhes.

Os dois guardas aceitaram cortesmente as desculpas de D'Artagnan e, compreendendo que os quatro amigos desejavam ficar sós, retiraram-se.

Quando o jovem guarda e os três mosqueteiros ficaram sem testemunhas, entreolharam-se com um ar que queria dizer que cada um compreendia a gravidade da situação.

- Primeiro, vamos sair daqui - sugeriu Athos. - Não há pior companhia do que um morto, morto de morte violenta.

- Planchet, recomendo-lhe o cadáver desse pobre diabo - disse D'Artagnan.

- Que seja enterrado em terra sagrada. Cometera um crime, é verdade, mas arrependera-se dele.

E os quatro amigos saíram da sala, deixando a Planchet e a Fourreau o cuidado de prestarem as homenagens fúnebres a Brisemont.

O estalajadeiro deu-lhes outra sala onde lhes serviu ovos quentes e água, que o próprio Athos foi buscar à fonte. Em poucas palavras, Porthos e Aramis foram postos ao corrente da situação.

- E é isto! - exclamou D'Artagnan dirigindo-se a Athos. - Como vê, caro amigo, é uma guerra de morte.

Athos abanou a cabeça.

- Sim, sim, bem vejo - concordou. - Mas acredita que seja ela?

- Tenho certeza.

- Pois confesso que ainda duvido.

- E a flor-de-lis no ombro?

- Alguma inglesa que cometeu algum crime na França e que terão marcado por isso.

- Athos, é a sua mulher, garanto - insistia D'Artagnan. - Lembra-se de como os dois sinais se assemelhavam?

- Pois eu quase juraria que a outra estava morta, enforquei-a com tanto cuidado...

Foi a vez de D'Artagnan abanar a cabeça.

- Mas, enfim, que fazer? - perguntou.

- A verdade é que não podemos ficar assim com uma espada eternamente suspensa sobre a cabeça - respondeu Athos. - É preciso sair desta situação.
- Mas como?
- Escute, procure se encontrar com ela e ter uma explicação. Diga-lhe: a paz ou a guerra! A minha palavra de gentil-homem de nunca dizer nada de você, de nunca fazer nada contra você, do seu lado, juramento solene de ficar neutra a meu respeito. De contrário, vou procurar o chanceler, vou procurar o rei, denuncio-lhe como marcada, levo-a a julgamento e se a absolverem... mato-a, palavra de gentil-homem, em qualquer canto, como mataria um cão raivoso.
- Esse meio não me desagrada - reconheceu D'Artagnan. - Mas como encontrá-la?
- O tempo, caro amigo, o tempo traz a oportunidade, e a oportunidade é a grande parada do homem: quanto mais se aposta, mais se ganha, quando se sabe esperar.
- Pois sim, mas esperar rodeado de assassinos e envenenadores...
- Ora! - exclamou Athos. - Deus que nos guardou até agora também nos guardará daqui em diante.

- Sim, nós, mas nós somos homens e no fim de contas o nosso dever é arriscar a vida. Mas ela? - acrescentou a meia voz.
- Ela, quem? - perguntou Athos.
- Constance.
- A Sra Bonacieux! Tem razão, pobre amigo, tinha esquecido de que está apaixonado - confessou Athos.
- Mas então - interveio Aramis - não soube pela carta que encontrou na algibeira do miserável morto que ela está num convento? Está muito bem num convento, e assim que o cerco de La Rochelle terminar prometo-lhe que pela minha parte...
- Está bem, está bem - atalhou Athos. - Seja, meu caro Aramis! Bem sabemos que os seus desejos tendem para a religião.
- Sou mosqueteiro apenas provisoriamente - declarou humildemente Aramis.
- Parece que não recebe notícias da amante há muito tempo - disse Athos, baixinho. - Mas não se importe, já sabemos o que é isso.
- Parece-me que haveria um meio muito simples - insinuou Porthos.
- Qual? - perguntou D'Artagnan.

- Ela está num convento, não é o que diz? - prosseguiu Porthos.
- Está.
- Então, assim que o cerco terminar, nós a raptamos do convento.
- Mas ainda falta saber em que convento está.
- Exato - concordou Porthos.
- Mas, se me não engano, não foi você, caro D'Artagnan que disse que a rainha escolheu esse convento para ela? - perguntou Athos.
- Sim, pelo menos é o que acho.
- Nesse caso, Porthos nos ajudará.
- Como? Quer fazer o favor de me dizer?
- Por intermédio da sua marquesa, da sua duquesa, da sua princesa, que deve ter o braço comprido.
- Quietos! - pediu Porthos, pondo um dedo nos lábios. - Creio que é cardinalista e portanto não deve saber de nada.
- Já que é assim, eu me encarrego de saber notícias - prometeu Aramis.
- Você?! - exclamaram os três amigos. - E como?
- Por intermédio do capelão da rainha, com quem estou muito relacionado...

- respondeu Aramis, corando.

E depois desta promessa, os quatro amigos, que tinham acabado a sua modesta refeição, separaram-se depois de combinarem voltar a se encontrar nessa mesma noite.

D'Artagnan regressou aos Mínimos e os três mosqueteiros

voltaram para o quartel do rei, onde tinham de tratar do seu alojamento.

CAPÍTULO XLIII - A ESTALAGEM DO POMBAL VERMELHO

Assim que chegou ao acampamento, o rei, que estava tão ansioso por se encontrar diante do inimigo, e que, com melhor direito do que o cardeal, compartilhava o seu rancor contra Buckingham, quis tomar todas as disposições, primeiro para expulsar os Ingleses da ilha de Ré e depois para abreviar o cerco de La Rochelle. Mas mal-grado seu foi retardado pelas dissensões que surgiram entre os Srs. de Bassompierre e Schomberg contra o duque de Angoulême.

Os Srs. de Bassompierre e de Schomberg eram marechais da França e reclamavam o seu direito de comandar o Exército sob as ordens do rei, mas o cardeal, que receava que Bassompierre, huguenote no fundo do coração, atacasse fracamente os

Ingleses e os Rocheleses, seus irmãos em religião, insistia pelo contrário no duque de Angoulême, que o rei, por sua instigação, nomeara tenente-general. Resultado: sob pena de ver os Srs. de Bassompierre e Schomberg desertarem do Exército, o rei se viu obrigado a dar a cada um o seu comando pessoal.

Bassompierre tomou posições ao norte da cidade, desde La Leu até Dompierre, o duque de Angoulême a leste, desde Dompierre até Périgny, e o Sr. de Schomberg ao sul, desde Périgny até Angoulins.

Monsieur estava instalado em Dompierre.

O rei instalava-se ora em Etré, ora em La Jarrie. Finalmente, o cardeal encontrava-se instalado nas dunas, na Ponte de La Pierre, em uma casa simples, sem nenhuma proteção.

Deste modo, Monsieur vigiava Bassompierre. O rei, o duque de Angoulême e o cardeal, o Sr. de Schomberg. Uma vez esta organização estabelecida, ocuparam-se de expulsar os Ingleses da ilha.

A conjuntura era favorável: os Ingleses, que necessitam antes de mais nada de bons víveres para serem bons soldados, como só comiam carne salgada e ruins biscoitos, tinham muitos doentes no seu campo, além disso, o mar, agitadíssimo naquela época do ano em todas as costas do Atlântico, afundava todos os dias algum naviozinho e a praia, desde a ponta do Aiguillon até à trincheira, ficava literalmente, em todas as marés, coberta de destroços de lanchões, de roberges e de faluchos,

logo, mesmo que as tropas reais permanecessem no seu campo, era evidente que mais dia menos dia Buckingham, que só se mantinha na ilha de Ré por teimosia, seria obrigado a levantar o cerco.

Mas como o Sr. de Toiras informasse que tudo se preparava no campo inimigo para novo assalto, o rei achou que devia acabar com aquilo e deu as ordens necessárias para um ataque decisivo.

Como a nossa intenção não é escrever um diário do cerco, mas pelo contrário relatar dele apenas os acontecimentos relacionados com a história que narramos, limitamo-nos a dizer em duas palavras que a empresa foi bem sucedida, com grande espanto do rei e maior glória do Sr. Cardeal. Os Ingleses, repelidos passo a passo, batidos em todos os recontros, esmagados na passagem da ilha de Loix, foram obrigados a reembarcar, deixando no campo de batalha dois

mil homens, entre os quais cinco coronéis, três tenentes-coronéis, duzentos e cinquenta capitães e vinte gentis-homens de qualidade, quatro canhões e sessenta bandeiras, que foram levadas para Paris por Claude de Saint-Simon e suspensas com grande pompa das abóbadas de Notre-Dame.

Cantaram-se Te Deum no campo, e de lá espalharam-se por toda a França. O cardeal ficou portanto em condições de

prosseguir com o cerco sem ter, pelo menos momentaneamente, nada a temer da parte dos Ingleses.

Mas como acabamos de dizer, o repouso era apenas momentâneo. Um enviado do duque de Buckingham, chamado Montaigu, fora capturado e adquirira-se a prova de uma liga entre o Império, a Espanha, a Inglaterra e a Lorena.

Essa liga era dirigida contra a França.

Além disso, no alojamento de Buckingham, que fora obrigado a abandonar mais precipitadamente do que imaginara, tinham-se encontrado documentos que confirmavam tal liga e que, ao que afirma o Sr. Cardeal nas suas Memórias comprometiam muito a Sra de Chevreuse e portanto a rainha.

Toda a responsabilidade pesava sobre o cardeal, pois não se é ministro absoluto sem ser responsável, por isso, todos os recursos do seu vasto gênio estavam em atividade noite e dia, ocupados em escutar o menor ruído que se elevasse de algum dos grandes reinos da Europa.

O cardeal conhecia a atividade e sobretudo o ódio de Buckingham. Se a liga que ameaçava a França triunfasse, toda a sua influência estaria perdida: a política espanhola e a política austríaca tinham os seus representantes no Gabinete do Luvre, onde só contavam partidários, ele, Richelieu, o ministro francês, o ministro nacional por excelência, estaria perdido. O rei, que lhe obedecia em tudo como uma criança, odiava-o como uma criança odeia o seu mestre, e o

abandonaria às vinganças reunidas de Monsieur e da rainha. Estaria perdido, e talvez a França com ele. Era preciso evitar tudo isso.

Viram-se assim os correios, cada vez mais numerosos, sucederem-se noite e dia na casinha da Ponte de La Pierre, onde o cardeal estabelecera a sua residência.

Eram frades que usavam tão mal o hábito que facilmente se reconhecia pertencerem à Igreja militante, mulheres um pouco constrangidas nos seus trajes de pajens e cujos largos calções não conseguiam dissimular as formas arredondadas, finalmente, camponeses de mãos enegrecidas, mas de perna fina e que cheiravam a homem de qualidade a uma légua de distância.

Havia ainda outras visitas menos agradáveis, pois duas ou três vezes ocorrera o boato de que o cardeal estivera prestes a ser assassinado. É certo que os inimigos de Sua Eminência diziam ser ele próprio que punha em campo os assassinos desajeitados, para ter, se necessário, o direito de empregar represálias, mas não se deve acreditar nem no que dizem os ministros, nem no que dizem os seus inimigos.

O que aliás não impedia o cardeal, a quem os seus encarniçados detratores nunca contestaram a bravura pessoal, de fazer numerosas cavalgadas noturnas, ora para se ir entender com o rei, ora para ir conferenciar com algum mensageiro que não queria que entrasse em sua casa.

Pela sua parte os mosqueteiros, que não tinham grande coisa para fazer no

cerco, não estavam equipados rigorosamente e levavam vida alegre. Isso era tanto mais fácil, sobretudo aos nossos três companheiros, quanto é certo que sendo amigos do Sr. de Tréville obtinham facilmente dele autorização para recolher mais tarde e ficar fora depois do encerramento do campo com dispensas particulares.

Ora, uma noite em que D'Artagnan estava de serviço nas trincheiras e não pudera acompanhá-los, Athos, Porthos e Aramis, montados nos seus cavalos de batalha e envoltos em capas de guerra, com a mão nas coronhas das pistolas, regressavam os três de uma cantina que Athos descobrira dois dias antes na estrada de La Jarrie e que se chamava o Pombal Vermelho, seguindo o caminho que levava ao acampamento, precavidos, como dissemos, com receio de alguma emboscada, quando julgaram ouvir, a cerca de um quarto de légua da aldeia de Boisnar, o tropel de uma cavalgada que vinha na sua direção, imediatamente todos três pararam, encostados uns aos outros, e esperaram no meio da estrada.

Pouco depois, e como a Lua saísse precisamente de uma nuvem, viram aparecer numa curva do caminho dois cavaleiros que, ao vê-los, pararam por seu turno, parecendo deliberar se deveriam continuar o seu caminho ou voltar para trás. Esta

hesitação despertou algumas suspeitas aos três amigos, pelo que Athos deu alguns passos em frente e gritou na sua voz firme:

- Quem vem lá?
- Quem vem lá perguntamos nós - respondeu um dos dois cavaleiros.
- Isso não é resposta! - redarguiu Athos. - Quem vem lá? Respondam ou atiramos.
- Vejam o que vão fazer, senhores - disse então uma voz vibrante, que parecia habituada a comandar.
- Deve ser algum oficial superior que anda na sua ronda noturna - disse Athos. - Que querem fazer, senhores?
- Quem são? - insistiu a mesma voz no mesmo tom de comando.
- Respondam ou a sua desobediência lhes acarretará algum dissabor.
- Mosqueteiros do rei - respondeu Athos, cada vez mais convencido de que quem os interrogava tinha esse direito.
- De que companhia?
- Companhia de Tréville.
- Avancem em ordem e venham me explicar o que fazem aqui a esta hora.

Os três companheiros avançaram de orelha um pouco murcha, pois todos três estavam convencidos de que se encontravam perante alguém mais forte do que eles, por fim, deixaram a Athos o cuidado de falar.

Um dos dois cavaleiros, aquele que tomara a palavra em segundo lugar, estava a dez passos à frente do companheiro; Athos fez sinal a Porthos e Aramis para ficarem também para trás e avançou sozinho.

- Perdão, meu oficial, mas ignorávamos com quem estávamos falando, e como vê fazíamos boa guarda - disse Athos.

- O seu nome? - perguntou o oficial, que cobria parte do rosto com a capa.

- E o seu, senhor? - redarguiu Athos, que começava a revoltar-se contra aquele interrogatório. - De-nos, peço-lhe, a prova de que tem o direito de me interrogar.

- O seu nome? - perguntou pela segunda vez o cavaleiro, deixando cair a

capa de maneira a ficar com a cara descoberta.

- O Sr. Cardeal! - exclamou o mosqueteiro, estupefato.

- O seu nome? - pediu pela terceira vez Sua Eminência.

- Athos - respondeu o mosqueteiro.

O cardeal fez um sinal ao escudeiro, que se aproximou.

- Estes três mosqueteiros nos acompanharão - disse em voz baixa. - Não quero que saibam que saí do acampamento, e nos acompanhando teremos certeza de que não dirão a ninguém.

- Somos gentis-homens, Monsenhor - redarguiu Athos. - Peça-nos portanto a nossa palavra e não se preocupem com mais nada. Graças a Deus, sabemos guardar um segredo.

O cardeal cravou os olhos penetrantes no seu atrevido interlocutor.

- Tem bom ouvido, Sr. Athos - observou. - Mas agora escute isto, não é por desconfiança que peço que me sigam, é para minha segurança. Sem dúvida os seus dois companheiros são os Srs. Porthos e Aramis?

- São, Eminência - respondeu Athos, enquanto os dois mosqueteiros, que tinham ficado para trás se aproximavam de chapéu na mão.

- Conheço-os, senhores, conheço-os - disse o cardeal. - Sei que não são inteiramente meus amigos, o que me desgosta, mas também sei que são bravos e leais gentis-homens e que se pode confiar em vocês, Sr. Athos, de-me portanto a honra de me acompanhar, você e os seus dois amigos, e terei uma escolta de causar inveja a Sua Majestade se o encontrarmos.

Os três mosqueteiros inclinaram-se até ao pescoço dos cavalos.

- Bom, pela minha honra, Vossa Eminência tem razão em levar-nos consigo
- disse Athos. - Encontramos na estrada caras horríveis e até tivemos com quatro dessas caras uma disputa no Pombal Vermelho.
- Uma disputa, e porquê, senhores? - perguntou o cardeal. - Não gosto de disputas, como sabem!
- É precisamente por isso que tenho a honra de prevenir Vossa Eminência do que acaba de acontecer, porque poderia sabê-lo por outros em vez de por nós e, baseado num relatório falso, nos considerar culpados.
- E quais foram os resultados dessa disputa? - perguntou o cardeal, franzindo o sobrolho.
- O meu amigo Aramis, aqui presente, recebeu uma pequena espadeirada no braço, mas isso não o impedirá, como Vossa Eminência poderá ver, de subir ao assalto amanhã, se Vossa Eminência ordenar a escalada.
- Mas vocês não são homens para deixar que lhes dêem espadeiradas assim, sem mais nem menos - observou o cardeal. - Vamos, sejam francos, senhores, com certeza se desferraram com algumas, confessem, sabem que tenho o direito de dar a absolvição.
- Eu, Monsenhor, nem sequer empunhei a espada - declarou Athos. - Peguei pelo meio do corpo no que me calhou e atirei-o

pela janela, parece que quando caiu - acrescentou Athos com alguma hesitação -, quebrou uma perna.

- Oh! - exclamou o cardeal. - E você, Sr. Portos?

- Eu, Monsenhor, sabendo que o duelo é proibido, peguei um banco e descarreguei num daqueles bandidos uma pancada que creio lhe quebrou o ombro.

- Muito bem - disse o cardeal. - E você, Sr. Aramis?

- Eu, Monsenhor, como sou de temperamento muito pacato e como, aliás, o que Monsenhor talvez não saiba, estou prestes a tomar ordens, quis separar os meus camaradas, mas um dos miseráveis deu-me traiçoeiramente uma espadeirada que me atravessou o braço esquerdo. Então, perdi a paciência, desembainhei por minha vez a espada e quando ele voltou à carga creio ter sentido que ao lançar-se sobre mim ele próprio se trespassou de lado a lado. Só o vi cair, mas parece-me que o levaram com os seus dois companheiros.

- Diabo, senhores, três homens fora de combate por uma disputa de taberna, é caso para dizer que lhes chegaram bem! - comentou o cardeal. - E a que propósito foi a disputa?

- Os miseráveis estavam bêbados- respondeu Athos - e como sabiam que à noite chegara uma mulher à estalagem, queriam arrombar-lhe a porta.

- Arrombar-lhe a porta! - exclamou o cardeal. - E para quê?

- Para a violarem, sem dúvida - respondeu Athos. - Já tive a honra de dizer a Vossa Eminência que os miseráveis estavam bebados.

- E a mulher era nova e bonita? - perguntou o cardeal, com certa inquietação.

- Não a vimos, Monsenhor - respondeu Athos.

- Não a viram... Muito bem - prosseguiu vivamente o cardeal. - Fizeram bem em defender a honra de uma mulher, e como é à Estalagem do Pombal Vermelho que eu próprio vou, saberei se me disseram a verdade.

- Monsenhor - redarguiu orgulhosamente Athos -, somos gentis-homens e para salvar a cabeça não mentiríamos.

- Por isso não duvido do que me dizem, Sr. Athos, não duvido um só instante. Mas - acrescentou para mudar de assunto -, essa dama estava sozinha?

- A dama tinha um cavalheiro fechado com ela - respondeu Athos. - Mas como, apesar do barulho, o tal cavalheiro não apareceu, é de presumir que seja um covarde.

- Não julgue temerariamente, diz o Evangelho - replicou o cardeal. Athos inclinou-se.

- E agora, senhores - continuou Sua Eminência -, já sei o que queria saber; sigam-me.

Os três mosqueteiros passaram para trás do cardeal, que envolveu de novo a cara na capa e pôs o cavalo em

andamento, mantendo-se oito a dez passos à frente dos seus quatro companheiros. Em breve chegaram à estalagem, silenciosa e solitária, sem dúvida o estalajadeiro sabia que ilustre visitante esperava e, por conseguinte, mandara embora os importunos.

A dez passos da porta, o cardeal fez um sinal ao seu escudeiro e aos três mosqueteiros que parassem, um cavalo selado estava preso ao postigo, o cardeal bateu três pancadas de uma maneira especial.

Um homem embrulhado numa capa saiu imediatamente e trocou umas rápidas palavras com o cardeal; depois montou a cavalo e partiu na direção de Surgères, que era a mesma de Paris.

- Avancem, senhores - disse o cardeal. - Vocês me disseram a verdade, meus gentis-homens - disse ele, dirigindo-se aos três mosqueteiros -, não será por minha causa que o nosso encontro desta noite deixará de ser vantajoso,

entretanto, sigam-me.

O cardeal apeou-se, os três mosqueteiros fizeram o mesmo, o cardeal lançou as rédeas do cavalo para as mãos do seu escudeiro, os três mosqueteiros prenderam as rédeas dos respectivos cavalos nos postigos.

O dono da estalagem estava à porta, para ele, o cardeal não passava de um oficial que vinha visitar uma dama.

- Tem alguma sala no piso térreo onde estes senhores possam me esperar ao perto de uma bela lareira? - disse o cardeal.

O estalajadeiro abriu a porta de uma grande sala, em que justamente um fogão ruim acabava de ser substituído por uma grande e excelente lareira.

- Tenho esta sala - respondeu ele.

- Está bem - disse o cardeal. - Entrem, senhores, e tenham a bondade de esperar por mim; não demorarei mais de meia hora.

E, enquanto os três mosqueteiros entraram na sala do piso térreo, o cardeal, sem pedir mais amplas informações, subiu a escada como quem não precisa que lhe indiquem o caminho.

CAPÍTULO XLIV - DA UTILIDADE DAS CHAMINÉS

Era evidente que, sem saberem e movidos unicamente pelo seu caráter cavalheiresco e aventureiro, os nossos três amigos acabavam de prestar um serviço a alguém que o cardeal honrava com a sua proteção particular.

Afinal quem era esse alguém? Foi a pergunta que os três mosqueteiros começaram a fazer, depois, vendo que nenhuma das respostas que a sua inteligência podia fornecer era satisfatória, Porthos chamou o dono da estalagem e pediu-lhe uns dados.

Porthos e Aramis sentaram-se a uma mesa e puseram-se a jogar. Athos passeou, refletindo. Refletindo e pensando, Athos passava e tornava a passar diante da chaminé do fogão, meio partida, cuja extremidade oposta dava para o quarto de cima, e, cada vez que passava e tornava a passar, ouvia um murmúrio de palavras que acabou por prender a sua atenção. Athos aproximou-se e distinguiu algumas palavras que lhe pareceram merecer um interesse tão grande que fez sinal aos seus companheiros que se calassem, ficando por sua vez curvado e atento, à altura do orifício inferior.

- Escute, Milady - dizia o cardeal -, o caso é importante, sente-se ali e conversemos.
- Milady! - murmurou Athos.
- Escuto Vossa Eminência com a maior atenção - respondeu uma voz de mulher que fez estremecer o mosqueteiro.
- Um pequeno navio com tripulação inglesa, cujo capitão é dos meus, a espera na foz do Charente, no forte de La Pointe, ele se fará ao largo amanhã de manhã.
- Devo então dirigir-me para lá esta noite?

- Agora mesmo, quer dizer, quando tiver recebido as minhas instruções. Dois homens que encontrará à porta quando sair lhe servirão de escolta, você me deixará sair primeiro, em seguida, meia hora depois de mim você sairá.

- Sim, Monsenhor. Agora voltemos à missão que quer me encarregar e, como pretendo continuar a merecer a confiança de Vossa Eminência, digno-se a expô-la em termos claros e precisos, para que eu não cometa nenhum erro.

Houve um instante de profundo silêncio entre os dois interlocutores, era evidente que o cardeal media antecipadamente os termos em que ia falar, e que Milady concentrava todas as suas faculdades intelectuais para compreender as coisas que ele ia dizer e para gravá-las na memória quando fossem ditas.

Athos aproveitou este momento para dizer aos seus dois companheiros que fechassem a porta e para lhes fazer sinal que viessem escutar com ele. Os dois mosqueteiros, que apreciavam o seu conforto, trouxeram uma cadeira para cada um deles, e uma cadeira para Athos. Então, os três sentaram-se, aproximando as cabeças e prestando ouvidos.

- Vai partir para Londres - continuou o cardeal. - Quando chegar a Londres, irá encontrar com Buckingham.

- Observe Vossa Eminência - disse Milady - que, desde o caso das agulhetas de diamantes, pelo qual o duque suspeitou sempre de mim, Sua Graça desconfia de mim.
- Portanto, desta vez - disse o cardeal - já não se trata de captar a sua confiança, mas de se apresentar franca e lealmente perante ele como negociadora.
- Franca e lealmente - repetiu Milady com uma indizível expressão de duplicidade.
- Sim, franca e lealmente - tornou o cardeal no mesmo tom - toda esta negociação deve ser feita a descoberto.
- Seguirei à letra as instruções de Sua Eminência, e aguardo que as dê.
- Irá encontrar com Buckingham da minha parte, e lhe dirá que eu sei de todos os seus preparativos, mas que não me preocupo muito, pois, ao primeiro movimento que ele arriscar, destruo a rainha.
- E ele acreditará que Vossa Eminência tem possibilidades de cumprir a ameaça que lhe faz?
- Sim, pois eu tenho provas.
- É preciso que eu possa apresentar essas provas à sua apreciação.
- Sem dúvida, e lhe dirá que eu publico o relatório de Bois-Robert e do marquês de Beautru sobre a entrevista que o duque teve com a rainha na casa da Sra Condestável, na noite

em que esta deu um baile de máscaras, dirá, para que não duvide de nada, que ele compareceu com o traje do Grão Mongol que devia ser usado pelo Cavaleiro de Guise, e que ele lhe comprou por três mil pistolas.

- Muito bem, Monsenhor.
- Conheço todos os detalhes da sua entrada no Louvre e da sua saída durante a noite em que se introduziu no palácio vestido de adivinho italiano, dirá para que não duvide da autenticidade das minhas informações, que tinha sob a capa um amplo vestido branco semeado de lágrimas negras, de caveiras e de ossos cruzados, pois, em caso de surpresa, devia se fazer passar pelo fantasma da Dama Branca que, como todos sabem, volta ao Louvre sempre que está para realizar-se um grande acontecimento.
- É tudo, Monsenhor?
- Diga-lhe que também sei todos os detalhes da aventura de Amiens, que

mandarei fazer com eles um pequeno romance bem espirituoso, com um plano do jardim e os retratos dos principais atores dessa cena noturna.

- Eu lhe direi isso.
- Diga-lhe ainda que eu tenho Montaigu na mão, que Montaigu está na Bastilha, que não se surpreendeu nenhuma

carta na posse dele, é certo, mas que a tortura pode fazê-lo dizer o que sabe, e até... o que não sabe.

- Perfeitamente.

- Enfim, acrescento que Sua Graça, na precipitação com que abandonou a ilha de Ré, esqueceu nos seus aposentos uma certa carta da Sra de Chevreuse que compromete singularmente a rainha, provando não só que Sua Majestade pode amar os inimigos do rei mas também que conspira com os da França. Gravou tudo o que disse, não é verdade?

- Vossa Eminência que o diga: o baile da Sra Condestável; a noite do Louvre; a noite de Amiens; a prisão de Montaigu; a carta da Sra de Chevreuse.

- É isso - disse o cardeal -, é isso: tem muito boa memória, Milady.

- Mas - respondeu aquela a quem o cardeal acabava de dirigir este elogio -, se, apesar de todas estas razões, o duque não se render e continuar a ameaçar a França?

- O duque está loucamente apaixonado, ou melhor está tolamente apaixonado - prosseguiu Richelieu com profunda amargura - como os antigos paladinos, empreendeu esta guerra unicamente para obter um olhar da sua amada. Se souber que esta guerra pode custar a honra e talvez a liberdade da dama dos seus pensamentos, como ele diz, garanto que pensará duas vezes.

- E contudo - disse Milady com uma persistência que provava que queria tudo bem claro na missão de que ia ser encarregada -, contudo se ele persistir?
- Se ele persistir... - disse o cardeal. - Isso não é provável.
- É possível - disse Milady.
- Se ele persistir... - Sua Eminência fez uma pausa e continuou: - Se persistir, bem, depositarei as minhas esperanças em um desses acontecimentos que modificam a face dos Estados.
- Se Sua Eminência quisesse citar-me na história um desses acontecimentos - disse Milady -, talvez eu partilhasse a sua confiança no futuro.
- Pois bem, aqui a tem! - disse Richelieu. - Por exemplo, quando em 1610, por uma causa muito semelhante à que move o duque, o rei Henrique IV, de gloriosa memória, ia invadir a Flandres e ao mesmo tempo a Itália para atacar a Áustria simultaneamente dos dois lados, ora bem, não houve um acontecimento que salvou a Áustria? Por que não teria o rei de França a mesma sorte que o imperador?
- Vossa Eminência refere-se à fachada da Rua de la Ferronnerie?
- Justamente - disse o cardeal.
- Vossa Eminência não receia que o suplício de Ravailac assuste os que tivessem por um instante a idéia de imitá-lo?

- Em todos os tempos e em todos os países, sobretudo se estes países estiverem divididos por questões religiosas, haverá fanáticos desejosos de se tornarem mártires. E veja, justamente ocorre-me neste momento que os puritanos estão furiosos com o duque de Buckingham e que os seus pregadores o designam como o Anticristo.

- E então? - perguntou Milady.

- Então - continuou o cardeal com ar indiferente -, bastaria, por exemplo, encontrar uma mulher, bela, jovem, hábil, que tivesse de vingar-se pessoalmente do duque. É possível encontrar essa mulher: o duque é um homem de aventuras galantes e, despertou muitos amores com as suas promessas de constância eterna, também deve ter despertado muitos ódios com as suas eternas infidelidades.

- Sem dúvida - disse friamente Milady -, é possível encontrar essa mulher.

- Então! Uma mulher como essa, que meteria a faca de Jacques Clément ou de Ravillac nas mãos de um fanático, salvaria a França.

- Sim, mas seria cúmplice de um assassinato.

- Algum dia se conhecerão os cúmplices de Ravillac ou de Jacques Clément?

- Não, pois talvez estivessem muito alto para que se ousasse ir buscá-los onde estavam: não se incendiaria o Palácio da Justiça por causa de todos eles, Monsenhor.
- Pensa então que o incêndio do Palácio da Justiça não foi obra do acaso? - perguntou Richelieu no tom que adotaria para fazer uma pergunta sem nenhuma importância.
- Eu, Monsenhor - respondeu Milady -, não penso nada, cito um fato e é tudo, apenas digo que, se me chamasse Menina de Montpensier ou rainha de Medieis, tomaria menos precauções do que tomo, chamando-me muito simplesmente Lady Clarick.
- É justo - disse Richelieu -, e então o que desejaria?
- Desejaria uma ordem que ratificasse antecipadamente tudo o que me parecer que devo fazer para o bem da França.
- Mas, primeiro, seria preciso encontrar a mulher que eu disse, e que teria de vingar-se do duque.
- Já foi encontrada - disse Milady.
- Depois, seria preciso encontrar esse miserável fanático que servirá de instrumento à justiça de Deus.
- Nós o encontraremos.
- Pois bem! - disse o duque. - Então será o momento de reclamar a ordem que há pouco pediu.
- Vossa Eminência tem razão - disse Milady -, e eu fiz mal em ver na missão com que me honra uma coisa diferente

daquilo que é na realidade, ou seja, anunciar a Sua Graça, da parte de Sua Eminência, que conhece os diferentes disfarces graças aos quais ele conseguiu aproximar-se da rainha durante a festa oferecida pela Sra Condestável, que tem provas da entrevista concedida no Louvre pela rainha a certo astrólogo italiano que não é senão o duque de Buckingham; que encomendou um pequeno romance, dos mais espirituosos, sobre a aventura de Amiens, com o plano do jardim onde se passou essa aventura e retratos dos atores que nela figuraram, que Montaigu está na Bastilha, e que a tortura pode fazê-lo dizer coisas de que se recorda e até coisas de que teria esquecido, enfim, que possui uma certa carta da Sra de Chevreuse, encontrada nos aposentos de Sua Graça, que compromete singularmente não só quem a escreveu mas também aquela em nome da qual foi escrita. Depois, se ele

persistir apesar de tudo isto, como a minha missão se limita ao que acabo de dizer, só me restará pedir a Deus que faça um milagre para salvar a França. É isto mesmo, não é, Monsenhor, e não tenho outra coisa a fazer?

- É isso mesmo - respondeu secamente o cardeal.
- E agora - disse Milady sem dar mostras de perceber a mudança de tom do duque -, agora que recebi as instruções de Vossa Eminência a propósito dos seus inimigos, Monsenhor permite-me dizer-lhe duas palavras a propósito dos meus?

- E você tem inimigos? - perguntou Richelieu.
- Sim, Monsenhor; inimigos contra os quais me deve todo o seu apoio, pois os fiz a serviço de Vossa Eminência.
- E quais são? - replicou o duque.
- Primeiro, uma pequena intrigante de nome Bonacieux.
- Está na prisão de Mantes.
- Estava, quer dizer - retorquiu Milady -, mas a rainha surpreendeu uma ordem do rei, graças à qual a mandou transportá-la para um convento.
- Para um convento? - disse o duque.
- Sim, para um convento.
- E para qual?
- Ignoro, o segredo foi bem guardado.
- Eu descobrirei!
- E Vossa Eminência me dirá em que convento se encontra essa mulher?
- Não vejo inconveniência nisso - disse o cardeal.
- Muito bem, agora tenho outro inimigo muito mais temível para mim do que essa pequena Sra Bonacieux.
- E qual?
- O seu amante.
- Como se chama?

- Oh! Vossa Eminência o conhece muito bem - exclamou Milady arrebatada pela cólera -, é o nosso gênio mau, é aquele que numa rixa com os guardas de Vossa Eminência, decidiu a vitória a favor dos mosqueteiros do rei, é aquele que espetou três vezes a espada em Wardes, o seu emissário, e que fez fracassar o caso das agulhetas, é aquele, enfim, que, sabendo que fora eu que raptara a Sra Bonacieux, jurou a minha morte.
- Ah! Ah! - disse o cardeal. - Já sei de quem está falando.
- Falo desse miserável D'Artagnan.
- É um valente - disse o cardeal.
- E é justamente por ser um valente que se torna mais temível.
- Seria necessário - disse o duque - ter uma prova dos seus contatos com Buckingham.
- Uma prova! - exclamou Milady. - Eu arranjurei dez.
- Pois bem, então é a coisa mais simples do mundo. Arranje-me essa prova e eu o envio para a Bastilha.
- Muito bem, Monsenhor! E depois?
- Quando se está na Bastilha não há e depois - disse o cardeal com voz surda. - Ah! Palavra - continuou -, se me fosse tão fácil livrar-me do meu inimigo como me é fácil livrar-me dos seus, e se fosse contra gente como essa que me pede a impunidade!...

- Monsenhor - retorquiu Milady -, troca por troca, vida por vida, homem por homem, de-me esse e eu dou-lhe o outro.

- Não sei o que quer dizer - respondeu o cardeal -, nem quero saber, mas desejo ser-lhe agradável e não vejo nenhum inconveniente em dar-lhe o que me pede relativamente a uma criatura tão insignificante, tanto mais que, como me diz, esse pequeno D'Artagnan é um libertino, um duelista, um traidor.

- Um infame, Monsenhor, um infame!

- De-me pois papel, uma pena e tinta - disse o cardeal.

- Aqui tem, Monsenhor.

Fez-se um instante de silêncio que provava que o cardeal estava ocupado procurando os termos em que devia ser escrito o bilhete, ou mesmo escrevê-lo. Athos, que não perdera uma palavra da conversa, deu a mão a cada um dos seus companheiros e conduziu-os ao outro canto da sala.

- Então - disse Porthos -, que quer e por que não nos deixa escutar o fim da conversa?

- Chiu! - disse Athos, falando em voz baixa. - Já ouvimos tudo o que tínhamos de ouvir, não os impeço de escutar o resto, mas eu tenho de sair.

- Tem de sair! - disse Porthos. - E se o cardeal mandar chamá-lo, que responderemos?

- Não esperem que mande me chamar, diga-lhe primeiro que eu parti como batedor porque certas palavras do nosso estalajadeiro me deram razões para pensar que o caminho não era seguro, primeiro direi duas palavras ao escudeiro do cardeal, o resto é comigo, não se preocupem.

- Seja prudente, Athos! - disse Aramis.

- Fiquem tranquilos - respondeu Athos -, sabem que tenho sangue-frio. Porthos e Aramis voltaram para o seu lugar junto da chaminé. Quanto a

Athos, saiu sem nenhum mistério, foi buscar o cavalo preso com o dos seus amigos nos torniquetes dos postigos, com quatro palavras convenceu o escudeiro da necessidade de uma guarda avançada para o regresso, examinou com afectação a escorva das pistolas, pôs a espada entre os dentes e seguiu, sozinho, a estrada que conduzia ao acampamento.

CAPÍTULO XLV - CENA CONJUGAL

Como Athos previra, o cardeal não demorou a descer; abriu a porta da sala onde os três mosqueteiros tinham entrado, e encontrou Porthos jogando encarniçadamente os dados com Aramis. Num relance, vasculhou todos os cantos da sala, e viu que lhe faltava um dos seus homens.

- Que aconteceu ao Sr. Athos? - perguntou.
- Monsenhor - respondeu Porthos -, ele saiu como batedor por causa de algo que nosso estalajadeiro disse, que o fez crer que a estrada não era segura.
- E você o que fez, Sr. Porthos?
- Ganhei cinco pistolas de Aramis.
- E agora, podem voltar comigo?
- Estamos às ordens de Vossa Eminência.
- Então, a cavalo, meus senhores, pois já é tarde.

O escudeiro estava à porta, e segurava as rédeas do cavalo do cardeal. Um pouco mais longe, um grupo de dois homens e três cavalos aparecia na sombra, estes dois homens eram os que deviam conduzir Milady ao forte de La Pointe, e vigiar o seu embarque.

O escudeiro confirmou ao cardeal o que os dois mosqueteiros já lhe haviam dito a propósito de Athos. O cardeal fez um gesto de aprovação, e pôs-se a caminho, rodeando-se no regresso das mesmas precauções que tomara à partida.

Vamos deixá-lo seguir o caminho do campo, protegido pelo escudeiro e pelos dois mosqueteiros, e voltemos a Athos.

Durante uma centena de passos, Athos seguira com o mesmo galope, mas, uma vez fora de vista, lançara o cavalo para a

direita, fizera um desvio, e voltara uns vinte passos atrás, no talude, para espreitar a passagem do pequeno grupo, tendo reconhecido os chapéus debruados dos seus companheiros e a franja dourada da capa do Sr. Cardeal, esperou que os cavaleiros dobrassem a curva da estrada e, quando os perdeu de vista, voltou a galope à estalagem, cuja porta lhe foi aberta sem dificuldade.

O estalajadeiro reconheceu-o.

- O meu oficial - disse Athos - esqueceu-se de fazer uma recomendação importante à dama do primeiro andar e enviou-me para reparar o seu esquecimento.

- Suba - disse o estalajadeiro -, ela ainda está no quarto.

Athos aproveitou a permissão, subiu a escada com o passo mais ligeiro que tinha, chegou ao patamar e, através da porta entreaberta, viu Milady, prendendo as fitas do chapéu.

Entrou no quarto e fechou a porta. Ao ruído que ele fez correndo o ferrolho, Milady virou-se para trás. Athos estava de pé diante da porta, embrulhado na sua capa, com o chapéu caído sobre os olhos. Ao ver esta figura muda e queda como uma estátua, Milady teve medo.

- Quem é você e o que quer? - exclamou.

- É mesmo ela! - murmurou Athos.

E, deixando cair a capa e reerguendo o chapéu de feltro, avançou para Milady.

- Está me reconhecendo, minha senhora?

Milady deu um passo em frente, depois recuou como se tivesse visto uma serpente.

- Vamos - disse Athos -, está bem, vejo que me reconhece.

- O conde de La Fere! - murmurou Milady empalidecendo e recuando até que a parede a impediu de ir mais longe.

- Sim, Milady - respondeu Athos -, o conde de La Fere em pessoa, que vem expressamente do outro mundo para ter o prazer de vê-la. Sente-se, e conversemos, como diz Monsenhor o cardeal.

Milady, dominada por um terror inexprimível, sentou-se sem proferir uma palavra.

- Você é então um demônio enviado à terra? - disse Athos. - O seu poder é grande, eu sei, mas você também sabe que, com a ajuda de Deus, os homens venceram muitas vezes os demônios mais terríveis. Já se atravessou no meu caminho, eu julgava que tinha vencido, minha senhora, mas, ou eu me enganava

ou o inferno a ressuscitou.

Ao ouvir estas palavras que lhe traziam lembranças pavorosas, Milady baixou a cabeça com um gemido surdo.

- Sim, o inferno a ressuscitou - continuou Athos -, o inferno a enriqueceu, o inferno lhe deu outro nome, o inferno quase lhe deu outro rosto, mas não apagou nem as manchas da sua alma nem a baixeza do seu corpo.

Milady ergueu-se como que impelida por uma mola e os seus olhos lançaram chispas. Athos ficou sentado.

- Achava que eu estava morto, não é verdade, como eu a julgava morta? E o nome Athos escondera o conde de La Fere, como o nome milady Clarick escondera Anne de Breuil! Não era assim que se chamava quando o seu honrado irmão nos casou? A nossa situação é realmente estranha - prosseguiu Athos rindo -, até agora um e outro apenas vivemos porque achavam que estávamos mortos, e porque uma lembrança incomoda menos que uma criatura, embora, por vezes, seja uma coisa que devora!

- Mas, enfim - disse Milady com voz surda -, que o traz até mim? E que quer de mim?

- Quero dizer-lhe que, embora permanecendo invisível para os seus olhos, eu não a perdi de vista!

- Sabe o que fiz?

- Posso contar-lhe dia após dia as suas ações, desde a sua entrada ao serviço do cardeal até esta noite.

Um sorriso de incredulidade passou pelos lábios pálidos de Milady.

- Escute: foi você que cortou as duas agulhetas de diamantes do ombro do duque de Buckingham, foi você que mandou raptar a Sra Bonacieux, foi você que, apaixonada por De Wardes e julgando passar a noite com ele, abriu sua porta ao Sr. D'Artagnan, foi você que, pensando que De Wardes a enganara, quis mandar o seu rival matá-lo, foi você que, quando o seu rival descobriu o seu infame segredo, quis mandar matá-lo por sua vez, enviando dois assassinos em sua perseguição, foi você que, vendo que as balas haviam falhado o seu alvo, enviou vinho envenenado com uma carta falsa, para fazer crer à vítima que esse vinho fora mandado pelos seus amigos, foi você enfim, que veio aqui, a este quarto, sentada nesta cadeira onde eu estou, assumir com o cardeal de Richelieu o compromisso de mandar assassinar o duque de Buckingham, em troca da promessa que ele lhe fez de deixar assassinar D'Artagnan.

Milady estava lívida.

- Mas então você é Satã? - disse ela.

- Talvez - disse Athos - mas, em todo o caso, escute bem o seguinte: Assassine ou mande assassinar o duque de Buckingham, pouco me importa! Não o conheço: além disso, é um inglês; mas não toque em um cabelo de D'Artagnan, que é um amigo fiel que eu estimo e defendo, ou, eu juro por meu pai, o crime que cometer será o último.

- O Sr. D'Artagnan ofendeu-me cruelmente - disse Milady com voz surda -, o Sr. D'Artagnan morrerá.
- Na verdade, é possível que lhe ofendam, minha senhora? - disse Athos rindo. - Ele a ofendeu e morrerá?
- Morrerá - replicou Milady -, primeiro ela, depois ele.

Athos teve como que uma vertigem: a vista daquela criatura, que nada tinha de mulher, trouxe-lhe lembranças terríveis, pensou que, um dia, em uma situação menos perigosa do que aquela em que se encontrava, já havia querido sacrificá-la à sua honra, o seu desejo de assassinio voltou-lhe, escaldante, e invadiu-o como uma febre ardente: ergueu-se por sua vez, levou a mão ao cinto, tirou uma pistola e engatilhou-a.

Milady, pálida como um cadáver, quis gritar, mas a sua língua gelada só pôde proferir um som rouco que nada tinha da palavra humana e que parecia o arquejar de um animal selvagem, colada à escura tapeçaria, ela surgia, com os cabelos espalhados, como a imagem pavorosa do terror.

Athos levantou lentamente a pistola, estendeu o braço de maneira que a arma quase tocasse a fronte de Milady, depois, com uma voz ainda mais terrível pois tinha a calma suprema de uma inflexível resolução:

- Minha senhora - disse ele -, vai me entregar neste mesmo instante o papel que o cardeal assinou, ou, pela minha alma, faço-lhe saltar os miolos.

Com outro homem, Milady poderia conservar algumas dúvidas, mas conhecia Athos, todavia, permaneceu imóvel.

- Tem um segundo para se decidir - disse ele.

Pela contração do seu rosto, Milady viu que o tiro ia ser disparado, levou vivamente a mão ao peito, tirou um papel e estendeu-o a Athos.

- Aqui está - disse ela -, e maldito seja.

Athos pegou o papel, tornou a meter a pistola no cinto, aproximou-se do candeeiro para se certificar de que era mesmo aquele e leu:

Foi por minha ordem e para bem do Estado que o portador da presente fez o que fez. 5 de Dezembro de 1627

RICHELIEU

- E agora - disse Athos, pegando a capa e pondo o chapéu na cabeça -, agora que lhe arranquei os dentes, víbora, morda se puder.

E saiu do quarto sem olhar para trás. À porta, encontrou os dois homens e o cavalo que seguravam.

- Meus senhores - disse ele -, como sabem, a ordem de Monsenhor é conduzir esta mulher, sem perda de tempo, ao forte de La Pointe e só a largar quando estiver a bordo.

Como estas palavras concordavam efetivamente com a ordem que haviam recebido, eles inclinaram a cabeça em sinal de assentimento.

Quanto a Athos, saltou para a sela e partiu a galope, porém, em vez de ir pela estrada, seguiu através dos campos esporeando vigorosamente o cavalo e parando de vez em quando para escutar.

Numa destas paradas, ouviu na estrada o passo de vários cavalos. Não duvidou de que fosse o cardeal e a sua escolta. Imediatamente tornou a avançar, esfregou o cavalo com urze e folhas de árvores, e foi atravessar-se na estrada a cerca de duzentos passos do acampamento.

- Quem vem lá? - gritou ele de longe quando avistou os cavaleiros.

- Creio que é o nosso bravo mosqueteiro - disse o cardeal.

- Sim, Monsenhor - respondeu Athos -, ele mesmo.

- Sr. Athos - disse o cardeal -, receba os meus agradecimentos pela boa guarda que me fez, meus senhores, chegamos: entrem pela porta à esquerda, a senha é Rei e Ré.

Dizendo estas palavras, o cardeal saudou com a cabeça os três amigos, e virou à direita, seguido pelo seu escudeiro, pois, nessa noite, ele próprio pernoitava no acampamento.

- Pois bem! - disseram em uníssono Porthos e Aramis quando o cardeal ficou fora do alcance da voz. - Pois bem, ele assinou o papel que ela lhe pedia.

- Já sei - disse tranquilamente Athos -, pois aqui o tenho.

E os três amigos não trocaram mais nenhuma palavra até ao quartel, exceto para darem a senha às sentinelas. Contudo, mandaram Mousqueton dizer a Planchet que o seu amo, quando fosse rendido na trincheira, devia comparecer no mesmo instante nos aposentos dos mosqueteiros.

Por outro lado, como Athos previra, Milady, encontrando à porta os homens que a esperavam, não se opôs em segui-los, bem tivera, por um instante, vontade de se fazer conduzir à presença do cardeal e de lhe contar tudo, mas uma revelação da sua parte provocaria uma revelação da parte de Athos: ela diria que Athos a tinha enforcado, mas Athos diria que ela estava marcada, pensou que mais valia ficar calada, partir discretamente, cumprir com a sua habilidade usual a difícil missão que se encarregara, depois, cumpridas todas as coisas de modo a satisfazer o cardeal, vir reclamar a sua vingança.

Por conseguinte, depois de ter viajado toda a noite, às sete horas da manhã estava no forte de La Pointe, às oito tinha embarcado e às nove, o navio que, com as insígnias do cardeal, era suposto partir para Bayonne, levantava âncora e rumava para a Inglaterra.

CAPÍTULO XLVI - O BASTIÃO SAINT-GERVAIS

Ao chegar junto dos seus três amigos, D'Artagnan encontrou-os reunidos no mesmo quarto: Athos refletia, Porthos frisava o bigode. Aramis rezava as suas orações por um encantador livrinho de Horas encadernado em veludo azul.

- Meus senhores! - disse ele. - Espero que o que tem para me dizer valha a pena, senão previno que não os perdoarei por me terem feito vir aqui, em vez de me deixar descansar após uma noite passada tomando e a desmantelando um bastião. Ah! Que pena que não estiveram lá, meus senhores! Aquilo esteve quente!

- Estávamos em outro lugar, onde também não estava frio!
- respondeu Porthos, retorcendo o bigode de uma forma que lhe era peculiar.

- Chiu! - disse Athos.

- Oh! Oh! - exclamou D'Artagnan, compreendendo o ligeiro franzir de sobrolho do mosqueteiro. - Parece que aqui há novidade.

- Aramis - disse Athos -, anteontem você foi almoçar na estalagem do Parpaillot, creio eu.

- Sim.

- E que tal?

- Comi bastante mal, anteontem era dia de jejum, e eles só tinham carne.

- O quê? - disse Athos. - Num porto de mar não têm peixe?

- Dizem - continuou Aramis, voltando à sua piedosa leitura - que o dique que o Sr. Cardeal mandou construir os afasta para o mar alto.

- Mas não era isso que lhe perguntei, Aramis - respondeu Athos -, perguntei se esteve à vontade e se ninguém o incomodou.

- Parece que não tivemos muitos importunos. Sim, de fato, quanto àquilo que quer dizer, Athos, estaremos bem no Parpaillot.

- Então vamos ao Parpaillot - disse Athos -, pois aqui as paredes são finas como folhas de papel.

D'Artagnan, que estava habituado às maneiras do seu amigo e que imediatamente reconhecia em uma palavra, em um gesto, em um sinal da parte dele, que as circunstâncias eram graves, deu o braço a Athos e saiu com ele sem dizer nada, Porthos seguiu-os, conversando com Aramis.

No caminho encontraram Grimaud, Athos lhe fez sinal para que o seguisse, Grimaud, como de costume, obedeceu em silêncio, o pobre rapaz quase esquecera como falar.

Chegaram à taberna do Parpaillot: eram sete horas da manhã, o dia começava a raiar, os três amigos mandaram vir o almoço e entraram numa sala onde, como o estalajadeiro dizia, não deviam ser incomodados.

Infelizmente a hora era mal escolhida para uma reunião, acabava de tocar a alvorada, cada um sacudia o sono da noite, e, para afastar o ar úmido da manhã, vinha beber uma pinga na taberna: dragões, suíços, guardas, mosqueteiros, cavalaria ligeira sucediam-se com uma rapidez que devia ser muito boa para o estalajadeiro, mas que não convinha nada aos quatro amigos. Assim, estes respondiam com muito mau humor aos cumprimentos, aos brindes e aos gracejos dos seus companheiros.

- Vamos! - disse Athos. - Ainda vamos provocar alguma briga e neste momento, isto não nos convém. D'Artagnan, conte-me a sua noite que depois nós contaremos a nossa.

- Com efeito - disse um soldado da cavalaria ligeira que se bamboleava com um copo de aguardente na mão, saboreando-o lentamente -, sim, com efeito, estava na trincheira esta noite, senhor guarda, e parece que teve contas a ajustar com os rocheleses.

D'Artagnan olhou para Athos, para saber se devia responder àquele intruso que se metia na conversa.

- Então - disse Athos -, não está ouvindo o Sr. de Busigny que lhe fez a honra de dirigir a palavra? Conte o que aconteceu esta noite, já que estes senhores desejam saber.

- Não tomou um bastião? - perguntou um suíço que tomava rum em uma caneca de cerveja.

- Sim senhor - respondeu D'Artagnan, inclinando-se -, tivemos essa honra e até, como devem ter ouvido, introduzimos num dos ângulos um barril de pólvora que, ao explodir, abriu uma linda brecha, sem contar que, como o bastião já não era novo, todo o resto do edifício ficou bastante abalado.

- E que bastião foi? - perguntou um dragão que trazia espetado no sabre um ganso para assar.

- O bastião Saint-Gervais - respondeu D'Artagnan -, por trás do qual os rocheleses inquietavam os nossos trabalhadores.

- E a coisa esteve acesa?

- Esteve, esteve, perdemos cinco homens, e os rocheleses uns oito ou dez.
- Com os diabos! - exclamou o suíço que, apesar da admirável coleção de pragas que a língua alemã possui, se habituara a praguejar em francês.
- Mas é provável - disse o soldado de cavalaria ligeira - que eles mandem esta manhã alguns pioneiros para reconstruírem o bastião.
- Sim, é possível - disse D'Artagnan.
- Meus senhores - disse Athos -, uma aposta!
- Ah! Sim! Uma aposta! - disse o suíço.
- Qual? - perguntou o soldado de cavalaria ligeira.
- Espere - disse o dragão, pousando o sabre como um espeto sobre os dois grandes cães de ferro da chaminé -, já vou. Maldito estalajadeiro! Uma pingadeira imediatamente para eu não perder uma gota de gordura desta preciosa ave.
- Ele tem razão - disse o suíço -, a gordura de ganso é muito boa com compotas.
- Pronto! - disse o dragão. - Agora vamos à aposta! Somos todos ouvidos, Sr. Athos!
- Sim, a aposta! - disse o soldado de cavalaria ligeira.
- Ora! Sr. de Busigny, aposto com o senhor - disse Athos - que os meus três companheiros, senhores Porthos, Aramis,

D'Artagnan e eu vamos almoçar no bastião Saint-Gervais e que nos aguentamos lá dentro uma hora, faça o inimigo o que fizer para nos desalojar.

Porthos e Aramis entreolharam-se, começavam a compreender.

- Mas - disse D'Artagnan, debruçando-se sobre o ouvido de Athos -, vai fazer que nos matem sem misericórdia.

- Bem mais mortos ficaremos - respondeu Athos - se não formos.

- Ah! Palavra! Meus senhores - disse Porthos reclinando-se na cadeira e frisando o bigode -, eis uma bela aposta, espero eu.

- Então aceito - disse o Sr. de Busigny - agora é preciso fixar o preço.

- Mas vocês são quatro, meus senhores - disse Athos -, e nós somos quatro, um jantar à discrição para oito. De acordo?

- Perfeitamente - respondeu o de Busigny.

- De acordo - disse o suíço.

O quarto auditor que, durante toda a conversa, desempenhara um papel mudo, fez um sinal com a cabeça para mostrar que concordava com a proposta.

- O almoço dos senhores está pronto - disse o estalajadeiro.

- Pois então traga-o - disse Athos.

O estalajadeiro obedeceu. Athos chamou Grimaud, mostrou-lhe um grande cesto que estava em um canto e fez o gesto de embrulhar em uns guardanapos as carnes que tinham sido trazidas.

- Mas onde vão comer o meu almoço? - disse o estalajadeiro.

- Que importa - disse Athos - desde que lhe paguem? E atirou majestosamente duas pistolas para cima da mesa.

- Devo dar-lhes o troco, meu oficial? - disse o estalajadeiro.

- Não, junte só duas garrafas de vinho de Champagne, e a diferença fica

para os guardanapos.

O estalajadeiro não fazia um negócio tão bom como a princípio julgara, mas compensou a coisa enviando aos quatro convivas duas garrafas de Anjou em vez das duas garrafas de vinho de Champagne.

- Senhor de Busigny - disse Athos -, quer acertar o seu relógio pelo meu, ou permitir-me que acerte o meu pelo seu?

- Perfeitamente, senhor! - disse o soldado de cavalaria ligeira, tirando do bolso um belo relógio rodeado de diamantes.

- Sete horas e meia - disse ele.

- Sete horas e trinta e cinco minutos - disse Athos - ficamos sabendo que estou cinco minutos adiantado, senhor.

E, saudando os assistentes atônitos, os quatro jovens dirigiram-se para o bastião Saint-Gervais, seguidos por Grimaud, que levava o cesto, sem saber onde ia mas que, tendo se habituado com Athos à obediência passiva, nem sequer pensava em perguntar.

Enquanto estavam dentro do recinto do acampamento, os quatro amigos não trocaram uma palavra, aliás, eram seguidos por alguns curiosos que, conhecendo a aposta feita, queriam saber como é que eles iam se arranjar.

Mas, logo que transpuseram a linha de circunvalação e que se acharam ao ar livre, D'Artagnan, que ignorava completamente do que se tratava, achou que era o momento de pedir uma explicação.

- E agora, meu caro Athos - disse ele -, tenha diga-me onde vamos.

- É como está vendo - disse Athos -, vamos para o bastião.

- E que vamos fazer lá?

- Ora, vamos almoçar.

- E por que não almoçamos no Parpailot?

- Porque temos coisas muito importantes para dizer uns aos outros e era impossível conversar cinco minutos naquela estalagem com aqueles importunos todos que entram, saem,

cumprimentam, acostam, aqui ao menos - continuou Athos, apontando para o bastião -, não virão nos importunar.

- Parece-me - disse D'Artagnan com aquela prudência que na sua pessoa se aliava tão bem e tão naturalmente a uma excessiva bravura -, parece-me que podíamos ter encontrado algum lugar afastado nas dunas, à beira-mar.

- Onde nos veriam conversando os quatro juntos, de modo que ao fim de um quarto de hora o cardeal seria prevenido pelos seus espões de que tínhamos nos reunido.

- Sim - disse Aramis -, Athos tem razão: Animadvertuntur in dem senis.

- Um deserto não seria mau - disse Porthos -, mas não se podendo encontrar nenhum.

- Não há deserto em que um pássaro não possa passar por cima da cabeça, em que um peixe não possa saltar fora d'água, em que um coelho não possa sair da sua toca, e eu acho que pássaro, peixe, coelho, tudo se fez espão do cardeal. Portanto mais vale prosseguir a nossa empresa, diante da qual não podemos, aliás, recuar sem passarmos por uma vergonha, fizemos uma aposta, uma aposta que não podia ser prevista e cuja verdadeira causa eu desafio seja quem for a adivinhar: para a ganhar, vamos aguentar uma hora no bastião. Ou seremos atacados ou não seremos. Se não formos, teremos tempo para conversar e ninguém nos ouvirá, pois eu garanto que as paredes deste bastião

não têm ouvidos, se formos, conversaremos na mesma, e além disso, nos defendendo, nos cobriremos de glória. Bem se vê que só há vantagens.

- Sim - disse D'Artagnan -, mas levaremos indubitavelmente uma bala.

- Meu caro - disse Athos -, você sabe que as balas mais temíveis não são as do inimigo.

- Mas parece-me que para semelhante expedição devíamos ao menos levar os nossos mosquetes.

- Você é um ingênuo, amigo Porthos, por que nos havíamos de sobrecarregar com um fardo inútil?

- Um bom mosquete de calibre, doze cartuchos e um polvorinho diante do inimigo não me parecem inúteis.

- Oh! - disse Athos. - Não ouviiu o que disse D'Artagnan?

- Que disse D'Artagnan? - perguntou Porthos.

- D'Artagnan disse que no ataque desta noite houve uns oito ou dez franceses mortos e outros tantos rocheleses.

- E depois?

- Não tiveram tempo de despojá-los, não é? Pois, no momento, tinham uma coisa mais urgente a fazer.

- E então?

- Então, vamos encontrar os seus mosquetes, os seus polvorinhos e os seus cartuchos, e, em vez de quatro mosquetes e de doze balas, teremos umas quinze espingardas e uma centena de tiros a disparar.

- Ó Athos - disse Aramis. - Você é realmente um grande homem! Porthos inclinou a cabeça em sinal de adesão.

Apenas D'Artagnan não parecia convencido.

Sem dúvida Grimaud partilhava as dúvidas do jovem, pois, vendo que continuavam a caminhar para o bastião, coisa de que até então duvidara, puxou uma ponta da casaca do seu amo.

- Onde vamos? - perguntou por gestos. Athos mostrou-lhe o bastião. Grimaud pousou o cesto no chão e sentou-se, abanando a cabeça.

Athos tirou uma pistola do cinto, verificou se estava bem escorvada, engatilhou-a e aproximou o cano da orelha de Grimaud. Grimaud pôs-se de pé como uma mola. Então Athos fez-lhe sinal que pegasse no cesto e que caminhasse à frente. Grimaud obedeceu. Tudo o que o pobre moço ganhara com esta pantomina de um instante fora passar da retaguarda para a vanguarda.

Ao chegar ao bastião, os quatro amigos viraram-se para trás.

Mais de trezentos soldados de todas as armas estavam aglomerados à porta do acampamento, e em um grupo

separado podia-se distinguir o Sr. de Busigny, o dragão, o suíço e o quarto apostador.

Athos tirou o chapéu, colocou-o na ponta da espada e agitou-o no ar.

Todos os espectadores responderam à sua saudação, acompanhando esta cortesia com um grande hurra que chegou até eles. Depois disto, os quatro desapareceram no bastião, onde Grimaud já os havia precedido.

CAPÍTULO XLVII - O CONSELHO DOS MOSQUETEIROS

Como Athos previra, o bastião estava ocupado unicamente por uma dúzia de mortos, tanto franceses como rocheleses.

- Meus senhores - disse Athos, que assumira o comando da expedição -, enquanto Grimaud vai pôr a mesa, comecemos por recolher as espingardas e os cartuchos, podemos aliás conversar enquanto executamos esta tarefa. Estes senhores - acrescentou, designando os mortos -, não nos escutam.

- Mas podíamos atirá-los para o fosso - disse Porthos -, depois de termos verificado que não têm nada nos bolsos.

- Sim - disse Aramis -, isso é com Grimaud.

- Ah, bom - disse D'Artagnan. - Então Grimaud que os reviste e que os atire das muralhas.

- Nem pensar nisso - disse Athos -, podem nos ser úteis.
- Estes mortos podem ser úteis? - disse Porthos. - Ora essa! Enlouqueceu, caro amigo.
- Não julgue temerariamente, dizem o Evangelho e o Sr. Cardeal - respondeu Athos. - Quantas espingardas, meus senhores?
- Doze - respondeu Aramis.
- Quantos tiros a disparar?
- Uma centena.
- É quanto nos basta; carreguemos as armas.

Os quatro mosqueteiros meteram mãos à obra. Quando acabavam de carregar a última espingarda, Grimaud fez sinal de que o almoço estava servido.

Athos respondeu, sempre por gestos, que estava bem, e indicou a Grimaud uma espécie de guarita onde este compreendeu que devia pôr-se de sentinela. Contudo, para suavizar o aborrecimento da façção, Athos permitiu-lhe que levasse um pão, duas costeletas e uma garrafa de vinho.

- E agora para a mesa - disse Athos.

Os quatro amigos sentaram-se no chão, de pernas cruzadas como os turcos ou como os alfaiates.

- Ah! Agora - disse D'Artagnan - que já não tem medo de que te ouçam, espero que nos conte o seu segredo, Athos.

- Espero proporcionar-lhes ao mesmo tempo prazer e glória, meus senhores - disse Athos. - Fiz-lhes dar um passeio encantador, eis um almoço dos mais suculentos, e cinco pessoas além, como podem ver através das seteiras, que nos tomam por doidos ou por heróis, duas classes de imbecis muito parecidas.

- E o segredo? - perguntou D'Artagnan.

- O segredo - disse Athos - é que vi Milady ontem à noite.

D'Artagnan levava o copo aos lábios mas, ao ouvir este nome a mão tremeu-lhe tanto que o pousou no chão para não derramar o conteúdo.

- Viu a sua mu...

- Chiu! - interveio Athos. - Esqueça, meu caro, que estes senhores não foram iniciados como você nos segredos das minhas questões domésticas, vi Milady.

- E onde? - perguntou D'Artagnan.

- Mais ou menos a duas léguas daqui, na estalagem do Colombier-Rouge.

- Nesse caso, estou perdido - disse D'Artagnan.

- Não, ainda não totalmente - disse Athos -, pois a estas horas ela deve ter deixado as costas da França.

D'Artagnan respirou fundo.

- Mas afinal - perguntou Porthos -, quem é essa Milady?
- Uma mulher encantadora - disse Athos, saboreando um copo de vinho espumante. - O canalha do estalajadeiro! - exclamou ele. - Deu-nos vinho de Anjou por vinho de Champagne, e acha que nos deixamos enganar! Sim - continuou -, uma mulher encantadora que teve algumas condescendências com o nosso amigo D'Artagnan, que lhe fez não sei que maldade da qual ela tentou vingar-se há um mês, querendo mandar matá-lo a golpes de mosquete, há oito dias tentando envenená-lo, e ontem pedindo a sua cabeça ao cardeal.
- O quê? Pedindo a minha cabeça ao cardeal? - exclamou D'Artagnan, pálido de terror.
- Isso é verdade como o Evangelho, - disse Porthos - eu próprio o ouvi.
- Eu também - disse Aramis.
- Então - disse D'Artagnan, deixando cair o braço com desânimo -, é inútil continuar a lutar; o melhor é dar um tiro na cabeça e acabar com tudo!
- Isso é o último disparate a fazer - disse Athos -, já que é o único para o qual não há remédio.
- Mas eu nunca escaparei - disse D'Artagnan -, com inimigos como esses. Primeiro o meu desconhecido de Meung, depois De Wardes, a quem dei três golpes de espada, depois

Milady, cujo segredo eu surpreendi, enfim, o cardeal, cuja vingança fiz fracassar.

- Pois bem! - disse Athos. - São apenas quatro e nós somos quatro, um contra um. Com a breca! Se acreditamos nos sinais que nos faz Grimaud, vamos ter de nos ver com muito mais gente. Que há, Grimaud? Considerando a gravidade da circunstância, permito-lhe que fale, meu amigo, mas seja lacônico. Que está vendo?

- Um grupo.

- De quantas pessoas?

- De vinte homens.

- Que homens?

- Dezesseis peões, quatro soldados.

- A quantos passos estão?

- A quinhentos passos.

- Bom, ainda temos tempo de acabar esta ave e de beber um copo de vinho à sua saúde, D'Artagnan!

- À sua saúde! - repetiram Porthos e Aramis.

- Pois muito bem, à minha saúde! Embora não me pareça que os seus votos me sirvam de muito.

- Ora! - disse Athos. - Deus é grande, como dizem os sectários de Maomé, e o futuro está nas suas mãos.

Depois, emborcando o conteúdo do seu copo, que pousou junto de si, Athos levantou-se indolentemente, pegou a primeira espingarda e aproximou-se de uma seteira.

Porthos, Aramis e D'Artagnan fizeram o mesmo. Quanto a Grimaud,

recebeu ordem de pôr-se atrás dos quatro amigos para recarregar as armas.

Passado um instante viram aparecer o grupo, seguia uma espécie de cotovelo da trincheira que estabelecia uma comunicação entre o bastião e a cidade.

- Palavra! - disse Athos. - Vale bem a pena incomodar-nos por causa de uns vinte engraçados armados de picaretas, de enxadas e de pás! Bastava que Grimaud lhes tivesse feito sinal para irem embora e estou convencido de que nos teriam deixado em paz.

- Duvido - observou D'Artagnan -, pois avançam com bastante determinação deste lado. Aliás, vêm com os trabalhadores quatro soldados e um brigadeiro, armados de mosquetes.

- É porque não nos viram - retorquiu Athos.

- Palavra de honra! - disse Aramis. - Confesso que sinto repugnância de atirar sobre esses pobres diabos burgueses.

- Mau sacerdote - respondeu Porthos -, que tem pena dos hereges!

- Na verdade - disse Athos -, Aramis tem razão. Vou preveni-los.

- Que diabo está fazendo? - exclamou D'Artagnan. - Vai se matar, meu caro.

Mas Athos não ligou ao aviso e, subindo para a fenda, com a espingarda

numa das mãos e o chapéu na outra, gritou:

- Meus senhores - disse ele, dirigindo-se aos soldados e aos trabalhadores que, espantados com a sua aparição, estacavam a cerca de cinquenta passos do bastião, e saudando-os cortesmente -, meus senhores, nós estamos, alguns amigos e eu, almoçando neste bastião. Ora, sabem que não há nada tão desagradável como ser incomodado durante o almoço, portanto, pedimos, se tem absolutamente que fazer aqui, que esperem que terminemos a nossa refeição ou que passem mais tarde, a menos que tenham o salutar desejo de largar o partido da rebelião e de vir beber conosco à saúde do rei de França.

- Tome cuidado, Athos! - exclamou D'Artagnan. - Não vê que apontam para você?

- Sim, sim - disse Athos -, mas são uns burgueses que atiram muito mal, e que estão bem longe de me atingir.

Com efeito, no mesmo instante, quatro balas de espingarda foram disparadas, e as balas vieram cravar-se à volta de Athos, mas nenhuma o atingiu.

Quatro tiros de espingarda responderam-lhes quase ao mesmo tempo, mas eram melhor dirigidos que os dos agressores; três soldados caíram mortos, e um dos trabalhadores ficou ferido.

- Grimaud, outro mosquete! - disse Athos, sempre na fenda. Grimaud obedeceu imediatamente. Por seu lado, os três amigos tinham carregado as suas armas, uma segunda descarga seguiu a primeira: o brigadeiro e dois pioneiros caíram mortos e o resto do grupo desatou a fugir.

- Vamos, meus senhores, uma surtida - disse Athos.

E os quatro amigos, lançando-se fora do forte, chegaram ao campo de batalha, recolheram os quatro mosquetes dos soldados e a meia lança do brigadeiro e, convencidos de que os fugitivos só iam parar na cidade, retomaram o caminho do bastião, trazendo os troféus da sua vitória.

- Recarregue as armas, Grimaud - disse Athos -, e nós, meus senhores,

recomecemos o nosso almoço e continuemos a nossa conversa. Onde estávamos?

- Eu lembro-me - disse D'Artagnan, que se preocupava bastante com o itinerário que Milady devia seguir.
- Vai para Inglaterra - respondeu Athos.
- E com que finalidade?
- Com a finalidade de assassinar ou mandar assassinar Buckingham. D'Artagnan soltou uma exclamação de surpresa e de indignação.
- Mas isso é infame! - exclamou.
- Oh! Quanto a isso - disse Athos -, peço-lhe que acredite que me inquieto muito pouco. Agora que acabou, Grimaud - continuou Athos -, pegue a meia-lança do nosso brigadeiro, amarre-lhe um guardanapo e espete-a no alto do nosso bastião, a fim de que esses rebeldes rocheleses vejam que somos bravos e leais soldados do rei.

Grimaud obedeceu sem responder. Passado um instante, a bandeira branca flutuava por cima da cabeça dos quatro amigos, uma trovada de aplausos saudou o seu aparecimento, metade do acampamento estava nas barreiras.

- O quê? - replicou D'Artagnan. - Inquieta-se muito pouco com o fato de que ela mate ou mande matar Buckingham? Mas o duque é nosso amigo.

- O duque é inglês, o duque combate contra nós, ela que faça o que quiser com o duque que eu me importo tanto com isso como com uma garrafa vazia.

E Athos atirou a quinze passos a garrafa que segurava e que acabava de verter até à última gota no seu copo.

- Um instante - disse D'Artagnan -, eu não abandono Buckingham assim, ele tinha nos dado uns cavalos muito bons.

- E sobretudo umas ricas selas - acrescentou Porthos, que, nesse preciso momento, trazia na capa o galão da sua.

- Além disso - observou Aramis -, Deus quer a conversão e não a morte do pecador.

- Amen - disse Athos -, e se isso lhe agrada, voltaremos a falar neste assunto mais tarde, mas o que, de momento, mais me preocupava, e estou certo de que você compreenderá, D'Artagnan, era tirar dessa mulher uma espécie de assinatura em branco que ela extorquiria do cardeal, e graças à qual devia impunemente livrar-se de você e talvez de nós.

- E essa assinatura em branco - disse D'Artagnan -, essa assinatura em branco ficou nas suas mãos?

- Não, passou para as minhas, não direi que foi sem dificuldade, por exemplo, pois estaria a mentir.

- Meu caro Athos - disse D'Artagnan -, já não têm conta as vezes que me salvou a vida.

- Então era para ir encontrá-la que nos deixou? - perguntou Aramis.

- Justamente.

- E tem essa carta do cardeal? - disse D'Artagnan.

- Aqui está - disse Athos.

E tirou o precioso papel do bolso da casaca.

D'Artagnan desdobrou-o com mão cujo tremor nem sequer tentava dissimular e leu:

Foi por minha ordem e para bem do Estado que o portador da presente fez o que fez. 5 de Dezembro de 1627.

RICHELIEU.

- Com efeito - disse Aramis -, é uma absolvição dentro das regras.

- Melhor rasgar esse papel - exclamou D'Artagnan, que parecia ler a sua sentença de morte.

- Nada disso - disse Athos -, melhor conservá-lo preciosamente, e eu não daria este papel mesmo que o cobrissem de moedas de ouro.

- E que ela vai fazer agora? - perguntou o rapaz.

- Mas - disse negligentemente Athos -, vai provavelmente escrever ao cardeal, comunicando-lhe que o maldito de um mosqueteiro chamado Athos lhe arrancou o seu salvo-conduto, lhe dará na mesma carta o conselho de se desembaraçar, ao mesmo tempo que dele, dos seus dois amigos Porthos e Aramis, o cardeal deve se recordar de que são os mesmos homens que encontra sempre no seu caminho, então, um belo dia, manda prender D'Artagnan e, para que ele não se aborreça sozinho, manda-nos fazer-lhe companhia na Bastilha.

- Ora essa! - disse Porthos. - Isso parece-me uma triste brincadeira, meu

caro.

- Não estou brincando - respondeu Athos.

- Sabe - disse Porthos - que torcer o pescoço dessa maldita Milady seria

um pecado menor do que torcer o pescoço dos pobres diabos dos huguenotes, que jamais cometeram outros crimes além de cantarem em francês os salmos que nós cantamos em latim?

- Que diz o abade? - perguntou calmamente Athos.

- Digo que sou da mesma opinião que Porthos - respondeu Aramis.
- Então e eu! - exclamou D'Artagnan.
- Felizmente que ela está longe - observou Porthos -, pois confesso que muito me incomodaria se estivesse aqui.
- Incomoda-me tanto na Inglaterra como na França - disse Athos.
- A mim incomoda-me em toda a parte - continuou D'Artagnan.
- Mas já que a tinha na mão - disse Porthos -, por que não a afogou, estrangulou, enforcou? Só os mortos não regressam.
- Acredita nisso, Porthos? - respondeu o mosqueteiro com um sorriso sombrio que só D'Artagnan compreendeu.
- Tenho uma idéia - disse D'Artagnan.
- Vejamos - disseram os mosqueteiros.
- Às armas! - gritou Grimaud.

Os jovens levantaram-se apressadamente e correram às espingardas. Desta vez avançava um pequeno grupo composto de vinte ou vinte e cinco homens, mas já não eram trabalhadores, eram soldados da guarnição.

- E se voltássemos ao acampamento? - disse Porthos. - Parece-me que a partida não é igual.

- É impossível, por três razões - respondeu Athos. - Primeiro: não acabamos de almoçar, segundo, ainda temos coisas importantes a dizer uns aos

outros, terceiro: ainda faltam dez minutos para a hora combinada.

- Vejamos - disse Aramis -, mesmo assim ainda temos de traçar um plano de batalha.

- É muito simples - respondeu Athos - assim que o inimigo estiver ao alcance do mosquete, abrimos fogo, se continuar a avançar, tornamos a fazer fogo, fazemos fogo enquanto tivermos espingardas carregadas, se o que restar do grupo ainda nos quiser assaltar, deixamos os sitiantes descer ao fosso, e então empurramos-lhes para cima este resto da parede que só se aguenta por um milagre de equilíbrio.

- Bravo! - exclamou Porthos. - Decididamente, Athos, nasceu para ser general, e o cardeal, que se julga um grande homem de guerra, é muito insignificante perto de você.

- Meus senhores - disse Athos -, peço que não errem, que cada um de vocês vise bem o seu homem.

- Eu já tenho o meu - disse D'Artagnan.

- E eu o meu - disse Porthos.

- E eu idem - disse Aramis.

- Então, fogo! - disse Athos.

Os quatro tiros de espingarda produziram uma única detonação, e quatro homens caíram. Imediatamente rufou o tambor e o pequeno grupo avançou a passo de arremetida.

Então os tiros sucederam-se sem regularidade, mas sempre disparados com a mesma precisão. Contudo, como se conhecessem a fraqueza numérica dos amigos, os rocheleses continuavam a avançar a passo de corrida.

Com os outros três tiros caíram dois homens, todavia a marcha dos que continuavam de pé não diminuía.

Ao chegarem ao bastião, os inimigos ainda eram doze ou quinze, uma última descarga os acolheu, mas não os fez parar; saltaram para o fosso e preparavam-se para escalar a brecha.

- Vamos, meus amigos - disse Athos -, acabemos com eles de uma vez. À muralha! À muralha!

E os quatro amigos, secundados por Grimaud, puseram-se a empurrar com a coronha das espingardas um enorme pedaço da parede, que se inclinou como se o vento o empurrasse, e que, desprendendo-se da base, caiu com um estrondo horrível no fosso, depois ouviu-se um grande grito, uma nuvem de pó subiu até ao céu, e foi tudo.

- Será que nós os esmagamos do primeiro até ao último? - perguntou

Athos.

- Com a breca! Parece que sim - disse D'Artagnan.
- Não - disse Porthos -, lá vão dois ou três fugindo todos estropiados.

Com efeito, três ou quatro desgraçados, cobertos de lama e de sangue,

fugiam pelo caminho escavado e alcançavam a cidade, era tudo o que restava do pequeno grupo. Athos olhou para o relógio.

- Meus senhores - disse ele -, há uma hora que estamos aqui, e agora a aposta está ganha, mas devemos ser bons jogadores, de resto D'Artagnan não nos disse a sua idéia.

- A minha idéia? - disse D'Artagnan.

- Sim, dizia que tinha uma idéia - replicou Athos.

- Já sei - respondeu D'Artagnan -, vou para a Inglaterra outra vez, vou encontrar o Sr. de Buckingham e aviso-o do conluio tramado contra a sua vida.

- Você não fará tal coisa, D'Artagnan - disse friamente Athos.

- E por que não? Não o fiz já uma vez?
- Sim, mas nessa época não estávamos em guerra, nessa época, o Sr. de Buckingham era um aliado e não um inimigo: o que quer fazer seria considerado uma traição.

D'Artagnan compreendeu a força deste raciocínio e calou-se.

- Mas - disse Porthos -, acho que eu por minha vez tenho uma idéia.
- Silêncio para a idéia do Sr. Porthos! - disse Aramis.
- Peço uma folga ao Sr. de Tréville, sob um pretexto qualquer que vocês acharem, eu não sou muito bom nisso. Milady não me conhece, aproximo-me dela sem que me receie e, quando a encontrar, estrangulo-a.
- Muito bem! - disse Athos. - Não estou muito longe de adotar a idéia de Porthos.
- Ora essa! - disse Aramis. - Matar uma mulher! Não, espere, tenho a verdadeira idéia.
- Vejamos a sua idéia, Aramis! - pediu Athos, que tinha uma grande deferência pelo jovem mosqueteiro.
- Devemos prevenir a rainha.
- Ah! Sim, com a breca! - exclamaram em uníssono Porthos e D'Artagnan. - Acho que é a melhor maneira.
- Prevenir a rainha! - disse Athos. - E como? Acaso temos relações na corte? Acaso podemos enviar alguém a Paris sem

que isso se saiba no acampamento? Daqui a Paris são cento e quarenta léguas, antes de nossa carta chegar a Angers, nós já estaríamos na cadeia.

- Quanto a entregar com segurança uma carta a Sua Majestade - propôs Aramis, corando -, eu me encarrego disso, conheço em Tours uma pessoa hábil...

Aramis parou ao ver Athos sorrir.

- Então? Não adotais esta maneira, Athos? - disse D'Artagnan.

- Não a rejeito inteiramente - disse Athos -, queria apenas observar a Aramis que ele não pode abandonar o acampamento, que outra pessoa além de nós não é segura, que duas horas depois do mensageiro ter partido, todos os capuchinhos, todos os alguazis, todos os barretes negros do cardeal saberão a sua carta de cor, e que o prenderão e à sua hábil pessoa.

- Sem contar - objetou Porthos - que a rainha salvará o Sr. de Buckingham mas não nos salvará a nós.

- Meus senhores - disse D'Artagnan -, o que Porthos objeta faz muito sentido.

- Ah! Ah! Então o que se passa na cidade? - disse Athos.

- Tocam a rebate.

Os quatro amigos escutaram, e o rufar do tambor chegou até eles.

- Vejam, vão enviar um regimento inteiro - disse Athos.
- Não pretende resistir contra um regimento inteiro, não é?
- disse Portos.
- Por que não? - disse o mosqueteiro. - Sinto-me em forma, resistiria diante de um exército, se ao menos tivéssemos tido a precaução de trazer mais uma

dúzia de garrafas.

- Palavra que o tambor se aproxima - disse D'Artagnan.
- Deixe-o se aproximar - disse Athos -, daqui até à cidade é um quarto de hora de caminho, e por conseguinte da cidade até aqui. É mais do que precisamos para traçarmos o nosso plano, se nos formos embora daqui, nunca mais encontraremos um lugar tão conveniente, vejam, justamente, meus senhores, eis que me surge a verdadeira idéia.
- Então diga.
- Permitam que eu dê a Grimaud algumas ordens indispensáveis. Athos fez sinal ao criado para se aproximar.
- Grimaud - disse Athos, designando os mortos que jaziam no bastião -, pegue esses senhores, encoste-os à muralha e ponha-lhes o chapéu na cabeça e a espingarda na mão.
- Ó grande homem! - exclamou D'Artagnan. - Estou compreendendo-o.

- Está compreendendo? - disse Porthos.
- E você, compreende, Grimaud? - perguntou Aramis.
Grimaud fez sinal que sim.
- Não é preciso mais nada - disse Athos -, voltemos à minha idéia.
- Mas eu queria compreender - observou Porthos.
- É inútil.
- Sim, sim, a idéia de Athos - disseram ao mesmo tempo D'Artagnan e Aramis.
- Essa Milady, essa mulher, essa criatura, esse demônio, tem cunhado, segundo me disse, creio eu, D'Artagnan.
- Sim, conheço-o até muito bem, e até creio que não simpatiza muito com a cunhada.
- Isso não faz mal - respondeu Athos -, se a detestasse era ainda melhor.
- Nesse caso estamos servidos.
- Contudo - disse Porthos -, eu queria compreender o que fez Grimaud.
- Silêncio, Porthos! - disse Aramis.
- Como se chama o tal cunhado?
- Lorde de Winter.
- Onde está ele agora?

- Voltou a Londres aos primeiros rumores da guerra.
- Ora bem! É precisamente o homem que nos falta - disse Athos -, é esse que nos convém prevenir, mandaremos lhe dizer que a cunhada se prepara para assassinar alguém e pediremos que não a perca de vista. Deve haver em Londres, espero eu, um estabelecimento do gênero das Madelonnettes ou das Moças Arrependidas, ele manda prender a cunhada e nós ficamos sossegados.
- Sim - disse D'Artagnan -, até que ela saia de lá.
- Ah! Que diabo! - replicou Athos. - Você pede demais, D'Artagnan; dei-lhe o que tinha e previni que esvaziei o saco.
- Eu acho que é o melhor - disse Aramis -, preveniremos simultaneamente a rainha e lorde de Winter.
- Sim, mas por intermédio de quem mandaremos a carta para Tours e a carta para Londres?
- Eu respondo por Bazin - disse Aramis.
- E eu por Planchet - continuou D'Artagnan.
- Com efeito - disse Porthos -, se nós não podemos sair do acampamento, os nossos lacaios podem.
- Sem dúvida - disse Aramis -, e hoje mesmo escreveremos as cartas, damos-lhes dinheiro e eles partem.

- Damos-lhes dinheiro? - tornou Athos. - Então você tem dinheiro?

Os quatro amigos entreolharam-se e uma nuvem passou pelas frentes que se tinham desanuviado por um instante.

- Alerta! - gritou D'Artagnan. - Vejo uns pontos negros e uns pontos vermelhos que se agitam além, que dizem vocês de um regimento, Athos? É um verdadeiro exército.

- Sim, palavra - disse Athos -, lá estão eles. Vejam os manhosos que vinham sem tambores nem cornetas? Ah! Ah! Já acabou, Grimaud?

Grimaud fez que sim, e mostrou uma dúzia de mortos que tinha colocado nas atitudes mais pitorescas: uns apresentando armas, outros como se as apontassem, os outros de espada na mão.

- Bravo! - exclamou Athos. - Isso faz honras à sua imaginação.

- É a mesma coisa - disse Porthos -, mas eu queria compreender.

- Primeiro vamos fugir - interrompeu D'Artagnan -, depois você compreenderá.

- Um instante, meus senhores, um instante! Temos de dar tempo a Grimaud para tirar a mesa.

- Ah! - disse Aramis. - Os pontos negros e os pontos vermelhos crescem a olhos vistos e eu sou da mesma opinião

que D'Artagnan, acho que não temos tempo a perder para alcançarmos o nosso acampamento.

- Com a breca! - disse Athos. - Já não tenho nada contra a retirada, apostamos por uma hora e ficamos hora e meia, não há nada a dizer, partamos, meus senhores, partamos.

Grimaud já tinha se antecipado com o cesto e as sobras. Os quatro amigos saíram atrás deles uns dez passos.

- Eh! - exclamou Athos. - Que diabo fazemos nós, meus senhores?

- Esqueceus alguma coisa? - perguntou Aramis.

- E a bandeira, Com a breca! Não se deve deixar uma bandeira nas mãos do inimigo, mesmo quando não passa de um guardanapo.

E Athos correu ao bastião, subiu à plataforma e retirou a bandeira, porém, como os rocheleses tinham chegado ao alcance dos mosquetes, fizeram um fogo terrível sobre este homem que, como que por gosto, ia expor-se aos tiros.

Mas parecia que Athos tinha um sortilégio agarrado à sua pessoa, as balas passaram a assobiar em volta dele, mas nenhuma o atingiu. Athos agitou o seu estandarte, virando as costas à gente da cidade e saudando a gente do acampamento. Dos dois lados se ouviram altos gritos, de um lado gritos de cólera, do outro gritos de entusiasmo.

Uma segunda descarda seguiu a primeira, e três balas, esburacando-o, fizeram realmente do guardanapo uma bandeira. Ouviram-se clamores de todo o acampamento, que gritava:

- Desça! Desça!

Athos desceu, os seus camaradas, que o esperavam ansiosamente,

viram-no aparecer cheios de alegria.

- Vamos, Athos, vamos - disse D'Artagnan -, melhor nos apressarmos, agora que encontramos tudo, exceto o dinheiro, seria uma estupidez nos deixar matar.

Mas Athos continuava a andar majestosamente, apesar das observações que lhe faziam os seus companheiros, os quais, vendo que estas eram inúteis, regularam o passo pelo seu. Grimaud e o seu cesto tinham tomado a dianteira e estavam já fora do alcance. Passado um instante ouviu-se o ruído dum tiroteio furioso.

- Que é aquilo? - perguntou Porthos. - Sobre o que é que atiram? Não ouço assobiar as balas e não vejo ninguém.

- Atiram sobre os nossos mortos - respondeu Athos.

- Mas os nossos mortos não responderão.

- Justamente, então eles vão crer numa emboscada, vão deliberar e enviarão um parlamentar e, quando perceberem da brincadeira, nós estaremos fora do alcance das balas. É por isso que não vale a pena apanhar uma pleuresia nos apressando.

- Oh! Compreendo - exclamou Porthos, encantado.

- Ainda bem! - disse Athos, encolhendo os ombros.

Por seu lado, os franceses, vendo regressar os quatro amigos calmamente, davam gritos de entusiasmo. Por fim ouviu-se novo tiroteio, e desta vez as balas vieram cravar-se nas pedras em volta dos quatro amigos e assobiar lugubrememente aos seus ouvidos. Os rocheleses acabavam finalmente de se apoderar do bastião.

- São mesmo uns desajeitados - disse Athos. - Quantos matamos? Doze?

- Ou quinze.

- Quantos esmagamos?

- Oito ou dez.

- E em troca de tudo isso nem um arranhão? Ora esta! Que tem na mão, D'Artagnan? Parece sangue.

- Não é nada - disse D'Artagnan.

- Uma bala perdida?

- Nem isso.

- Então o que é?

Como dissemos, Athos amava D'Artagnan como um filho, e este caráter sombrio e inflexível tinha por vezes com o rapaz solitudes de pai.

- Um arranhão - respondeu D'Artagnan -, entalei os dedos em umas pedras, a da parede e a do meu anel, e arranhei a pele.

- É isso que se arranja quando se tem diamantes, meu senhor - disse desdenhosamente Athos.

- Ora essa! - exclamou Porthos. - Há um diamante, com efeito, então por que diabo, se há um diamante, nos queixamos de não ter dinheiro?

- É verdade! - disse Aramis.

- Em boa hora, Porthos; desta vez eis uma idéia.

- Sem dúvida - disse Porthos, inchado com o elogio de Athos -, se há um diamante, vamos vendê-lo.

- Mas - disse D'Artagnan - este diamante é da rainha.

- Mais uma razão - continuou Athos -, a rainha salva o Sr. de Buckingham,

seu amante, nada mais justo, a rainha salva-nos, seus amigos, nada mais moral: vendamos o diamante. Que acha o Sr. Abade? Não peço a opinião de Porthos, que já a emitiu.

- Mas eu acho - disse Aramis, corando - que, como o seu anel não provém de uma amante e por conseguinte não é uma prova de amor, D'Artagnan pode vendê-lo.

- Meu caro, fala como a teologia em pessoa. Portanto, a sua opinião é...

- Vender o diamante - respondeu Aramis.

- Muito bem - disse alegremente D'Artagnan -, vendamos o diamante e não falemos mais nisso.

O tiroteio continuou, mas os amigos estavam fora do alcance e os rocheleses já só atiravam por descargo de consciência.

- Droga - disse Athos - não foi sem tempo que Porthos teve essa idéia, eis-nos no acampamento. Portanto, meus senhores, nem mais uma palavra sobre este assunto. Observam-nos, vêm ao nosso encontro, vamos ser levados em triunfo.

Com efeito, como dissemos, todo o acampamento estava emocionado, mais de duas mil pessoas tinham assistido, como a um espectáculo, à feliz proeza dos quatro amigos, proeza cujo verdadeiro motivo estavam bem longe de adivinhar. Só se ouvia o grito: Vivam os guardas! Vivam os mosqueteiros! O Sr. de Busigny fora o primeiro a vir apertar a mão de Athos e a reconhecer que tinha perdido a aposta. O dragão e o suíço tinham-no seguido, todos os camaradas tinham seguido o dragão e o suíço. Eram felicitações, apertos de mão, abraços que nunca mais acabavam, gargalhadas inextinguíveis relativas aos rocheleses, enfim, um tumulto tão grande que o

Sr. Cardeal julgou haver um motim e enviou La Houdinière, o seu capitão das guardas, para informar-se do que se passava.

Contaram o caso ao mensageiro com todo o entusiasmo.

- Então? - perguntou o cardeal ao ver La Houdinière.
- Então, Monsenhor - disse este - foram três mosqueteiros e um guarda que fizeram a aposta com o Sr. de Busigny de irem almoçar no bastião Saint-Gervais, e que, enquanto almoçavam, resistiram ali duas horas contra o inimigo, e mataram não sei quantos rocheleses.
- Informou-se do nome desses três mosqueteiros?
- Sim, Monsenhor.
- Como se chamam?
- São os senhores Athos, Porthos e Aramis.
- Outra vez os meus três valentes! - murmurou o cardeal. - E o guarda?
- Sr. D'Artagnan.
- Outra vez o meu engraçado! Decididamente tenho de ter esses quatro homens na mão.

Na mesma noite o cardeal falou ao Sr. de Tréville da façanha daquela manhã, que era o assunto das conversas de todo o acampamento. O Sr. de Tréville, que tinha ouvido contar a aventura aos próprios heróis da mesma, contou-a com todos os

pormenores a Sua Eminência, sem esquecer o episódio do guardanapo.

- Muito bem, Sr. de Tréville - disse o cardeal -, mande-me entregar esse guardanapo, por favor. Mandarei bordar três flores de lis de ouro, e farei dele o

estandarte da sua companhia.

- Monsenhor - disse o Sr. de Tréville -, será uma injustiça para os guardas: o Sr. D'Artagnan não é dos meus, mas do Sr. des Essarts.

- Pois bem! Fique com ele - disse o cardeal. - Não é justo que, se esses quatro bravos militares se estimam tanto, não sirvam na mesma companhia.

Na mesma noite, o Sr. de Tréville anunciou esta boa notícia aos três mosqueteiros e a D'Artagnan, convidando os quatro para almoçar no dia seguinte. D'Artagnan não cabia em si de contente. Como se sabe, o sonho da sua vida era ser mosqueteiro.

Os três amigos estavam muito contentes.

- Puxa! - disse D'Artagnan a Athos. - Teve uma idéia triunfal, e, como disse, nos cobrimos de glória e pudemos travar uma conversa da mais alta importância.

- Que agora poderemos recomeçar sem que ninguém desconfie, pois, com a graça de Deus, passaremos de agora em diante por cardinalistas.

Na mesma noite D'Artagnan foi apresentar as suas homenagens ao Sr. des Essarts e participar-lhe a promoção que obtivera.

O Sr. des Essarts, que estimava muito D'Artagnan, ofereceu-lhe então os seus préstimos: aquela mudança de corpo acarretava despesas de equipamento. D'Artagnan recusou mas, achando propícia a ocasião, pediu-lhe que mandasse avaliar o diamante, que lhe entregou, e com o qual desejava conseguir dinheiro.

No dia seguinte, às oito da manhã, o criado do Sr. Des Essarts, entrou no quarto de D'Artagnan e entregou-lhe um saco de ouro contendo sete mil libras.

Era o preço do diamante da rainha.

XLVIII - QUESTÃO FAMILIAR

Athos encontrara a expressão: questão familiar. Uma questão familiar não era submetida à investigação do cardeal, uma questão familiar não concernia ninguém, uma pessoa podia ocupar-se duma questão familiar diante de todos.

Assim, Athos encontrara a expressão: uma questão familiar. Aramis encontrara a idéia: o laçaio. Porthos encontrara a maneira: o diamante.

Só D'Artagnan não encontrara nada, ele que era geralmente o mais inventivo dos quatro, mas há que dizer também que o simples nome de Milady o paralisava.

Ah! Sim, estamos enganados: encontrara um comprador para o diamante.

O almoço com o Sr. de Tréville foi de uma alegria encantadora. D'Artagnan já tinha o seu uniforme, como era praticamente da mesma altura que Aramis e como Aramis, generosamente bem pago, como se deve lembrar, pelo livreiro que lhe comprara o seu poema, fizera tudo dobrado, cedera ao seu amigo um equipamento completo.

D'Artagnan estaria no auge da felicidade se não tivesse visto despontar Milady como uma nuvem carregada no horizonte. Depois do almoço combinaram reunir-se à noite nos aposentos de Athos, e ali acabarem de resolver a questão.

D'Artagnan passou o dia exibindo seu traje de mosqueteiro em todas as ruas do acampamento.

À noite, à hora combinada, os quatro amigos reuniram-se, só faltava decidir

três coisas:

O que iam escrever ao irmão de Milady.

O que iam escrever à tal pessoa hábil de Tours. E quem seriam os lacaios que levariam as cartas.

Cada qual oferecia o seu: Athos falava da discrição de Grimaud, que só falava quando o amo lhe desselava os lábios, Porthos gabava a força de Mousqueton, que era capaz de sovar quatro homens de compleição normal, Aramis, confiante na habilidade de Bazin, fazia um elogio pomposo do seu candidato, enfim, D'Artagnan tinha a maior fé na bravura de Planchet, e lembrava a maneira como este se comportara no espinhoso caso de Boulogne. Estas quatro virtudes disputaram por muito tempo o prêmio, e deram lugar a magníficos discursos, que não reproduziremos, para não nos alongarmos.

- Infelizmente - disse Athos -, seria preciso que o nosso enviado possuísse as quatro qualidades reunidas.
- Mas onde encontrar semelhante lacaio?
- Impossível! - disse Athos. - Eu bem sei, mande Grimaud.
- Mande Mousqueton.
- Mande Bazin.
- Mande Planchet; Planchet é bravo e habilidoso: já são duas das quatro qualidades.
- Meus senhores - disse Aramis -, o principal não é saber quais dos nossos quatro lacaios é o mais discreto, o mais forte,

o mais hábil ou o mais bravo; o principal é saber qual deles gosta mais de dinheiro.

- Aramis tem toda razão - observou Athos -, há que especular sobre os defeitos das pessoas e não sobre as suas qualidades: Sr. Abade, é um grande moralista!

- Sem dúvida - replicou Aramis -, pois precisamos ser bem servidos não só para alcançarmos êxito, mas também para não fracassarmos, em caso de fracasso, está em risco a cabeça, não para os lacaios...

- Mais baixo, Aramis! - disse Athos.

- Tem razão, não para os lacaios - retomou Aramis - mas para o amo, e até para os amos! Os nossos criados são suficientemente dedicados para arriscarem a vida por nós? Não.

- Palavra - disse D'Artagnan - eu quase responderia por Planchet.

- Pois bem, meu caro amigo, acrescente à sua natural dedicação uma boa quantia que lhe proporcione um certo bem-estar, e então, em vez de responder uma vez por ele, responda duas.

- Meu Deus! Mesmo assim serão enganados - disse Athos, que era otimista quando se tratava das coisas e pessimista quando se tratava dos homens. - Prometerão tudo para receberem o dinheiro e, a caminho, o medo os impedirá de agir.

Uma vez apanhados, apertam-nos e eles, apertados, confessam. Que diabo! Não somos crianças! Para ir a Inglaterra - Athos baixou a voz - é preciso atravessar a França inteira, semeada de espiões e de criaturas do cardeal, é preciso um passe para embarcar, é preciso saber inglês para perguntar o caminho em Londres. Querem saber? Eu vejo a coisa muito difícil.

- Mas nada disso - disse D'Artagnan, muito interessado em que a coisa se realizasse -, eu a vejo fácil, pelo contrário. Não é preciso dizer, que diabo!, que se

escrevermos contando a lorde de Winter coisas incríveis, horrores sobre o cardeal...

- Mais baixo! - disse Athos.

- Intrigas e segredos de Estado - continuou D'Artagnan, conformando-se com a recomendação -, não é preciso dizer que seremos todos supliciados, mas, por Deus, não esqueçam, como você mesmo disse, Athos, que lhe escrevemos por uma questão de família, que lhe escreveremos apenas para que impossibilite Milady, logo que esta chegar a Londres, de nos prejudicar, Portanto, vou escrever-lhe uma carta mais ou menos nestes termos:

- Vamos - disse Aramis, assumindo uma expressão de crítico.

- “Senhor e caro amigo...”
- Ah, sim! Caro amigo, a um inglês - interrompeu Athos -, começa bem! Bravo D’Artagnan! Só com essa palavra será esartejado em vez de ser supliciado.
- Pois bem! Então direi apenas Senhor.
- Pode até dizer Milorde - replicou Athos, muito agarrado às conveniências.
- “Milorde, recorde-se do pequeno cercado das cabras no Luxemburgo?”
- Bom! Agora o Luxemburgo! Parece uma alusão à rainha mãe! Muito engenhoso - disse Athos.
- Pois bem, então pomos simplesmente: “Milorde, recorde-se de certo pequeno cercado em que lhe salvaram a vida?”
- Meu caro D’Artagnan - disse Athos -, nunca passará de um mau redator: “Onde lhe salvaram a vida!” Ora essa! Isso não é digno. Não se lembram esses favores a um homem galante. Lembrar um favor é fazer uma ofensa.
- Ah, meu caro! - disse D’Artagnan. - Você é insuportável, e se é preciso escrever sob a sua censura, palavra que desisto.
- E faz bem. Maneje o mosquete e a espada, meu caro, faz galantemente esses dois exercícios, mas passe a pena ao Sr. Abade, isso é com ele.

- Ah, sim! De fato - disse Porthos. - Passe a pena a Aramis, que escreve teses em latim.

- Pois bem, seja! - disse D'Artagnan. - Escreva essa nota, Aramis, mas, pelo santo Padre!, seja conciso, pois previno de que vou depenar-lhe por minha vez.

- É o que desejo - disse Aramis com essa ingênua confiança que todo o poeta tem em si mesmo -, mas deve pôr-me a par: ouvi dizer aqui que essa tal

cunhada era uma malvada, e até tive a prova disso escutando a sua conversa com o cardeal.

- Mais baixo, diabo! - disse Athos.

- Mas - continuou Aramis -, os detalhes me escapam.

- E a mim também - disse Porthos.

D'Artagnan e Athos entreolharam-se algum tempo em silêncio. Por fim, Athos, depois de ter se recolhido e tornando-se mais pálido do que de costume, fez um sinal de adesão, e D'Artagnan compreendeu que podia falar.

- Pois bem, eis o que é preciso dizer - continuou D'Artagnan:
- “Milorde, sua cunhada é uma celerada que quis assassiná-lo para receber a sua herança. Mas não podia casar-se com o seu irmão, pois já era casada na França e tinha sido...”

D'Artagnan parou como se procurasse a palavra, olhando para Athos.

Athos.

- Renegada pelo marido - disse Athos.
- Porque tinha sido marcada - continuou D'Artagnan.
- Ora! - exclamou Porthos. - Impossível! Quis mandar matar o cunhado?
- Sim.
- Era casada? - perguntou Aramis.
- Sim.
- E o marido percebeu que ela tinha uma flor-de-lis no ombro? - exclamou

- Sim.

Estes três sins tinham sido pronunciados por Athos, cada um numa

entoação mais sombria.

- E quem viu essa flor-de-lís? - perguntou Aramis.
- D'Artagnan e eu, ou melhor, para observar a ordem cronológica, eu e D'Artagnan - respondeu Athos.
- E o marido dessa horrível criatura ainda é vivo? - disse Aramis.
- Ainda é vivo.
- Tem certeza?
- Tenho.

Houve um instante de frio silêncio durante o qual cada um se sentiu impressionado segundo a sua natureza.

- Desta vez - recomeçou Athos, interrompendo o silêncio -, D'Artagnan deu-nos um excelente programa, e é isso que se deve escrever primeiro.
- Diabo! Tem razão, Athos - recomeçou Aramis -, e a redação é espinhosa. O próprio Sr. Chanceler ficaria embaraçado se tivesse de redigir uma carta dessas, e contudo, o Sr. Chanceler redige bem um auto. Não importa! Calem-se que escrevo.

Aramis, com efeito, pegou a pena, refletiu alguns instantes, pôs-se a escrever oito ou dez linhas com uma encantadora letrinha de mulher, depois, com voz doce e lenta, como se cada palavra fosse escrupulosamente pesada, leu o seguinte:

Milorde.

A pessoa que vos escreve estas linhas teve a honra de cruzar a espada convosco num pequeno cercado da Rua de Venfer. Como depois disso se dignaste várias vezes declarar-se amigo dessa pessoa, ela deve reconhecer essa amizade com um bom aviso. Por duas vezes estive para ser vítima de uma parente chegada que julgava sua herdeira por ignorar que, antes de contrair matrimônio na Inglaterra, ela já era casada na França. Mas, da terceira vez, que é esta, pode sucumbir-lhe. Sua parente partiu de La Rochelle para Inglaterra durante a noite. Vigie a sua chegada pois tem grandes e terríveis projetos. Se quer absolutamente saber do que ela é capaz, leia o seu passado no seu ombro esquerdo.

- Muito bem! Uma maravilha - disse Athos -, e tem uma pena de secretário de Estado, meu caro Aramis. Lorde de Winter passará a ter cuidado, se receber o aviso e, ainda que este caísse nas mãos de Sua Eminência em pessoa, não

ficaríamos comprometidos. Mas como o criado que partirá
poderá nos fazer crer

que foi a Londres e parar em Châtelleraud, demos-lhe com a
carta apenas metade da quantia, prometendo-lhe a outra
metade em troca da resposta. Você tem o diamante? -
continuou Athos.

- Tenho melhor que isso, tenho a quantia.

E D'Artagnan atirou o saco para cima da mesa, ao som do
ouro, Aramis ergueu os olhos, Porthos estremeceu, quanto a
Athos, ficou impassível.

- Quanto dinheiro tem esse saquinho? - perguntou ele.

- Sete mil libras em luíses de doze francos.

- Sete mil libras! - exclamou Porthos. - Esse diamantezinho
de nada valia sete mil libras?

- Parece - disse Athos -, pois estão aqui, não presumo que o
nosso amigo D'Artagnan tenha posto dinheiro seu.

- Mas, meus senhores, em tudo isso - disse D'Artagnan - nós
não pensamos na rainha. Cuidemos um pouco da saúde do seu
caro Buckingham. É o mínimo que lhe devemos.

- É justo - disse Athos -, mas isso é com Aramis.

- Muito bem - respondeu este, corando -, que devo fazer?

- Mas - replicou Athos - é muito simples: redigir uma segunda carta para a sua hábil pessoa que mora em Tours.

Aramis voltou a pegar a pena, pôs-se de novo a refletir e escreveu as seguintes linhas, que submeteu imediatamente à aprovação dos seus amigos:

Minha cara prima...

- Ah! - disse Athos. - Essa hábil pessoa é sua parente!
- É minha prima germana - disse Aramis.
- Está bem, pronto! Aramis continuou:

Minha cara prima, Sua Eminência o Cardeal, que Deus conserva para a felicidade da França e a confusão dos inimigos do reino, está prestes a acabar com os rebeldes heréticos de La Rochelle: é provável que o socorro da frota inglesa não chegue sequer à vista da praça, ouse até dizer que o Sr. de Buckingham será impedido de partir por algum grande acontecimento. Sua Eminência é o mais ilustre político dos tempos passados, do tempo presente e provavelmente dos tempos vindouros. Apagaria o Sol se o Sol o incomodasse. Dê estas boas notícias à sua irmã, minha cara prima. Sonhei que esse maldito inglês estava morto. Não me lembro se foi pelo ferro ou pelo veneno, apenas tenho certeza de que sonhei que estava morto e, como

sabe, os meus sonhos nunca me enganam. Pode, então, estar certa de que me verá regressar em breve.

- Perfeito! - exclamou Athos. - Você é o rei dos poetas meu caro Aramis, fala como o Apocalipse e é verdadeiro como o Evangelho. Agora só resta pôr o endereço nessa carta.

- Isso é muito fácil - disse Aramis.

Dobrou galantemente a carta, pegou-a e escreveu: Para a Menina Marie Michon, roupeira em Tours.

Os três amigos entreolharam-se rindo, tinham sido apanhados.

- Agora - disse Aramis - compreendem, meus senhores, que só Bazin pode levar esta carta a Tours, minha prima só conhece Bazin e tem confiança nele: qualquer outro faria fracassar a empresa. Aliás, Bazin é ambicioso e sábio, Bazin leu a história, meus senhores, e sabe que Sixto Quinto foi papa depois de ter guardado porcos, ora bem, como ele conta entrar para o serviço da Igreja ao mesmo tempo que eu, não perde a esperança de vir a ser papa ou pelo menos cardeal.

Compreendam que um homem que tem essas ambições não se deixará apanhar ou, se for apanhado, sofrerá o martírio mas não falará.

- Bom, bom - disse D'Artagnan -, passo-lhe Bazin de boa vontade, mas passe-me Planchet, um dia Milady colocou-o na rua à paulada, ora Planchet tem boa memória, e, garanto que,

se considerar a possibilidade de uma vingança, preferirá deixar-se moer de pancada a desistir. Se os seus assuntos de Tours são com você, Aramis, os de Londres são comigo. Peço, então, que escolha Planchet, que aliás já foi comigo a Londres e sabe dizer corretamente: London, sir, if you please e my master lord D'Artagnan e fiquem tranquilos, pois ele fará o caminho de ida e volta.

- Nesse caso - disse Athos -, é preciso que Planchet receba setecentas libras para ir e setecentas libras para voltar, e Bazin trezentas libras para ir e trezentas libras para voltar, isto reduzirá a quantia a cinco mil libras, ficamos com mil libras para as gastarmos onde nos parecer necessário e deixaremos um fundo de mil libras, que o abade guardará para os casos extraordinários ou as necessidades comuns. Vocês concordam?

- Meu caro Athos - disse Aramis -, você fala como Nestor, que, como todos sabem, era o mais sábio dos gregos.

- Pois bem! Fica combinado - recomeçou Athos -, Planchet e Bazin partirão, vendo bem, não me importo de conservar Grimaud: está acostumado às minhas maneiras e eu não quero perdê-lo, o dia de ontem já deve te-lo abalado e essa viagem seria o seu fim.

Mandaram chamar Planchet, e deram-lhe instruções, já fora prevenido por D'Artagnan que, à primeira, lhe anunciara a glória, depois o dinheiro e em seguida o perigo.

- Levarei a carta no forro da minha casaca - disse Planchet -, e se me apanharem, engulo-a.

- Mas nesse caso não poderá fazer o recado - disse D'Artagnan.

- Me deem uma cópia esta noite que eu saberei de cor amanhã. D'Artagnan olhou para os amigos como quem diz:

“Então? Que tinha prometido?”

- Agora - continuou ele, dirigindo-se a Planchet -, você tem oito dias, para chegar junto a lorde de Winter, tem mais oito dias para voltar aqui, são dezesseis dias ao todo, se, no décimo sexto dia a contar da sua partida, às oito da noite, não tiver chegado, não recebe o dinheiro, ainda que sejam oito e cinco.

- Então, senhor - disse Planchet -, compre-me um relógio.

- Tome este - disse Athos, dando-lhe o seu com despreocupada generosidade -, e seja bom rapaz. Lembre-se de que, se falar, se conversar, se perder tempo passeando, faz cortar o pescoço do seu amo, que tem tanta confiança na sua fidelidade que nos respondeu por você. Mas lembre-se também

de que, se por sua causa acontecer algum mal a D'Artagnan, eu o encontrarei onde quer que esteja e será para te abrir a barriga.

- Oh! Meu senhor! - disse Planchet, humilhado com a suspeita e sobretudo apavorado com o ar calmo do mosqueteiro.

- E eu - disse Porthos, revirando os olhos -, lembre-se de que te esfolo vivo.

- Ah! Meu senhor!

- E eu - continuou Aramis com a sua voz doce e melodiosa -, lembre-se de que te asso a fogo lento como um selvagem.

- Ah! Meu senhor!

E Planchet pôs-se a chorar; não ousaríamos dizer se foi de terror, por causa das ameaças que lhe faziam, ou de ternura por ver os quatro amigos tão estreitamente unidos. D'Artagnan pegou-lhe na mão e abraçou-o.

- Está vendo, Planchet - disse-lhe ele -, estes senhores dizem tudo isto por causa da ternura que sentem por mim, mas no fundo tem estima por você.

- Ah, meu senhor! - disse Planchet. - Ou serei bem sucedido ou me cortarão em quatro partes, mas pode ter certeza de que, ainda que me cortem em quatro partes, nenhuma delas falará.

Decidiu-se que Planchet partiria no dia seguinte às oito da manhã, para que, como ele dissera, pudesse decorar a carta durante a noite. Ganhou precisamente doze horas com este arranjo, devia estar de volta no décimo sexto dia às oito da noite. De manhã, no momento em que ia montar a cavalo,

D'Artagnan, que lá no fundo tinha um fraco pelo duque, chamou Planchet à parte.

- Escute - disse-lhe -, quando entregar a carta a lorde de Winter e quando este a tiver lido, diga-lhe ainda: “Vele por Sua Graça Lorde Buckingham, pois querem assassiná-lo.” Mas, Planchet, veja que isto é tão grave e tão importante que nem quis confessar aos meus amigos que lhe confiaria este segredo e que, nem por uma comissão de capitão, quereria escrevê-lo.

- Fique tranquilo, senhor - disse Planchet -, verá se pode ou não contar comigo.

E, montado num excelente cavalo, que devia largar a vinte léguas para tomar a posta, Planchet partiu a galope, com o coração um pouco apertado com a tripla promessa que os três mosqueteiros lhe tinham feito, mas de resto nas melhores disposições do mundo.

Bazin partiu no dia seguinte de manhã para Tours, e teve oito dias para fazer o seu recado.

Como se compreende, durante estas duas ausências, os quatro amigos tinham mais que nunca os olhos à espreita, o nariz ao vento e os ouvidos à escuta. Passavam os dias tentando surpreender o que se dizia, espreitando as atitudes do cardeal e farejando os correios que chegavam. Mais de uma vez os assaltou um tremor invencível, quando os chamaram para algum serviço inesperado. Aliás, tinham de ter cuidado por uma questão de segurança pessoal. Milady era um fantasma que

quando aparecia uma vez às pessoas, não as deixava dormir sossegadas.

Na manhã do oitavo dia Bazin, sempre fresco e sorridente como era seu hábito, entrou na taberna de Parpaillot quando os quatro amigos almoçavam, dizendo, segundo o combinado:

- Sr. Aramis, eis a resposta da sua prima.

Os quatro amigos trocaram um olhar de alegria: estava cumprida metade da tarefa, embora fosse a mais curta e a mais fácil. Corando sem querer, Aramis pegou a carta, escrita com uma letra grosseira e sem ortografia.

- Meu Deus! - exclamou ele rindo. - Decididamente perco as esperanças, a pobre Michon nunca escreverá como o Sr. Voiture.

- Que é que isso quer dizer, a pobre Michon? - perguntou o suíço que conversava com os quatro amigos quando a carta chegou.

- Oh, meu Deus! Quase nada - disse Aramis -, uma pequena roupeira encantadora de quem eu gostei muito e a quem pedi umas linhas escritas pelo seu punho como recordação.

- Puxa! - disse o suíço. - Se é tão senhora como a sua letra, você tem muita sorte, camarada!

Aramis leu a carta e passou-a a Athos.

- Veja o que ela me escreve, Athos - disse ele.

Athos passou os olhos pela carta e, para fazer desvanecer todas as suspeitas que podiam ter surgido, leu em voz alta:

Meu primo, minha irmã e eu adivinhamos muito bem os sonhos, e temos até muito medo deles, mas eu espero que se possa dizer do seu: todo o sonho é mentira. Adeus! Saúde e mande-nos notícias de vez em quando.

Marie MICHON.

- E a que sonho se refere? - perguntou o dragão, que se aproximara durante a leitura.

- Sim, de que sonho? - disse o suíço.

- Eh, puxa! - disse Aramis. - É muito simples, a um sonho que eu tive e que lhe contei.

- Ah, sim, por Deus! Contar um sonho é bem simples, mas eu nunca sonho.

- Tem muita sorte - disse Athos levantando-se -, e eu bem gostaria de poder dizer o mesmo.

- Nunca! - disse o suíço, encantado por um homem como Athos lhe invejar alguma coisa. - Nunca! Nunca!

D'Artagnan, vendo que Athos se levantava, fez o mesmo, deu-lhe o braço e

saiu.

Porthos e Aramis ficaram para enfrentarem as brincadeiras do dragão e do suíço.

Quanto a Bazin, foi deitar-se em cima de um feixe de palha, e, como tinha mais imaginação que o suíço, sonhou que o Sr. Aramis, feito papa, o faria cardeal.

Mas, como dissemos, com o seu feliz regresso, Bazin apenas aliviara em parte a inquietação dos quatro amigos. Os dias de espera costumam a passar, e sobretudo D'Artagnan teria apostado que os dias tinham agora quarenta e oito horas. Esquecia as demoras da navegação, exagerava o poder de Milady. Atribuía a esta mulher, que lhe surgia semelhante a um demônio, auxiliares sobrenaturais como ela, imaginava, ao menor ruído, que vinham prende-lo, e que traziam Planchet para confrontá-lo e com os seus amigos. Mais ainda: a sua confiança no digno picardiano, outrora tão grande, diminuía de dia para dia. Esta inquietação era tão grande que contagiava Porthos e Aramis. Só Athos permanecia

impassível, como se nenhum perigo se agitasse à sua volta, e ele respirasse a sua atmosfera de todos os dias.

No décimo sexto dia sobretudo estes sinais de agitação eram tão visíveis em D'Artagnan e nos seus dois amigos que não podiam ficar quietos e erravam como sombras no caminho em que Planchet devia voltar.

- De fato - dizia-lhes Athos -, não são homens, são crianças, para que uma mulher lhes meta tanto medo! E afinal de que se trata? De sermos presos! Muito bem! Mas hão de nos tirar da prisão: não tiraram a Sra Bonacieux? De sermos decapitados? Mas todos os dias nas trincheiras nos expomos a pior do que isso, pois uma bala pode partir-nos uma perna, e tenho certeza de que um cirurgião nos faz sofrer mais ao cortar-nos a coxa do que um carrasco ao cortar-nos a cabeça. Fiquem, portanto, sossegados: daqui a duas, a quatro, a seis horas, o mais tardar, Planchet estará aqui: prometeu que estaria, e eu tenho muita fé nas promessas de Planchet, que me parece muito bom rapaz.

- E se ele não chegar? - disse D'Artagnan.

- Pois bem, se não chegar, é porque se atrasou, e pronto. Pode ter caído do cavalo, pode ter feito uma cabriola por cima da ponte, pode ter corrido tão depressa que tenha tido uma fluxão pulmonar. Eh! Meus senhores! Examinemos os acontecimentos. A vida é um rosário de pequenas misérias que o filósofo desafia rindo. Sejam filósofos como eu, meus senhores, sentem-se à mesa e bebamos, o futuro nunca parece tão cor-de-rosa como quando é visto através de um copo de chambertin.

- Muito bem - respondeu D'Artagnan -, mas estou cansado de temer, quando bebo, que o vinho tenha saído das adegas de Milady.

- Você é muito exigente - disse Athos -, uma mulher tão bela!

- Uma mulher de marca! - disse Porthos com o seu forte riso. Athos estremeceu, passou a mão pela testa para limpar o suor, levantou-se por sua vez com um movimento nervoso que não pôde reprimir.

Contudo, o dia passou-se e a noite veio lentamente, mas acabou por vir; as tabernas encheram-se de fregueses, Athos, que tinha arrecadado a sua parte do diamante, já não saía do Parpaillot. Tinha encontrado no Sr. de Busigny, que, de resto, lhes oferecera um magnífico jantar, um parceiro digno dele. Jogavam, pois, um com o outro, como de costume, quando deram as sete horas: ouviram-se passar as patrulhas que iam reforçar os postos, às sete e meia tocou a recolher.

- Estamos perdidos - disse D'Artagnan ao ouvido de Athos.

- Quer dizer que perdemos - disse tranquilamente Athos, tirando quatro pistolas do bolso e lançando-as sobre a mesa. - Vamos, meus senhores - continuou. Hora de recolher, vamos nos deitar.

E Athos saiu do Parpaillot, seguido de D'Artagnan. Aramis vinha atrás, dando o braço a Porthos. Aramis mastigava uns versos, e Porthos, de vez em quando, arrancava uns pêlos do bigode, em

sinal de desespero. Mas eis que, subitamente, no escuro, se desenha uma sombra cuja forma é familiar a D'Artagnan, e que uma voz bem conhecida lhe diz:

- Senhor, trago-lhe a sua capa pois a noite está fresca.
- Planchet! - exclamou D'Artagnan, doido de alegria.
- Planchet! - repetiram Porthos e Aramis.
- Muito bem! Sim, Planchet - disse Athos -, que tem isso de espantoso? Ele

tinha prometido estar de volta às oito horas e quase são oito horas. Bravo, Planchet! É um rapaz de palavra e, se alguma vez largar o seu amo, tem um lugar ao meu serviço.

- Oh! Não, nunca - disse Planchet -, nunca deixarei o Sr. D'Artagnan.

Ao mesmo tempo D'Artagnan sentiu que Planchet lhe introduzia um bilhete na mão. D'Artagnan tinha vontade de abraçar Planchet no regresso como o abraçara à partida, mas receou que esta prova de efusão dada ao seu lacaios no meio da rua parecesse extraordinária a quem por ali passasse e conteve-se.

- Já tenho o bilhete - disse ele a Athos e aos seus amigos.
- Está bem - disse Athos -, vamos lê-lo nos nossos aposentos.

O bilhete escaldava na mão de D'Artagnan, que queria acelerar o passo. Mas Athos pegou-lhe no braço, enfiou-o no seu, e o jovem teve de acertar o passo pelo do seu amigo.

Por fim entraram na tenda, acenderam um candeeiro, e enquanto Planchet ficava à porta para que os quatro amigos não fossem surpreendidos, D'Artagnan, com mão tremula, quebrou o selo e abriu a tão esperada carta. Esta continha meia linha, escrita com letra bem britânica e com uma concisão bem espartana:

Obrigado, fique tranquilo.

Athos tirou a carta das mãos de D'Artagnan, aproximou-a do candeeiro, ateou-lhe fogo e não a largou enquanto não se reduziu a cinzas. Depois, chamando Planchet:

- Agora, meu rapaz - disse-lhe -, pode reclamar as suas setecentas libras, mas não arriscava grande coisa com um bilhete como aquele.
- Nem por isso inventei muitas maneiras de escondê-lo - disse Planchet.
- Ora bem - disse D'Artagnan -, conte isso.
- Isso é coisa para levar muito tempo, meu senhor.

- Tem razão, Planchet - disse Athos -, aliás, já tocou o recolher e nós daríamos nas vistas se ficássemos com a luz acesa até mais tarde que os outros.
- Bom - disse D'Artagnan -, vamo deitar. Durma bem, Planchet!
- Puxa, meu senhor! Será a primeira vez em dezesseis dias.
- E eu também! - disse D'Artagnan.
- E eu também! - repetiu Porthos.
- E eu também! - repetiu Aramis.
- Muito bem! Querem que confesse a verdade? Eu também!
- disse Athos.

XLIX - FATALIDADE

Contudo, Milady, cega de raiva, rugindo na coberta do navio como uma leoa ao ser embarcada, sentira-se tentada a atirar-se ao mar para voltar à costa, pois não conseguia admitir a idéia de que fora insultada por D'Artagnan, ameaçada por Athos e que deixava a França sem se vingar deles. Em breve esta idéia tornara-se tão insuportável que, com o risco do que lhe poderia acontecer de terrível a si mesma, ela suplicara ao capitão que a levasse à costa, mas o capitão, cheio de pressa

de escapar da sua falsa posição entre os cruzadores franceses e

ingleses, como o morcego entre os ratos e os pássaros, tinha toda a urgência de chegar a Inglaterra e recusou-se obstinadamente a obedecer àquilo que considerava um capricho feminino, prometendo à sua passageira, que lhe fora aliás muito recomendada pelo cardeal, que a desembarcaria, se o mar e os franceses o permitissem, num dos portos da Bretanha, quer em Lorient quer em Brest, mas entretanto o vento era contrário, o mar estava mau, o navio andava à bolina. Nove dias depois de saírem do Charente, Milady, muito pálida com os seus desgostos e a sua raiva, só via aparecerem as costas azuladas do Finisterra.

Calculou que, para atravessar aquele canto da França e chegar junto do cardeal, precisava de pelo menos três dias, mais um dia para o desembarque e eram quatro; juntando estes quatro dias aos outros nove, eram treze dias perdidos, treze dias durante os quais se podiam passar tantos acontecimentos importantes em Londres. Pensou que certamente o cardeal ficaria furioso com o seu regresso e que, por conseguinte, se inclinaria mais a escutar as queixas que lhe fariam contra ela do que as acusações que ela faria contra os outros. Portanto deixou passar Lorient e Brest sem insistir com o capitão que, por seu lado, também não lhe chamou a atenção. Milady prosseguiu, pois, o seu caminho e, no mesmo dia em que

Planchet embarcava em Portsmouth para a França, a mensageira de Sua Eminência entrava, triunfante, no porto.

Toda a cidade estava agitada por um movimento extraordinário: quatro grandes navios recentemente construídos acabavam de ser lançados ao mar, de pé no molhe, coberto de ouro, cintilante, como habitualmente, de diamantes e de pedrarias, com o chapéu de feltro ornado por uma pluma branca que lhe tombava sobre o ombro, via-se Buckingham, rodeado por um estado-maior quase tão brilhante como ele.

Era um desses belos e raros dias de Inverno em que a Inglaterra se lembra de que o sol existe. O astro pálido, mas contudo ainda esplêndido, punha-se no horizonte, purpurejando o céu e o mar com faixas de fogo e lançando sobre as torres e as casas velhas da cidade um derradeiro raio de ouro que fazia brilhar as vidraças como o reflexo de um incêndio.

Milady, respirando aquele ar do Oceano mais vivo e mais balsâmico com a proximidade da terra, contemplando todo o poder daqueles preparativos que estava encarregada de destruir, todo o poder daquela armada que devia combater sozinha - ela, uma mulher - com alguns sacos de ouro, comparou-se mentalmente a Judite, a terrível judia, quando esta penetrou no acampamento dos assírios e viu a enorme massa de carros, de cavalos, de homens e de armas que um gesto da sua mão podia dissipar como uma nuvem de fumo.

Entraram na baía, mas, quando se preparavam para lançar âncora, um pequeno cúter formidavelmente armado aproximou-se do navio mercante, apresentando-se como guarda costeiro, e lançou o seu bote ao mar, o qual se dirigiu para a escada. Neste bote vinham um oficial, um contramestre e oito remadores, só o oficial subiu a bordo, onde foi recebido com toda a deferência que o uniforme inspira.

O oficial conversou alguns instantes com o patrono, deu-lhe a ler um papel de que era portador e, por ordem do capitão do navio mercante, toda a tripulação do mesmo, marinheiros e passageiros, foi chamada à coberta.

Feita esta espécie de apelo, o oficial indagou em voz alta quais haviam sido

o ponto de partida do brigue, a sua rota, as suas paradas, e, a todas as perguntas,

o capitão respondeu sem hesitação nem dificuldade. Então o oficial começou a passar revista a todas as pessoas, uma a uma, e, detendo-se em Milady, considerou-a com grande cuidado, mas não lhe dirigiu uma única palavra.

Depois voltou junto do capitão, disse-lhe mais algumas palavras, e, como se dali em diante o navio lhe devesse obedecer, comandou uma manobra, que a tripulação imediatamente executou. Então o navio tornou a rumar, sempre escoltado pelo pequeno cúter, que vogava encostado a ele,

ameaçando-lhe o flanco com a boca dos seus seis canhões, enquanto a barca seguia no sulco do navio, como um pontinho ao pé da enorme massa.

Durante o exame que o oficial fizera de Milady, esta, naturalmente, devorara-o com os olhos. Mas, embora esta mulher de olhos de chamas estivesse muito habituada a ler no coração daqueles cujos segredos precisava adivinhar, desta vez encontrou um rosto de uma tal impassibilidade que a sua investigação não conduziu a nenhuma descoberta. O oficial que parara diante dela e que a estudara silenciosamente e com tanto cuidado podia ter vinte e cinco ou vinte e seis anos, tinha um rosto branco com os olhos azuis-claros um pouco encovados, a sua boca fina e bem desenhada, permanecia imóvel nas suas linhas corretas, o seu queixo, vigorosamente acusado, denotava essa força de vontade que, no tipo vulgar britânico geralmente não passa de obstinação,; uma testa pequena, como convém aos poetas, aos entusiásticos e aos soldados, era levemente sombreada por uma cabeleira curta e rala que, como a barba que lhe cobria a parte inferior do rosto, era de uma bela cor castanho-escura.

Quando entraram no porto já era noite. A bruma tornava a escuridão ainda mais espessa e formava em torno dos fanais e das lanternas do molhe um círculo semelhante ao que envolve a lua quando o tempo ameaçava chuva. O ar que se respirava era triste, úmido e frio.

Milady, essa mulher tão forte, sentia-se tremer.

O oficial mandou que lhe indicassem a bagagem de Milady e que a levassem para o bote e, realizada esta operação, convidou-a a descer por sua vez, estendendo-lhe a mão.

Milady olhou para este homem e hesitou.

- Quem é, senhor - perguntou ela -, que tem a bondade de se ocupar de mim de maneira tão especial?
- Deve ver, minha senhora, pelo meu uniforme, sou oficial da marinha inglesa - respondeu o rapaz.
- Mas, enfim, será costume os oficiais da marinha inglesa porem-se às ordens dos seus compatriotas quando estes abordam um porto da Grã-Bretanha e levarem a galantaria ao ponto de os conduzirem a terra?
- Sim, Milady, é costume, não por galantaria mas por prudência, em tempo de guerra os estrangeiros serem conduzidos a uma estalagem designada, a fim de que enquanto não se tiverem todas as informações sobre eles fiquem sob a vigilância do governo.

Estas palavras foram pronunciadas com a mais exata cortesia e com a mais perfeita calma. Porém não tiveram o dom de convencer Milady.

- Mas eu não sou estrangeira, senhor - disse ela com a pronúncia mais pura que jamais se ouviu de Portsmouth a Manchéster -, chamo-me Lady Clarick e

essa medida...

- Essa medida é geral, Milady, e seria inútil tentar subtraí-se.
- Nesse caso, siga-lhe, senhor.

E, aceitando a mão do oficial, começou a descer a escada embaixo da qual a esperava o bote. O oficial seguiu-a, na popa estava estendida uma grande capa, o oficial disse-lhe que se sentasse em cima da capa e sentou-se ao seu lado.

- Remem - disse ele aos marinheiros.

Os oito remos caíram na água com um único som, com uma única pancada, e o bote pareceu voar à tona d'água. Passado cinco minutos estavam em terra. O oficial saltou para o cais e ofereceu a mão a Milady. Um carro esperava.

- Este carro é para nós? - perguntou Milady.
- Sim, minha senhora - respondeu o oficial.
- Então a estalagem fica longe?
- Do outro lado da cidade.
- Vamos - disse Milady. E, resoluta, entrou no carro.

O oficial verificou se prendiam bem as malas na bagageira e, terminada esta operação, sentou-se ao lado de Milady e fechou a portinhola.

Imediatamente, sem que fosse dada alguma ordem e sem que fosse preciso indicar-lhe o caminho, o cocheiro partiu a galope

e embrenhou -se nas ruas da cidade. Uma recepção tão estranha devia dar muito que pensar a Milady; assim, vendo que o jovem oficial não parecia nada disposto a entabular conversa, encostou-se a um canto do carro e passou em revista, uma a uma, todas as suposições que lhe ocorriam.

Contudo, passado um quarto de hora, admirada por o percurso ser tão longo, debruçou-se da portinhola para ver onde a levavam. Já não se viam casas, as árvores apareciam nas trevas como grandes fantasmas negros correndo uns atrás dos outros.

Milady arrepiou-se.

- Mas já não estamos na cidade, senhor - disse ela. O jovem oficial guardou silêncio. - Não irei mais longe se não me disser onde me conduz, previno-lhe, senhor!

Esta ameaça não obteve nenhuma resposta.

- Oh! Isto é demais! - exclamou Milady. - Socorro! Socorro! Nenhuma voz lhe respondeu, o carro continuou a andar rapidamente, o oficial parecia uma estátua.

Milady fitou o oficial com uma dessas expressões terríveis típicas do seu rosto e que raramente falhavam o seu efeito, a cólera fazia-lhe brilhar os olhos na penumbra. O jovem permaneceu insensível. Milady quis abrir a portinhola e atirar-se.

- Tenha cuidado, minha senhora - disse friamente o rapaz -, pois, se saltar, se matará.

Milady tornou a sentar-se, furiosa; o oficial debruçou-se, fitou-a por sua vez e pareceu surpreso por ver aquele rosto, antes tão belo, alterado pela raiva e tornado quase medonho. A astuciosa criatura compreendeu que se perdia deixando ver a sua alma daquela maneira, serenou o rosto e gemeu:

- Por amor de Deus, senhor! Diga-me se é ao senhor, ao seu governo, ou a

um inimigo que devo atribuir esta violência que me fazem!

- Não lhe fazem nenhuma violência, minha senhora, e o que lhe acontece é o resultado de uma medida bem simples que somos obrigados a tomar com todos os que desembarcam na Inglaterra.

- Então não me conhece, senhor?

- É a primeira vez que tenho a honra de vê-la.

- E por sua honra, não tem nenhum motivo para me odiar?

- Nenhum, juro.

Havia tanta serenidade, sangue-frio e até doçura na voz do rapaz que Milady sossegou.

Por fim, após uma hora de marcha aproximadamente, o carro parou diante de um portão de ferro no fim de um caminho que

conduzia a um castelo de forma severa, maciço e isolado. Então, quando o carro rolava sobre areia fina, Milady ouviu um vasto mugido que reconheceu como o som do mar quebrando-se em uma costa escarpada.

- Em todo caso - disse Milady, olhando em redor e pregando os olhos no jovem oficial, com o mais gracioso sorriso - sou prisioneira, mas tenho certeza de que não será por muito tempo - acrescentou - garantem-no a minha consciência e a sua cortesia, senhor.

Por mais lisonjeiro que fosse o cumprimento, o oficial não respondeu, mas, tirando do cinto um assobio de prata semelhante ao que usam os contramestres nos vasos de guerra, assobiou três vezes, em três sons diferentes, então apareceram vários homens que desatrelaram os cavalos cansados e levaram o carro para um alpendre.

Depois o oficial, sempre com a mesma cortesia calma, convidou a sua prisioneira a entrar na casa. Esta, sempre com o mesmo rosto sorridente, deu-lhe o braço e entrou com ele por uma porta baixa e em arco que, através de uma abóbada apenas iluminada ao fundo, conduzia a uma escadaria de pedra que subia em caracol, depois pararam diante de uma porta maciça que, depois de introduzida na fechadura uma chave que o jovem trazia, rolou pesadamente nos gonzos e deu passagem a um quarto destinado a Milady.

Com um olhar, a prisioneira abraçou o aposento nos mínimos pormenores.

Era um quarto cujo mobiliário era ao mesmo tempo próprio para uma prisão e bastante severo para um aposento de homem livre: todavia, as grades nas janelas e os ferrolhos do lado de fora da porta decidiam a questão a favor da prisão. Por um instante toda a força de alma desta criatura, que contudo se temperara nas fontes mais vigorosas, abandonou-a, caiu numa poltrona, cruzando os braços, baixando a cabeça e esperando a cada instante ver surgir um juiz para interrogá-la.

Mas ninguém entrou, salvo dois ou três soldados da marinha que trouxeram as malas, as puseram a um canto e se retiraram sem dizer nada.

O oficial presidia a todos estes pormenores com a mesma calma que Milady vira constantemente, não pronunciando uma palavra e fazendo-se obedecer com um gesto ou com um assobio. Parecia que, entre aquele homem e os seus subordinados, a língua falada não existia ou tornava-se inútil.

Por fim, Milady não aguentou e rompeu o silêncio:

- Pelo amor de Deus, senhor! - exclamou. - Que quer tudo isto dizer?

Esclareça as minhas dúvidas, eu tenho coragem para todo o perigo que prevejo, e para toda a desgraça que compreendo.

Onde estou e que faço aqui? Se sou livre, porquê estas grades e estas portas? Se sou prisioneira, que crime cometi?

- Estáveis no aposento que lhe foi destinado, minha senhora, recebi ordens para ir buscá-la no mar e para conduzi-la a este castelo, creio que cumpri essa ordem com toda a rigidez de um soldado, mas também com toda a cortesia de um gentil-homem. Aqui termina, pelo menos por agora, a missão que eu devia cumprir, o resto é com outra pessoa.

- E quem é essa pessoa? - perguntou Milady. - Não pode me dizer o seu nome?...

Neste momento ouviu-se nas escadas um grande alarido de esporas, algumas vozes passaram e extinguiram-se, e o som de um passo isolado aproximou-se da porta.

- Eis aqui essa pessoa, minha senhora - disse o oficial, abrindo passagem e pondo-se em atitude de respeito e de submissão.

Ao mesmo tempo a porta abriu-se, e um homem apareceu no limiar. Estava descoberto, trazia a espada ao lado e amassava um lenço entre os dedos. Milady julgou reconhecer esta sombra na sombra, apoiou a mão no braço da poltrona, e avançou a cabeça como que para ir ao encontro de uma certeza.

Então o estranho avançou lentamente; e, à medida que avançava entrando no círculo de luz projetada pelo candeeiro, Milady recuou involuntariamente.

Depois, quando já não teve dúvidas:

- O quê? O meu irmão! - exclamou no auge da estupefação.

- É você?

- Sim, bela dama! - respondeu lorde de Winter, fazendo uma saudação meio cortês, meio irônica. - Eu mesmo.

- Mas então, este castelo?

- É meu.

- Este quarto?

- É seu.

- Então sou sua prisioneira?

- Praticamente.

- Mas isso é um abuso de força!

- Não exagere, vamos nos sentar e conversar tranquilamente, como convém entre um irmão e uma irmã.

Depois, virando-se para a porta e vendo que o jovem oficial aguardava as suas últimas ordens:

- Está bem - disse ele -, agradeço-lhe, agora, deixe-nos, Sr. Felton.

L - CONVERSA DE UM IRMÃO COM A SUA IRMÃ

Enquanto lorde de Winter fechava a porta, empurrava um postigo e aproximava uma cadeira da poltrona da cunhada, Milady, sonhadora, mergulhou o olhar nas profundezas da possibilidade e descobriu toda a trama que não podia sequer ter previsto enquanto ignorava em que mãos tinha caído. Conhecia o cunhado como um bom gentil-homem, caçador franco, jogador intrépido, empreendedor com as mulheres, mas de uma força inferior à sua para a intriga.

Como teria descoberto a sua chegada? Como a tinha mandado apanhar? Por que a retinha?

Athos dissera-lhe algumas palavras que provavam que a conversa que ela tivera com o cardeal caíra em ouvidos alheios, mas não podia admitir que tivessem podido abrir uma contramina tão pronta e tão ousada.

Receou mais que as suas precedentes operações em Inglaterra houvessem sido descobertas. Buckingham podia ter adivinhado que fora ela que cortara as duas agulhetas, e vingar-se daquela pequena traição, mas Buckingham era incapaz de algum excesso contra uma mulher, sobretudo se supunha que agira por um sentimento de ciúme. Esta suposição pareceu-lhe a mais provável; achou que queriam vingar-se do passado e não ir ao encontro do futuro. Porém, e em todo o caso, congratulou-se por ter caído nas mãos do cunhado, ao qual contava levar a

melhor, em vez de ter caído nas mãos de um inimigo direto e inteligente.

- Sim, conversemos, meu irmão - disse ela com uma espécie de prazer, decidida como estava a tirar da conversa, apesar de toda a dissimulação que lorde de Winter pudesse usar, os esclarecimentos de que precisava para determinar a atitude a tomar.

- Então decidiu voltar a Inglaterra - disse lorde de Winter -, apesar da resolução que tantas vezes me havia manifestado em Paris de nunca mais pisar o território da Grã-Bretanha?

Milady respondeu à pergunta com outra pergunta.

- Antes de mais - disse ela - diga-me como me mandou espiar tão severamente que foi prevenido não só da minha chegada mas também do dia, da hora e do porto em que eu chegava.

Lorde de Winter adotou a mesma tática que Milady, pensando que, se a sua cunhada a empregava, devia ser a tática certa.

- Mas diga-me você mesma, minha cara irmã - tornou ele -, que veio fazer na Inglaterra?

- Mas venho vê-lo - respondeu Milady sem saber que com esta resposta agravava as suspeitas que a carta de D'Artagnan fizera nascer no espírito do cunhado, e querendo apenas captar a benevolência do seu auditor com uma mentira.

- Ah! Me ver? - disse dissimuladamente lorde de Winter.

- Sem dúvida, ve-lo. Que tem isso de espantoso?
- E, vindo a Inglaterra, não tem outra finalidade além de me ver?
- Não.
- Então foi só por minha causa que se deu ao trabalho de atravessar a Mancha?
- Só por sua causa.
- Puxa! Que ternura, minha irmã!
- Mas não sou a sua parente mais próxima? - perguntou Milady com a mais comovente ingenuidade.
- E até a minha única herdeira, não é? - disse por sua vez lorde de Winter, pregando os olhos nos de Milady.

Por maior que fosse o poder que tivesse sobre si própria, Milady não pôde deixar de estremecer e como, ao pronunciar as últimas palavras que dissera, lorde de Winter pousara a mão no braço da irmã, este estremecimento não lhe escapou.

Com efeito, o golpe era direto e profundo. A primeira idéia que ocorreu a Milady foi que tinha sido traída por Ketty, e que esta contara ao barão a aversão interesseira que ela manifestara imprudentemente diante da sua aia, lembrou-se também da saída furiosa e imprudente que tivera contra D'Artagnan quando este salvara a vida do seu cunhado.

- Não compreendo, Milorde - disse ela para ganhar tempo e fazer falar o seu adversário. - Que quer dizer? E há algum sentido oculto sob as suas palavras?

- Oh, não, meu Deus! - disse lorde de Winter com aparente bonomia. - Você deseja me ver e veio a Inglaterra. Eu tomo conhecimento desse desejo, ou melhor, adivinho que o sente, e a fim de poupar todos os incômodos de uma chegada noturna a um porto, todas as fadigas de um desembarque, envio um dos meus oficiais ao seu encontro, ponho um carro às suas ordens, o qual a traz aqui a este castelo, de que sou governador, onde venho todos os dias, em que, para o nosso duplo desejo de nos vermos seja satisfeito, mando preparar um quarto. Que há em tudo o que digo de mais espantoso do que naquilo que me disse?

- Não, o que me parece espantoso foi ter sido prevenido da minha chegada.

- Contudo isso é o mais simples, minha cara irmã: não viu que o capitão do seu pequeno navio tinha, ao entrar na baía, enviado à frente e a fim de obter a sua entrada no porto, um pequeno bote portador do seu livro de bordo e do seu registro da tripulação? Eu sou comandante do porto, trouxeram-me esse livro e reconheci o seu nome. O meu coração ditou-me aquilo que a sua boca acaba de me confiar, ou seja, com que finalidade se expunha aos perigos de um mar tão perigoso ou pelo menos tão fatigante neste momento, e enviei o meu cúter ao seu encontro. O resto já sabe.

Milady compreendia que lorde de Winter mentia e ficou ainda mais assustada.

- Meu irmão - continuou ela -, não foi milorde Buckingham que vi no molhe, à noite, quando cheguei?

- Ele mesmo. Ah! Compreendo que a tenha impressionado - retorquiu lorde de Winter -, vem de um país em que se deve falar muito nele, e sei que os seus armamentos contra a França preocupam muito o seu amigo cardeal.

- O meu amigo cardeal! - exclamou Milady, vendo que, tanto nesse ponto como em qualquer outro, lorde de Winter parecia saber de tudo.

- Não é seu amigo? - continuou negligentemente o barão. - Ah, perdão! Pensei que fosse. Mas voltaremos a falar de milorde-duque mais tarde, não nos afastemos do tom sentimental que a conversa tinha tomado. Você disse que vinha para me ver?

- Sim.

- Muito bem! Respondi que seríeis servida conforme os seus desejos e que nos veríamos todos os dias.

- Devo então permanecer eternamente aqui? - perguntou Milady assustada.

- Acaso se sente mal instalada, minha irmã? Peça o que falta que me apressarei a mandar-lo.

- Mas não tenho nem as minhas aias nem os meus criados...

- Terá tudo isso, minha senhora; diga-me de que modo seu primeiro marido montara a sua casa. Embora eu seja apenas seu cunhado, montarei uma igual.

- O meu primeiro marido! - exclamou Milady, fitando lorde de Winter com um olhar alucinado.

- Sim, o seu marido francês, não falo do meu irmão. Afinal, como ainda é vivo, eu poderia escrever-lhe e ele me mandaria informações a esse respeito.

Um suor frio perlou a fronte de Milady.

- Está brincando comigo - disse ela com voz surda.

- É o que parece? - perguntou o barão, levantando-se e dando um passo atrás.

- Ou melhor, está me insultando - continuou ela, fincando as mãos

crispadas nos braços da poltrona e firmando-se nos pulsos para se levantar.

- Insultá-la, eu! - disse lorde de Winter com desprezo. - Na verdade, minha senhora, acha que isso é possível?

- Na verdade, senhor - disse Milady -, está embriagado ou louco. Saia e envie-me uma mulher.

- As mulheres são muito indiscretas, minha irmã? Não poderei eu servir-lhe de aia? Desse modo os nossos segredos ficariam em família.
- Insolente! - exclamou Milady e, como que impelida por uma mola, atirou-se ao barão, que a esperou com impassibilidade, mas com a mão na da espada.
- Eh! Eh! - disse ele. - Já sei que tem o hábito de assassinar as pessoas, mas eu me defenderei, previno-lhe, ainda que seja contra você.
- Oh! Tem razão - disse Milady. - E parece-me suficientemente covarde para levantar a mão contra uma mulher.
- Talvez sim, aliás, teria uma desculpa: a minha mão não seria a primeira mão de homem que teria pousado em você, imagino.

E o barão apontou com um gesto lento e acusador o ombro esquerdo de Milady, quase tocando-o com o dedo. Milady soltou um rugido surdo, e recuou até ao canto do quarto, como uma pantera que quer encurralar-se para ganhar impulso.

- Oh! Ruja tanto quanto quiser! - exclamou lorde de Winter -, mas não tente morder, pois previno-a de que isso a prejudicaria: aqui não há procuradores que resolvem as sucessões por antecipação, não há nenhum cavaleiro errante que me venha provocar uma querela por causa de uma bela dama que tenho prisioneira, mas tenho juízes que poderão

dispor de uma mulher bastante desavergonhada para se introduzir, bígama, no leito de lord de Winter, meu irmão mais velho, e previno-a de que esses juízes a enviarão a um carrasco que deixará os dois ombros iguais.

Os olhos de Milady lançavam tais chispas que, embora fosse homem e estivesse armado diante de uma mulher desarmada, ele sentiu o frio deslizar até ao fundo da sua alma, mas nem por isso deixou de continuar com uma fúria crescente:

- Sim, compreendo, depois de ter herdado de meu irmão, gostaria de herdar de mim, mas saiba desde já que pode me matar ou mandar matar, já tomei as minhas precauções e nem um penny daquilo que possuo passará para as suas mãos. Não é já suficientemente rica, você que possui quase um milhão, e não podia caminhar na sua caminhada fatal, se não fizesse o mal senão pelo prazer infinito e supremo de fazer o mal? Oh! Digo que, se a memória de meu irmão não

fosse sagrada para mim, iria apodrecer em um cárcere do Estado ou saciar em Tyburn a curiosidade dos marinheiros, eu me calarei, mas você, suporte tranquilamente o seu cativo, daqui a quinze ou vinte dias parto para La Rochelle com a armada mas, na véspera da minha partida, um navio virá buscá-la, um navio que eu verei partir e que a conduzirá às colônias do Sul e, pode ficar descansada pois mandarei com você um companheiro que meterá uma bala na sua cabeça à

primeira tentativa que fizer para voltar a Inglaterra ou ao continente.

Milady escutava com uma atenção que lhe ditava os olhos inflamados.

- Sim, mas por enquanto - continuou lorde de Winter -, ficará neste castelo: as muralhas são espessas, as portas são fortes, as grades são sólidas. Aliás, a sua janela é a pique sobre o mar; os homens da minha tripulação, que me são dedicados para a vida e para a morte, montam guarda em volta deste aposento e vigiam todas as passagens que conduzem ao pátio, depois, se chegasse ao pátio, ainda teria de atravessar três portões. As ordens são precisas: um passo, um gesto, uma palavra que simule evasão, e atiram sobre você, se a matarem, a justiça inglesa ficará me devendo o favor, espero eu, de ter poupado esse trabalho. Ah! Parece mais calma, mais segura: Quinze dias, vinte dias, diz você, ora!, daqui até lá, tenho um espírito inventivo e há de ocorrer-me alguma idéia, tenho um espírito infernal, hei de encontrar alguma vítima. Daqui a quinze dias, diz você, estarei fora daqui. Ah, ah! Tente!

Vendo que lhe adivinhavam os pensamentos, Milady cravou as unhas na carne para dominar todo o movimento susceptível de dar à sua fisionomia algum significado, além da angústia.

Lorde de Winter continuou:

- O oficial que comanda aqui sozinho na minha ausência, que já viu e portanto já conhece, sabe, como viu, observar uma

ordem, pois eu bem o conheço e sei que não veio de Portsmouth até aqui sem ter tentado fazê-lo falar. Que diz? Uma estátua de mármore teria sido mais impassível e mais muda? Já experimentou o poder da sua sedução com muitos homens e, infelizmente, foi sempre bem sucedida; mas tente com esse, com a breca, se conseguir fazê-lo vergar, declaro-lhe o demônio em pessoa.

Dirigiu-se para a porta e abriu-a bruscamente.

- Chame o Sr. Felton - disse ele. - Espere mais um instante, vou recomendar-lhe a esse homem.

Estabeleceu-se entre estes dois personagens um estranho silêncio, durante o qual se ouviu o som de um passo lento e regular que se aproximava, em breve, na sombra do corredor, viu-se desenhar uma forma humana e o jovem tenente com o qual já travamos conhecimento parou no limiar, aguardando as ordens do barão.

- Entre, meu caro John - disse lorde de Winter -, entre e feche a porta. O jovem oficial entrou.

- Agora - disse o barão -, olhe para esta mulher: é jovem, é bela, tem todas as seduções da terra. Ora! Ela é um monstro que, aos vinte e cinco anos, se tornou culpada de tantos crimes quantos os que pode ler num ano nos arquivos dos nossos tribunais, a sua voz abona em seu favor, a sua beleza serve de engodo às vítimas, o seu próprio corpo paga aquilo que ela

prometeu, justiça seja feita, tentará seduzi-lo, até talvez tente matá-lo. Eu tirei-o da miséria, Felton, fiz-lhe

tenente, salvei-lhe a vida uma vez, sabe em que ocasião, sou para você não só um protetor mas também um amigo, não só um benfeitor mas também um pai, esta mulher voltou a Inglaterra para conspirar contra a minha vida, tenho esta serpente nas minhas mãos, pois bem, mandei chamar-lhe e digo: Amigo Felton, John, meu filho, defenda-me e sobretudo defenda-se contra esta mulher, jure pela sua salvação que a conservará para o castigo que ela mereceu. John, Felton, eu confio na sua palavra, John Felton, eu confio na sua lealdade.

- Milorde - disse o jovem oficial, carregando o seu olhar puro de todo o ódio que pôde encontrar no coração -, milorde, juro que se fará como deseja.

Milady recebeu este olhar como vítima designada: era impossível ver uma expressão mais submissa e mais doce que a que reinava no seu belo rosto. O próprio lorde de Winter mal reconheceu a leoa que momentos antes se preparava para combater.

- Jamais sairá deste quarto, ouviu, John? - continuou o barão. - Não se corresponderá com ninguém, só falará com você, se acaso quiser dar-lhe a honra de lhe dirigir a palavra.

- Basta, milorde, já jurei.

- E agora, minha senhora, trate de fazer as pazes com Deus, pois está sendo julgada pelos homens.

Milady deixou cair a cabeça como se se sentisse esmagada por este juízo. Lorde de Winter saiu, fazendo um gesto a Felton, que saiu atrás dele e fechou a porta. Passado um instante ouvia-se no corredor o passo pesado de um soldado da marinha de sentinela, com o machado à cinta e o mosquete na mão.

Milady permaneceu uns minutos na mesma posição, pois pensou que talvez a examinassem através da fechadura, depois, lentamente, ergueu a cabeça, que ganhara uma expressão formidável de ameaça e de desafio, correu a escutar à porta, olhou pela janela e, voltando a enterrar-se numa vasta poltrona, ficou pensando.

LI - OFICIAL

Contudo, o cardeal esperava notícias de Inglaterra, mas não chegava nenhuma, a não ser desagradáveis e ameaçadoras.

La Rochelle foi atacada, o êxito parecia certo, graças às precauções tomadas e, sobretudo, graças ao dique que já não deixava penetrar nenhum barco na cidade sitiada, contudo, o bloqueio ainda podia durar muito tempo, e isso era uma grande afronta para as armas do rei e um grande incômodo para o Sr.

Cardeal, que já não tinha que indispor Luís XIII com Ana de Áustria, é certo, pois a coisa estava feita, mas sim que reconciliar o Sr. de Bassompierre, que estava indisposto com o duque de Angoulême. Quanto ao rei, que começara o cerco, deixava ao cardeal o encargo de terminá-lo.

A cidade, apesar da incrível perseverança do alcaide, tentara uma espécie de amotinação para se render, o alcaide mandara enforcar os amotinados. Esta execução acalmou os mais teimosos, que então se decidiram a deixar-se morrer de fome. Esta morte sempre lhes parecia mais lenta e menos segura que morrerem estrangulados.

Por seu lado, de tempos em tempos, os sitiantes capturavam os mensageiros que os rocheleses enviavam a Buckingham ou os espiões que Buckingham enviava aos rocheleses. Em ambos os casos o processo era rápido. O Sr. Cardeal dizia apenas a palavra: Enforcado! Convidavam o rei a vir assistir ao enforcamento. O rei vinha languidamente, escolhia um bom lugar para poder ver todos os pormenores da operação, aquilo sempre o distraía um pouco e dava-lhe paciência para suportar o cerco, mas não o impedia de se aborrecer muito, de estar sempre falando em voltar a Paris, de modo que, se acaso faltassem os mensageiros e os espiões, Sua Eminência, apesar de toda a sua imaginação, ficaria muito embaraçada.

Contudo, o tempo passava e os rocheleses não se rendiam, o último espião que tinham capturado era portador de uma carta. Esta dizia a Buckingham que a cidade estava nas últimas mas, em vez de acrescentar: “Se o seu socorro não chegar dentro de quinze dias, nos renderemos”, acrescentava muito simplesmente: “Se o seu socorro não chegar dentro de quinze dias, estaremos todos mortos de fome quando chegar”. Assim, os rocheleses só tinham esperanças em Buckingham, Buckingham era o seu Messias. Era evidente que, se um dia tivessem certeza de que já não podiam contar com Buckingham, a sua coragem se desvaneceria com a esperança. O cardeal esperava, pois, com grande impaciência notícias de Inglaterra que deviam anunciar que Buckingham não viria. A questão de tomar a cidade à força, muitas vezes debatida no conselho do rei, fora sempre posta de parte, primeiro La Rochelle parecia inexpugnável, depois o cardeal, por mais que tivesse dito, sabia muito bem que o horror do sangue derramado nessa confrontação em que franceses deviam combater contra franceses era um movimento retrógrado de sessenta anos imprimido à política, e o cardeal era naquela época aquilo a que hoje se chama um homem de progresso. Com efeito, o saque de La Rochelle, o assassinato de três ou quatro mil huguenotes que se tivessem deixado matar seria muito semelhante, em 1628, ao massacre de São Bartolomeu em 1572 e depois, acima de tudo, esse meio extremo, que não repugnava ao rei, bom católico, encalhava sempre neste

argumento dos generais sitiantes: La Rochelle é inexpugnável, exceto pela fome.

O cardeal não podia afastar do espírito o receio que a sua terrível emissária lhe causava, pois também ele compreendera as estranhas proporções daquela mulher, ora serpente ora leão. Traíra-o? Estava morta? Em todo o caso, conhecia-a o suficiente para saber que, agindo por ele ou contra ele, amiga ou inimiga, ela não permaneceria imóvel senão por grandes impedimentos. E isso era o que ele não podia saber.

Além disso, contava, e com razão, com Milady: adivinhara no passado desta mulher coisas terríveis que só o seu manto vermelho podia cobrir, e sentia que, por uma causa ou por outra, esta mulher lhe pertencia, só nele podendo encontrar um apoio superior ao perigo que a ameaçava.

Resolveu, portanto, fazer a guerra sozinho e apenas esperar todo o acontecimento externo como se espera uma hipótese feliz. Continuou a mandar construir o famoso dique que devia causar a fome a La Rochelle, entretanto, lançava os olhos àquela pobre cidade, que encerrava tanta miséria profunda e tantas virtudes heróicas, e, recordando as palavras de Luís XI, seu precursor

político como ele mesmo era o precursor de Robespierre, murmurou esta máxima do comparsa de Tristão: “Dividir para reinar”.

Henrique IV, sitiando Paris, atirava das muralhas pão e víveres, o cardeal mandou atirar bilhetinhos em que mostrava aos rocheleses como a atitude dos seus chefes era injusta, egoísta e bárbara, estes chefes tinham trigo em abundância e não o partilhavam, adotavam a máxima, pois eles também tinham máximas, de que pouco importava que morressem as mulheres, as crianças e os velhos, desde que os homens que deviam defender as suas muralhas continuassem fortes e saudáveis. Até ali, quer por dedicação quer por impotência para reagir contra ela, esta máxima, embora não sendo adotada na generalidade, havia contudo passado da teoria à prática, mas os bilhetes vieram pô-la ainda mais em causa. Estes bilhetes lembravam aos homens que aquelas crianças, aquelas mulheres e aqueles velhos que eles deixavam morrer eram os seus filhos, as suas esposas e os seus pais, que seria mais justo que cada um ficasse reduzido à miséria comum, a fim de que uma posição comum fizesse tomar resoluções unânimes.

Estes bilhetes produziram todo o efeito que aquele que os escrevera podia esperar, pois determinavam um grande número de habitantes a abrir negociações particulares com o exército régio.

Mas no momento em que o cardeal já via frutificar o seu expediente e se congratulava por o ter posto em prática, um habitante de La Rochelle, que conseguira atravessar as linhas do rei, sabe Deus como, tão grande era a vigilância de Bassompierre, de Schomberg e do duque de Angoulême, que

por sua vez eram vigiados pelo cardeal, um habitante de La Rochelle, dizíamos, entrou na cidade, vindo de Portsmouth e dizendo que vira uma frota magnífica pronta para navegar dali a menos de oito dias. Além disso, Buckingham anunciava ao presidente que finalmente ia ser declarada a grande liga contra a França e que o reino ia ser invadido simultaneamente pelas armadas inglesas, imperiais e espanholas. Esta carta foi lida publicamente em todas as praças, afixaram-se cópias nas esquinas, e os mesmos que tinham começado a travar negociações interromperam-nas, resolvidos a esperar este socorro tão pomposamente anunciado.

Esta circunstância inesperada devolveu a Richelieu as suas primitivas inquietações, e forçou-o a virar de novo os olhos para o outro lado do mar.

Entretanto, isento das inquietações do seu único e verdadeiro chefe, o exército real divertia-se, os víveres não faltavam no acampamento, nem tampouco o dinheiro, todos os corpos rivalizavam em audácia e boa disposição. Apanhar espões e mandar enforcá-los, fazer expedições arrojadas no dique ou no mar, imaginar loucuras, executá-las friamente, tal era o passatempo que fazia o exército achar curtos aqueles dias tão longos, não só para os rocheleses, roídos de fome e de ansiedade, mas também para o cardeal, que os bloqueava tão vivamente.

Por vezes, quando o cardeal, sempre cavalgando como o último guarda do exército, passeava o seu olhar pensativo pelas

obras, tão lentas para os seus desejos, que construíam por sua ordem os engenheiros que mandava vir de todos os cantos do reino de França, se encontrava algum mosqueteiro da companhia de Tréville, aproximava-se dele, olhava-o de maneira singular e, não reconhecendo

nele um dos nossos quatro companheiros, desviava o seu olhar profundo e o seu vasto pensamento.

Um dia em que, roído de um tédio mortal, sem esperança nas negociações com a cidade, sem notícias de Inglaterra, o cardeal saíra só por sair, acompanhado apenas de Cahusac e de La Houdinière, percorrendo os areais e confundindo a imensidão dos seus sonhos com a imensidão do oceano, chegou a uma colina do alto da qual avistou por trás de uma sebe, deitados na areia e apanhando à passagem um desses raios de sol tão raros naquela época do ano, sete homens rodeados de garrafas vazias. Quatro eram mosqueteiros que se preparavam para escutar a leitura de uma carta que um deles acabava de receber. Esta carta era tão importante que fizera abandonar em cima de um tambor as cartas de jogar e os dados.

Os outros três tratavam de abrir um enorme garrafão de vinho de Collioure, eram os lacaios daqueles senhores.

O cardeal, como dissemos, estava de humor sombrio e, quando estava com esse espírito, não havia nada que aumentasse

tanto a sua indisposição como a alegria dos outros. Tinha, aliás, uma preocupação estranha: achava sempre que a causa da sua tristeza excitava a alegria dos estranhos. Fazendo sinal a La Houdinière e a Cahusac para pararem, apeou do cavalo e aproximou-se dos folgazões suspeitos, esperando que, graças à areia que abafaria os seus passos e à sebe que ocultaria o seu avanço poderia ouvir algumas palavras daquela conversa que lhe parecia tão interessante, apenas a dez passos da sebe reconheceu o palavreado gascão de D'Artagnan e, como já sabia que aqueles homens eram mosqueteiros, não duvidou de que os outros fossem os chamados inseparáveis, ou seja, Athos, Porthos e Aramis.

Bem se vê que o seu desejo de ouvir a conversa cresceu com esta descoberta, os seus olhos ganharam uma expressão estranha e, com um passo de gato bravo, o cardeal avançou para a sebe, mas ainda não tinha podido captar mais do que umas sílabas vagas e sem nenhum sentido positivo quando um grito sonoro e breve o fez estremecer e chamou a atenção dos três mosqueteiros.

- Oficial! - gritou Grimaud.
- Creio que fala, seu engraçado - disse Athos, soerguendo-se num cotovelo e fascinando Grimaud com o seu olhar chamejante.

Portanto Grimaud não acrescentou uma palavra, contentando-se em estender o dedo indicador na direção da sebe

denunciando com este gesto o cardeal e a sua escolta. Com um salto os quatro mosqueteiros puseram-se em pé e cumprimentaram respeitosamente.

O cardeal estava furioso.

- Parece que os senhores mosqueteiros se fazem guardar! - disse ele. - Será que o Inglês vem por terra, ou será que os mosqueteiros se consideram oficiais superiores?

- Monsenhor - respondeu Athos, pois no meio do susto geral só ele conservava a calma e o sangue-frio de grande senhor que nunca o abandonavam

-, Monsenhor, os mosqueteiros, quando não estão de serviço ou quando o seu serviço terminou, bebem e jogam os dados, e são oficiais muito superiores para os seus lacaios.

- Lacaios! - resmungou o cardeal. - Lacaios que têm ordem de avisar os

seus amos quando alguém passa não são lacaios, são sentinelas.

- Sua Eminência, contudo, vê perfeitamente que, se não tivéssemos tomado essa precaução, estaríamos expostos a deixá-lo passar sem lhe apresentarmos os nossos respeitos nem lhe oferecermos os nossos agradecimentos pelo favor que nos fez de nos reunir. D'Artagnan - continuou Athos -, você que

há pouco pedia esta ocasião de exprimir a sua gratidão a Monsenhor, aqui a tem. Aproveite.

Estas palavras foram pronunciadas com a fleuma imperturbável que distinguia Athos nas horas de perigo, e com a excessiva polidez que fazia dele em certos momentos um rei mais majestoso que os próprios reis.

D'Artagnan aproximou-se e balbuciou algumas palavras de gratidão que em breve expiraram sob o olhar carregado do cardeal.

- Não importa, meus senhores - continuou o cardeal, sem parecer ter se desviado da sua primitiva intenção por causa do incidente que Athos provocara. - Não importa, meus senhores, não me agrada que simples soldados, por terem a vantagem de servir num corpo privilegiado, se arvorem assim em grandes senhores, e a disciplina é igual para todos.

Athos deixou o cardeal concluir perfeitamente a sua frase e, inclinando-se em sinal de assentimento, disse por sua vez:

- Espero, Monsenhor, que de modo algum tenhamos esquecido a disciplina. Não estamos em serviço e pensamos que, não estando de serviço, podíamos dispor do nosso tempo como nos agradasse. Se temos a felicidade de Sua Eminência ter alguma ordem particular a transmitir-nos, estamos prontos a obedecer-lhe. Monsenhor bem vê - continuou Athos, franzindo o sobrolho pois esta espécie de interrogatório começava a

impacientá-lo -, que para estarmos prontos para o menor alerta, saímos com as nossas armas.

E mostrou ao cardeal os quatro mosquetes agrupados junto do tambor, em cima do qual estavam as cartas e os dados.

- Creia, Vossa Eminência - acrescentou Athos -, que teríamos ido ao seu encontro se pudéssemos supor que era ela que vinha ter conosco em tão pequena companhia.

O cardeal mordiscava os bigodes e um pouco os lábios.

- Sabe o que parecem, sempre juntos como estão, armados e guardados pelos seus lacaios? - disse o cardeal. - Parecem quatro conspiradores.

- Oh! Quanto a isso, Monsenhor, é verdade - disse Athos -, e nós conspiramos, como Vossa Eminência pôde ver na outra manhã, mas contra os rocheleses.

- Eh! Senhores políticos - continuou o cardeal franzindo por sua vez o sobrolho -, talvez se encontrasse nos seus cérebros o segredo de muitas coisas que se ignoram, se pudesse ler neles como vocês liam nessa carta que esconderam quando me viram chegar.

Athos corou, e deu um passo na direção de Sua Eminência.

- Parece que suspeita realmente de nós, Monsenhor, e que somos submetidos a um verdadeiro interrogatório, se assim é, que Vossa Eminência se digne explicar-se e ao menos saberemos do que se trata.

- E se fosse um interrogatório? - respondeu o cardeal. - Outros já foram submetidos a interrogatório, Sr. Athos, e responderam.

- Por isso, Monsenhor, eu disse a Vossa Eminência que era só perguntar e que estávamos prontos para responder.

- Que carta era essa que ia ler, Sr. Aramis, e que escondeu?

- Era a carta de uma mulher, Monsenhor.

- Oh! Compreendo - disse o cardeal -, há que ser discreto com esse gênero de cartas, contudo, é possível mostrá-las a um confessor e, como sabe, eu fui ordenado.

- Monsenhor - disse Athos com uma calma ainda mais terrível porquanto arriscava a cabeça ao dar esta resposta -, a carta é de uma mulher, mas não está assinada nem Marion de Lorme nem Mme d'Aiguillon.

O cardeal ficou pálido como um morto, um brilho feroz brotou dos seus olhos, virou-se como que para dar uma ordem a Cahusac e a La Houdinière. Athos viu o movimento, deu um passo para os três mosquetes, nos quais os três amigos tinham os olhos postos como quem não está disposto a se deixar prender. O cardeal era o terceiro, os mosqueteiros, contando com os lacaios, eram sete, achou que a partida seria desigual, que Athos e os seus companheiros conspiravam realmente e,

com uma daquelas reviravoltas que tinha sempre à sua disposição, toda a sua cólera se fundiu em um sorriso.

- Vamos, vamos! - disse ele. - Vocês são valentes, orgulhosos à luz do dia e fiéis na escuridão, não há nenhum mal em guardar-me a mim quando se guardam tão bem os outros, meus senhores, eu não esqueci a noite em que me serviram de escolta para ir ao Colombier-Rouge, se houvesse algum perigo na estrada que vou seguir, lhes pediria que me acompanhassem, mas, como não há, fiquem onde estão, acabem as suas garrafas, a sua partida e a sua carta. Adeus, meus senhores.

E, montando no cavalo que Cahusac trouxera, saudou-os e afastou-se.

Os quatro jovens, de pé e imóveis, seguiram-no com os olhos sem dizer uma palavra, até que ele desapareceu. Depois entreolharam-se.

Todos tinham um ar consternado, pois, apesar da despedida amigável de Sua Eminência, compreendiam que o cardeal partia furioso. Apenas Athos sorria com um ar de poder e desdém. Quando o cardeal ficou fora do alcance da voz e da vista:

- Esse Grimaud gritou muito tarde! - disse Porthos, desejoso de descarregar o seu mau humor em alguém.

Grimaud ia responder para se desculpar. Athos ergueu o dedo e Grimaud calou-se.

- Teria entregado a carta, Aramis? - disse D'Artagnan.
- Eu estava decidido - disse Aramis com a sua voz mais aflautada -, se ele tivesse exigido que lhe entregássemos a carta, apresentava-a com uma das mãos e com a outra enfiava-lhe a espada no corpo.
- Era o que eu esperava - disse Athos -, por isso me lancei entre você e ele. Na verdade esse homem é muito imprudente falando assim a outros homens, parece que nunca lidou senão com mulheres e crianças.
- Meu caro Athos - disse D'Artagnan -, eu o admiro. Contudo, afinal, nós estávamos errados.
- Como! Errados? - respondeu Athos. - Então a quem pertence o ar que respiramos? A quem pertence este oceano sobre o qual se estendem os nossos

olhos? A quem pertence a areia em que estávamos deitados? A quem pertence a carta da sua amante? Ao cardeal? Palavra de honra, esse homem imagina que o mundo lhe pertence, você estava ali, balbuciante, estupefato, aniquilado, parecia que a Bastilha se erguia perante você e que a gigantesca Medusa o transformava em pedra. Estar apaixonado acaso é conspirar? Está apaixonado por uma mulher que o cardeal mandou encarcerar, quer tirá-la das mãos do cardeal, é uma partida que joga com Sua Eminência: essa carta é o seu jogo, por que

mostraria o jogo ao seu adversário? Isso não se faz. Ele que o adivinhe quando puder! Nós adivinhamos o dele!

- De fato - disse D'Artagnan -, o que diz tem muito sentido, Athos.

- Nesse caso, que não se fale mais no que acaba de acontecer, e que Aramis recomece a carta da prima no ponto em que o Sr. Cardeal a interrompeu.

Aramis tirou a carta do bolso, os três amigos aproximaram-se dele, e os três lacaios de novo se agruparam à volta do garrafão.

- Só tinha lido uma ou duas linhas - disse D'Artagnan. - Recomece a carta a partir do princípio.

- De acordo - disse Aramis.

Meu caro primo, creio que me decidirei a partir para Stenay, onde minha irmã fez entrar a nossa criadilha no convento das Carmelitas, a pobre moça resignou-se, sabe que não pode viver em outro lugar sem que a salvação da sua alma esteja em perigo. Contudo, se os negócios da nossa família se resolverem como desejamos, creio que ela correrá o risco de se perder e que voltará para junto daqueles de quem tem saudades, tanto mais que sabe que continuam a pensar nela. Entretanto, não se sente muito infeliz: tudo o que deseja é uma carta do seu pretendente. Sei que esse gênero de mercadorias dificilmente

passam pelas grades, mas, afinal, como já dei provas, meu caro primo, eu não sou muito inábil e me encarregarei do seu recado. Minha irmã agradece a sua boa e eterna lembrança. Teve um instante de grande inquietação, mas enfim, agora está um pouco mais tranquila, pois mandou para lá o seu enviado a fim de que não se passe nada de imprevisto.

Adeus, meu caro primo, mande-nos notícias sempre que puder, ou seja, sempre que achar que pode fazê-lo com segurança. Um abraço.

MARIE MICHON

- Oh! Quanto lhe devo, Aramis! - exclamou D'Artagnan. - Cara Constance! Finalmente tenho notícias suas. Está viva, está em segurança em um convento, está em Stenay! Onde fica Stenay, Athos?

- A poucas léguas das fronteiras, uma vez levantado o cerco, poderemos dar uma vista de olhos por esses lados.

- E é de esperar que isso não demore - disse Porthos -, pois esta manhã enforcaram um espião que declarou que os rocheleses já estavam reduzidos ao couro dos sapatos. Suponho que depois de comerem o couro comem a sola, não vejo o que lhes restará, a menos que se comam uns aos outros.

- Pobres tolos! - disse Athos, esvaziando um copo de excelente vinho de Bordeaux que, não tendo naquela época a reputação que tem atualmente, nem

por isso a merecia menos. - Pobres tolos! Como se a religião católica não fosse a mais vantajosa e a mais agradável das religiões! É a mesma coisa - prosseguiu, depois de ter dado um estalo com a língua -, é boa gente. Mas que diabo está fazendo, Aramis? - continuou Athos. - Guarda a carta no bolso?

- Sim - disse D'Artagnan -, Athos tem razão, temos de queimá-la, E mesmo assim, quem sabe se o Sr. Cardeal não tem um segredo para interrogar as cinzas...

- Deve ter algum - disse Athos.

- Mas que quer fazer com essa carta? - perguntou Porthos.

- Venha cá, Grimaud - disse Athos. Grimaud levantou-se e obedeceu.

- Para castigá-lo por ter falado sem autorização, meu amigo, você vai comer este pedaço de papel, depois, para recompensá-lo pelo serviço que nos fez, beberá um copo deste vinho. Primeiro a carta, mastigue com energia.

Grimaud sorriu e, com os olhos postos no copo que Athos acabava de encher até aos bordos, mastigou o papel e engoliu-o.

- Bravo, mestre Grimaud! - disse Athos. - E agora tome isto, bom, está dispensado de agradecer.

Grimaud engoliu silenciosamente o copo de vinho de Bordeaux, mas, enquanto a doce operação durou, os seus olhos erguidos para o céu falavam uma linguagem que, por ser muda, não era menos expressiva.

- E agora - disse Athos -, a menos que o Sr. Cardeal tenha a engenhosa idéia de mandar abrir a barriga a Grimaud, creio que podemos ficar mais ou menos tranquilos.

Entretanto, Sua Eminência continuava o seu passeio melancólico, murmurando por entre os bigodes:

- Decididamente, tenho de apanhar aqueles quatro.

LII - PRIMEIRO DIA DE CATIVEIRO

Voltemos a Milady, que um olhar lançado às costas da França nos fizera perder de vista um instante.

Nós a encontraremos na posição desesperada em que a deixamos, cavando um abismo de reflexões sombrias, sombrio inferno à porta do qual quase deixou a esperança, pois pela primeira vez, ela duvida, pela primeira vez tem medo.

Em duas ocasiões a sua sorte faltou-lhe, em duas ocasiões viu-se descoberta e traída, e nessas duas ocasiões foi contra o gênio fatal certamente enviado pelo Senhor para a combater que ela fracassou: D'Artagnan venceu-a, a ela, invisível poder do mal.

Ele iludiu-a no seu amor, humilhou-a no seu orgulho, enganou-a na sua ambição, e agora eis que a perde na sua fortuna, que a atinge na sua liberdade, que a ameaça até na sua vida. Mais ainda, levantou uma ponta da sua máscara, égide com que ela se cobre e que a tornara tão forte.

D'Artagnan desviou de Buckingham, que ela odeia, como odeia tudo o que amou, a tempestade com que o ameaçava Richelieu na pessoa da rainha. D'Artagnan fez-se passar por De Wardes, para o qual ela tinha uma dessas

fantasias de leoa, indomáveis como as que têm as mulheres desse caráter. D'Artagnan conhece o terrível segredo que ela jurou que ninguém conheceria sem morrer. Enfim, no momento em que ela acaba de obter uma assinatura em branco com a qual vai vingar-se do seu inimigo, a assinatura em branco lhe é arrancada das mãos e é D'Artagnan que a tem prisioneira, que vai enviá-la para alguma imunda Botany-Bay, para algum Tyburn infame do oceano Índico.

Pois certamente que tudo isso provém de D'Artagnan, de quem proviriam tantos opróbrios acumulados sobre a sua cabeça,

senão dele? Só ele pôde transmitir a lorde de Winter todos aqueles horríveis segredos, que descobriu um a seguir ao outro por uma espécie de fatalidade. Ele conhece o seu cunhado, deve ter-lhe escrito.

Quanto ódio ela destila! Ali, imóvel, e com os olhos ardentes e fixos no seu aposento deserto, como o estrépido dos seus rugidos surdos, que por vezes lhe escapam com a respiração do fundo do peito, acompanham bem o ruído da ondulação que sobe, rosna, muge e vem quebrar-se, como um desespero eterno e impotente, contra os rochedos sobre os quais se ergue este castelo sombrio e orgulhoso! Como, à luz dos relâmpagos que a sua cólera tempestuosa lhe faz brilhar no espírito, ela concebe contra a Sra Bonacieux, contra Buckingham, e sobretudo contra D'Artagnan, magníficos projetos de vingança, perdidos nas lonjuras do futuro!

Sim, mas para se vingar é preciso ser livre e, para ser livre quando se está preso, é preciso abrir um buraco numa parede, desprender as grades, furar um soalho, e tudo isso são coisas que um homem paciente e forte pode fazer, mas perante as quais devem fracassar as irritações febris de uma mulher. Afinal para fazer tudo isso, é preciso ter tempo, meses, anos, e ela... ela tem dez ou doze dias, foi o que lhe disse lorde de Winter, o seu fraterno e terrível carcereiro.

Contudo, se fosse um homem, tentaria tudo isso e talvez conseguisse. Por que se enganou o céu, pondo esta alma viril neste corpo frágil e delicado!

Assim, os primeiros momentos de cativo foram terríveis, algumas convulsões de raiva que não pôde vencer pagaram esta dívida da fraqueza feminina à natureza. Mas pouco a pouco superou os ímpetos da sua cólera insensata, os frêmitos nervosos que agitaram o seu corpo desapareceram, e agora enroscou-se como uma serpente fatigada que repousa.

- Vá, vá, era louca arrebatando-me assim - disse ela, mergulhando no espelho, que reflete nos seus olhos o seu olhar escaldante, através do qual parece interrogar-se a si mesma. - Violência não, a violência é uma prova de fraqueza. Primeiro, nunca consegui nada dessa maneira, talvez, se usasse a minha força contra as mulheres, tivesse a sorte de as achar ainda mais fracas do que eu, e por conseguinte de as vencer; mas é contra os homens que luto, e eu não passo de uma mulher para eles. Lutemos como mulher, a minha força reside na minha fraqueza.

Então, como que para mostrar a si mesma as modificações que podia impor à sua fisionomia tão expressiva e móvel, fê-la tomar simultaneamente todas as expressões, desde a cólera que lhe crispava os traços até ao mais doce, afetuoso e sedutor sorriso. Depois as suas sábias mãos deram aos cabelos as ondulações que achou que podiam aumentar os encantos do seu rosto. Por fim murmurou, satisfeita com a sua pessoa:

- Nada está perdido. Continuo a ser bela.

Eram aproximadamente oito horas da noite. Milady viu uma cama, pensou que o repouso de umas horas lhe refrescaria não só a cabeça e as idéias mas também a tez. Contudo, antes de se deitar, teve uma idéia melhor. Ouvira falar no jantar. Já estava há uma hora naquele quarto, não podiam demorar a trazer-lhe a sua refeição. A prisioneira não quis perder tempo, e resolveu fazer logo nessa noite uma tentativa para sondar o terreno, estudar o caráter das pessoas a quem havia sido confiada a sua guarda.

Uma luz apareceu sob a porta, essa luz anunciava o regresso dos seus carcereiros. Milady, que tinha se levantado, atirou-se vivamente para a poltrona, com a cabeça para trás, os seus belos cabelos soltos e espalhados, o colo seminu sob as rendas amarrotadas, uma das mãos no peito e a outra caída.

Abriram os ferrolhos, a porta rangeu nos gonzos, ecoaram passos no quarto, que se aproximaram.

- Coloque em cima dessa mesa - disse uma voz que a prisioneira reconheceu como a de Felton.

A ordem foi executada.

- Traga umas tochas e mande render a sentinela - continuou Felton.

Esta dupla ordem que o jovem tenente deu aos mesmos indivíduos provou a Milady que os seus servidores eram os mesmos homens que os seus guardas, ou seja, eram soldados. Aliás, as ordens de Felton eram executadas com uma rapidez

silenciosa que dava uma idéia do estado florescente em que ele mantinha a disciplina.

Por fim, Felton, que ainda não tinha encontrado o olhar de Milady, voltou-se para ela.

- Ah, Ah! - disse ele. - Está dormindo. Bom, quando acordar, janta. E deu uns passos para sair.

- Mas, meu tenente - disse um soldado menos estóico que o seu chefe e que se tinha aproximado de Milady -, esta mulher não está dormindo.

- O quê? Não está dormindo? - disse Felton. - Então que está fazendo?

- Desmaiou, tem o rosto muito pálido e, por mais que eu escute, não lhe ouço a respiração.

- Tem razão - disse Felton, depois de ter observado Milady do lugar em que estava e sem dar um passo na direção dela -, vá avisar lorde de Winter que sua prisioneira está desmaiada pois eu não sei o que fazer, dado que o caso não foi previsto.

O soldado saiu para obedecer às ordens do seu oficial, Felton sentou-se num cadeirão que encontrou por acaso junto da porta e esperou sem dizer uma palavra, sem fazer um gesto. Milady possuía a grande arte, tão estudada pelas mulheres, de ver através das suas longas pestanas sem parecer abrir as pálpebras: viu Felton de costas, continuou a fitá-lo durante

cerca de dez minutos e, durante estes dez minutos, o impassível guarda não se virou uma única vez.

Então, ela pensou que lorde de Winter ia vir e dar, com a sua presença, nova força ao carcereiro: a primeira tentativa estava perdida, ela decidiu-se como uma mulher que conta com os seus recursos e, por conseguinte, ergueu a cabeça, abriu os olhos e suspirou suavemente. Ao ouvir este suspiro, Felton virou-se finalmente.

- Ah! Está acordada, minha senhora! - disse ele. - Nesse caso, já não tenho nada que fazer aqui. Se precisar de alguma coisa, chame.

- Oh! Meu Deus, meu Deus! Que mal me senti! - murmurou Milady com aquela voz harmoniosa que, como a das antigas feiticeiras, cativava todos os que ela queria perder. E, erguendo-se da poltrona, pôs-se numa posição ainda mais graciosa e abandonada do que tinha quando estava estendida. Felton levantou-se.

- Será servida três vezes por dia, minha senhora - disse ele.
- De manhã às nove horas, durante o dia à uma hora, e à noite, às oito horas. Se não lhe convém, pode indicar as horas em substituição das que proponho, e nesse ponto nos conformaremos com os seus desejos.

- Então vou ficar sozinha neste grande e triste quarto? - perguntou Milady.

- Uma mulher das redondezas foi prevenida, amanhã estará no castelo e virá sempre que desejar a sua presença.

- Agradeço, senhor - disse humildemente a prisioneira.

Felton fez uma ligeira saudação e dirigiu-se para a porta. No momento em que ia transpor o limiar, lorde de Winter apareceu no corredor, seguido do soldado que lhe fora dar a notícia do desmaio de Milady. Trazia na mão um frasco de sais.

- Então, que foi? E que está acontecendo aqui? - disse com voz irônica vendo a sua prisioneira de pé e Felton prestes a sair.

- Então a morta já ressuscitou? Felton, meu filho, não viu que te tomavam por um novato e que te representavam o primeiro ato de uma comédia de que certamente teremos o prazer de seguir todos os desenvolvimentos?

- Pensei nisso, Milorde - disse Felton -, mas enfim, como afinal a prisioneira é uma mulher, quis ter a consideração que qualquer homem bem-nascido deve a uma mulher, se não por ela ao menos por si mesmo.

Milady estremeceu. Estas palavras de Felton eram como gelo para as suas veias.

- Então - retomou De Winter rindo -, estes belos cabelos sabiamente

espalhados, esta pele branca e este olhar lânguido ainda não o seduziram, coração de pedra?

- Não, Milorde - respondeu o impassível rapaz -, e pode crer que para me corromper é preciso mais do que manobras e beleza de mulher.

- Nesse caso, meu bravo tenente, deixemos Milady procurar outra coisa e vamos jantar. Ah! Fique descansado, ela tem uma imaginação fértil, e o segundo ato da comédia não tardará a seguir o primeiro.

E, dizendo estas palavras, lorde de Winter enfiou o braço no de Felton e levou-o rindo.

- Oh! Eu hei de encontrar o que precisa - murmurou Milady entredentes. - Fique tranquilo, pobre monge, pobre soldado convertido que talhou o uniforme num hábito.

- A propósito - retomou De Winter, parando no limiar da porta -, este fracasso não deve tirar-lhe o apetite, Milady. Prove este frango e este peixe que eu não mandei envenenar, palavra de honra. Dou-me muito bem com o meu cozinheiro e, como não deve herdar de mim, tenho toda a confiança nele. Faça como eu faço. Adeus, cara irmã! Até seu próximo desmaio.

Era tudo o que Milady podia suportar: as suas mãos crisparam-se na poltrona, os seus dentes rangeram surdamente, os seus olhos seguiram o

movimento da porta que se fechava atrás de lorde de Winter e de Felton e, quando se viu sozinha, teve uma nova crise de

desespero, lançou os olhos sobre a mesa, viu brilhar uma faca, correu e pegou-a, mas o seu desapontamento foi cruel: a lâmina estava embotada e era de prata flexível. Ouviu-se uma gargalhada atrás da porta mal fechada, e a porta abriu-se novamente.

- Ah! Ah! - exclamou lorde de Winter. - Ah, ah, ah! Está vendo, meu bravo Felton? Está vendo o que te tinha dito? Esta faca era para você, meu filho, ela o matava, está vendo? É uma das suas manias, desembaraçar-se assim, de uma forma ou de outra, das pessoas que a incomodam. Se eu tivesse lhe dado ouvidos, a faca seria pontiaguda e de aço, então adeus Felton, ela o degolaria, e depois a todos que cruzassem seu caminho. Está vendo, Felton, como ela sabe segurar a faca?

Com efeito, Milady ainda segurava a arma ofensiva na mão crispada, mas estas últimas palavras, este supremo insulto descontraíram-lhe as mãos, as forças e até a vontade. A faca caiu no chão.

- Tem razão, Milorde - disse Felton num tom de profundo pesar que ecoou até ao fundo do coração de Milady -, tem razão. Eu é que estava errado.

E os dois saíram de novo. Mas desta vez Milady prestou mais atenção do que da primeira vez e ouviu os seus passos afastarem-se e extinguírem-se no fundo do corredor.

- Estou perdida - murmurou -, eis-me em poder de pessoas sobre as quais tenho menos poder que sobre estátuas de

bronze ou de granito, conhecem-me de cor e estão couraçados contra todas as minhas armas. Contudo é impossível que isto termine como eles decidiram.

Com efeito, como esta última reflexão indicava, este retorno instintivo à esperança, nesta alma profunda o temor e os sentimentos fracos não sobreviveram por muito tempo. Milady sentou-se à mesa, comeu de vários pratos, bebeu um pouco de vinho de Espanha e sentiu voltar-lhe toda a sua resolução.

Antes de se deitar já tinha comentado, analisado, virado sob todas as suas faces, examinado sob todos os pontos, as palavras, os passos, os gestos, os sinais e até o silêncio dos seus carcereiros, e deste estudo profundo, hábil e sábio resultara que Felton era o mais vulnerável dos seus dois perseguidores. Uma palavra, sobretudo, vinha constantemente ao espírito da prisioneira:

- Se eu lhe tivesse dado ouvidos - dissera lorde de Winter a Felton. Portanto Felton falara a seu favor, pois lorde de Winter não quisera dar ouvidos a Felton.

- Fraca ou forte - repetia Milady -, este homem tem pois uma luzinha de piedade na alma, desta luz eu farei um incêndio que vai devorá-lo. Quanto ao outro, conhece-me, tem medo de mim e sabe o que pode esperar se eu escapar das suas mãos, portanto não vale a pena tentar alguma coisa com ele. Mas Felton é outra coisa, é um jovem ingênuo, puro e que parece virtuoso, a esse, há maneira de o perder.

E Milady deitou-se e adormeceu com um sorriso nos lábios, quem a visse dormindo diria que era uma mocinha sonhando com a coroa de flores que usaria na próxima festa.

LIII - SEGUNDO DIA DE CATIVEIRO

Milady sonhava que finalmente tinha apanhado D'Artagnan, que assistia ao seu suplício, e era a vista do seu sangue odioso, derramado sob o machado do carrasco, que lhe desenhava este encantador sorriso nos lábios. Dormia como dorme um prisioneiro embalado pela sua primeira esperança.

No dia seguinte, quando entraram no quarto, ainda estava deitada. Felton estava no corredor, trazia a mulher de que lhe falara na véspera e que acabava de chegar, esta entrou e aproximou-se da cama de Milady para lhe oferecer os seus préstimos. Habitualmente Milady estava pálida, portanto, a sua tez podia iludir quem a visse pela primeira vez.

- Tenho febre - disse ela -, não dormi um instante toda a noite, que foi tão longa, estou muito mal: será você mais humana do que ontem foram comigo? De resto, só peço permissão para ficar deitada.

- Quer que chame um médico? - perguntou a mulher. Felton escutava este diálogo sem dizer uma palavra.

Milady pensava que quanto mais gente a rodeasse, mais gente teria de encher de compaixão e mais aumentaria a vigilância de lorde de Winter, de resto, o médico poderia declarar que a doença era fingida e Milady, depois de ter perdido a primeira partida, não queria perder a segunda.

- Ir buscar um médico - disse ela -, para quê? Ontem estes senhores declararam que o meu mal era uma comédia, e hoje seria certamente a mesma coisa pois, desde ontem à noite, tiveram tempo de prevenir o doutor.

- Então - disse Felton impacientando-se -, diga você mesma, minha senhora, que tratamento quer seguir.

- Eh! E eu sei? Meu Deus! Sinto que estou doente, é tudo, pouco me importa que me dêem o que quiserem.

- Vá buscar lorde de Winter - disse Felton, cansado destas eternas lamúrias.

- Oh! Não, não! - exclamou Milady. - Não, senhor, não o chame, garanto- lhe, eu estou bem, não preciso de nada, não o chame.

Pôs uma veemência tão prodigiosa, uma eloquência tão empolgante nesta exclamação que Felton, empolgado, deu alguns passos no quarto.

- Está emocionado - pensou Milady.

- Contudo, minha senhora - disse Felton -, se está realmente enferma, mandaremos chamar um médico e, se nos engana,

pois bem, pior para a senhora, mas ao menos, por nosso lado, não teremos de nos censurar.

Milady não respondeu mas, reclinando a cabeça na almofada, desatou a chorar e a soluçar.

Felton contemplou-a um instante com a sua habitual impassibilidade; depois, vendo que a crise ameaçava prolongar-se, saiu, a mulher seguiu-o. Lorde de Winter não apareceu.

- Creio que começo a perceber - murmurou Milady com uma alegria selvagem, enterrando-se nos lençóis para esconder este ímpeto de satisfação interior a quem pudesse espreitá-la.

Passaram-se duas horas.

- Já é hora de parar com o mal-estar - disse ela -, levantemo-nos e

obtenhamos algum êxito a partir de hoje, só tenho dez dias, e esta noite terão passado dois.

Ao entrar de manhã no quarto de Milady tinham-lhe trazido o café da manhã, ora ela pensava que não tardariam a vir tirar a mesa e que nesse momento veria Felton. Milady não se enganava. Felton reapareceu e, sem verificar se Milady tocara ou não na refeição, fez um sinal para que tirassem a mesa, que geralmente traziam já posta.

Felton ficou para o fim, tinha um livro na mão.

Milady, estendida numa poltrona junto da chaminé, bela, pálida e resignada, parecia uma virgem santa aguardando o martírio.

Felton aproximou-se dela e disse:

- Lorde de Winter, que é católico como a senhora, pensou que a privação dos ritos e das cerimônias da sua religião pode ser penosa: consente, pois, ler todos os dias o ordinário da sua missa, e aqui tem um livro que contém o ritual.

Notando o ar com que Felton pousou o livro na mesinha junto de Milady, o tom com que pronunciou as palavras a sua missa, o sorriso desdenhoso com que as acompanhou, Milady levantou a cabeça e olhou mais atentamente o oficial.

Então, no penteado severo, no traje de uma simplicidade exagerada, na fronte polida como mármore, mas dura e impenetrável como o mesmo, ela reconheceu um desses sombrios puritanos que muitas vezes encontrara tanto na corte do rei Jaime como na do rei de França onde, mal-grado a recordação de São Bartolomeu, vinham por vezes procurar refúgio.

Teve pois uma dessas inspirações súbitas como só as pessoas de gênio recebem nas grandes crises, nos momentos supremos que devem decidir a sua fortuna ou a sua vida.

As palavras a sua missa e um simples olhar lançado a Felton, tinham-lhe, com efeito, revelado toda a importância da resposta que ia dar. Mas com a rapidez da inteligência que lhe era peculiar, esta resposta já formulada, brotou-lhe dos lábios:

- Eu! - disse ela com um tom de desdém em uníssono com o que notara na voz do jovem oficial. - Eu, senhor, a minha missa! Lorde de Winter, o católico corrupto, sabe muito bem que eu não pertenço à sua religião, e isso é uma armadilha que ele quer me armar!

- E a que religião pertence, minha senhora? - perguntou Felton com um espanto que, apesar do seu domínio, não pôde ocultar inteiramente.

- Vou dizê-lo - exclamou Milady com falsa exaltação -, no dia em que tiver sofrido o bastante pela minha fé!

O olhar de Felton revelou a Milady toda a extensão do espaço que ela acabava de abrir com esta simples palavra. Contudo o jovem oficial permaneceu mudo e imóvel, só o seu olhar havia falado.

- Estou nas mãos dos meus inimigos - continuou ela no tom entusiástico que sabia familiar aos puritanos. - Pois bem, que o meu Deus me salve ou que eu pereça pelo meu Deus! Eis a resposta que eu peço para transmitir a lorde de Winter. E quanto a esse livro - acrescentou mostrando o ritual com o dedo, mas sem lhe tocar como se isso a maculasse -, pode levá-lo para se servir dele, pois deve ser duplamente cúmplice de lorde de Winter, cúmplice na sua perseguição, cúmplice na sua heresia.

Felton nada respondeu, pegou o livro com o mesmo sentimento de repugnância que já tinha manifestado, e retirou-se pensativo. Lorde de Winter veio por volta das cinco da tarde, durante todo o dia Milady tivera tempo de traçar o seu plano de ação, recebeu-o como quem já recuperou todas as suas vantagens.

- Parece - disse o barão, sentando-se numa poltrona diante de Milady e estendendo despreocupadamente os pés para a lareira -, parece que fizemos uma pequena apostasia!

- Que quer dizer, senhor?

- Quero dizer que, desde a última vez que nos vimos, mudamos de religião, acaso terá tido um terceiro marido protestante?

- Explique-se, Milorde - respondeu a prisioneira com majestade -, pois ouço as suas palavras e não as compreendo.

- Então é porque não tem nenhuma religião. Antes isso - respondeu lorde de Winter sarcasticamente.

- É certo que está mais de acordo com os seus princípios - replicou friamente Milady.

- Oh! Confesso-lhe que me é perfeitamente indiferente.

- Oh! Ainda que não confessasse essa indiferença religiosa, Milorde, a sua devassidão e os seus crimes fariam fé.

- O quê? Fala de devassidão, Sra Messalina, fala de crimes, lady Macbeth?

Ou ouvi mal ou, por Deus, você é muito imprudente.

- Fala assim porque sabe que nos escutam, senhor - respondeu friamente Milady -, e porque quer pôr os seus carcereiros e os seus carrascos contra mim.

- Os meus carcereiros! Os meus carrascos! Ora, minha senhora, adota um tom poético, e esta noite a comédia de ontem dá em tragédia. De resto, daqui a oito dias estará onde deve estar e a minha tarefa estará cumprida.

- Tarefa infame! Tarefa ímpia! - replicou Milady com a exaltação da vítima que provoca o seu juiz.

- Palavra de honra - disse De Winter, erguendo-se -, creio que esta mulher enlouqueceu. Vá, vá, acalme-se, senhora puritana ou mando-a para as masmorras. Droga! É o meu vinho de Espanha que lhe subiu à cabeça, não é? Mas fique tranquila, essa bebedeira não é perigosa e não terá consequências.

E lorde de Winter retirou-se praguejando, o que naquela época era um hábito cavalheiresco. Felton estava, de fato, atrás da porta e não perdera uma palavra de toda a cena.

Milady tinha adivinhado.

- Sim, vá! - disse ela ao cunhado. - As consequências aproximam-se, pelo contrário, mas você não as verá, imbecil, senão quando já não puder evitá-las.

Restabeleceu-se o silêncio, passaram-se duas horas, trouxeram o jantar e encontraram Milady ocupada recitando as suas

orações em voz alta, orações que aprendera com um velho criado do segundo marido, puritano dos mais austeros. Parecia em êxtase e nem sequer deu mostras de prestar atenção ao que se passava à sua volta. Felton fez sinal que não a incomodassem e, quando tudo ficou pronto, saiu sem ruído com os seus soldados.

Milady sabia que podiam espíá-la, portanto continuou as suas orações até o fim, e pareceu-lhe que o soldado que estava de sentinela à porta já não caminhava com o mesmo passo e parecia escutar. Por enquanto era o que ela

queria, levantou-se, sentou-se à mesa, comeu pouco e só bebeu água.

Uma hora depois vieram tirar a mesa, mas Milady notou que, desta vez, Felton não acompanhava os seus soldados. Portanto, receava vê-la muitas vezes.

Ela virou-se para a parede a fim de sorrir, pois havia neste sorriso uma tal expressão de triunfo que este sorriso a denunciaria.

Deixou passar mais meia hora e como nesse momento tudo estava em silêncio no velho castelo, como só se ouvia o eterno murmúrio das ondas, a imensa respiração do oceano, da sua voz pura, harmoniosa e vibrante, ela começou a primeira estrofe deste salmo que nessa época era muito apreciado pelos puritanos:

Seigneur, si tu nous abandonnes, C'est pour voir si nous
sommes forts, Mais ensuite c'est toi qui donnes
De ta celeste main la plume à nos efforts.(1)

Estes versos não eram excelentes, nem de longe, mas, como se sabe, os protestantes não se preocupavam muito com a poesia.

Enquanto cantava, Milady escutava: o soldado de guarda à porta tinha parado como se se tivesse transformado em pedra. Milady pôde, portanto, apreciar o efeito que tinha produzido.

Então continuou o seu canto com um fervor e um sentimento inexprimíveis, pareceu-lhe que os sons se estendiam ao longe sob as abóbadas e iam adoçar o coração dos seus carcereiros como um sortilégio. Contudo, parece que o soldado de sentinela, certamente um católico zeloso, sacudiu o encanto, pois disse através da porta:

- Cale-se, minha senhora, a sua canção é triste como um De Profundis e se, além do prazer de estar de guarda aqui, tenho de ouvir tais coisas, não aguento.

- Silêncio! - disse então uma voz mais grave que Milady reconheceu como a voz de Felton. - Que tem a ver com isso, seu engraçado? Acaso lhe ordenaram que impedísse esta mulher de cantar? Não. Disseram-lhe que a guardasse, que atirasse sobre

ela se tentasse fugir. Guarde-a, se fugir, mate-a, mas não modifique as ordens.

Uma expressão de alegria indizível iluminou o rosto de Milady, mas essa expressão foi fugaz como o reflexo dum relâmpago e, parecendo que não ouvira o diálogo de que não perdera uma palavra, continuou, dando à sua voz todo o encanto, toda a amplitude, toda a sedução que o demônio nela depositara:

Pour tant de pleurs et de misère, Pour mon exil et pour mes fers,
J'ai ma jeunesse, ma prière,

Et Dieu, qui comptera les maux que j'ai soufferts!(2)

1. Senhor, se nos abandonas,/É para veres se somos fortes,/Mas depois és tu que dás/Com a tua celeste mão a palma dos nossos esforços. (N. da T.)

2 Para tantas lágrimas e miséria,/Para o meu exílio e para os meus ferros,/Tenho a minha juventude, a minha prece,/E Deus, que contará os males que sofri. (N. da T.)

Esta voz, de uma amplitude inaudita e de uma paixão sublime, dava à poesia rude e inculta destes salmos uma magia e uma expressão que os puritanos mais exaltados raramente encontravam nos cânticos dos seus irmãos, e que eram forçados a enfeitar com todos os recursos da sua imaginação:

Felton julgou ouvir cantar o anjo que consolava os três hebreus na fornalha.

Milady continuou:

Mais le jour de la délivrance Viendra pour nous, Dieu juste e fort;
Et s'il trompe notre esperance,

Il nous reste toujours le martyre et la mort.(1)

Esta estrofe, na qual a terrível feiticeira se esforçou por pôr toda a sua alma, acabou de lançar a desordem no coração do jovem oficial; este abriu bruscamente a porta e Milady viu-o aparecer, pálido como sempre, mas com os olhos ardentes e quase alucinados.

- Por que canta assim - disse ele -, e com essa voz?
- Perdão, senhor - disse Milady com doçura -, esqueci que os meus cânticos não são próprios para esta casa. Certamente ofendi as suas crenças, mas foi sem querer, eu juro. Perdoe-me, pois, um erro que talvez seja grande, mas que é certamente involuntário.

Milady era tão bela neste momento, o êxtase religioso em que parecia mergulhada dava uma tal expressão à sua fisionomia, que Felton, ofuscado, julgou ver o anjo que há pouco julgava apenas ouvir.

- Sim, sim - respondeu ele -, sim: você perturba, agita as pessoas que habitam este castelo.

E o pobre louco nem sequer percebia a incoerência do seu discurso, enquanto Milady lhe mergulhava os seus olhos de lince nas profundezas do coração.

- Vou me calar - disse Milady, baixando os olhos e com toda a doçura que pôde dar à voz, com toda a resignação que pôde impor à sua atitude.

- Não, não, minha senhora - disse Felton -, cante apenas mais baixo, sobretudo à noite.

E, ao dizer estas palavras, sentindo que não podia conservar por muito tempo a severidade que devia ter com a prisioneira, saiu apressadamente do quarto.

- Fez bem, tenente - disse o soldado --, esses cânticos abalam a alma. No entanto a gente acaba por habituar-se a voz é tão bela!

LIV - TERCEIRO DIA DE CATIVEIRO

Felton tinha vindo, mas ainda faltava dar um passo: era preciso retê-lo, ou melhor, era preciso que ele ficasse por sua vontade,

e Milady ainda não via claramente como chegar a esse resultado.

1. Afãs o dia da libertação/Virá para nós, Deus justo e forte;/E se ele enganar a nossa esperança,/Resta-nos sempre o martírio e a morte. (N. da T.)

Era preciso ainda mais: era preciso fazê-lo falar, a fim de lhe falar também, pois Milady bem sabia que a sua maior sedução era a voz, que percorria tão habilmente toda a gama dos tons, desde a palavra humana até à linguagem celeste.

E contudo, apesar de toda esta sedução, Milady podia fracassar, pois Felton estava prevenido contra o mínimo acaso. A partir daí, vigiou todas as suas ações, todas as suas palavras, até ao mais simples relance dos seus olhos, até ao seu gesto, até à sua respiração, que podia ser interpretada como um suspiro. Enfim, estudou tudo, como um hábil comediante a quem acabam de conceder um novo papel que não está habituado a desempenhar.

Em relação a lorde de Winter, o seu comportamento era mais fácil, deste modo, havia decidido desde a véspera. Permanecer muda e digna na sua presença, de vez em quando irritá-lo com um desdém fingido, com uma palavra de desprezo, levá-lo a ameaças e violências que contrastassem com a sua resignação, tal era o seu projeto. Felton veria, talvez não dissesse nada, mas veria.

De manhã, Felton veio como de costume, mas Milady deixou-o presidir a todos os preparativos do almoço sem lhe dirigir a palavra. No momento em que ele ia retirar-se, teve um lampejo de esperança, pois julgou que era ele que ia falar, mas os seus lábios mexeram-se sem produzirem nenhum som e, fazendo um esforço, fechou no coração as palavras que iam escapar-se dos seus lábios, e saiu. Cerca do meio-dia lorde de Winter entrou.

Era um bonito dia de Inverno, e um raio do pálido sol de Inglaterra que ilumina mas não aquece passava através das grades da prisão. Milady olhava pela janela e fingiu que não ouviu abrir a porta.

- Ah! Ah! - disse lorde de Winter. - Depois da comédia, depois da tragédia, temos a melancolia.

A prisioneira não respondeu.

- Sim, sim - continuou lorde de Winter -, eu compreendo. Queria estar em liberdade nessa costa, queria num bom navio, sulcar as ondas desse mar verde como uma esmeralda, queria, quer na terra quer no oceano, armar-me uma dessas emboscadinhas que sabe tramar. Paciência, paciência! Daqui a quatro dias a costa lhe será permitida, o mar lhe será aberto, mais aberto do que quer, pois daqui a quatro dias a Inglaterra ficará livre de você.

Milady juntou as mãos e, erguendo os seus lindos olhos para o céu:

- Senhor! Senhor! - disse ela com uma angélica suavidade de gesto e de entoação. - Perdoe a este homem, como eu mesma lhe perdoo.

- Sim, reze, maldita - exclamou o barão -, a sua prece é generosa, pois juro que está em poder de um homem que não perdoará.

E saiu.

No momento em que saía, um olhar penetrante atravessou a porta entreaberta e ela viu Felton, que se desviava rapidamente para não se deixar ver. Então ajoelhou-se e pôs-se a rezar.

- Meu Deus! Meu Deus! - disse ela. - Vós sabeis a santa causa por que eu sofro, dai-me força para sofrer.

A porta abriu-se suavemente, a bela suplicante fez que não ouviu e continuou com a voz embargada pelas lágrimas:

- Deus vingador! Deus de bondade! Deixareis vós realizarem-se os horríveis projectos deste homem?

Só então fingiu ouvir o som dos passos de Felton e, erguendo-se rápida como o pensamento, corou como se tivesse vergonha de ser surpreendida de joelhos.

- Não gosto de incomodar os que rezam, minha senhora - disse gravemente Felton -, não se incomode por minha causa..

- Como sabe que eu rezava? Senhor. - disse Milady com a voz sufocada pelos soluços. - Está enganado, senhor, eu não rezava.
- Pensa, minha senhora - respondeu Felton com a mesma voz grave, embora num tom mais doce -, que eu me julgo no direito de impedir uma criatura de se prostrar diante do seu Criador? A Deus não prouvera! De resto, arrepende-se fica bem aos culpados, aos pés de Deus, um culpado é sagrado para mim, seja qual for o crime que tenha cometido.
- Eu, culpada! - disse Milady com um sorriso que desarmaria o anjo do Juízo Final. - Culpada! Meu Deus, tu o sabes! Dizei que sou condenada, senhor. Mas vós sabeis, Deus, que ama os mártires, consente por vezes que se condenem os inocentes.
- Se é condenada, se é uma mártir - respondeu Felton -, mais uma razão para orar, e eu mesmo a ajudarei com as minhas orações.
- Oh! Você é um justo - exclamou Milady, lançando-se aos seus pés. - Eu não aguento muito tempo, pois receio que me falem as forças no momento de lutar e de confessar a minha fé, escute, pois, a súplica de uma mulher desesperada. Enganam-lhe, senhor, mas a questão não é essa, só lhe peço um favor e, se o conceder, vou bendize-lo neste mundo e no outro.

- Fale com o Senhor, minha senhora - disse Felton. -
Felizmente eu não estou encarregado nem de perdoar nem de punir, e foi a quem está acima de mim que Deus entregou essa responsabilidade.
- A você, só a você. Escute-me, em vez de contribuir para a minha perdição, em vez de contribuir para a minha ignomínia.
- Se merece essa vergonha, minha senhora, se incorreu nessa ignomínia, tem de suportá-la, oferecendo-a a Deus.
- Que está dizendo? Oh! Você não me compreende! Quando falo de ignomínia julga que falo de algum castigo, da prisão ou da morte! Tomara! Que me importam a mim a morte ou a prisão?
- Sou eu que já não a compreendo, minha senhora.
- Ou que faz que não me compreende, senhor - respondeu a prisioneira com um sorriso de dúvida.
- Não, minha senhora, pela honra de um soldado, pela fé de um cristão!
- Como! Ignora os desígnios de lorde de Winter a meu respeito?
- Ignoro.
- Impossível. Você, o seu confidente!
- Eu nunca minto, minha senhora.

- Oh! Contudo ele pouco se dissimula para que não os adivinhem.
- Não procuro adivinhar nada, minha senhora, espero que me confiem e, à parte o que me disse diante de si, lorde de Winter não me confiou nada.
- Mas - exclamou Milady com um incrível tom de veracidade -, então você

não é o seu cúmplice, então não sabe que ele me destina a uma vergonha cujo horror todos os castigos da terra não podem igualar?

- Está enganada, minha senhora - disse Felton corando -, lorde de Winter não é capaz de semelhante crime.

“Bom”, pensou Milady, “ele chama-lhe crime sem saber o que é!” Depois, em voz alta:

- O amigo do infame é capaz de tudo.
- A quem chama de infame? - perguntou Felton.
- Então existem na Inglaterra dois homens aos quais esse nome possa convir?
- Fala de George Villers? - disse Felton com o olhar inflamado.
- A quem os pagãos, os gentios e os infiéis chamam duque de Buckingham

- respondeu Milady - não pensava que houvesse um inglês em toda a Inglaterra que precisasse de uma explicação tão longa para reconhecer aquele a que me refiro!

- A mão do Senhor estende-se sobre ele - disse Felton -, e ele não escapará ao castigo que merece.

Felton limitava-se a exprimir a respeito do duque o sentimento de execração que todos os ingleses tinham votado àquele a que os próprios católicos chamavam o exator, o concussionário, o devasso, e que os puritanos designavam simplesmente por Satã.

- Oh, meu Deus! Meu Deus! - exclamou Milady. - Quando vos suplico que envieis a esse homem o castigo que lhe é devido, bem sabeis que não é a minha própria vingança que desejo, mas a libertação de um povo inteiro que imploro.

- Então conhece esse homem? - perguntou Felton.
“Finalmente me interroga”, disse Milady para consigo, toda satisfeita por ter alcançado tão depressa um resultado tão grande.

- Oh! Se conheço! Oh, sim! Para minha desgraça, para minha eterna desgraça.

E Milady torceu os braços como se tivesse chegado ao paroxismo da dor. Felton sentiu talvez intimamente que as suas forças o abandonavam, e fez alguns passos em direção à porta, a prisioneira, que não o perdia de vista, correu atrás dele e deteve-o.

- Senhor! - exclamou ela. - Seja bom, seja clemente, escute a minha súplica: a faca que a fatal prudência do barão me tirou, porque sabe como eu a utilizaria. Oh! escute-me até o fim! Devolva-me essa faca apenas por um minuto, por favor, por piedade! Abraço-lhe os joelhos, veja, fechará a porta, não é a você que quero mal, Deus! Querer mal, a você, o único ser justo, bom e compadecido que encontrei! A você, talvez o meu salvador! Um minuto, a faca só um minuto e a entrego pela abertura da porta, só um minuto, Felton, e salvará a minha honra!

- Vai se matar! - exclamou Felton aterrado, esquecendo-se de retirar as mãos das mãos da prisioneira. - Vai se matar!

- Eu já disse, senhor - murmurou Milady, baixando a voz e deixando-se cair sem forças no chão -, já disse o meu segredo! Ele sabe tudo! Meu Deus, estou perdida!

Felton permanecia de pé, imóvel e indeciso.

“Ainda duvida”, pensou Milady, “não fui suficientemente autêntica. Ouviu-se

caminhar no corredor; Milady reconheceu o passo de lord de Winter. Felton também o reconheceu e avançou para a porta. Milady correu.

- Oh! Nem uma palavra - disse com voz concentrada -, nem uma palavra a esse homem do que lhe disse, ou estou perdida, e é você...

Depois, como os passos se aproximavam, calou-se com medo de que lhe ouvissem a voz, tapando a boca de Felton com um gesto de infinito terror. Felton repeliu docemente Milady, que foi cair num canapé.

Lorde de Winter passou diante da porta sem parar, e ouviu-se o som dos seus passos que se afastavam. Felton, pálido como a morte, ficou alguns segundos à escuta, depois, quando o ruído se extinguiu completamente, respirou fundo como se saísse de um sonho e lançou-se para fora do quarto.

- Ah! - disse Milady, escutando por sua vez o som dos passos de Felton que se afastavam na direção oposta aos de lorde de Winter. - Finalmente está nas minhas mãos!

Depois a sua fronte carregou-se.

- Se ele falar ao barão - disse ela -, estou perdida, pois o barão, que sabe muito bem que eu não me matarei, coloca uma faca nas minhas mãos na sua presença e ele verá que este grande desespero não passava de um jogo. E foi pôr-se diante do espelho para se mirar, nunca fora tão bela.

- Oh, sim! - disse, sorrindo. - Mas ele não lhe falará. À noite, lorde de Winter acompanhou o jantar.

- Senhor - disse-lhe Milady -, a sua presença é um acessório obrigatório do meu cativo e não poderia poupar-me mais esta tortura que as suas visitas me causam?

- Como, cara irmã? - disse de Winter. - Não me anunciou sentimentalmente, com essa linda boca hoje tão cruel para mim, que veio a Inglaterra só para me ver, prazer cuja privação, disse, lhe custava tanto que arriscou tudo por causa dele: enjoo, tempestade, cativo! Pois bem! Aqui estou, pode ficar satisfeita. De resto, desta vez a minha visita tem um motivo.

Milady estremeceu, julgou que Felton tinha falado, nunca na vida talvez esta mulher, que tinha sentido tantas emoções fortes e opostas, sentira o coração bater com tanta violência. Estava sentada, lorde de Winter puxou uma cadeira e sentou-se a seu lado, depois, tirando do bolso um papel que desdobrou lentamente:

- Aqui está - disse ele -, queria mostrar-lhe esta espécie de passaporte que eu mesmo redijo e que lhe servirá de número de ordem na vida que consinto deixar-lhe.

Depois, tirando os olhos de Milady e pondo-os no papel, leu:

- Ordem de conduzir a... O nome está em branco - interrompeu De Winter; - se tem alguma preferência, é só dizer e desde que seja a mil léguas de Londres, o seu pedido será satisfeito. Portanto recomeço: Ordem de conduzir a... a chamada Charlotte Backson, marcada pela justiça do reino de

França, mas libertada após castigo, permanecerá nesta residência sem nunca se afastar mais de três léguas. Em caso de tentativa de evasão, lhe será aplicada a pena de morte. Receberá cinco xelins por dia para o alojamento e a alimentação.

- Essa ordem não me concerne - respondeu friamente Milady -, pois é em nome de outra pessoa.

- Um nome! Acaso tem algum?

- Tenho o nome de seu irmão.

- Engana-se, meu irmão não passa do seu segundo marido, e o primeiro ainda é vivo. Diga-me o seu nome para que o ponha no lugar do nome de Charlotte Backson. Não?... Não quers?... Guarda o silêncio? Muito bem! Será inscrita com o nome de Charlotte Backson.

Milady ficou calada, desta vez não era por fingimento, mas por terror: julgou que a ordem estava prestes a ser executada, pensou que lorde de Winter antecipara a sua partida, julgou que estava condenada a partir na mesma noite. Por um momento tudo se esvaneceu no seu espírito, quando de repente percebeu que a ordem não estava assinada. Esta descoberta causou-lhe uma alegria tão grande que não conseguiu dissimulá-la.

- Sim, sim - disse lorde de Winter, que percebeu o que se passava com ela

-, sim, procura a assinatura e pensa: nem tudo está perdido pois esta carta não está assinada, mostram-na apenas para me assustarem, é tudo. Está enganada, amanhã esta ordem será enviada a lorde Buckingham, depois de amanhã voltará assinada pelo seu punho e marcada com o seu selo, e vinte e quatro horas depois garanto que começará a ser posta em execução. Adeus, minha senhora, é tudo o que tinha a dizer.

- E eu lhe responderei, senhor, que esse abuso do poder, que esse exílio sob um nome suposto são uma infâmia.

- Prefere ser enforcada sob o seu verdadeiro nome, Milady? Você sabe, as leis inglesas são inexoráveis para os abusos feitos ao casamento, explique-se francamente: embora o meu nome, ou melhor, o nome do meu irmão esteja envolvido, arriscarei o escândalo de um processo público para ter certeza de me livrar de você.

Milady não respondeu mas ficou pálida como um cadáver.

- Oh! Vejo que prefere a peregrinação. Muito bem, minha senhora, e há um velho provérbio que diz que as viagens formam a juventude. Não faz mal, e a vida é boa. É por isso que não quero que roube a minha. Falta, resolver a questão dos cinco xelins, mostro-me um pouco parcimonioso, não é? É que não pretendo que corrompa os seus guardas. Aliás, sempre lhe restarão os seus encantos para seduzi-los. Use-os se o seu

fracasso com Felton não a fez perder o gosto pelas tentativas desse gênero.

“Felton não falou”, disse Milady para si mesma, “portanto nada está perdido.”

- E agora, minha senhora, até à vista. Amanhã virei anunciar-lhe a partida do meu mensageiro.

Lorde de Winter ergueu-se, cumprimentou ironicamente Milady e saiu.

Milady respirou fundo: ainda tinha quatro dias à sua frente, quatro dias chegariam para acabar de seduzir Felton. Então ocorreu-lhe uma idéia terrível, é que talvez lorde de Winter enviasse o próprio Felton para levar a ordem a Buckingham, deste modo Felton escapava-lhe e, para que a prisioneira conseguisse o que queria, era necessária a magia de uma sedução contínua.

Contudo, uma coisa a tranquilizou: Felton não tinha falado. Não quis parecer emocionada com as ameaças de lorde de Winter, sentou-se à mesa e comeu.

Depois, como fizera na véspera, ajoelhou-se e repetiu as suas orações em voz alta. Como na véspera, o soldado parou de andar e estacou para a ouvir.

Em breve ouviu passos mais ligeiros que os da sentinela, vindos do fundo do corredor e parando à sua porta.

- É ele - disse ela.

E começou o mesmo cântico religioso que na véspera exaltara tão violentamente Felton. Mas, embora a sua voz doce, plena e sonora vibrasse mais harmoniosa e mais dilacerante que nunca, a porta permaneceu fechada. Milady, com um dos olhares furtivos que lançava pela abertura, julgou ver através das grades os olhos ardentes do jovem, mas, quer fosse uma realidade ou uma visão, desta vez ele teve forças para não entrar. Contudo, instantes depois de terminar o seu cântico religioso, Milady julgou ouvir um profundo suspiro, depois os mesmos passos que ouvira aproximarem-se afastaram-se lentamente e como que a contragosto.

LV - QUARTO DIA DE CATIVEIRO

No dia seguinte, quando Felton entrou nos aposentos de Milady, encontrou-a levantada em cima de uma poltrona, tendo nas mãos uma corda tecida com lenços de cambraia rasgados em tiras entrelaçadas umas nas outras e presas nas pontas, ao ruído que Felton produziu abrindo a porta, Milady saltou com ligeireza da poltrona e tentou esconder nas costas a corda improvisada que tinha na mão.

O jovem estava mais pálido que de costume, e os seus olhos vermelhos de insônia indicavam que havia passado uma noite febril. Contudo, a sua fronte revelava uma severidade mais austera que nunca. Avançou lentamente para Milady, que havia se sentado e, pegando uma ponta da trança mortífera que ela deixara passar por descuido ou talvez de propósito:

- Que é isto, minha senhora? - perguntou friamente.
- Não é nada - disse Milady, sorrindo com aquela expressão dolorosa que tão bem sabia dar ao seu sorriso -, o tédio é o inimigo mortal dos prisioneiros, eu estava aborrecida e me entretive fazendo esta corda.

Felton dirigiu os olhos para o ponto da parede do quarto diante do qual encontrara Milady em cima da poltrona em que agora estava sentada, e por cima da cabeça dela viu um grampo dourado, cravado na parede, e que servia para pendurar tanto roupas como armas. Estremeceu, e a prisioneira viu este estremeçamento, pois embora tivesse os olhos baixos, nada lhe escapava.

- E que fazia em cima dessa poltrona? - perguntou ele.
- Que importa? - respondeu Milady.
- Mas - replicou Felton -, desejo saber.
- Não me interrogue - disse a prisioneira - você sabe que nós, verdadeiros cristãos, estamos proibidos de mentir.

- Pois bem! - disse Felton. - Vou dizer o que fazia, ou melhor, o que ia fazer, ia concluir a obra fatal que alimenta no seu espírito. Pense, minha senhora, se nosso Deus proíbe a mentira, proíbe ainda mais severamente o suicídio.

- Quando Deus vê uma das suas criaturas perseguida injustamente,

colocada entre o suicídio e a desonra, creia, senhor - respondeu Milady num tom de profunda convicção -, Deus perdoa-lhe o suicídio pois, nesse caso, o suicídio é o martírio.

- Fala demais ou de menos, fale, explique-se pelo amor de Deus.

- Contar-lhe as minhas desgraças para as chamar de mentiras, dizer-lhe meus projetos para ir denunciá-los ao meu perseguidor, não senhor, afinal, que lhe importa a vida ou a morte de uma pobre condenada? Só responde pelo meu corpo, não é? E desde que apresente um cadáver, que este seja reconhecido como o meu, não lhe perguntarão mais nada, e talvez até tenha uma dupla recompensa.

- Eu, minha senhora, eu! - exclamou Felton, - Supor que alguma vez aceitaria o preço da sua vida. Oh! Não pensa no que diz.

- Deixe-me, Felton, deixe-me - disse Milady, exaltando-se. - Todo o soldado deve ser ambicioso, não é? Você é tenente, pois bem! Seguirá o meu cortejo com a patente de capitão.
- Mas que fiz eu - disse Felton abalado - para que me atirará semelhante responsabilidade perante os homens e perante Deus? Daqui a alguns dias estará longe daqui, minha senhora, a sua vida não estará sob a minha guarda e - acrescentou com um suspiro -, então fará o que quiser.
- Então - exclamou Milady como se não pudesse resistir a uma santa indignação -, você, um homem piedoso, a quem chamam um justo, só quer uma coisa: não ser culpado, inquietado por causa da minha morte!
- Devo zelar pela sua vida, minha senhora, e zelarei.
- Mas compreende a missão que cumpre? Já cruel se eu fosse culpada, que nome lhe daria, que nome lhe dará o Senhor se eu for inocente?
- Sou um soldado, minha senhora, e cumpro as ordens que recebi.
- Acredita que, no dia do Juízo Final, Deus separará os carrascos cegos dos juizes iníquos? Não quer que eu mate o meu corpo e atua como agente daquele que quer matar a minha alma!
- Mas repito - continuou Felton abalado -, nenhum perigo a ameaça, e eu respondo por lorde de Winter como por mim.

- Louco! - exclamou Milady. - Pobre louco, que ousa responder por outro homem quando os mais sábios, quando os maiores segundo Deus hesitam em responder por eles mesmos, e que se põe do lado do mais forte e do mais feliz para oprimir a mais fraca e a mais infeliz!

- Impossível, minha senhora, impossível - murmurou Felton que sentia no fundo do coração a verdade deste argumento -, prisioneira, não será através de mim que irá recuperar a liberdade, viva, não será diante de mim que irá perder a vida.

- Sim - exclamou Milady -, mas perderei o que me é muito mais caro que a vida, perderei a honra, Felton, e é você, você, que eu farei responsável perante Deus e perante os homens pela minha vergonha e a minha infâmia!

Desta vez, Felton, por muito impassível que fosse ou que parecesse ser, não conseguiu resistir à influência secreta que já se apossara dele: ver aquela mulher tão bela, branca como a mais cândida visão, vê-la ora desolada ora ameaçadora, sofrer o ascendente da dor e ao mesmo tempo da beleza, era demais para um visionário, era demais para um cérebro minado pelos sonhos

ardentes da fé extática, era demais para um coração roído pelo amor do Céu que queima e ao mesmo tempo pelo ódio dos homens que devora.

Milady viu a perturbação, sentia intuitivamente a chama das paixões opostas que ardiam com o sangue nas veias do jovem fanático e, como um general hábil que, vendo o inimigo prestes a recuar, marcha sobre ele com um grito de vitória, ergueu-se, bela como uma sacerdotisa antiga, inspirada como uma virgem cristã e, com o braço estendido, o colo descoberto, os cabelos soltos, segurando com uma das mãos o vestido pudicamente puxado sobre o peito, o olhar iluminado por esse fogo que já causara a desordem nos sentidos do puritano, caminhou na direção dele, exclamando com um ar veemente, com a sua voz tão doce e à qual dava, nessa ocasião, uma entoação terrível:

Libre a Baal sã victime, Jette aux lions le martyr:

Dieu te fera repentir!... e crie à lui de l'abîme(1)

Felton parou ao ouvir esta estranha invectiva e ficou como que petrificado.

- Quem é você, quem é você? - exclamou ele, juntando as mãos. - É uma enviada de Deus, é um ministro do Inferno, é anjo ou demônio, chama-se Éloa ou Astarte?

- Não me reconheceu, Felton? Não sou nem um anjo nem um demônio, sou uma filha da terra, sou uma irmã da sua crença, é tudo.

- Sim! sim! - disse Felton. - Eu ainda duvidava, mas agora acredito.

- Acredita e, contudo, é cúmplice desse filho de Belial a quem chamam lorde de Winter! Acredita e, contudo, deixa-me nas mãos dos meus inimigos, do inimigo da Inglaterra, do inimigo de Deus? Acredita e, contudo, entrega-me àquele que enche e macula o mundo com as suas heresias e a sua devassidão, a esse infame Sardanapalo a quem os cegos chamam duque de Buckingham e os crentes o Anti-Cristo.

- Eu entregar-lhe a Buckingham, eu! Que está dizendo?

- Eles têm olhos - exclamou Milady - e não verão, têm ouvidos e não ouvirão.

- Sim, sim - disse Felton, passando as mãos pela testa banhada de suor como para arrancar a última dúvida - sim, reconheço a voz que me fala em sonhos, sim, reconheço os traços do anjo que me aparece todas as noites, gritando à minha alma que não consegue dormir: “Fere, salve a Inglaterra, salve-se, pois morrerá sem ter desarmado a Deus!” Fale, fale! - exclamou Felton. - Agora posso compreendê-la.

Um lampejo de alegria terrível, rápido como o pensamento, brotou dos olhos de Milady. Por muito fugidio que fosse este lampejo homicida, Felton o viu e estremeceu como se este lampejo houvesse iluminado os abismos do coração daquela mulher. Felton lembrou-se das advertências de lorde de Winter, das seduções de Milady, das suas primeiras tentativas à

chegada, recuou um passo e baixou a cabeça, mas sem parar de fitá-la como se, fascinado por esta estranha criatura, os seus olhos não conseguissem desprender-se dos olhos dela.

1. Entrega a Baal a sua vítima,/Atira aos leões o mártir/Deus te fará arrepender!.../Por ele eu grito do abismo.
(N. da T.)

Milady não era pessoa para se enganar quanto ao sentido desta hesitação. Sob as suas emoções aparentes, o seu sangue-frio glacial não a abandonava. Antes que Felton lhe respondesse e que fosse forçada a recomeçar aquela conversa tão difícil de manter no mesmo tom de exaltação, deixou cair as mãos e, como se a fraqueza da mulher vencesse o entusiasmo da inspirada:

- Mas não - disse ela -, não me cabe a mim ser a Judite que libertará Betúlia de Holofernes. O gládio do Eterno é muito pesado para o meu braço. Deixe-me, pois, fugir da desonra pela morte, deixe-me refugiar-me no martírio. Não peço nem a liberdade, como um culpado faria, nem a vingança, como faria uma pagã. Deixe-me morrer, mais nada. Suplico, imploro de joelhos: deixe-me morrer e o meu derradeiro suspiro será uma bênção para o meu salvador.

Ao ouvir esta voz doce e suplicante, ao ver este olhar tímido e abatido, Felton aproximou-se. Pouco a pouco a feiticeira revestira-se daqueles enfeites mágicos que ia buscar e que

largava conforme queria, ou seja, a beleza, a doçura, as lágrimas e sobretudo o irresistível atrativo da volúpia mística, a mais devoradora das volúpias.

- Infelizmente - disse Felton -, só posso fazer uma coisa, lamentar se me provar que é uma vítima! Mas lorde de Winter tem cruéis razões contra você. Você é cristã, é minha irmã na religião, sinto-me arrastado para você, eu que só amei o meu benfeitor, eu que só encontrei na vida traidores e ímpios. Mas você, você que na realidade é tão bela, que aparentemente é tão pura, cometeu iniquidades para que lorde de Winter assim a persiga?

- Eles têm olhos - repetiu Milady num tom de indizível dor -, e não verão, têm ouvidos e não ouvirão.

- Mas então - exclamou o jovem oficial - fale, fale!

- Confiar-lhe a minha vergonha! - exclamou Milady, corando de pudor, pois muitas vezes o crime de um é a vergonha do outro. - Confiar-lhe a minha vergonha, a um homem, eu uma mulher! Oh! - continuou ela, tapando pudicamente com a mão os seus belos olhos. - ah! Nunca, nunca poderei!

- A mim, a um irmão! - exclamou Felton.

Milady fitou-o longamente com uma expressão que o jovem oficial tomou por dúvida e que, contudo, não passava de observação e sobretudo de vontade de fascinar. Por sua vez suplicante, Felton juntou as mãos.

- Pois bem - disse Milady -, confio no meu irmão, ousarei!
Neste momento ouviu-se o passo de lorde de Winter, mas desta vez o terrível cunhado de Milady não se contentou como fizera na véspera, em passar diante da porta e afastar-se, parou, trocou duas palavras com a sentinela, depois a porta abriu-se e ele apareceu.

Enquanto trocavam estas duas palavras, Felton recuava vivamente e, quando lorde de Winter entrou, estava a alguns passos da prisioneira. O barão entrou lentamente e dirigiu o seu olhar perscrutador da prisioneira para o jovem oficial:

- Há muito tempo que está aqui, John - disse ele -; será que essa mulher lhe contou os seus crimes? Nesse caso, compreendo a demora da conversa.

Felton estremeceu e Milady sentiu que estava perdida se não fosse em socorro do puritano embaraçado.

- Ah! Receia que sua prisioneira escape! - disse ela. - Pois bem, pergunte ao seu digno carcereiro que favor eu lhe pedia neste mesmo instante.

- Pedia um favor? - disse o barão, desconfiado.

- Sim, Milorde - respondeu o jovem confuso.

- E que favor era esse? - perguntou lorde de Winter.

- Uma faca que me devolverá pela abertura da porta, um minuto depois de a ter recebido - respondeu Felton.

- Então está aqui uma pessoa escondida que essa graciosa pessoa queira degolar? - perguntou lorde de Winter com a sua voz irônica e desprezível.

- Eu estou - respondeu Milady.

- Permiti que escolhesse entre a América e Tyburn - prosseguiu lorde de Winter -, escolha Tyburn. A corda ainda é mais segura que a faca, pode crer.

Felton empalideceu e deu um passo em frente, pensando que, no momento em que entrara, Milady tinha uma corda.

- Tem razão - disse esta -, eu não tinha pensado nisso. - Depois acrescentou com voz surda: Vou pensar outra vez.

Felton sentiu um arrepio percorrer-lhe os ossos, provavelmente, lorde de Winter percebeu este movimento.

- Desconfie, John - disse ele -, John, meu amigo, eu confiei em você, tenha cuidado! Eu o preveni! De resto, tenha coragem, meu filho, daqui a três dias estaremos livres desta criatura, e onde a envio, não prejudicará ninguém.

- Está ouvindo! - exclamou bem alto Milady de modo que o barão julgou que ela se dirigia aos céus e Felton compreendeu que se dirigia a ele.

Felton baixou a cabeça e divagou. O barão deu o braço ao oficial, virando a cabeça de modo a não perder Milady de vista até sair.

- Vamos, vamos - disse a prisioneira quando a porta se fechou -, ainda não avancei tanto como julgava. Winter transformou a sua habitual estupidez numa prudência desconhecida, o que é o desejo de vingança e como este desejo forma o homem! Quanto a Felton, hesita. Ah! Não é um homem como esse maldito D'Artagnan. Um puritano só adora as virgens, e adora-as juntando as mãos. Um mosqueteiro ama as mulheres, e ama-as juntando os braços.

Todavia Milady esperou com impaciência pois suspeitava que o dia não terminaria sem que tornasse a ver Felton. Por fim, uma hora depois da cena que acabamos de contar, percebeu que falavam baixo à porta, depois a porta abriu-se e ela reconheceu Felton.

O jovem avançou rapidamente no quarto, deixando a porta aberta e fazendo sinal a Milady para se calar; tinha uma expressão transtornada.

- Que quer de mim? - perguntou ela.

- Escute - respondeu Felton em voz baixa -, acabo de afastar a sentinela para poder ficar aqui sem que saibam que vim, para lhe falar sem que possam ouvir o que digo. O barão acaba de me contar uma história horrível.

Milady arvorou o seu sorriso de vítima resignada e abanou a cabeça.

- Ou é um demônio - continuou Felton - ou o barão, o meu benfeitor, meu pai, é um monstro. Conheço-a há quatro dias, a

ele amo há dez anos, posso portanto, hesitar entre os dois. Não se assuste com o que digo, preciso ser convencido. Esta noite, depois da meia-noite, virei ve-la e você me convencerá.

- Não, Felton, não, meu irmão - disse ela -, o sacrifício é grande demais e

sinto que lhe custa. Não, eu estou perdida, não se perca comigo. A minha morte será muito mais eloquente que a minha vida, e o silêncio do cadáver o convencerá muito melhor que as palavras da prisioneira.

- Cale-se, minha senhora - exclamou Felton -, e não me fale assim, eu vim para que me promettesse pela sua honra, para que me jurasse pelo que tem de mais sagrado, que não atentará contra sua vida.

- Não quero prometer - disse Milady -, pois não há ninguém que mais respeite um juramento e, se prometer, terei de cumprir.

- Pois bem - disse Felton -, comprometa-se apenas até ao momento em que voltar a me ver. Se, quando voltar a me ver, ainda persistir, pois bem, então será livre e eu próprio darei a arma que me pediu.

- Muito bem - disse Milady -, por eu esperarei.

- Jura.

- Juro pelo nosso Deus. Está satisfeito?

- Bom - disse Felton -, até à noite!

E precipitou-se fora do quarto, fechou a porta e esperou lá fora com a meia lança do soldado na mão como se montasse guarda no lugar dele. Quando o soldado voltou, Felton devolveu-lhe a arma.

Então, através da abertura da porta de que se tinha aproximado, Milady viu o rapaz persignar-se com um fervor delirante e ir pelo corredor num transporte de alegria.

Quanto a ela, voltou para o seu lugar com um sorriso de desprezo selvagem nos lábios e repetiu, blasfemando, o nome terrível de Deus, pelo qual jurara sem nunca ter procurado conhecê-lo.

- Meu Deus! - disse ela. - Fanático tresloucado! Meu Deus! Sou eu, eu e aquele que me ajudar a vingar-me.

LVI - QUINTO DIA DE CATIVEIRO

Contudo, Milady tinha chegado a um semitriunfo e o êxito obtido redobrava as suas forças.

Não era difícil vencer, como fizera até então, homens prontos a se deixar seduzir, e que a educação galante da corte depressa arrastava para a armadilha, Milady era bastante bela para não

encontrar resistência da parte da carne, e era bastante hábil para vencer todos os obstáculos do espírito.

Mas, desta vez, tinha de lutar contra uma natureza selvagem, concentrada, insensível à força da austeridade, a religião e a penitência haviam feito de Felton um homem inacessível às seduções banais. Alimentava na sua cabeça exaltada planos tão vastos, projetos tão tumultuosos que não ficava lugar nenhum para amor, de capricho ou de matéria, esse sentimento que se nutre de lazer e que cresce com a corrupção. Milady tinha, aberto uma brecha, com a sua falsa virtude, na opinião de um homem horrivelmente prevenido contra ela, e, com a sua beleza, no coração e nos sentidos de um homem casto e puro. Enfim dera a plena medida dos seus meios, que até então ela própria desconhecia, através dessa experiência realizada com o sujeito mais rebelde que a natureza e a religião poderiam submeter ao seu estudo.

Contudo, muitas vezes durante o dia perdera a esperança na sorte e em si mesma, não invocava Deus, já sabemos, mas tinha fé no gênio do mal, essa imensa soberania que reina em todos os pormenores da vida humana e à qual, como na fábula árabe, um bago de romã basta para construir um mundo perdido.

Milady, bem preparada para receber Felton, pôde preparar as suas baterias para o dia seguinte. Sabia que só lhe restavam

dois dias, que uma vez a ordem assinada por Buckingham (e Buckingham a assinaria facilmente tanto mais que essa ordem indicava um nome falso e que não reconheceria a mulher em questão), uma vez a ordem assinada, dizíamos, o barão mandaria embarcá-la imediatamente, e ela também sabia que as mulheres condenadas à deportação se servem de armas muito menos poderosas nas suas seduções que as mulheres pretensamente virtuosas a quem o sol do mundo ilumina a beleza, a quem a voz da moda gaba o espírito e que um reflexo de aristocracia doura com as suas luzes encantadas. Ser uma mulher condenada quase miserável e infamante não impede de ser bela, mas impede de voltar a ser poderosa. Como todas as pessoas de mérito verdadeiro, Milady conhecia o meio que convinha à sua natureza, aos seus meios. A pobreza causava-lhe repugnância, a abjeção tirava-lhe dois terços da sua grandeza. Milady só era rainha entre as rainhas, a sua dominação precisava do prazer do orgulho satisfeito. Para ela, comandar os seres inferiores era mais uma humilhação do que um prazer.

Certamente que voltaria do seu exílio, não duvidava disso nem por um instante, mas quanto tempo poderia durar esse exílio? Para uma natureza ativa e ambiciosa como a de Milady, os dias não ocupados a subir são dias nefastos, imagine-se uma palavra para designar os dias empregues a descer! Perder um ano, dois anos, três dias, quer dizer, uma eternidade, voltar quando D'Artagnan tivesse, ele e os seus amigos, recebido a

recompensa pelos serviços que ele e os seus amigos tinham prestado, eram idéias devoradoras que uma mulher como Milady não podia suportar. De resto, a tempestade que rosnava dentro dela redobrava a sua força e faria rebentar os muros da prisão, se o seu corpo pudesse ganhar por um instante as proporções do seu espírito.

Depois, o que ainda a espicaçava no meio de tudo isso era a lembrança do cardeal. Que pensaria, que diria do seu silêncio o cardeal, desconfiado, inquieto, o cardeal não só o seu único apoio, o seu único protetor no presente, mas também o principal instrumento da sua fortuna e da sua vingança futura? Ela o conhecia, sabia que, quando regressasse após uma viagem inútil, bem poderia falar da prisão, bem podia exaltar os sofrimentos passados, o cardeal responderia com a calma irônica do cético poderoso pela força e ao mesmo tempo pelo gênio: “Não devia ter se deixado apanhar!”

Então Milady chamava a si toda a sua energia, murmurando no fundo do seu pensamento o nome de Felton, a única claridade que chegava até ela no fundo do inferno em que tinha caído e, como uma serpente que enrola e desenrola os seus anéis para mostrar a si mesma a sua força, envolvia antecipadamente Felton nas mil pregas da sua inventiva imaginação. Contudo, o tempo passava, as horas umas atrás das outras pareciam despertar o sino ao passar e cada badalada de bronze ecoava no coração da prisioneira.

Às nove horas, lorde de Winter fez a sua habitual visita, olhou pela janela e pelas grades, sondou o soalho e as paredes, examinou a lareira e as portas sem

que, durante esta longa e minuciosa visita, nem ele nem Milady pronunciassem uma única palavra. Certamente que ambos compreendiam que a situação se tornara muito grave para perderem tempo com palavras inúteis e com arrebatamentos sem efeito.

- Ora, ora - disse o barão ao deixá-la -, ainda não será esta noite que fugirá! Às dez horas, Felton veio trazer uma sentinela, Milady reconheceu-lhe o passo. Adivinhava-o agora como uma amante adivinha o do eleito do seu coração

e, contudo, Milady desprezava e detestava aquele fraco fanático.

Não era a hora combinada, Felton não entrou. Duas horas depois, ao soar a meia-noite, a sentinela foi rendida. Desta vez era a hora, portanto, a partir deste momento, Milady esperou com impaciência. A nova sentinela começou a passear no corredor. Passados dez minutos veio Felton.

Milady ficou atenta.

- Escute - disse o jovem à sentinela -, não se afaste desta porta sob nenhum pretexto, pois sabe que a noite passada Milorde puniu um soldado por ter largado o seu posto um

instante, e contudo fui eu que, durante essa curta ausência, guardei no lugar dele.

- Sim, eu sei - disse o soldado.

- Recomendo, a mais exata vigilância. Eu - acrescentou - vou entrar para examinar pela segunda vez o quarto dessa mulher, que receio tenha projetos sinistros contra si mesma e que recebi ordem de vigiar.

- Bom - murmurou Milady -, o austero puritano mente! Quanto ao soldado, contentou-se em sorrir.

- Puxa! Meu tenente - disse ele -, que sorte ser encarregado dessas tarefas, sobretudo se Milorde o autorizou a espreitar até dentro da cama.

Felton corou, em qualquer outra circunstância teria censurado o soldado que se permitia semelhante gracejo, mas a sua consciência murmurava muito alto para que a sua boca ousasse falar.

- Se eu chamar - disse ele -, venha. E também, se vier alguém, me chame.

- Sim, meu tenente - disse o soldado.

Felton entrou no quarto de Milady. Milady levantou-se.

- Você veio? - disse ela.

- Tinha prometido vir - disse Felton -, e vim.

- Prometeu-me outra coisa.

- O quê? Meu Deus! - disse o jovem que apesar do seu domínio sentia os joelhos tremerem e o suor molhar-lhe a testa.
- Prometeu trazer-me uma faca, e deixá-la depois da nossa conversa.
- Não fale nisso, minha senhora - disse Felton -, não há situação, por mais terrível que seja, que autorize uma criatura de Deus a se matar. Pensei bem e decidi que nunca devia me tornar culpado de semelhante pecado.
- Ah! Pensou! - disse a prisioneira, sentando-se na poltrona com um sorriso de desdém. - E eu também pensei.
- O quê?
- Que não tinha nada a dizer a um homem que não cumpria a sua palavra.
- Ó meu Deus! - murmurou Felton.
- Pode retirar-se - disse Milady -, eu não falarei.
- Eis a faca! - disse Felton, tirando do bolso a arma que, conforme

prometera, tinha trazido mas que hesitava em entregar à prisioneira.

- Vejamos - disse Milady.
- Para quê?

- Palavra de honra que lhe entrego a faca imediatamente, poderá pousá-la nesta mesa e ficar entre ela e eu.

Felton estendeu a arma a Milady, que lhe examinou atentamente a têmpera e que lhe experimentou a ponta com o dedo.

- Bom - disse ela, devolvendo a faca ao jovem oficial -, esta é mesmo de aço, você é um amigo fiel, Felton.

Felton pegou a arma e pousou-a na mesa, como acabava de combinar com a prisioneira. Milady seguiu-o com o olhar e fez um gesto de satisfação.

- Agora - disse ela -, escute-me.

A recomendação era inútil, o jovem oficial estava de pé diante dela, à espera das suas palavras para devorá-las.

- Felton - disse Milady com uma solenidade cheia de melancolia -, Felton, se sua irmã, a filha de seu pai, lhe dissesse: “Ainda jovem, bastante bela para a desgraça, fizeram-me cair em uma armadilha, eu resisti, multiplicaram as ciladas, as violências à minha volta, eu resisti, blasfemaram contra a religião que sirvo, contra o Deus que adoro, porque eu chamava em meu socorro esse Deus e essa religião, eu resisti, então prodigalizaram-me os ultrages e, como não podiam perder a minha alma, quiseram dominar para sempre o meu corpo, enfim...

- Enfim - disse Felton -, enfim, que fizeram?

- Enfim, uma noite, resolveram paralisar essa resistência que não podiam vencer, uma noite, deitaram-me na água um narcótico poderoso, mal acabei de comer me senti cair pouco a pouco num torpor desconhecido. Embora não desconfiasse, assaltou-me um receio vago e tentei lutar contra o sono, levantei-me, quis correr à janela, pedir socorro, mas as minhas pernas recusaram-se a andar, parecia que o teto baixava sobre a minha cabeça e me esmagava sob o seu peso, estendi os braços, tentei falar, só consegui emitir sons inarticulados, um torpor irresistível tomava conta de mim, agarrei-me a uma poltrona, sentindo que ia cair, mas em breve esse apoio foi insuficiente para os meus braços débeis, caí sobre um joelho, depois sobre os dois, quis gritar, mas tinha a língua gelada, Deus certamente não me viu nem ouviu, e escorreguei no soalho, vítima de um sono semelhante à morte.

“Não me lembro de nada do que se passou durante esse sono, nem do tempo que durou, a única coisa que recordo é que acordei deitada em um quarto redondo, mobilado luxuosamente e cuja claridade provinha unicamente de uma abertura no teto. De resto, nenhuma porta parecia dar entrada para o quarto, parecia uma magnífica prisão.

“Levei muito tempo até conseguir perceber o lugar em que me achava e de todos os pormenores que refiro, o meu espírito parecia lutar em vão para sacudir as pesadas trevas do sono de que não me conseguia arrancar, tinha percepções vagas de um espaço percorrido, do andamento de um carro, de um

sonho horrível em que as minhas forças teriam se esgotado, mas tudo isso era tão sombrio e tão indistinto para o meu pensamento que esses acontecimentos pareciam pertencer a uma vida que não era a minha e que, contudo, estava confundida com a minha por uma fantástica dualidade.

Durante algum tempo o estado em que me achava

me pareceu tão estranho que julguei que estava sonhando.

Levantei-me cambaleante, a minha roupa estava junto de mim, em cima de uma cadeira, não me lembrava nem de ter me despido nem de ter me deitado. Então, pouco a pouco, a realidade apresentou-se, cheia de pudicos terrores, já não estava na casa em que morava e, a julgar pela luz do sol, já tinham decorrido dois terços do dia! Fora na véspera à noite em que eu adormecera, o meu sono durara, portanto, quase vinte e quatro horas. Que se passara durante esse longo sono?”

“Vesti-me o mais depressa que pude. Todos os meus movimentos lentos e entorpecidos provavam que a influência do narcótico ainda não tinha se dissipado inteiramente. De resto, aquele quarto estava mobilado para receber uma mulher, e a mais exigente de todas só teria que formular um desejo e, passeando o olhar pelo quarto, veria este desejo realizado.”

“Certamente eu não era a primeira cativa que se vira encerrada naquela esplêndida prisão, mas, compreenda, Felton, quanto mais bela era a prisão mais eu me assustava. Sim, era uma

prisão, foi em vão que tentei sair. Sondei todas as paredes a fim de descobrir uma porta, em toda a parte as paredes produziam um som pleno e surdo. Dei talvez vinte vezes a volta àquele quarto, à procura de uma saída qualquer, não havia nenhuma: caí numa poltrona, vencida pela fadiga e pelo terror.”

“Entretanto a noite caía rapidamente, e, com a noite, aumentavam os meus terrores: não sabia se devia ficar onde me tinha sentado, tinha a sensação de estar rodeada de perigos desconhecidos, nos quais ia cair a cada passo. Embora não tivesse comido nada desde a véspera, os meus receios não me deixavam ter fome.”

“Nenhum ruído exterior, que me permitisse medir o tempo, chega até mim, resumi apenas que podiam ser sete ou oito horas da noite, pois estávamos no mês de Outubro e era noite cerrada.”

“De repente, o rangido de uma porta girando sobre os seus gonzos me fez sobressaltar, um globo de fogo apareceu por cima da abertura envidraçada do teto, lançando uma luz viva no meu quarto, e eu notei, aterrada, que um homem estava de pé a poucos passos de mim. Uma mesa para dois, com um jantar servido, tinha-se erguido como por magia no meio do quarto.”

“Esse homem era o que me perseguia há um ano, que tinha jurado a minha desonra, e que, com as primeiras palavras que

lhe saíram da boca, me fez compreender que o fizera na noite anterior.”

- O infame! - murmurou Felton.

- Oh! Sim, o infame! - exclamou Milady, vendo o interesse que o jovem oficial, cuja alma parecia suspensa dos seus lábios, dedicava à estranha narrativa.

- Oh! Sim, o infame! Julgara que lhe bastara ter-me vencido durante o sono para que estivesse tudo dito, vinha esperando que eu aceitaria a minha vergonha, pois a minha vergonha estava consumada, vinha oferecer-me a sua fortuna em troca do meu amor.

“Derramei sobre aquele homem tudo quanto o coração de uma mulher pode conter de supremo desprezo e de palavras desdenhosas, certamente que estava habituado a semelhantes censuras, pois escutou-me calmo, sorridente, de braços cruzados, depois, quando julgou que eu tinha dito tudo, avançou para mim, eu saltei para a mesa, peguei uma faca e encostei-a ao peito.”

- “Mais um passo - disse-lhe eu - e, além da minha desonra, terá ainda de se censurar pela minha morte.”

“Com certeza havia no meu olhar, na minha voz, em toda a minha pessoa, a verdade do gesto, da atitude e do tom que dá a convicção às almas mais perversas, porque ele parou.”

- “A sua morte! - disse-me ele. - Oh! Não, é uma amante muito encantadora para que eu consinta em perde-la dessa maneira, depois de ter tido a felicidade de possuí-la apenas uma vez. Adeus, minha linda! Esperarei, para vir visitá-la, que esteja melhor disposta.”

“Com estas palavras assobiou, o globo que iluminava o meu quarto subiu e desapareceu, encontrei-me novamente às escuras. O mesmo ruído de uma porta se abrindo e fechando reproduziu-se passado um instante, o globo chamejante tornou a descer e eu fiquei só.”

“Esse momento foi horrível, se ainda tivesse dúvidas sobre a minha desgraça, essas dúvidas tinham-se desvanecido numa realidade desesperante: estava em poder de um homem que não só detestava mas também desprezava, um homem capaz de tudo, e que já me dera uma prova fatal daquilo que podia ousar.”

- Mas, então, quem era esse homem? - perguntou Felton.

- Passei a noite em uma cadeira, estremecendo ao menor ruído, pois, cerca da meia-noite, o candeeiro apagara-se e eu tinha ficado às escuras. Mas a noite passou-se sem nova tentativa do meu perseguidor. Veio o dia, a mesa desaparecera, mas eu ainda tinha a faca na mão.

“Aquela faca era toda a minha esperança. Estava derreada de fadiga, a insônia queimava-me os olhos, não ousava dormir um instante, o dia tranquilizou-me, atirei-me para cima da cama

sem largar a faca libertadora, que escondi debaixo da almofada. Quando acordei, estava posta outra mesa.”

“Desta vez, apesar dos meus terrores, apesar das minhas angústias, sentia uma fome devoradora, havia quarenta e oito horas que não comia, comi pão e fruta, depois, lembrando-me do narcótico misturado com a água que tinha bebido, não toquei na que estava em cima da mesa e fui encher o copo a uma fonte de mármore embutida na parede, por cima do toucador. Porém, apesar dessa precaução, ainda permaneci algum tempo numa horrível angústia, mas desta vez os meus receios eram infundados, passei o dia sem sentir nada daquilo que temia.”

“Tinha tido a precaução de esvaziar metade da garrafa, para que não percebessem a minha desconfiança. Veio a noite e, com ela, a escuridão, contudo, por muito profunda que fosse, os meus olhos começavam a habituar-se, vi, no meio das trevas, a mesa penetrar no teto. Passado um quarto de hora, tornou a aparecer com o meu jantar e, instantes depois, graças ao mesmo candeeiro, o meu quarto tornou a iluminar-se.”

“Estava resolvida a comer apenas alimentos em que fosse impossível misturar algum sonífero: dois ovos e fruta constituiriam a minha refeição, depois, fui encher um copo à minha fonte protetora, e bebi. Ao beber os primeiros goles, pareceu-me que não tinha o mesmo gosto que de manhã, tive uma breve suspeita e parei, mas já tinha bebido meio copo.

Atirei o resto fora, horrorizada, e esperei, com a testa coberta de suor que o pavor me causara.”

“Com certeza, alguma testemunha invisível me vira beber água da fonte e aproveitara-se da minha própria confiança para melhor garantir a minha perdição tão friamente resolvida, tão cruelmente levada a cabo. Ainda não tinha passado meia hora quando se produziram os mesmos sintomas, mas, como desta vez eu só bebera meio copo de água, lutei durante mais tempo e, em vez de adormecer completamente, caí num estado de sonolência que me deixava o sentimento de tudo o que se passava à minha volta mas que me tirava a força para me defender ou para fugir.”

“Arrastei-me para a minha cama, à procura da única defesa que me restava, a minha faca salvadora, mas não consegui chegar à cabeceira. Caí de joelhos, fincando as mãos em uma das colunas dos pés da cama, então compreendi que estava perdida.

Felton empalideceu terrivelmente e um arrepio convulsivo percorreu-lhe o corpo todo.

- E o mais horrível - continuou Milady com a sua voz alterada como se ainda sentisse a mesma angústia que naquele momento terrível - é que, daquela vez, eu tinha consciência do perigo que me ameaçava, é que a minha alma, posso dizê-lo, estava vigilante no meu corpo adormecido, é que

eu via e ouvia, é verdade que tudo aquilo era como um sonho, mas isso ainda o tornava mais assustador.”

“Vi o candeeiro subir e me deixar pouco a pouco no escuro, depois ouvi o ranger da porta que já conhecia tão bem, embora esta porta só se tivesse aberto duas vezes. Senti instintivamente que alguém se aproximava de mim, dizem que o desgraçado perdido nos desertos da América sente assim a aproximação da serpente. Quis fazer um esforço, tentei gritar, com uma incrível energia da vontade, consegui levantar-me, mas para imediatamente tornar a cair... e cair nos braços do meu perseguidor.”

- Diga-me quem era esse homem - pediu o jovem oficial.

Milady viu com um só olhar todo o sofrimento que inspirava a Felton, pesando cada pormenor da sua narrativa, mas não queria poupar nenhuma tortura. Quanto mais profundamente lhe esmagasse o coração, mais seguramente ele a vingaria. Continuou, portanto, como se não tivesse ouvido a sua exclamação, ou como se pensasse que ainda não tinha chegado o momento de responder.

- Mas, desta vez, já não era uma espécie de cadáver inerte, sem nenhum sentimento, que o infame tinha diante dele. Já disse, embora sem conseguir recuperar o exercício completo das minhas faculdades, restava-me o sentimento do meu perigo, lutei com todas as minhas forças e por certo opus,

embora muito fraca, uma longa resistência, porque o ouvi exclamar:

- “Estas miseráveis puritanas! Já sabia que cansavam os seus carrascos, mas julgava que eram menos fortes contra os seus sedutores.”

“Ai de mim! Aquela resistência desesperada não podia durar muito, senti que as forças me faltavam e, desta vez, não foi do meu sono que o covarde se aproveitou, mas do meu desmaio.”

Felton escutava, emitindo apenas um rugido surdo, mas o suor escorria-lhe da testa de mármore e a mão, escondida dentro da casaca, rasgava-lhe o peito.

- Quando recuperei os sentidos, o primeiro movimento que fiz foi para procurar debaixo da almofada a faca que não tinha conseguido alcançar, se não tinha servido para a defesa, ao menos podia servir para a expiação. Mas ao pegar

na faca, Felton, tive uma idéia terrível. Jurei dizer tudo e vou fazê-lo, prometi-vos a verdade e vou dizê-la, ainda que seja a minha perdição.

- Teve a idéia de se vingar desse homem, não foi? - exclamou Felton.

- Sim! - disse Milady. - Não era uma idéia cristã eu sei, talvez fosse esse eterno inimigo da nossa alma, esse leão que ruge incessantemente à nossa volta que a soprasse ao meu

espírito. Enfim, que posso dizer, Felton? - continuou Milady no tom da mulher que se acusa de um crime. - Tive essa idéia, que certamente nunca mais me abandonou. É o castigo desse pensamento homicida que hoje trago comigo.

- Continue, continue - disse Felton -, tenho pressa de ver chegar à vingança.

- Oh! Resolvi que ela teria lugar o mais cedo possível, não duvidava de que ele não viesse na noite seguinte. Durante o dia não tinha nada a temer. Portanto, quando chegou a hora do almoço, não hesitei em comer e beber, estava resolvida a fingir que jantava, mas a não comer nada, portanto tinha de combater o jejum da noite com o alimento da manhã. Porém, escondi um copo de água do almoço, pois a sede foi o que mais me custara quando passei quarenta e oito horas sem beber nem comer.

“O dia se passou sem exercer em mim outra influência além de fortalecer-me na resolução que havia tomado, mas tive o cuidado de não deixar que o meu rosto traísse o pensamento do meu coração, pois não tinha dúvidas de que me observavam, várias vezes cheguei a sentir um sorriso nos lábios. Felton, não ousei dizer a idéia que me fazia sorrir, lhe causaria horror...”

- Continue, continue - disse Felton -, veja que escuto e que tenho pressa de chegar.

- Veio a noite, realizaram-se os acontecimentos habituais, durante a escuridão, como de costume, serviram-me o jantar, depois o candeeiro acendeu-se e eu sentei-me à mesa. Comi apenas fruta, fingi que me servia da água da garrafa, mas só bebi a que tinha conservado no copo, a substituição foi feita com suficiente habilidade para que os meus espiões, se é que os tinha, não tivessem nenhuma suspeita.

“Depois do jantar, dei as mesmas mostras de torpor que na véspera, mas, desta vez, como se sucumbisse à fadiga ou me familiarizasse com o perigo, arrastei-me para a cama e fingi que adormecia.”

“Desta vez, tinha encontrado a minha faca debaixo da almofada e, fingindo que dormia, a minha mão apertava convulsivamente o cabo da faca. Decorreram duas horas sem que se passasse nada de novo, desta vez, ó meu Deus, quem diria na véspera? Começava a recear que ele não viesse.

“Enfim, vi o candeeiro subir lentamente e desaparecer nas profundezas do teto, o meu quarto encheu-se de trevas, mas fiz um esforço para penetrar a escuridão com o olhar. Passaram-se cerca de dez minutos. O único ruído que eu ouvia eram as palpitações do meu coração.”

“Implorei ao céu que ele viesse.”

“Por fim, ouvi o tão conhecido ruído da porta a abrir-se e fechar-se, ouvi, apesar da espessura do tapete, um passo que

fazia ranger o soalho, vi, apesar do escuro, uma sombra que se aproximava da minha cama.”

- Depressa, depressa! - disse Felton. - Não ve que cada uma das suas

palavras me queima como chumbo derretido?

- Então - continuou Milady -, chamei a mim todas as minhas forças, lembrei-me que o momento da vingança, ou melhor, da justiça, tinha soado, considerei-me uma nova Judite, encolhi-me, com a faca na mão e, quando o vi junto de mim, estendendo os braços à procura da sua vítima, então, com o derradeiro grito da dor e do desespero feri-o em pleno peito. O miserável tinha previsto tudo, o seu peito estava coberto de uma cota de malha, a faca embotou-se.

- “Ah! Ah! - exclamou ele, agarrando-me o braço e arrancando-me a arma que tão mal me havia servido. - Atenta contra a minha vida, minha linda puritana! Mas isso é mais que ódio, é ingratidão! Vamos, acalme-se, minha linda menina! Julguei que estava mais boazinha. Eu não sou desses tiranos que conservam as mulheres à força, não me ama, eu já suspeitava disso com a minha habitual fatuidade, agora estou convencido. Amanhã estarálivre.”

“Eu só desejava uma coisa: que ele me matasse.”

- “Tenha cuidado! - disse-lhe eu. - Pois a minha liberdade é a sua desonra. Sim, pois assim que sair daqui contarei tudo, contarei a violência que usou contra mim, contarei o meu cativoiro. Denunciarei este palácio de infâmia, você ocupa uma posição muito alta Milorde, mas pode tremer! Acima de si está o rei, acima do rei está Deus.”

“Por muito senhor de si que parecesse, o meu perseguidor deixou escapar um movimento de cólera. Eu não podia ver-lhe a expressão do rosto, mas sentira tremer-lhe o braço, sobre o qual estava pousada a minha mão.

- “Então você não sairá daqui - disse ele.

- “Bom, bom! - exclamei eu. - Então o lugar do meu suplício será também o do meu túmulo. Bom! Morrerei aqui e verá se um fantasma que acusa não é ainda mais terrível que um vivo que ameaça! “

- Não lhe deixarão nenhuma arma.”

- “Há uma que o desespero pôs ao alcance de toda a criatura que tenha a coragem de se servir dela. Me deixarei morrer de fome.”

- “Ora - disse o miserável -, não vale mais a paz do que semelhante guerra? Eu lhe devolvo a liberdade neste instante, proclamo-lhe virtuosa, chamo-lhe de a Lucrécia da Inglaterra.”

- “E eu digo que você é Sextus, denuncio-lhe aos homens como já o denunciei a Deus e se for preciso que, como Lucrecia, eu assine a minha acusação com o meu sangue, assim farei.”

- “Ah! Ah! - disse o meu inimigo ironicamente. - Isso é outra coisa. Afinal, está bem aqui, nada lhe faltará e, se morrer de fome, a culpa será sua.”

“Com estas palavras, retirou-se, eu ouvi abrir e fechar a porta e fiquei abalada, menos na minha dor, confesso, que na vergonha de não me ter vingado. Ele manteve a palavra. Todo o dia e noite seguintes se passaram sem que voltasse a vê-lo. Mas eu também mantive a palavra e não comi nem bebi, como lhe dissera, estava resolvida a morrer de fome. Passei o dia e a noite rezando, pois esperava que Deus perdoasse o meu suicídio.”

“Na segunda noite a porta se abriu, eu estava deitada no chão, começava a perder as forças. Ao ouvir ruído, firmei-me em uma das mãos.”

- “Ora bem! - disse-me ele com uma voz que soava aos meus ouvidos de

uma maneira muito terrível para que eu não a reconhecesse. - Ora bem! Já está mais boazinha, e paga a sua liberdade com uma promessa de silêncio? Veja, eu sou magnânimo - acrescentou - e, embora não goste dos puritanos, faço-lhes

justiça, e também às puritanas quando são bonitas. Vá, faça-me um juramento sobre a cruz, não peço mais nada.”

- “Sobre a cruz! - exclamei eu, reerguendo-me, pois, ao ouvir aquela voz odiada, recobrou as forças. - Sobre a cruz! Juro que nenhuma promessa, nenhuma ameaça, nenhuma tortura me fechará a boca, sobre a cruz, juro denunciá-lo em toda a parte como um assassino, como um ladrão da honra, como um covarde, sobre a cruz, juro, se jamais conseguir sair daqui, pedir vingança a todo o gênero humano.”

- “Tenha cuidado! - disse a voz em um tom de ameaça que eu ainda não tinha ouvido. - Eu tenho um meio supremo, que só empregarei em última instância, de lhe fechar a boca ou pelo menos de impedir que acreditem em uma só palavra do que disser.”

“Reuni as minhas forças para responder com uma gargalhada. Ele viu que dali em diante seria uma guerra eterna entre nós, uma guerra mortal.”

- “Escute - disse ele -, dou-lhe ainda o resto desta noite e o dia de amanhã, reflita, prometa se calar, será rodeada de riqueza, de consideração e até de honrarias, ameace falar e condeno-a à infâmia.

- “Você! - exclamei eu. - Você!

- “À infâmia eterna, inextinguível.”

- “Você!” - repeti eu. - Oh! Digo-vos, Felton, que julgava que ele estava

louco!

- “Sim, eu! - disse ele.”

- “Ah! Deixe-me - disse-lhe eu -, saia, se não quer me ver rachar a cabeça

na parede!”

- “Está bem - respondeu -, como quiser. Até amanhã à noite!”

- “Até amanhã à noite - respondi, deixando-me cair e mordendo o tapete de raiva...”

Felton apoiava-se num móvel e Milady via com uma alegria demoníaca que talvez lhe faltassem as forças antes do fim da narrativa.

LVII - UM MEIO DE TRAGÉDIA CLÁSSICA

Após um momento de silêncio que Milady empregou para observar o rapaz que a escutava, ela continuou a sua narrativa:

- Havia quase três dias que não comia nem bebia, sofria atrozes torturas, por vezes passavam por mim nuvens que me oprimiam a fronte, que me velavam os olhos: era o delírio. Veio a noite, estava tão fraca que a cada instante desmaiava e cada vez que desmaiava agradecia a Deus, pois julgava que ia morrer.”

“No meio de um destes desmaios ouvi abrir a porta, o terror fez-me vir a mim. O meu perseguidor entrou, seguido de um homem mascarado, ele próprio estava mascarado, mas eu reconheci o passo, reconheci aquele ar imponente que o inferno deu à sua pessoa para mal da humanidade.”

pedi?”

- “Ora bem! - disse-me ele. - Está decidida a me fazer o juramento que

- “Você mesmo disse: os puritanos só têm uma palavra, já ouviu a minha,

persegui-lo na terra até ao tribunal dos homens, no Céu até ao tribunal de Deus!”

- “Então não desistiu?”

- “Juro diante de Deus que está me ouvindo, tomarei o mundo inteiro como testemunha do seu crime, até encontrar um vingador.”

- “Você é uma prostituta - disse ele com voz trovejante - e sofrerá o suplício das prostitutas! Marcada aos olhos do mundo que invoca, tente provar-lhe que não é nem culpada nem louca!

- Depois, dirigindo-se ao homem que o acompanhava:

- Carrasco, cumpra o seu dever.”

- Oh! O seu nome, o seu nome! - exclamou Felton. - Diga-me o seu nome!

- Então, apesar dos meus gritos, apesar da minha resistência, pois começava a compreender que se tratava de algo pior que a morte, o carrasco agarrou-me, derrubou-me, dominou-me com os braços e, sufocada pelos soluços, quase inconsciente, invocando Deus que não me escutava, soltei de repente um horrível grito de dor e de vergonha: um ferro rubro, o ferro do carrasco, tinha-se imprimido no meu ombro.

Felton soltou um rugido.

- Veja - disse Milady, erguendo-se então com a majestade de uma rainha -, veja, Felton, como inventaram um novo martírio para a jovem pura e, contudo, vítima da brutalidade de

um celerado. Aprenda a conhecer o coração dos homens e, doravante, não seja tanto o instrumento das suas injustas vinganças.

Com um gesto rápido, Milady abriu o vestido, rasgou a cambraia que lhe cobria o regaço e, vermelha de cólera fingida e de falsa vergonha, mostrou ao jovem a marca inapagável que desonrava aquele ombro tão belo.

- Mas - exclamou Felton - vejo uma flor-de-lis!
- Eis justamente a infâmia - respondeu Milady. - A marca da Inglaterra!... Era preciso provar que tribunal a tinha imposto, e eu apelaria publicamente para todos os tribunais do reino, mas a marca da França... Oh! Por ela eu era realmente marcada.

Erade mais para Felton. Pálido, imóvel, esmagado por esta revelação pavorosa, ofuscado pela beleza sobre-humana daquela mulher que se descobria diante dele com um impudor que lhe parecia sublime, acabou por cair de joelhos perante ela como faziam os primeiros cristãos diante das mártires puras e santas que a perseguição dos imperadores entregava no circo à lubricidade da populaça. A marca desapareceu, só ficou a beleza.

- Perdão, perdão! - exclamou Felton. - Oh! Perdão! Milady leu nos seus olhos: amor, amor.
- Perdão de quê? - perguntou.

- Perdão por ter me aliado aos seus perseguidores. Milady estendeu-lhe a mão.

- Tão bela, tão jovem! - exclamou Felton, cobrindo-lhe a mão de beijos.

Milady deixou cair sobre ele um daqueles olhares que de um escravo fazem um rei. Felton era puritano: largou a mão da mulher para lhe beijar os pés. Já não a amava, adorava-a.

Quando esta crise passou, quando Milady pareceu ter recobrado o

sangue-frio, que nunca tinha perdido, quando Felton viu fechar-se sob o véu da castidade esses tesouros de amor que lhe escondiam tão bem apenas para o fazerem desejá-los mais ardentemente.

- Ah! Agora - disse ele -, só tenho que lhe pedir uma coisa. É o nome do seu verdadeiro carrasco, pois para mim só há um, o outro era o instrumento, mais nada.

- O quê, irmão? - exclamou Milady. - Ainda tenho de dizer como se chama, não descobriu?

- O quê? - disse Felton. - Ele!... Outra vez!... Sempre ele!... O quê? O verdadeiro culpado...

- O verdadeiro culpado - disse Milady - é o saqueador da Inglaterra, o perseguidor dos crentes autênticos, o covarde ladrão da honra de tantas mulheres, aquele que, por um

capricho do seu coração corrupto, vai fazer derramar tanto sangue a dois reinos, que hoje protege os protestantes e amanhã os trairá...

- Buckingham! Então é Buckingham! - exclamou Felton, desesperado.

Milady escondeu o rosto nas mãos, como se não pudesse suportar a vergonha que este nome lhe causava.

- Buckingham, o carrasco desta angélica criatura! - exclamou Felton -, E tu não o fulminaste, meu Deus! E tu deixaste-o nobre, honrado, poderoso para a perdição de todos nós!

- Deus abandona quem se abandona a si mesmo - disse Milady.

- Mas ele quer atrair sobre a sua cabeça o castigo reservado aos malditos! - continuou Felton com exaltação crescente. - Quer que a vingança humana preceda a justiça celeste!

- Os homens têm medo dele e poupam-no.

- Oh! Eu - disse Felton - Não tenho medo e não o pouparei!... Milady sentiu a sua alma banhada de uma alegria infernal.

- Mas como é que lorde de Winter, o meu protetor, o meu pai - perguntou Felton - está envolvido em tudo isto?

- Escute, Felton - recomeçou Milady - pois ao lado dos homens covardes e desprezíveis ainda há naturezas grandes e

generosas. Eu tinha um noivo, um homem que eu amava, um coração como o seu, Felton, um homem como você. Fui encontrá-lo e contei tudo, ele me conhecia e não duvidou nem por um instante. Era um grande senhor, era um homem igual a Buckingham em todos os aspectos. Não disse nada, apenas cingiu a espada, embrulhou-se na capa e dirigiu-se a Buckingham Palace.

- Sim, sim - disse Felton -, compreendo, embora com esses homens não seja a espada que se deva usar mas o punhal.

- Buckingham partira na véspera, enviado a Espanha como embaixador, onde ia pedir a mão da infanta para o rei Carlos I, que nessa altura ainda era apenas príncipe de Gales. O meu noivo voltou.

- Escute - disse-me ele -, o homem partiu e, por hora, escapa à minha vingança mas, entretanto, vamos nos casar como já devíamos estar casados, e depois confie em lorde de Winter para garantir a sua honra e a de sua mulher.

- Lorde de Winter! - exclamou Felton.

- Sim - disse Milady -, lorde de Winter e agora deve compreender tudo, não

é? Buckingham ficou ausente mais de um ano. Oito dias antes de chegar, lorde de Winter morreu subitamente, deixando-me a

sua única herdeira. De onde vinha este golpe? Deus, que tudo sabe, deve saber, eu não acuso ninguém...

- Oh, que abismo! Que abismo! - exclamou Felton.

- Lorde de Winter morrera sem contar nada ao irmão. O terrível segredo devia ser oculto de todos, até rebentar como um raio na cabeça do culpado. O seu protetor vira com desgosto o casamento do irmão mais velho com uma jovem sem fortuna. Senti que não podia esperar nenhum apoio de um homem enganado nas suas esperanças de herdeiro. Fui para a França, resolvida a passar ali o resto dos meus dias. Mas toda a minha fortuna está na Inglaterra, quando a guerra fechou as comunicações, faltou-me tudo, então tive de voltar, e há seis dias cheguei a Portsmouth.

- E então? - disse Felton.

- Então, Buckingham deve ter sabido do meu regresso, falou a lorde de Winter, já prevenido contra mim, e disse-lhe que a cunhada era uma prostituta, uma mulher marcada. A voz pura e nobre do meu marido já não estava aqui para me defender. Lorde de Winter acreditou em tudo o que lhe diziam, tanto mais que tinha interesse em acreditar. Mandou me prender, conduziu-me aqui, entregou-me à sua guarda. Já sabe o resto. Depois de amanhã vai me banir, me deportar, depois de amanhã relega-me para o meio dos infames. Oh! A trama foi bem urdida, o conluio é hábil e a minha honra não sobreviverá. É por isso que é preciso que eu morra, Felton. Dê-me essa faca!

E, ao dizer estas palavras, como se todas as suas forças se tivessem esgotado, Milady deixou-se cair, lânguida e débil, nos braços do jovem oficial que, ébrio de amor, de cólera e de volúpias desconhecidas, a recebeu com arrebatamento, a abraçou, estremecendo com o hálito daquela boca tão bela, perdido com o contato daquele seio tão palpitante.

- Não, não - disse ele -, não. Viverá honrada e pura, viverá para triunfar sobre os seus inimigos.

Milady afastou-o lentamente com a mão, atraindo-o com o olhar, mas, por sua vez, Felton apoderou-se dela, implorando-lhe como a uma divindade.

- Oh! A morte, a morte! - disse ela, velando a voz e as pálpebras. - Oh! A morte em vez da vergonha. Felton, meu irmão, meu amigo, eu lhe peço!

- Não - exclamou Felton -, viverá e será vingada!

- Felton, eu dou azar a tudo o que me rodeia! Felton, me abandone! Felton, me deixe morrer!

- Pois bem, morreremos juntos! - exclamou ele, apoiando os lábios nos da prisioneira.

Ouviram-se pancadas na porta; desta vez Milady afastou-se realmente.

- Escute - disse ela -, ouviram-nos. Vem gente! Estamos perdidos!

- Não - disse Felton -, é apenas a sentinela me avisando da chegada de uma ronda.

- Então corra à porta e abra você mesmo.

Felton obedeceu, esta mulher já era todo o seu pensamento, toda a sua alma. Viu-se diante de um sargento que comandava uma patrulha de vigilância.

- Então, que há? - perguntou o jovem tenente.

- Tinha me dito que abrisse a porta se ouvisse gritar, por socorro - disse o

soldado -, mas esqueceu de me dar a chave, eu o ouvi gritar sem compreender o que dizia, quis abrir a porta, estava fechada por dentro, e então chamei o sargento.

- E aqui estou - disse o sargento.

Felton, alucinado, quase louco, estava sem voz. Milady compreendeu que era ela que tinha de tomar conta da situação, correu à mesa e pegou na faca que Felton ali pousara:

- E com que direito me quer impedir de morrer? - disse ela.

- Deus do Céu! - exclamou Felton, vendo brilhar a faca na sua mão.

Neste momento ouviu-se no corredor uma gargalhada irônica. O barão, atraído pelo barulho, de roupão, a espada debaixo do braço, estava de pé no limiar da porta.

- Ah! Ah! - disse ele. - Eis-nos no último ato da tragédia; está vendo, Felton, a dama seguiu todas as fases que eu tinha indicado, mas fique tranquilo que o sangue não correrá.

Milady compreendeu que estava perdida se não desse a Felton uma prova imediata e terrível da sua coragem.

- Está enganado, Milorde, o sangue correrá, e que este sangue possa cair sobre os que o fazem correr!

Felton deu um grito e precipitou-se sobre ela, era tarde demais, Milady tinha se ferido. Mas felizmente, ou melhor, habilmente, a faca tinha encontrado a vara de ferro que naquela época defendia como uma couraça o peito das mulheres; escorregara, rasgando o vestido, e penetrara obliquamente entre a carne e as costelas. Mas, num segundo, o vestido de Milady ficou manchado de sangue. Milady caíra para trás e parecia desmaiada. Felton arrancou a faca.

- Veja, Milorde - disse ele com ar sombrio -, eis uma mulher que se matou sob a minha guarda!

- Calma, Felton - disse lorde de Winter -, ela não está morta, os demônios não morrem assim tão facilmente, acalme-se e vá me esperar nos meus aposentos.

- Mas, Milorde...

- Vá, é uma ordem.

Felton obedeceu a esta ordem do seu superior, mas, ao sair, meteu a faca no peito. Quanto a lorde de Winter, contentou-se em chamar a mulher que servia Milady e, quando esta veio, recomendou-lhe a prisioneira, que continuava desmaiada, e deixou-a sozinha com ela.

Contudo, como apesar das suspeitas, o ferimento podia ser grave, enviou nesse mesmo instante um homem a buscar um médico.

LVIII - EVASÃO

Como lorde de Winter pensara, o ferimento de Milady não era grave e, logo que se achou sozinha com a mulher que o barão mandara chamar e que se apressava a despi-la, ela abriu os olhos. Contudo, tinha de jogar com a fraqueza e a doçura, o que não era difícil para uma atriz como Milady; assim, a pobre mulher foi completamente iludida pela prisioneira que, apesar das suas instâncias, teimou

em velar toda a noite.

Mas a presença desta mulher impedia Milady de pensar. Não havia dúvidas, Felton estava convencido, Felton estava nas suas mãos, se aparecesse ao jovem um anjo para acusar Milady, ele o tomaria certamente, na disposição em que estava, por um enviado do demônio.

Milady sorria a este pensamento, pois dali em diante Felton era a sua única esperança, o seu único meio de salvação. Mas lorde de Winter podia ter desconfiado, agora o próprio Felton podia ser vigiado.

Por volta das quatro da manhã chegou o médico, mas a ferida já tinha se fechado e o médico não pôde medir-lhe nem a direção nem a profundidade, apenas reconheceu pelo pulso da enferma que o caso não era grave.

De manhã, Milady, alegando que não dormira de noite e que precisava de repouso, mandou embora a mulher que velava junto dela. Tinha uma esperança, que Felton viesse à hora do almoço, mas Felton não veio. Teriam se realizado os seus receios? Felton, suspeitado pelo barão, iria faltar-lhe no momento decisivo? Só tinha um dia: lorde de Winter anunciara-lhe o seu embarque para o dia 23, e tinham chegado à manhã do dia 22.

Contudo, ainda esperou com muita paciência até à hora do jantar. Embora não tivesse comido de manhã, o jantar foi trazido à hora habitual. Milady percebeu então, assustada, que o uniforme dos soldados que a guardavam tinha mudado.

Então, atreveu-se a perguntar o que era feito de Felton. Responderam-lhe que Felton tinha montado a cavalo há uma hora e tinha partido. Perguntou se o barão continuava no castelo, o soldado respondeu-lhe que sim e que tinham ordens de preveni-lo se a prisioneira quisesse lhe falar.

Milady respondeu que por enquanto estava muito fraca, e que o seu único desejo era ficar só. O soldado saiu, deixando o jantar servido.

Felton tinha sido afastado, os soldados da marinha tinham sido substituídos, portanto desconfiavam de Felton. Era o único golpe para a prisioneira.

Quando ficou só, ela levantou-se, a cama onde estava por prudência e para que a julgassem gravemente ferida queimava-a como um braseiro. Lançou um olhar à porta, o barão mandara pregar uma tábua na abertura, devia rezear que ela ainda conseguisse, através de algum meio diabólico, seduzir os guardas através daquela abertura.

Milady sorriu de alegria, podia entregar-se aos seus ímpetos sem que a observassem: percorria o quarto com a agitação de uma louca furiosa ou de uma leoa fechada numa gaiola de ferro. Por certo que, se tivesse ficado com a faca, desta vez não teria pensado em matar-se, mas em matar o barão.

Às seis horas, lorde de Winter entrou, estava armado até aos dentes. Este homem, no qual até então Milady só vira um

gentleman bastante ingênuo, tornara-se um admirável carcereiro: parecia prever tudo, adivinhar tudo, prevenir tudo.

Um só olhar lançado a Milady disse-lhe tudo o que se passava na sua alma.

- Sim - disse ele -, ainda não será hoje que me matará, não tem mais armas e, além disso, estou de prevenido.

- Tinha começado a perverter o meu pobre Felton. Ele já sofria a sua influência infernal, mas eu quero salvá-lo, nunca mais a verá, está tudo acabado.

Junte as suas roupas, amanhã partirá. Eu tinha fixado o embarque para o dia 24, mas pensei que quanto mais depressa melhor. Amanhã ao meio-dia terei a ordem do exílio assinada por Buckingham. Se disser uma palavra seja a quem for antes de estar no navio, o meu sargento mete-lhe uma bala nos miolos, tem ordens para o fazer. Se, no navio, disser uma palavra seja a quem for antes que o capitão o permita, o capitão manda lança-la à água, está combinado. Até à vista, por hoje nada mais tenho a dizer. Amanhã voltarei a ve-la para me despedir!

E com estas palavras o barão saiu.

Milady escutara toda esta tirada ameaçadora com um sorriso de desdém nos lábios, mas com o coração cheio de raiva.

Serviram o jantar; Milady sentiu que precisava de forças, não sabia o que poderia acontecer durante aquela noite que se aproximava ameaçadora, pois grandes nuvens rolavam no céu e relâmpagos longínquos anunciavam tempestade.

A tempestade rebentou por volta das dez da noite. Milady sentia um certo consolo ao ver a natureza partilhar a desordem do seu coração, a tempestade rosnava no ar como a cólera do seu pensamento, parecia-lhe que, ao passar, as rajadas de vento a despenteavam como às árvores cujos ramos curvavam e cujas folhas arrancava, gritava como o furacão e a sua voz perdia-se na grande voz da natureza que, também ela, parecia gemer e desesperar-se.

De repente ouviu bater em uma vidraça e, à luz de um relâmpago, viu o rosto de um homem aparecer por trás das grades.

Correu à janela e abriu-a.

- Felton! - exclamou. - Estou salva!

- Sim! - disse Felton. - Mas silêncio, silêncio! Preciso de tempo para limar as grades. Cuidado para que eles não nos vejam através da abertura da porta.

- Oh! É uma prova de que o Senhor está do nosso lado, Felton - disse Milady -, eles fecharam a abertura com uma tábua.

- Está bem, Deus enlouqueceu-os! - disse Felton.

- Mas que devo fazer? - perguntou Milady.
- Nada, nada, feche apenas a janela. Deite-se, ou pelo menos meta-se vestida na cama, quando eu acabar, bato nas grades, você conseguirá me seguir?
- Oh, sim!
- O ferimento?
- Dói mas não me impede de andar.
- Nesse caso, esteja pronta ao primeiro sinal.

Milady fechou a janela, apagou o candeeiro e, como Felton lhe recomendara, foi deitar-se na cama. No meio dos queixumes da trovoada, ouvia a lima ranger nas grades e à luz de cada relâmpago via a sombra de Felton através das vidraças.

Passou uma hora sem respirar, ofegante, com a testa molhada de suor e o coração oprimido por uma angústia pavorosa a cada movimento que ouvia no corredor.

Há horas que duram um ano. Ao cabo de uma hora, Felton tornou a bater.

Milady saltou da cama e foi abrir. Duas grades a menos formavam uma abertura pela qual um homem podia passar.

- Está pronta? - perguntou Felton.
- Sim. Devo levar alguma coisa?
- Ouro, se tiver.

- Sim, felizmente deixaram-me o que tinha.
- Tanto melhor, pois gastei tudo o que tinha para fretar um barco.
- Aqui está - disse Milady, pondo um saco cheio de ouro nas mãos de Felton.

Felton pegou o saco e atirou-o para o chão.

- Agora - disse ele -, quer vir?
- Aqui estou.

Milady subiu para cima da poltrona e passou a parte superior do corpo através da janela, viu o jovem oficial suspenso sobre o abismo numa escada de corda. Pela primeira vez um movimento de terror lembrou-lhe que era uma mulher. O vazio apavorava-a.

- Eu tinha desconfiado disto - disse Felton.
- Não é nada, não é nada - disse Milady -, descerei de olhos fechados.
- Tem confiança em mim? - perguntou Felton.
- Ainda me pergunta?
- Junte as mãos, cruze-as, está bem.

Felton amarrou-lhe os pulsos com um lenço, depois, por cima do lenço, com uma corda.

- Que está fazendo? - perguntou Milady, surpreendida.

- Passe seus braços em volta do meu pescoço e não tenha medo de nada.
- Mas eu vou fazê-lo perder o equilíbrio, e nos esmagaremos os dois.
- Fique tranquila, eu sou marinheiro.

Não havia um segundo a perder; Milady passou os braços à volta do pescoço de Felton e deixou-se deslizar para fora da janela. Felton começou a descer os degraus lentamente, um a um. Apesar do peso dos dois corpos, a força da tempestade balançava-os no ar. De repente Felton parou.

- Que há? - perguntou Milady.
- Silêncio - disse Felton. - Ouço passos.
- Fomos descobertos!

Durante alguns instantes fez-se silêncio.

- Não - disse Felton -, não é nada.
- Mas, enfim, que ruído é este?
- É a patrulha que vai passar no caminho da ronda.
- Onde é o caminho da ronda?
- Abaixo de nós.
- Vai descobrir-nos.
- Não, se não houver relâmpagos.
- Vai embater na parte de baixo da escada.

- Felizmente faltam-lhe seis pés.
- Lá estão eles, meu Deus!
- Silêncio!

Ficaram os dois suspensos, imóveis e sem respiração, a vinte pés do solo, entretanto, os soldados passavam lá em baixo, rindo e conversando. Houve um momento terrível para os fugitivos. A patrulha passou, ouviu-se o som dos passos que se afastava e o murmúrio das vozes que ia enfraquecendo.

- Agora - disse Felton - estamos salvos. Milady deu um suspiro e desmaiou.

Felton continuou a descer. Quando chegou ao fim da escada e deixou de sentir um apoio para os pés, agarrou-se com as mãos, por fim, ao chegar ao último degrau, deixou-se ficar pendurado nos pulsos e tocou no chão. Baixou-se, apanhou o saco de ouro e agarrou-o com os dentes.

Depois tomou Milady nos braços, e afastou-se vivamente para o lado oposto da patrulha. Em breve deixou o caminho da ronda, desceu através dos rochedos e, ao chegar à beira-mar, assobiou.

Respondeu-lhe um sinal igual e, cinco minutos depois, ele viu aparecer um barco com quatro homens. O barco aproximou-se da costa o mais que pôde, mas como o fundo era baixo não

conseguiu tocar em terra; Felton meteu-se na água até à cintura, não querendo confiar a ninguém o seu precioso fardo.

Felizmente a tempestade começava a acalmar-se e, contudo, o mar ainda estava agitado, o barquinho saltava sobre as vagas como uma casca de noz.

- Para o sloop - disse Felton -, e remem depressa.

Os quatro homens puseram-se a remar, mas o mar estava muito agitado e os remos produziam pouco efeito. Contudo, afastavam-se do castelo, era o principal.

A noite era profundamente tenebrosa e, do barco, já era quase impossível distinguir a costa, portanto, da costa, também não se podia distinguir o barco. Um ponto negro balançava no mar.

Era o sloop.

Enquanto o barco avançava a toda a força dos seus quatro remadores, Felton desatava a corda e depois o lenço que amarrava as mãos de Milady. Depois, tendo-lhe desamarrado as mãos, apanhou água do mar e atirou-lhe no rosto. Milady suspirou e abriu os olhos.

- Onde estou? - disse ela.

- Salva - respondeu o jovem oficial.

- Oh, salva, salva! - exclamou ela. - Sim, eis o céu, eis o mar!

O ar que respiro é o ar da liberdade. Ah!... Obrigada, Felton, obrigada!

O jovem apertou-a nos braços.

- Mas que tenho nas mãos? - perguntou Milady. - Parece que me partiram os pulsos.

Com efeito, Milady ergueu os braços, tinha os pulsos machucados.

- Infelizmente! - disse Felton, contemplando aquelas belas mãos e abanando docemente a cabeça.

- Oh! Não é nada, não é nada! - exclamou Milady. - Agora me lembro. Milady olhou em redor.

- Está ali - disse Felton, empurrando o saco do ouro com o pé. Aproximavam-se do sloop. O marinheiro de quarto chamou a barcaça e esta respondeu.

- Que embarcação é esta? - perguntou Milady.

- É a embarcação que fretei para você.

- Onde vai me levar?

- Onde quiser, desde que me deixe em Portsmouth.

- Que vai fazer em Portsmouth?

- Cumprir as ordens de lorde de Winter - respondeu Felton com um sorriso

sombrio.

- Que ordens? - perguntou Milady.

- Então não compreende? - disse Felton.
- Não. Explique-se, por favor.
- Como desconfiava de mim, quis guardá-la pessoalmente e mandou-me no seu lugar levar a ordem da sua deportação a Buckingham, para que este a assinasse.
- Mas, se desconfiava de você, como lhe confiou essa ordem?
- E eu devia saber o que levava?
- Está certo. E você vai a Portsmouth?
- Não tenho tempo a perder; amanhã é 23 e Buckingham parte amanhã com a frota.
- Parte amanhã para onde?
- Para La Rochelle.
- Não deve partir! - exclamou Milady, esquecendo a sua habitual presença de espírito.
- Sossegue - respondeu Felton -, ele não partirá.

Milady estremeceu de alegria, acabava de ler no mais fundo do coração do rapaz: estava lá escrita a morte de Buckingham com todas as letras.

- Felton... - disse ela -, você é grande como Judas Macabeu! Se morrer, morro junto. É tudo o que posso dizer.
- Silêncio! - disse Felton. - Chegamos.

Com efeito, tocavam o sloop. Felton subiu a escada primeiro e deu a mão a Milady, enquanto os marinheiros a sustinham, pois o mar ainda estava muito agitado. Passado um instante estavam no convés.

- Capitão - disse Felton -, eis a pessoa de que falei e que deve conduzir a França sã e salva.

- Mediante mil pistolas - disse o capitão.

- Dei-lhes quinhentas.

- Está certo - disse o capitão.

- E aqui estão as outras quinhentas - disse Milady levando a mão ao saco do ouro.

- Não - disse o capitão -, eu só tenho uma palavra e já a dei a este jovem, só devo receber as outras quinhentas pistolas ao chegar a Bolonha.

- E chegaremos?

- Sãos e salvos - disse o capitão -, ou eu não me chame Jack Buttler.

- Muito bem! - disse Milady. - Se mantiver a sua palavra, não lhe darei quinhentas, mas mil pistolas.

- Então hurra para você, linda dama - gritou o capitão -, e que Deus me possa enviar muitos passageiros como Vossa Senhoria!

- Entretanto - disse Felton -, conduza-nos à pequena baía de Chichester, antes de Portsmouth, sabe que está combinado conduzir-nos a esse local.

O capitão respondeu conduzindo a manobra necessária e, por volta das sete da manhã, a pequena embarcação lançava a âncora na baía designada.

Durante a travessia, Felton contara tudo a Milady, como, em vez de ir a Londres, fretara a pequena embarcação, como voltara, como escalara a muralha, cravando grampos nos interstícios das pedras à medida que subia, e como, por

fim, ao chegar às grades, prendera a corda. Milady sabia o resto.

Por seu lado, Milady procurou encorajar Felton no seu projeto, mas, ao dizer as primeiras palavras, viu que o jovem fanático precisava mais ser moderado do que encorajado.

Combinaram que Milady esperaria Felton até às dez horas, se às dez horas ele não tivesse regressado, Milady partiria. Então, supondo que estivesse livre, iria encontrá-la na França, no convento das Carmelitas de Béthune.

LIX - O QUE SE PASSOU EM PORTSMOUTH A 23 DE AGOSTO DE 1628

Felton despediu-se de Milady como um irmão que vai fazer um simples passeio e se despede da irmã, beijando-lhe a mão. Todo ele parecia no seu estado de calma habitual, apenas um lampejo inusual brilhava nos seus olhos, semelhante a um reflexo de febre; a sua testa estava ainda mais pálida do que de costume, os seus dentes estavam cerrados e a sua palavra tinha uma entoação breve e sacudida que indicava que algo de sombrio se agitava dentro dele.

Enquanto esteve na barcaça que o conduziu a terra, manteve o rosto virado para Milady, que, em pé no convés, o seguia com o olhar. Não tinham medo de ser seguidos, nunca entravam no quarto de Milady antes das nove horas, e para ir do castelo a Londres eram necessárias três horas.

Felton pôs o pé em terra, subiu a pequena crista que conduzia ao alto da falésia, saudou Milady pela última vez e dirigiu-se para a cidade. Passados cem passos, como o terreno descia, já não conseguia ver mais que o mastro do sloop.

Correu imediatamente na direção de Portsmouth, cujas torres e casas via desenharem-se diante dele, a cerca de meia milha, na bruma matinal.

Ao largo de Portsmouth o mar estava coberto de navios cujos mastros faziam lembrar uma floresta de choupos despidos no Inverno, balançando ao vento. Felton, na sua marcha rápida, passava em revista as acusações verdadeiras ou falsas que dez

anos de meditações ascéticas e uma longa estadia no meio dos puritanos lhe haviam fornecido contra o favorito de Jaime VI e de Carlos I.

Quando comparava os crimes públicos deste ministro, crimes estrondosos, crimes europeus, se assim se podia dizer, com os crimes privados e desconhecidos de que Milady o acusara, Felton achava que o mais culpado dos dois homens que existiam em Buckingham era aquele cuja vida o público não conhecia. É que o seu amor tão estranho, novo e ardente o fazia ver as acusações infames e imaginárias de lady de Winter como se vêem através de uma lupa, no estado de monstros assustadores, uns átomos na realidade imperceptíveis, perto de uma formiga.

A rapidez da sua corrida ainda mais lhe inflamava o sangue, pensar que deixava para trás, exposta a uma vingança terrível, a mulher que amava, ou melhor que adorava como uma santa, a emoção passada, a presente fadiga, tudo exaltava ainda mais a sua alma acima dos sentimentos humanos.

Entrou em Portsmouth cerca das oito da manhã, toda a população estava de pé, o tambor rufava nas ruas e no porto, as tropas de embarque desciam para o mar.

Felton chegou ao palácio do Almirantado, coberto de pó e de suor, o seu rosto, habitualmente tão pálido, estava púrpura de calor e de cólera. A sentinela quis repeli-lo, mas Felton chamou

o chefe do posto e, tirando do bolso a carta de que era portador:

- Mensagem da parte de lorde de Winter - disse ele.

Ao nome de lorde de Winter, que sabiam ser um dos mais íntimos de Sua Graça, o chefe do posto deu ordem para deixar passar Felton que também envergava o uniforme de oficial de marinha.

Felton correu ao palácio.

No momento em que entrava no vestibulo, um homem também entrava, coberto de pó, esbaforido, deixando à porta um cavalo de posta que, ao chegar, caiu de joelhos.

Felton e ele dirigiram-se ao mesmo tempo a Patrick, o criado de confiança do duque. Felton citou o barão de Winter, o desconhecido não quis citar ninguém e afirmou que só ao duque poderia se dar a conhecer. Os dois insistiam para passarem um à frente do outro.

Patrick, que sabia que lorde de Winter tinha assuntos de serviço e relações de amizade com o duque, deu a preferência ao que vinha em seu nome. O outro teve de esperar, e não foi difícil ver como amaldiçoava este atraso.

O criado fez Felton atravessar a grande sala em que esperavam os deputados de La Rochelle conduzidos pelo príncipe de Soubise, e introduziu-o em um gabinete em que

Buckingham, saído do banho, se vestia, concedendo como sempre uma atenção extraordinária a esta operação.

- O tenente Felton - disse Patrick -, da parte de lorde de Winter.

- Da parte de lorde de Winter! - repetiu Buckingham. - mande entrar.

Felton entrou. Neste momento, Buckingham atirava para cima de um canapé um rico roupão bordado a ouro, para vestir um gibão de veludo azul todo bordado com pérolas.

- Por que não veio o barão pessoalmente? - perguntou Buckingham. - Esperava-o esta manhã.

- Encarregou-me de dizer a Vossa Graça - respondeu Felton - que lamentava muito não ter essa honra, mas que era impedido pela guarda que tem de fazer ao castelo.

- Sim, sim - disse Buckingham -, já sei, tem uma prisioneira.

- É justamente acerca dessa prisioneira que eu queria falar a Vossa Graça - replicou Felton.

- Muito bem! Fale.

- O que tenho a dizer só pode ser dito em particular, Milorde.

- Deixe-nos, Patrick - disse Buckingham -, mas fique perto da sineta, daqui a pouco o chamo.

Patrick saiu.

- Estamos sós, senhor - disse Buckingham -, fale.
- Milorde - disse Felton -, o barão de Winter escreveu no outro dia pedindo-lhe que assinasse uma ordem de embarque relativa a uma mulher chamada Charlotte Backson.
- Sim, senhor, e eu respondi que me trouxesse ou que me enviasse essa ordem e que a assinaria.

- Aqui a tem, Milorde.

- De-me - disse o duque.

E, tirando-a das mãos de Felton, passou rapidamente os olhos pelo papel. Então, vendo que era o que lhe tinham anunciado, pousou-o na mesa, pegou uma pena e preparou-se para assinar.

- Perdão, Milorde - disse Felton, detendo o duque -, mas Vossa Graça sabe que o nome Charlotte Backson não é o verdadeiro nome dessa jovem.

- Sei, sim senhor - respondeu o duque, mergulhando a pena no tinteiro.

- Então Vossa Graça conhece o seu verdadeiro nome? - perguntou Felton com voz breve.

- Conheço.

O duque aproximou a pena do papel.

- E mesmo conhecendo o verdadeiro nome - continuou Felton - Monsenhor assinará?
- Sem dúvida - disse Buckingham - e até duas vezes.
- Não posso crer - continuou Felton com uma voz que se tornava cada vez mais breve e sacudida -, que Sua Graça saiba que se trata de lady de Winter...
- Sei perfeitamente, embora me admire que você também saiba.
- E Vossa Graça assinará essa ordem sem remorsos? Buckingham fitou o rapaz com altivez.
- Ora esta, senhor! Saiba - disse-lhe -, que me faz estranhas perguntas e que não me custa responder?
- Responda, Monsenhor - disse Felton -, a situação talvez seja mais grave do que pensa.

Buckingham pensou que o jovem, vindo da parte de lorde de Winter, falava certamente em seu nome, e tornou-se mais brando.

- Sem remorso algum - disse ele -, e o barão sabe tão bem como eu que milady de Winter é uma grande culpada, e que limitar a sua pena à deportação é quase fazer-lhe um favor.

O duque pousou a pena em cima do papel.

- Não assinará essa ordem, Milorde! - disse Felton, dando um passo em direção ao duque.

- Não assinarei esta ordem! - disse Buckingham. - E por que não?

- Porque cairei sobre o senhor e fareis justiça a Milady.

- Lhe farão justiça enviando-a para Tyburn - disse Buckingham -, Milady é uma infame.

- Monsenhor, Milady é um anjo, o senhor bem sabe, e eu peço a sua liberdade.

- Ora esta! - exclamou Buckingham. - Está louco para me falar assim?

- Milorde, desculpe-me! Falo como posso, contenho-me. Contudo, Milorde, pensa no que vai fazer e não ultrapasse as medidas!

- Como?... Que Deus me perdoe! - exclamou Buckingham -, mas creio que ele me ameaça!

- Não, Milorde, ainda peço e digo, basta uma gota de água para fazer derramar uma taça cheia, uma falta ligeira pode chamar o castigo sobre a cabeça poupada apesar de tantos crimes.

- Sr. Felton - disse Buckingham -, vai sair daqui e apresentar-se

imediatamente na prisão.

- Vai escutar-me até ao fim, Milorde. Seduziu essa jovem, que ultrajou e maculou, repare os crimes que cometeu contra ela, deixe-a partir em liberdade e eu não exigirei mais nada do senhor.
- Não exigirá? - disse Buckingham, fitando Felton com espanto e martelando cada uma das sílabas das palavras que acabava de pronunciar.
- Milorde - continuou Felton, exaltando-se à medida que falava -, Milorde, tenha cuidado, toda a Inglaterra está cansada das suas iniquidades. Milorde, o senhor abusou do poder régio que quase usurpou, Milorde, causa horror aos homens e a Deus. Deus há de castigá-lo mais tarde, eu o castigarei hoje.
- Ah! Isto é demais! - gritou Buckingham, dando um passo para a porta. Felton barrou-lhe a passagem
- Peço humildemente - disse ele -, assine a ordem de libertação de Lady de Winter, pense que é a mulher que o senhor desonrou.
- Retire-se, senhor - disse Buckingham -, ou chamo Patrick e mando prendê-lo.
- Não chamará - disse Felton, interpondo-se entre o duque e a sineta colocada em cima de um console com incrustações de prata. - Tome cuidado, Milorde, está nas mãos de Deus.

- Nas mãos do diabo, quer dizer! - exclamou Buckingham, erguendo a voz para chamar a atenção, sem contudo chamar diretamente.
- Assine, Milorde, assine a Liberdade de lady de Winter - disse Felton, estendendo ao duque um papel.
- À força! Está brincando comigo? Patrick!
- Assine, Milorde!
- Jamais!
- Jamais!
- A mim! - gritou o duque e ao mesmo tempo saltou para a sua espada.

Mas Felton não lhe deu tempo para puxar por ela, tinha já aberta e escondida no gibão a faca com que Milady se ferira, com um salto, pôs-se em cima do duque. Neste momento Patrick entrava na sala gritando:

- Milorde, uma carta da França!
- Da França! - exclamou Buckingham, esquecendo tudo e pensando na pessoa que lhe enviava aquela carta.

Felton aproveitou o momento e enterrou-lhe a faca até ao cabo nailharga.

- Ah, traidor! - gritou Buckingham. - Matou-me...
- Assassínio! - gritou Patrick.

Felton olhou em redor para fugir e, vendo a porta livre, correu ao quarto contíguo, que era o quarto onde esperavam, como dissemos, os deputados de La Rochelle, atravessou-o correndo e precipitou-se em direção à escada, mas, no primeiro degrau, encontrou lorde de Winter que, vendo-o pálido, alucinado, lívido, manchado de sangue na mão e no rosto, se lançou ao pescoço dele, exclamando:

- Eu sabia, eu tinha adivinhado e cheguei um minuto mais tarde! Oh, como sou infeliz!

Felton não ofereceu resistência, lorde de Winter entregou-o aos guardas, que o conduziram, aguardando novas ordens, a um pequeno terraço sobranceiro ao mar, e correu ao gabinete de Buckingham. Ao ouvir o grito do duque e o apelo

de Patrick, o homem que Felton encontrara na antecâmara precipitou-se no gabinete.

Encontrou o duque deitado em um sofá, apertando a ferida com a mão crispada.

- La Porte - disse o duque com voz agonizante -, La Porte, vem da sua

parte?

- Sim, Monsenhor - respondeu o fiel servidor de Ana de Áustria -, mas

talvez tarde demais.

- Silêncio, La Porte! Poderiam ouvi-lo, Patrick, não deixe entrar ninguém.

Oh! Não saberei o que ela manda me dizer! Meu Deus, estou morrendo!

E o duque desmaiou.

Contudo, lorde de Winter, os deputados, os chefes da expedição, os oficiais da casa de Buckingham tinham irrompido no quarto, por toda a parte se ouviam gritos de desespero. A notícia que enchia o palácio de queixumes e gemidos em breve se estendeu por toda a parte e se espalhou na cidade.

Um tiro de canhão anunciou que acabava de passar-se algo de novo e inesperado. Lorde de Winter arrancava os cabelos.

- Um minuto mais tarde! - exclamava. - Um minuto mais tarde! Oh, meu Deus, meu Deus, que desgraça!

Com efeito, tinham vindo dizer-lhe às sete da manhã que uma escada de corda flutuava em uma das janelas do castelo, imediatamente correrá ao quarto de Milady, encontrara-o vazio, com a janela aberta e as grades serradas, lembrara-se da recomendação verbal que D'Artagnan lhe transmitira através do seu mensageiro, receando pelo duque, e, correndo à cavalaria, sem perder tempo mandando selar o cavalo, saltara para cima do primeiro que vira, correrá a toda a brida e, saltando do cavalo no pátio, subirá precipitadamente a escada e, no primeiro degrau, como já dissemos, encontrara Felton.

Todavia, o duque não estava morto: veio a si, reabriu os olhos, e a esperança voltou a brilhar em todos os corações.

- Meus senhores - disse ele -, deixem-me só com Patrick e La Porte.

- Ah! É você, De Winter! Enviou-me esta manhã um doido singular, veja estado em que me pôs!

- Oh! Milorde! - exclamou o barão. - Nunca me consolarei.

- E faria mal, meu caro De Winter - disse Buckingham e, estendendo-lhe a mão -, não conheço nenhum homem que mereça que outro homem passe a vida a lamentá-lo, mas, por favor, deixe-nos.

O barão saiu soluçando. No gabinete só ficaram o duque ferido, La Porte e Patrick. Procuravam um médico, que não conseguiam encontrar.

- Viverá, Milorde, viverá - repetia, de joelhos diante do sofá do duque, o mensageiro de Ana de Áustria.

- Que ela escreveu? - disse fracamente Buckingham, cheio de sangue e dominando dores atrozes para falar da sua amada. - Que ela me escreveu? Leia-me a sua carta.

- Oh, Milorde! - exclamou La Porte.

- Obedece, La Porte. Não vê que não tenho tempo a perder?

La Porte rasgou o selo e pôs o pergaminho sob os olhos do duque, mas foi em vão que Buckingham tentou distinguir a letra.

- Leia - disse ele -, leia que eu já não vejo. Leia! Pois talvez em breve eu já não ouça e morrerrei sem saber o que ela me escreveu.

La Porte deixou de levantar dificuldades e leu: Milorde, Porque, desde que me conheço, sofri pelor senhor e para o senhor, rogo, se o meu repouso lhe causa cuidados que interrompa os grandes armamentos que faz contra a França e que cesse uma guerra de que se diz em voz alta que a religião é a causa visível, e em voz baixa que o amor que me dedica é a causa oculta. Essa guerra pode não só causar grandes catástrofes à França e à Inglaterra mas também ao senhor, Milorde, desgraças de que eu jamais me consolaria.

Vele pela vossa vida, que está ameaçada e que me será querida a partir do momento em que eu deixar de ser obrigada a ver em si um inimigo. Vossa afeiçoada,

ANA.

Buckingham chamou a si toda a vida que lhe restava para escutar esta leitura, depois, quando terminou, como se tivesse encontrado na carta um amargo desapontamento:

- Não tem mais nada a me dizer de viva voz, La Porte? - perguntou.

- Sim, Monsenhor. A rainha encarregara-me de velar pelo senhor, pois fora avisada de que queriam assassiná-lo.

- E é tudo, é tudo? - perguntou Buckingham, com impaciência.

- Encarregara-me ainda de dizer que continuava a amá-lo.

- Ah! - exclamou Buckingham. - Deus seja louvado! Nesse caso a minha morte não será para ela a morte de um estranho!...

La Porte desatou a chorar.

- Patrick - disse o duque -, traga-me o cofre onde estavam as agulhetas de diamantes.

Patrick trouxe o objeto que lhe pediam, e La Porte reconheceu-o por ter pertencido à rainha.

- Agora o saquinho de cetim branco com as suas iniciais bordadas a pérolas.

Mais uma vez Patrick obedeceu.

- Tome, La Porte - disse Buckingham -, eis as únicas provas da sua afeição que tenho, este cofre de prata e estas cartas.

Entregue-as a Sua Majestade e, como última lembrança... - procurou em redor algum objeto precioso - ... juntará...

- Continuou a procurar, mas o seu olhar enevoado pela morte só encontrou a faca caída das mãos de Felton, ainda quente do sangue vermelho espalhado na lâmina.

- Juntará esta faca - disse o duque, apertando a mão de La Porte. Ainda pôde meter o saquinho no fundo do cofre de prata, deixou cair dentro deste a faca, fazendo sinal a La Porte que já não podia falar, depois, em uma derradeira convulsão que desta vez já não tinha forças para combater, escorregou do sofá para o chão.

Patrick deu um grande grito.

Buckingham quis sorrir pela última vez, mas a morte parou-lhe o pensamento, que ficou gravado na sua fronte como um derradeiro beijo de amor. Neste momento chegou o médico do duque, desorientado, já estava a bordo do navio almirante, onde fora preciso ir buscá-lo.

Aproximou-se do duque, pegou-lhe na mão, conservou-a um instante na sua e deixou-a cair.

- Tudo é inútil - disse -, está morto.

- Morto! Morto! - exclamou Patrick.

A este grito toda a multidão entrou na sala e por toda a parte foi a consternação e o tumulto. Assim que lorde de Winter viu

Buckingham morto, correu a Felton que os soldados continuavam a guardar no terraço do palácio.

- Miserável! - disse ele ao jovem que, desde a morte de Buckingham, recuperara a calma e o sangue-frio que nunca mais o abandonariam. - Miserável! Que fez?

- Vinguei-me - disse ele.

- Você! - disse o barão. - Diga antes que serviu de instrumento a essa mulher maldita, mas juro que este crime será o seu último crime.

- Não sei o que quer dizer - respondeu tranquilamente Felton -, e ignoro de quem fala, Milorde, matei o Sr. de Buckingham porque recusou duas vezes ao senhor mesmo nomear-me capitão, puni-o pela sua injustiça e nada mais.

De Winter, estupefato, olhava as pessoas que amarravam Felton, e não sabia o que pensar daquela insensibilidade. Contudo uma única coisa escurecia a fronte pura de Felton. A cada ruído que ouvia, o ingênuo puritano julgava reconhecer os passos e a voz de Milady, vindo atirar-se aos seus braços para se acusar e se perder com ele.

De súbito estremeceu, o seu olhar fixou-se num ponto do mar que o terraço onde se achava dominava inteiramente, com o olhar de águia do marinheiro reconhecera, onde outro só veria uma gaivota balançando nas ondas, a vela do sloop que se dirigia para as costas da França. Pôs-se pálido, levou a mão ao

peito onde o seu coração rebentava e compreendeu toda a traição.

- Um último favor, Milorde - disse ele ao barão.
- O quê? - perguntou este.
- Que horas são?

O barão tirou o relógio.

- Nove horas menos dez - disse ele.

Milady antecipara a partida uma hora e meia, assim que ouvira o tiro de canhão que anunciava o fatal acontecimento, dera ordem de içar a âncora. A embarcação vogava sob um céu azul a grande distância da costa.

- Deus assim o quis - disse Felton com a resignação do fanático, mas sem poder desprender os olhos do esquiife a bordo do qual julgava certamente distinguir o branco fantasma daquela a quem a sua vida ia ser sacrificada.

De Winter seguiu o seu olhar, interrogou o seu sofrimento e adivinhou tudo.

- Que seja punido primeiro só, miserável - disse lorde de Winter a Felton, que se deixava arrastar com os olhos postos no mar -, mas juro pela memória de meu irmão que eu tanto amava que sua cúmplice não está salva.

Felton baixou a cabeça sem pronunciar uma palavra. Quanto a De Winter,

desceu rapidamente a escada e dirigiu-se ao porto.

LX - NA FRANÇA

O primeiro temor do rei de Inglaterra, Carlos I, ao saber desta morte, foi que uma notícia tão terrível desencorajasse os rocheleses, tentou, diz Richelieu nas suas memórias, esconder-lhes o fato enquanto foi possível, mandando fechar os portos do reino, e mandando que tivessem o maior cuidado em não deixar sair nenhum barco até que a armada que Buckingham preparava tivesse partido, encarregando-se pessoalmente de tomar conta da partida, à falta de Buckingham.

Levou até a severidade desta ordem ao ponto de reter na Inglaterra o embaixador da Dinamarca, que se demitira, e o embaixador ordinário da Holanda que devia conduzir ao porto de Flessingue os navios da Índia que Carlos I mandara restituir às Províncias Unidas.

Mas, como só se lembrou de dar esta ordem cinco horas depois do acontecimento, ou seja, às duas da tarde, dois navios já tinham saído do porto: um levando, como sabemos, Milady, a qual já desconfiava do acontecimento e se certificou ao ver o pavilhão negro arvorado no mastro do navio almirante. Quanto

ao segundo navio, diremos mais tarde quem transportava e como partiu.

De resto, entretanto, não se passou nada de novo no acampamento de La Rochelle; apenas o rei, que se aborrecia bastante, mas talvez um pouco mais no acampamento do que em outros lugares, resolveu ir incógnito passar as festas de São Luís em Saint-Germain e pediu ao cardeal que lhe mandasse preparar uma escolta de vinte mosqueteiros apenas. O cardeal, por vezes contagiado pelo tédio do rei, concedeu com o maior prazer esta folga ao seu régio tenente, o qual prometeu regressar por volta do dia 15 de Setembro.

O Sr. de Tréville, prevenido por Sua Eminência, fez as malas e, como sabia do vivo desejo e até da necessidade imperiosa que os seus amigos tinham de voltar a Paris, embora sem saber porquê, designou-os para fazerem parte da escolta.

Os quatro jovens souberam da notícia um quarto de hora depois do Sr. de Tréville, pois foram os primeiros a quem este a comunicou. Foi então que D'Artagnan apreciou o favor que o cardeal lhe fizera, tornando-o finalmente mosqueteiro, sem esta circunstância, seria obrigado a ficar no acampamento enquanto seus companheiros partiam.

Veremos mais tarde que a causa desta impaciência de ir a Paris era o perigo que a Sra Bonacieux devia correr, encontrando-se no convento de Béthune com Milady, a sua inimiga mortal. Assim, como dissemos, Aramis escrevera

imediatamente a Marie Michon, a roupeira de Tours que tinha tão boas relações que conseguiu que a rainha desse autorização à Sra Bonacieux para sair do convento e retirar-se quer na Lorena quer na Bélgica. A resposta não se fizera esperar e, oito ou dez dias depois, Aramis recebera a seguinte carta:

Meu caro primo,

Eis a autorização da minha irmã para retirar a nossa criadinha do convento de

Béthune, cujos ares lhe parecem prejudiciais à saúde. Minha irmã envia-lhes esta autorização com grande prazer, pois estima muito a jovem a quem espera ser útil mais tarde.

Um abraço. MARIE MICHON.

Com esta carta vinha uma autorização redigida nos seguintes termos:

A superiora do convento de Béthune entregará nas mãos da pessoa que lhe trouxer este bilhete a noviça que entrara para o seu convento sob a minha recomendação e proteção.

Louvre, 10 de Agosto de 1628. ANA.

Compreende-se como estas relações de parentesco entre Aramis e uma roupeira que tratava a rainha por irmã tinham alegrado os jovens, mas Aramis, depois de ter corado duas ou três vezes até à raiz dos cabelos com os gracejos de Porthos, pedira aos amigos que não voltassem a falar no assunto, declarando que se lhe dissessem mais uma palavra, deixaria de usar a prima como intermediária naquele gênero de questões.

Portanto, os quatro mosqueteiros nunca mais falaram de Marie Michon. De resto, eles tinham o que queriam. A ordem de tirar a Sra de Bonacieux do convento das Carmelitas de Béthune. É verdade que esta ordem não lhes servia de grande coisa enquanto estivessem no acampamento de La Rochelle, ou seja, na outra extremidade da França, portanto, D'Artagnan ia pedir uma folga ao Sr. de Tréville, confiando-lhe muito simplesmente a importância da sua partida, quando lhe foi transmitida a notícia, bem como aos seus três companheiros, de que o rei ia partir para Paris com uma escolta de vinte mosqueteiros, e que eles faziam parte da escolta.

Grande foi a alegria. Enviaram os criados à frente com as bagagens e partiram no dia 16 de manhã.

O cardeal conduziu Sua Majestade de Surgères a Mauzé e ali o rei e o seu ministro despediram-se um do outro com grandes demonstrações de amizade. Contudo o rei, que procurava uma

distração e caminhava o mais depressa possível pois desejava chegar a Paris no dia 23, parava de vez em quando para se dedicar a um passatempo chamado voler la pie, cujo interesse lhe fora inspirado em tempos por De Luynes e pelo qual o rei conservava sempre uma grande predileção. Quando isso acontecia, dezesseis dos vinte mosqueteiros regozijavam-se com a diversão mas quatro resmungavam o mais que podiam. D'Artagnan sobretudo sentia sempre os ouvidos zumbindo, o que Porthos explicava assim:

- Uma grande dama ensinou-me que isso quer dizer que estão falando de
você.

Enfim a escolta atravessou Paris no dia 23 à noite, o rei agradeceu ao Sr. de Tréville e permitiu-lhe que distribuísse algumas folgas de quatro dias, desde que nenhum dos favorecidos comparecesse em lugar público, sob pena de irem parar na Bastilha.

Como se pode calcular, as primeiras quatro folgas foram concedidas aos nossos quatro amigos. Mais ainda, Athos obteve do Sr. de Tréville seis dias em vez de quatro e fez acrescentar duas noites a estes quatro dias, pois partiram no dia 24 às cinco da tarde e, ainda por boa vontade, o Sr. de Tréville prolongou a folga até ao dia 25 de manhã.

- Eh, meu Deus - dizia D'Artagnan que, como sabemos, nunca desconfiava de nada -, parece-me que nos embarçamos muito com uma coisa bastante simples, daqui a dois dias, dando cabo de dois ou três cavalos (pouco importa, eu tenho dinheiro), estou em Béthune, entrego a carta da rainha à superiora, e levo o querido tesouro que vou buscar, não para a Lorena nem para a Bélgica, mas para Paris, onde ficará melhor escondido, sobretudo enquanto o Sr. Cardeal estiver em La Rochelle. Depois, quando regressarmos da campanha, pois bem, meio por proteção de sua prima, meio por causa do que fizemos pessoalmente por ela, obteremos da rainha o que queremos. Fiquem pois aqui, não se cansem inutilmente, eu e Planchet somos suficientes para uma expedição tão simples.

Athos respondeu-lhe tranquilamente:

- Nós também temos dinheiro, pois eu ainda não bebi o resto do diamante, e Porthos e Aramis não o comeram todo. Portanto, damos cabo de quatro cavalos como damos cabo de um. Mas pense, D'Artagnan - acrescentou com uma voz tão sombria que causou um arrepio ao rapaz -, pense que Béthune é uma cidade onde o cardeal marcou encontro com uma mulher que, onde quer que vá, semeia a desgraça. Se só tivesse que lidar com quatro homens, D'Artagnan, eu o deixaria ir sozinho, mas tem que enfrentar essa mulher, vamos os quatro e Deus queira que, com os nossos quatro criados, sejamos suficientes!

- Você me assusta, Athos - exclamou D'Artagnan -, do que tem medo?

- Tudo! - respondeu Athos.

D'Artagnan examinou os rostos dos seus companheiros que, como o de Athos, tinham estampada uma profunda inquietação, e continuaram o seu caminho a galope, mas sem acrescentarem uma única palavra.

No dia 25 à noite, ao entrarem em Arras e quando D'Artagnan acabava de apear-se na estalagem de Herse d'Or para beber um copo de vinho, um cavaleiro saiu do pátio da posta, onde acabava de trocar de montaria, tomando a galope e com um cavalo fresco a estrada para Paris.

No momento em que saía do portão para a rua, o vento abriu a capa que o envolvia, embora fosse no mês de Agosto, e tirou-lhe o chapéu, que o viajante segurou com a mão no momento em que já não o tinha na cabeça, enterrando-o depressa.

D'Artagnan, que tinha os olhos pregados no homem, pôs-se muito pálido e deixou cair o copo.

- Que tem, senhor? - disse Planchet. - Oh! Ajudem, senhores, o meu amo sente-se mal!

Os três amigos correram e encontraram D'Artagnan que, em vez de se sentir mal, corria ao seu cavalo. Detiveram-no à porta.

- Então! Onde vai assim? - gritou-lhe Athos.

- É ele! - exclamou D'Artagnan pálido de cólera e com a testa coberta de suor. - É ele! Deixem-me alcançá-lo!
- Mas ele quem? - perguntou Athos.
- Aquele homem.
- Qual homem?
- Aquele homem maldito, o meu gênio mau, que vi sempre que alguma desgraça me ameaçava, aquele que acompanhava a horrível mulher quando a vi pela primeira vez, aquele que eu procurava quando provoquei Athos, aquele que vi na manhã do dia em que a Sra Bonacieux fora raptada! O homem de Meung, enfim! Eu o vi, é ele! Eu o reconheci-o quando o vento lhe entreabriu a capa.
- Diabo! - disse Athos, sonhador.
- A cavalo, meus senhores, a cavalo. Vamos persegui-lo e o apanharemos.
- Meu caro - disse Aramis -, lembre-se de que ele vai na direção oposta à nossa, que tem um cavalo fresco e que os nossos cavalos estão fatigados, que por conseguinte daremos cabo dos nossos cavalos sem termos sequer chance de alcançá-lo.
- Senhor! - exclamou um moço de estrebaria correndo atrás do desconhecido. - Senhor! Caiu-lhe um papel da capa! Eh, senhor! Eh!

- Meu amigo - disse D'Artagnan -, meia pistola por esse papel!

- Puxa, senhor, com todo o prazer! Aqui está!

O moço de estrebaria, satisfeito com o seu dia, entrou no pátio da estalagem, D'Artagnan desdobrou o papel.

- Então? - perguntaram os seus amigos, rodeando-o.

- Só uma palavra! - disse D'Artagnan.

- Sim - disse Aramis -, mas é o nome de uma cidade ,ou de uma aldeia.

- “Armentières” - leu Porthos. - Armentières, não conheço!

- E este nome de uma aldeia ou de uma cidade foi escrito pelo seu punho! - exclamou Athos.

- Vamos, guarde cuidadosamente este papel - disse D'Artagnan -, talvez eu não tenha perdido a minha última pistola. A cavalo, meus amigos, a cavalo!

E os quatro amigos lançaram-se a galope na estrada de Béthune.

LXI - O CONVENTO DAS CARMELITAS DE BÉTHUNE

Os grandes criminosos têm uma espécie de predestinação que lhes permite superar todos os obstáculos, que lhes permite escapar a todos os perigos, até o momento que a Providência, cansada, marcou como o escolho da sua ímpia fortuna.

Milady era assim, passou através dos cruzadores das duas nações e chegou a Bolonha sem nenhum acidente.

Ao desembarcar em Portsmouth, Milady era uma inglesa que as perseguições da França expulsavam de La Rochelle, ao desembarcar em Bolonha, após dois dias de travessia, fez-se passar por uma francesa que os ingleses inquietavam em Portsmouth, devido ao ódio que haviam concebido contra a França.

De resto, Milady tinha o mais eficaz dos passaportes: a sua beleza, o seu ar

importante e a generosidade com que distribuía as pistolas. Libertando-se das formalidades da praxe graças a um sorriso afável e às maneiras galantes de um velho governador do porto, que lhe beijou a mão, só ficou em Bolonha o tempo necessário para enviar uma carta concebida nos seguintes termos:

A sua Eminência Monsenhor Cardeal de Richelieu, no seu acampamento diante de La Rochelle.

Monsenhor, que Vossa Eminência fique descansada, Sua Graça, o duque de Buckingham, não partirá para França. Bolonha, 25 à noite.

MILADY DE + + +.

P. S. - Segundo o desejo de Vossa Eminência dirijo-me ao convento das Carmelitas de Béthune onde aguardarei as suas ordens.

Efetivamente, na mesma noite, Milady pôs-se a caminho, a noite surpreendeu-a, parou e pernitoou numa estalagem, depois, no dia seguinte às cinco horas da manhã, partiu e, três horas depois, entrou em Béthune.

Pediu que lhe indicassem o convento das Carmelitas, onde imediatamente entrou. A superiora veio ao seu encontro, Milady mostrou-lhe a ordem do cardeal, e a abadessa mandou que lhe dessem um quarto e que lhe servissem o almoço.

Todo o passado já tinha se esvanecido para esta mulher que, de olhos postos no futuro, só via a fortuna que lhe reservava o cardeal, a quem servira com tanto sucesso e sem que o seu nome se envolvesse naquele caso sangrento.

As paixões sempre renovadas que a consumiam davam à sua vida a aparência dessas nuvens que voam no céu, refletindo ora o azul, ora o fogo, ora o negro-opaco da tempestade, e que só deixam na terra, como vestígios, a devastação e a morte.

Depois do almoço, a abadessa veio visitá-la, há poucas distrações no claustro, e a bondosa superiora tinha pressa de conhecer a sua nova hóspede. Milady queria agradar à superiora, ora, isto era fácil para esta mulher realmente superior, tentou ser amável, foi encantadora e seduziu a superiora com a sua conversa tão variada e com os seus encantos.

A abadessa, que pertencia à nobreza, apreciava sobretudo as histórias da corte, que tão raramente chegam às extremidades do reino e que, sobretudo, têm tanta dificuldade em transpor os muros dos conventos, no limiar dos quais vêm expirar os rumores do mundo.

Milady, pelo contrário, estava muito ao corrente de todas as intrigas aristocráticas, no meio das quais vivera constantemente durante cinco ou seis anos, e portanto pôs-se a entreter a boa da abadessa com práticas mundanas da corte de França, misturadas com as devoções excessivas do rei, fez-lhe a crônica escandalosa dos senhores e das damas da corte, que a abadessa conhecia perfeitamente de nome, tocou de leve os amores da rainha e de Buckingham, falando muito para ouvir falar um pouco.

Mas a abadessa contentou-se em falar e sorrir, sem responder. Contudo, como Milady via que este gênero de histórias a divertia bastante, continuou, mas

fez a conversa incidir no cardeal.

Porém estava muito embaraçada, não sabia se a abadessa era pelo rei ou pelo cardeal, manteve-se num meio termo prudente, mas a abadessa, por seu lado, manteve-se numa reserva ainda mais prudente, contentando-se em inclinar profundamente a cabeça sempre que a viajante pronunciava o nome de Sua Eminência.

Milady começava a crer que ia aborrecer-se muito naquele convento e, portanto, resolveu arriscar qualquer coisa para saber com que podia contar. Querendo ver até onde ia a discrição da abadessa, começou a falar mal do cardeal, primeiro de maneira muito dissimulada e depois muito circunstanciada, contando os amores do ministro com Mme d'Aiguillon, com Marion de Lorme e outras mulheres galantes.

A abadessa escutou com mais atenção, animou-se pouco a pouco e sorriu.

- Bom - disse Milady -, ela interessa-se pela minha conversa, se é cardinalista, pelo menos não é fanática.

Passou então às perseguições exercidas pelo cardeal sobre os seus inimigos. A abadessa contentou-se em persignar-se, sem

aprovar nem desaprovar. Isto confirmou a opinião de Milady de que a religiosa era mais a favor do rei que do cardeal. Milady continuou, forçando cada vez mais o tom.

- Sou muito ignorante de todos esses assuntos - disse por fim a abadessa -, mas por muito afastadas que estejamos da corte e dos interesses do mundo em que estamos, temos exemplos muito tristes daquilo que conta, e uma das nossas hóspedes sofreu muito com as vinganças e as perseguições do Sr. Cardeal.

- Uma das suas hóspedes - disse Milady -, oh, meu Deus! Coitada, tenho muita pena.

- E tem razão, pois é de ter pena. Prisão, ameaças, maus tratos, tudo sofreu. Mas, afinal - continuou a abadessa -, O Sr. Cardeal talvez tivesse motivos plausíveis para agir assim e, embora ela pareça um anjo, não se deve julgar as pessoas pela aparência.

“Bom , disse Milady para si mesma, “quem sabe! Talvez vá descobrir alguma coisa por aqui, estou com sorte.”

E tentou dar ao rosto uma expressão de perfeita candura.

- Infelizmente - disse Milady -, bem sei. Diz-se que não devemos crer nas fisionomias, mas, se não acreditamos na mais bela obra do Senhor, então no que havemos de acreditar? Eu talvez me engane toda a vida, mas vou confiar sempre em uma pessoa cujo rosto me inspire simpatia.

- Seria, pois, tentada a crer - disse a abadessa - que essa jovem é inocente?
- O Sr. Cardeal não castiga apenas os crimes - disse ela. - Há certas virtudes que persegue mais severamente que certas proezas.
- Permita-me, minha senhora, exprimir a minha surpresa - disse a abadessa.
- E que a surpreende? - disse ingenuamente Milady.
- A sua linguagem.
- Que a espanta nesta linguagem? - perguntou Milady sorrindo.
- É amiga do cardeal, pois é ele que a envia, e contudo...
- E contudo falo mal dele - disse Milady, concluindo o pensamento da superiora.
- Pelo menos não fala bem.
- É que não sou sua amiga - disse ela suspirando -, mas sua vítima.
- Mas a carta através da qual ele a recomenda...
- É uma ordem para que eu me mantenha em uma espécie de prisão da qual algum dos seus satélites virá me tirar.

- Mas por que não fugiu?
- Para onde iria? Julga que existe algum lugar na terra que o cardeal não possa alcançar, se quiser se dar ao trabalho de estender a mão? Se eu fosse um homem, ainda seria possível, mas uma mulher... Que pode uma mulher fazer? Acaso a jovem hóspede que aqui tem tentou fugir?
- É certo que não, mas o seu caso é outro, creio que algum amor a retém na França.
- Então - disse Milady com um suspiro -, se ela ama, não é infeliz de todo.
- Sendo assim - disse a abadessa, contemplando Milady com crescente interesse -, tenho diante de mim mais uma perseguida?
- Infelizmente - respondeu Milady.

A abadessa fitou Milady por um instante, com inquietação, como se lhe ocorresse um novo pensamento.

- Não é inimiga da nossa santa fé? - disse ela, balbuciando.
- Eu - exclamou Milady -, eu protestante! Oh, não! Deus, que está nos ouvindo, é testemunha de que eu sou, pelo contrário, uma católica fervorosa.
- Então, minha senhora - disse a abadessa, sorrindo -, fique tranquila, a casa em que se encontra não será uma prisão muito dura e faremos o que for preciso para lhe fazer estimar o cativeiro. Mais ainda, encontrará aqui essa jovem que deve ser

perseguida por causa de alguma intriga da corte, é amável e graciosa.

- Como se chama?
- Foi me recomendada por uma pessoa de posição muito elevada sob o nome de Ketty. Não procurei saber o outro nome.
- Ketty! - exclamou Milady. - O quê! Tem certeza?...
- Que se chama assim? Sim, minha senhora. Acaso a conhece?

Milady sorriu a si mesma e à idéia de que a jovem podia ser a sua antiga camareira. A lembrança da jovem misturava-se com uma lembrança de cólera e um desejo de vingança agitara os traços de Milady, que de resto logo retomara a expressão calma e benevolente que esta mulher de cem rostos lhe fizera perder momentaneamente.

- E quando poderei ver essa jovem dama, pela qual já sinto uma grande simpatia? - perguntou Milady.
- Esta noite - disse a abadessa -, ou mesmo durante o dia. Mas viajou quatro dias, você mesma me disse, esta manhã levantou-se às cinco horas, deve precisar de repouso. Deite e durma. À hora do jantar a acordaremos.

Embora Milady pudesse passar perfeitamente sem dormir, por causa de todas as excitações que uma nova aventura causava no coração ávido de intrigas, não deixou de aceitar a oferta da superiora, durante doze ou quinze dias passara por tantas

emoções diversas que, se o seu corpo de ferro ainda podia aguentar o cansaço, a sua alma precisava de repouso.

Por conseguinte, despediu-se da abadessa e deitou-se, docemente

embalada pelas idéias de vingança às quais aliara naturalmente o nome de Ketty. Recordava a promessa ilimitada que o cardeal lhe fizera, se realizasse a sua empresa. Realizara-a e, portanto, poderia vingar-se de D'Artagnan.

Só uma coisa assustava Milady, a lembrança do marido, o conde de La Fere, que julgara morto ou pelo menos expatriado, e que reencontrava em Athos, o melhor amigo de D'Artagnan.

Mas também, se era amigo de D'Artagnan, devia tê-lo ajudado em todas as manobras com as quais a rainha fizera fracassar os projetos de Sua Eminência, se era amigo de D'Artagnan, era inimigo do cardeal e ela conseguiria envolvê-lo na sua vingança, nas pregas da qual contava sufocar o jovem mosqueteiro.

Todas estas esperanças eram doces pensamentos para Milady, assim, embalada por elas, adormeceu depressa.

Despertou-a uma voz doce aos pés da cama. Milady abriu os olhos e viu a abadessa acompanhada de uma jovem de cabelos loiros, tez delicada, que fixava nela um olhar cheio de uma benevolente curiosidade.

O rosto desta jovem era totalmente desconhecido para ela, as duas examinaram-se com uma atenção escrupulosa, trocando os cumprimentos habituais, as duas eram bastante belas, mas de uma beleza totalmente diferente. Contudo Milady sorriu, reconhecendo que levava a palma à jovem quanto à altivez e às maneiras aristocráticas. É verdade que o hábito de noviça que a jovem envergava não era muito vantajoso para uma luta desse gênero.

A abadessa apresentou-as uma à outra, depois, cumprida esta formalidade, como os seus deveres a chamavam à igreja, deixou as duas jovens sozinhas. Vendo que Milady estava deitada, a noviça quis seguir a superiora, mas Milady reteve-a.

- Como, minha senhora - disse-lhe ela -, mal a vi e já quer privar-me da sua presença, com a qual confesso que contava um pouco para o tempo que tenho de passar aqui?

- Não, minha senhora - respondeu a noviça -, apenas receava que o momento fosse mal escolhido. Dormia e está cansada.

- Muito bem - disse Milady. - Que podem desejar as pessoas que dormem? Um despertar agradável. Foi o que me proporcionou, deixe-me gozá-lo à minha vontade.

E, pegando-lhe na mão, puxou-a para a poltrona que estava junto da cama.

A noviça sentou-se.

- Meu Deus! - disse ela. - Como sou infeliz! Há seis meses que estou aqui, sem a mínima distração, e você chegou, a sua presença ia ser uma companhia encantadora para mim, e eis que muito provavelmente vou deixar o convento de um momento para o outro!
- Como! - disse Milady. - Vai embora em breve?
- Assim espero, pelo menos - disse a noviça com uma expressão de alegria que não procurava disfarçar.
- Creio que sofreu por causa do cardeal - disse Milady -, seria mais um motivo de simpatia entre nós.
- Então o que a nossa boa mãe me disse é verdade? Também é vítima do malvado do cardeal.
- Chiu! - disse Milady. - Mesmo aqui não falemos nele dessa maneira, todas

as minhas desgraças foram causadas por eu ter dito mais ou menos o que acaba de dizer diante de uma mulher que tinha por amiga e que me traiu. Você também é vítima de uma traição?

- Não - disse a noviça -, mas da minha dedicação a uma mulher que amava, pela qual teria dado e ainda daria a vida.
- E que a abandonou!

- Fui suficientemente injusta para crer que sim, mas há dois ou três dias tive a prova do contrário, e dou graças a Deus, muito me custaria crer que ela tinha me esquecido. Mas e a senhora - continuou a noviça -, parece-me que é livre e que, se quisesse, poderia fugir.

- Para onde ir, sem amigos, sem dinheiro, numa parte da França que não conheço, onde nunca vim?...

- Oh! - exclamou a noviça. - Terá amigos onde quer que se mostre, parece tão boa e é tão bela!

- E contudo - replicou Milady, adoçando o seu sorriso de modo a dar-lhe uma expressão angélica -, estou só e perseguida.

- Escute - disse a noviça -, é preciso ter esperança, há sempre um momento em que o bem que fizemos defende a nossa causa diante de Deus. e talvez seja uma sorte para a senhora, por muito humilde e destituída de poder que eu seja, o fato de me ter encontrado, pois, se eu sair daqui, terei alguns amigos poderosos que, depois de ter batalhado por minha causa, também poderão batalhar pela sua causa.

- Oh! Quando lhe disse que estava só - disse Milady, esperando levar a noviça a falar, falando de si mesma -, não quer dizer que também não tenha alguns conhecimentos elevados, mas estes conhecimentos também tremem diante do cardeal, a própria rainha não ousa defender ninguém contra o terrível ministro, tenho provas de que Sua Majestade, apesar do

seu excelente coração, foi obrigada mais do que uma vez a abandonar à cólera de Sua Eminência as pessoas que a tinham servido.

- Creia, minha senhora, que pode parecer que a rainha abandonou essas pessoas, mas não se deve acreditar nas aparências: quanto mais perseguidas são, mais a rainha pensa nelas, e muitas vezes, no momento em que menos esperam, têm a prova de uma boa lembrança.

- Ai de mim! - disse Milady. - Eu creio, a rainha é tão boa.

- Oh! Então conhece a bela e nobre rainha, para falar dela assim! - exclamou a noviça com entusiasmo.

- Quer dizer - replicou Milady, encurralada -, a ela, pessoalmente, não tenho a honra de conhecer, mas conheço muitos dos seus amigos mais íntimos. Conheço o Sr. de Putange, conheci na Inglaterra o Sr. Dujart e conheço o Sr. de Tréville.

- O Sr. de Tréville! - exclamou a noviça. - Conhece o Sr. de Tréville!

- Sim, perfeitamente. Muito bem até.

- O capitão dos mosqueteiros do rei?

- O capitão dos mosqueteiros do rei.

- Oh! Mas vá ver que daqui a pouco seremos velhas conhecidas, quase amigas. Se conhece o Sr. de Tréville, deve ter ido a sua casa.

- Muitas vezes - disse Milady que, tendo entrado neste caminho e vendo

que a mentira era bem sucedida queria levá-la até ao fim.

- Em sua casa deve ter visto alguns dos seus mosqueteiros.

- Todos os que costuma receber - respondeu Milady, para quem a conversa começava a apresentar um interesse real.

- Diga-me o nome de alguns dos que conhece e verei que são meus amigos.

- Mas - disse Milady embaraçada -, conheço o Sr. de Louvigny, o Sr. de Courtivron, o Sr. de Férussac.

A noviça deixou-a falar, depois vendo que se calava:

- Não conhece - disse ela - um gentil-homem chamado Athos?

Milady ficou tão pálida como os lençóis da cama em que estava deitada e, por muito senhora de si que fosse, não conseguiu deixar de dar um grito, agarrando a mão da sua interlocutora e devorando-a com os olhos.

- O quê! Que aconteceu? Oh, meu Deus! - perguntou a pobre mulher. - Terei dito alguma coisa que a ferisse?

- Não, mas esse nome impressionou-me porque eu também conheci esse gentil-homem e parece-me estranho encontrar alguém que o conheça bem.

- Oh, sim! Muito bem, muito bem! Não só a ele mas também aos seus amigos, os Srs. Porthos e Aramis!

- Realmente! Também os conheço! - exclamou Milady, sentindo o frio penetrar-lhe no coração.

- Muito bem! Se os conhece, deve saber que são bons e francos companheiros, por que não se dirige a eles, se precisa de apoio?

- Quer dizer - balbuciou Milady -, não estou realmente ligada a nenhum deles, conheço-os por ter ouvido falar muito neles a um dos seus amigos, o Sr. D'Artagnan.

- Conhece o Sr. D'Artagnan! - exclamou a noviça por sua vez, agarrando na mão de Milady e devorando-a com os olhos.

Depois, notando a estranha expressão do olhar de Milady:

- Perdão, minha senhora, a que título o conhece?

- Mas - respondeu Milady embaraçada - a título de amigo.

- Engana-me, minha senhora - disse a noviça -, foi sua amante.

- Você é que foi! - exclamou por sua vez Milady.

- Eu! - disse a noviça.

- Sim, você, agora a reconheço, é a Sra Bonacieux. A jovem recuou, cheia de surpresa e de terror.

- Oh! Não negue! Responda - continuou Milady.

- Pois muito bem, é verdade! Eu o amo - disse a noviça. -
Somos rivais?

O rosto de Milady iluminou-se com um fogo tão selvagem que, em qualquer outra circunstância, a Sra Bonacieux teria fugido de pavor, porém estava entregue ao seu ciúme.

- Diga então, minha senhora - continuou a Sra Bonacieux com uma energia de que parecia incapaz -, foi ou é sua amante?

- Oh, não! - exclamou Milady com uma entoação que não admitia dúvidas. - Nunca, nunca!

- Acredito - disse a Sra Bonacieux -, mas então por que teve essa exclamação?

- O quê? Não compreende! - disse Milady, que já se tinha recomposto e que recuperara a sua presença de espírito.

- Como hei-de compreender? Não sei de nada.

- Não compreende que, sendo seu amigo, o Sr. D'Artagnan me fizera sua confidente?

- Realmente!

- Não compreende que sei tudo, o seu rapto da casinha de Saint-Germain, o seu desespero, o desespero dos seus amigos, as suas buscas inúteis desde esse momento! E como não havia de me admirar quando, sem estar à espera, me encontro diante

de você, de você de quem tantas vezes falamos, de você a quem ele ama de todo o coração, de você a quem me fez amar antes de conhecer? Ah! Cara Constance, então encontro-a, finalmente a conheço!

E Milady estendeu os braços à Sra Bonacieux que, convencida com aquilo que ela lhe acabava de dizer, só viu nesta mulher, que pouco antes julgara a sua rival, uma amiga sincera e dedicada.

- Oh! Perdoe-me, perdoe-me! - exclamou ela, encostando-se no ombro da outra. - Eu o amo tanto!

As duas mulheres permaneceram um instante abraçadas. Por certo que, se as forças de Milady fossem iguais ao seu ódio, a Sra Bonacieux teria saído morta neste abraço. Mas, não podendo sufocá-la, Milady sorriu-lhe.

- Ó minha cara! Ó minha rica! - disse Milady. - Como estou feliz de vê-la! Deixe-me contemplá-la. - E, dizendo estas palavras devorava-a efetivamente com o olhar. - Sim, é você. Ah! Reconheço-a por aquilo que ele me disse, reconheço-a perfeitamente.

A pobre moça não podia desconfiar daquilo que se passava de horripelmente cruel por trás das muralhas daquela fronte pura, por trás daqueles olhos tão brilhantes onde só lia interesse e compaixão.

- Então sabe o que eu sofri - disse a Sra Bonacieux -, pois ele lhe disse o que sofriria, mas sofrer por causa dele é uma felicidade.

Milady repetiu maquinalmente:

- Sim, é uma felicidade. Pensava outra coisa.

- E depois - continuou a Sra Bonacieux -, o meu suplício está chegando ao fim, amanhã, talvez esta noite, voltarei a vê-lo, e então o passado não mais existirá.

- Esta noite? Amanhã? - exclamou Milady, que estas palavras tinham tirado da sua divagação. - Que quer dizer.

Espera alguma notícia dele?

- Espero-o a ele mesmo.

- Ele mesmo, D'Artagnan, aqui!

- Ele mesmo.

- Mas é impossível! Ele está no cerco de La Rochelle com o cardeal e só voltará a Paris depois da cidade ser tomada.

- É o que pensa, mas haverá alguma coisa impossível para o meu D'Artagnan, o nobre e leal gentil-homem?

- Oh! Não posso crer!

- Pois bem, então leia! - disse a pobre jovem cheia de orgulho e de alegria, apresentando uma carta a Milady.

- É a letra da Sra de Chevreuse! - pensou Milady. - Ah! Eu tinha certeza de que eles tinham contatos deste gênero!

E leu avidamente as seguintes linhas:

Minha querida filha, esteja preparada, o nosso amigo irá vê-la em breve, e será para arrancar-lhe da prisão onde a sua segurança exigia que estivesse escondida: prepare-se, pois, para a partida e nunca perca as esperanças em nós.

O nosso encantador gascão acaba de se mostrar bravo e fiel como sempre, diga-lhe que uma pessoa lhe está muito reconhecida pelo aviso que lhe fez.

- Sim, sim - disse Milady -, a carta é preciosa. Sabe que aviso é esse?

- Não. Penso apenas que deve ter prevenido a rainha de alguma nova maquinação do cardeal.

- Sim, deve ser isso - disse Milady, entregando a carta à Sra Bonacieux e reclinando pensativamente a cabeça.

Neste momento ouviu-se o galopar de um cavalo.

- Oh! - exclamou a Sra Bonacieux, correndo à janela. - Será ele?

Milady ficara na cama, petrificada pela surpresa, aconteciam-lhe de repente tantas coisas que pela primeira vez não sabia o que pensar.

- Ele, ele! - murmurou. - Será ele?

E ficou na cama, com os olhos fixos.

- Não, infelizmente! - disse a Sra Bonacieux. - É um homem que não conheço, mas que parece vir para cá, sim, ele abranda, para na porta e toca a sineta.

Milady saltou da cama.

- Tem certeza de que não é ele? - perguntou.

- Sim, certeza absoluta!

- Talvez tenha visto mal.

- Oh! Ainda que só visse a pluma do seu chapéu, a ponta da sua capa o reconheceria!

Milady continuava a vestir-se.

- Não importa! Esse homem vem para cá?

- Sim, entrou.

- É por sua ou por minha causa.

- Oh, meu Deus! Como parece agitada!

- Sim, confesso, não tenho a mesma confiança que você, temo tudo da parte do cardeal.

- Chiu! - disse a Sra Bonacieux. - Vem alguém! Efetivamente a porta abriu-se e a superiora entrou.
- É você que veio de Bolonha? - perguntou ela a Milady.
- Sim, sou eu - respondeu esta e, tentando recuperar o seu sangue-frio. - Quem pergunta por mim?
- Um homem que não quer dizer como se chama e que vem da parte do cardeal.
- E quer falar comigo? - perguntou Milady.
- Que quer falar com uma senhora que vem de Bolonha.
- Então mande-o entrar, por favor, minha senhora.

- Oh, meu Deus! Meu Deus! - disse a Sra Bonacieux. - Será alguma má notícia?
- Receio que sim.
- Deixo-a com esse estranho mas, se me permitir, voltarei assim que ele for embora.
- Ora essa! Com certeza.

A superiora e a Sra Bonacieux saíram.

Milady ficou sozinha, com os olhos pregados na porta, passado um instante, ouviu-se o som de esporas ecoando nas escadas, depois os passos aproximaram-se, a porta abriu-se e apareceu um homem.

Milady deu um grito de alegria: este homem era o conde de Rochefort, a alma danada de Sua Eminência.

LXII - DUAS VARIEDADES DE DEMÔNIOS

- Ah! - exclamaram ao mesmo tempo Rochefort e Milady. - É você!
- Sim, sou eu.
- E veio de?... - perguntou Milady.
- De La Rochelle. E você?
- Da Inglaterra.
- Buckingham?
- Morto ou gravemente ferido, quando parti sem ter conseguido obter nada, um fanático acabava de assassiná-lo.
- Ah! - exclamou Rochefort com um sorriso. - Eis um acaso muito feliz e que vai satisfazer Sua Eminência! Já o preveniu?
- Escrevi-lhe de Bolonha. Mas por que está aqui?
- Sua Eminência, que estava inquieto, mandou-me ao seu encontro.
- Cheguei só ontem.
- E que fez desde ontem?

- Não perdi tempo.
- Oh! Eu imagino.
- Sabe quem encontrei aqui?
- Não.
- Adivinhe.
- Como poderia eu adivinhar?...
- Aquela jovem que a rainha tirou da prisão.
- A amante do pequeno D'Artagnan?
- Sim, a Sra Bonacieux, cujo paradeiro o cardeal ignorava.
- Muito bem! - disse Rochefort. - Eis um acaso tão feliz como o outro, o Sr.

Cardeal é de fato um homem privilegiado!

- Compreende o meu espanto - continuou Milady - quando me encontrei cara a cara com essa mulher?
- Conhece-a?
- Não.
- Então considera-a como uma estranha? Milady sorriu.
- Sou a sua melhor amiga!
- Palavra de honra - disse Rochefort -, só você, minha cara condessa, é que consegue fazer esses milagres!

- E em boa hora, cavaleiro - replicou Milady -, pois sabe o que se passa?
- Não.
- Vêm buscá-la amanhã ou depois de amanhã com uma ordem da rainha.
- De fato? E quem?
- D'Artagnan e os seus amigos.
- Na verdade não de fazer tantas que seremos obrigados a mandá-los para a Bastilha.
- Por que não o fizeram ainda?
- Que quer? Porque o Sr. Cardeal tem um fraco por esses homens que eu não compreendo.
- É mesmo?
- Sim.
- Muito bem! Diga-lhe o seguinte, Rochefort: diga-lhe que a nossa conversa na estalagem do Colombier-Rouge foi escutada por esses quatro homens, diga-lhe que, depois de ter ido embora, um deles subiu e arrancou-me pela violência o salvo-conduto que ele me tinha dado, diga-lhe que preveniram lordes de Winter da minha passagem pela Inglaterra, que, ainda desta vez, por pouco não fizeram fracassar a minha missão, como fizeram fracassar a das agulhetas, diga-lhe que, desses quatro homens, só dois são perigosos, D'Artagnan e Athos, diga-lhe

que o terceiro, Aramis, é amante da Sra de Chevreuse, é preciso deixá-lo viver, conhecemos o seu segredo e ele pode ser útil, quanto ao quarto, Porthos, é um tolo, um presumido e um ingênuo, não vale a pena preocupar-se com ele.

- Mas a estas horas esses quatro homens devem estar no cerco de La Rochelle.

- Eu também pensava que sim, mas uma carta que a Sra Bonacieux recebeu da Sra de Chevreuse, e que teve a imprudência de me comunicar, leva-me a crer que, pelo contrário, esses quatro homens vêm a caminho para tirá-la daqui.

- Diabo! Que fazer?

- Que lhe disse o cardeal a meu respeito?

- Que recebesse os seus recados escritos ou verbais, que regressasse pela posta e que, quando souber o que fez, resolverá o que deve fazer.

- Nesse caso devo ficar aqui? - perguntou Milady.

- Aqui ou nos arredores.

- Não pode levar-me com você?

- Não, a ordem é formal, perto do acampamento poderia ser reconhecida e, compreenda, a sua presença comprometeria Sua Eminência, sobretudo depois do que acaba de acontecer. Contudo, diga-me desde já onde aguardará notícias do cardeal, para que eu saiba sempre onde encontrá-la.

- Escute, é provável que eu não possa ficar aqui?
- Porquê?
- Esquece que os meus inimigos podem chegar de um momento para o outro.
- É verdade, mas então essa mulherzinha vai escapar a Sua Eminência?
- Ora! - disse Milady com um sorriso que era só dela. - Esquece que sou sua melhor amiga.
- Ah, é verdade! Então posso dizer ao cardeal, acerca dessa mulher...
- Que fique tranquilo.
- Nada mais?
- Ele saberá o que isso quer dizer?
- Adivinhará. E agora, que devo eu fazer?
- Partir agora mesmo, parece-me que as notícias que leva merecem a diligência.
- A minha sege partiu-se à entrada de Lillers.
- Muito bem!
- Como?
- Sim, eu preciso da sua sege - disse a condessa.

- Então como poderei partir?
- A toda a brida.
- Fala bem. São cento e oitenta léguas.
- Que é isso?
- Está bem. E depois?
- Depois, ao passar em Lillers mande-me a sege, dando ordem ao seu criado para se pôr à minha disposição.
- Bom.
- Deve ter alguma ordem do cardeal, com você, não?
- Tenho uma carta de plenos poderes.
- Mostre-a à abadessa e diga que virão me buscar hoje ou amanhã e que eu terei que seguir a pessoa que se apresentar em seu nome.
- Muito bem!
- Não se esqueça de me tratar com dureza quando falar de mim à abadessa.
- Para quê?
- Eu sou uma vítima do cardeal. Tenho de inspirar confiança à pobre Sra Bonacieux.
- Tem razão. Agora quer fazer-me um relatório de tudo o que aconteceu?

- Mas eu já lhe contei os acontecimentos, você tem boa memória, repita o que lhe disse. Um papel é coisa que se perde.
- Tem razão, Mas tenho de saber onde vou encontrá-la para não ter de percorrer os arredores em vão.
- Está bem. Espere.
- Quer um mapa?
- Oh! Eu conheço perfeitamente a região.
- Você? Quando foi que veio aqui?
- Fui criada aqui.
- É mesmo?
- Está vendo que sempre serve de alguma coisa ter sido criada em algum

lugar.

- Então onde irá me esperar?
- Deixe-me refletir um instante. Ah! Já sei, em Armentières.
- Que é isso?

- É uma cidadezinha na margem do Lys, é só atravessar o rio, e estou no estrangeiro.
- Muito bem. Mas fica combinado que só atravessará o rio em caso de perigo.
- Combinado.
- E, nesse caso, como saberei onde está?
- Precisa do seu laçao?
- Não.
- É de confiança?
- De toda a confiança.
- Deixe-o comigo, ninguém o conhece, deixo-o no lugar de onde sair e ele o conduzirá ao lugar onde estou.
- E diz que irá me esperar em Armentières?
- Em Armentières - respondeu Milady.
- Escreva-me esse nome num pedaço de papel, pois tenho medo de me esquecer. O nome de uma cidade não é comprometedor, não é?
- Quem sabe? Não importa - disse Milady, escrevendo o nome em uma folha de papel -, eu me comprometo.
- Bom - disse Rochefort tirando o papel das mãos de Milady, dobrando-o e metendo-o dentro do chapéu.

- Aliás, fique tranquila, vou fazer como as crianças e, no caso de perder este papel, repetir o nome ao longo do caminho. Agora é tudo?
- Creio que sim.
- Vejamos: Buckingham morto ou gravemente ferido, a sua conversa com o cardeal ouvida pelos quatro mosqueteiros; lorde de Winter prevenido da sua chegada a Portsmouth, D'Artagnan e Athos na Bastilha, Aramis é amante da Sra de Chevreuse, Porthos é um presumido, encontrada a Sra Bonacieux, enviar-lhe a minha sege o mais depressa possível, pôr o meu laçao à sua disposição, fazer de você uma vítima do cardeal, para que a abadessa não suspeite de nada, Armentières na margem do Lys. É isto?
- Tem de fato uma memória prodigiosa, meu caro cavaleiro. A propósito, acrescente uma coisa...
- O quê?
- Vi alguns bosques muito bonitos que devem confinar com o jardim do convento, diga que me é permitido passear nesses bosques. Quem sabe? Talvez precise sair pela porta dos fundos.
- Pensa em tudo.
- E você esquece uma coisa...
- O quê?
- Perguntar se preciso de dinheiro.

- É verdade. Quanto quer?
- Todo o ouro que tiver.
- Tenho cerca de quinhentas pistolas.
- E eu outras tantas, com mil pistolas faz-se frente a tudo.
Esvazie os bolsos.
- Aqui está, condessa.
- Bom, meu caro conde! E quando parte?

- Daqui a uma hora. Só o tempo de comer qualquer coisa e de mandar buscar um cavalo de posta.
- Perfeitamente. Adeus, cavaleiro!
- Adeus, condessa!
- Cumprimentos ao cardeal - disse Milady.
- Cumprimentos a Satanás - replicou Rochefort. Milady e Rochefort trocaram um sorriso e separaram-se. Passada uma hora Rochefort partiu a galope, cinco horas depois passava em Arras.

Os nossos leitores já sabem como ele fora reconhecido por D'Artagnan e como este fato, inspirando receios aos quatro mosqueteiros, dera uma nova atividade à sua viagem.

LXIII - UMA GOTA DE ÁGUA

Assim que Rochefort saiu, a Sra Bonacieux entrou. Encontrou Milady sorridente.

- Então - disse a jovem -, o que receava aconteceu, esta noite ou amanhã o cardeal manda buscá-la?
- Quem lhe disse isso? - perguntou Milady.
- Ouvi da boca do próprio mensageiro.
- Venha sentar-se aqui junto de mim - disse Milady.
- Aqui estou.
- Espere que me certifique de que ninguém nos escuta.
- Para quê todas essas precauções?
- Você vai ver.

Milady levantou-se, foi até à porta, abriu-a, espreitou o corredor e voltou a sentar-se perto da Sra Bonacieux.

- Então - disse ela - ele fez bem o seu papel.
- Quem?
- Aquele que se apresentou à abadessa como o enviado do cardeal.
- Então era um papel?
- Sim, minha filha.

- Esse homem não é...
- Esse homem - disse Milady, baixando a voz - é o meu irmão.
- Seu irmão! - exclamou a Sra Bonacieux.
- Muito bem! Só você conhece o meu segredo, se o confiar seja a quem for, estou perdida, e você também, talvez.
- Oh, meu Deus!
- Escute, eis o que acontece, meu irmão, que vinha me socorrer e me tirar daqui à viva força se fosse preciso, encontrou o emissário do cardeal que vinha me buscar, seguiu-o. Ao chegar a um local solitário e afastado, empunhou a espada e intimou o mensageiro a entregar-lhe os papéis de que era portador; o mensageiro quis defender-se e meu irmão matou-o.
- Oh! - exclamou a Sra Bonacieux, estremecendo.
- Era a única maneira. Então meu irmão quis substituir a força pela astúcia, pegou os papéis, apresentou-se aqui como o próprio emissário do cardeal e, daqui

a uma hora ou duas, um carro deve vir buscar-me da parte de Sua Eminência.
- Compreendo, é seu irmão que lhe manda esse carro.

- Justamente, mas ainda não é tudo. Essa carta que recebeu e que julgava ser da Sra de Chevreuse...
- Sim.
- É falsa.
- Como?
- Sim, falsa. É uma armadilha para não oferecer resistência quando vierem buscá-la.
- Mas é D'Artagnan que virá.
- Não se engane, D'Artagnan e os seus amigos estão retidos no cerco de La Rochelle.
- Como sabe?
- Meu irmão encontrou emissários do cardeal disfarçados de mosqueteiros. Mandariam chamá-la à porta, fariam passar por amigos, a raptariam e a levariam para Paris.
- Oh, meu Deus! Não sei o que pensar no meio deste caos de iniquidades. Sinto que se isto durasse - continuou a Sra Bonacieux, levando as mãos ao rosto
-, enlouquecia.
- Espere...
- O quê?
- Ouço o passo de um cavalo, é o de meu irmão que parte. Quero dizer-lhe um último adeus, venha cá.

Milady abriu a janela e fez sinal à Sra Bonacieux que fosse ter com ela. A jovem foi. Rochefort passava a galope.

- Adeus, irmão! - exclamou Milady.

O cavaleiro ergueu a cabeça, viu as duas mulheres e, continuando a correr, fez a Milady um sinal amigável com a mão.

- Bom Georges! - disse ela, fechando a janela com uma expressão cheia de afetação e de melancolia. E foi sentar-se no seu lugar como se estivesse mergulhada em reflexões muito pessoais.

- Cara senhora! - disse a Sra Bonacieux. - perdoe-me interrompe-la! Mas que me aconselha a fazer? Meu Deus! Você tem mais experiência que eu, fale que eu lhe escuto.

- Primeiro - disse Milady -, pode ser que eu esteja enganada e que D'Artagnan e os seus amigos venham realmente em seu socorro.

- Oh! Isso seria bom de mais! - exclamou a Sra Bonacieux. - E eu não tenho essa sorte!

- Então, compreenda, seria simplesmente uma questão de tempo, uma espécie de corrida para ver quem chegaria primeiro. Se forem os seus amigos, está salva, se forem os satélites do cardeal estará perdida.

- Oh, sim, sim! Perdida sem dó nem misericórdia! Que fazer? Que fazer?

- Haveria uma forma muito simples, muito natural...
- Qual?
- Seria esperar, escondida nas proximidades, certificando-se assim da identidade dos homens que vêm buscá-la.
- Mas onde esperar?

- Oh! Isso não é problema, eu mesma paro e escondo-me a poucas léguas daqui, à espera de meu irmão. Ora bem, levo-a comigo, nos escondemos e esperamos juntas.
- Mas não me deixarão sair, sou quase uma prisioneira.
- Como crêem que parto por ordem do cardeal, não pensarão que terá muita pressa de me seguir.
- E então?
- Então, o carro está à porta, diga-me adeus, suba para cima do estribo para me abraçar uma última vez, o criado de meu irmão, que vem buscar-me, está prevenido, faz um sinal ao postilhão e partimos a galope.
- Mas D'Artagnan, se D'Artagnan vier?
- Não saberemos disso?
- Como?
- Nada mais fácil. Enviamos a Béthune o criado de meu irmão, no qual, como já disse, podemos confiar; ele se disfarça e instala-se numa casa diante do convento, se forem os

emissários do cardeal, não se mexe, se for o Sr. D'Artagnan e os seus amigos, leva-os ao lugar onde nós estamos.

- Ele os conhece?
- É claro, pois viu o Sr. D'Artagnan em minha casa!
- Oh! Sim, sim, tem razão. Portanto, tudo corre bem. Mas não nos afastemos daqui.
- A sete ou oito léguas quando muito, ficamos na fronteira, por exemplo, e ao primeiro alerta saímos de França.
- E daqui até lá que fazer?
- Esperar.
- E se eles chegarem?
- O carro de meu irmão chegará antes deles.
- Se eu estiver longe de você quando vierem buscá-la, se estiver jantando ou ceando, por exemplo?
- Faça uma coisa.
- O quê?
- Diga à sua bondosa superiora que, para nos separarmos o mínimo possível, lhe pede permissão para partilhar as minhas refeições.
- E ela permitirá?
- Que inconveniente há nisso?

- Oh, muito bem! Desse modo não nos separaremos nem por um instante.
- Então desça e vá fazer-lhe o pedido! Sinto a cabeça pesada, vou dar uma volta pelo jardim.
- Vá, e onde a encontrarei?
- Neste lugar, daqui a uma hora.
- Neste lugar, daqui a uma hora. Oh! Como você é boa e como agradeço!
- Como não haveria eu de me interessar por você? Ainda que não fosse boa e encantadora, é amiga de um dos meus melhores amigos!
- Caro D'Artagnan! Oh! Como ele lhe agradecerá!
- Espero bem que sim. Vá! Está tudo combinado, vamos descer.
- Vai para o jardim?
- Vou.
- Siga este corredor, há umas escadinhas que conduzem ao jardim.
- Muito bem. Obrigada.

E as duas mulheres separaram-se, trocando um sorriso encantador.

Milady dissera a verdade, sentia a cabeça pesada pois os seus projetos desordenados entrecrocavam-se lá dentro como num caos. Precisava estar só para pôr em ordem os seus pensamentos. Via vagamente o futuro, mas precisava de um pouco de silêncio e de calma para dar a todas as suas idéias, ainda confusas, uma forma distinta, um plano definido.

O mais urgente era raptar a Sra Bonacieux, colocá-la em lugar seguro e ali, se fosse preciso, fazer dela um refém. Milady começava a rezear o resultado daquele terrível duelo em que os seus amigos punham tanta perseverança como ela punha obstinação.

De resto sentia, como quem pressente uma tempestade, que este resultado estava próximo e que não podia deixar de ser terrível. O principal para ela, como dissemos, era ter a Sra Bonacieux na mão. A Sra Bonacieux era a vida de D'Artagnan, era mais que a sua vida, era a vida da mulher que amava, era, em caso de pouca sorte, a maneira de lidar e de obter com certeza boas condições.

Ora, este ponto estava decidido: a Sra Bonacieux a seguiria sem desconfiar, uma vez escondida com ela em Armentières, seria fácil fazê-la crer que D'Artagnan não viera a Béthune. Dali a quinze dias, quando muito, Rochefort estaria de volta, durante estes quinze dias pensaria no que devia fazer para se vingar dos quatro amigos. Não se aborreceria, graças a Deus, porque teria o mais doce dos passatempos que os

acontecimentos podiam conceder a uma mulher do seu caráter: uma boa vingança a aperfeiçoar.

Enquanto divagava, lançava os olhos em redor e classificava mentalmente a topologia do jardim. Milady era como um bom general que prevê a vitória e a derrota, e que, segundo as probabilidades da batalha, está pronto para marchar em frente ou bater em retirada.

Passada uma hora, ouviu uma voz doce chamando-a, era a voz da Sra Bonacieux. A abadessa consentira tudo, naturalmente, e para começar, iam ceiar juntas. Ao chegar ao pátio, ouviram o ruído de um carro que parava à porta.

- Ouviu? - disse ela.
- Sim, é um carro.
- É o carro que meu irmão nos envia.
- Oh, meu Deus!
- Então? Coragem!

Bateram à porta do convento, Milady não se tinha enganado.

- Suba ao seu quarto - disse ela à Sra Bonacieux -, deve ter algumas jóias que quer levar.
- Tenho cartas - disse ela.
- Muito bem, vá buscá-las e venha ao meu quarto, cearemos depressa, talvez viajemos durante parte da noite, temos de ganhar forças.

- Deus do Céu! - disse a Sra Bonacieux, levando a mão ao peito. - Não consigo andar.

- Coragem, vamos, coragem! Pens que daqui a um quarto de hora estará salva e pense no que vai fazer, é por ele que o faz.

- Oh, sim! Tudo por ele. Você me devolveu a coragem com uma simples

palavra. Vá, que já vou encontrá-la.

Milady subiu rapidamente para os seus aposentos, onde encontrou o laçao e lhe deu as suas instruções.

- Devia esperar à porta, se por acaso os mosqueteiros aparecessem, o carro partia a galope, dava a volta no convento e ia esperar Milady em uma aldeia situada do outro lado do bosque. Nesse caso, Milady atravessava o jardim e alcançaria a aldeia a pé, já dissemos que Milady conhecia muito bem esta parte da França.

Se os mosqueteiros não aparecessem, as coisas seriam conforme combinado: a Sra Bonacieux subia para o carro a fim de lhe dizer adeus, e Milady raptava a Sra Bonacieux.

A Sra Bonacieux entrou e, para lhe desvanecer as suspeitas, se é que ela tinha alguma, Milady repetiu diante do laçao a última parte das suas instruções. Milady fez algumas perguntas sobre o carro, era uma sege atrelada a três cavalos e conduzida por

um cocheiro, o lacaios de Rochefort devia precedê-la como correio.

Milady não tinha razões para recear que a Sra Bonacieux desconfiasse, a pobre mulher era muito pura para suspeitar de semelhante perfidia em outra mulher, afinal, o nome da condessa de Winter, que ouvira a abadessa pronunciar, era inteiramente desconhecido para ela, e até ignorava que uma mulher tivesse tido tanta culpa nas desgraças da sua vida.

- Veja - disse Milady quando o lacaios saiu -, está tudo pronto. A abadessa não desconfia de nada e crê que vêm me buscar da parte do cardeal. Este homem vai dar as últimas ordens, coma qualquer coisa, beba um dedo de vinho e vamos.

- Sim - disse maquinalmente a Sra Bonacieux -, sim, vamos. Milady fez sinal para se chegar perto dela, serviu-lhe um copinho de vinho de Espanha e um pedaço de frango.

- Veja - disse ela - se tudo não é a nosso favor: escurece, ao nascer do dia teremos chegado ao nosso esconderijo e ninguém poderá suspeitar do lugar onde estamos. Vamos, coragem, coma alguma coisa.

A Sra Bonacieux comeu maquinalmente uns pedaços e molhou os lábios no

copo.

- Vamos - disse Milady, levando o seu copo aos lábios -,
faça como eu.

Mas no momento em que levava o copo à boca, a sua mão
ficou suspensa,

acabava de ouvir na estrada o ruído distante de um galope que
se aproximava, depois, quase ao mesmo tempo, pareceu-lhe
ouvir cavalos relinchando.

Este ruído arrancou-a da sua alegria como o som da
tempestade acorda no meio de um sonho bonito, empalideceu
e correu à janela, enquanto a Sra Bonacieux, erguendo-se toda
a tremer, se apoiava na cadeira para não cair.

Ainda não se via nada, só se ouvia o galope que se ia
aproximando cada vez mais.

- Oh, meu Deus! - disse a Sra Bonacieux. - Que ruído é este?

- É o dos nossos amigos ou dos nossos inimigos - disse
Milady com o seu sangue-frio terrível. - Fique onde está, que eu
vou ver.

A Sra Bonacieux ficou em pé, muda, imóvel e pálida como uma
estátua. O ruído tornava-se mais forte, os cavalos não podiam
estar a mais de cento e cinquenta passos, se ainda não se viam
era porque a estrada formava um

cotovelo. Porém, o ruído tornava-se tão distinto que se poderiam contar os cavalos pelo som sacudido das suas ferraduras.

Milady olhava com toda a atenção, só tinha a claridade suficiente para poder reconhecer quem vinha.

De repente, na curva do caminho, viu reluzir uns chapéus com galões e flutuar umas plumas, contou dois, depois cinco, depois oito cavaleiros, um deles ia bastante à frente dos outros. Milady soltou um rugido abafado. No que vinha à frente reconheceu D'Artagnan.

- Oh, meu Deus! Meu Deus! - exclamou a Sra Bonacieux. - Então o que há?

- É o uniforme dos guardas do Sr. Cardeal. Não temos um instante a perder! - exclamou Milady. - Vamos, Vamos!

- Sim, sim, vamos - repetiu a Sra Bonacieux, mas sem poder dar um passo, pregada no lugar em que estava pelo terror. Ouviram-se passar os cavaleiros por baixo da janela.

- Venha! Venha! - exclamava Milady, tentando arrastar a jovem pelo braço.

- Graças ao jardim ainda podemos fugir, eu tenho a chave. Mas temos de nos apressar, daqui a cinco minutos seria muito tarde.

A Sra Bonacieux tentou andar, deu dois passos e caiu de joelhos. Milady tentou levantá-la e levá-la, mas não conseguiu.

Neste momento ouviu-se o carro que, ao ver os mosqueteiros, partia a galope. Depois ecoaram três ou quatro tiros.

- Mais uma vez, quer vir? - exclamou Milady.

- Oh, meu Deus, meu Deus! Bem ve que não tenho forças, bem ve que não posso andar, fuja sozinha.

- Fugir sozinha! Deixá-la aqui! Não, não, nunca! - exclamou Milady.

De repente, um clarão lívido jorrou dos seus olhos; dando um salto, desvairada, Milady correu à mesa, deitou para dentro do copo da Sra Bonacieux o conteúdo do engaste dum anel que abriu com singular prontidão. Era um pó vermelho que imediatamente se diluiu.

Depois, pegando no copo com mão firme:

- Beba - disse ela -, este vinho lhe dará forças, beba.

E aproximou o copo dos lábios da jovem, que o bebeu maquinalmente.

- Ah! Não era assim que queria me vingar - disse Milady, pousando o copo na mesa com um sorriso infernal. - Mas, droga! Faz-se o que se pode.

E precipitou-se para fora do quarto.

A Sra Bonacieux viu-a fugir sem poder segui-la, parecia uma dessas pessoas que sonham que estão sendo perseguidas e que tentam andar, mas em vão. Passaram-se alguns minutos,

ouvia-se um barulho horrível à porta, a Sra Bonacieux esperava ver reaparecer Milady a todo o instante, mas ela não reaparecia.

Por fim ouviu ranger os portões abrindo-se, o ruído das botas ecoou nas escadas, ouvia-se um grande murmúrio de vozes que se iam aproximando e no meio das quais lhe parecia ouvir o seu nome. De repente deu um grito de alegria e correu à porta, reconheceu a voz de D'Artagnan.

- D'Artagnan! D'Artagnan! - exclamou ela. - É você? Por aqui, por aqui.

- Constance! Constance! - repetiu o rapaz. - Onde está? Meu Deus!

No mesmo momento, a porta da cela cedeu ao embate, vários homens precipitaram-se no quarto, a Sra Bonacieux estava caída numa poltrona sem

poder fazer um movimento.

D'Artagnan atirou uma pistola ainda fumegante que trazia na mão e caiu de joelhos diante da sua amante, Athos enfiou a pistola no cinto, Porthos e Aramis, que empunhavam as suas espadas meteram-nas nas respectivas bainhas.

- Oh, D'Artagnan! Meu bem-amado D'Artagnan! Finalmente veio, não tinha me enganado, é mesmo você!

- Sim, sim, Constance! Estamos juntos!

- Oh! Ela bem dizia que você não viria, mas eu esperava, não quis fugir.

Oh! Como fiz bem, como estou feliz!

Ao ouvir a palavra ela, D'Artagnan, que se sentara tranquilamente, levantou-se de sopetão.

- Ela quem? - perguntou D'Artagnan.

- A minha companheira, aquela que por amizade queria me subtrair tirar dos meus perseguidores, aquela que, tomando-lhes pelos guardas do cardeal, acaba de fugir.

- A sua companheira! - exclamou D'Artagnan, pondo-se mais pálido que o véu branco da sua amante -, mas que companheira?

- Aquela cujo carro estava à porta, uma mulher que se diz sua amiga, D'Artagnan, uma mulher a quem contou tudo.

- O seu nome, o seu nome! - exclamou D'Artagnan. - Meu Deus! Então não sabe o seu nome?

- Sim, pronunciaram-no à minha frente. Espere... Mas é estranho... Oh, meu Deus! Estou confusa, não sei.

- A mim, meus amigos, a mim! Ela está com as mãos geladas! - exclamou D'Artagnan -, sente-se mal. Deus do Céu! Ela perde os sentidos!

Enquanto Porthos chamava por socorro o mais alto que podia, Aramis correu à mesa para pegar um copo de água, mas parou

ao ver a horrível alteração do rosto de Athos que, de pé diante da mesa, com os cabelos eriçados, os olhos gelados de estupefação, olhava para um dos copos e parecia entregue à mais horrível dúvida.

- Oh! - dizia Athos. - Oh, não! É impossível! Deus não permitiria semelhante

crime.

- Água, água! - gritava D'Artagnan. - Água!

- Ó pobre mulher, pobre mulher! - murmurava Athos com voz alterada. A Sra Bonacieux abriu os olhos sob os beijos de D'Artagnan.

- Voltou a si! - exclamou o jovem. - Oh, meu Deus! Meu Deus! Eu lhe dou

graças!

- Minha senhora - disse Athos -, minha senhora, por amor de Deus! De quem é este copo vazio?

- É meu, senhor... - respondeu a jovem com uma voz agonizante.

- E quem lhe serviu vinho este copo?

- Foi ela.
- Ela quem?
- Ah, agora me lembro - disse a Sra Bonacieux -, a condessa de Winter...

Os quatro amigos deram um único grito, mas o grito de Athos dominou os outros todos. Neste momento o rosto da Sra Bonacieux ficou lívido, uma dor surda abateu-a e caiu ofegante nos braços de Porthos e Aramis.

D'Artagnan agarrou as mãos de Athos com uma angústia difícil de descrever.

- O quê? - disse ele. - Você acha... A sua voz extinguiu-se num soluço.
- Creio tudo - disse Athos, mordendo os lábios até fazê-los sangrar.
- D'Artagnan, D'Artagnan! - exclamou a Sra Bonacieux. - Onde você está?

Não me deixe, estou morrendo.

D'Artagnan largou as mãos de Athos, que ainda segurava com as suas mãos crispadas, e correu para junto dela. O seu rosto tão belo estava muito perturbado, os seus olhos vítreos já não tinham expressão, um tremor convulsivo agitou-lhe o corpo, o suor escorria-lhe da testa.

- Pelo amor de Deus! Vá chamar alguém Porthos, Aramis, peça socorro!
- É inútil - disse Athos -, inútil, para o veneno dela não há contraveneno.
- Sim, sim, socorro, socorro! - murmurou a Sra Bonacieux. - Socorro!

Depois, reunindo as suas forças, pegou a cabeça do jovem, contemplou-o por um instante como se toda a sua alma lhe tivesse passado para os olhos e, com um grito soluçante, apoiou os lábios nos seus lábios.

- Constance! Constance! - exclamou D'Artagnan.

Um suspiro escapou da boca da Sra Bonacieux, aflorando a de D'Artagnan: era a sua alma tão casta e tão amorável que subia ao Céu.

D'Artagnan apertava um cadáver nos braços.

O jovem deu um grito e caiu ao lado da sua amante, tão pálido e tão gelado como ela. Porthos chorou, Aramis levantou o punho para o céu, Athos fez o sinal da cruz. Neste momento um homem apareceu à porta, quase tão pálido como os que estavam no quarto, olhou em volta e viu a Sra Bonacieux morta e D'Artagnan desacordado.

Aparecia no preciso instante de estupefação que segue as grandes catástrofes.

- Não tinha me enganado - disse ele -, aqui está o Sr. D'Artagnan, e vocês são os seus três amigos, Srs. Athos, Porthos e Aramis.

Aqueles cujos nomes acabavam de ser pronunciados olhavam admirados para este estranho, a todos parecia que o reconheciam.

- Meus senhores - prosseguiu o recém-chegado -, estão como eu à procura de uma mulher que - acrescentou com um sorriso terrível -, deve ter passado por aqui, pois vejo um cadáver!

Os três amigos ficaram mudos, aquela voz e aquele rosto lembravam-lhes um homem que já tinham visto, mas não conseguiam lembrar-se em que circunstâncias. Os três amigos deram um grito de surpresa. Athos levantou-se e estendeu-lhe a mão.

- Seja bem-vindo, Milorde - disse ele -, é dos nossos.

- Parti cinco horas depois dela, de Portsmouth - disse lorde de Winter -, cheguei a Bolonha três horas depois dela, em Saint-Omer, não a encontrei por vinte minutos; enfim, em Lillers perdi-lhe o rastro. Ia a galope; reconheci o Sr. D'Artagnan. Chamei-os mas não me responderam, quis segui-los, mas o meu cavalo estava muito cansado para ir tão depressa como os seus. E, contudo, parece que, apesar da diligência que fizeram, chegaram tarde demais!

- Infelizmente, como pode ver - disse Athos, mostrando a lorde de Winter a Sra Bonacieux morta e D'Artagnan, que Porthos e Aramis tentavam reanimar.

- Estão os dois mortos? - perguntou friamente lorde de Winter.

- Felizmente não - respondeu Athos -, o Sr. D'Artagnan está apenas desmaiado.

- Ah, tanto melhor! - disse lorde de Winter.

Com efeito, neste momento, D'Artagnan abriu os olhos.

Arrancou-se dos braços de Porthos e de Aramis e atirou-se como um louco sobre o corpo da sua amante. Athos levantou-se, dirigiu-se ao seu amigo lenta e solenemente, abraçou-o com ternura e, como este soluçava, disse-lhe com a sua voz nobre e persuasiva:

- Amigo, seja um homem. As mulheres choram os mortos, os homens vingam-nos!

- Oh, sim - disse D'Artagnan. - Sim! Se é para a vingar, estou pronto a segui-lo!

Athos aproveitou este momento de força que a esperança da vingança dava ao seu pobre amigo para fazer sinal a Porthos e Aramis que fossem buscar a superiora.

Os dois amigos encontraram-na no corredor, ainda muito perturbada com tantos acontecimentos, chamou algumas religiosas que, contra todos os hábitos monásticos, se viram na presença de cinco homens.

- Minha senhora - disse Athos, dando o braço a D'Artagnan -, deixamos aos seus piedosos cuidados o corpo desta pobre mulher. Ela foi um anjo na terra antes de ser um anjo no Céu. Trate-a como uma das suas irmãs, um dia voltaremos para rezar junto da sua sepultura.

D'Artagnan escondeu o rosto no peito de Athos e desatou a soluçar.

- Chore - disse Athos -, chore, coração cheio de amor, de juventude e de vida! Ai de mim, quem me dera poder chorar como você!

E arrastou o amigo, afetuoso como um pai, consolador como um padre, grande como o homem que sofreu muito.

Os cinco, seguidos pelos seus criados, segurando as rédeas dos seus cavalos, avançaram para a cidade de Béthune, cujos arredores se avistavam, e pararam diante da primeira estalagem que encontraram.

- Mas - disse D'Artagnan - não perseguiremos essa mulher?

- Mais tarde - disse Athos -, tenho medidas a tomar.

- Vai nos escapar - continuou o jovem -, vai escapar, Athos, e a culpa será

sua.

- Eu respondo por ela - disse Athos.

D'Artagnan tinha tanta confiança na palavra do amigo que baixou a cabeça

e entrou na estalagem sem responder. Porthos e Aramis entreolhavam-se, não compreendendo a segurança de Athos.

Lorde de Winter julgava que ele falava assim para suavizar a dor de D'Artagnan.

- Agora, meus senhores - disse Athos, depois de se certificar de que havia cinco quartos desocupados na estalagem -, nos retiremos cada um para o seu quarto, D'Artagnan precisa ficar só para chorar e vocês para dormir. Eu me encarrego de tudo, fiquem sossegados.

- Contudo, me parece - disse lorde de Winter - que, se há alguma medida a tomar contra a condessa, é coisa que me diz respeito: ela é minha cunhada.

- E a mim também - disse Athos -, é minha mulher.

D'Artagnan estremeceu, compreendendo que Athos estava seguro da sua vingança, pois revelava aquele segredo, Porthos e Aramis olharam um para o outro, empalidecendo. Lorde de Winter pensou que Athos estava doido.

- Retirem-se - disse Athos - e deixem-me agir. Bem veem que a coisa é comigo, na minha qualidade de marido. Apenas, D'Artagnan, se não o perdeu, entregue-me o papel que caiu do chapéu daquele homem e que tinha escrito o nome da cidade...

- Ah! - disse D'Artagnan. - Compreendo. O nome escrito pelo seu punho...

- Está vendo - disse Athos -, há um Deus no Céu!

LXIV O HOMEM DA CAPA VERMELHA

O desespero de Athos dera lugar a uma dor concentrada, que tornava ainda mais lúcidas as brilhantes faculdades de espírito deste homem. Todo entregue a um único pensamento, a promessa que fizera e a responsabilidade que assumira, foi o último a retirar-se para o seu quarto, pediu ao estalajadeiro que lhe arranjasse um mapa da província, debruçou-se sobre ele, interrogou as linhas traçadas, verificou que quatro caminhos diferentes iam de Béthune a Armentières, e mandou chamar os criados.

Planchet, Grimaud, Mosqueton e Bazin apresentaram-se e receberam as ordens claras, pontuais e graves de Athos.

Deviam partir ao nascer do Sol, no dia seguinte, e dirigir-se a Armentières, cada um por uma estrada diferente. Planchet, o mais inteligente dos quatro, devia seguir a estrada em que desaparecera o carro sobre o qual os quatro amigos tinham atirado e que, como devem estar lembrados, era acompanhado pelo criado de Rochefort.

Athos começou a pôr os criados em ação porque, desde que estes homens estavam ao seu serviço e ao serviço dos seus amigos reconheceu em cada um deles qualidades diferentes e essenciais.

Depois, criados que interrogam inspiram menos desconfiança que os seus amos e encontram mais simpatia nas pessoas a quem se dirigem. Enfim, Milady conhecia os amos mas não conhecia os criados e, pelo contrário, os criados conheciam perfeitamente Milady.

Os quatro deviam reunir-se no dia seguinte, às onze horas, no local indicado, se tivessem descoberto o esconderijo de Milady, três ficariam de guarda e o quarto voltaria a Béthune para prevenir Athos e servir de guia aos quatro amigos.

Tomadas estas disposições, os criados retiraram-se por sua vez. Então, Athos levantou-se da cadeira, cingiu a espada, embrulhou-se na capa e saiu da estalagem, eram aproximadamente dez horas. Às dez da noite, como se sabe, as

ruas são pouco frequentadas na província. Contudo, Athos procurava visivelmente uma pessoa a quem pudesse fazer uma pergunta. Por fim encontrou um transeunte atrasado, aproximou-se dele e disse-lhe algumas palavras; o homem a quem se dirigia recuou aterrado, mas respondeu às palavras do mosqueteiro com uma indicação. Athos ofereceu-lhe meia pistola para que o acompanhasse, mas o

homem recusou.

Athos embrenhou-se na rua indicada mas, ao chegar a um cruzamento, tornou a parar, nitidamente embaraçado. Mas, como mais que qualquer outro lugar, o cruzamento oferecia-lhe a possibilidade de encontrar alguém, parou ali. Com efeito, passado um instante, passou um guarda noturno. Athos repetiu-lhe a mesma pergunta que já fizera à primeira pessoa que encontrara, o guarda noturno revelou o mesmo terror, recusou-se por sua vez a acompanhar Athos e mostrou-lhe o caminho a seguir.

Athos caminhou na direção indicada e alcançou o bairro situado na extremidade da cidade oposta àquela por onde ele e os seus companheiros tinham entrado. Ali, pareceu de novo inquieto e embaraçado e parou pela terceira vez.

Felizmente passou um mendigo que se aproximou de Athos para lhe pedir esmola. Athos propôs-lhe um escudo para o acompanhar. O mendigo hesitou um instante mas ao ver a

moeda que brilhava no escuro, decidiu-se e foi à frente de Athos.

Ao chegar à esquina, mostrou-lhe ao longe uma casinha isolada, solitária e triste, Athos aproximou-se enquanto o mendigo, que recebera o seu salário, se afastava a sete pés.

Athos deu a volta à casa, antes de distinguir a porta no meio da cor avermelhada da casa, nenhuma luz aparecia através das frestas dos postigos, nenhum ruído permitia supor que a casa fosse habitada, era sombria e muda como um túmulo.

Três vezes Athos bateu sem obter resposta. Mas, à terceira, aproximaram-se passos, por fim a porta entreabriu-se e um homem alto, pálido, de cabelos e barba negros apareceu.

Athos e ele trocaram umas palavras em voz baixa, depois o homem de estatura elevada fez sinal ao mosqueteiro para entrar. Athos aproveitou imediatamente a permissão e a porta fechou-se atrás dele.

O homem que Athos viera buscar tão longe e que encontrara a tanto custo fê-lo entrar no seu laboratório, onde estava ocupado a segurar com arames os ossos soltos de um esqueleto. Todo o corpo já estava reajustado, só a cabeça estava pousada em uma mesa.

Todo o resto do mobiliário indicava que o dono da casa se ocupava de ciências naturais: havia frascos cheios de serpentes, etiquetados segundo as espécies: lagartos ressequidos brilhavam como esmeraldas lapidadas em grandes

molduras de madeira escura, enfim, molhos de ervas bravias, odoríferas e sem dúvida dotadas de virtudes desconhecidas no homem comum, estavam pendurados no teto e desciam nos cantos da sala. De resto, não havia família nem criados, o homem de estatura elevada morava sozinho naquela casa.

Athos lançou um olhar frio e indiferente a todos os objetos que acabamos de descrever e, a convite do homem que vinha procurar, sentou-se junto dele.

Athos explicou-lhe o motivo da sua visita e o serviço que lhe reclamava mas, assim que expôs o seu pedido, o desconhecido, que ficara de pé diante do mosqueteiro, recuou de terror e recusou. Então Athos tirou do bolso um papelzinho em que estavam escritas duas linhas acompanhadas de uma assinatura e de um selo e apresentou-o àquele que tão prematuramente dava

estes sinais de repugnância. O homem alto leu estas duas linhas, viu a assinatura, reconheceu o selo e imediatamente se inclinou, em sinal de que já não tinha nenhuma objeção a fazer e que estava pronto para obedecer.

Era o que Athos queria, levantou-se, cumprimentou, saiu, tomou o caminho por que viera, entrou na estalagem e fechou-se no quarto. Ao nascer do dia, D'Artagnan entrou no quarto dele e perguntou-lhe o que ia fazer.

- Esperar - respondeu Athos.

Passados instantes, a superiora do convento mandou prevenir os mosqueteiros de que o enterro da vítima de Milady seria ao meio-dia. Quanto à envenenadora, não tinham tido notícias, devia ter fugido pelo jardim, pois tinham reconhecido as suas pegadas no jardim e tinham encontrado a porta fechada, a chave, desaparecera.

À hora indicada, lorde de Winter e os seus amigos dirigiram-se ao convento: os sinos repicavam, a capela estava aberta, a grade do coro fechada. No meio do coro, o corpo da vítima, com o seu hábito de noviça, estava exposto. De cada lado do coro e por trás das grades que davam para o convento, estava toda a comunidade das Carmelitas, escutando dali o ofício religioso e juntando o seu canto com o canto dos sacerdotes, sem ver os profanos e sem ser vista por eles.

À porta da capela, D'Artagnan sentiu que tornava a perder a coragem, virou-se à procura de Athos, mas este tinha desaparecido.

Fiel à sua missão de vingança, Athos mandara que o conduzissem ao jardim onde, na areia, seguindo os passos ligeiros daquela mulher que deixara um rastro de sangue por toda a parte onde passara, avançou até à porta que dava para o bosque, mandou abri-la e embrenhou-se na floresta.

Então todas as suas suspeitas se confirmaram. O caminho em que o carro desaparecera contornava a floresta. Athos seguiu o caminho durante algum tempo com os olhos postos no chão,

ligeiras manchas de sangue, provenientes de um ferimento causado no homem que acompanhava o carro como correio ou em um dos cavalos, marcavam o caminho. Cerca de três quartos de légua mais adiante, a cinquenta passos de Festubert, uma mancha de sangue maior aparecia, o solo tinha sido espezinhado pelos cavalos. Entre a floresta e este local denunciador, um pouco atrás da terra remexida, encontravam-se as mesmas pegadas que no jardim, o carro tinha parado.

Neste lugar, Milady saíra do bosque e entrara no carro.

Satisfeito com esta descoberta que confirmava todas as suas suspeitas, Athos voltou à estalagem e encontrou Planchet, que o esperava impacientemente.

Era como Athos previra. Planchet seguira a estrada, como Athos notara as manchas, como Athos reconhecera o lugar onde os cavalos tinham parado, mas fora um pouco mais longe que Athos, de modo que, na aldeia de Festubert, enquanto tomava um copo numa estalagem, e sem precisar fazer perguntas, soubera que na véspera, às oito e meia da noite, um homem ferido, que acompanhava uma dama que viajava numa sege da posta, fora obrigado a parar, não podendo ir mais longe. O acidente fora atribuído a ladrões que teriam detido a sege no bosque. O homem ficara na aldeia, a mulher trocara de cavalos e prosseguira o seu caminho.

Planchet pôs-se à procura do postilhão que conduzira a sege e

encontrou-o. Conduzira a dama até Fromelles, e de Fromelles ela partira para Armentières. Planchet tomou um atalho, e às sete da manhã estava em Armentières.

Só havia uma estalagem, que era a da Posta. Planchet apresentou-se como um criado à procura de emprego. Conversara dez minutos com a gente da estalagem e soube que uma mulher só chegara às onze da noite, pedira um quarto, mandara chamar o estalajadeiro e dissera-lhe que pretendia ficar algum tempo naquela região.

Planchet não precisava saber mais nada. Correu ao lugar marcado, encontrou os três lacaios no seu posto, colocou-os de sentinela a todas as portas da estalagem e encontrou com Athos, que acabava de receber as informações de Planchet quando os seus amigos entraram. Todos os rostos estavam sombrios e crispados, até o doce rosto de Aramis.

- Que fazer? - perguntou D'Artagnan.
- Esperar - respondeu Athos.

Cada um deles se retirou para o seu quarto.

Às oito da noite, Athos deu ordem para selar os cavalos e mandou avisar lorde de Winter e os seus amigos que deviam preparar-se para a expedição. Num instante os cinco estavam prontos. Cada um examinou e preparou as suas armas. Athos desceu à frente e encontrou D'Artagnan já a cavalo e impaciente.

- Paciência - disse Athos -, ainda falta uma pessoa.

Os quatro cavaleiros olharam em volta admirados pois, por mais que pensassem, não sabiam quem era a pessoa que podia faltar. Neste momento Planchet trouxe o cavalo de Athos e o mosqueteiro saltou com ligeireza para a sela.

- Esperem-me que já volto - disse ele. E partiu a galope.

Passado um quarto de hora voltou, acompanhado por um homem mascarado e embrulhado em uma grande capa vermelha.

Lorde de Winter e os três mosqueteiros interrogaram-se com o olhar. Nenhum deles pôde informar os outros, pois todos ignoravam quem era aquele homem. Contudo, pensaram que devia ser assim, pois fora Athos que o ordenara.

Às nove horas, guiado por Planchet, o pequeno cortejo pôs-se a caminho, tomando a estrada que o carro seguira. Que triste aspecto tinham estes homens correndo em silêncio e mergulhados nos seus pensamentos, soturnos como o desespero, sombrios como o castigo.

LXV - O JULGAMENTO

Era uma noite tempestuosa e sombria, grandes nuvens corriam no céu, velando a claridade das estrelas, a lua só devia despontar à meia-noite.

Por vezes, à luz de um relâmpago que brilhava no horizonte, via-se a estrada que se desenrolava branca e solitária, depois, quando o relâmpago desaparecia, tudo voltava às trevas.

A cada instante, Athos convidava D'Artagnan, sempre à cabeça do grupo, a voltar para o seu lugar, que passado um instante tornava a abandonar, só tinha um pensamento, avançar, e avançava.

Atravessaram em silêncio a aldeia de Festubert, onde ficara o criado ferido, depois ladearam o bosque de Richebourg, ao chegarem a Herlies, Planchet, que continuava a dirigir a coluna, virou à esquerda.

Várias vezes, tanto lorde de Winter como Porthos e Aramis tinham tentado dirigir a palavra ao homem da capa vermelha, mas a cada pergunta este inclinara-se sem responder. Então os viajantes compreenderam que havia alguma razão para que o desconhecido conservasse o silêncio e tinham deixado de lhe dirigir a palavra.

De resto a tempestade crescia, os relâmpagos sucediam-se rapidamente, o trovão começava a rosnar, e o vento, precursor do furacão, assobiava na planície, agitando as plumas dos cavaleiros.

O cortejo pôs-se a galope.

Um pouco além de Fromelles, a trovoada rebentou, desdobraram as capas, ainda faltavam três léguas, percorreram-nas sob torrentes de chuva.

D'Artagnan tirara o chapéu e não se cobrira com a capa, gostava de sentir escorrer a água na testa escaldante e no corpo agitado por arrepios de febre. No momento em que o grupo passara por Goskal e ia chegar à posta, um homem, abrigado debaixo de uma árvore, afastou-se do tronco com o qual ficara confundido no escuro e avançou até ao meio da estrada, pondo um dedo nos lábios.

Athos reconheceu Grimaud.

- Que há? - exclamou D'Artagnan. - Teria ela deixado Armentières?

Grimaud fez um sinal afirmativo com a cabeça. D'Artagnan rangeu os dentes.

- Silêncio, D'Artagnan! - disse Athos. - Fui eu que me encarreguei de tudo, e portanto sou eu que interrogo Grimaud.

- Onde está ela? - perguntou Athos. Grimaud estendeu a mão na direção do Lys.

- Longe daqui? - perguntou Athos.

Grimaud apresentou a Athos o indicador dobrado.

- Só? - perguntou Athos. Grimaud fez que sim.

- Meus senhores - disse Athos -, está sozinha a meia légua daqui na direção do rio.

- Está bem - disse D'Artagnan. - Conduza-nos, Grimaud.

Grimaud meteu-se através dos campos e serviu de guia ao cortejo. Cerca de quinhentos passos mais à frente encontraram um regato, que atravessaram a vau. À luz de um relâmpago, viram a aldeia de Erquinghem.

- É ali? - perguntou D'Artagnan.

Grimaud abanou a cabeça em sinal de negação.

- Silêncio! - disse Athos.

E o grupo continuou o seu caminho.

Outro relâmpago brilhou, Grimaud estendeu o braço e, à luz azulada da serpente de fogo, distinguiram uma casinha isolada, na margem do rio, a cem passos do barco. Uma janela estava iluminada.

- Aqui estamos - disse Athos.

Neste momento, um homem deitado no fosso ergueu-se, era Mosqueton, que apontou para a janela iluminada.

- Está ali - disse ele.

- E Bazin? - perguntou Athos.

- Enquanto eu guardava a floresta, ele guardava a porta.

Athos apeou do cavalo e entregou as rédeas a Grimaud, e avançou para a janela, depois de ter feito sinal ao resto do grupo para ir para o lado da porta.

A casinha era rodeada por uma sebe de dois ou três pés de altura. Athos transpôs a sebe, chegou à janela sem postigos mas com as cortinas bem corridas. Subiu o rebordo de pedra de modo a ficar com os olhos acima das cortinas.

À luz dum candeeiro, viu uma mulher embrulhada em uma capa escura sentada em um banquinho, perto de um lume quase apagado, tinha os cotovelos pousados numa mesa tosca e apoiava a cabeça nas mãos brancas como o marfim.

Não se podia distinguir o seu rosto, mas um sorriso sinistro passou nos lábios de Athos, não havia engano, era aquela que procurava. Neste momento um cavalo relinchou, Milady ergueu a cabeça, viu, colado à vidraça, o rosto pálido de Athos e deu um grito.

Athos compreendeu que tinha sido reconhecido, empurrou a janela com o joelho e a mão, a janela cedeu e os vidros partiram-se. E Athos, qual o espectro da vingança, saltou para dentro do quarto.

Milady correu para a porta e abriu-a, ainda mais pálido e ameaçador que Athos, D'Artagnan estava à soleira. Milady recuou dando um grito. D'Artagnan, julgando que ela tinha maneira de fugir e receando que lhes escapasse tirou a pistola do cinto, mas Athos ergueu a mão.

- Põe a arma no lugar, D'Artagnan - disse ele. - É importante que esta mulher seja julgada e não assassinada. Espere mais um instante, D'Artagnan, e ficará satisfeito. Entrem, meus senhores.

D'Artagnan obedeceu, pois Athos tinha a voz solene e o gesto poderoso de um juiz enviado pelo próprio Deus. Assim, atrás de D'Artagnan, entraram Porthos, Aramis, lorde de Winter e o homem da capa vermelha.

Os quatro criados guardavam a porta e a janela.

Milady tinha caído na cadeira com as mãos estendidas, como para esconjurar esta terrível aparição, ao ver o cunhado, deu um grito terrível.

- Quem procura? - exclamou Milady.

- Procuramos - disse Athos - Charlotte Backson, que primeiro se chamou condessa de La Fere, depois lady de Winter, baronesa de Scheffield.

- Sou eu, sou eu! - murmurou ela no auge do terror. - Que querem de mim?

- Queremos julgá-la pelos seus crimes - disse Athos. - Poderá se defender, justificar-se se puder. Sr. D'Artagnan, acuse primeiro.

D'Artagnan avançou.

- Diante de Deus e dos homens - disse ele -, acuso esta mulher de ter assassinado Constance Bonacieux, falecida ontem à noite.

Virou-se para Porthos e Aramis.

- Nós confirmamos - disseram com um único movimento os dois mosqueteiros.

D'Artagnan continuou:

- Diante de Deus e dos homens, acuso esta mulher de ter tentado me envenenar, com o vinho que me enviara de Villeroy, acompanhado de uma carta

falsa, como se o vinho proviesse dos meus amigos, Deus me salvou, mas no meu lugar morreu um homem chamado Brisemont.

- Confirmamos - disseram em uníssono Porthos e Aramis.

- Diante de Deus e dos homens, acuso esta mulher de ter me levado a assassinar o barão de Wardes e, como não está aqui ninguém para confirmar esta acusação, eu confirmo. Tenho dito.

E D'Artagnan foi para o outro canto da sala com Porthos e Aramis.

- O senhor, Milorde! - disse Athos. O barão aproximou-se por sua vez.

- Diante de Deus e dos homens - disse ele -, acuso esta mulher de ter mandado assassinar o duque de Buckingham.
- O duque de Buckingham assassinado? - disseram com um grito todos os assistentes.
- Sim - disse o barão -, assassinado! Graças à carta de advertência que me tinham escrito, eu mandara prender esta mulher e confiara a sua guarda a um leal servidor, ela corrompeu esse homem, colocou-lhe o punhal na mão, o fez matar o duque, e talvez neste momento Felton esteja pagando com a própria vida o crime desta fúria.

Um arrepio correu entre os juizes ao ouvirem a revelação dos crimes ainda desconhecidos.

- Não é tudo - continuou lorde de Winter. - Meu irmão, que a fez sua herdeira, morreu em três horas de uma estranha doença que deixa manchas lívidas por todo o corpo. Minha irmã, como morreu seu marido?

- Que horror! - exclamaram Porthos e Aramis.
- Assassina de Buckingham, assassina de Felton, assassina de meu irmão, peço justiça contra ela e declaro que, se não a fizerem, eu a farei.

E lorde de Winter foi pôr-se ao lado de D'Artagnan, cedendo o lugar a outro acusador. Milady enterrou o rosto nas mãos e tentou esclarecer as suas idéias confundidas por uma vertigem mortal.

- É a minha vez - disse Athos, também tremendo como o leão treme ao ver a serpente -, é a minha vez. Eu me casei com esta mulher quando ela era uma jovem, me casei com ela contra a vontade da minha família inteira, dei-lhe o que tinha, dei-lhe o meu nome e um dia percebi que esta mulher estava marcada com uma flor-de-lis no ombro esquerdo.

- Oh! - disse Milady, erguendo-se. - Desafio-lhe a encontrar o tribunal que pronunciou essa sentença infame contra mim. Desafio-lhe a encontrar aquele que a executou.

- Silêncio - disse uma voz. - Sou eu que respondo!

E o homem da capa vermelha aproximou-se por sua vez.

- Quem é este homem? Quem é este homem? - exclamou Milady, sufocada de terror, os seus cabelos soltaram-se e eriçaram-se na cabeça lívida como se estivessem vivos.

Todos os olhares se voltaram para este homem, pois era desconhecido para todos, exceto para Athos. Mesmo assim, Athos fitava-o com tanta estupefação como os outros, pois ignorava como é que ele podia estar implicado no horrível drama que nesse momento se desenrolava.

Depois de ter se aproximado de Milady, com passo lento e solene, de modo

que só a mesa o separasse dela, o desconhecido tirou a máscara.

Milady fitou durante algum tempo com um terror crescente este rosto pálido, emoldurado por cabelos e suíças negros, cuja única expressão era uma impassibilidade glacial, depois de repente:

- Oh, não, não! - disse ela, levantando-se e recuando até à parede. - Não, não! É uma aparição infernal! Não é ele! A mim, a mim! - exclamou com voz rouca, virando-se para a parede como se pudesse abrir uma passagem com as mãos.

- Mas quem é o senhor? - exclamaram todas as testemunhas desta cena.

- Perguntem a esta mulher - disse o homem da capa vermelha -, pois, como veem, ela me reconheceu.

- O carrasco de Lille, o carrasco de Lille! - exclamou Milady, entregue a um terror insane e fincando as mãos na parede para não cair. Todos se afastaram, e o homem da capa vermelha ficou só no meio da sala.

- Oh, piedade, piedade! Perdão! - exclamou a miserável, caindo de joelhos. O desconhecido deixou o silêncio se restabelecer.

- Eu bem dizia que ela tinha me reconhecido! - tornou ele. - Sim, sou o carrasco de Lille, e eis a minha história.

Todos os olhos estavam pregados neste homem, cujas palavras eram aguardadas com ávida ansiedade.

- Esta jovem dama era antigamente uma garota tão bela como hoje. Era religiosa no convento das Beneditinas de Templemar. Um jovem padre de coração simples e crédulo oficiava na igreja desse convento, ela resolveu seduzi-lo. Teria seduzido um santo.

“Os votos de ambos eram sagrados, irrevogáveis, a sua ligação não podia durar muito sem perde-los. Ela conseguiu convencê-lo a abandonarem aquela terra, mas, para isso, para fugirem juntos, para alcançarem outra parte da França onde pudessem viver tranquilos por serem desconhecidos, era preciso dinheiro, nem um nem o outro tinham dinheiro. O padre roubou os vasos sagrados e vendeu-os, mas, quando se preparavam para fugir juntos, foram presos.”

“Oito dias depois, ela tinha seduzido o filho do carcereiro e tinha fugido. O jovem padre foi condenado a dez anos de prisão e a ser marcado. Eu era o carrasco da cidade de Lille, como diz esta mulher. Fui obrigado a marcar o culpado, e o culpado, meus senhores, era meu irmão!

“Então jurei que essa mulher que o tinha perdido, que era mais do que a sua cúmplice pois o tinha levado ao crime, ao menos partilharia o seu castigo. Suspeitei do lugar onde estava escondida, persegui-a, encontrei-a, amarrei-a e imprimi-lhe a mesma marca que tinha imprimido a meu irmão.”

“Um dia depois de eu regressar a Lille, meu irmão conseguiu escapar por sua vez, e eu fui acusado de cumplicidade e

condenado a ficar na cadeia no lugar dele enquanto não se encontrasse o prisioneiro. Meu pobre irmão ignorava esta sentença, tinha alcançado aquela mulher e tinham fugido juntos para o Berry, onde ele obtivera uma pequena paróquia. A mulher passava por sua irmã.”

“O senhor das terras em que estava situada a igreja viu esta pretensa irmã e enamorou-se dela a ponto de lhe propor casamento. Então ela trocou o homem que tinha perdido por aquele que devia perder e tornou-se condessa de La Fere...”

Todos os olhos se voltaram para Athos, pois era esse o seu verdadeiro nome, e ele fez sinal que tudo o que o carrasco tinha dito era verdade.

- Então - continuou este -, louco, desesperado, decidindo desembaraçar-se de uma existência à qual ela tinha roubado tudo, honra e felicidade, meu pobre irmão voltou a Lille e, ao saber da sentença que me condenara no lugar dele, constituiu-se prisioneiro e enforcou-se no respiradouro da sua cela. De resto, há que fazer-lhes justiça, os que me tinham condenado cumpriram a sua palavra. Assim que constataram a identidade do cadáver, devolveram-me a liberdade. Eis o crime de que eu a acuso, eis a razão por que a marqueei.

- Sr. D'Artagnan - disse Athos -, qual é a pena que reclama para esta mulher?

- A pena de morte - respondeu D'Artagnan.

- Milorde de Winter - continuou Athos -, qual é a pena que reclama para esta mulher?

- A pena de morte - retorquiu lorde de Winter.

- Senhores Porthos e Aramis - continuou Athos -, os senhores que são os seus juízes, que pena aplicam a esta mulher?

- A pena de morte - responderam com voz surda os dois mosqueteiros.

Milady soltou um grito horrível e deu alguns passos na direção dos seus juízes, arrastando-se de joelhos. Athos estendeu a mão para ela.

- Anne de Breuil, condessa de La Fere, milady de Winter - disse ele -, os seus crimes cansaram os homens na Terra e Deus no Céu. Se sabe alguma oração, faça-a, pois foi condenada e vai morrer.

Ao ouvir estas palavras que não lhe permitiam nenhuma esperança, Milady ergueu-se o mais que pôde, quis falar, mas não teve forças, sentiu que uma mão poderosa e implacável a agarrava pelos cabelos e a arrastava tão irrevogavelmente como a fatalidade arrasta o homem, nem sequer tentou oferecer resistência, e saiu da choupana.

Lorde de Winter, D'Artagnan, Athos, Porthos e Aramis saíram atrás dela. Os criados seguiram os seus amos, e a sala ficou

solitária com a sua janela partida, a sua porta aberta e o seu candeeiro enegrecido que ardia tristemente em cima da mesa.

LXVI - A EXECUÇÃO

Era quase meia-noite, a Lua, afilada em minguante e ensanguentada pelos últimos vestígios da tempestade, despontava atrás da pequena cidade de Armentières, que destacava na sua claridade lívida a silhueta escura das suas casas e o esqueleto do seu alto campanário recortado a contra luz. À frente, o Lys rolava as suas águas semelhantes a um rio de estanho fundido, enquanto na outra margem se via a massa negra das árvores perfilar-se em um céu tempestuoso invadido por grandes nuvens acobreadas que formavam uma espécie de crepúsculo no seio da noite. À esquerda erguia-se um velho moinho abandonado, de asas imóveis, nas ruínas do qual uma coruja fazia ouvir o seu grito agudo, periódico e monótono. Aqui e ali na planície, à direita e à esquerda do caminho que o lúgubre cortejo seguia, surgiam algumas árvores baixas e entroncadas que pareciam anões disformes acocorados à espreita dos homens àquela hora sinistra.

De tempos em tempos, um grande relâmpago rasgava o horizonte de ponta a ponta, serpenteava por sobre a massa negra das árvores e vinha cortar o céu e a água em duas partes como uma horrível cimitarra. Nem uma aragem passava na atmosfera pesada. Um silêncio de morte esmagava toda a natureza, o solo estava úmido e escorregadio por causa da chuva que acabava de cair, e as ervas reanimadas emanavam o seu odor com mais energia.

Dois criados seguravam o braço de Milady e arrastavam-na, o carrasco ia atrás, lorde de Winter, D'Artagnan, Athos, Porthos e Aramis caminhavam atrás do carrasco. Planchet e Bazin eram os últimos da fila. Os dois criados conduziam Milady para o rio. Ia muda mas os seus olhos falavam com a sua inexprimível eloquência, suplicando a cada um que fitava. Como ia alguns passos à frente, disse aos criados:

- Mil pistolas para cada um se protegerem a minha fuga. Mas, se me entregarem aos seus amos, tenho aqui perto uns vingadores que lhes farão pagar caro a minha morte.

Grimaud hesitava. Mousqueton estava tremendo.

Athos, que ouvira a voz de Milady, aproximou-se rapidamente, e lorde de Winter fez o mesmo.

- Mandem embora estes criados - disse ele -, ela lhes falou e já não são seguros.

Chamaram Planchet e Bazin, que tomaram o lugar de Grimaud e de Mousqueton. Ao chegarem à beira d'água, o carrasco aproximou-se de Milady e amarrou-lhe os pés e as mãos.

Então ela rasgou o silêncio para gritar:

- Vocês são uns covardes, são uns miseráveis assassinos. Juntam-se dez para degolar uma mulher. Tomem cuidado, se não for socorrida, serei vingada.

- Você não é uma mulher - disse friamente Athos -, não pertence à espécie humana, é um demônio que escapou do inferno e que nós vamos devolver ao lugar de onde veio.

- Ah, senhores virtuosos! - disse Milady. - Prestem atenção, pois aquele que tocar num cabelo da minha cabeça será por sua vez um assassino.

- O carrasco pode matar sem ser um assassino, minha senhora - disse o homem da capa vermelha, batendo na sua espada. - É o último juiz e nada mais: Nachrichter, como dizem os nossos vizinhos alemães.

E, como a amarrava enquanto dizia estas palavras, Milady deu dois ou três gritos selváticos, que produziram um efeito sombrio e estranho, voando na noite e perdendo-se nas profundezas do bosque.

- Mas se eu sou culpada, se cometi os crimes de que me acusam - gritava Milady -, conduzam-me diante de um tribunal, vocês não sois juizes para me condenar.

- Eu tinha lhe proposto Tyburn - disse lorde de Winter -, por que não quis?

- Porque não quero morrer! - exclamou Milady, debatendo-se. - Porque sou muito nova para morrer!

- A mulher que envenenou em Béthune era ainda mais jovem que você, minha senhora, e contudo está morta - disse D'Artagnan.

- Entrarei para um convento, me tornarei religiosa - disse Milady.

- Estava em um convento - disse o carrasco -, e saiu para perder meu

irmão.

Milady deu um grito de pavor e caiu de joelhos. O carrasco levantou-a e

quis levá-la para o barco.

- Oh, meu Deus! - exclamou ela. - Meu Deus! Vai me afogar!

Estes gritos tinham algo de tão dilacerante que D'Artagnan, que a princípio era o mais encarniçado na perseguição de Milady, se foi sentar em cima de um tronco e inclinou a cabeça, tapando os ouvidos com as mãos. Porém, apesar disso, ainda ouvia ameaçar e gritar.

D'Artagnan era o mais novo de todos e faltou-lhe a coragem.

- Oh, não posso ver este horrível espetáculo! Não posso consentir que esta mulher morra assim!

Milady ouvira estas palavras e agarrara-se a uma luzinha de esperança.

- D'Artagnan, D'Artagnan! - gritou ela. - Lembre-se de que eu te amei!

O rapaz levantou-se e deu um passo na direção dela. Mas, bruscamente, Athos tirou a espada e atravessou-se no caminho.

- Se der mais um passo, D'Artagnan - disse ele -, cruzaremos as espadas. D'Artagnan caiu de joelhos e orou.

- Vamos - continuou Athos -, cumpra o seu dever, carrasco.

- De bom grado, Monsenhor - disse o carrasco -, pois, se é certo que sou um bom católico, creio firmemente que sou justo ao cumprir a minha missão com esta mulher.

- Está bem.

Athos deu um passo na direção de Milady.

- Eu perdoo - disse ele - o mal que me fez, perdoo o meu futuro desfeito, o meu amor maculado e a minha salvação comprometida para sempre pelo desespero em que me lançou. Morra em paz.

Lorde de Winter avançou por sua vez.

- Eu perdoo - disse ele - o envenenamento de meu irmão, o assassinio de Sua Graça lorde Buckingham, perdoo a morte do pobre Felton, perdoo as suas tentativas com a minha pessoa. Morra em paz.

- E eu - disse D'Artagnan -, perdoe-me, minha senhora, por ter provocado a sua cólera com uma astúcia indigna de um gentil-homem e, em troca, eu perdoo o assassinio da minha pobre amiga e as suas vinganças cruéis para mim, perdoo e choro por você. Morra em paz.

- I am lost! - murmurou em inglês Milady. - I must die.

Então levantou-se sozinha, lançou em seu redor um daqueles olhares claros que pareciam brotar de um olho de chamas. Não viu nada. Escutou e não ouviu nada. À sua volta só tinha inimigos.

- Onde vou morrer? - perguntou.

- Na outra margem - respondeu o carrasco.

Então a fez entrar no barco e, quando ia pôr o pé lá dentro, Athos entregou-lhe uma quantia de dinheiro.

- Eis o preço da execução - disse ele -, e que se veja que agimos como juízes.

- Está bem - disse o carrasco -, e que agora, por sua vez, esta mulher saiba

que não faço o meu ofício, mas cumpro o meu dever.

E atirou o dinheiro no rio.

O barco se afastou para a margem esquerda do Lys, levando a culpada e o executor, todos os outros ficaram na margem direita, onde tinham caído de joelhos. O barco deslizava lentamente ao longo da corda, sob o reflexo de uma nuvem pálida que naquele momento passava sobre a água. Viram-no chegar à outra margem, os personagens desenhavam-se a negro no horizonte avermelhado.

Durante o trajeto, Milady conseguira soltar a corda que lhe amarrava os pés, ao chegar à outra margem, saltou ligeira e desatou a fugir. Mas o solo estava úmido, ao chegar ao alto do talude, escorregou e caiu.

Teve certamente uma idéia supersticiosa, compreendeu que o Céu lhe recusava o seu socorro e ficou na atitude em que estava, de cabeça inclinada e mãos juntas. Então, da margem, viram o carrasco erguer lentamente os braços, um raio de luar refletiu-se na lâmina da sua larga espada, os dois braços caíram, ouviu-se o assobio da cimitarra e o grito da vítima, depois uma massa truncada abateu-se sob o golpe.

Então o carrasco soltou a sua capa vermelha e estendeu-a no chão, deitou o corpo em cima da capa e atirou a cabeça para o lado do corpo, atou as quatro pontas e voltou ao barco. Ao

chegar no meio do Lys, parou o barco e suspendeu o seu fardo sobre o rio:

- Deixe passar a justiça de Deus! - gritou bem alto.

E deixou cair o cadáver no fundo da água, que se fechou sobre ele.

Três dias depois os quatro mosqueteiros voltaram a Paris, estavam nos limites da sua folga, e na mesma noite foram fazer a sua visita habitual ao Sr. de Tréville.

- Então, meus senhores - perguntou-lhes o bravo capitão -, divertiram-se muito na sua excursão?

- Prodigiosamente - respondeu Athos, cerrando os dentes.

LXVII - CONCLUSÃO

No dia 6 do mês seguinte, o rei, mantendo a promessa que fizera ao cardeal de deixar Paris e voltar a La Rochelle, saiu da capital, ainda aturdido com a notícia que ali acabava de se espalhar do recente assassinio de Buckingham.

Embora prevenida de que o homem que tanto amara corria perigo, a rainha, quando lhe anunciaram esta morte, não quis acreditar, chegou até a gritar imprudentemente:

- É mentira! Ele acaba de me escrever.

Mas, no dia seguinte, teve de acreditar na fatal notícia, La Porte, retido na Inglaterra como todos por ordem do rei Carlos I, chegou com o último e fúnebre presente que Buckingham enviava à rainha.

Grande fora a alegria do rei, não se deu ao trabalho de dissimula-la e até a exibiu diante da rainha. Como todos os corações fracos, Luís XIII era pouco generoso. Mas, em breve, o rei ficou sombrio e indisposto, a sua fronte não era das que se desanuviam por muito tempo, sentia que, ao voltar ao acampamento, ia retomar a sua escravidão, e contudo voltava.

O cardeal era para ele a serpente fascinante e ele era a ave que esvoaça de ramo em ramo sem conseguir escapar. Assim, o regresso a La Rochelle era profundamente triste.

Os nossos quatro amigos, sobretudo, eram um motivo de espanto para os seus camaradas, viajavam juntos, lado a lado, de olhar sombrio e cabeça baixa. Só Athos erguia de vez em quando a ampla fronte, um lampejo brilhava-lhe nos olhos, um sorriso amargo passava-lhe pelos lábios, depois, como os seus camaradas, voltava a mergulhar nas suas divagações.

Logo que a escolta chegou a uma cidade e que conduziram o rei às suas acomodações, os quatro amigos retiravam-se ou para os seus aposentos ou para alguma taberna afastada,

onde não jogavam nem bebiam, apenas falavam em voz baixa, verificando com atenção se ninguém os escutava.

Um dia em que o rei fizera uma parada na estrada para “volar la pie” e que os quatro amigos, como de costume, em vez de seguirem a caçada, tinham parado em uma taberna na estrada, um homem, vindo de La Rochelle a toda a brida, parou à porta para tomar um copo de vinho e mergulhou o olhar no interior da sala onde os quatro mosqueteiros estavam sentados a uma mesa.

- Olá, Sr. D'Artagnan! - disse ele. - Não é você que vejo ali?

D'Artagnan ergueu a cabeça e deu um grito de alegria. Este homem, a quem chamava o seu fantasma, era o seu desconhecido de Meung, da Rua dos Fossoyeurs e de Arras.

D'Artagnan puxou da espada e correu à porta. Mas agora, em vez de fugir, o desconhecido apeou do cavalo e avançou ao encontro de D'Artagnan.

- Ah, senhor! - disse o rapaz. - Finalmente o encontro, desta vez não me escapará.

- Também não tenho essa intenção, senhor, pois desta vez estava à sua procura. Em nome do rei, está preso e tem de me entregar a sua espada, senhor, sem resistência. Aviso que está em jogo a sua vida.

- Quem é o senhor? - perguntou D'Artagnan, baixando a espada mas sem a entregar.

- Sou o cavaleiro de Rochefort - respondeu o desconhecido -, escudeiro do Sr. Cardeal de Richelieu, e tenho ordens de levá-lo a Sua Eminência.

- Nós vamos ter com Sua Eminência, Sr. Cavaleiro - disse Athos, avançando -, e o senhor aceitará a palavra do Sr. D'Artagnan, que vai direito a La Rochelle.

- Devo colocá-lo nas mãos dos guardas que o conduzirão ao acampamento.

- Nós lhe servimos de guardas, senhor, palavra de gentil-homens. Mas também, palavra de gentil-homens - acrescentou Athos, franzindo o sobrolho -, o Sr. D'Artagnan não nos deixará.

O cavaleiro de Rochefort olhou para trás e viu que Porthos e Aramis tinham se colocado entre ele e a porta, compreendeu que estava à inteira disposição dos quatro homens.

- Meus senhores - disse ele -, se o Sr. D'Artagnan quiser me entregar a sua espada e juntar a sua palavra à dos senhores, me contentarei com a sua palavra de que conduzirão o Sr. D'Artagnan ao quartel do Sr. Cardeal.

- Dou-lhe a minha palavra, senhor - disse D'Artagnan -, e aqui está a minha

espada.

- Ainda bem - acrescentou Rochefort -, pois tenho de prosseguir viagem.

- Se é para ir encontrar Milady - disse friamente Athos -, não vale a pena, pois não a encontrará.
- Que lhe aconteceu? - perguntou vivamente Rochefort.
- Volte ao acampamento e saberá.

Rochefort ficou pensativo por um instante, depois, como estava apenas a meio dia de Surgères, onde o cardeal devia vir ao encontro do rei, resolveu seguir o conselho de Athos e regressar com eles.

Aliás, este regresso oferecia-lhe uma vantagem: vigiar pessoalmente o seu prisioneiro. Puseram-se a caminho.

No dia seguinte, às três da tarde, chegaram a Surgères. O cardeal esperava Luís XIII. O ministro e o rei trocaram cumprimentos afetuosos, congratularam-se pelo feliz acaso que livrara a França do inimigo encarniçado que amotinava a Europa contra ela. Depois, o cardeal, que fora prevenido por Rochefort de que D'Artagnan tinha sido preso, e que tinha pressa de voltar a vê-lo, despediu-se do rei, convidando-o para ir visitar no dia seguinte as obras do dique, que estavam concluídas.

Ao voltar à noite ao seu quartel da ponte de La Pierre, o cardeal encontrou de pé, à porta da casa que habitava, D'Artagnan sem espada e os três mosqueteiros armados. Desta vez, como se sentia forte, fitou-os severamente e fez sinal a D'Artagnan que o seguisse.

D'Artagnan obedeceu.

- Nós o esperamos, D'Artagnan - disse Athos para o cardeal ouvir.

Sua Eminência franziu o sobrolho, parou um instante, depois continuou a andar sem pronunciar uma palavra. D'Artagnan entrou atrás do cardeal, e Rochefort atrás de D'Artagnan, a porta ficou guardada.

Sua Eminência dirigiu-se ao quarto que lhe servia de gabinete, e fez sinal a Rochefort que mandasse entrar o jovem mosqueteiro. Rochefort obedeceu e retirou-se.

D'Artagnan ficou só diante do cardeal, era a sua segunda entrevista com Richelieu, e mais tarde confessou que estava convencido de que seria a última. Richelieu ficou de pé, encostado à lareira, separado de D'Artagnan por uma mesa.

- Senhor - disse o cardeal -, foi preso por minha ordem.

- Assim me disseram, Monsenhor.

- Sabe porquê?

- Não, Monsenhor, pois a única coisa pela qual poderia ser preso ainda é desconhecida para Sua Eminência.

Richelieu olhou fixamente para o rapaz.

- Oh! Oh! - disse ele. - Que isto quer dizer?

- Se Monsenhor se dignar a dizer primeiro os crimes que me imputam, depois lhe direi os fatos que realizei.

- Imputam-lhe crimes que fizeram cair cabeças mais altas que a sua, senhor! - disse o cardeal.

- Quais, senhor? - disse D'Artagnan com uma calma que admirou o próprio cardeal.

- Imputam-lhe o fato de ter se correspondido com os inimigos do reino, de

ter surpreendido os segredos do Estado, de ter tentado abortar os planos do seu general.

- E quem me imputa, Monsenhor? - disse D'Artagnan, que desconfiava que a acusação fora feita por Milady. - Uma mulher marcada pela justiça do país, uma mulher que se casou com um homem na França e com outro na Inglaterra, uma mulher que envenenou o segundo marido e que tentou me envenenar!

- Que está dizendo, senhor? - exclamou o cardeal espantado. - E que mulher é essa?

- Milady de Winter - respondeu D'Artagnan. - Sim, Milady de Winter, cujos crimes Sua Eminência ignorava certamente quando ela conquistou a sua confiança.

- Senhor - disse o cardeal -, se Milady cometeu os crimes que diz, será castigada.

- Já foi, Monsenhor.

- E quem a castigou?
- Nós.
- Está na prisão?
- Está morta.
- Morta! - repetiu o cardeal, que não podia acreditar no que ouvia. - Morta!

Disse que está morta?

- Tentou me matar três vezes e eu a perdoei, mas matou a mulher que eu amava. Então, os meus amigos e eu a apanhamos, julgamos e condenamos.

Então D'Artagnan contou o envenenamento da Sra Bonacieux no convento das Carmelitas de Béthune, o julgamento da casa isolada e a execução nas margens do Lys.

Um arrepio percorreu o corpo do cardeal, que contudo não se arrepiava facilmente. Mas de repente, como se sofresse a influência de um pensamento mudo, a fisionomia do cardeal, até então sombria, desanuviou-se pouco a pouco e chegou à mais perfeita serenidade.

- Então - disse ele com uma voz cuja doçura contrastava com a severidade das suas palavras -, os senhores se constituíram juizes sem pensar que os que não têm a missão de punir e punem são assassinos!

- Monsenhor, juro que nem por um instante tive a intenção de me defender do senhor. Suportarei o castigo que Vossa Eminência quiser me infligir. Não tenho grande apego à vida para recear a morte.

- Sim, eu sei, é um homem de coragem, senhor - disse o cardeal com voz quase afetuosamente. - Posso, pois, dizer-lhe desde já que será julgado e até condenado.

- Um outro poderia responder a Vossa Eminência que tem o seu perdão no bolso, eu contento-me em dizer: Ordene, Monsenhor, estou pronto.

- O seu perdão? - disse Richelieu surpreendido.

- Sim, Monsenhor - disse D'Artagnan.

- E assinado por quem? Pelo rei?

E o cardeal pronunciou estas palavras com uma singular expressão de desprezo.

- Não, por Vossa Eminência.

- Por mim? Está louco, senhor?

- Monsenhor certamente reconhecerá a sua letra.

E D'Artagnan apresentou ao cardeal o precioso papel que Athos arrancara de Milady e que dera a D'Artagnan para lhe servir de salvaguarda. Sua Eminência pegou o papel e leu com voz lenta e martelando as sílabas:

Foi por minha ordem e para bem do Estado que o portador desta carta fez o que fez.

No acampamento diante de La Rochelle, 5 de Agosto de 1628.
RICHELIEU.

Depois de ler estas duas linhas, o cardeal mergulhou numa divagação profunda, mas não entregou o papel a D'Artagnan.

“Pensa no gênero de suplício que me matará”, pensou D'Artagnan. “Pois bem! Palavra que verá como morre um gentil-homem!”

O jovem mosqueteiro estava muito disposto a morrer heroicamente.

Richelieu continuava a pensar, enrolando e desenrolando o papel nas mãos. Por fim ergueu a cabeça, pôs o seu olhar de águia nesta fisionomia leal, aberta, inteligente, leu naquele rosto sulcado de lágrimas todos os sofrimentos que suportara há um mês e pensou pela terceira ou quarta vez como aquela criança de vinte e um anos tinha futuro e que recursos a sua atividade, a sua coragem e o seu espírito podiam oferecer a um bom senhor.

Por outro lado, os crimes, o poder, o gênio infernal de Milady mais de uma vez o tinham apavorado. Sentia como que uma alegria secreta por ter se desembaraçado para sempre daquele

cúmplice tão perigoso. Rasgou lentamente o papel que tão generosamente lhe tinha entregado D'Artagnan.

- Estou perdido - pensou D'Artagnan.

E inclinou-se profundamente diante do cardeal como quem diz: “Faça-se a sua vontade, senhor!”

O cardeal se aproximou da mesa e, sem se sentar, escreveu algumas palavras em um pergaminho que já tinha dois terços preenchidos e imprimiu-lhe o seu selo.

“Isto é a minha condenação”, disse D'Artagnan, “ele me poupa o sofrimento da Bastilha e a demora de um julgamento. É muito amável da parte dele.”

- Aqui está, senhor - disse o cardeal ao jovem -, recebi uma assinatura em branco e dou-lhe outra. Falta-lhe o nome, o senhor mesmo o escreverá.

D'Artagnan, hesitante, pegou o papel e lançou-lhe os olhos. Era uma tenência nos mosqueteiros. D'Artagnan caiu aos pés do cardeal.

- Monsenhor - disse ele -, a minha vida está nas suas mãos, pode dispor dela daqui em diante, mas não mereço o favor que me concede. Tenho três amigos mais merecedores e mais dignos...

- Você é um valente rapaz, D'Artagnan - interrompeu o cardeal, dando-lhe uma palmadinha no ombro, encantado por ter vencido aquela natureza rebelde. - Faça dessa carta o que

quiser. Lembre-se apenas que, embora o nome esteja em branco, é a você que eu a dou.

- Nunca esquecerei - respondeu D'Artagnan -, Vossa Eminência pode estar certa.

O cardeal voltou-se e disse em voz alta:

- Rochefort!

O cavaleiro, que devia estar atrás da porta, entrou logo.

- Rochefort - disse o cardeal -, vê o Sr. D'Artagnan, recebo-o entre os meus amigos, portanto abracem-se e portem-se bem se têm amor à vida.

Rochefort e D'Artagnan abraçaram-se, mas o cardeal observava-os vigilante. Saíram ao mesmo tempo.

- Voltaremos a nos ver, não é, senhor?

- Quando quiser - disse D'Artagnan.

- Há de surgir ocasião - respondeu Rochefort.

- Hã? - perguntou Richelieu, abrindo a porta.

Os dois homens sorriram, apertaram a mão um ao outro e cumprimentaram Sua Eminência.

- Estávamos ficando impacientes - disse Athos.

- Aqui estou eu, meus amigos! - respondeu D'Artagnan. -
Não só livre mas também em favor!

- Que história é essa?

- Até logo à noite.

Com efeito, nessa mesma noite, D'Artagnan foi aos aposentos de Athos, que encontrou esvaziando uma garrafa de vinho espanhol, ocupação a que se dedicava religiosamente todas as noites. Contou-lhe o que se passara entre o cardeal e ele e, tirando a carta do bolso:

- Aqui está, meu caro Athos - disse -, naturalmente é sua.
Athos sorriu com o seu sorriso doce e encantador.

- Amigo - disse ele -, para Athos é demais, para o conde de La Fere é muito pouco. Guarde essa carta, que é sua.
Infelizmente, meu Deus, custou-lhe muito caro!

D'Artagnan saiu do quarto de Athos e entrou no de Porthos. Encontrou-o envergando uma magnífica casaca, coberta de esplêndidos bordados, e mirando-se no espelho.

- Ah, ah! - disse Porthos. - É você, caro amigo. Que tal me fica esta roupa?

- Muito bem - disse D'Artagnan -, mas eu venho propor-lhe uma casaca que ainda lhe ficará melhor.

- Qual? - perguntou Porthos.

- A de tenente dos mosqueteiros.

D'Artagnan contou a Porthos a sua entrevista com o cardeal e, tirando a carta do bolso:

- Aqui está, meu caro - disse -, escreva o seu nome e seja bom chefe para mim.

Porthos passou os olhos pela carta e devolveu-a a D'Artagnan, para seu grande espanto.

- Sim - disse ele -, seria uma grande lisonja para mim, mas não tenho muito tempo para gozar esse favor. Durante a nossa expedição a Béthune, o marido da minha duquesa morreu, de modo que, como o cofre do defunto me estende os braços, caso-me com a viúva. Veja, estava provando a casaca para o casamento, fique com a tenência, meu caro.

E entregou a carta a D'Artagnan.

O rapaz entrou no quarto de Aramis.

Encontrou-o ajoelhado diante de um oratório, com a fronte apoiada em um livro de Horas aberto. Contou-lhe a sua entrevista com o cardeal e tirando pela terceira vez a carta do bolso:

- Você, nosso amigo, nossa luz, nosso protetor invisível - disse ele -, aceite esta carta, você a mereceu mais do que

ninguém pela sua sabedoria e pelos seus conselhos sempre seguidos de resultados tão felizes.

- Infelizmente, meu caro - disse Aramis -, as nossas últimas aventuras desgostaram-me muito da vida de espadachim. Desta vez tomei uma decisão irrevogável: depois do cerco, entro para os Lazaristas. Guarde essa carta, D'Artagnan, o ofício das armas convém-lhe, será um bravo e aventureiro capitão.

D'Artagnan, com os olhos úmidos de gratidão e brilhantes de alegria, voltou ao quarto de Athos, que encontrou ainda sentado à mesa mirando seu último copo de Májaga à luz de um candeeiro.

- Pois bem - disse ele -, eles também recusaram.

- É que, caro amigo, ninguém era mais digno que você.

Pegou uma pena, escreveu o nome de D'Artagnan na carta e entregou-a.

- Não terei mais amigos - disse o jovem. - Mais nada, só recordações amargas...

E deixou cair a cabeça nas mãos, enquanto duas lágrimas lhe corriam pelo rosto abaixo.

- Você é jovem - respondeu Athos -, e as suas recordações amargas têm tempo de se transformar em doces recordações.

EPÍLOGO

La Rochelle, privada do socorro da frota inglesa e da divisão prometida por Buckingham, rendeu-se após um ano de cerco. A 28 de Outubro de 1628, assinou-se a capitulação.

O rei entrou em Paris a 23 de Dezembro do mesmo ano. Receberam-no triunfalmente como se acabasse de vencer o inimigo e não alguns franceses. Entrou pelo bairro de Saint-Jacques sob arcadas de verdura.

D'Artagnan tomou posse do seu cargo. Porthos abandonou o serviço e casou-se, no ano seguinte, com a Sra Coquenard, o tão cobiçado cofre continha oitocentas mil libras.

Mosqueton recebeu uma magnífica libré e também a satisfação, que toda a vida ambicionara, de montar atrás de uma carruagem dourada.

Aramis, após uma viagem na Lorena, desapareceu de repente e deixou de escrever aos amigos. Soube-se mais tarde, por intermédio da Sra de Chevreuse, que o disse a dois ou três dos seus amantes, que tomara o hábito em um convento de Nancy.

Bazin fez-se frade laico.

Athos ficou mosqueteiro sob as ordens de D'Artagnan até 1633, data em que, depois de uma viagem que fez em Touraine, também deixou o serviço alegando que acabava de receber uma pequena herança em Roussillon.

Grimaud seguiu Athos.

D'Artagnan bateu-se três vezes com Rochefort e três vezes o feriu.

- À quarta é provável que o mate - disse-lhe ele, estendendo-lhe a mão para ajudá-lo a levantar-se.
- Portanto, o melhor para você e para mim é ficarmos por aqui - respondeu o ferido. Puxa! Sou mais seu amigo que pensa, pois desde o primeiro encontro que, dizendo uma palavra ao cardeal, teria podido mandar cortar-lhe a cabeça.

Desta vez abraçaram-se, mas de boa vontade e sem segundos pensamentos.

Planchet obteve de Rochefort o posto de sargento da guarda.

O Sr. Bonacieux vivia muito sossegado, sem saber o que acontecera à mulher e não se preocupando muito com isso. Um dia teve a imprudência de chamar a atenção do cardeal, o cardeal respondeu-lhe que ia providenciar que dali em diante nunca lhe faltasse nada.

Com efeito, no dia seguinte, o Sr. Bonacieux saiu às sete horas da noite para ir ao Louvre e nunca mais apareceu na Rua dos Fossoyeurs, a opinião dos que pareciam mais informados foi que estava alojado em algum castelo real à custa de sua generosa Eminência.

InfoLivros.org

